III COLÓQUIO INTERNACIONAL CORPO E CULTURA DE MOVIMENTO
I JORNADA INTERNACIONAL DE BIOSSISTÊMICA

ISBN 978-85-60036-18-9

EU CORPO
EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO

EVA APÓS A QUEDA - AGUSTE RODIN, FRANÇA (1886)

UFRN
27 A 29 DE SETEMBRO DE 2012
NATAL / RN - BRASIL

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

REITORA
ÂNGELA MARIA PAIVA CRUZ

VICE-REITORA
MARIA DE FÁTIMA FREIRE DE MELO XIMENES

PRÓ-REITORA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EDNA MARIA DA SILVA

PRÓ-REITORA ADJUNTA DE PÓS-GRADUAÇÃO
FERNANDA NERVO RAFFIN

DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
HÊNIO FERREIRA DE MIRANDA

VICE-DIRETOR DO CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
ANTONIO COSTA

CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
JOSÉ PEREIRA DE MELO

VICE-CHEFE DO DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
JOÃO BATISTA AMORIM

COORDENADORA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
TEREZINHA PETRUCIA DA NÓBREGA

VICE-COORDENADOR DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
ALEXANDRE HIDEKI OKANO

COMISSÃO ORGANIZADORA

COORDENAÇÃO GERAL
PROF. DRA. TEREZINHA PETRUCIA DA NÓBREGA - PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRN - PPGEF/UFRN

COORDENAÇÃO DA I JORNADA INTERNACIONAL DE BIOSSISTÊMICA
ESPECIALISTA ANA PATRÍCIA PEIXOTO - INSTITUTO DE PSICOLOGIA SOMÁTICA - IPS - NATAL/RN

COMISSÃO CIENTÍFICA
PROF. DR. JOSÉ PEREIRA DE MELO (PRESIDENTE)

MEMBROS
PROF. DR. ANTÔNIO DE PÁDUA DOS SANTOS
PROF. DR. ALLYSSON DE CARVALHO ARAÚJO
PROF. DR. IRAQUITAN DE OLIVEIRA CAMINHA
PROF. DRA. KARENINE DE OLIVEIRA PORPINO
PROF. DRA. LARISSA MARQUES
PROF. DRA. ROSIE MARIE NASCIMENTO DE MEDEIROS
PROF. DR. MARCÍLIO VIEIRA
PROF. DRA. MARIA APARECIDA DIAS
PROF. DRA. ANA KARENINA DE MELO ARRAES AMORIM
DR. PERISSON DANTAS

SECRETARIA
RAPHAEL VALENÇA

COMISSÃO DE ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO
ANTÔNIO DE PÁDUA DOS SANTOS - UFRN (PRESIDENTE)

MEMBROS
LUIZ ARTUR NUNES DA SILVA - UFRN
ROSE SOARES - IPS

COMISSÃO CULTURAL
PROF. MS. LENILTON TEIXEIRA (PRESIDENTE)

MEMBROS
PROF. DRA. ROSIE MARIE NASCIMENTO E MEDEIROS
PROF. MS. MARINALVA MOURA
DANÚBIO GOMES - MESTRANDO EM EDUCAÇÃO UFRN
MOALDECIR FREIRE DOMINGOS JUNIOR - MESTRANDO EM EDUCAÇÃO UFRN

COMISSÃO DE RECEPÇÃO E TRANSLADO
ANA TEREZA DE SÁ LEITÃO PEIXOTO COELHO (PRESIDENTE)

MEMBROS
MOALDECIR FREIRE
MARCIA MARIA RODOLFO DE ALBUQUERQUE

REVISÃO DE PORTUGUÊS
SILVANEIDE

DESIGN E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
CRIS B

REPRODUÇÃO DO CD ROOM
ARTRECORD

III COLÓQUIO INTERNACIONAL CORPO E CULTURA DE MOVIMENTO
I JORNADA INTERNACIONAL DE BIOSSISTÊMICA

ISBN 978-85-60036-18-9

EU CORPO EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO

EVA APÓS A QUEDA - AGUSTE RODIN, FRANÇA (1886)

UFRN
27 A 29 DE SETEMBRO DE 2012
NATAL / RN - BRASIL

EU CORPO
EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO

APRESENTAÇÃO

A partir do século XX, anuncia-se, de modo intenso, uma agenda de pesquisa sobre o corpo: o corpo como condição humana, as formas do corpo, a linguagem do corpo, as políticas do corpo, a estética, as técnicas corporais, entre outras temáticas. O corpo, desde então, circula entre permissões e proibições, regras, controle, normas que o configuram em diferentes abordagens científicas, pedagógicas, artísticas, filosóficas. Essa circulação do corpo ou, mais precisamente, dos discursos sobre o corpo, é permeada por elementos de esquecimento e de resgates, bem como por determinadas interdições, a partir das quais se estabelecem regras e modos de conduta, em particular em torno da visibilidade do corpo, dos contatos corporais, dos gestos e da postura.

Pensar em um evento desse porte e com essa natureza é refletir o lugar que a sociedade tem atribuído ao corpo como objeto que se aspira, se alonga, aumenta, diminui, achata, reforma, enfeita. Trata-se, sobretudo, de refletir o fenômeno da existência humana. Para levar esse debate adiante, nada melhor que uma parceria entre a psicologia e a educação física, porque é um engano acreditar que o corpo na psicologia é só representante do desejo, da angústia, é abstração subjetiva; e o corpo, na educação física, é só um objeto moldado e treinado, representando a manutenção de uma aparência "atlética" e da busca pela superação dos limites físicos. Agregam-se a esse evento de natureza interdisciplinar áreas como artes, filosofia, ciências sociais e pedagogia, entre outras, cuja abordagem delineada na programação do evento enfoca o CORPO, que é existência, é movimento capaz de criar uma nova possibilidade de vida, de ser e estar no mundo.

Nossa relação corporal com o mundo é uma contingência que marca tudo o que tem lugar fora do corpo, inclusive nas investigações científicas ou filosóficas, bem como nas intervenções educativas ou clínicas. Desse modo, é importante exercitar o espírito reflexivo e investigativo, no sentido de gerar atitudes propositivas para enfrentar os desafios da pesquisa, do conhecimento e das intervenções sobre o corpo.

OBJETIVOS

1. Desenvolvimento acadêmico da Pós-Graduação na região Nordeste do país e fortalecimento da área de concentração Movimento Humano Cultura e Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFRN e da região.

2. Difusão e crítica do conhecimento científico e filosófico sobre o corpo humano, por meio de uma abordagem que atravessa diversas áreas de conhecimento.

3. Agregação de profissionais, pesquisadores e estudantes de graduação e de pós-graduação em atividades científicas, tendo em vista incrementar a produção intelectual nesse campo e áreas de conhecimento.

4. Realização de oficinas que envolvam experiências de práticas corporais e que articulem a pesquisa e a intervenção profissional na área, estudantes de graduação e de pós-graduação.

SUMÁRIO

4 **EU CORPO EXPERIÊNCIA E CONHECIMENTO**

8 **PROGRAMAÇÃO**

15 CONFERÊNCIAS E MESAS-REDONDAS

16 **LA CONNAISSANCE DU CORPS**
Jacques Gleyse

23 **O CORPO E A EXPERIÊNCIA DE EXISTIR ENQUANTO "EU" E "NÓS"**
Iraquitan de Oliveira Caminha

27 **PARADOXOS, ABISMOS E VERTIGENS: EU CORPO, EU ARTE.**
Karenine de Oliveira Porpino

33 **A ESCUTA DO CORPO - EUTONIA**
Miriam Dascal

36 **CORPO PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO: UMA ESCUTA DO CORPO**
Ana Patrícia Peixoto

44 **LE PAROLE E IL SILENZIO DEL CORPO**
Maurizio Stupiggia

55 RESUMOS DAS OFICINAS

56 **CORPO E ESPIRITUALIDADE**
Maria Vilma Chiorlin

57 **ENRAIZAMENTO NO CORPO E NA VIDA**
Ana Patrícia Peixoto / Cosma Linhares

58 **CORPO, MOVIMENTO E EXPRESSÃO EM RUDOLF LABAN**
Larissa Kelly de Oliveira Marques Tibúrcio

58 **VIVÊNCIAS CRIATIVAS ARTETERAPÊUTICAS: DIÁLOGO COM O CORPO E AUTOCONHECIMENTO**
Eloisa Quadros Fagali / Emilia Afrange

59 **AUTOREGOLAZIONE**
Maurizio Stupiggia

59 **CORPO E LUDICIDADE**
Maria Aparecida Dias

61 COMUNICAÇÕES ORAIS

62 **A POESIA DO SERTÃO NA EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS**
Gilmar Leite Ferreira
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGEd / UFRN

70 ***ONQOTÔ:*** **UM OLHAR FENOMENOLÓGICO**
Thays Anyelle Macêdo da Silva

78 **O CORPO PRÓPRIO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO A PARTIR DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DE MERLEAU PONTY**
Luiz Anselmo Menezes Santos

86 **CORPO E ESTÉTICA: COMPREENSÕES NAS REVISTAS RBCE E MOVIMENTO**
Hudson Pablo de Oliveira Bezerra

93 **CORPO E FILOSOFIA: REFLEXÕES A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY**
João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias)

100 **OS USOS DO CORPO NAS PEÇAS PUBLICITÁRIAS DA REVISTA MEN'S HEALTH**
José Jefferson Gomes Eufrásio

109 **IMAGEM FEMININA E ENVELHECIMENTO: PADRÕES DE CORPO CONSTRUÍDOS SOCIALMENTE**
Aline da Paixão Prezotto / Sueley Carvalho Costa

117 **CORPO, BELEZA E CULTURA: UMA ABORDAGEM DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**
Liege Monique Filgueiras Silva

126 **PADRÃO CORPORAL E TRANSFORMAÇÕES DA BELEZA: OS SENTIDOS ENCONTRADOS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA**
Liege Monique Filgueiras Silva

132 **O CORPO NOS ESTUDOS E PESQUISAS**
Rosângela Cely Branco Lindoso / Daise Lima de Andrade França / Laurecy Dias dos Santos

141 **O CORPO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: TENTANDO PARCELAR UMA DÍVIDA HISTÓRICA**
Marcel Alves Franco

149 **A CONSTRUÇÃO DO PRAZER E DO ÊXTASE NAS CORRIDAS DE LONGA DISTÂNCIA**
Antonio de Pádua dos Santos

158 **CORPO E DANÇA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA LECIONAR DANÇA NA ESCOLA**
Adjane Maria Pontes César

165 **O TRAUMA INCORPORADO DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILAR: REPERCUSSÕES PSÍQUICAS E SOMÁTICAS**
Luciana da Silva Revoredo

169 **PSICOSSOMÁTICA E DERMATOLOGIA: UMA VISÃO BIOENERGÉTICA**
Michele Nobre Borges

173 **CAMINHOS FILOSÓFICOS DAS ARTES MARCIAIS: O PAPEL DO MESTRE NA EDUCAÇÃO DO SER**
Luiz Arthur Nunes da Silva

180 **DO CORPO: UM DIÁLOGO ENTRE A FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY E A FILOSOFIA DO AIKIDÔ**
Moaldecir Freire Domingos Junior

189 **O ESPAÇO DA DANÇA NO CORPO**
Rafaella Lira Amorim

195 **EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA PERSPECTIVA DA CONSCIÊNCIA CORPORAL**
Dandara Queiroga de Oliveira Sousa

202 **NADEI TANTO, TANTO, TANTO... CORPO, POESIA E CULTURA DE MOVIMENTO**
Raphael Ramos de Oliveira Lopes

212 **POR UMA EDUCAÇÃO QUE ESCUTA E CORPOS QUE PRODUZEM SENTIDOS**
Alexandro da Silva Marques / Elisabete Ferreira Delfino

220 **EDUCAÇÃO FÍSICA E SUS: AS COMPREENSÕES DE CORPO VINCULADAS NOS ARTIGOS PUBLICADOS NOS ANAIS DOS CONGRESSOS BRASILEIROS DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (2003-2011)**
Paula Nunes Chaves

226 **UM SENTIDO SENSÍVEL PELA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY E O CORPO BRINCANTE DO PASTORIL**
Marcilio de Souza Vieira

232 **A CULTURA DE MOVIMENTO EM SÃO MIGUEL DO GOSTOSO: INTERFACES ENTRE A TRADIÇÃO E A CONTEMPORANEIDADE**
Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino

239 **A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO MÃE-BEBÊ PARA A FORMAÇÃO DA IMAGEM CORPORAL**
Ângela Diniz de Souza / Janaina Ismênia de Melo

247 **DANÇATIVIDADE – PISTAS PARA PENSAR A DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE**
Chrystine Pereira da Silva

256 **DIÁLOGO EPISTEMOLÓGICO ENTRE BORIS CYRULNIK E MERLEAU-PONTY: APONTAMENTOS PARA AMPLIAÇÃO DAS COMPREENSÕES DE RAZÃO E SENSIBILIDADE, CORPO E APRENDIZAGEM NO DISCURSO DA EDUCAÇÃO FÍSICA**
Valdemar Antonio da Silva Junior

259 **A PERSPECTIVA PSICOSSOMÁTICA/BIOENERGÉTICA DA RELAÇÃO ENTRE ESPIRITUALIDADE E SAÚDE**
Alessandra do Nascimento Cavalcanti

263 **CONHECIMENTO SOBRE O CORPO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA E. M. JOÃO PAULO II**
Hellyson Ribeiro Costa

271 **CULTURA DO REJUVENESCIMENTO E CORPO IDOSO: O MAL-ESTAR DO ENVELHECIMENTO**
Giulyanne Maria Lima da Silva

278 **CANTANDO E CONTANDO ESTÓRIAS INFANTIS: A REPRESENTAÇÃO DAS ESTÓRIAS E MÚSICAS INFANTIS COMO RECURSO TERAPÊUTICO**
Ana Tereza de Sá Leitão Peixoto Coelho

283 **REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O LUGAR DO CORPO NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO**
Judson Cavalcante Bezerra

290 **PRÁTICAS CORPORAIS EM SAÚDE MENTAL: TRABALHANDO O CORPO EM PROL DA DESINSTITUCIONALIZAÇÃO**
Mackson Luiz Fernandes da Costa

299 **CORPOBOLA: EDUCAÇÃO MUSICAL EM JOGO**
Danúbio Gomes da Silva

304 **EDUCAÇÃO E CORPOREIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA TRANSPESSOAL**
Tânia Maria de Carvalho Câmara Monte

308 **ESPIRITUALIDADE E CORPOREIDADE E TRANSPESSOALIDADE**
Tânia Maria de Carvalho Câmara Monte

315 **O DRAGÃO CHINÊS: COMPOSIÇÕES DA DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA**
Emanuelle Justino Dos Santos

323 **IMPROVISAÇÃO: A DANÇA COMO EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO**
Cibele Ribeiro da Silva

332 **DO CORPO AO OIKOS: SOBRE O CUIDADO COM A NATUREZA NO AIKIDÔ**
Raoni Gomes de Sousa

342 **A DANÇA COMO CELEBRAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DA AVIVA CIA DE DANÇA NO CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO**
Luiz Felipe Ferreira da Rocha

352 **GINÁSTICA RÍTMICA: UM DIÁLOGO ENTRE CORPO, ARTE E CULTURA**
Hosana Cláudia Matias / Rosie Marie de Medeiros

PROGRAMAÇÃO

27/09/12 (QUINTA-FEIRA)

LOCAL: DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRN

8h-9h Credenciamento

9h-12h Comunicação oral

14h-17h Comunicação oral

27/09/12 (QUINTA-FEIRA)

LOCAL: AUDITÓRIO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM - UFRN

17h-18h Credenciamento

18-18h30 Programação Cultural

18h30 Abertura Oficial

19h Conferência de Abertura: O CONHECIMENTO DO CORPO
Prof. Dr. Jacques Gleyse (Université de Montpellier)
Coordenação: Prof. Dra. Terezinha Petrucia Nóbrega (UFRN)

20h30 Lançamento de livros

28/09/12 (SEXTA-FEIRA)

LOCAL: DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRN

8h-10h Oficinas

Oficina 1: AUTO-REGULAÇÃO

Maurizio Stupiggia (Escola Italiana de Biossistêmica)

25 vagas - Coordenação: Ana Tereza (IPS)

Oficina 2: EUTONIA
Prof. Ms. Miriam Dascal (Aanga)
25 vagas - Coordenação: Moaldecir Freire (UFRN)

10h-10h30 Programação Cultural

28/09/12 (SEXTA-FEIRA)

LOCAL: AUDITÓRIO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM - UFRN

10h-10h30 Programação Cultural

10h30-12h30 Mesa-redonda: A ESCUTA DO CORPO
Ana Patrícia Peixoto (IPS Natal)
Ms. Miriam Dascal (Aanga)
Coordenação: Prof. Dra. Rosie Marie Nascimento de Medeiros (UFRN)

28/09/12 (SEXTA-FEIRA)

LOCAL: DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA DA UFRN

14h30-16h30 Oficinas

Oficina 3: VIVENCIAS CRIATIVAS ARTETERAPEUTICAS: diálogos com o corpo e auto-conhecimento
Dra. Eloisa Quadros Fagali e Emilia Aparecida Calixto Afrange (Abrap)
24 vagas. Coordenação: Geisa Maia (IPS)

Oficina 4: CORPO E LUDICIDADE

Prof. Dra.Maria Aparecida Dias - UFRN)
25 vagas. Coordenação: Ana Luiza Silva Costa – Bolsista PIBID/UFRN)

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

28/09/12 (SEXTA-FEIRA)

LOCAL: AUDITÓRIO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM - UFRN

16h30-17h VÍDEO O CORPO E A CIDADE
Coordenação: Laboratório VER - Visibilidades do Corpo e da Cultura de Movimento.

17h Mesa-redonda: CORPO, EXPERIÊNCIA E EXISTÊNCIA
Prof. Dr. Iraquitan de Oliveira Caminha (UFPB)
Prof. Dra. Karenine de Oliveira Porpino (UFRN)
Prof. Ms. Cosma Linhares (IPS)
Coordenação: Prof. Dr. Allyson Carvalho (UFRN)

29/09/12 (SÁBADO)

LOCAL: GINASIO DA UFRN

8h-10h Oficinas

Oficina 5: CORPO E ESPIRITUALIDADE
Esp. Maria Vilma Chiorlin (IPS)
25 vagas. Coordenação: Elizabete Diniz (IPS)

Oficina 6: DANÇA E EXPRESSÃO
Prof. Dra. Larissa Marques (UFRN)
25 vagas. Coordenação: Thays Macedo (PPGEF/UFRN)

Oficina 7: ENRAIZAMENTO NO CORPO E NA VIDA
Ms. Cosma Linhares e Esp. Ana Patricia Peixoto (IPS)
25 vagas. Coordenação: Ana Tereza (IPS)

10h-10h30 Programação Cultural

29/09/12 (SÁBADO)

LOCAL: AUDITÓRIO DA ESCOLA DE ENFERMAGEM - UFRN

10h30 Conferência de Encerramento: AS FALAS E OS SILÊNCIOS DO CORPO
Dr. Maurizio Stupiggia (Escola Italiana de Biossistêmica)
Coordenação Ana Patrícia Peixoto (IPS)

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO CULTURAL

27/09/12 (QUINTA-FEIRA)

LOCAL: DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA
8h-9h Instalação CABEÇA, TRONCO E MEMBROS...
Coordenação: Lenilton Teixeira e Ana Patrícia Peixoto

27/09/12 (QUINTA-FEIRA)

LOCAL: AUDITÓRIO DE ENFERMAGEM

18h-18h30 Dinâmica EU CORPO
Coordenação: Ana Patrícia Peixoto

20h30 Lançamento de livros

DIAS, J. C. N. S. E. N. **Corpo e gestualidade**: o jogo da capoeira e os jogos do conhecimento. São Paulo: Annablume Editora, 2012.

DIAS, J. C. N. S. E. N (Org). **Intacta retina**: corpo em movimento, cinema e sociedade. VOLUME 01. Maceió: EDUFAL, 2011.

CAMINHA, I de O. **Merleau-Ponty em João Pessoa**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012.

CATTUZZO, M. T; CAMINHA, I de O (Orgs.). **Fazer e Pensar Ciência em Educação Física** - Livro I. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012

SANTOS, A. P. **Imaginário radical e educação física: trajetória esportiva de corredores de longa distância**. Natal, RN: EDUFRN, Editora da UFRN, 2012.

28/09/2012 (SEXTA-FEIRA)

LOCAL: ANTIGA SALA VIP / SALA DE GINÁSTICA E SALA DE AULA DO GINÁSIO.

10h-10h30 Performances INSTALACTITE; AÇÕES INOMINAIS; DÓI-ME UM CORPO POR TODO O CORPO.
Direção: Coletivo de Diretores ES3

29/09/2012 (SÁBADO)

LOCAL: HALL DO DEPARTAMENTO DE ENFERMAGEM
10h-10h30 Performance musical com Danúbio (Flauta) e Moal (Violão)
Recital de poesia com Gilmar Leite

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

PROGRAMAÇÃO DAS COMUNICAÇÕES ORAIS

SESSÃO 1

COORDENAÇÃO: VALDEMAR ANTÔNIO DA SILVA JUNIOR

27/09/2012 (quinta-feira) - 9h às 12h

O corpo nos estudos e pesquisas
Rosangela Cely Branco Lindoso

O corpo próprio como princípio educativo a partir da perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty
Luiz Anselmo Menezes Santos

Onqotô: um olhar fenomenológico
Thays Anyelle Macedo da Silva

Corpo e filosofia: reflexões a partir da fenomenologia de Merleau-Ponty
João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias

SESSÃO 2

COORDENAÇÃO: ALINE DA PAIXÃO PREZOTTO

27/09/2012 (quinta-feira) - 9 às 12h

O corpo no contexto da Educação Física: tentando parcelar uma dívida histórica
Marcel Alves Franco

Corpo, beleza e cultura: uma abordagem do conhecimento da Educação Física
Liege Monique Filgueiras da Silva

Por uma educação que escuta e corpos que produzem sentidos
Alexsandro da Silva Marques

A construção do prazer e do êxtase nas corridas de longa distância
Antônio de Pádua dos Santos

SESSÃO 3

COORDENAÇÃO: JOSÉ JEFFERSON GOMES EUFRÁSIO

27/09/2012 (quinta-feira) - 9 às 12h

Corpobola: educação musical em jogo
Danúbio Gomes da Silva
Ginástica Rítmica: um diálogo entre corpo, arte e cultura
Hosana Cláudia Matias
Rosie Marie de Medeiros

A poesia do sertão na Educação dos sentidos
Gilmar Leite Ferreira

Nadei tanto, tanto, tanto: corpo, poesia e cultura de movimento
Raphael Ramos de Oliveira Lopes

Um sentido sensível pela filosofia de Merleau-Ponty e o corpo brincante do pastoril
Marcílio de Souza Vieira

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

SESSÃO 4

COORDENAÇÃO: HUDSON PABLO DE OLIVEIRA BEZERRA

27/09/2012 (quinta-feira)- 9 às 12h

Educação infantil numa perspectiva da consciência corporal
Dandara Queiroga de Oliveira Souza

O conhecimento sobre o corpo nas aulas de educação física escolar: um relato de experiência na E.M. João Paulo II
Hellyson Ribeiro Costa

Reflexões iniciais sobre o lugar do corpo no Programa Segundo Tempo
Judson Cavalcante Bezerra

A Educação Física e SUS: As compreensões de corpo vinculadas nos artigos publicados nos Anais dos Congressos Brasileiros de Ciências do esporte
Paula Nunes Chaves

A cultura de movimento em São Miguel do Gostoso: interfaces entre a tradição e a contemporaneidade
Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino

SESSÃO 5

COORDENAÇÃO: RODOLFO PIO

27/09/2012 (quinta-feira) - 9h às 12h

O trauma incorporado da violência intrafamiliar: repercussões psíquicas e somáticas
Luciana da Silva Revoredo

Psicossomática e dermatologia: uma visão bioenergética
Michele Nobre Borges

A importância do vínculo mãe-bebê para a formação da imagem corporal
Ângela Diniz de Souza

Cantando e contando estórias infantis: a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico
Ana Tereza de Sá Leitão Peixoto Coelho

SESSÃO 6

COORDENAÇÃO: HELLYSON RIBEIRO COSTA

27/09/2012 (quinta-feira) - 14h às 17h

Corpo e estética nas Revistas RBCE e Movimento
Hudson Pablo de Oliveira Bezerra

Padrão corporal e transformações da beleza: os sentidos encontrados e produzidos na produção científica da Educação Física
Liege Monique Filgueiras da Silva

Cultura do Rejuvenescimento e corpo idoso: o mal estar do envelhecimento
Giulyanne Maria Lima da Silva

Imagem feminina e envelhecimento: padrões de corpos construídos socialmente
Aline da Paixão Prezotto

Os usos do corpo nas peças publicitárias da Revista Men's Health
José Jefferson Gomes Eufrásio

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

SESSÃO 7
COORDENAÇÃO: THAYS ANYELLE MACEDO DA SILVA

27/09/2012 (quinta-feira) - 14h às 17h

Corpo e dança: formação de professores para lecionar dança na escola
Adjane Maria Pontes César

O espaço da dança no corpo
Rafaella Lira Amorim

DANÇATIVIDADE: pistas para pensar a dança na contemporaneidade
Chrystine Pereira da Silva

O Dragão Chinês: composições da dança na Educação Física
Emanuelle Justino dos Santos

Improvisação: a dança como experiência do movimento
Cibele Ribeiro da Silva

SESSÃO 8
COORDENAÇÃO: JUDSON CAVALCANTE BEZERRA

27/09/2012 (quinta-feira) - 14h às 17h

A perspectiva psicossomática/bioenergética: da relação entre espiritualidade e saúde
Alessandra do Nascimento Cavalcanti

Educação e corporeidade na perspectiva da psicologia transpessoal
Tânia Maria de Carvalho Câmara Monte

Espiritualidade, corporeidade e transpessoalidade
Tânia Maria de Carvalho Câmara Monte

Práticas corporais em saúde mental: trabalhando o corpo em prol da desinstitucionalização
Mackson Luiz Fernandes da Costa

A dança como celebração: uma experiência da aviva Cia de Dança no Cristianismo contemporâneo
Luiz Felipe Ferreira da Rocha

SESSÃO 9
COORDENAÇÃO: HOSANA CLAÚDIA MATIAS

27/09/2012 (quinta-feira) - 14h às 17h

Os caminhos filosóficos das artes marciais: o papel do mestre na educação do ser
Luiz Artur Nunes da Silva

Do corpo ao oikos: sobre o cuidado com a natureza no Aikidô
Raoni Gomes de Souza

Do corpo: Um diálogo entre a fenomenologia de Merleau-Ponty e a filosofia do Aikidô
Moaldecir Freire Domingos Junior

Diálogo epistemológico entre Cyrulnik e Merleau-Ponty: apontamentos para ampliação das compreensões de razão e sensibilidade, corpo e aprendizagem nos discursos da Educação Física
Valdemar Antônio da Silva Junior

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

CONFERÊNCIAS E MESAS-REDONDAS

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

LA CONNAISSANCE DU CORPS

Jacques Gleyse
Université de Montpellier
Programa de Professor Visitante estrangeiro - Capes - Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFRN

L'expérience corporelle: de la Grèce Antique aux médecins Arabes, à la modernité et à l'hyper-modernité.

Le corps est fait tout autant de chair que de verbe. L'autopoïèse, l'autrement dit l'engendrement ou la fabrication de l'homme par lui-même (Marx, 1844, Leroy-Gourhan, 1954) s'est réalisée dès lors que les techniques et surtout la transmission de techniques (corporelle ou orale) a commencé à pénétrer la structure corporelle pour la modifier.

De la main qui s'outille au langage qui se développe, la transformation des corps humains, de manière systémique, s'est réalisée. La culture a transformé la nature. A l'animalité s'est superposée l'humanité ; à l'instinct la culture, la mémoire et la transmission culturelle. Les corps seront dès lors, dès *homo faber*, mais surtout à partir d'*homo sapiens*, autant fait de verbe (langage, techniques, technologie, interdits, normes, désirs) que de chair (gènes, biologie, réflexes, pulsions, besoins primaires). Le singe deviendra nu (comme l'explique Desmond Morris). L'être humain mettra alors sa main en lieu et place de la nature et de Dieu. Il se fabriquera lui-même de plus en plus précisément et profondément. C'est ce que l'on appelle l'auto-poïèse (la production, la création de soi).

Le tournant décisif pour ce moment de l'Histoire humaine se situe en 1543, lorsqu'Andre Vesale (Vesalius) publie le *De Humani Corporis Fabrica* premier véritable atlas anatomique qui a pour particularité de réfuter largement les idées de Galien (ses erreurs) mais aussi de présenter des planches dont les dessins sont issus de l'atelier de Titien (Titiano Veniziano), d'où leur qualité graphique et picturale.

Vesalius ne décrit pas très précisément le corps pour le seul plaisir intellectuel mais bien comme chirurgien des rois (et notamment de Charles Quint), pour le réparer et, pourquoi pas, le re-fabriquer, le transformer. La connaissance précise de l'anatomie permet de remettre en ordre la mécanique corporelle et, si nécessaire, de l'améliorer.

Ce mouvement se poursuit aujourd'hui au travers de la chirurgie esthétique, du dopage sportif, de la chirurgie réparatrice, de la génétique, mais aussi du sport et de l'éducation physique… etc, nous y reviendrons. Dans l'exercice physique et le sport les deux indicateurs majeurs sont, d'une part, l'utilisation massive de stéoroïdes-anabolisants (fabrication interne du corps) par les sprinters, haltérophiles ou lanceurs, de réinjection de sang tout comme de l'utilisation d'EPO (Erythropoïétine, destinée originellement à soigner) par des coureurs cyclistes, d'autre part, le cas particulier d'Oscar Pistorius, « re-fabriqué » (reconstruit) par des prothèses en carbones et qui, bien qu'handicapé de naissance, est considéré aux JO de Londres comme un athlète « valide » et autorisé à courir aux JO et au Jeux Handisports. Il prouve ainsi que la frontière entre l'humain et le cyborg est de plus en plus ténue, voire déjà franchie (peut-être depuis longtemps avec les prothèses mammaires, les valvules artificielles, les têtes fémorales en tungstène, les injections d'acide hyaluronique, de collagène ou de graisse dans les lèvres, les cristallins artificiels, les implants dentaires, etc…).

Mais dans le même temps, il existe une autre source de la connaissance corporelle, celle de la pratique, celle de l'usage du corps au quotidien, dans les jeux, les exercices, les pratiques laborieuses, la chasse, la pêche, les déplacements, la guerre, etc. Ces deux connaissances du corps sont exogènes, parfois elles peuvent s'interpénétrer (la guerre et l'anatomie par exemple : la guerre permet aux médecins de mieux connaître les corps) parfois non (la danse et la génétique par exemple). Les deux sont fondées sur l'expérience mais un sens différent du mot expérience. Dans un cas c'est l'expérience vécue (expérientielle), l'acquisition de connaissance au moyen

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

des sens, de l'autre c'est l'expérience rationnelle, expérimentale (essai pratiqué en laboratoire ou étude rationnelle).

Les sources grecques et indiennes ?

Mais d'où nous vient cette idée de transformer ou du moins de réparer les corps et donc de changer la nature ou, si l'on est croyant, l'œuvre de Dieu, pour la remplacer par l'œuvre de la main (Vesale répète à longueur de chapitres : *manus opera :* l'œuvre de la main) ?

***Olim Cous nunc Monspeliensis Hippocrates*. Autrefois Hippocrate était de Cos, maintenant il est de Montpellier.** Voici ce qui est écrit dans la salle des actes de l'Université de Montpellier I (une des plus ancienne université d'Europe), aujourd'hui encore et qui permet de comprendre quel a été le trajet de la connaissance rationnelle du corps de l'Orient à l'Occident dès le 24ème siècle avant aujourd'hui (*before today*, b.t.).

Bien sûr, il est presque inutile de rappeler qu'Hippocrate (vers 470, vers 360 a.c.) est considéré (bien que l'aspect mythologique du personnage soit sans doute aussi important que la réalité, les sources directes étant extrêmement ténues) comme le premier médecin « rationnel », en tout cas l'un des premiers à avoir tenté de fonder la médecine sur l'observation et l'expérimentation. Il réalise des descriptions anatomiques plus ou moins précises et surtout décrit un certain nombre de maladies. On constatera pourtant dès le X siècle, en Perse, que ses descriptions sont souvent erronées et que, notamment l'anatomie ne semble pas correspondre parfaitement à la réalité humaine. Ce sera l'une des démonstrations majeure d'Ibn Sina et après lui de Vesalius.

Pourtant, Hippocrate est reconnu comme le premier médecin à avoir rejeté les superstitions et les croyances qui attribuaient la cause des maladies à des forces surnaturelles ou divines. Aristote en parle dans plusieurs textes, mais l'essentiel de la connaissance de cet auteur est liée à Galien au IIe siècle p.c. et surtout à la Soula arabe au Xe siècle, probablement aux travaux d'Ibn Sina (Avicenne de son nom latinisé). Sans doute y a-t-il autant de mythe que de réalité autour du nom d'Hippocrate puisque, comme on le voit, l'essentiel des sources est apocryphe.

L'essentiel de la théorie qui lui est attribuée est la théorie des humeurs, fondée sur les quatre éléments la terre (froid), l'air (sec), l'eau (humide), le feu (chaud). Pour les théories Hippocratiques le macrocosme et le microcosme (corps) fonctionnent de manière similaire. Le déséquilibre des humeurs signifie le déséquilibre du corps et la maladie. Dans la théorie hippocratique, le corps a les ressources pour se guérir lui même : *vis medicatrix naturae* (le pouvoir guérisseur de la nature). Il suffit donc d'aider la nature, le corps au moment de crises et au moment de jours critiques dans la maladie.

La prévention est aussi importante que le soin dans la médecine hippocratique et dans l'arsenal préventif deux éléments sont décisifs : la diététique d'un côté et l'exercice et le repos de l'autre.

La diététique correspond aux tempéraments (lymphatique [eau], mélancolique [terre], sanguin [air], colérique [feu]). Le colérique (feu) doit se nourrir de froid (terre), le sec (air) d'humide (eau, lymphos = fontaine), etc., mais toutes les combinaisons sont possibles.

Les idées d'Hippocrate se retrouveront jusque dans les encyclopédies médicales (théorie des humeurs, tempéraments, éléments…) du XIXe siècle notamment dans le fonds ancien de la bibliothèque de la faculté de médecine de Montpellier. Il faut remarquer que des médicaments parfaitement efficaces, synthétisés par la chimie moderne aujourd'hui, sont issus de la théorie des humeurs et des éléments. Ainsi l'aspirine (acide acétylsalicylique : *salix* veut dire saule en latin) vient originellement de la décoction de saule. Les saules poussant au bord des rivières sont du froid humide (terre et eau) et s'opposent donc à la fièvre (sèche et chaude : air et feu). L'écorce de saule est connue au moins depuis l'Antiquité pour ses vertus curatives.

On a retrouvé la trace de décoction de feuilles de saule sur des tablettes sumériennes de 5000 av. J.-C. et dans un papyrus égyptien datant de 1550 av. J.-C (papyrus Ebers). Hippocrate

 ISBN 978-85-60036-18-9

conseillait déjà une préparation à partir de l'écorce du saule blanc pour soulager les douleurs et les fièvres. Les Romains connaissaient aussi ses propriétés.

Aujourd'hui encore les médecins prêtent encore le serment d'Hippocrate. Il serait trop long de le donner dans son intégralité ici mais on notera que le serment était prêté sur au nom des dieux grecs guérisseurs:

« Je jure par Apollon médecin, par Asclépios, par Hygie et Panacée, par tous les dieux et toutes les déesses, les prenant à témoin », que la médecine devait, dans certaines conditions, être pratiquée bénévolement et que l'essentiel résidait dans l'idée de « *ad primum non nocere* » (tout d'abord ne pas nuire). Il n'est pas sûr, même si cela reste largement majoritaire, que la médecine dans certains domaines continue à fonctionner sur la base du serment notamment pour la question du bénévolat et pour celle de la non-nuisance. La connaissance approfondie des corps conduit parfois aujourd'hui à leur destruction (je pense aux prothèses mammaires toxiques).

Mais, un autre médecin de l'antiquité sera également très important pour la question de la mise en verbe des chairs, tout autant que pour la connaissance du corps au sens rationnel du terme : il s'agit Claudius Galenus (131-201 ?), plus connu à l'époque contemporaine sous le nom de Claude Galien. Celui-ci reprendra largement les idées d'Hippocrate (si Hippocrate n'est pas un mythe). L'une des clefs de la médecine de Galenus, réside dans la reconnaissance de « naturels » du corps et de « non-naturels », autrement dit ce qui relève de la chair en soi et ce qui provient de l'extérieur ou du moins qui intègre la chair sans en être partie à l'origine.

Les sept naturels sont:

— Les éléments (hippocratiques),

— les tempéraments (idem),

— les parties,

— les humeurs (hippocratiques),

— les esprits (animaux ou autres),

— les facultés (vue, ouïe, odorat, jugement…)

— et les actions (marcher, courir, etc.).

Les six non-naturels sont :

— l'air que nous respirons,

— les matières et aliments et la boisson que nous ingérons,

— le mouvement (l'exercice) et le repos,

— le sommeil et la veille,

— ce que nous retenons dans notre corps et ce qui en sort,

— les affections de l'âme.

Ces points, comme on le voit, rejoignent la vie pratique, la diététique, et sont encore très largement présents dans les visions préventives de la médecine notamment pour tout ce qui touche à l'hygiène mais aussi aux questions de pollution, etc. La connaissance du corps, la mise en mot du corps conditionne en quelque sorte dès l'Antiquité une expérience du corps et est en lien avec une expérience du corps.

Ces théories viennent de la friction de l'Occident (vision rationnelle de la médecine) et de l'Orient (L'āyurveda : signifie connaissance de la vie, c'est la médecine indienne traditionnelle).

En tout état de cause, toute action sur les 6 non-naturels conduira à une transformation interne des corps, certes relative mais qui contient en essence la possibilité de ne pas accepter le corps comme donné seulement naturel et divin.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Les chemins de la connaissance du corps de l'Orient à l'Occident

Ces connaissances et cette vision plus ou moins rationnelle du corps, pour arriver en occident chrétien prendront des chemins détournés.

On estime que c'est largement grâce à Ibn Sina (dit Avicenne, 980-1037), dans son Quânûn fi'l tibb (*Le Canon de la médecine*) qui deviendra l'ouvrage de référence des médecins que l'on pourra avoir connaissance des théories hippocratiques, galéniques et sans doute que celles-ci, dans la mesure où Ibn Sina est Perse, se retrouveront métissées d'Ayurveda indienne. En tout état de cause Ibn Sina sera l'un des premiers à observer précisément des cadavres sur les champs de bataille et à critiquer la connaissance du corps telle qu'elle était donnée par Galenus, montrant déjà que celui-ci avait observé et disséqué des porcs, des moutons et des singes, pas des êtres humains. Cela l'avait conduit à certaines erreurs importantes en cas d'opération d'urgence (notamment l'absence de crosse de l'aorte par exemple). On le considère aussi comme l'inventeur du suppositoire (permettant d'éviter l'absorption buccale en cas de vomissements par exemple). Il sera l'un des tous premiers à réaliser la destruction de calculs vésicaux sans léser le sphincter urétral. Il évitera pas ce biais la mort de certains patients changeant ainsi le destin naturel ou divin.

Les biographes d'Ibn Sina, le décrivent justement comme un mécréant et un musulman très douteux buvant du vin, ne respectant pas les préceptes du Coran, etc. Bref, il est logique qu'il ait refusé que le corps soit un donné naturel et qu'il ait cherché à le réparer, le modifier, le transformer. Il sera obligé, plusieurs fois, malgré sa reconnaissance par les puissants du lieu et de l'époque de se justifier sur sa foi musulmane à cause des guérisons « miraculeuses » qu'il aurait provoqué. Pour se défendre il a toujours affirmé qu'il ne faisait qu'aider les corps mais, qu'en définitive, c'est Dieu seul qui décidait de la vie ou de la mort, que lui n'y était pour rien. Il donnait juste les moyens à la chair de se défendre. Pour autant, on pense qu'il fût également l'un des premiers à se préoccuper des maladies dites aujourd'hui psychosomatiques. Il a aussi développé des visions alchimiques (*Al Chimia* en arabe) qui rajoutaient dans la logique psychosomatique une cinquième essence au quatre éléments : la quintessence (*quinta essentia*) ou l'éther.

Un peu avant lui, un autre médecin arabe Al Razi (865-925) verra ses œuvres notamment le *Kitab Al-Mansuri Fi Al-Tibb* (*Livre de la médecine pour Al Mansour*) traduites en latin en 1279 sous le nom de *Continens*. Ibn Sina s'en inspirera et s'y nourrira. Il propose certains principes de préventions où l'on voit que l'exercice physique est largement présent ainsi que la théorie des six non-naturels.

1. Modération et équilibre lorsque le corps est en mouvement et lorsqu'il est au repos.

2. Modération en mangeant et en buvant.

3. Élimination des surabondances.

4. Amélioration et réglementation des habitations.

5. Éviter les excès néfastes avant qu'ils ne deviennent incontrôlables.

6. Entretenir une harmonie entre les ambitions et les résolutions.

7. Se forcer à acquérir les bonnes habitudes notamment concernant la pratique de l'exercice physique.

Le chemin qui conduit la connaissance « rationnelle » du corps grecque et indienne en occident chrétien passe ensuite par Cordoba en Espagne musulmane ou juive.

Ibn Rushd (1128-1198) et à peine après lui Moïse Maimonide (1138-1204) permettront que la connaissance rationnelle du corps se développe encore. Ces derniers ne rajoutent que peu de choses aux théories d'Ibn Sina, de Galenus ou Hippocrate qu'ils ont lu en arabe certainement. La connaissance du corps qu'ils vont contribuer à diffuser ensuite dans l'Occident chrétien repose

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO
ISBN 978-85-60036-18-9

sur la théorie des humeurs, des éléments, des tempéraments, etc. Mais d'*Al Andalous* (Cordoba, Granada, l'Andalousie d'aujourd'hui), ces idées, via un certain nombre de traducteurs, en grec ou en latin, voire en langue vulgaire, vont circuler et contribuer à véhiculer une connaissance du corps pour laquelle ce dernier n'est plus un donné naturel ni une fabrication divine.

Guilhem VIII à Montpellier (Sud de la France proche de l'Espagne, à quelques journées de cheval de l'Andalousie à cette époque) autorise un enseignement de la médecine en 1181. Le pape Nicolas IV le 26 octobre 1289 dans sa bulle *Quia Sapiencia* (Pour la connaissance ou sagesse) organise l'enseignement de la médecine à Montpellier.

Arnaud de Villeneuve (1238-1311) qui sait le latin, l'hébreux et l'arabe traduit Avicenne, Albuzale, Avenzoar, Averroes en latin et en langue vulgaire (l'occitan, une des anciennes formes du français proche du portugais et du catalan) notamment dans son : *Opera medica omnia* (*L'Œuvre de tous les soins médicaux*). Peu après, Gui de Chaulhac (1298-1368) édite sa : *Chirurgica Magna* (sa *La Chirurgie*) qui pose les bases d'une chirurgie issue d'une connaissance anatomique du corps (peut-être déjà basée sur la dissection, bien que celle-ci soit toujours interdite) et largement fondée sur les travaux d'Al Razi, d'Avicenne, d'Averroes et de Maïmonide.

Cette vision du corps circulera jusqu'à Bologne, Padoue et d'autres villes italiennes ainsi que, plus tard dans des villes plus au nord comme Lyon, Leuven (d'où vient Vesalius), Paris (avec Ambroise Paré, entre autres), Amsterdam, etc.

Les médecins protestants, rejetant une vision catholique du corps guenille, l'inquisition et *l'index librorum prohibitum* (l'index des livres interdits), au tout début du XVIe siècle, traduiront du grec et parfois de l'hébreux ou de l'arabe tous les textes brûlés dans les autodafés de Séville, les copieront et les paraphraseront pour éviter cette perte d'une connaissance rationnelle du corps. Les ouvrages d'Ibn Rushd ont déjà été condamnés par le concile de Latran en 1512, comme hérétiques. Rabelais en France, Vesale, un peu plus tôt en Italie Leonardo Da Vinci et de très nombreux autres permettront que la connaissance anatomique des corps ne se perde pas. Au contraire, ils contribueront à la développer avec quelques autres comme Colombi en Italie, Valverdus hispanicus, etc.

Dès lors existe une connaissance rationnelle et objective des corps qui permettra de les modifier de plus en plus profondément et qui poursuivra mais de plus en plus délibérément l'auto-poïèse. A l'anatomie succèdera la biomécanique, la physiologie, la bioénergétique, la génétique. L'intimité de la chair pourra être de plus en plus profondément transformée mais aussi conçue différemment. Le verbe se substituera, dans le corps humain à la chair, la culture à la nature, la main de l'homme à celle de Dieu. La connaissance du corps transforme bien sûr l'expérience du corps. En le décrivant méticuleusement, on conditionne une forme de connaissance intime qui devient en quelque sorte de plus en plus « extime », l'intérieur est connu de l'extérieur, dit et mis en mots.

La connaissance expérientielle du corps: l'exercice physique comme vécu de la chair et rationalité du verbe.

« La culture physique est le meilleur moyen pour prévenir les maladies par rétention, à condition qu'elle soit bien mesurée. Ainsi elle active la **chaleur interne** et exerce le corps à la souplesse, car elle réveille **une chaleur subtile** qui dissout (ou désintègre) les substances résiduelles au fur et à mesure qu'elle s'accumulent.

Le mouvement physique facilite, par ailleurs, la circulation des déchets.

Le corps devient ainsi plus apte à réagir, à se défendre. Les organes **débarrassés des résidus** assimilent mieux les aliments. Les articulations sont libérées, les membres s'assouplissent, les humeurs deviennent plus légères, les pores se distendent » (Ibn Sina, Avicenne, *Qânûn fi'l Tibb*, *Le Canon de la médecine*, Xe siècle).

Cette vision d'un « non-naturel » galénique, qui date d'au moins vingt siècles, existe encore aujourd'hui sous un vocable renouvelé. L'Education Physique hygiénique et prophylactique est

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

prônée par la Commission européenne en Europe pour lutter contre le surpoids, diminuer les maladies cardio-pulmonaires, etc. Elle a parcouru tous les ouvrages médicaux depuis 24 siècles et même des papyrus égyptiens ou des tablettes sumériennes datant de 5000 ans.

La culture physique et le sport sont des moyens de réaliser l'auto-poïèse, c'est-à-dire des moyens pour le verbe de travailler et de fabriquer les chairs en fonction de préceptes scientifiques ou non, en fonction de désirs de forme, d'une certaine vision et expérience du corps.

Pour ce domaine particulier d'autres préservent les connaissances passées issues des travaux de Galenus, d'Al Razi, Ibn Sina, d'Ibn Rushd ou de bien d'autres déjà interdits par l'*index.* Par exemple, Jérôme Mercurialis dans son *De Arte Gymnastica* fournit plus de 120 références à l'Antiquité et aux maîtres arabes et juifs. D'autres moins connus, à l'école de médecine de Montpellier, en feront de même : Guillaume Du Choul en 1567 publie un ouvrage sur l'exercice chez les anciens, Pierre Du Faur, en fait de même en 1592 tout comme Pierre Fabre ou encore Laurent Joubert en 1571. Tous à leur façon mettent à distance une vision théologique et naturelle du corps pour proposer la fabrication par l'exercice d'un corps fabriqué de la main de l'Homme. Les ouvrages de tous ces auteurs figurent au fonds ancien de la faculté de médecine de Montpellier, ville reconnue comme protestante, par l'édit de Nantes (qui met fin aux premières guerres de religion en France), en 1598. Le fait, par exemple, que le rire soit considéré alors comme un bon exercice par la plupart de ces auteurs est une transgression de l'ordre établi. En effet, l'église catholique considère alors que le rire est satanique, qu'il est l'expression du démon. C'est entre autre pour cela que le livre *La Comédie* dans la Poétique d'Aristote est interdit, qu'il est à l'*index librorum prohibitum*. Mais tous ces auteurs décrivent là, à la fois la connaissance rationnelle de l'exercice, mais aussi l'expérience corporelle des anciens et leur rapport à la pratique de l'exercice du corps, l'expérience corporelle vécue, mais mise en mots. Dès lors le verbe va pouvoir sous toutes ses formes, médicales comme hygiénique s'incarner et formaliser les modes de l'expérience corporelle moderne ou hypermoderne.

Des fabrications plus prosaïques des chairs par le verbe

Il existe bien sûr de nombreuses autres méthodes modernes d'inscrire les verbes dans les chairs. Entre autres, je citerai pour les travaux que j'ai pu mener :

- Les manuels scolaires de morale et d'hygiène, au XXe siècle en France (voir l'ouvrage *Le verbe et la chair* (2010), qui conditionnent un certain nombre de comportements corporels extrêmement proches des vertus cardinales catholiques (la prudence, la tempérance, le courage) et qui combattent les pêchés capitaux (la gourmandise, l'impureté ou la luxure, l'envie, la colère, la paresse). Les comportements corporels seront conditionnés par ces vertus et ces pêchés pendant 5 générations en France, par exemple, alors que ce pays se dit laïque, c'est-à-dire sépare rigoureusement les églises et l'Etat, la sphère publique et la sphère religieuse.

- Les images de mode, de lingerie, dans les magazine féminins et dans la publicité proposent des visions du corps féminin (pendant longtemps d'un corps anorexique), très stéréotypales qui vont donc conditionner également un certain type d'expérience corporelle (« je suis trop grosse, je ne suis pas conforme). Les femmes sont particulièrement touchées par ces stéréotype de mode.

- La poupée Barbie, elle-même, comme modèle, de jeu (on sait que le jeu prépare à la vie chez tous les mammifères). Les corps des jeunes femmes (ou des femmes moins jeunes) se voient auto-fabriqués, sur ce modèle (talons de 14 cm, comme le pied de Barbie qui ne se pose pas par terre, proportions, coiffure, etc…). Mais, plus généralement les jeux sont genrés et proposent donc des modèles de corps différents pour les mâles et les femelles visant à leur faire acquérir des comportements masculins et féminins caractéristiques (la force, la violence, la solidité pour les mâle et la douceur, le care, la faiblesse pour les femelles). La poupée Barbie en tout état de cause conditionne également, comme verbe et technologie incarnée, une expérience corporelle particulière (« mes jambes sont trop courtes, mes seins sont trop gros ou trop petits, mes talons sont trop courts, mes cheveux

 ISBN 978-85-60036-18-9

ne sont pas de la bonne couleur, mes yeux ne sont pas de la bonne couleur, ma peau est trop foncée ou trop claire…»).

- La littérature enfantine et les livres de lecture, pour ce qui est de la fabrication des corps sur des modèles « genrés » (masculin et féminin). Les héros sont le plus souvent des garçons, rarement des filles. Une étude réalisée sur les manuels de lecture béninois entre 1945 et nos jours, montre par exemple que les verbes d'action destinés aux garçons sont 2 à 3 fois plus nombreux que ceux attribués aux filles, de plus ces verbes sont très discriminés et très spécifiques. Les images elles-mêmes présente des visions du corps masculin et féminin très discriminées. Les prénoms de garçons sont plus fréquents que ceux de filles. Cela conduit à penser que le modèle du corps de garçon est dominant. Le verbe masculin domine le verbe féminin.

Quels type de connaissance du corps et surtout quels stéréotypes et quelle expérience du corps, aujourd'hui ces modèles conditionnent-ils ? Ils conditionnent bien sûr une conformité à des normes relativement « totalitaires », puisqu'elles relèvent du sens commun et ne peuvent pas être discutées, ce sont des stéréotypes. Dans une certaine mesure, il en va de même de la vision sportive du corps. Personne ne peut discuter les règlements, codes et institutions des pratiques sportives à part quelques instances auto-proclamées comme le C.I.O, la FIFA, etc… Le corps féminin est souvent minoré au profit du corps masculin dans le système sportif qui valorise par exemple la force, la vitesse, les distances courtes où, pour l'instant les hommes sont plus performants que les femmes. L'expérience corporelle vécue par les femmes et donc qu'elle sont des hommes en moins, comme l'a déjà exprimé Simone de Beauvoir en 1949 dans *Le deuxième sexe.* Bref, la connaissance triviale ou scientifique des corps conduit à une expérience corporelle stéréotypée et réduite où la régularité du verbe s'impose à la chair chaotique et pulsionnelle.

Conclusion : le cyborg est l'avenir de l'Homme ? Le cas d'Oscar Pistorius

La transformation du corps de l'être humain, par lui-même, désirée ou subie est le fondement de l'humanisation, sans doute depuis des temps immémoriaux (peut-être 450 000 ans, a-c : Tautavel…). Différents modes de connaissance de l'expérience corporelle se sont fait jour, dans cette perspective, à partir, sans doute, de la possibilité d'une transcendance et d'une réflexivité (par exemple les dessins des grottes de Lascaud : 35 000 ans a-c) sur soi.

Le singe nu aujourd'hui, de manière accélérée en fonction des progrès technolgoiques, continue de fabriquer sa chair (nature) avec son verbe (culture). Comme je l'ai dit au début, la connaissance du corps, rationnelle ou non, entraîne sa modification. On retrouve cela aujourd'hui avec l'ensemble des re-fabrications liées à l'esthétique (toutes les formes de prothèses), mais aussi avec les reconstructions liées aux handicaps et aux accidents ou même à la construction des stéréotypes de genre.

Le cas d'Oscar Pistorius aux derniers Jeux Olympiques semble particulièrement éloquent de cette connaissance rationnelle du corps et de cette fabrication de l'être humain par lui-même qui change radicalement l'expérience corporelle. Mais il existe, comme je l'ai déjà dit, d'autres formes internes (anabolisants par exemple), médicamenteuses (liées aux non-naturels galéniques), moins visibles pour les yeux non exercés.

En réalité, on le voit, nous sommes tous déjà plus ou moins des cyborgs (médicaments), des chairs fabriquées par le verbe, souvent dans une perspective médicale ou chirurgicale (obturations et prothèses dentaires, oculaires, lunettes, valvules cardiaques, silicone, collagène…).

La connaissance rationnelle ou non du corps implique, massivement, la fabrication des corps ou leur réparation, leur tranformation. L'avenir de l'être humain au regard de son histoire est donc probablement le cyborg. Reste alors posée une question : quel type de connaissance du corps voulons nous, pour quel type d'expérience corporelle et pour quel avenir de l'être humain ? Quel verbe voulons-nous inscrire dans les chairs ? Sur quelles valeurs doit s'appuyer l'auto-poïèse, la construction de soi? Cela pourrait être l'objet d'un autre travail.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

O CORPO E A EXPERIÊNCIA DE EXISTIR ENQUANTO "EU" E "NÓS"

Iraquitan de Oliveira Caminha
UFPB

Introdução

Se adotarmos a perspectiva cartesiana para pensar o corpo humano, nunca poderemos considerá-lo como sujeito. O corpo, para Descartes (1996), é sempre objeto. A consciência, pelo contrário, é uma coisa pensante que determina os movimentos voluntários do corpo. A matéria não possui, ela mesma, uma forma subjetiva. O "eu" é uma instância pensante distinta do corpo. Logo, somente a consciência pode ser concebida como sujeito, mas o corpo jamais.

Com base na filosofia de Merleau-Ponty (1992), podemos compreender o corpo como existência ambígua. Ora é possível admitir o corpo humano como objeto, quando ele é submetido às leis mecânicas da natureza, ora ele é sujeito, quando realiza movimentos voluntários. Nesse sentido, o corpo pode ser considerado como dotado de existência subjetiva. O poder de realizar movimentos voluntários procede do próprio corpo, e não de uma consciência anexa que o comanda.

A base da subjetividade é o soma. O corpo é a instância originária da formação do "eu". Seguindo essa compreensão, a subjetividade não possui, obviamente, uma existência fora do corpo, como queria Descartes (1996). Contrariando a posição cartesiana, Merleau-Ponty (1992) admite que corpo humano seja massa que ganha forma de sujeito por meio da constituição do "corpo próprio", que é o corpo que declaro ser o meu corpo. Não se trata do corpo explicado pelas ciências positivas, mas o corpo que eu experimento.

Nasce dessa compreensão de que o corpo é, originalmente, aquele que é experienciado, e não aquele que é explicado como um conjunto de ossos e músculos, uma nova orientação para se estudar o corpo humano. No lugar de se pesquisar como o corpo funciona objetivamente, propõe-se a estudar os sentidos elaborados por aqueles que vivenciam seus próprios corpos como expressão de um modo de existir. Não se pergunta como o corpo funciona, mas como o percebemos. No lugar de estudar os tratados de fisiologia e anatomia, deve-se dar a palavra às pessoas, para que elas falem das experiências de seus corpos. As pesquisas devem procurar interpretar o corpo como portador de comportamentos, e não como ele funciona objetivamente.

Por meio das narrativas das experiências sensíveis, espera-se alcançar uma reflexão sobre a constituição do "eu". A subjetividade não possui uma existência pré-suposta que se une depois ao corpo, considerado seu suporte material no mundo sensível. Mas, pelo contrário, o próprio corpo se constitui sujeito por meio de movimentos intencionais.

A força criadora dos movimentos intencionais é instituída nas relações do corpo próprio, considerado em sua existência singular, com outros corpos, concebidos como "eus" encarnados na historicidade. A emergência de uma forma de vida experimentada pelo corpo, que constitui a subjetividade em permanente elaboração, é, fundamentalmente, intersubjetiva. Nesse sentido, devemos pensar que o próprio corpo experimenta uma existência subjetiva como coexistência sociocultural.

O poder formador de corpos animados que se constituem sujeitos é intersubjetivo. Tornar-se corpo-sujeito é uma atividade que se institui por meio de relações sociais e políticas. O ser humano, enquanto existência corpórea e sensível, se reconhece como situado no mundo convivendo com outros corpos. Assim, o objetivo deste escrito é correlacionar a formação do "eu" e do "nós" por meio de uma reflexão sobre o corpo, fazendo-se sujeito que experimenta, ao mesmo tempo, um fazer pessoal do "eu" e um fazer comum do "nós".

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO
ISBN 978-85-60036-18-9

O corpo tornando-se um "eu"

Quando toco minha mão esquerda com a minha direita, percebo que há em meu corpo uma experiência reflexiva. A mão que toca e a mão tocada podem experimentar uma alternância de papéis. O mesmo corpo experimenta uma reversibilidade em que ora é tátil, objeto tocado, e ora é tocante, sujeito que toca. A descrição dessa experiência serve para mostrar que o corpo pode ser compreendido não somente como objeto, mas também como sujeito. Logo, o corpo humano é habitado e animado por uma consciência que nasce da experiência reflexiva do próprio corpo. Não se trata de uma reflexão fundada na representação de um objeto que é posto a distância, mas uma elaboração sensível vivida pelo corpo e no próprio corpo, interagindo com outros corpos. O poder de voltar-se para si, próprio da atividade de pensar, não é apenas uma faculdade da razão, mas também elaboração originária do próprio corpo.

Nosso corpo não apenas vê objetos, como também é visto por si mesmo e por outros corpos. Ele é visível e vidente ao mesmo tempo. Nosso corpo não apenas ouve sons, mas também produz sons que podem ser ouvidos por ele mesmo e por outrem. Nosso corpo não apenas sente odores, como também exala odores que são sentidos por ele mesmo e por outrem. Para Merleau-Ponty (1964), é a carne que possibilita essa simultaneidade entre ser afetado e sentir, constituindo um tecido mutuamente compartilhado.

O corpo humano desenvolve processos subjetivos que possibilitam a instauração de uma vida subjetiva inerente ao próprio corpo. Essa vida subjetiva não é considerada uma consciência, definida como puro pensamento, que controla os movimentos do corpo. Os sentidos, que o corpo usa para se relacionar com o mundo, não são meros aparelhos para captar estímulos do mundo. O corpo é o meio que temos para sermos sensíveis ao mundo. Não se trata aqui de pensar um corpo habitado por uma consciência que o toma como um instrumento para realizar determinadas ações.

O próprio corpo vai se tornando um atelier de experiências, transformando aquilo que era um pedaço de matéria, submetido às leis da natureza, em um *corpus ego*, conceito proposto por Nancy (2000). Tal conceito significa dizer que o próprio corpo se expõe como sujeito para o outro. Não é possível considerar um sujeito que se expõe se ele não for corporal. Isso não quer dizer que a subjetividade se manifesta num lugar, que seria localizada no corpo. A rigor, a subjetividade, concebida como corporal, ela mesma se constitui um lugar.

O sujeito vai estruturando sua identidade enquanto "eu" por meio de seus movimentos que instauram várias percepções, que possibilitam fazer do corpo um ponto de vista sobre o mundo. Como ponto de vista, o corpo torna-se sujeito encarnado capaz de se engajar em projetos pessoais. É por essa razão que Merleau-Ponty afirma que, originariamente, o corpo-sujeito é um "eu posso". O corpo se constitui numa subjetividade fundada no poder de sentir e de se movimentar, possibilitando a experiência de saída de si ou de transbordamento. O fazer mecânico transforma-se em fazer livre.

Os movimentos previsíveis ou esperados transformam-se em movimentos inesperados ou livres. Os movimentos do corpo não somente acontecem no mundo, como também se dirigem intencionalmente para ele. Nesse sentido, não realizamos apenas movimentos atuais, mas também movimentos virtuais. O corpo-sujeito não apenas realiza atos, como também operacionaliza ações, guiando-se por intenções e desejos. Pelo transbordamento de si, originado pelo sentir, podemos dizer que o corpo se constitui um "eu" como instância mediadora de relacionamentos. Uma coisa é afirmar que a consciência usa o corpo para falar, outra é dizer que o próprio corpo fala como experiência de se comunicar com o outro.

O transbordamento sensível do corpo permite-nos sair de nós mesmos e fazer contatos com o outro. O corpo nos dá a condição de possibilidade de ser afetado, sentir afetos e afetar o outro. É por essa razão que o processo de subjetivação do corpo é intersubjetivo. Nesse sentido, precisamos não somente mostrar como o corpo é o lugar de fundação da subjetividade, mas também como a estrutura de identidade do sujeito é elaborada por meio das relações intersubjetivas, que são, originalmente, intercorpóreas.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

O corpo tornando-se um "nós"

O corpo e seus sentidos nos permitem um contato originário com o mundo. Nós nos sentimos parte dele e instauramos comunicações com ele. Portanto a corporeidade é intercorpórea. Isso significa que o corpo-sujeito é intersubjetividade em ação, instaurando uma relação interpessoal originária. Um corpo humano que acaba de nascer carece de outro corpo para cuidar dele. Há um desamparo fundamental que gera entre dois corpos a necessidade de um cuidar do outro, que exige uma relação de maternagem fundamental, sem a qual não existe vida humana. Essa relação é, originariamente, estética, na medida em que o contato entre um corpo e outro é intersensorial.

O corpo-sujeito como mediador de relações somente se constitui pela relação com o outro. Todavia é preciso ressaltar que a formação do "nós" não é uma soma de corpos que formam um conjunto como uma estrutura matemática. O corpo se torna nós ou corpo social por meio da vida sociocultural inventada pelos humanos.

A intercorporeidade estabelece relações entre corpos que usam os sentidos não apenas para agir por si só, como também para agir coletivamente. Os corpos vão formando comunidades discursivas de aprendentes. Corpos experimentam o mundo e declaram verdades, que são tomadas como válidas para o grupo social que eles habitam. Corpos reconhecem que outros fazem parte de sua comunidade de convivência. Criamos horizontes de convivências por meio de relações intercorpóreas. Assim, o subjetivo pressupõe o intersubjetivo; o pessoal, o interpessoal; o corporal, o intercorporal. Nossas experiências corporais não são apenas pessoais ou singulares, mas também coletivas ou públicas.

O corpo não apenas se alimenta bioquimicamente para garantir sua sobrevivência. Ele se alimenta simbolicamente. Nós não apenas nos alimentamos, como também criamos a gastronomia. Reinventamos a alimentação pelo prazer de saborear. Apoiamos-nos na vida biológica, mas não nos reduzimos a ela. Enquanto apoio, a vida biológica é necessária para existirmos, porém não é suficiente. Não concebemos apenas um mundo natural em que vivemos e que nele estamos localizados. O corpo humano tem o poder de se situar no mundo natural de forma livre e criativa. Transformamos a natureza bruta em cidades. Desse modo, inventamos mundos. Nossos corpos são políticos. Eles não apenas estão submetidos à política, como também inventam a política.

Nosso corpo é regulado ou regido por leis instituídas pelas cidades. Mas nossos corpos manifestam comportamentos de rebeldia, contestação e crítica. O corpo humano é submetido ao sistema de controle social, mas também se rebela. Ele se submete às docilidades sociais, mas se rebela contra elas. Há o governo da ordem pública, mas há governo de si, movido por um ordenamento pessoal.

O corpo humano é afetado por outros corpos, bem como afeta outros. Não há corpo humano sem vínculos. Nosso corpo não somente se abre para o outro pelos sentidos e movimentos, como também possuem zonas erógenas, que só alcançam o estatuto de erógenas pelo contato com outro. Os corpos são sensibilizados permanentemente pelas interatividades intercorpóreas. Nasce, na cidade, a constituição de um "nós" por meio da historicidade como solo de um mundo comum entre os corpos.

O corpo vive uma constante flutuação entre se abrir para o outro e se fechar sobre si mesmo. Nesse sentido, não há um atleta que produza gestos esportivos de forma isolada. O esporte praticado também produz o atleta. A autoria dos gestos é pessoal, mas é também coletiva. Um atleta que se dirige para a caixa de salto com a finalidade de realizar seu salto em distância compõe com o público um só corpo, que cria aplausos ritmados. Corpo performático e plateia criam um circuito de interações somáticas. É preciso ressaltar que o corpo social, composto pelo corpo do atleta, pelas coisas do ambiente e pelos corpos do público, é um corpo incompossível. Não estamos falando de uma simples fusão de corpos. Pensamos aqui no modelo da metáfora do buquê de flores, adotado por Merleau-Ponty (1964). Um buquê é, ao mesmo tempo, um e múltiplo. O corpo social, que constitui um "nós", é um e múltiplo ao mesmo tempo.

 ISBN 978-85-60036-18-9

O corpo é lugar de intervenções sociais consagradas historicamente. Modificações corporais por meio do piercing, tatuagens, implantes marcam modos de existir. Bulimia, anorexia e dismorfia muscular são investimentos de corpos que criam circuitos intercorpóreos, vividos por meio de um campo de trocas sensoriais. Tudo isso são processos de interação, experienciados por corpos que expõem seus modos de encarnação subjetiva no mundo.

Não existe sujeito sem corpo, e todos os corpos são subjetivados num cenário sociocultural. Uma estranha comunhão entre o meu corpo e o corpo do outro cria situações de amizade, de carinho, de satisfação, de conforto ou de paz. Mas também pode criar situações de violência, desamparo, desconforto e guerra. Em ambos os casos, o corpo é marcado pela presença do outro. No circuito intercorpóreo, criam-se marcas sensoriais que são reinscritas ao logo de toda a vida, criando formas de subjetivação do corpo.

O corpo que, originalmente, tem uma relação com o mundo de forma descentrada em função de seu transbordamento sensível, vai elaborando um modo próprio de se relacionar por meio da instauração de um corpo-ego, que é um mediador de relações. O que era descentrado vai criando um centro de ação, mas o protótipo desse centro procede originalmente do outro.

Os hábitos higiênicos que pratico não procedem, originalmente, do meu agir. Eles nascem de uma relação com o outro, que instaura no meu corpo práticas de higiene. É o outro que define, informa e orienta modelos de hábitos higiênicos. Esses modelos ganham historicidade. Eles recebem fundamentos científicos e são adotados como práticas indispensáveis para a vida na cidade. Nesse contexto, o que é criado pode se tornar opressão, disciplinamento ou sistema de controle de corpos. Mas o corpo humano também expressa práticas corporais subversivas que pervertem ou alteram a ordem social instituída. Talvez seja por essa razão que, inspirado em Freud (1987), possamos dizer que a natureza humana é perversa. O uso do termo perversão não é empregado aqui com o sentido de um quadro patológico, mas com o significado de práticas de desconstruir o já instaurado, seja ele natural, seja sociocultural. Em outras palavras, a perversão é compreendida como ato de desvirtuar a ordem.

Conclusão

Com base em nossas reflexões, podemos concluir que o ponto de partida para se pensar a natureza humana não é a consciência, mas o corpo concebido como habitado por uma consciência.. Logo, essa consciência é sempre encarnada. O corpo humano não nasce sujeito, mas instaura com o outro um processo de subjetivação, que é, originalmente, intersubjetivo. Nesse sentido, o corpo não apenas se torna um “eu”, mas também um “nós”. O corpo-sujeito se torna uma estrutura de mediação por meio da relação intercorpórea com o outro.

REFERÊNCIAS

DESCARTES René. **Méditations** in: Œuvres complètes, coll. Bibliothèque de la Pléiade. Paris: Gallimard, 1996.

FREUD, Sigmund. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud, Edição Standard brasileira. **Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade.** Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Phénoménologie de la perception**. Paris: Gallimard, 1992.

_____ **Le visible et l’invisible**. Paris: Gallimard, 1964.

NANCY, Jean-Luc. **Corpus**. Paris: Editions Métailié, 2000.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

PARADOXOS, ABISMOS E VERTIGENS: EU CORPO, EU ARTE.

Karenine de Oliveira Porpino
DEART/UFRN

A escrita e a fala são ações que inscrevem na história da humanidade caminhos possíveis de comunicação e aproximação entre os indivíduos e seus pensamentos sobre o mundo. Mesmo quando a escrita reveste-se de um excesso de formalidade, ou a fala é entendida como mero repasse de informação, ainda assim, elas podem ser pensadas como atos em que se compartilham mundos e se criam outros. Entre o texto e o seu leitor, assim como entre a fala e seu ouvinte, há sempre campos de significações possíveis de ser gerados, a considerar as circunstâncias em que essas ações acontecem.

Neste texto, que antecede uma comunicação oral, temos a intenção de compartilhar com o leitor e o ouvinte mundos possíveis a partir do tema corpo, experiência e existência. Embora compreenda que o sujeito que escreve e fala sempre está implicado no texto e na voz, esse fato nem sempre tem reconhecimento ou está explícito nos escritos e nos discursos. Aqui, ao contrário, esse reconhecimento é o que move a ação de escrever estas palavras que, aos poucos, vão se transformando em texto. Uma opção ou atitude deliberada, tornar-se autor não somente nas entrelinhas, mas assumir a escrita como modo de se expor, de convidar o leitor a fazer parte do texto a partir de uma poética vivida a dois, três, quatro... Portanto este texto quer-se uma possibilidade de troca mais afetiva, em que se pode considerar uma produção do conhecimento que inclua e reconheça a própria vida de quem escreve e fala, sua relação sensível com o mundo, como solo e adubo para germinar tudo o que se possa escrever e falar. Não poderia ser diferente ao assumirmos o desafio de escrever sobre corpo, experiência e existência, essa tríade cujos significados se grudam e impregnam o pensamento de ideias parecidas e indissociáveis. Como pensar nessa tríade senão voltando-nos a nossa própria vivência cotidiana na qual essas palavras se confundem? Como escrever sobre a experiência sem correr o risco de a própria escrita constituir-se uma forma de reduzir essa experiência ao que é apenas um registro?

Assumindo o desafio e os riscos, nos propomos a enveredar no mundo da Arte, ou melhor, da nossa experiência a partir dela, experiência essa que nos convida a reconhecer o corpo como existência, mesmo sabendo que qualquer relato sobre a experiência vivida jamais pode ser confundido com a própria experiência. O relato será sempre pensamento sobre ela. Portanto compartilharemos pensamentos, uma vez que a experiência vivida somente pode deixar um rastro nas linhas da tela e no papel impresso. No entanto é preciso, também, considerar que compartilhar o pensamento já é em si uma outra experiência que conclama a novas aventuras, a novos desafios e a novos outros pensamentos. Esse é o empreendimento poético da escrita e da leitura, da fala e da escuta, reverberar no outro uma experiência alheia a partir da qual se podem germinar tantas outras.

Tomamos como campo estético e de reflexão para este texto algumas obras de dois artistas europeus, Vanessa Breecoft e Antony Gormley. Ambos estiveram no Brasil em épocas diferentes, expuseram suas produções, que foram apreciadas e divulgadas amplamente pela mídia. O caráter de itinerância, o tema do corpo e os usos do espaço são algumas das pistas que conduziram minha aproximação com as obras. Essas pistas estão presentes na escrita de forma subliminar e favorecem descrições das obras, de minha experiência com elas, permitindo a proliferação das ideias e a aproximação com alguns interlocutores.

O texto, então, parte deliberadamente da experiência sensível frente a essas obras, parte de meu próprio olhar contaminado por elas. Tem como foco desse olhar, ora atento, ora difuso, registros imagéticos impressos e digitais dessas obras de arte, a partir das quais pude questionar meus modos de ver o mundo, a própria arte e a mim mesma. O contato com as obras se deu em tempos e espaços diferentes, mas, passado o tempo do primeiro contato com elas, posso sentir que há muito a pensar, a escrever e a dizer sobre elas e a partir delas, uma vez que passaram a

ISBN 978-85-60036-18-9

fazer parte de mim e estão comigo aonde quer que eu vá. Não se trata de explicar as obras, fazer um juízo de valor ou crítica, mas aceitá-las como campos de visão, como experiência do corpo e como possibilidade de compreensão da própria existência. Então, vamos a elas.

Ocupando um espaço sombrio e amplo, algumas dezenas de mulheres nuas e impecavelmente penteadas dispõem-se em fileiras como um exército mudo em formação militar, todas voltadas para uma mesma direção. O único ornamento que as cobre é uma bota preta de cano longo de inegável elegância. Apesar de nuas, parecem vestidas com uma única roupa, suas próprias peles brancas.

Corpos femininos, brancos, nus, ordenados, depilados. Iguais? Nem tanto. Na uniformidade podem-se ver as diferenças: seios pequenos, grandes, pontudos ou arredondados; expressões de curiosidade, passividade ou timidez; alguns corpos mais franzinos, outros mais robustos. Na igualdade é possível perceber diferenças. Talvez a mais explícita seja o fato de uma das mulheres não possuir botas e estar sentada ao chão à frente das demais, como num descanso necessário.

Eis uma breve descrição da performance VB 45 da artista italiana Vanessa Breecoft, apresentada em Viena, em 2001, cuja imagem abria o Guia de Visitação da 25ª Bienal de São Paulo, encarte que acompanha a Revista Bravo nº 55 de julho de 2002. A imagem descrita nos incentivou a buscar outras obras da autora, momento em que começamos a perceber os modos diversos de escancarar a nudez feminina em suas mais variadas configurações poéticas e políticas. Encontramos VB50 e VB61, outras obras da autora, dentre tantas que ocupam lugares diversos do planeta a partir dos quais uma errância estética vai sendo construída durante poucas horas depois das quais a obra se desfaz e torna-se registro imagético.

A performance apresentada no Brasil, VB 50, na ocasião da 25ª Bienal, em 2002, com duração de três horas, contou com outras mulheres (dessa vez negras, brancas, mulatas e 'verde-oliva'[1]); outros calçados; outras formas de produção dos cabelos e outro espaço de exposição. Um padrão, contudo, foi mantido: a presença de corpos femininos, sem roupas, apenas calçados, cabelos arrumados (desta vez com perucas), reunidos e voltados para uma única direção.

O primeiro ímpeto no contato com as imagens das obras citadas é a experiência da embriaguez, como refletiu Nietzsche (19[--]), ou... esse primeiro arrebatamento antes de qualquer conceituação. O corpo desnudo, parado e pouco preocupado com o tempo chama a atenção para sua realidade mundana. Ao apreciar a obra, instauramos uma conexão com ela, uma cumplicidade, uma articulação entre aquilo que se mostra e aquilo que é visto. A primeira vontade é manter o olhar, descobrir os detalhes, apreciar as mulheres nuas e visualizar sua ocupação do espaço, tão próximas e ao mesmo tempo tão distantes. Uma beleza que não atende, nem de perto, à expectativa de um modelo preconcebido, mas sim certa dose de ineditismo e originalidade. Um modo de existência diferente, mulheres que saem de suas funções do cotidiano para fazerem parte de um quadro sem molduras, um espaço que poderia ser comum, transformado em espaço de exposição artística, apenas marcado por essas presenças femininas. Não se trata da ideia de beleza predominante em nosso contexto social, qual seja, aquela concepção de que para ser belo é necessário atender a um certo modelo pré-definido (Porpino, 2006). No entanto, se considerarmos os corpos nus presentes na obra, percebemos que não há uma ausência total de um modelo a ser seguido, pois as mulheres enfileiradas de VB 45 parecem atender a um padrão de altura, de estrutura corporal e de vestimenta. Ou seja, todas são praticamente da mesma altura, nenhuma poderia ser considerada gorda, e todas vestem o mesmo calçado, uma bota preta. Na obra semelhante apresentada no Brasil, VB 50, as mulheres se diferenciam em suas tonalidades de pele, mas mantêm uma certa homogeneidade quanto ao padrão corporal, aos calçados cor-de-rosa desenhados pelo estilista francês Azzedine Alaia e às perucas estilo afro (Molina, 2003).

1 O 'verde-oliva' trata-se de uma denominação da própria autora da obra, ao fazer referência às peles cor caramelo na matéria "Performance reúne 50 mulheres nuas na Bienal" publicada por Camila Molina, em 25 de março de 2002, no Jornal O Estado de São Paulo.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Mas se VB50 pode ser pensada pela crítica como ato de crueldade, frieza e violência (Oliva, 2002), o que dizer da performance VB61 Still Death! Darfur Still Deaf?, apresentada em ocasião da 52ª Bienal de Veneza, em 2007? Nesta, 30 mulheres sudanesas, escurecidas pela maquiagem e marcadas por um golpe de tinta vermelha, permanecem imóveis, deitadas de barriga para baixo numa tela branca. Crítica explícita ao genocídio de mulheres africanas da região sudanesa de Darfur e sua brutalidade pouco percebida. Cabe aqui a compreensão de que a obra de arte e suas possibilidades expressivas sempre contêm um vazio e um excesso; o que gera novas formas expressivas é o acúmulo do que se quer exprimir sobre aquilo que já foi expresso (Chauí, 2002).

Mais uma vez, a obra de Vanessa Breecoft convoca-nos a pensar a arte e, ao mesmo tempo, o corpo como existência, nós mesmos. Seu modo de tratar o corpo tão obsoleto no genocídio e tão imprescindível para uma nova poética mostra-nos um modo de perceber o mundo e expressá-lo. Não se trata, portanto, de um modo de fazer, cuja referência é dada antecipadamente, tampouco uma forma de produção interior, cuja façanha desconhecemos totalmente, mas, nas palavras Merleau-Ponty (2002, p.87), "uma maneira típica de habitar o mundo e tratá-lo". Trata-se do estilo pelo qual o artista pode produzir sua arte, pode ser reconhecido nela e do qual somos cúmplices.

Ao apreciarmos suas obras, somos invadidos por uma poesia desconcertante, por uma beleza que duvida de si mesma, que interroga, causa perplexidade, que não se deixa levar pela fruição serena e tranquila, mas, longe disso, é levada por estéticas desconhecidas, porém não menos importantes. As obras produzem um eco que nos faz pensar, desorganizar nossas percepções, para reorganizá-las novamente, ao modo como Merleau-Ponty (2002, p.90) se remete à pintura e à poesia

> ... quando se trata de obras que gostamos de rever ou reler, a desordem é sempre uma outra ordem, um novo sistema de equivalências exige essa subversão, não qualquer uma, e é em nome de uma relação mais verdadeira entre as coisas que seus laços ordinários são desatados.

Eis a experiência estética tal qual a entendemos. Uma experiência interrogativa, que lida com as entranhas, nesse caso com a condição de ser mulher, com a nudez, com a dúvida e a perplexidade. Uma experiência da beleza que surge da reciprocidade entre o objeto apreciado e nossas interrogações e afinidades com este. Tal beleza nos incita a refletir, a problematizar o que vemos, ao mesmo tempo problematizando nossas próprias concepções sobre arte e corpo. Dialogamos com ela. Ao mesmo tempo em que ela nos fala de sua maneira de existir, falamos-lhe da nossa. Tal diálogo é silencioso, corporal e quase imperceptível, porém intenso. Talvez pudesse ser mais intenso ainda ou bastante distinto do que é se tivéssemos tido a oportunidade de ver a obra pessoalmente, pois tivemos a oportunidade de ver a sua imagem impressa, momento de um tempo efêmero cristalizado no papel fotográfico.

Para além das querelas objetivistas e subjetivistas, a ideia de imanência entre sentido e sensível, entre objeto e sujeito da vivência estética faz-nos pensar em outra forma de perceber o ser humano como participante de uma experiência do mundo, na qual não se reduz a um mero coadjuvante nem a um insubstituível e único protagonista. Assim, a beleza, longe de ser um atributo pré-configurado ou um mero gosto particular, passa a ser compreendida como experiência compartilhada e modificada continuamente na cultura. Do ponto de vista da experiência de quem a aprecia ela é mutável, maleável, pode guardar em si muitos paradoxos e tem o poder de germinar o desejo por outros olhares.

No caminho para atender tais desejos nos encontramos com outros corpos, dessa vez não tão reais como as mulheres vivas de Vanessa Breecoft, mas também plenos de sentidos. Corpos produzidos à imagem e semelhança de seu criador a partir de materiais diversos. São as obras de Antony Gormley, artista britânico que também faz do corpo e do espaço campos de leitura poética do mundo.

ISBN 978-85-60036-18-9

Salas amplas, topos de edifícios, parapeitos, meio da rua, montanhas e mar, espaços nos quais um punhado de metal se transforma em arte. São homens de ferro amontoados, retesados, pendurados, decapitados, colocados à beira do precipício, em contraste com a fluidez das águas ou o frescor das montanhas. Os modelos se repetem, geralmente em pé, mas também estão sentados de maneiras diversas, ajoelhados, encolhidos, dentre outras posições. Mas o que parece realmente mudar de forma mais intensa não é a posição dos corpos de metal, mas suas relações com os espaços diversos que ocupam. Nos espaços fechados se aglomeram, se amontoam, desafiam as leis da física. Nos espaços abertos se confundem com a paisagem, ao mesmo tempo em que denunciam que não estão ali por acaso.

O corpo de metal, rastro e protótipo do corpo vivo do artista, é isento da maleabilidade do vivente, mas carrega consigo a maleabilidade das ideias, das emoções, da existência nua e crua do seu criador. O corpo prestes a desabar do alto do edifício convoca nosso medo de cair, nosso medo do perigo, hora em que o peito se aperta, o suor esfria e o corpo endurece como defesa. Mas o mesmo corpo que convoca ao medo também sugere o voo, hora em que os músculos se afrouxam, o sangue embala e o tempo vence a gravidade. Mesmo quando a ilusão se finda e já não vemos mais o homem a cair, e sim um corpo de metal, a obra continua a dialogar com nossos sentidos e desejos, com nossos modos de habitar ou não habitar os espaços insondáveis. A existência daquela arte, marcada por um corpo inerte, passa a habitar nossos músculos; apesar de imóvel, percorre nossa maneira móbil de existir, penetra nossa imaginação, nossa respiração, rompe a fronteira delicada de nossa pele; nossa flexibilidade e mutabilidade ficam impregnadas desse modo diverso de existir no outro. Colocamo-nos também à beira do abismo. Os homens de metal modificam o espaço comum para além de sua obviedade, já não são tão invisíveis quanto pareciam, podemos habitá-los de muitas maneiras.

Em outra imagem estão dispostos no chão centenas de homenzinhos de terracota. Juntinhos, tomam todo o espaço do piso do ambiente, abarrotam a sala de exposição. Todos são iguais e sugerem um olhar para cima, na medida do olhar de possíveis apreciadores. A quantidade, a proximidade, a pequenez exacerbada desses pequenos seres inertes causam ansiedade, sufocam, abarrotam também nosso campo de visão ao modo como preenchem a sala. Demoramos a acreditar no que vemos. É estupendo que alguém tenha sido capaz de dar tanta vida a um pedaço de terra feito por outros a partir da maneira como organiza o espaço. Os homenzinhos nos interpelam pelo olhar que não possuem, pela palavra que não dizem, mobilizam-nos ao mesmo tempo em que nos põem imóveis como eles. Causam uma vertigem desafiadora.

Os corpos de ferro fundido, como também os de aço inoxidável, de terracota e de fibra de vidro de Antony Gormley habitaram espaços diversos de três cidades brasileiras: São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília. A exposição Corpos Presentes mobilizou percepções diversas sobre a relação corpo e espaço, tema principal da obra desse homem que faz do seu próprio corpo molde para a sua arte itinerante. Em Event Horizon, 31 homens de ferro foram espalhados nos topos dos prédios paulistanos; em “Massa Crítica”, mais sessenta deles representam movimentos internos; foram amontoados, pendurados, colocados ao chão nos espaços de passagem, pregados nas paredes de um recinto fechado. Em Amazon Fields, 24 mil bonecos de terracota feitos por mais de cem moradores de Porto Velho, na ocasião da ECO-92, retornaram ao Brasil e abarrotaram um dos espaços de exposição.

O contato com as obras causam vertigem, pois nos colocamos como elas à beira do abismo, prestes a cair, assim como os homens de ferro de Gormley. Nossa existência é colocada em cheque, a partir daquele momento, não somos mais da forma que fomos no último instante. A arte muda o instante, a vertigem exige novas formas de equilíbrio e reforça a impressão de que é possível desequilibrar novamente. Da mesma forma como titubeamos quando reaprendemos a andar em novas superfícies ou nos arvoramos a andar de bicicleta depois de um longo tempo, ou queremos ficar imóveis depois de uma sequência de vários giros. A experiência da apreciação nos ensina a reaprender a ver a cada instante. Nas palavras de Serres (2004, p. 129)

> Essa vertigem corporal, testemunho da passagem contínua de um estado de equilíbrio rígido para um segundo estado paradoxal

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> e refinado, depois para outro e mais outro que, de outra forma, permaneceriam estáveis por movimentos imprevistos, nós a experimentamos a cada entrada em um mundo que nos desorienta e a cada encontro com uma nova e inesperada lógica que aparentemente interpreta às avessas nossas atitudes, mas que, no entanto, descobre e perpetua os habitus complexos do corpo.

Quando apreciamos uma obra de arte, é como se estivéssemos numa brincadeira de bate e volta. Nesse ir e vir de aproximações e distanciamentos, retornamos a nós sempre que olhamos para o mundo e retornamos ao mundo sempre que olhamos para nós. Alimentamos o mundo, que nos alimenta. Assim, somos também um pouco da arte que apreciamos, pois não há como apreciarmos sem que estejamos implicados na apreciação. Lembramos mais uma vez Merleau-Ponty (1994) ao afirmar que o homem conhece o mundo conhecendo-se, não é possível perceber algo sem perceber-se a si mesmo.

Desse modo, a arte modifica nossa existência com seu encanto ou sua brutalidade, faz-nos leves ou estupefatos. De uma forma ou de outra, modifica nosso olhar, ao mesmo tempo em que a modificamos com o sentido que criamos para ela e compartilhamos com outros apreciadores. Assim a arte enlaça o criador e o apreciador no mesmo espaço poético, que é sempre interminável. A partir dela estamos atados ao outro mesmo quando sequer o conhecemos. O artista sabe ou intui essa aproximação quando cria as suas obras a exemplo e semelhança de si mesmo, a exemplo de seus modos de habitar o tempo e o espaço. Todos vivemos essas possibilidades diversas, e é o compartilhar desses modos diferentes de ser que nos liga pela arte. Essa forma deliberada de criação artística, na qual o artista não se incomoda de ser refém de sua própria historicidade, nem sempre teve reconhecimento ao longo da história ocidental, embora tenha marcado todas as produções artísticas desde sempre. Apesar de esse ser um tema para um próximo texto, por enquanto, é necessário esclarecer que essa historicidade à qual nos referimos traduz-se como ato de ligação entre o que não é nosso, mas que em nós encontra ressonância, ato criador que integra e reanima o passado no presente, inaugurando formas de habitar o mundo atualizadas pelo tempo e pela poesia do existir.

> ... é a que habita o pintor no trabalho, quando ele ata num único gesto a tradição que retoma e a tradição que funda, é a historicidade que, sem que ele abandone o seu lugar, seu tempo, seu trabalho abençoado e maldito, liga-o de repente a tudo o que alguma vez foi pintado no mundo. (Merleau-Ponty, 2002, p.101).

A troca e a criação de sentidos infindáveis entre o criador, a obra e o apreciador escancaram nossa afinidade com o mundo, que se configura nas múltiplas relações que estabelecemos não só com a arte, mas também com as pessoas, com os outros animais, com outros objetos de repulsa ou de desejo, e também com o inefável, o incomensurável, o insondável.

A vertigem vivida na apreciação da arte ou o vislumbre do abismo que se abre a cada vez que nossos modos de ver são colocados em jogo sacodem-nos para a criação de novos equilíbrios parciais e nos preparam para novos desequilíbrios. Assim é nossa existência fundada no paradoxo, marcada por surpresas, desalentos, euforismos, ansiedades, paixões, desafetos, serenidades, dúvidas... tantas formas de viver o mundo quantas forem as circunstâncias nele encontradas. Viver é andar simultaneamente por linhas retas e sinuosas. Talvez só possamos apreciar a arte de hoje, a exemplo das obras de Breecoft e Gormley, por tomarmos ciência desse desconforto confortante ou desse conforto desconfortante. Talvez os artistas contemporâneos tenham compreendido que a vertigem nos leva à compreensão de nós mesmos e da própria arte nesse mundo de tantas referências. Talvez por isso não baste a arte ser serena e tranquila ou escancarar um grito sem ressonância, pois os abismos estão em todos os lugares. Só é possível vivermos sem eles quando fazemos de conta que eles não existem. Mesmo assim, eles estão à nossa espera, para que decidamos sobre nos jogar, dar um passo atrás ou tentar o voo. A decisão é de cada um, assim como é a decisão de reconhecermos ou não a arte que encontramos pelo caminho e dizermos (ou não dizermos): eu corpo, eu arte!

ISBN 978-85-60036-18-9

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

MERLEAU-PONTY, M. A prosa do mundo. São Paulo: Cosac & Naify, 2002.

____. A Fenomenologia da percepção. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.

MOLINA, C. Performance reúne 50 mulheres nuas na Bienal. Disponível no site http:////www.estado.com.br/editorias/2002/03/25cid027.html em 20/03/2003.

NIETZSCHE, F. Vontade de Potência. Rio de Janeiro: Ediouro. 19[--].

OLIVA, F. *Vanessa Breecoft explora a nudez com crueldade*. Disponível no site http://www2.estado.com.Br/editorias/2002/03/23/cad027.html em 20/03/2003.

PORPINO, K. O. Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética. Natal: Editora da UFRN, 2006.

SERRES, Michel. Variações sobre o corpo. Trad. Edgard de Assis Carvalho, Maria Perassi Bosco. Rio de Janeiro: Bertrand, 2004.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

A ESCUTA DO CORPO - EUTONIA

Miriam Dascal
Aanga/Arte/Educação do Movimento

Meu corpo não é meu corpo. É ilusão de outro ser, sabe a arte de esconder-se e é de tal modo sagaz que a mim de mim se oculta (Carlos Drumond de Andrade).

Você sente seu corpo? Que regiões do seu corpo você sente mais?O seu corpo lhe diz algo ou nada diz? Que sensações, emoções e pensamentos lhe ocorrem neste momento? ao tocar a sua pele, o que você sente? Como seus pés tocam o chão? Você sente o chão carregá-lo ou você carrega o chão?

Essas são algumas das inúmeras questões que envolvem o ensino- aprendizagem na Eutonia, método de investigação corporal que integra a educação, a terapia e a arte, com o objetivo de ampliar o autoconhecimento e a percepção da unidade psicofísica do ser humano.

"Não se trata de um aprendizado em que se imprimem no corpo do aprendiz exercícios para se obter um resultado final. Não é também uma ginástica postural ou um método por meio do qual se ensinam técnicas de movimentos respiratórios"(Dascal, Miriam). A eutonia pressupõe procedimentos que se fundamentam na experimentação e na pesquisa do próprio corpo. O sentido da aprendizagem aqui é fundamental, o aluno é o motor, o produtor, o inventor nesse processo de investigação que se processa a partir da anatomia corporal enquanto um corpo pulsante, vivo, energético, em autoconstrução constante.

"O contato com nossa anatomia significa ao mesmo tempo interiorizar-se e expandir-se, é o que chamamos de ampliação da consciência, ou seja, abertura para vivenciar o que se apresenta, estar presente e vivo, estar no corpo- in-corporar-se."(idem, ibidem).

A escuta do corpo o que seria?

Voltar-se para o corpo sensível, o corpo que sente, o corpo que está se buscando, o corpo que presta atenção em si mesmo, o corpo que não precisa estar doente para escutar-se, nesse caso a escuta vem por causa da dor, da doença, do desagradável, e, por que não, por causa do prazer e da alegria?

Essa seria uma das tarefas da Eutonia, aguçar a sensibilidade proprioceptiva, despertar o corpo para sentir, perceber e conhecer o que ocorre. "Conectar-se a este campo perceptivo-cognitivo significa estar receptivo às próprias sensações e modificações que possam ocorrer, sem julgamentos prévios ou valorativos: é um processo de conquista da liberdade de se permitir ser o que se é "(ibid).

O sentir é também a capacidade de consentir, con-sentir, estar nesse movimento de troca. É admitir o saber do corpo. Essa sabedoria não é apenas a razão que dá, nos conhecemos através das sensações, pela sensibilidade do corpo. Esse saber seria um encontro consigo mesmo, se pertencer, reconhecer a própria consistência interna.

O nosso corpo contém todo o universo, tanto o micro como o macrocosmo estão contidos nele, o que está dentro está fora; o que está fora está dentro. Essa concepção de corpo é diferente do ideal platônico, onde vivemos metaforicamente numa caverna e só enxergamos sombras, pois nos coloca distante da nossa própria potência ou como concebe o dualismo cartesiano, no qual a mente é a única fonte de conhecimento. Seguimos a noção fenomenológica desenvolvida por Merleau Ponty, em que o corpo não é um feixe de funções, mas uma unidade indissolúvel de infinitas conexões com o mundo e a vida, onde o corpo, opondo-se à perspectiva mecanicista da filosofia e das ciências tradicionais, não é coisa nem ideia; o corpo está vinculado à motricidade, à percepção, à sexualidade, à linguagem, ao mito, ao sensível e ao invisível. (Dascal, Miriam).

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

A existência nossa é toda essa respiração. Exalamos o que recebemos de fora e emanamos o que está dentro; há uma relação contínua do meio interno e do meio externo, este vem e vai é também o movimento da nossa pele.

A pele formada na camada mais externa por um tecido celular embriônico, o ectoderme, é o mesmo tecido que forma o cérebro,"compreende-se assim essa inter-relação entre a pele e o sistema nervoso. São constituídas da mesma matéria: nossa inteligência e sensibilidade encontram-se também nas camadas superficiais do nosso corpo, tanto o mais interno quanto o mais superficial no nosso corpo são dotados de inteligência " (ibid). Podemos assim afirmar que nossa inteligência e sensibilidade estão na nossa pele.

A pele, maior órgão do corpo, é um órgão da comunicação. O nosso contato está em nossa pele e, muitas vezes, bloqueamos nossos sentidos e sentimentos e não nos permitimos escutar e, portanto, expressar o que sentimos.

Por essa razão, a primeira tarefa do trabalho em eutonia é despertar a sensibilidade superficial e profunda da pele, e assim estaremos atuando na recuperação de uma autoimagem mais clara do corpo.

Nossa pele, o nosso invólucro, tem funções primordiais no equilíbrio e regularização do tônus, assim como efeitos na parte psicológica, em relação à autoestima, por exemplo. Pesquisas realizadas em mamíferos comprovaram que, se esses animais não lambessem suas crias ao nascer, elas morreriam, tal a importância da pele. No trabalho de eutonia, iremos estimular e desenvolver a conscientização superficial e profunda da pele, sabendo que estamos estimulando comprovadamente os sistemas imunitários, digestivos e respiratórios do nosso organismo, além das já mencionados acima. Por meio de testes da imagem do corpo, que consistem em uma representação do próprio corpo em modelagem e desenhos do corpo humano, podemos observar como esse desenvolvimento ocorre na prática da eutonia.

Além da conscientização da pele, os conceitos prático-teóricos da eutonia envolvem mais três princípios fundamentais: a conscientização do volume do espaço interno, a conscientização da estrutura óssea e o contato.

A conscientização da estrutura óssea talvez seja o procedimento de maior originalidade nesse método. São inúmeros os efeitos produzidos pelo desenvolvimento da consciência dos ossos no procedimento da eutonia, tanto fisiologicamente como psicologicamente.

A partir desses quatro princípios, a prática da eutonia apresenta três princípios específicos que representam procedimentos técnicos fundamentais: tato consciente, contato consciente, transporte consciente. O movimento eutônico deriva desses princípios, "se caracteriza pela leveza na execução, pelo emprego mínimo de energia, mesmo num trabalho de força. Acontece quando todas as fixações do tônus são suprimidas e os músculos que não participam do trabalho têm o mesmo tônus de base. O movimento adquire fluência e é realizado sem esforço, a pessoa vive sua unidade psicossomática, e esta qualidade de movimento é por ela sentida e apreciada pelas outras pessoas como um movimento leve, agradável de ser visto: tal integridade do corpo em movimento projeta uma estética! "(ibid).

Entrar em "contato" com toda essa nossa arquitetura, o nosso "mobiliário", as bases psicofísicas da nossa anatomia, descobrir zonas de prazer e zonas de dor, descobrindo tensões ocultas, espaços contraídos que em geral não se percebem, exceto quando a dor se intensifica, liberar nossa musculatura, permitem entrar em contato com emoções mais profundas, nos sentiremos mais plenos, mais vivos. A escuta do Corpo se processa!

A eutonia, citando palavras de sua criadora, a alemã Gerda Alexander, "propõe uma busca adaptada ao mundo ocidental para ajudar ao homem de nosso tempo a alcançar uma consciência mais profunda de sua realidade corporal e espiritual como verdadeira unidade. Convida a aprofundar esse descobrimento de si mesmo, sem retirar-se do mundo, senão ampliando sua consciência cotidiana e permitindo liberar suas forças criativas com um melhor ajuste a todas as situações de vida e com um enriquecimento permanente de sua personalidade e de sua realidade social."

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Em 1957, Gerda fundou a primeira escola de Eutonia em Kopenhagen, Dinamarca. O termo eutonia é composto por duas palavras gregas: EU, que significa bom, harmonioso, e TÔNUS, igual a tensão, ou seja, tonicidade, grau de tensão ou elasticidade de nossas fibras musculares. Expressa a ideia “da busca de uma tonicidade harmoniosamente equilibrada, em adaptação constante e ajustada ao estado ou à atividade do momento”(Alexander, Gerda).

Há muito já se reconhecem os estreitos vínculos que existem entre a tonicidade e as experiências vividas pelo indivíduo, consciente ou inconscientemente. A expressão do corpo, suas atitudes e movimentos, assim como a respiração e a voz, são manifestações diretas desses vínculos.

Inúmeras investigações contemporâneas, como as do biólogo e neurologista Henri Wallon, confirmaram as estreitas relações e interações entre o tônus e a atividade cerebral. O tônus postural, próprio dos músculos clônicos, assim como o sistema vegetativo e o conjunto das regulações fisiológicas, estão em inter-relação estreita com o nosso psiquismo, da mesma maneira que por essas diferentes vias se manifestam as partes consciente e inconsciente de nossa personalidade. Segundo Wallon, cada mudança de consciência atua sobre um conjunto de tensões, e toda perturbação muda não apenas o estado corporal, mas também o comportamento e o estado de consciência do indivíduo. Portanto o trabalho sobre a tonicidade repercute sobre todo o ser humano.

As práticas de eutonia liberam o tônus muscular, permitindo movimentos mais econômicos e mais prazenteiros, e, a longo prazo, têm efeitos sobre a respiração, a circulação sanguínea, o metabolismo e o equilíbrio do sistema nervoso autônomo. A aprendizagem se desenvolve através de um processo minucioso de observação interior e mediante o desenvolvimento da sensibilidade, influenciando de modo consciente os sistemas normalmente involuntários que regulam o tônus e o equilíbrio neurovegetativo. Para chegar ao desenvolvimento dessa sensibilidade, é necessária uma capacidade de observação profunda, uma “presença’’ graças à qual se desenvolve a atitude de ser objeto da própria observação e de viver simultaneamente as mudanças que essa observação produz no organismo. Tanto no estado de passividade, quanto na atividade, requer-se sentir conscientemente, ou seja, sentir as variações que intervêm no tônus e nas funções neurovegetativas durante a movimentação.

Esse estado de “presença’’, tão importante na nossa vida cotidiana e fundamental para um bom desempenho na vida profissional, requer ao mesmo tempo uma observação neutra e uma amplitude de olhar que não devem estar influenciadas pela espera de um determinado resultado. Essa abertura e ao mesmo tempo essa neutralidade são as condições fundamentais para um desenvolvimento “eutônico’’.

“Com o tempo, as sensações se tornam mais claras, você começa a dar-se conta de como suas ações, sensações e pensamentos estão arraigados em seu corpo. Começa a vislumbrar novos âmbitos de experiência pessoal, conhecer a si mesmo, e ser mais consciente dos demais. Esta nova consciência lhe dará uma nova noção do que é o ser humano...”(Lindell, L.)

Basicamente esses são os princípios da eutonia, uma técnica não dirigida, mas que busca o registro do observado e do experimentado, em que não existem exercícios pré-estabelecidos, e cada aula é uma aventura, só existindo uma condição prévia para praticá-la: ter vontade de descobrir, mediante suas próprias e verdadeiras sensações, a realidade de seu corpo como fonte de sabedoria e de experiência, trata-se da tentativa de viver com consciência.

REFERÊNCIAS

Alexander, Gerda Eutonia: um caminho para a percepção corporal, São Paulo: Martins Fontes, 1991

Dascal, Miriam..Eutonia, o Saber do Corpo,São Paulo: Editora SENAC, 2008

Gaianza, Violeta H. Conversas com Gerda Alexander. São Paulo: Summus, 1993.

Montagu, Ashley.Tocar:o significado humano da pele, São Paulo: Summus, 1988

Merleau-Ponty, Maurice. Fenomenologia da Percepção. São Paulo: Martins Fontes

Brieghel-Muller, Gunna. Eutonia e relaxamento. São Paulo: Summus, 1992

ISBN 978-85-60036-18-9

CORPO PERCEPÇÃO E REPRESENTAÇÃO: UMA ESCUTA DO CORPO

Ana Patrícia Peixoto
IPS- Instituto de Psicologia Somática

"Nossos corpos dão origem aos impulsos, às visões, aos códigos e às sociedades que tornam possível nossas vidas e relações" (Keleman)

Este é um tema muito rico e inquietante. Falar sobre a escuta é um desafio numa época em que todos querem se mostrar, e essa mesa propõe levar-nos a escutar a experiência humana. Podemos fazer uso de várias abordagens cientificas ou nos prender a um olhar para dar um foco a um tema tão vasto. Temos a linguagem da psicologia, filosofia, biologia, antropologia, sociologia... Para este momento escolhi focar na minha experiência clinica como psicoterapeuta de orientação psicocorporal. Dentre as leituras que poderia fazer desta escuta, escolhi navegar no mar, no território da Biossistêmica, que me traz algumas questões e onde tenho aprendido sobre a arte do silenciar as minhas verdades para poder ter escuta para o outro, principalmente como psicoterapeuta.

Se é verdade que existimos por meio do corpo, e por ele e através dele nos relacionamos, nos separamos e nos diferenciamos - e é ele o receptáculo de nossa história, inscrições corpográficas de uma vida, nossa memória viva, onde cada célula armazena toda a experiência positiva e negativa tenhamos ou não consciência, podemos, então, afirmar que é por meio dele que expressamos aspectos de nossa existência, de nossa experiência cultural, social e familiar ao nos relacionarmos com os outros e com o meio externo.

Há uma citação muito pertinente a essa reflexão, em que Janet (1929) (apud Boadella, 1997), ao colocar o corpo no entendimento das questões psíquicas, nos fala "...A primeira psicologia não começa com o nascimento, como sustenta a maioria dos psicólogos avançados. A primeira psicologia começa com a fecundação. É nesse momento que aparece um instinto que irá governar ações muito complicadas... o instinto que constrói, o instinto formativo".

E mais à frente, ao falar desse processo formativo na personalidade, Janet (apud Boadella, 1997) cita: "O embrião trabalha para diferenciar a si mesmo. Ele cria uma pele, que é algo para separá-lo da mãe, e se separa tão bem que assume um ritmo cardíaco e uma organização fundamental diferente. Este trabalho é um trabalho que podemos chamar de trabalho da personalidade".

Escutar o corpo é, sobretudo, ouvir a narrativa de como cada pessoa vivencia sua existência.

Algumas pessoas têm como queixa principal um sofrimento psíquico, já outras, um sofrimento físico sem origem orgânica e que se referem a si a partir da sua história de sofrimento às vezes aliada a uma concretude física da dor sentida.

Como essas pessoas se relacionam com suas vidas?

Como pensar biossistemicamente o corpo que se apresenta na clínica hoje?

Com essas duas questões abre-se um espaço para grandes e importantes reflexões.

Na minha experiência prática ao longo de 27 anos de clínica buscando entender o corpo numa relação psicossomática que é unidade, que é ação recíproca entre corpo e mente, fui invadida por muitas inquietações. Reconhecer e *viver* essa unidade são para mim um passo fundamental no entendimento das questões que angustiam, deprimem e isolam o homem do contato consigo mesmo ao contato com o outro.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Quando falo em viver, é no sentido pleno do viver (sentir, pensar e agir) o que intelectualmente entendemos, pois, quando isso não acontece, retornamos ao tempo em que corpo e mente foram separados, vistos por um paralelismo psicofísico.

Birman, (apud VIANA, 2004) aponta que, na psicanálise, o corpo foi excluído, dando margem para sua redução ao registro puramente biológico. A frequência massiva das depressões, dos quadros de somatizações, a intensa busca pelos psicotrópicos e pelos tratamentos corporais refletem esse esquecimento do corpo.

Foi em Reich o resgate do corpo, primeiro por uma leitura da psicanálise no seu estudo sobre o caráter e, posteriormente, nos seus estudos sobre a vida vegetativa, onde desenvolve todo um método de trabalho, tendo o corpo como meio de acesso ao inconsciente e entendendo através dele a estrutura do caráter com sua organização defensiva egoica inscrita no corpo pela Couraça Muscular do Caráter. Com esse conceito Reich nos apresenta as raízes somáticas da repressão psíquica apresentada por Freud.

Ao observar em seus pacientes a postura e a respiração contidas por tensões musculares crônicas, Reich percebe que os distúrbios emocionais haviam se instalado no corpo sob a forma de tensões, posturas cronificadas, bloqueios de energia, tipos característicos de movimento e rigidez - considerando, então, as manifestações do sistema nervoso vegetativo. Passa a ver a doença psíquica quebrando a autorregulação do organismo. Trabalha com a fisiologia do S.N.A., com a química da angústia, com a eletrofisiologia dos fluidos do corpo e com a hidromecânica dos movimentos plasmáticos.

Na prática clínica, Reich observa as reações de seus pacientes quando ocorria alívio emocional e percebe que vinha acompanhado de alívio das tensões - p.ex. respiração ampliava e ficava mais rítmica, mudança postural seguida de relaxamento muscular, a expressão facial se iluminava. Ele começa, então, a escutar a linguagem biológica e passa a trabalhar fazendo intervenções pela respiração, pressão em músculos tensionados para facilitar a expressão corporal das emoções reprimidas. Ele enxerga um caminho capaz de recuperar o equilíbrio do sistema neurovegetativo, liberando o livre fluxo da energia vital contida no bloqueio das tensões corporais cronificadas. Ou seja, ao liberar a emoção, restabelece-se a pulsação (função básica de expansão e contração do organismo) e, por fim, o organismo recupera a capacidade de prazer a partir de um funcionamento mais rítmico e harmonioso da pessoa.

Partindo dessa escuta, Reich começa a solicitar aos seus pacientes que respirem profundamente, elevando toda a caixa torácica, o que fazia surgir fortes conteúdos emocionais de tristeza, raiva ou medo referentes a suas histórias de vida, principalmente em relação às figuras parentais. E passa a se utilizar do toque e da massagem para auxiliar o desbloqueio nas regiões cronicamente tencionadas. Ele passa a trabalhar na linguagem biológica, utilizando-se do diálogo tônico para criar comunicação entre terapeuta e paciente, permitindo a identificação vegetativa.

A partir dessas descobertas, surgem várias escolas de psicologia e psicoterapia, na Europa e América, que começam a trabalhar e a pesquisar o método Reichiano. Inicia-se, então, na história das psicoterapias corporais, um período de muita catarse, quando alguns psicoterapeutas assumem uma postura extremamente ativa durante o processo psicoterápico.

Esse período levou aos questionamentos:

Por que algumas mudanças não são duradouras?

Qual o perigo da interpretação?

Qual o perigo de técnicas ativas?

É perigosa uma abordagem psicoterápica que permite tanta proximidade?

Fomos demais para o corpo e esquecemo-nos de integrar as experiências?

 ISBN 978-85-60036-18-9

Estamos escutando o corpo se negligenciamos as emoções, ou as palavras, ou os pensamentos, ou a ação/expressão?

No nosso desejo de dar um lugar ao corpo na psicologia e na psicoterapia o negligenciamos outra vez, pois, por outro caminho, criamos um novo paralelismo escutando só o corpo nas suas queixas físicas, na sua forma de expressão postural e gestual. Retornamos a Descarte e não queríamos admitir tal fato, o narcisismo não permitia.

Reconhecíamos a unicidade. Onde erramos? Eu diria: “Não a vivendo”.

O trabalho que escuta o corpo precisa ser psíquico e somático. Precisa entender a relação sistêmica a nível interno (biológico e fisiológico) e externo (sociedade e cultura) numa relação dialógica constante e indivisível.

A clínica me ensinou a não abandonar o velho conhecimento nem a rejeitar o novo, e sim construir pontes entre esses ensinamentos, pontes capazes de permitir uma melhor escuta em que corpo, mente e espírito são uno.

Ao reler Reich e outros pensadores do primórdio da psicoterapia corporal, deparo-me com uma citação de Janet (1929), onde ele fala da psicologia: “uma nova psicologia fisiológica substitui a concepção anterior da personalidade como alma metafísica (descorporificada). A personalidade não se encontra numa alma dessa natureza, e sim no corpo. É ficando atento ao seu corpo que você descobre sua personalidade... sentimos nosso corpo, sentimos nossa pele, sentimos o calor do corpo, sentimos os órgãos internos, e essa organização das sensações relacionadas ao nosso corpo nos dá nossa personalidade. As características de personalidade, unidade, identidade, distinção derivam das características do corpo... Não é possível avançar no estudo da personalidade sem ter antes compreendido o que significa TER UM CORPO (grifo meu).

Na sua escuta do corpo, Janet percebeu que havia relação entre deficiências respiratórias e estados neuróticos-espasmos diafragmáticos; entre as sensações viscerais e a vida emocional, que os estados somáticos de ansiedade se expressam através de distúrbios da pulsação dos fluidos dos tecidos, fazendo relação entre tecidos congestionados, circulação prejudicada e desequilíbrio emocional, a que Reich, 40 anos depois, refere-se como o princípio básico da vida vegetativo – prazer x angústia. Percebe que as lembranças do trauma estão codificadas no corpo, e para tratá-las, faz-se necessário entender os processos corporais. Afirma que movimento e consciência se encontram inseparavelmente ligados.

Hoje temos os estudos e pesquisas na área da neurobiologia e neurofisiologia, que muito têm contribuído para o entendimento do comportamento e expressão das emoções. Podemos citar Antonio Damasio, Daniel Siegel, Allan Shore, Steven Porges, que abordam essa relação por focos diferentes, mas falando dessa unicidade.

Na psicoterapia corporal, a Biossistêmica entende que corpo e mente são partes do mesmo sistema, onde nossos pensamentos afetam instantaneamente nossa tensão muscular, respiração e sensações. Estas, por sua vez, afetam nossos pensamentos. Quando aprendemos a mudar um deles, aprendemos a mudar o outro. Então trabalhamos com linguagem integrada - *mente/corpo* - estimulando a expressão não verbal dos sentimentos aliada à fala verbal, para que a palavra expresse cada vez mais a pulsão profunda.

Minha segunda aprendizagem, a mais difícil, no meu trabalho clínico, foi escutá-los com a minha corporeidade. Para me integrar, eu tinha que dar conta dos meus estados emocionais, da minha angústia e do meu prazer; poder ver e escutar minha raiva, medo, alegria e tristeza. É conhecendo o nosso corpo que nos conhecemos, e é dessa experiência que podemos ouvir, ver e sentir o outro. Se nossos sentidos estiverem bloqueados, iremos perceber o outro e o mundo ao nosso redor de forma fragmentada, distorcida. Foi quando entendi que, para o processo fluir, é preciso escutar o outro com o CORPO. Não bastava escutar com a minha mente, entender intelectualmente a dinâmica psíquica, era preciso escutar a linguagem biológica, estar aberta ao fenômeno da relação. Para ter essa escuta, é preciso estar integrada, conectada com o que vem de dentro e com o que vem de fora. É estar enraizado no corpo e na vida.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

UM EXEMPLO CLÍNICO

1º momento: trago um breve relato de uma sessão acompanhada de apontamentos de seu diário referentes a ela mesma.

[...] Sinto vergonha da burrada que cometi (tentativa de suicídio), mas sinto necessidade de aprender a cuidar de meu corpo.

Não pensei nunca que uma psicóloga teria minha cabeça em suas mãos, que conduziria minha respiração, fazendo perguntas...

(trabalho de confiança e contato onde terapeuta coloca suas mãos para acolher a cabeça da cliente – Tudo pesa na cabeça, medo de perder o controle, história de traumatismo craniano...).

– Ela pede que eu respire e faça barulho e eu não conseguia.

– Tenho vergonha de fazer barulho, não sei por quê. Desde criança, nunca brinquei falando pelas bonecas. Eu só ouvia os diálogos e percebia que era diferente das outras crianças, mas não conseguia mudar. *(Traz sua dificuldade de se expressar e se imprimir no mundo e de deixar o mundo se imprimir e se expressar nela).*

[...] - Já perdi tempo demais. Já sofri demais sozinha. E ela se apresenta pronta a dividir algo tão precioso, tão tristemente reservado... Algo que guardo porque ninguém demonstra compreensão, parece manha, não é nada visível. Só quando chega a uma convulsão...

– Mas eu sei que tenho medo de confiar até em Deus. E agora preciso confiar em alguém para poder me ajudar.

Terapeuta - “Abrir portas pode parecer estranho. Sair assusta. É mais fácil ficar onde se está”.

[...]– Era só dizer não, e eu disse sim, agora é deixar acontecer.

2º momento é referente à experiência vivida em seu 1º *workshop* terapêutico acompanhado de suas impressões

– A sexta-feira parece enorme, até chegar o sábado e ir ao encontro de pessoas diferentes, de experimentar... Qualquer coisa é melhor que um dia que não passa, que se arrasta...

– Eu topei fazer uma experiência de confiança contrária à que fiz no consultório, entreguei-me por completo ao trabalho dela e me deixei “descongestionar”, que é o contrário do que vem terminar em convulsões. *(sente-se segura para a entrega)*.

A experiência: Ela se colocava deitada no colchão enquanto duas pessoas seguravam suas mãos, uma apoiava seus pés e Eu me colocava com as mãos acolhendo sua cabeça. Nesse momento, ela estava com os olhos fechados e respirando mais profundamente. Ela foi voltando no tempo e trazendo lembranças desde a infância até aquele momento. À medida que entrava em contato com situações de trauma, vinha o pânico de uma convulsão. Nesses momentos, ricocheteávamos ela com o aqui e agora, onde ela se sentia amparada e cuidada – *a segurança construída na relação terapêutica permitia o reviver para progredir.*

– Foi um trabalho intenso, mas valeu milhões para mim. **“Eu terminei deixando que meu cérebro pulsasse em suas mãos, como se fosse um coração”**.

Nesse trabalho, ela teve dois momentos que foram marcantes de sua experiência relacional com a mãe. Uma aos 11 anos, e outra aos 23 anos. Mãe sentida por ela como possessiva, controladora, castradora e que a sufoca.

Depois de reviver essa situação traumática para ela, é proposta uma nova experiência em que ela pudesse falar para a mãe que ela cresceu e também a escutasse.

 ISBN 978-85-60036-18-9

– "Mamãe, me deixe crescer. Eu vou crescer não só no tamanho, mas em experiência e maturidade." e "mamãe, tome conta da sua vida; eu já sei cuidar da minha". *(no nível cognitivo e somático)*.

– Eu descansei muito e aprendi sobre minhas sensações. Era de uma paz enorme sentir suas mãos sobre a minha cabeça, poder dizer onde doía, pois vinham as pontadas, e eu ia dizendo tudo para ela. *(temos o relato de uma nova experiência de contato com junção cabeça-corpo que a leva ao contato com uma nova experiência de maternagem).*

– Ao final, é **sugerido para que ela abra os olhos e que toque meu rosto** *(experiência que permite a (re)organização de ações e respostas vinculadas ao início da vida)*. Os bebês e suas mães se vinculam pela linguagem do toque, em um diálogo tônico. O toque transmite calor, amor, forma o corpo, dá forma às emoções *(temos o conceito de modulação corpo mente pela emoção; e confirma a realidade da experiência-concretude, dá vida, prazer de existir, reconhecimento...).*

– Foi uma coisa muito boa senti-la em minhas mãos... E poder tocá-la era saber que ela **é realidade...** Ela não deixou que nada de ruim acontecesse, não desprezou nenhuma sensação e valeu a pena.... *(estabelece a confiança básica que estava abalada desde bebê pelo contato regenerador do diálogo tônico através da transferência somática-emocional)*

– Ela se emocionou comigo, alegrou-se quando eu respeitei meu corpo e levantei devagar... (*aprendizagem de novos comportamentos com reorganização de ações e respostas – sentimento com sentimento, ela pode estar com o outro sem medo de sentir – experiência reparadora)*.

Quando uma pessoa se sente cuidada e amada, ela segue o fluxo da vida e se permite alcançar o mundo e ser alcançada pelo mundo com seus sentimentos, em que ideias e excitações se juntam, corpo e mente passam a ser o que sempre foram – UM.

Como somos seres em processo em constante evolução, aprendi que escutar o corpo é admitir não saber o significado do gesto, da palavra, do silêncio que acontece na relação terapêutica, mas sim ficar atento ao diálogo do corpo que comunica, por exemplo, se fomos inibidos ou estimulados em nossas ações. Escutar a linguagem biológica transcende as convenções do linguajar social.

Entender que às vezes era difícil viver a integração me ajudou a entender melhor o meu paciente e entender o que Siegel fala sobre a importância dos pais na regulação dos estados emocionais internos e externos da criança que irá moldar seu comportamento futuro.

O terapeuta biossistêmico trabalha com o paciente para que aflorem e se manifestem emoções não expressas.

UM SEGUNDO EXEMPLO CLÍNICO

Esta paciente em sua postura apresenta uma aparência envelhecida em um corpo colapsado, hipotônico, um olhar que transmite súplica, respiração curta, contenção muscular, principalmente na região pélvica e coxas.

– Vou apresentar um breve relato de uma sessão cujo tema central foi seu senso de SER e a necessidade de segurança.

Ela traz o seguinte diálogo logo que entra na sala.

– "Não posso necessitar, **porque tenho que ser só e resolver tudo**".

Propus que ela se colocasse em pé. (trabalho de enraizamento – *grounding*). **Ao se sentir sobre suas pernas** fala:

– "é pesado ser responsável por si mesma".

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Eu coloco minhas mãos sobre suas costas com a ideia de oferecer um apoio

– "não posso me entregar, pois não está certo..." *(aparece o conflito criança-adulto - fala da mensagem familiar implícita de "não precisar do outro").*

Quando sugerido que ela experimentasse se deixar ir mais um pouco no apoio, veio o medo de ser "devorada"... *(entra em contato com uma experiência emocional negativa quando necessitava do outro em seu passado. Mudança corporal acompanhada de uma imagem onde corpo se encolhe)*.

Sugiro para ela buscar outro lugar, que seja menos ameaçador *(experimentar novos comportamentos através de novas posturas diante da outra)*

Ao encontrar um novo lugar, fala afastada do apoio:

– "Me sinto aliviada... tenho dor de barriga, tenho medo". *(surge novo conflito relacional. O vínculo do passado com a mãe e os vínculos atuais se misturam onde a experiência é um lugar sem saída: "se estou apoiada sou devorada, se me afasto sou abandonada")*.

– "Se eu fico com minhas próprias pernas, não sou mais criança, e crescer é não ser amada".

– Fala do desejo de ser igual à mãe, ser a grande mulher que ela é. Ser igual para ser reconhecida por ela e pelo pai. *(compreensão cognitiva do conflito – oferecida pela experiência somática. Ocorre a integração PALAVRA E CORPO)* Podemos perceber uma i*dentificação e o medo de diferenciar-se, que a coloca presa num corpo de criança - só posso crescer e ser amada se for como ela*.

– À medida que ela vai colocando essa fala, o terapeuta vai ajudando a abrir o peito que é muito fechado e com ombros para baixo. *(Propicia a experiência de falar numa outra forma – reorganização de uma nova forma)*.

– "Essa abertura me assusta". Relata dores nas costas e pelve e aumento da dor nas pernas, acompanhados de um medo de cair. *(mexer com o corpo mexe com o sistema de proteção e angústia. Surgem sensações corporais que trazem o medo de cair – físico e emocional – e podem expressar a dor reprimida).*

– Vem a dor de não ser como a mãe, **profunda tristeza aparece no seu corpo - na postura, na expressão, na fala** *(dor de não ser amada)*. Sente dor no peito e taquicardia. *(corpo fala dos traumas, dos medos de se constituir diferente do desejo dos pais).*

Traz nesse momento uma lembrança de uma fala dos pais para ela.

– "Você não passará de uma pessoa medíocre, porque não luta pelo que quer".

- [...] "Só serei amada se for competente, superinteligente, independente, a melhor, a filha ideal" *(traz a imagem do que é ser igual à mãe, e que para isso precisa negar suas sensações e sentimentos)*.

– Sobre suas pernas me "encarando" pode falar para a mãe quem ela é, mostrando seus sentimentos como o medo, a tristeza, a raiva e o ódio, ao colocar o conflito da necessidade x autonomia. *(Ela pode experimentar uma nova organização corporal que expressa assertividade e autonomia ao expressar a raiva reprimida).*

Na sua subjetividade, mostrar os sentimentos para a mãe é não ser aceita, porque ser forte é ter tudo isso sob controle. Essa atitude criou um colapso no corpo que se fechou. *(O corpo deprimido é o corpo que busca ser igual e sente-se pequeno por não conseguir).*

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO
ISBN 978-85-60036-18-9

Ela prossegue em sua fala: – "Ficar com ombros fechados e cabeça baixa é me sentir segura. Com o peito aberto me assusta porque é agressivo, alguém que briga, é não ser menina é ser mulher e não ser mais amada". *(tem uma compreensão de sua dinâmica, da prisão que se encontra na vida – Há uma construção interna, antiga, onde ser assertiva e forte está associado a perder a suavidade, a doçura, a necessidade de apoio e não poder expressar seus sentimentos).*

Ela não quer sentir-se deprimida e pequena, mas essa é a única forma que conhece de segurança. Essa organização sistêmica permite precisar da mãe e se deixar cuidar e ser nutrida ao mesmo tempo em que recusa o alimento quando tem o apoio e o nega. **O suporte materno assusta** – **Estar só assusta: aqui temos a impossibilidade do encontro com o outro e consigo mesma.**

À medida que no trabalho terapêutico ela pode integrar o seu sentimento com seu pensamento, palavra e corpo, através da liberação da energia pela expressão da raiva e da dor até então inibida, o corpo começou a ter uma nova forma, e ela pôde ficar um pouco assertiva na vida e experimentar o prazer. Sua aparência ficou mais jovem e madura.

Essa experiência nos mostra o quanto o corpo expressa quem você é pela sua forma de estar no mundo; e que ao experimentamos um novo sistema, podemos viver uma nova forma.

Kignel (2005), ao falar da relação terapêutica, traz a ideia que trabalhamos sempre com a dança e o som das diferenças, proporcionando uma transformação de problemas em recursos, mediante campos motores, elementos de toque, conexão de linguagem [...], saindo da regressão compulsiva para a progressão criativa.

Estamos sempre nos comunicando, mesmo não verbalmente, e as palavras são quase sempre a parte menos importante. Um suspiro, sorriso ou olhar são formas de comunicação. Até nossos pensamentos são formas de nos comunicarmos conosco, e eles se revelam aos outros pelos nossos olhos, tons de voz, atitudes e movimentos corporais mediados pelas articulações que mediam forças físicas e também psicológicas que as atravessam em busca de expressão.

O movimento limitado fala de um corpo bloqueado. O corpo comunica pelo movimento, pela posição que assume, pela forma, pela organização de traços do rosto, que é o estilo pessoal de uma pessoa estar no mundo. Não podemos esquecer que a forma do corpo e do rosto pode ser culturalmente programada e esteticamente esculturada, mas o rosto adquirido e a maneira de conduzir o corpo carregam a marca de nossa cultura e também funcionam como nossa assinatura pessoal. Cada parte do nosso corpo conta a história de nossa trajetória singular e única.

O gesto é singular, é micromovimento e tem para a pessoa que o faz um significado próprio, não universal. É preciso escutar o todo contido no gesto. Gesto aqui como linguagem orgânica que permite o acesso à emoção inibida, que não tem expressão nem palavra. Daniel Stern fala que os gestos, posturas, ações e vocalizações não verbais estão como precursores da linguagem – formas protolinguísticas.

O gesto como signo, sinal, vai da universalidade ao significado da experiência pessoal. Maurizio, ao falar do gesto e seu movimento na psicoterapia biossistêmica, traz dois pontos importantes: primeiro nos lembra de que o gesto não está só conectado com o presente, mas também com uma história sensoriomotora; segundo, ele é o componente profundo da emoção e através dele vamos criar uma história corporal.

A linguagem orgânica, o movimento corporal está onde ainda não se fez palavra. O corpo em sua organização, em sua forma, fala das nossas faltas, ausências, excessos, invasões e do não vivido. O psicoterapeuta corporal precisa prestar atenção ao corpo, e isso não é ler o corpo, não é interpretar, é experimentar o corpo, é trabalhar no corpo, é criar movimento que cria espaços e possibilita novas formas de expressão.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

A escuta do corpo é infinita:

Sente e é sentido

Toca e é tocado

Fala e é falado

Escuta e é escutado

Se expande e se contrai.

SE COMUNICA...

Isso significa que, ao tocarmos um corpo, tocamos uma pessoa com toda sua história, e muitas vezes acordamos uma criança ferida que precisa ser escutada com um carinhoso respeito para que possa explorar novas possibilidades na vida.

REFERÊNCIAS

BOADELLA, David. **Despertando a sensibilidade, recuperando a mobilidade. Síntese psicofísica nos alicerces da psicoterapia corporal:** o legado de 100 anos de Pierre Janet (1859-1947). Tradução de Maya Hantower. International Journal of Psychoterapy, vol.2, nº 1, 1997, [s.p].

KELEMAN, Stanley. **Corporificando a Experiência:** construindo uma vida pessoal. Tradução de Regina Favre e Rogério Sawaya. São Paulo: Summus, 1995.

_____. **O corpo diz sua mente.** Tradução de Maya Hantower. São Paulo: Summus, 1996.

KINGEL, Rubens. **O Corpo no Limite da Comunicação.** São Paulo: Summus, 2005.

LISS, Jerome; STUPIGGIA, Maurizio. **A terapia biossistêmica**: uma abordagem original da terapia psicocorporal. São Paulo: Summus, 1997.

STUPIGGIA, Maurizio. **O Corpo violado**: uma abordagem psicocorporal do trauma do abuso. Tradução de Roberto Chiattone e Nelson Patriota. Natal: EDUFRN, 2010

VIANA, A. Diane. **Figurações da corporeidade**: Por uma concepção psicanalítica de corpo pelas bordas da pulsão. 2004. Dissertação. (Mestrado em Teoria Psicanalítica) -

Programa de Pós-graduação em Teoria Psicanalítica, UFRJ, Rio de Janeiro.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

LE PAROLE E IL SILENZIO DEL CORPO

Maurizio Stupiggia
Scuola italiana de biosistemica

UNA SVEGLIA UN PO' COMPLICATA

La prima luce filtra attraverso le fessure delle vecchie imposte. "E' mattino... che ora sarà?... tra poco suona la sveglia e mi devo alzare. Ho gli occhi gonfi, la testa pesante e per il resto sento solo una serie di dolorini tra il collo e le spalle." Gradualmente prendono vita i pensieri, in maniera disordinata, senza precise connessioni che io possa riconoscere: "E' sporca la camicia, devo cambiarla?... Oggi sono a pranzo con i colleghi... Che strano sogno stanotte!" Poi, senza una decisione consapevole, comincio a muovere le dita dei piedi, poi i piedi e così alla fine mi trovo ad allungare le gambe: è come se cominciassero ad esistere nel momento in cui le muovo, prima erano come invisibili ed insensibili. E' piacevole! E assieme alle gambe mi si mette in moto anche il respiro: faccio un lungo sbadiglio, e così mi viene spontaneo sgranchirmi le spalle e provare a sciogliere anche i muscoli del collo. Mi accorgo che per qualche istante ho abbandonato i pensieri, non mi ricordo nemmeno cosa stavo pensando, ma quello che è più importante è che adesso mi sento meglio, più leggero e più vivo, anche gli occhi si sono un po' sgonfiati; guardo la stanza nella penombra, mi sento calmo, come se fossi in un tempo sospeso e protetto. La calma dura solo qualche istante, perché arriva immediatamente un pensiero: "devo telefonare a quel collega di Roma, non posso più aspettare, anche se non mi piace l'idea di chiedergli quella cosa. Se aspetto troppo, dopo può essere tardi" Bastano 10-15 secondi di questo brusio mentale per sentire che i piedi si sono fermati e che le mani hanno cominciato a muoversi, con le dita che si strofinano le une sulle altre. Avverto adesso una lieve tensione in tutto il corpo: quel piacevole senso di sospensione liquida è sparito, e al suo posto c'è quel senso di instabilità che mi avverte che forse non sono nel posto giusto: "Lo chiamo entro oggi così non ci penso più!", mi giro sul fianco e mi alzo di scatto. Così va meglio; l'instabilità è svanita e sono invece preso dalla voglia di mettermi in moto, e per prima cosa di andare in bagno, adesso sento che ho una gran pipì e mi alletta l'idea della doccia calda. Sto entrando in bagno con queste chiare intenzioni, ma mentre sto varcando la soglia, suona il telefono; è strano che qualcuno chiami a quest'ora, deve essere qualcosa di urgente, devo per forza rispondere. La sensazione *pipì-e-poi-doccia* viene relegata in un angolo del mio campo percettivo, e i miei passi cambiano direzione. Vado a rispondere!

Cosa c'è di rilevante in questo esempio di ordinaria sveglia mattutina? Cosa ci può interessare ai fini di una migliore comprensione del funzionamento globale del nostro essere?

Ciò che qui appare come una semplice ordinarietà è in realtà il risultato di una serie di azioni e reazioni continue, sia a livello corporeo che mentale, che mantengono in un certo equilibrio lo stato della persona: è ciò che chiamiamo autoregolazione, o regolazione monadica, per distinguerla dalla regolazione diadica e interattiva.

Se osserviamo in maniera dettagliata i passaggi di questa sequenza, notiamo innanzitutto che c'è una continua alternanza tra affioramenti di sensazioni/movimenti corporei e flusso di pensieri, in una sorta di spirale che tocca alternativamente prima l'uno e poi l'altro, e che costruisce situazioni e processi via via sempre un po' più complessi. Il mio stato iniziale, appena sveglio, era semplice e parzialmente disorganizzato, poi a mano a mano che il tempo passava, emergevano nuovi stati che richiedevano nuove integrazioni, fino ad arrivare ad un culmine in cui era necessaria una organizzazione gerarchica degli stati psico-corporei, per poter prendere una decisione, quella di andare innanzitutto a rispondere al telefono. Tutto ciò sembra semplice ed ovvio, ma lo è davvero?

Torniamo alla sequenza iniziale, ma proviamo ad immaginarla con un altro svolgimento.

Immaginiamo per esempio un'altra persona che si sveglia e che, invece di cominciare a mobilizzare i piedi e le gambe, stimolando il respiro, continui a seguire il flusso dei pensieri nel loro corso anarchico e rizomatico fino a che non suona la sveglia. A quel punto, mentre

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

sta per alzarsi, le sensazioni emergenti dal suo corpo sono quei dolorini alle spalle e al collo, che ne rallentano i movimenti e che soprattutto ne diminuiscono la voglia di togliersi dal letto. Senza un'idea specifica di un "compito" da svolgere in quella giornata, e con sensazioni corporee spiacevoli il nostro soggetto può entrare in uno stato umorale lievemente negativo, e quando suona il telefono, la vaghezza mentale e la tensione fisica fanno sì che lo squillo arrivi come una fastisiosa scarica elettrica. Il nostro amico si blocca, si tende e comincia spaventarsi per l'insolito orario della chiamata. E' probabile che in quell'istante diventi per lui ragionevole pensare che la vita è una serie di fastidi e di minacce.

Oppure, come altra opzione, può accadere che in mezzo al vagare dei pensieri emerga ad un certo punto quel richiamo al dover telefonare al collega di Roma; ma senza quel piacevole senso di leggerezza, e in presenza invece dei dolorini alle spalle, quel "compito" può diventare un vero e proprio peso che schiaccia ancora di più il nostro protagonista sul letto. E anche in questo caso il senso mattutino della vita assume contorni spiacevoli, di peso, fastidio e minacciosità.

Fin qui nulla di terribile, ma questo può essere l'inizio di una giornata che prenderà una piega diversa a seconda dello stato emotivo d'esordio. Un po' come quelle perturbazioni che in breve tempo possono diventare veri e propri uragani. In fondo possiamo liquidare la faccenda etichettando il nostro amico come leggermente depresso, ma questo non ci spiega le cose, le etichetta soltanto.

IL SENTIMENTO DI FONDO

Entriamo perciò nel concreto dei due tipi di situazioni. Ciò che inizialmente fa la prima differenza nello sviluppo della sequenza è la mobilizzazione dei piedi e delle gambe: nel primo caso questo comporta una maggiore sensibilizzazione del corpo, un aumento del respiro ed una vitalizzazione di base (innalzamento dell'*Arousal*). Detta così sembra una banalità, una sorta di ginnastica salutare ma ininfluente, ed invece noi ne vediamo la conseguenza a livello di interazione con le altre componenti dello stato di coscienza: cambia la sensazione corporea (leggero, vivo, ecc.), si espande la mappa di percezione delle varie parti del corpo (sento piedi e gambe), vi è un piccolo rimbalzo dal simpatico al parasimpatico (calmo come in un tempo sospeso e protetto) e di conseguenza un'organizzazione dei pensieri nella focalizzazione di un'idea (la telefonata da fare) che viene affrontata con una adeguata trasformazione dello stato corporeo (dal piacevole torpore all'attivazione muscolare) che porta ad una decisione mentale propositiva e attiva (Lo chiamo entro oggi!).

Ciò che abbiamo appena descritto può essere visto come una trasformazione di quello che Damasio chiama "*il sentimento di fondo,* che corrisponde allo stato corporeo che prevale tra le emozioni. E' la nostra immagine del *paesaggio corporeo* – dice Damasio - quando questo non è agitato da emozioni. Il senso del corpo è, di fondo, sempre presente, anche se si può non accorgersene, dal momento che esso non rappresenta una parte specifica di qualcosa del corpo, ma piuttosto uno stato complessivo di quasi tutto ciò che vi è in esso." (Damasio 1995, p. 217) Possiamo affermare allora che nelle tre microstorie appena raccontate cambia ogni volta il sentimento di fondo, e questo è un elemento fondamentale e basilare per la formazione successiva di una tonalità emotiva più definita o per delle emozioni vere e proprie. Ciò che stiamo descrivendo assomiglia molto a quelli che Stern chiama "*affetti vitali",* quegli stati quasi-emozionali che "accompagnano il flusso affettivo-intenzionale e trasmettono una linea di tensione drammatica e un senso di coerenza rispetto al momento presente. Gli affetti vitali sono intrinseci ad ogni tipo di esperienza; per esempio, un moto di gioia o di rabbia, una luce che inonda improvvisamente una stanza, una sequenza accellerata di pensieri, un afflusso di sensazioni evocate dalla musica, un colpo doloroso e una dose di narcotici, possono tutti essere percepiti come 'ondate'. Tutte queste esperienze sono accomunate da un livello di attivazione e da un flusso affettivo simili - in altri termini, da uno stesso affetto vitale." (Stern 2005, p.55-59)

E come ci ricorda lo stesso Stern, "*i sentimenti di fondo* descritti da Damasio sembrano sovrapporsi agli affetti vitali." Tuttavia, sempre secondo Stern, Damasio è meno interessato agli aspetti temporali e si sofferma di più sulle sensazioni provenienti dal corpo.

ISBN 978-85-60036-18-9

La concezione di emozione proposta da Antonio Damasio mette, in effetti, al centro la percezione degli stati corporei; secondo la sua concezione i cambiamenti degli stati del corpo vengono percepiti e rappresentati a livello cerebrale sotto forma di quelli che definisce come "marker somatici" e questi, a loro volta, costituiscono la base delle nostre emozioni.

L'attivazione/sensibilizzazione corporea del primo esempio muta il *paesaggio corporeo* di base, che modifica a sua volta il *sentimento di fondo*: a questo punto il sistema globale assume una sorta di predisposizione positiva al mondo, agli stimoli ambientali, e permette una maggior flessibilità davanti alle novità. Il primo è un chiaro esempio di un crescendo armonioso di attivazione e di adattamento agli stimoli che di volta in volta si presentano. Negli altri due esempi abbiamo invece un esito diverso: una sorta di inceppamento del processo, nella prima eventualità; addirittura di collasso e lo sprofondamento nella seconda. Non stiamo qui parlando di casi tanto lontani dalla realtà, ma di situazioni molto frequenti, che tante volte sentiamo raccontare proprio così da quei clienti che stanno attraversando periodi di depressione o di *empasse* esistenziale.

A questo proposito ci è di grande utilità il lavoro di ricerca di Jerome Liss sul flusso di coscienza (Liss, 2007), che descrive puntualmente la fenomenologia di queste spirali di pensieri e sensazioni della persona che vive momenti protratti di solutudine, e ne dà una spiegazione in termini neurofisiologici.

Ovviamente non stiamo proponendo qui il fatto che basta strofinarsi i piedi e fare un respiro per uscire da uno stato di pesantezza e depressione, ma vogliamo cominciare ad analizzare quei microprocessi che stanno alla base degli stati emotivi, che poi a loro volta concorrono a formare le grandi costellazioni sintomatiche e psichiche in genere.

Molta parte della attuale ricerca in psicoterapia comincia ad interessarsi molto più attivamente ai microprocessi, dopo una prima fase storica di attenzione rivolta quasi esclusivamente ai macroconcetti e alle grandi costellazioni patologiche.

E il corpo è ovviamente centrale in questa modalità di osservazione e di intervento. Ma per la maggior parte degli approcci terapeutici il corpo è stato lasciato fuori dalla "cura attraverso l'atto di parola" (*talking cure*). La maggioranza dei terapeuti è addestrata ad osservare le sembianze e i movimenti del cliente, ma una sostanziale attenzione all'esperienza corporea del cliente è ancora largamente lontana dalle modalità di intervento degli approcci tradizionali.

I terapeuti formati negli ambiti psicodinamici o cognitivisti sono competenti nell'ascoltare il linguaggio, le fantasie, le associazioni mentali, i segni di conflitto; essi analizzano le trame narrative dei loro clienti, fino a scoprirne le falle, le contraddizioni, i non-sensi; essi annotano accuratamente le posture dei clienti, perfino i sottili cambiamenti nel peso, nella scelta dei vestiti, l'incuria di una persona depressa o l'agitazione di un'ansiosa.

L'approccio biosistemico, che qui proponiamo, tiene conto di tutto questo, ma include in più il corpo come luogo di sensibilità e consapevolezza e impiega una serie di strumenti non abitualmente utilizzati nelle terapie tradizionali. Pensiamo che l'incontro tra queste due metodologie possa essere molto fecondo ed aumentare la profondità dell'intervento.

REGOLAZIONE TOP-DOWN E BOTTOM-UP

Per comprendere a fondo ciò di cui stiamo parlando, occorre introdurre il concetto di regolazione verticale dei processi di elaborazione dell'esperienza, partendo dalla suddivisione in tre livelli: sensomotorio, affettivo/valutativo e cognitivo. Questa suddivisione si basa sulla teoria della struttura cerebrale proposta da Paul Mac Lean (1985): il livello sensomotorio comprende le sensazioni e i movimenti e corrisponde alla parte bassa del cervello; i processi valutativi che stanno alla base delle emozioni hanno una corrispondenza con la parte media, il sistema limbico; i processi cognitivi hanno la loro sede primaria nelle cortecce superiori. Questi tre livelli interagiscono l'uno sull'altro e si condizionano reciprocamente, funzionando come un tutt'uno, in una costante interdipendenza.(Fisher & Murray 1991)

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

C'è da dire che questi tre livelli sono collocati gerarchicamente, nel senso che i livelli superiori influenzano e dirigono quelli inferiori. Noi possiamo per esempio decidere di ignorare la sensazione di fame, anche in presenza di secrezioni di saliva e contrazioni dello stomaco, e continuare ciò che stiamo già facendo o pensando. E' quello che è successo nel caso descritto all'inizio, quando la necessità di rispondere al telefono mette da parte i bisogni fisiologici. Questa si chiama "regolazione top-down" (Le Doux, 1996, p.272), e indica il fatto che il livello superiore (in questo caso cognitivo) interrompe o prevarica quello inferiore, influenzando quindi sostanzialmente tutto ciò che sta sotto, in senso di gerarchia cerebrale.

Ed è lo stesso processo che avviene nell'esempio descritto all'inizio, quando un pensiero ben definito ("Lo chiamo entro oggi così non ci penso più!") trasforma la sensazione di instabilità in tonica attivazione. Noi adulti generalmente utilizziamo questo tipo di regolazione: facendo pianificazioni e programmi, anche solo per qualche ora, riusciamo a portare a termine i nostri compiti a dispetto della fatica e di sensazioni o valutazioni non sempre piacevoli.

Al contrario i bambini sono fondamentalmente dominati dal tipo complementare di regolazione, quella bottom-up, essendo i bimbi più legati al corpo e alle emozioni. Come dice Alan Shore, i bambini sono "creature sottocorticali". Ma anche noi adulti spesso siamo alla mercè, a volte piacevole e a volte molto dolorosa, dei nostri stati sensoriali e delle nostre reazioni fisiche, e ciò accade soprattutto quando cadiamo in certi buchi neri del nostro passato.

Schematizzando, le due modalità, top-down e bottom-up, rappresentano le due direzioni di elaborazione dell'esperienza. Il processo top-down inizia nella corteccia e coinvolge il pensiero e il ragionamento; modula e regola i livelli inferiori. Il processo bottom-up, d'altra parte, inizia a livello sensoriale, motorio ed affettivo/valutativo, è un processo evolutivamente più antico, fonda i processi tardivi di pensiero e rappresenta un elemento di comunanza con le altre specie di animali.

I modelli terapeutici tradizionali si basano sull'idea che il cambiamento avviene attraverso un processo di espressione e formulazione narrativa, e dunque nella direzione top-down. La premessa di base in questo caso è che un significativo cambiamento nelle cognizioni e nei sistemi di valutazione di una persona induce e causa altrettanti significativi cambiamenti nella sua esperienza corporea e nel senso complessivo del Sé. Il primo bersaglio è quindi il linguaggio del cliente, vale a dire il processo di narrazione: attraverso le rappresentazioni verbali vengono esplorate le credenze, gli affetti, i modelli operativi interni e tutto ciò che si ritiene fondamentale per una trasformazione del Sé.

Accanto a ciò, noi proponiamo di aggiungere l'altra metodologia di intervento, bottom-up, che ha come focus di attenzione le sensazioni, i movimenti, il respiro, il contatto corporeo e tutto ciò che ha a che fare con i "livelli bassi" del nostro cervello.

La combinazione e l'integrazione delle due direzioni di lavoro costituiscono il fulcro di lavoro dell'approccio biosistemico, in un gioco di interscambio o di scelta clinica legata al cliente che di volta in volta si presenta.

Tornando ancora una volta all'esempio da cui siamo partiti, vediamo come queste due direzioni funzionino e si scambino anche nello spazio di pochi secondi: il movimento dei piedi e delle gambe, nel letto, è infatti una chiara regolazione dal basso, che modifica lo stato complessivo della persona. Andando più a fondo del processo, noi sappiamo ora (Edelman 2004, Liss 2007) che i movimenti muscolari ripetuti sono connessi con l'attivazione dei *gangli della base*, i quali a loro volta influenzano una certa regione del *talamo*, il quale ha una proiezione sulla *corteccia orbito-frontale*: ciò significa che questi movimenti possono stimolare le funzioni cognitive e di pianificazione della persona. E questo è proprio ciò che succede durante la sveglia mattutina dell'esempio: una semplice forma di regolazione dal basso.

Ma di questi tipi di regolazione noi ne abbiamo frequentemente durante la giornata. Siamo stanchi di stare davanti al computer e ci alziamo per sgranchirci le gambe: *abbiamo bisogno di "snebbiarci" la testa*; stiamo parlando con qualcuno di particolare e ci viene da grattarci o da sistemarci i capelli: *cerchiamo di uscire dall'impaccio dalla timidezza*; stiamo pensando

 ISBN 978-85-60036-18-9

alle innumerevoli cose che dobbiamo fare nei prossimi giorni e facciamo un sospiro profondo: *proviamo a prendere un po' di spazio dall'accerchiamento degli impegni*.

Tutte queste piccole "pratiche" quotidiane sono modi di cambiare il nostro stato di coscienza e la nostra percezione globale, per stare meglio nelle situazioni o per affrontare in maniera più efficace le nostre esperienze interne ed esterne.

Al tempo stesso queste stesse micro-pratiche ci aiutano, nel corso della nostra crescita ed evoluzione, ad adattarci al mondo e alle circostanze: un bambino che vive in una famiglia molto conflittuale può sperare di "sopravvivere" se si defila, e per far ciò, diminuisce il volume della voce, restringe il respiro, guarda prevalentemente in basso, incurvando la schiena; un altro cercherà di porre rimedio alla sua continua voglia di piangere, contraendo cronicamente i muscoli del viso e la gola, in modo da ricacciare indietro quel fastidioso impulso; un altro ancora dovrà rimediare a quel senso terribile di vuoto che regna nella casa, mantenendosi in costante movimento, fino all'agitazione cronica. Ovviamente questi tre ipotetici, ma molto realistici, bambini svilupperanno forme di pensiero adeguate al tipo di regolazione corporea sviluppata: il primo potrà pensare che la cosa più importante nella vita sia evitare i guai; il secondo si abituerà a fingere e a tenere tutto dentro; il terzo, infine, non conoscerà il riposo e sarà profondamente convinto che la passività sia pericolosa e da disprezzare.

Possiamo dire che le prime forme di autoregolazione contribuiscono alla strutturazione del senso di sé. Il senso di sé non emerge solo nel contesto di pensieri, credenze ed immagini, ma anche dall'organizzazione fisica del corpo, ed il lavoro combinato mente/corpo (top-down e bottom-up) non allevia solo i sintomi ed il dolore del passato traumatico, ma aiuta a riorganizzare il senso di sé. Non appena l'organizzazione del corpo cambia, in termini di postura, movimento e livello di attivazione e tono energetico, emerge un differente, e più positivo, senso di sé. Una persona può, per esempio, rendersi conto di quanto sia connesso il suo senso di inferiorità ed umiliazione al collasso della sua spina dorsale, e come sia importante lavorare contemporaneamente su ambedue gli aspetti. Egli si accorge che la sua colonna si raddrizza in concomitanza con il cambiamento della sua visione di sé e del mondo, e che contemporaneamente le sue convinzioni mentali mutano con il persistere delle nuove sensazioni che provengono dalla sua colonna eretta.

ENNIO: IL PREZZO DELL'INVISIBILTA'

La prima volta che incontro Ennio nel mio studio mi colpisce la sua lentezza nel parlare, la voce sommessa, il busto ripiegato in avanti con gli occhi che guardano in basso e di lato: mentre lo ascolto, mi sembra che l'atmosfera intorno a noi diventi improvvisamente pesante, e anch'io vengo preso da un lieve torpore. Mi spiega che è venuto a consultarmi per uscire da un modo di vivere che non riesce più a tollerare: lavora in maniera frenetica fino allo stremo, e poi si trova a crollare nei momenti in cui vorrebbe riposarsi, in una sorta di collasso emotivo che lo porta a sentirsi depresso e arrabbiato.

"Poi per fortuna questi momenti finiscono perché si riprende a lavorare – mi dice – ma io sono esausto di questo ritmo... e ormai non ho più una mia vita, solo lavoro, lavoro, clienti, problemi e problemi!"

"Ogni volta che smetto di lavorare e ho un giorno libero – continua a raccontare Ennio – mi riprometto di passarlo in modo diverso, di organizzarmi in maniera tale da fare cose belle o rilassanti, ma poi, quando arriva il momento, è sempre la stessa cosa: mi incupisco, mi sento perso e mi sembra che niente abbia senso. Da un po' di tempo mi sono detto che forse devo provare a guardare le cose in modo diverso, che non è possibile *fare* anche quando potrei riposare... che va bene anche se non faccio niente di particolare... che ho già fatto abbastanza durante la settimana e che adesso posso rilassarmi e non fare niente... che va bene così, senza niente di speciale."

"E funziona?", chiedo io con curiosità.

"No, per niente. Non cambia niente, sempre lo stesso. E così mi deprimo sempre di più. E' che così non riesco neanche ad avere amici, contatti, e questo peggiora le cose."

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Prima di continuare il resoconto della seduta vorrei sottolineare il fallimento dei tentativi di Ennio di autoregolarsi emotivamente, attraverso quel processo dall'alto, di top-down, cercando di modificare i suoi stati d'animo attraverso la manipolazione e la trasformazione dei suoi pensieri. E' un tentativo molto apprezzabile di reinterpretare la sua esperienza e di ricodificarla secondo dei parametri che gli permettano di viverla i maniera positiva. Ma, come possiamo notare, i suoi sforzi non sono premiati: è come se lui picchiasse continuamente contro una roccia troppo dura ed inamovibile. Ed è questo che lo spinge a venire a chiedere aiuto, il fallimento delle sue strategie di autoregolazione.

"Sono qui per questo – dice infatti Ennio concludendo il racconto dei suoi disagi – e vorrei rompere questa situazione." E mentre dice questo, alza lievemente il braccio, in un gesto che potrebbe sembrare un modo per mandare a quel paese qualcuno.

"Ti sei accorto di aver fatto un movimento con il braccio?" gli chiedo.

"No,... cioè sì, ma non mi pare importante. E' un modo di parlare gesticolando che non vuole dire niente"

"Effettivamente – gli confermo – non è detto che i gesti vogliano sempre dire qualcosa, e non è mia intenzione mettermi ad analizzarli. Vorrei però provare, assieme a te, a rifare quel movimento, per sentire che effetto fa, che sensazioni ti trasmette."

Ennio mi guarda un po' sorpreso, come se io stessi dicendo qualcosa di molto strano, ma capisco da un suo cenno che ha deciso di assecondare la mia proposta.

Io lo invito allora con lo sguardo e un cenno della mano a provare a rifare il gesto di prima. Ennio si osserva la mano e poi il braccio, e molto lentamente cerca di ricontattare la memoria di quel movimento di pochi istanti prima; ad certo punto è come se il suo corpo ricordasse e lui fa proprio lo stesso movimento; mi guarda, e io annuisco col capo:" Bene, sì è proprio quello, puoi ripeterlo per esplorarne meglio le sensazioni?"

Ennio comincia a rifarlo, guardandosi attentamente il braccio, e modificando impercettibilmente il movimento ad ogni esecuzione.

"Puoi farlo con più forza?", gli chiedo dopo che aveva preso un po' di familiarità con la cosa.

Qui accade una cosa sorprendente. Ennio segue la mia indicazione, senza mostrare indecisioni o dubbi, e alza quindi per due volte il braccio, ma con più decisione ed intensità, e anche il viso si contrae leggermente, le labbra e gli occhi si stringono, ed il respiro ha un sussulto: l'aumento di intensità del gesto trascina con sé una serie di trasformazioni nel resto del corpo. Ma non è questo il punto: mentre sta per iniziare per la terza volta il movimento, Ennio si blocca, cominciano a tremargli le mascelle, mi guarda e mi dice: "Troppo dolore! Ho l'impressione che se continuo rischio di sentire troppo dolore."

Lo guardo un po' stupito, è una frase che mi sembra uscita dal nulla, tanto è repentina e forte nella sua drammaticità. Non dico niente, dandogli il tempo di spiegare o di continuare.

"Ho toccato per un attimo una enorme sofferenza – mi dice rimanendo quasi immobile con il braccio ancora sospeso – è troppo per me, non ce la faccio." E a quel punto si accascia sulla poltroncina sospirando. E' un momento di svolta della seduta, perché dopo pochi istanti comincia a raccontare.

E' una narrazione lunga, densa e a tinte forti, quasi l'opposto del suo stile di presentazione in quell'esordio di seduta. Racconta molti episodi della sua infanzia, pieni di violenza e di ingiustizia, ma soprattutto di un'atmosfera familiare sempre tesa, cupa, dove c'era sempre il rischio di prendersi delle urla e delle botte.

" E così ho dovuto diventare invisibile – dice alla fine – per scampare ai pericoli, e non essere preso in mezzo."

ISBN 978-85-60036-18-9

Ora diventava chiaro il suo modo di essere: quella voce bassa, i modi lenti e indiretti, quel suo essere tanto ritirato da sembrare quasi sedato, rappresentavano la sua strategia autoregolatoria rispetto ad un'atmosfera familiare per lui dolorosissima. Il modo che Ennio aveva trovato per non soffrire troppo era stato appunto quello di diminuire globalmente l'attivazione (Arousal) ma senza diminuire lo stato costante di all'erta: una sorta di vita a rallentatore ma mai veramente lenta e rilassata. I suoi movimenti erano infatti sempre trattenuti e controllati, raramente lasciati andare ad una naturalezza imprevedibile. E qui vediamo come la modificazione di una delle componenti emozionali, quella corporea-muscolare, può modificare la percezione emotiva di sé, facendo quasi sparire uno stato estremamente doloroso, fatto di paura, rabbia, protesta e voglia di fuggire o di spaccare tutto. L'emozione è infatti un crocevia dove si incontrano istanze differenti: sensazioni viscerali, movimenti muscolari, pensieri e immagini; tutto questo all'interno di una cornice ambientale che ne plasma l'origine e ne sovradetermina il senso.

L'EMOZIONE

Questa definizione, fondamentalmente fenomenologica, trova riscontro in quella di alcuni neurofisiologi che se ne sono occupati:

"Le emozioni sono viste come flussi di energia, o stati di arousal e attivazione, che coinvolgono il cervello e altri sistemi dell'organismo, e che a livello della mente influenzano l'elaborazione delle informazioni attraverso processi di valutazione dei significati. Abbiamo identificato tre fasi principali della risposta emozionale. In un primo momento, uno stimolo (interno o esterno) può evocare uno stato di orientamento iniziale, che è associato alla sensazione "Sta succedendo qualcosa di importante: fare attenzione ora!", tale risposta è automatica, e non richiede necessariamente il coinvolgimento della coscienza. Successivamente, lo stimolo e la stessa reazione iniziale continuano ad essere valutati attraverso l'attivazione di circuiti che mediano processi di 'valutazione elaborativa e arousal', e può cominciare a svilupparsi la sensazione "Questo è buono" oppure "Questo è cattivo". Queste prime due fasi possono essere definite come "emozioni primarie". Le emozioni primarie si manifestano attraverso stati di attivazione del corpo, espressioni facciali, gesti, toni di voce e altri segnali non verbali. La terza fase della risposta emozionale corrisponde a quello che in genere si intende per emozione: la differenziazione degli stati di orientamento iniziale e di valutazione elaborativa e arousal in emozioni fondamentali, come rabbia, tristezza, disgusto, sorpresa, gioia,paura, vergogna." (Siegel, 2001, p.156-157)

Ho riportato questa lunga citazione perché rappresenta in maniera chiara la sintesi della nostra concezione dell'emozione, almeno per quanto riguarda la componente individuale e quindi autoregolatoria. Seguendo quanto detto finora, comprendiamo meglio la seduta con Ennio: nel momento in cui egli comincia a fare il gesto aumentando il livello di attivazione, entra in uno stato emozionale legato a quel tipo di movimento, arousal e sensazione di allarme. A quel punto si arresta perché rischierebbe di incontrare definitivamente quel vissuto antico, in maniera eccessiva per lui in quel momento, Ma al tempo stesso la porta si è comunque aperta, e i contenuti mentali sono emersi; da quel momento in poi comincia a delinearsi un nuovo scenario, differente dal racconto scarno e ripetitivo della sua vita attuale. E questo modifica a sua volta lo stato complessivo di Ennio: alla fine della seduta infatti, egli non è più compassato come all'inizio, ma parla più rapidamente, con più concitazione e in un paio di occasioni mi guarda addirittura negli occhi. E quest'ultimo particolare ci mostra il fatto che si sia modificata anche la regolazione interattiva, quella che si osserva all'interno degli scambi relazionali; ma di questo parleremo più avanti.

Riassumendo, possiamo affermare che l'intervento del counselor ha "perturbato" il sistema di autoregolazione del cliente, permettendo l'emergere di nuovi contenuti e impedendogli di "seppellire" le antiche e dolorose emozioni. Notiamo qui che questo intervento è nella direzione bottom-up, dopo che avevamo constatato che i tentativi nella direzione top-down si rivelavano fallimentari. Questo ha permesso di riavviare un meccanismo inceppato, così che poi anche i pensieri sono diventati efficaci e fonte di trasformazione.

"E' come se avessi messo la mano su una maniglia bollente", disse tempo dopo, ricordando la prima seduta; questa immagine ci dà bene l'idea del suo tentativo, riuscito, di raffreddarsi per poter sopravvivere alle sue esperienze.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Fin qui però non abbiamo un'idea di come possa proseguire questo tipo di lavoro con un tale cliente, e come sia complessa la metodologia di intervento che mira a trasformare le strategie autoregolatorie delle persone.

Voglio perciò raccontare un altro passaggio del lavoro con Ennio, una seduta di qualche mese dopo, significativa da questo punto di vista. Quel giorno era arrivato all'incontro molto demoralizzato, dopo un fine settimana passato al mare con alcuni conoscenti. "Gli altri non mi capiscono – comincia a dire – mi parlano come se non mi avessero ascoltato... come se io non avessi mai detto niente!... D'altro canto mi rendo conto che io filtro tutto, ci penso e ci ripenso prima di parlare, che alla fine non mi si capisce" (E qui è all'opera la sua maniera di stare ritirato dal mondo e di controllare e trattenere la sua espressività)

Fa una pausa e stiamo qualche istante in silenzio, ma guardandoci. "Voglio fermarmi – riprende a dire – e ascoltarmi... sì, ascoltarmi." Dice questa cosa con una certa solennità, scandendo le parole, ma con una voce bassissima e vellutata. Poi aggiunge: "Mi sento girare la testa, mi sento confuso, mi sembra non sia vero quello che ho detto... dubito... dubito di quello che ho appena detto." Ecco una situazione complicata per il counselor! Il cliente ha fatto un'affermazione interessante e importante, ma la sua reazione non è per nulla positiva: si sente confuso e addirittura dubita di se stesso. Siamo qui di fronte ad una reazione particolare, che ha un impatto frenante rispetto al sistema, nel senso che il cliente comincia a dire cose che lo possono portare verso nuove direzioni di consapevolezza, di esperienza e di vita, ma subito il processo viene bloccato sul nascere dalle sensazioni corporee, che a loro volta inducono pensieri negativi. Definiamo tale reazione, una retroazione negativa sul sistema, per distinguerla da quelle positive (come per esempio il racconto di Ennio sulla sua infanzia) che producono sviluppo e avanzamento del sistema, e da quelle neutre o inefficaci (come per esempio i pensieri iniziali di Ennio per tentare di cambiare).

LA VOCE E LA PAURA: LA COMPLESSITA' DEL SISTEMA

Ma perché le parole di Ennio hanno scatenato una tale retroazione negativa? Innanzitutto c'è da dire che il contenuto della sua frase ("Voglio fermarmi") è certamente innovativo, e quindi evolutivo, rispetto alla sua stereotipata routine di frenesia lavorativa; poi l'altro pezzo di dichiarazione completa la dinamicità del processo ("Voglio ascoltarmi") e pone in essere una possibilità differente dal suo solito modo di trattarsi con durezza e senso del dover fare.

Ma come nel primo incontro lui apre appena la porta del dolore e poi la richiude, così anche adesso enuncia una nuova possibilità e poi la fa sparire rapidamente.

Dunque queste sensazioni fisiche arrivano a proposito e funzionano da retroazione negativa rispetto alla curva di processo che il sistema aveva cominciato. Che cosa può e/o deve fare il counselor quando accade questo?

In primo luogo può osservare attentamente i dettagli concreti di questi micro-accadimenti, ed esplorarli assieme al cliente, per capire meglio il suo funzionamento in queste situazioni di criticità.

"Puoi descrivere le sensazioni di questo sentirti *confuso*?"; "Accanto alla testa che gira, ci sono altre sensazioni nel resto del corpo?"; "Quale sensazione particolare provi quando dici: '*dubito*'?". Queste ed altre sono possibili domande che possono aiutare a saperne di più.

In secondo luogo può condividere col cliente la sua "scoperta": può discutere con lui queste osservazioni, mostrargli cosa fa in maniera involontaria davanti alla possibilità di un cambiamento e cercarne le connessioni e le ricorrenze con altri momenti della sua vita. Questo tipo di intervento è volto a *far comprendere*, ed ha lo scopo di creare una sorta di metapensiero, di mente duale di lavoro, che può regolare "dall'alto" i processi che lui stesso non riesce a controllare. Questa è la possibilità dell'intervento top-down.

Ma come sappiamo c'è almeno anche un'altra possibilità, a partire dal basso, ed è quella che ho utilizzato in quel frangente.

 ISBN 978-85-60036-18-9

"Puoi ripetere quello che hai appena detto – intervengo io – alzando un po' la voce?" (Ovviamente avevamo già notato entrambi, poco prima, che la sua voce era molto bassa)

Ennio comincia a ripeterla con un suono più alto, ma che esce strozzato dalla gola.

"Mi si stringe la pancia e la gola se alzo la voce" – dice.

Gli chiedo di mettersi una mano sulla pancia e una sulla gola, delicatamente, per sentire meglio queste tensioni, ma di continuare a ripetere quelle parole, scegliendo il tono e l'intensità.

Ennio comincia a farlo e dopo un po' il suo respiro comincia a diventare più ampio e più profondo, finchè improvvisamente comincia un leggero ansimare, spalanca gli occhi e si ferma; "Ho paura" – mi dice guardandomi con un'espressione che non gli avevo mai visto – ho paura... non so di cosa ma ho paura!"

Ora il suo respiro era vibrante, la voce era chiara, diretta ed intensa; mi avvicino a lui con uno sguardo di comprensione, e gli porgo le mie mani, in un gesto di offerta d'aiuto. Lui le prende istantaneamente e le stringe, con i sospiri che gli rompono il corso delle parole, comincia a parlare delle sue paure antiche, di quando era bambino, di quando era casa con i genitori e di quando era a scuola con i compagni. Un fiume tortuoso e sconnesso di voce ed immagini, stringendo più forte le mie mani ad ogni impennata drammatica del suo racconto. Dura quasi mezz'ora questa eruzione benefica che fa giustizia di una serie di sconfitte esistenziali, fino a che Ennio tira un sospiro più lungo degli altri e si ferma: stremato, ma vivo ed eccitato al tempo stesso. Ora può riposarsi.

Ed ora è chiaro anche il motivo per cui Ennio aveva abbassato il suo livello di energia e di attivazione, perché aveva rallentato il ritmo e abbassato il tono della voce, perché il suo respiro era quasi assente: come lui stesso aveva capito fin dal nostro primo incontro, c'era un disagio troppo forte alla base. Questo disagio ora aveva preso la sua forma originaria, la paura, e Ennio era riuscito a riemergere da una gabbia antica, dalla strategia regolatoria che lo aveva accompagnato fino a quel momento e lo aveva reso così teso, depresso ed escluso dalla vita.

Ciò che mi preme sottolineare di questa seduta è la scoperta, attraverso il processo di lavoro dal basso, delle strategie regolatorie antiche di Ennio: per non sentire troppo la paura da bambino egli aveva contratto cronicamente i muscoli del ventre e della gola, diminuito il livello di arousal, ed in questo modo il suo stile di vita era diventato quello di una persona socialmente ritirata, poco espressiva ed instancabile lavoratore. Questo sistema di autoregolazione gli impediva di vivere il riposo ed il rilassamento, perché avrebbe dovuto costruire schemi contrari a questa abitudine acquisita: rilassare pancia e gola, diminuire il livello di all'erta, attivare una curiosità sociale. L'unica forma regolatoria compatibile con il riposo era forse la diminuzione del livello di attivazione ed arousal, con il conseguente rallentamento del movimento globale, ma Ennio era riuscito a produrre questo abbassamento energetico attraverso il controllo esasperato, e non grazie ad una capacità di lasciar andare espressivamente il suo corpo. Il mio intervento in quella seduta era quindi riuscito in virtù di una scelta fortunata rispetto alla "perturbazione" provocata: la richiesta di alzare la voce ha infatti prodotto una serie di cambiamenti a catena, fino ad arrivare ad uno scioglimento della tensione generale. Una perturbazione che ha generato un vero e proprio cambiamento climatico!

"Avrei voluto urlare mille volte in faccia ai miei genitiori – disse alla fine della seduta – ma la voce mi si spegneva dentro". Per non sentire paura e dolore aveva spento il fuoco della sua voce: questo era stato uno dei prezzi della sua sopravvivenza.

LA FINESTRA DI TOLLERANZA

Abbiamo descritto fin qui il processo di autoregolazione emotiva che caratterizza ognuno di noi, in ogni momento della nostra vita, e che può rivelarsi evolutivo e salvifico oppure involutivo e patologico. Ma quali sono le cause o le ragioni di tale processo ancora non abbiamo discusso. Rispetto a che cosa insomma noi regoliamo i nostri stati? Che cosa ci fa percepire che qualcosa

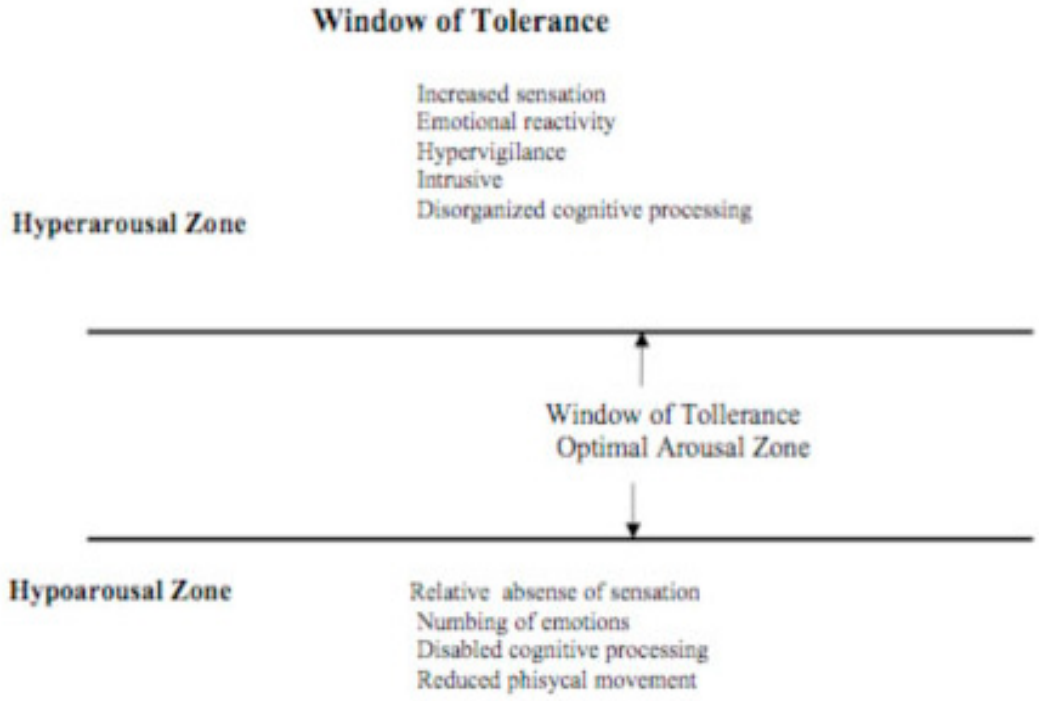
ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

è troppo o troppo poco? E quali sono le categorie che il counselor possiede per capire che cosa sta succedendo e come deve intervenire?

A questo proposito dobbiamo introdurre il concetto di "Finestra di tolleranza", un'idea che attraversa molti autori che si occupano di regolazione emozionale (Shore 2008, Ogden 2006, Siegel 2001, Lanius 2006, ecc.), e che trova una precisa definizione in Daniel Siegel:

" Ognuno di noi ha una 'finestra di tolleranza', margini entro i quali stati emozionali di diversa intensità possono essere processati senza che ciò comprometta il funzionamento nel suo complesso. Per alcune persone, elevati livelli di intensità emotiva sono gestibili senza alcuna difficoltà, e non impediscono di pensare, sentire e agire in maniera equilibrata ed efficace, mentre in altre persone determinate emozioni, o in generale tutte le emozioni, anche se di intensità moderata, possono interferire con le attività della mente. *Stati di arousal che superano i limiti della finestra di tolleranza possono generare pensieri e comportamenti disorganizzati.* In alcuni individui tale finestra può essere molto ristretta, e i processi emozionali possono diventare consci solo quando il loro grado di intensità è molto vicino al livelli oltre i quali si producono effetti diorganizzanti. In altri il sistema della mente può invece tollerare stati emotivi anche molto intensi, che sono facilmente accessibili alla coscienza, indipendentemente dalla loro natura piacevole o spiacevole." (Siegel, p. 249)

Ciò comporta che stati di *arousal* che superano il limite della finestra di tolleranza possono generare pensieri, stati emotivi e comportamenti disorganizzati. La finestra di tolleranza ha un limite superiore ed uno inferiore. Sopra il limite massimo una eccessiva attività del sistema simpatico si traduce in iperattivazione: aumento della frequenza cardiaca e respiratoria e una sensazione di tensione generalizzata. Sotto il limite minimo un eccesso di attività del parasimpatico induce la diminuzione degli stessi processi e un senso di torpore e ottundimento. (vedi figura)



In tali situazioni di fuoriuscita dalla finestra di tolleranza le capacità di risposta che dovrebbero essere fornite dalla corteccia (prevalentemente quella prefrontale) sono ai minimi termini e prevalgono reazioni automatiche e riflesse.

"Potremmo dire – ci dice ancora Siegel – che in queste situazioni il sistema dinamico devia dal movimento verso una massimizzazione della complessità, per entrare in stati che sono, alternativamente, eccessivamente rigidi o caotici, e in quanto tali non adattivi rispetto all'ambiente

ISBN 978-85-60036-18-9

interno o esterno. La mente genera attività non organizzate che possono rinforzare il pattern maladattivo: questo è ora uno stato di disregolazione emotiva." (Siegel, p.250)

Credo che queste definizioni ci aiutino a comprendere meglio tutti gli esempi portati in questo articolo, da quelli ricavati dall'esperienza quotidiana a quelli clinici. Mantenendo l'attenzione sulle due sedute di counseling, ora è più chiaro il fatto che Ennio avesse una F. di T. molto ristretta: non poteva aumentare la sua attivazione, pena l'esplosione di un dolore incontrollabile; ma non poteva nemmeno diminuirla, dato che i suoi tentativi di interrompere il lavoro lo conducevano a stati di disorganizzazione emotiva e di depressione.

E ciò che l'ha spinto alla terapia è stato il fatto che, con il passare degli anni, le sue strategie di autoregolazione non bastavano più a mantenerlo in un equilibrio accettabile, ma al tempo stesso la sua F di T era troppo angusta per permettergli nuove esperienze più intense e soddisfacenti. Il counselor ha operato quindi allo scopo di ampliare la sua F di T, partendo dall'osservazione del suo funzionamento, da come le funzioni si integrassero insieme, e di come le retroazioni condizionassero il sistema ad ogni tentativo di cambiamento e di dinamizzazione.

Resta da comprendere cosa ha fatto sì che il suo sistema, che per anni aveva conservato un certo equilibrio, fosse entrato in una situazione di crisi regolatoria: e qui dobbiamo considerare i nuovi stimoli provenienti dall'evoluzione personale del soggetto, e soprattutto i nuovi elementi apparsi nel suo ambiente esterno. Ma qui si apre un altro scenario, un campo di esperienza in cui il sistema individuale entra in connessione con altri sistemi: è il terreno della regolazione interattiva, che ovviamente è già da sempre presente, contemporaneamente a quella individuale appena descritta. Le due sono ovviamente inscindibili dal punto di vista esperienziale, ma le stiamo esaminando separatamente per comodità epistemologica, e questo sarà oggetto del prossimo lavoro.

BIBLIOGRAFIA

Damasio A., L'errore di Cartesio, Milano, Raffaello Cortina, 1995

Damasio A., Alla ricerca di Spinoza. Emozioni, sentimenti e cervello, Adelphi, Milano, 2003.

Edelman G. M. e Tononi G., *Un universo di coscienza*, Torino, 2000

Fisher, A.G., & Murray, E.A. (1991). Introduction to sensory integration theory. In A.G. Fisher, E.A. Murray, & A.C. Bundy (Eds.), Sensory integration: Theory and practice (pp. 27-45), Philadelphia: F.A. Davis Company.

Lanius R., Blum R., Lanius U., Pain C., *A review of neuroimaging studies of hyperarousal and dissociation in PTSD: heterogeneity of rsponse to symptom provocation*, Journal of Psychiatric Research, 2006

LeDoux J., *Il cervello emotivo. Alle origini delle emozioni*, Bologna, 1996

LeDoux J., Il sé sinaptico, Cortina Raffaello, Milano, 2002.

Liss J. (2007). *Il Flusso di Coscienza nella Vita Quotidiana e l'Impasse: La Base Neurofisiologica dell'Inconscio Sottocorticale.* Online publication: http://www.biosistemica.org/flusso1.pdf

Siegel D., La mente relazionale, Raffaello Cortina, Milano, 2001

Shore A., La regolazione degli affetti e la riparazione del Sé, Astrolabio, Roma, 2008

Ogden P., *Trauma and the body*, New York, 2006

Stern D., Il momento presente, Milano, Raffaello Cortina, 2005

Van der Kolk B. A., Mcfarlane A. C. e Weisaeth L., *Stress traumatico. Gli effetti sulla mente, sul corpo e sulla società delle esperienze intollerabili*, Roma, 2004.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

RESUMOS DAS OFICINAS

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

CORPO E ESPIRITUALIDADE

Maria Vilma Chiorlin

Chacras são definidos como vórtices de energia sutil que existem em todos os seres humanos. O funcionamento inadequado deles compromete todo o organismo. A *biossistêmica* nos diz que os órgãos do tato, audição, paladar, olfato e visão representam a maior zona do cérebro. Isso é tão real, que é representado no homem minúsculo, mas seus lábios e mãos são a maior parte do cérebro que se comunica com o corpo. Na relação entre o cérebro e os chacras temos: tato com o 1º chacra (básico), audição, paladar e olfato com o 5º chacra (garganta) e visão com o 6º chacra (frontal). Os chacras e a Neurociência em Biossistêmica integram-se desta forma: nos chacras básicos 1º, 2º e 3º, localiza-se o Eu Inferior. Nos 4º, 5º, 6º e 7º chacras, localiza-se o Eu Superior. O Eu Inferior está relacionado com as nossas dificuldades, conflitos e neuroses. É representado pelo hemisfério esquerdo do cérebro, que é lógico, analítico, controlador. O Eu Superior está relacionado com a intuição, criatividade, essência. O hemisfério direito do cérebro é a nossa espiritualidade. Não podemos descartar o nosso sentir. Vivenciar a nossa espiritualidade e ter contato com ela. Na Biossistêmica, sistemicamente, tudo está integrado. Poderemos viver no nosso corpo integrando os Eus Inferior e Superior, unindo-os com um corpo caloso que faz a ligação entre eles, integrando-os. A entrada excessiva de energia e de material psicológico está relacionada a cada chacra. São trazidos à consciência pelo significativo aumento do fluxo de energia. Cada um deles troca energia com o Campo de Energia Universal. Os chacras e pontos dos meridianos chineses são aberturas por onde entra e sai a energia da aura da pessoa. É a cristalização no mundo físico dos campos de energia que a cercam e fazem parte dela e trazem a tarefa de cada alma. A estrutura do indivíduo pode, então, ser vista como a cristalização dos problemas em cada chacra respectivo. Reich descobriu uma energia que considerou universal (*orgone*). Estudou a relação entre os distúrbios do seu fluxo no corpo humano e as doenças psicológicas. Desenvolveu uma modalidade psicoterapêutica. Os anéis que apresenta coincidem com os chacras. Pierrakos acrescentou aspectos espirituais e energéticos e relacionou a função dos chacras com as estruturas de caráter. Cada chacra tem o seu lado sombra e o seu lado luz, estabelecendo uma correlação com vários órgãos e com doenças físicas, emocionais e espirituais.

Palavras chaves – Corpo – Espiritualidade – Chacra.

...

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ENRAIZAMENTO NO CORPO E NA VIDA

Ana Patrícia Peixoto
IPS
Cosma Linhares
IPS

Este trabalho busca favorecer o encontro com as bases orgânicas do *grounding*, através do resgate do nosso registro psicocorporal, constituído nas vivências relacionais primitivas. Trabalhar com psicoterapia corporal é reconhecer a indissociabilidade corpo-mente, intensamente estudada por W. Reich. Hoje, estudiosos de diversos campos do saber científico trabalham no intuito de fortalecer e avançar nas ideias e pesquisas iniciadas por W. Reich no início do século XX. Um exemplo disso são os estudos e pesquisas desenvolvidas pelas escolas neo-reichianas (análise bioenergética, Biosistêmica, Biodinâmica, Biossíntese, entre outras). Iremos enfatizar o conceito de *grounding* desenvolvido por Alexander Lowen num diálogo com a Biossistêmica aliado aos estudos de J. Bowlby, D. Winnicott, D. Stern, entre outros pesquisadores dos aspectos afetivos oriundos do vínculo mãe-bebê. Buscamos oferecer a cada participante uma jornada à base de sua história que se revela, desvela-se na postura, atitude, gestos e movimentos típicos de cada etapa do desenvolvimento pessoal e social. Ao revisitarmos esses lugares, podemos ter a oportunidade de (re)conhecer padrões de ação que falam de como me percebo acolhido e recebido no mundo. A consciência desses padrões cria condições de localizar bloqueios e restaurar o fluxo psicoenergético, à medida que descontrai a repressão físico-emocional através do movimento e da respiração que libera o corpo subjetivo para que as mudanças aconteçam. A oficina constará de movimentos sensório-motores, sequenciais, baseados nos princípios da psicoterapia corporal, ao enfatizar os aspectos da relação primitiva mãe-bebê; o equilíbrio e alinhamento do corpo e de como somos afetados pelo ambiente que nos rodeia; como respondemos a ele através do nosso sistema interior: perceptivo, cognitivo, emotivo, relacional e social. A parte expositiva contará com uma explanação dos aspectos teóricos aqui apresentados a partir do vivido.

Palavras-chave: biossistêmica, psicoterapia corporal, enraizamento-*grounding*

...

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

CORPO, MOVIMENTO E EXPRESSÃO EM RUDOLF LABAN

Larissa Kelly de Oliveira Marques Tibúrcio
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

A oficina de dança a ser ministrada tem como objetivo apresentar brevemente Rudolf Laban como um expoente significativo da Dança Moderna e pesquisador do movimento humano e algumas das suas contribuições na contemporaneidade para pensar o corpo expressivo, o movimento dançado e os processos de composição. Pretende-se propor uma vivência que favoreça a exploração e a descoberta das possibilidades de o corpo se mover e um atentar para a intenção que atravessa os gestos. O estímulo à criação de respostas desconstrutoras de velhos padrões de ação/pensamento será foco também da oficina, por meio da proposição de questionamentos (situações-problemas) e da experimentação das premissas fundamentais e das qualidades de movimento (fatores) que, quando combinados, geram tipos de vocabulários de movimentos infinitos e aprendizagens diversas. Os recursos utilizados serão aparelho de som e projetor de imagens (*data-show*).

Palavras-chave: Corpo expressivo; Movimento; dançado; criação

...

VIVÊNCIAS CRIATIVAS ARTETERAPÊUTICAS: DIÁLOGO COM O CORPO E AUTOCONHECIMENTO

Eloisa Quadros Fagali
Instituto Sedes Sapientiae
Emilia Afrange
ABRAP

Há necessidade de se criar espaços educativos e terapêuticos que possibilitem o diálogo com o corpo, com ampliações dos movimentos e expressões criativas das pessoas na relação consigo mesmas e com o outro. Essas experiências integram diferentes movimentos, focalizando o diálogo com áreas significativas do nosso corpo e as expressões criativas corporais, imagéticas e visuais que possibilitam o autoconhecimento, bem como o desenvolvimento da autoestima das pessoas. Outro aspecto que merece atenção e que será apresentado nas práticas e reflexões dessa vivência diz respeito à expansão saudável, cuidadosa e respeitosa das interações sociais com o outro, que ocorrem nos diferentes ciclos de vida: momentos infantis, da adolescência e do adulto(segunda e terceira idade),tendo em vista a dinâmica biopsíquica e sociocultural. As vivências e reflexões teóricas consideram as possibilidades de trabalhos com enfoques educacionais, terapêuticos, interdisciplinares, multidisciplinares e transdisciplinares, que poderão ocorrer no espaço educacional e clínico ou na interface “educação-saúde”. São propostas básicas possíveis de serem recriadas e desdobradas, nas atuações dos educadores e terapeutas que lidam com o corpo, movimentos e expressões criativas não verbais e verbais, integrando o gesto, os sons musicais, imagens e expressões plásticas. São práticas simples, sutis e principalmente não invasivas, fundamentadas na teoria de Carl Jung (ampliações sobre os tipos psicológicos) e na teoria de Winnicott (importância do apoio afetivo: função maternante do cuidador). Esses cuidados no desenvolvimento integrado e amoroso com as pessoas são condições importantes para que estas possam prosseguir no seu desenvolvimento em relação à autonomia, ampliando sua aprendizagem, sem perder de vista o respeito amoroso e o desenvolvimento da solidariedade, da cooperação e do diálogo com as diferenças. A intenção é apresentar vivências, mantendo um clima de respeito no diálogo com o corpo e movimento, associado a imagens e expressões figurativas visuais, em busca de articulações entre prática e teoria.

Palavras-chave: expressão criativa corporal/plástica, autoconhecimento, relação com o outro

...

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

AUTOREGOLAZIONE

Maurizio Stupiggia
Escola Italiana de Biossistêmica

Per comprendere a fondo ciò di cui stiamo parlando, occorre introdurre il concetto di regolazione verticale dei processi di elaborazione dell'esperienza, partendo dalla suddivisione in tre livelli: sensomotorio, affettivo/valutativo e cognitivo. Questa suddivisione si basa sulla teoria della struttura cerebrale proposta da Paul Mac Lean (1985): il livello sensomotorio comprende le sensazioni e i movimenti e corrisponde alla parte bassa del cervello; i processi valutativi che stanno alla base delle emozioni hanno una corrispondenza con la parte media, il sistema limbico; i processi cognitivi hanno la loro sede primaria nelle cortecce superiori. Questi tre livelli interagiscono l'uno sull'altro e si condizionano reciprocamente, funzionando come un tutt'uno, in una costante interdipendenza.(Fisher & Murray 1991). C'è da dire che questi tre livelli sono collocati gerarchicamente, nel senso che i livelli superiori influenzano e dirigono quelli inferiori. Noi possiamo per esempio decidere di ignorare la sensazione di fame, anche in presenza di secrezioni di saliva e contrazioni dello stomaco, e continuare ciò che stiamo già facendo o pensando. Questa si chiama "regolazione top-down" (Le Doux, 1996, p.272), e indica il fatto che il livello superiore (in questo caso cognitivo) interrompe o prevarica quello inferiore, influenzando quindi sostanzialmente tutto ciò che sta sotto, in senso di gerarchia cerebrale. Ed è lo stesso processo che avviene quando un pensiero ben definito trasforma la sensazione di instabilità in tonica attivazione. Noi adulti generalmente utilizziamo questo tipo di regolazione: facendo pianificazioni e programmi, anche solo per qualche ora, riusciamo a portare a termine i nostri compiti a dispetto della fatica e di sensazioni o valutazioni non sempre piacevoli. Al contrario i bambini sono fondamentalmente dominati dal tipo complementare di regolazione, quella bottom-up, essendo i bimbi più legati al corpo e alle emozioni. Come dice Alan Shore, i bambini sono "creature sottocorticali". Ma anche noi adulti spesso siamo alla mercè, a volte piacevole e a volte molto dolorosa, dei nostri stati sensoriali e delle nostre reazioni fisiche, e ciò accade soprattutto quando cadiamo in certi buchi neri del nostro passato. Schematizzando, le due modalità, top-down e bottom-up, rappresentano le due direzioni dell'autoregolazione per l'elaborazione dell'esperienza. Il processo top-down inizia nella corteccia e coinvolge il pensiero e il ragionamento; modula e regola i livelli inferiori. Il processo bottom-up, d'altra parte, inizia a livello sensoriale, motorio ed affettivo/valutativo, è un processo evolutivamente più antico, fonda i processi tardivi di pensiero e rappresenta un elemento di comunanza con le altre specie di animali.

...

CORPO E LUDICIDADE

Maria Aparecida Dias
Universidade Federal do rio Grande do Norte

Nossa oficina tem por objetivo estabelecer um diálogo estreito entre os conceitos de corpo, lúdico e aprendizagem que permeiam os estudos do Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento/DEF/UFRN. Reconhecendo a necessidade de um posicionamento crítico quanto aos aspectos que possibilitam o entendimento de como a escola observa e compreende o corpo da criança em seu processo de aprendizagem. Por acreditar que pensar o corpo na escola é produzir sentidos e significados para este corpo, que, independente da idade que tenha, precisa ser compreendido na sua incompletude, na sua impermanência, na sua sabedoria incorporada e no seu viver. Nesta direção propomos um encontro vivencial, considerando o corpo e o lúdico como elementos norteadores para os processos que implicam as aprendizagens, considerando uma ampliação do nosso olhar como educadores diante do corpo da criança na sua busca constante de novas experiências e descobertas.

Palavras chaves: corpo, lúdico, criança

...

ISBN 978-85-60036-18-9

COMUNICAÇÕES ORAIS

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

A POESIA DO SERTÃO NA EDUCAÇÃO DOS SENTIDOS

Gilmar Leite Ferreira
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED / UFRN

RESUMO: O presente artigo é uma reflexão fenomenológica sobre a poesia do sertão na educação dos sentidos. Por meio da filosofia da Natureza de Merleau-Ponty busca-se expressar uma educação que emerge da relação do poeta do sertão com o mundo vivido. O objetivo é compreender a educação sensível vivida e construída pela relação do poeta com a natureza sertaneja. Tendo como método a fenomenologia de Merleau-Ponty como campo de reflexão e interpretação, o artigo se faz presente na concepção da experiência vivida, mostrando que é por meio do entrelaçamento do poeta com a natureza que a poesia surge da dimensão sensível, possibilitando a educação dos sentidos, tornando a existência humana mais aberta para percepção de si mesma e do mundo em que está inserida. A poesia de que nos apropriamos para nossa pesquisa é a do poeta João Batista de Siqueira, mas conhecido por Cancão (pássaro da caatinga). O referido poeta tem no seu trabalho poético uma profunda relação com a natureza sertaneja e abre caminhos para que seja possível uma educação vivida no corpo e ampliada na existência por meio da afetação sensível que a poesia proporciona.

Palavras-chave: Poesia, Educação, Sertão.

INTRODUÇÃO

Pelos caminhos da poesia do sertão, o homem se educa. A educação do sertão a partir da poesia parte da perspectiva fenomenológica[2] do mundo vivido. Essa perspectiva diz respeito à educação pelo viés do entrelaçamento homem-natureza e que se realiza na construção de um logos estético. A poesia diz do lugar e das pessoas. Essa forma de expressão faz o homem se sensibilizar e afinar os sentidos para uma melhor percepção de si mesmo e do mundo que o cerca. É uma educação feita de plantas, de animais e de palavras delicadas e sensitivas. A poesia alarga a existência e faz dimensão sensível a ser educada pelo viés da expressão da natureza em comunhão com os sentidos.

Para penetrarmos no mundo poético do sertão, iremos ter como aporte teórico a filosofia da natureza de Merleau-Ponty. Por intermédio da reflexão fenomenológica do filósofo citado, buscaremos compreender a relação homem-natureza, ampliando o entrelaçamento por meio da poesia para realização da experiência estética, fundamentada na educação dos sentidos.

Parecendo as delicadas flores do marmeleiro que desabrocham na caatinga durante as primeiras chuvas, o poeta do sertão abre as pétalas do sentimento quando a natureza sertaneja floresce os seus sentidos, sensibilizando a criação poética para a elaboração de versos que expressam o seu mundo vivido. As gotículas da experiência vivida escorrem nos campos da subjetividade, e o poeta, tomado por uma estesia profunda e envolvente, desmancha-se em poemas numa espontaneidade suave, como os córregos cristalinos que acariciam a terra nos primeiro beijos do inverno sobre o corpo da natureza.

É na experiência vivida com o sertão que o poeta sente o impulso da criação quando a natureza sertaneja penetra na sua dimensão sensível, despertando o sentimento poético para a elaboração de versos que são as paisagens e as imagens da complexa natureza sertaneja. O mundo percebido pelo poeta é a ampliação da sua própria existência, que, na forma da poesia, excita o sistema nervoso, aumenta a pulsação cardíaca e o organismo em complexo movimento que se realiza na estesia[3]. **“** Essa noção anuncia o corpo que é capaz de sensação, mas também

2 Nóbrega (Fenomenologia do corpo, 2010), Medeiros (Uma educação tecida no corpo, 2011), Porpino (Dança é educação, 2007).

3 A estesia diz respeito à capacidade de o corpo sentir as coisas do mundo e que possivelmente pode se transformar num logos estético (MERLEAU-PONTY, 2006)

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

de expressão, de comunicação e de criação. O terceiro movimento anuncia a experiência criadora, o espírito do ser bruto ou ser selvagem, o ser da criação" (NÓBREGA, 2010, p. 99).

A pulsação da criação poética emerge da dimensão corpórea quando o poeta se identifica com a natureza. Quando ambos dialogam para um sentido amplo e profundo, a poesia e a natureza surgem sem uma anunciação prévia através da palavra cantada ou escrita pelo poeta do sertão. Ele mesmo não sabe como acontece o movimento da criação, pois o despertar sensível acontece de maneira imprevisível.

> Os dados sensíveis compõem uma situação complexa, da qual o sujeito perceptivo não se dá conta completamente, embora se necessário, possa estender a sua atenção para certas configurações do campo que compunha a paisagem geral percebida, porém não de maneira explícita (FERRAZ, 2009, p 107).

O poeta, a natureza e a poesia entrelaçam-se numa só configuração, onde o quiasma é a transubstanciação dos três para a realização de uma existência expressiva. A poesia diz do poeta, a natureza expressa a poesia, e o poeta se revela natureza e poesia. O entrecruzamento e a intercomunicação mostram que as coisas não se encontram no seu próprio mundo, mas, sim, que a vida é uma comunhão do todo para realização das partes (MERLEAU PONTY, 1999).

O que o poeta aprende com a terra se transforma em poesia. Essa educação sensível emerge da experiência vivida, das observações que ele tem para perceber os seres vivos e do envolvimento dos sentidos consigo mesmo, afetados pela expressão da natureza. A entrelaçada experiência sensível educa os sentidos do poeta, ensina os movimentos do corpóreo da terra, amplia a geografia do lugar pela dimensão dos sentidos poéticos que transcende a região e leva o sertão a andar pelo mundo. A história da terra é contada nos versos, impressa no tecido da existência humana e ampliada pela dimensão de um lugar que se transforma em poesia no coração e na escrita do poeta. Nesse sentido, o sertão, o poeta e a poesia são cavaleiros, levando a poesia pelo mundo e tornando o sertão andante.

O aprendizado pelo viés da poesia torna o sertão mais amplo e poético. O sertão, visto pelo olhar da poesia, cresce seu sentido de ser, aumenta a dimensão estética e penetra com mais facilidade nos corações humanos. Por isso o poeta é o grande alquimista que transforma as pedras, os riachos, as montanhas, os vales, os animais e os vegetais em seres de poesia, metamorfoseados em palavras sentimentais. O sertão, por intermédio da poesia, torna-se mais fluido, e seu corpo expressivo. Como as centelhas do sol madrigal, recebe a poesia na floresta dos sentidos, clareando a existência humana, sensibilizando a vida para a comunhão e o respeito sobre um lugar complexo, imprevisível, delicado, frágil, forte e resistente.

O poeta do sertão é um educador do lugar. Sua poesia sensibiliza o humano para uma melhor compreensão sobre o sertão. Seus versos sobre a natureza sertaneja moldam a existência dos seres humanos para um melhor conhecimento sobre a terra e o povo do lugar. A poesia sobre os animais, plantas, geografia e a história do seu povo desperta a consciência cultural dos que não conhecem o sertão para uma possível educação de respeito por uma terra onde habitam seres humanos simples, humildes, de uma cultura diversificada e expressiva e que fazem da vida uma comunhão com o mundo vivido.

A educação dos sentidos pelo viés da sensibilidade torna a percepção mais refinada para as coisas do mundo, deixa o sentimento mais aguçado aos movimentos da vida. E crescem dentro do coração o respeito e a admiração pelas coisas que fazem parte da existência e das relações humanas, criando um pilar sensível para proteção e preservação do patrimônio cultural do povo e da terra. Nesse sentido, vê-se que a educação do sertão não é construída por conteúdos programados, com objetivos estabelecidos por meio de uma relação sujeito/objeto. Ela emerge dos sentidos por intermédio da experiência vivida do humano com o seu lugar. Não tem meio nem fim, mas é um eterno contínuo do fazer e refazer da existência uma nova aprendizagem.Como percepção da poesia sertaneja, temos o poeta Cancão (João Batista de Siqueira) para nossa reflexão fenomenológica para a compreensão da poesia como educação

 ISBN 978-85-60036-18-9

dos sentidos do homem sertanejo. Na sua poesia, a natureza flui entre as palavras, mostra-se com tons de sutileza e se faz presente na alma do poeta. Dentro do coração do vate do pajeú explode uma natureza poética, repleta de encantos e beleza. Sentir seus poemas aproxima-se à existência sensível e à natureza sertaneja, com seus movimentos da fauna e da flora, ora verde e exuberante, ora seca e assustadora. A poesia de Cancão será o referencial e norte para refletirmos a poesia do sertão como uma manifestação estética da natureza sertaneja e como um campo sensitivo para a educação fenomenológica.

Mergulhar no universo da poesia de Cancão leva-nos ao mundo do sonho e da fantasia. Esse mundo nos faz crer que a natureza sensível imprimiu todos os esforços possíveis para realizar, através da sua criação magistral, a mais nobre prova da beleza espiritual, expressa através da grandeza bucólica de uma alma que sentiu e externou a natureza sertaneja da forma mais bela e encantadora. Lírio sublime da poesia do sertão, o poeta tinha uma sensibilidade e uma capacidade de pintar a natureza através das palavras de maneira profunda e expressiva. Esse poeta mostrou, por meio da poesia, a natureza em movimento. Ao ler seus poemas, a nossa alma assiste aos pingos dos orvalhos cristalinos escorrendo no corpo nu das flores; nosso olhar contempla os córregos borbulhando no coração da mata; a audição escuta a voz tristonha de um sabiá na solidão de uma gaiola; o sono é despertado por meio do canto de um pequeno rouxinol nas brechas do telhado; nossa admiração contempla as auroras e os arrebóis numa mutação de cores; o olfato sente o delicioso cheiro do mel sendo fabricado na moagem de um engenho; nosso espírito se encanta vendo os pirilampos acendendo e apagando suas luzes na escuridão noturna; nosso ser vê os campos floridos, cheios de borboletas e colibris dançando numa festa matutina, e se assusta com as tempestades e as enchentes no rio da aldeia egipciense.

Ao debruçar-se na poesia do poeta pássaro, um conforto de delicadezas atinge a nossa alma, como o bater das asas de uma borboleta sobre as flores de um plácido jasmim. Cada gota de orvalho que escorre através dos seus poemas banha nosso espírito de afetos, numa cachoeira de rimas e ritmos, com palavras belas que embevecem e transbordam a lagoa dos nossos sentimentos. A sua poesia faz as estrelas ficarem bem próximas da gente, nas quais os dedos da nossa sensibilidade podem tocar e senti-las, recebendo os fulgores poéticos que clareiam a imensidão dos sentidos. Nos poemas de Cancão tudo se torna possível. O cisne, pássaro de outras regiões, vem nadar no rio da sua aldeia; a maresia indiana traz seu cheiro para perfumar o corpo de uma professora amiga; a pantera solta rugidos nas grutas do seu pequeno lugarejo; algumas flores de outras regiões embelezam as campinas do pajeú. Enfim, o poeta transporta para sua aldeia animais e plantas de outras regiões, construindo um inusitado nicho ecológico.

O poeta consegue, com profunda sensibilidade e domínio das palavras, aproximar o ser humano e a natureza. Cada verso que ele fez sobre a natureza é de uma perfeição tão impressionante, que uma enxurrada de emoções inunda cada lagoa do nosso coração, fazendo-nos penetrar no corpo sensível da natureza sertaneja. Mergulhar no mundo do aedo campesino, saborear seus poemas, sonetos e outras formas literárias tornam-nos o mais humano dos humanos; fazem-nos crer que o mundo visto por ele e expressado pela verve é o lugar com que todos os seres de bom coração sonham. Cancão nos proporciona viajar nas asas dos colibris, dando beijos nas flores das campinas, sentar nas estrelas, fazendo-nos sonhar com a liberdade através de um sabiá na solidão de uma gaiola; leva-nos aos riachos cristalinos da sua aldeia, faz-nos verter prantos pela rolinha que teve o “ninho roubado”, causando-nos uma reflexão profunda sobre a morte, na solidão das “seis horas no cemitério”; mostra-nos os detalhes da casa sertaneja que abrigava um pobre ébrio solitário; transporta-nos para o mundo dos aborígines do pajeú, com seus pajés, feiticeiros, caciques, arcos, flechas e tacapes. Enfim, a sua poesia é uma viagem de delírios, devaneios e sensações através das belezas da natureza do sertão e da profundeza da alma humana.

Não poderia existir um apelido mais digno do que Cancão, que é um pássaro de cor preta e branca, habitante das altas árvores da caatinga, onde emite um canto agudo e melodioso. O fazer poético do vate Cancão vem da sua relação profunda com a natureza do sertão. A existência do poeta está na natureza, e esta faz parte do sentimento do poeta. Essa relação intrínseca é o que faz a poesia de Cancão ser tão original e expressiva através dos seus versos

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

bucólicos. Mergulhar no poema “Depois da Chuva” faz os nossos sentidos sentirem os pingos de chuva daquela tarde de abril, tão bem desenhada na bela expressão da natureza sertaneja.

Era uma tarde de abril
A luz do sol se escovava
Um traço da cor de anil
O céu deserto mostrava
Num lago triste e sereno
Nadava um cisne pequeno
Eriçando as alvas plumas
As derradeiras neblinas
Faziam lindas ondinas
Por entre as brancas espumas (CANCÃO, 2007, p 99).

O mundo poético de Cancão mostra a natureza sertaneja se dissolvendo em versos, expressando-se de forma sofisticada na simplicidade de um sentimento entrelaçado com o mundo vivido. A linda tarde de abril, após a chuva, revela o sol que se escoa na abóboda celeste e desenha uma coloração anil que azula o espaço celestial com tons poéticos e expressivos. O cisne, de forma suave, desliza sobre as águas plácidas que se movem com o nadar do pássaro e dos delicados pingos dos serenos que mostram os movimentos dúlcidos e suaves da natureza sertaneja. Esse mundo sensível, expressivo e comunicativo mostra que somos parte da natureza, seja a partir dos versos de Cancão, seja a partir da nossa relação corpo e ambiente natural. “Sou uma parte da Natureza e funciono como qualquer evento da Natureza: sou por meu corpo, parte da Natureza, e as partes da Natureza admitem entre elas relações do mesmo tipo que as do meu corpo com a Natureza” (MERLEAU-PONTY, 2006, p 192).

O poético expressar de Cancão nos faz, de forma sensível, despertar sentimentos por meio de cada palavra, amplia a nossa visão da natureza do sertão e nos deixa cada vez mais entrelaçados com os movimentos da vida. Por meio dos seus versos, é possível sentir o canto melancólico de um saudoso sabiá, cantando ao relento. Nossa visão percebe os últimos suspiros do sol, deitando-se no poente avermelhado, e os nossos ouvidos escutam os gemidos da brisa que revela o taciturno fim do dia.

Um sabiá pesaroso
Nos galhos em que nasceu
Cantava triste e choroso
As mágoas do peito seu
O sol além se deitava
A sua luz se esvazava
Pela ramagem da horta
A brisa em leves ruídos
Levava os ternos gemidos
Da tarde já quase morta (CANCÃO, 2007, p 99).

Os versos de Cancão desenham nas palavras as cores e os movimentos da natureza sertaneja, expressando em cada tom um mundo colorido e sensível que amplia o percebido para aquém do que podemos pensar de forma objetiva.

> O processo perceptivo é diverso, não se trata de adequação, nem tão somente de significação intelectual. Relaciona-se ao corpo em movimento, a percepção remete a incertezas, ao indeterminado, delineando assim o processo de comunicação entre o dado e o evocado (NÓBREGA, 2010, p 76).

A comunicação da poesia de Cancão faz nosso corpo sentir o eco da natureza sertaneja e move nosso sentir a cada respiração que as palavras suspiram no corpóreo sensitivo. Os versos do vate do pajeú educam os sentidos para uma melhor percepção entre o humano e a natureza sertaneja. O seu poema faz o sentimento de respeito e amor ao ambiente ser ampliado pelos

 ISBN 978-85-60036-18-9

caminhos do sentir poético. Uma estesia vibrante explode nas células da dimensão corpórea, e uma sinergia toca cada parte do corpo, englobando o vivido e o percebido e fazendo a existência ser transformada de acordo com os ritmos da natureza e da poesia. Sentir os versos de Cancão é participar da natureza sertaneja e fazer parte de um mundo que vive em eterno movimento. Seus poemas movem os sentidos para uma educação ambiental, em que humanos e natureza fazem parte de um mesmo sentido. Os dois estão entrelaçados, e não se sabe onde termina o humano e começa a natureza, porque ambos são feitos do mesmo tecido sensível e expressivo de um englobante que se expressa dizendo muito do entrecruzamento da existência dos dois.

O movimento da poesia de Cancão é suave e de uma estética delicada, como o mover-se das águas nos córregos das fontes cristalinas que brandamente bordam o corpo da terra e desenham uma paisagem repleta de encantos. É o que nos mostra a próxima estrofe a seguir.

A água branda descia
Pelo pequeno gramado
A relva fresca a macia
Era um tapete rendado
Se ouvia lá na colina
No coração da campina
Soluçar uma cascata
E o sol com seus lampejos
Dava os derradeiros beijos
No rosto verde da mata (CANCÃO, 2007, p 99).

O mover-se delicado da água que desce da colina e beija o gramado, misturando-se com a paisagem e com o tapete rendado que a relva tece com suavidade, mostra uma expressão de sutileza e um movimento tão sensível como a filosofia de Merleau-Ponty. A poesia do menestrel do pajeú é tão móvel como o pensamento do filósofo citado. Ambos têm na existência das coisas um leque aberto ao universo das significações constantes e da elaboração de horizontes sentidos. Cancão e Merleau-Ponty, nesse trabalho, dialogam por meio de um entrelaçamento sensível. A filosofia e a poesia são irmãs siamesas num diálogo contínuo como o correr das águas pelas campinas da natureza sertaneja. A filosofia de Merleau-Ponty, como uma provocativa maneira de nos fazer reaprender e ver as coisas, nesse trabalho, convoca-nos a penetrar no mundo fenomenal da poesia de Cancão, despertando nos sentidos novas maneira de sermos tomados pelos versos do aedo campesino e de compreendermos a nós mesmo e o mundo natural, convocando e ampliando o sentimento e uma suave maneira de experimentarmos a natureza do sertão.

Essa aproximação que a poesia nos proporciona, de estarmos mais entrelaçados com o sentimento do poeta e com a natureza sertaneja, faz-nos mergulhar com o coração em cada estrofe e sermos acariciados com o que as palavras sutilmente dizem, como nos versos a seguir:

O sol com luz amarela
Dourava os morros azuis
Tornando o céu uma bela
Pulverização de luz
A aura fresca e macia
Por entre a mata fazia
Os mais suaves rumores
As borboletas douradas
Se misturavam vexadas
Bebendo o róscio das flores (CANCÃO, 2007, p 100).

O sol da poesia do vate egipciense, ao tingir os morros azuis, acaricia as montanhas do sentimento humano, tornando a existência da disposição sensível iluminada pelos feixes de luz do sentir poético. Uma estesia poética borda de imagens os sentidos e anuncia o mundo vivido que se amplia e se desmancha no fluido de um logos estético que entrelaça a vida e a natureza para uma configuração da diversidade entre o sentir, as imagens poéticas e a compreensão de uma natureza que se derrama em poesia. Esse entrelaçamento dilata o corpo, abre os canais

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

do sentir, movimenta as partes do corpóreo para uma elaboração do todo, onde o sentir e a existência fazem parte de um mesmo sentido. O corpo estesiológico é a capacidade do sentir quando os canais da disposição sensível se abrem para mundo, e ele é afetado pelo que penetra na subjetividade e que anuncia a possibilidade de um logos estético.

> A estesiologia, sistema sensorial humano – se atém à superfície do corpo humano -, é tomada como sistema de órgão dos sentidos prontos e acabados (esquecendo que se formaram do todo para as partes); sobre os quais vêm agir (causalmente) estímulos exteriores – o resultado é surpreendente; é preciso invocar a "instituição da natureza" que envolve um saber infinito. Presciência natural. Reconhecida quando a alma é fixada no corpo – incompreensível: como o pensamento pode ter conseqüência sem premissas? O atualismo exige, porém, que os sentidos sejam isso: operação causal como no mundo exterior, ocasião de "pensamentos naturais" que dão deste mundo um equivalente humano (MERLEAU-PONTY, 2006, 437; 438).

A estesiologia que a poesia de Cancão provoca desperta no humano uma educação aberta ao mundo da sensibilidade. Esse sentimento anuncia na existência uma maior aproximação do amor e da admiração pelo que a natureza expressa e pela poesia que se revela rios, flores, morros, campinas, pássaros e outros animais. Esses seres são o grande amálgama na estrutura expressiva da natureza sertaneja que revela a vida nas mais variadas cores, movimentos e elaborações estéticas. O humano tomado pela estesiologia dos sentidos abre-se para o sentir das palavras poéticas e mergulha na floresta da existência para uma transformação de si mesmo, impulsionado pelo fluxo que a natureza constantemente lhe oferece, por meio do despertar sensível. Nesse campo brota uma educação penetrada no corpóreo para iluminar a existência com os raios do encantamento que as palavras provocam e que as imagens convidam. É uma educação de leveza e mansidão, tão constante como o correr das águas e o movimento da filosofia de Merleau-Ponty. Cada imagem, cada expressar da poesia surge como uma trilha que se abre para a compreensão do humano com o mundo que o cerca. O entendimento sensível que a poesia sugere torna a vida mais aberta ao respirar das palavras e o carinho de respeito pelo mundo que Cancão sensivelmente oferece por intermédio da sua poesia campestre. O rumorejar dos versos são os gemidos dos regados cristalinos nas palavras do poeta da natureza sertaneja. No movimento poético, o céu e a lâmina dos riachos transformam-se numa só existência, em que as águas espelham um céu de turquesa, mostrando uma natureza que se evola nos sentidos, perfumando a existência e provocando no sentir um delírio de ternura e encantamento.

As auras rumorejavam
Com lentidão e leveza
Os regatos retratavam
Um lindo céu de turquesa
Os orvalhos cristalinos
Se desprendiam divinos
Na copa dos arvoredos
As carnaúbas rendadas
Como com as mãos espalmadas
O sol brincava em seus dedos (CANCÃO, 2007, p 100).

O brincar dos dedos do sol expresso na poesia mostra o movimento sensível de um corpo celeste que toca os seres vivos com leveza e suavidade e abre uma expressão que borda de lindas cores a paisagem do sertão. Esse momento de singular beleza, mostrado nos versos do aedo, arrebata a existência de quem se abre aos beijos da poesia. Uma estesia eleva os sentidos para o que ainda não foi sentido, e todo o corpo desdobra-se numa comunhão sensível, embriagado pelo álcool do sentir poético. Uma iluminação de sensibilidade fecunda o organismo e a vida. Igualmente, os fogos de artifício explodem, proporcionando um sentir que alarga a percepção e expande a existência para uma satisfação de plena poeticidade.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO
ISBN 978-85-60036-18-9

O cosmo do sentir poético contém elucidações que expandem a vida para novas elaborações sensíveis que sempre estão revelando novas formas de o corpo ser tomado pelos encantos da poesia. A poeticidade de Cancão acende a tocha da afetação sensível que percorre o corpo e faz os sentidos mergulharem num devaneio profundo que costura no corpóreo as linhas da poesia de uma natureza feita de palavras poéticas. Esse mundo encantador aproxima o humano à natureza e desenha uma paisagem repleta de movimentos, onde os versos moldam a ligação dos animais com os vegetais, mostrados na estrofe a seguir.

Voavam pelos verdores
Lindos colibris dourados
Sugando o néctar das flores
Dos jiquiris borrifados.
No pomar um rouxinol
Contemplava o arrebol
Numa profunda tristeza
Um traço débil de luz
Rasgava os panos azuis
Do corpo da natureza (CANCÃO, 2007, p 100).

Os movimentos do bailar dos colibris sugando o néctar das flores mostram, por meio dos versos de Cancão, uma natureza que está sempre se movendo por intermédio dos seus versos. Nas palavras do poeta, a natureza sertaneja se configura de forma ampla, onde o expressar-se é a grande força que revela a sua existência. Os versos, como punhais aguçados, penetram na existência, fazendo a afiada ponta da sensibilidade tocar no fundo do coração. A melancolia do pequeno rouxinol, com seu canto crepuscular, ecoa no corpo da natureza e atinge a sensibilidade humana, levando-a a uma reflexão bucólica sobre o fim do dia. Essa expressão amplia o sentido fenomenológico para as coisas que estão no corpo, na natureza e na poesia. Esse entrelaçamento de sentidos abertos a novas compreensões mostra o quanto estão interligados o corpo, a natureza e a poesia. “O corpo e a experiência de movimentos fundam a linguagem sensível, que é plástica, poética, configurando a possibilidade de uma nova compreensão do ser humano e do conhecimento” (NÓBREGA, 2010, p 89).

A filosofia de Merleau-Ponty proporciona uma nova forma de perceber o mundo; ensina-nos a termos uma nova percepção sobre nós mesmo e sobre o mundo que nos cerca. A poesia de Cancão promove uma nova maneira de sentir o mundo e de nos relacionarmos com nós mesmos e com nosso entorno. O entrelaçamento da poesia de canção com a filosofia de Merleau-Ponty propõe ao ser humano uma ligação mais profunda consigo mesmo e com o mundo que o cerca. A juntura dos dois faz a natureza ser percebida com mais sensibilidade e interação, em que a intersubjetividade se mostra como um elo sensitivo entre humano, natureza e poesia. É o movimento que mostra que as coisas estão sempre se revelando, embora não seja de forma completa.

A poesia campestre de Cancão é nova a cada expressão e se faz presente como uma linguagem fluida que está sempre se renovando. A natureza flui nas palavras de Cancão e na sua própria disposição de ser algo móvel. “A Natureza é sempre nova a cada percepção, mas nunca é sem passado. A Natureza é algo que se continua, que nunca é apreendida em seu começo, ainda nos aparecendo sempre nova” (MERLEAU-PONTY, 2006, p 193; 194).

O fluir da natureza que se faz presente, contendo seu passado, mas que não é apreendida, mostra o quanto ela se faz existente com suas indeterminações e imprevisibilidades. A maneira de não se dar por inteira revela o quanto a natureza abre espaços para novas percepções e o quanto ela nos surpreende a cada nova visão. Esse eterno contínuo se alonga nos versos de Cancão, na sua maneira de mostrá-la poeticamente por meio dos movimentos delicados, como na estrofe a seguir.

Os ventos brandos mansinhos
Sopravam no campo vago
Fazendo alguns burburinhos
Na face lisa do lago
As abelhas preguiçosas

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Se escondiam nas rosas
Que a natureza burila
E o cisne de brancas penas
Cortavam as águas serenas
Da superfície tranquila (CANCÃO, 2007, p 100).

Nos versos de Cancão, a natureza está sempre começando. A cada nova expressão poética, novas imagens são reveladas como se fosse a primeira vez em que entramos na poesia do vate citado. Essa nova forma de experimentarmos os versos do poeta da natureza nos remete a uma educação que deve ser sempre vivenciada de maneira nova, buscando outros aprendizados e novas maneiras de expressão. A poesia, a natureza e a educação são experiências que se postam no humano, elevando os sentidos para algo novo. O entrelaçamento das três configura a existência de um sentir que transforma a vida, coloca novas maneiras de pensar e faz do humano um ser cuja estrutura existencial revela os símbolos de um mundo em constantes transformações.

A poesia, em toda a sua plasticidade, estende-se dentro do sentimento humano, toma conta dos sentidos, comunica todas as partes do corpóreo e mostra o ser humano na sua totalidade. Como os raios do sol entre as brechas do telhado, a poesia infiltra-se no sensível humano e clareia cada recanto da existência, provoca uma iluminação emocional que causa no corpóreo uma sensação de poeticidade. O poeta é um construtor de uma arquitetura de palavras que erige no sensível os pilares de uma casa corpórea formada pelos tons, sons e ritmos que as palavras têm. “O poeta libera o aroma e o sabor escondidos nas palavras. Por meio das suas palavras, um grande escritor é capaz de construir uma cidade inteira com todas as cores da vida” (PALLASMAA, 2011, p. 53).

Sentir os afagos das palavras poéticas faz a vida ganhar outra dimensão de existência, e o horizonte de sentidos se estende, alonga os significados e mostra diversas maneiras de sentir e compreender a vida. A poesia, em toda sua dimensão sensível, educa o ser humano. Ela abre os canais da compreensão e da transformação da vida, construindo uma maneira mais próxima do ser humano em interagir com o mundo que o cerca e com a própria disposição sensível em relacionar-se com as palavras poéticas e com o mundo. Partindo desse princípio, podemos compreender que a poesia dilata a existência e abre caminhos para que a vida se torne mais sensível num mundo que está cada vez mais brutalizado e ausente de natureza. A poesia não é uma salvadora do mundo, mas torna a vida mais leve, mais sensível e significativa para quem se envolve com os encantos da palavra poética.

REFERÊNCIAS

CANCÃO: João Batista de Siqueira. *Palavras ao Plenilúnio*, Editora Universitária da UFPB, João Pessoa, PB, 2007.

FERRAZ, Marcus Sacrini A**.** *Fenomenologia e Ontologia em Merleau-Ponty*, Papiros Editora, Campinas, SP, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *A Natureza,* Tradução: Álvaro Cabral, Martins Fontes, São Paulo, SP, 2006.

_____*Fenomenologia da percepção,* Tradução: Carlos Alberto Ribeiro Moura*,* Martins Fontes, São Paulo, SP, 1999.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia, *Uma Fenomenologia do Corpo*, Editora Livraria da Física, (coleção contextos da ciência) São Paulo, SP, 2010.

PALLASMAA, Juhani. *Os Olhos da Pele: a arquitetura e os sentidos*; Tradução: Alexandre Salvaterra, Editora Bookman, Porto Alegre, RS, 2011.

ISBN 978-85-60036-18-9

ONQOTÔ: UM OLHAR FENOMENOLÓGICO

Thays Anyelle Macêdo da Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação Física - PPGEF / UFRN

RESUMO: O artigo em questão é um recorte da dissertação "Um Convite à Estesia: Grupo Corpo e Conceitos em Movimento". Neste recorte, convidamos à reflexão através da descrição e interpretação de uma das obras da companhia de dança contemporânea Grupo Corpo. A obra em questão é "Onqotô" (2005). Pretende-se aproximar tal obra do discurso filosófico, principalmente dando movimento aos pensamentos fenomenológicos de Maurice Merleau-Ponty, em especial os conhecimentos do corpo, posto que aberturas no conhecimento de modo geral, e na Educação Física especificamente, permitiram, no cenário epistemológico contemporâneo, pensar-se o corpo fenomenal, sujeito e objeto inseparável, que ao mesmo tempo em que toca é tocado, que sente e é sentido, atravessado por emoções, portanto estesiológico, que permite operações e expressão. Diante disso, recorremos à atitude fenomenológica de Maurice Merleau-Ponty como percurso metodológico, já que em seus estudos o filósofo lança um olhar expressivo sobre o corpo, configurando uma linguagem sensível que é expressa nos movimentos, onde aprofunda as teses da Fenomenologia num novo arranjo para o conhecimento enquanto resultado de nossa experiência no mundo vivido. Nesse contexto, distribuo este ensaio em três notas, tendo a primeira "por uma capacidade de sentir" o aprofundamento fenomenológico do conceito de estesiologia, estando entre os principais teóricos Maurice Merleau-Ponty, Terezinha Petrucia da Nóbrega. Na nota dois, "Onqotô", mostraremos esse movimento da estesia no corpo, dialogando com a dança Onqotô (2005), convidando-nos à sensação e vendo tais sensações como campo aberto de significações, que buscam um sentido no existir. Na nota três, "Proqovô", buscamos esse sentido na Educação Física num pensar este corpo sensível, que se arrisca num reaprender a ver o mundo e desafiar nossa capacidade de criar novos sentidos. As reflexões apresentadas neste convite à estesia pretendem levar-nos ao espanto, ao qual muitos desafios se impõem, entre eles a compreensão do corpo e do conhecimento sensível.

Palavras-chave: Corpo. Dança. Estesia.

INTRODUÇÃO

Sentir é um milagre da existência proporcionado pelo jogo dos sentidos. A saudade sempre infinita dos outros. A busca pela mistura, pela dança do entrelaçamento. É o poder do corpo como carne, como possibilidade, inacabamento, objeto/sujeito, visível/invisível, simbolismo, enigma, criação e desejo. Todo esse misto e mais tornam-se urgentes no corpo, essa animalidade que nos põe em presença, em contato, em penetração com o outro por uma incrível capacidade de sentir. Concepção de corpo que nos aproxima da filosofia de Maurice Merleau-Ponty, questionando a tradição cartesiana do corpo-máquina.

A tradição cartesiana, com sua maior referência no filósofo René Descartes, instaura um dualismo substancial corpo-mente, uma importância vital da *res cogitans* (substância pensante) sobre a *res extensa* (substância corpórea), ou seja, prioridade do pensamento sobre o dado sensível, prioridade da razão em detrimento do corpo (NÓBREGA, 2009). Dessa forma, o conhecimento pertencente ao corpo passa a se referir apenas à extensão e ao movimento, sendo explicado pelas leis da mecânica; já o que consiste na alma pertenceria ao lógico-matemático, e o conhecimento pertencente ao composto corpo e alma se referiria às paixões, às emoções, que, diante disso, deveriam ser racionalizadas, dominadas pela alma, pelo princípio básico da moral (Nóbrega, 2009). Diante disso, seria necessário racionalizar as paixões, já que a paixão, associada ao corpo, é vista como uma doença da alma, influência negativa que prejudica a alteridade da razão. Essas representações foram intensamente divulgadas na cultura ocidental e, progressivamente, tudo o que dizia respeito à sensibilidade, à percepção e à afetividade vai sendo associado às paixões e, como tal, deveriam ser controladas em nome da racionalidade (NÓBREGA e MEDEIROS, 2006).

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Segundo Mendes (2007), em consequência à difusão desses saberes, tais perspectivas reducionistas do corpo foram sendo apropriadas pelas teorias científicas e pedagógicas do século XIX e início do XX, influenciando historicamente a concepção de corpo também na Educação Física. Esses conhecimentos vão sendo propagados nas produções científicas da área com um discurso normatizador que vai direcionando o homem para um viés próprio, cujo objetivo era o controle desta "máquina" chamada corpo, sendo sempre a prioridade da objetividade em detrimento do sensível. A busca por padrões corporais difundidos por esse olhar restrito conduz a Educação Física no caminho do controle, da fragmentação e dos pré-conceitos.

Mas, no decorrer dos anos, as problematizações foram protagonistas em todo esse percurso epistemológico, desequilibrando a produção científica da Educação Física, interrogando o corpo-máquina e influenciando novos olhares sobre o corpo. Trouxeram novas contribuições para a área, embora o significado de corpo dessa área, muitas vezes, ainda encontra-se ligado ao adestramento físico, um corpo que funciona em detrimento da soberania da razão, como afirma Medeiros (2005). Mesmo assim, não podemos negar os avanços que grandes colaboradores deram à área para desconstruí-la em sua objetivação de corpo (Santin,1987, 1992; Moreira, 1992, 1995; Silva, 2001, 2002; Nóbrega, 2009, 2010 entre tantos), permitindo aberturas na Educação Física para se pensar o corpo fenomenal, sujeito e objeto inseparável, que ao mesmo tempo que toca é tocado, que sente é sentido, atravessado por emoções, portanto estesiológico, que permite operações e expressão.

No movimento do olhar, que ultrapassa o órgão da visão, mas que é significação, despertaremos o corpo estesiológico, capaz de despertar sensações e encontrar sentidos. Vivenciaremos a estesia neste artigo, que é um recorte da dissertação "Um convite à Estesia: Grupo Corpo e Conceitos em Movimento". E, então, através da apreciação e interpretação de uma das obras da Companhia de dança contemporânea brasileira, Grupo Corpo, especificamente na obra "Onqotô" (2005), aproximaremos tal obra do discurso filosófico, principalmente ao dar movimento aos pensamentos fenomenológicos de Maurice Merleau-Ponty.

Diante disso, temos como metodologia a atitude fenomenológica de Merleau-Ponty. Em seus estudos, o filósofo define um olhar expressivo sobre o corpo, configurando uma linguagem sensível que é expressa nos movimentos, em que aprofunda as teses da Fenomenologia num novo arranjo para o conhecimento enquanto resultado de nossa experiência no mundo vivido (NÓBREGA, 2009).

Com esse arranjo, distribuo este ensaio em três notas, tendo a primeira, "por uma capacidade de sentir", o aprofundamento fenomenológico do conceito de estesiologia, estando entre os principais teóricos Maurice Merleau-Ponty, Terezinha Petrúcia da Nóbrega. Na nota dois, "Onqotô", mostraremos esse movimento da estesia no corpo dialogando com a dança Onqotô (2005), convidando-nos à sensação e vendo tais sensações dotadas de significações a buscar um sentido no existir; e, por conta disso, na nota três "proqovô", buscamos esse sentido na Educação Física num pensar este corpo sensível, reaprendendo a ver o mundo e desafiando nossa capacidade de criar novos sentidos. As reflexões apresentadas neste convite à estesia pretendem levar-nos ao espanto, no qual muitos desafios se impõem, entre eles, a compreensão do corpo e do conhecimento sensível.

Nota 1: *por uma capacidade de sentir*

Maurice Merleau-Ponty irá insistir na abertura da filosofia à vida, à ciência, à historicidade, à subjetividade e à cultura. Segundo esse filósofo (1994), se queres entender mais esse corpo humano, é preciso vivê-lo, experimentar suas nuances, seus permeios. Esse pensador busca as verdades do corpo em sua subjetividade, na historicidade, nas estesias das relações afetivas, da palavra dita e da linguagem poética, entre outras possibilidades da experiência existencial. Essas reflexões são capazes de conduzir ao espanto como condição de reaprender a ver o mundo, reconvocar a sensibilidade, o poder de agir e de criar (NÓBREGA, 2010).

Essa compreensão que Merleau-Ponty aborda do corpo, como *carne*, esse *sensível-exemplar,* ou seja, da mesma matéria do mundo, permite-nos a imersão, dando-nos também a tarefa de imprimir sentidos nos múltiplos acontecimentos e nos dando poder para escolher,

 ISBN 978-85-60036-18-9

questionar e tomar decisões. A noção de carne em Merleau-Ponty não se refere à matéria, à substância, a uma essência ou a uma idealização do corpo, mas ao envolvimento do corpo no mundo por uma espécie de fissão, criação de novos espaços e sensações (NÓBREGA, 2010).

Entrelaçado a isso, alarga-se a compreensão do corpo como objeto, *parte-extra-partes*, para incluir as dimensões do símbolo, do desejo, da linguagem, sendo fundamental para a compreensão da ontologia do ser selvagem proposta por Merleau-Ponty (2009) o ser da indivisão, cuja natureza é sensível.

O sensível é compreendido não apenas como qualidade do objeto ou impressão física, mas também como sentido, intenção, significação. O sensível é o ser que me atinge no que tenho de mais secreto, em estado bruto ou selvagem, num absoluto de presença do outro e do mundo. O seu projeto é enfatizar o sentido do corpo e do sensível como realidade essencial do humano (NÓBREGA, 2010).

Quando Merleau-Ponty menciona o corpo estesiológico, é o corpo capaz de sensação, mas também de expressão, criação. É esse corpo do ser selvagem. O ser selvagem é o ser que não é determinado por classificações, taxionomias, especulações, determinismos de nenhuma ordem (Nóbrega, 2010). O *ser selvagem* é o ser da criação, que se atreve, quer dizer, é um ser que não pode ser descrito inteiramente pela ciência, pela filosofia, pela psicanálise, cuja natureza é sensível, capaz de sensação.

Nessa compreensão, a sensação não é oposto da percepção, posto que na própria sensação há significação que faz compreender a experiência vivida e suas múltiplas significações, mostrando que no sentir há sentido. Em O *Visível e o Invisível* (1992), com a crítica à fé perceptiva, compreende-se a percepção como interrogação da realidade, uma percepção ancorada no corpo, não em uma consciência que sobrevoa o corpo e que por processos cognitivos abstratos ordena as ações e o próprio pensamento sem vínculos corporais. Mas uma carne que está aqui e agora e por sua reversibilidade funda-se um corpo a outro (MERLEAU-PONTY, 1992, 2006).

Merleau-Ponty não quer mais compreender a sensação, ele quer a sensação, ele quer a interrogação, o esboço, o farrapo, o ser como inacabamento. A vida se desenvolvendo por diferenciação gradiente. Sensível-exemplar (um ser de carne), percebendo um outrem que é possível para mim como um outro que percebe os mesmos sensíveis que eu percebo. "O meu esquema corporal projeta-se nos outros e os introjeta, tem relação de ser com eles, procura a identificação, apresenta como indiviso com eles, deseja-os" (Merleau-Ponty, 2006, p. 361). Alimento-me desse desejo. O desejo sendo estrutura comum do meu mundo como carnal e do mundo de outrem. Se não desejo, não percebo.

Entre outras questões, a estesia abre o meu corpo para o exterior, incorporação, um corpo poroso com orifícios e passagens, que é também a indivisão do meu corpo e dos outros corpos.

Nóbrega (2010) conceitua poeticamente a estesia, afirmando que:

> A estesia do corpo proposta na fenomenologia de Merleau-Ponty apoia-se em uma compreensão erótica da vida e do conhecimento que ultrapassa as dicotomias clássicas e o racionalismo. A percepção erótica irá permitir uma forma de compreensão da relação corpo-mundo não da ordem do eu penso, à maneira do cogito cartesiano, mas do eu vivo, eu sinto, eu amo (NÓBREGA, 2010 p. 95).

A estesia é uma comunicação marcada pelos sentidos que a sensorialidade e a historicidade criam, numa síntese sempre provisória, numa expressão existencial que move um corpo humano em direção a outro, fazendo-o compreender os múltiplos significados da experiência vivida. A percepção das cores é um exemplo significativo da estesia colocada por Merleau-Ponty (2009), onde o vermelho que não é o mesmo vermelho dos telhados, daquela roupa vermelha

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

das mulheres, da beca dos professores e advogados, ou mantos dos bispos, da bandeira da revolução. Vermelho que é tirado do fundo das idealidades, que é signo e significação.

O ser visível é natural, construído em torno do ser natural, mas não é possível que nos fundemos nele nem que ele penetre em nós. No entanto, apalpando-o com o olhar, nós o desnudamos e o envolvemos, o vestimos com nossa carne, e o ser invisível ali se torna visibilidade, dotado de significações, dá e recebe sensação (Merleau-ponty, 2009). Não podemos confundir a estesiologia com uma consciência que sobrevoa um corpo, mas que se incorpora nas suas dobras.

A estesia é a condição de sentir as qualidades sensíveis emanadas do que existe e que exala a sua configuração para essa ser capturada, sentida e processada, fazendo sentido para o outro. Segundo Merleau-Ponty (2006, 2009) a estesia é movimento; eu só experimento a sensação entrando no que eu aprecio, podendo ser um quadro, uma paisagem, uma dança, uma pessoa, um acontecimento, uma poesia, um discurso de um filósofo ou cientista, e essa via, que é dupla, causa a reversibilidade que une um corpo ao outro. Temos como exemplo: "a arte, a poesia, a pintura, a dança apresentando-se como conhecimentos cuja racionalidade é marcada pela estesia do corpo, nuançando sentidos amplos para a comunicação, a expressão e os atos de significação" (NÓBREGA org., 2009, p. 19).

Nota 2: *Onqotô?*

No caso da dança, em particular, a sensação não se trata de performance no sentido físico, mas um estado de performance, considerar a profundidade. Por isso a carne do sensível é uma noção que pode nos dar acesso ao Ser em profundidade por meio de uma fissão do sentiente e do sensível. Há uma reversibilidade da carne, haja vista a estesia capaz de estabelecer novas e inesperadas relações entre o vidente e o visível. "Essas trocas, a sinergia envolve outros corpos. A corporeidade maciça, que se vê, não é todo o corpo; a carne é mais ágil" (LANCICER e NÓBREGA, 2010).

Neste contexto da dança, em especial na obra Onqotô, do Grupo Corpo, vemos a possibilidade do entrelaçamento da percepção e movimento, deste simbolismo no corpo. Essa obra tem como nomes Rodrigo Pederneiras na coreografia, iluminação e cenografia de Paulo Pederneiras, figurino de Freusa Zechmeister e trilha sonora de Caetano Veloso e José Miguel Wisnik.

Onqotô? *Pronqovô*? *Doncovim?* Expressões bem no estilo mineiro pra dizer: Onde é que eu estou? Para onde eu vou? De onde eu vim? Questões que impulsionam a dança *Onqotô* (2005), que é o nome dado para a obra do Grupo Corpo, em comemoração aos 30 anos da Companhia. Obra que trata da angústia do homem contemporâneo, da sua perplexidade e de sua pequenez em torno de um universo tão vasto (REIS, 2008).

A ideia do espetáculo surgiu de uma máxima espirituosa sobre o início do universo, de Nelson Rodrigues: “40 minutos antes do nada já existia o Fla-Flu”. Contrapondo a teoria “americana”: *Big Bang*. *Onqotô* (2005) brinca com essas noções e constrói em torno de si o seu próprio mito, onde o termo *Fla-Flu* (clássico futebolístico), neste espetáculo, vem significar o balanceio dos opostos, o caos que já existia antes mesmo do nada (BÓGEA, 2007).

Começo pela ideia de caos. No palco, os vinte bailarinos dançam, a princípio, sem tanta lógica. Aos poucos, a caligrafia gestual dá cadência à atmosfera de aparente descompasso. O cenário feito pelo Paulo - solução formal que nos remete a um espaço negro, indefinido e infinito-, contribui para a atmosfera de dúvida e para lançar ao ar questionamentos como: De onde viemos e para onde vamos? Não há respostas. (RODRIGO PEDERNEIRAS, In: REIS, 2008, p. 133).

Na primeira cena de *Onqotô* (2005), presenciamos um caos como mencionado pelo coreógrafo no trecho acima, em que os vinte bailarinos articulam gestos em vários níveis, num ritmo que, ao juntar o sapateado com a percussão da música de Caetano Veloso “É só isso”, dá uma força muito particular à cena. Junto com os figurinos pretos e a iluminação anêmica, dá-nos a impressão que sombras estão dançando. Os movimentos são fortes e soltos, parecem

 ISBN 978-85-60036-18-9

incorporar o espaço. Os corpos dos bailarinos parecem se impor como presença, apesar de ecoarem, ajudados pelos outros artifícios cênicos, os questionamentos que lhes garantem mistério e os fazem a todo tempo mudar de direção: *Proqovô? Onqotô?*

Como o próprio coreógrafo diz, "não tem resposta", mas tem as interrogações que impulsionam o Ser.

Não há respostas para os questionamentos metafísicos que permeiam *Onqotô,* porque acredito que a intenção da obra não é responder, mas interrogar, e voltar a interrogar, e contribuir no fluxo do pensamento. Segundo Merleau-Ponty (2009), não é um ser positivo que define a vida, mas sim, um ser interrogativo.

Onqotô é um balé das ambiguidades, dos paradoxos, das incertezas; uma necessidade às diferenças. Vale a pena ressaltar o quarteto que divide uma cena na canção "Mortal Loucura" (cantada por José Miguel Wisnik, nos versos de Gregório de Matos); esse quarteto é composto por *duos*, um hetero e outro de duas mulheres. Eles preenchem o espaço e o tempo da cena com uma doçura arrebatadora. Os *duo*s se realizam quase todos no chão.

A cena começa com dois focos de luz em cada *duo*. Conforme o quarteto vai se descolando do chão em direção ao outro corpo, a luz vai especificando cada um. Os bailarinos que compõem o *duo* hetero começam a movimentação mais febril, enquanto o outro se desenvolve com delicados gestos. Seguido de um repouso do primeiro, o *duo* feminino se desenvolve na doçura, como que se deslizassem um corpo sobre o outro, seguidos de gestos mais bruscos e logo o repouso. Na continuidade da cena, os dois *duos* dividem os movimentos mais bruscos ao mesmo tempo, seguidos de um repouso em conjunto.

Vemos nessa cena um olhar que apalpa, corpos que se envolvem plenamente, como se fossem um só no movimento, que se lançam para o outro brutalmente, sem explicações, sem respostas, mas que querem essa sensação presente, essa vibração, esse êxtase, seguido de um repouso. E logo recomeça tudo novamente. Uma "carne que responde à carne" (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 195).

As ambiguidades são observadas mesmo no preto e o claro dos figurinos e da cena. Esse Ser que é na diferença. É um mundo onde tudo se afronta, tudo se entrelaça. Retomamos nesta cena de *Onqot*ô a leitura de Merleau-Ponty, do corpo como tocante-tocado, capaz de relacionar-se a outra coisa que não sua própria massa, numa inerência de si ao mundo ou do mundo em si, num *Ineinander.* Ser como quiasma, ou seja, reversibilidade.

O coreógrafo Rodrigo Pederneiras relata ter produzido os movimentos numa ótica em que parece que esses movimentos abrem a superfície para revelar algo que supostamente estaria dentro dela, escondido. Ou mesmo uma profundidade, ou mesmo o *invisível* refletido na filosofia de Merleau-Ponty, principalmente em sua obra "O visível e o invisível" (2009). Esse invisível que se revela na carne revela-se num ser de profundidade. Com esses movimentos nos ensinam a ver que o interior e o exterior não passam de continuidades. Corpos *espaço-porta-de-vai-e-vem*, num quiasma, uma reversibilidade de dois corpos que se sentem, que estão sempre em direção ao outro. Como se os corpos adentrassem um no outro e fossem abertos pelo movimento-símbolo do corpo que se arremessa, que, neste exercício de reflexão, é sugestivo convidarmos o *ser selvagem,* noção da qual Merleau-Ponty se apropria em sua atitude filosófica. Ser que se atreve. O ser como continuidade, que não veio do determinado, mas tem historicidade.

O Ser Selvagem amplia a existência, Ser que se atreve em busca de novos espaços, sensações, reinventando novas formas de ser e estar no mundo. É o ser da criação e da indivisão. O Ser Selvagem do pensamento de Merleau-Ponty não é o "selvagem" antropológico de Levis Strauss, que habita as florestas, as planícies e as margens dos rios. O Ser Selvagem de Merleau-Ponty revela-se no corpo em movimento, habita a experiência estesiológica, habita o invisível, os abismos, as brechas que nos levam a pensar. Como uma criança que tem o mundo para descobrir e se encantar. Assim como afirma Merleau-Ponty (2006): "porque encontramos no ser bruto, selvagem, vertical, presente, uma dimensão que não é a da representação nem a do 'Em Si'" (2006, p. 343).

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Em *Onqotô* vemos essa dança do Ser Selvagem num jogo ambivalente de quem se descola do onde, entre o chão e o não e o nada. Essa ligação se faz com os corpos que sobem para cair ou que caem para subir porque estão experimentando o pesar do peso. Porque estão sempre vindo do outro e indo ao outro. Os dois espetaculares duos, dançados com precisão de bisturi, são situações que nos deixam a pensar.

Trilha sonora, coreografia, cenário, figurinos e bailarinos se entrelaçam na situação de um emprestar do outro que o alimenta, que apalpa e é apalpado, deseja e é desejado numa experiência estesiológica. Os corpos que dançam nessa cena alimentam-se de desejo. O desejo é o movimento paciente e silencioso que me atrai ao outro, aplicando meus sentidos que nos liga, para começar nesse jogo o paradoxo da expressão. É mesmo esse mistério que reveste o outro, que me encanta, o que me falta para fechar um circuito. A estesiologia emerge da vida e do desejo. O corpo como poder de "empatia", como carne, já é desejo, libido, projeção-introjeção, identificação. Se não desejo, não percebo (MERLEAU-PONTY, 2006, 2009).

> a estrutura estesiológica do corpo humano é, portanto, uma estrutura libidinal, a percepção, um modo de desejo, uma relação de ser e não de conhecimento.. um espírito não desejaria, assim como não perceberia. Qual o eu do desejo? É o corpo, evidentemente. (MERLEAU-PONTY, 2006, p.340)

Enquanto houver a vida, há esse atrever do ser selvagem e seus silêncios. Silêncios que são representados pelas pausas e respirações na coreografia e na melodia, que não é avesso à linguagem, mas é esse "nada" fecundo do impensado, do que permite pensar, perceber, criar, descobrir. É a preparação para mais um ápice, mais uma criação proveniente da carne. Para Merleau-Ponty (2009), quando a linguagem se renuncia a dizer a coisa mesma, consegue expressar o sentido do mundo. "É necessário que a fala entre como silêncio, rompa até ela através do silêncio e como silêncio, como coisa simplesmente percebida... Este negativo fecundo, instituído pela carne... o negativo, o nada, é o desdobrado, as duas faces do corpo, o interior e o exterior articulados um no outro" (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 236).

Segundo Merleau-Ponty (2009, p. 237), "o nada é antes a diferença dos idênticos", instituído pela carne. A carne, que neste contexto é o "idêntico", pois não há distinção da carne do corpo e da carne do mundo, mesmo habitando a diferença intersubjetiva que a move. Ou mesmo, numa analogia com o mito de *Onqotô* (2005), o nada é antes esse "Fla-Flu", essas ambiguidades, diferenças, o caos que dá expressão à carne. Ou seja, tudo se origina do nada.

A ontologia que perpassa *Onqotô* (2005) leva-me a refletir na filosofia do espanto que inspira Merleau-Ponty, esse desmonte do ser, esse abalo das certezas. Não mais uma filosofia que quer construir um sistema. O filósofo considera a questão do corpo, da racionalidade, da compreensão sobre a existência, sobre a história como desafio, e não como algo determinado, absoluto (Merleau-Ponty, 2009). Na atitude filosófica de Merleau-Ponty, como também podemos dialogar com *Onqotô (2005)*, o observador coloca problemas e não busca certezas. Não é chegar a um fim, mas uma filosofia angustiada, no sentido de busca, comportamento como aprendizagem.

Continuando nessa narração fenomenológica, começa a cena "Tão Pequeno". Uma escuridão toma conta de todo o espaço e logo surge, no meio do palco, uma pequena iluminação dando visibilidade a uma forma confusa. Sem pressa de observar, percebo um corpo suado, dobrado sobre si mesmo, tomado por uma respiração que dá um movimento embrionário à cena, algo querendo transpor ou mesmo nascer. Percebo um conflito para mudar de forma. Até que na música de Caetano Veloso, inspirado nos versos de Camões, um corpo nu vem se deslocando lentamente, descolando-se do chão até ficar de pé em um corpo humano. A iluminação vai abrindo no espaço, escondendo e mostrando partes daquele corpo nu. Uma cena que embriaga os sentidos.

Essa cena é muito emblemática, tanto na trajetória do Grupo Corpo, na história da dança contemporânea brasileira, como também mais um ponto a se pensar, tendo como impulso a

 ISBN 978-85-60036-18-9

atitude filosófica que reveste esta pesquisa. Primeiro nu desses 30 anos da Companhia. Um risco abraçado e uma intenção de ultrapassar a obviedade ao encontro com a beleza, esta emaranhada de sentidos.

Sensação à flor da pele me captura. Visualizo o visível e o invisível nessa cena. Onde as zonas claras, iluminadas pelas luzes do cenário, entrelaçam-se com as zonas escuras. Percebo o movimento do Ser de carne, e, talvez, esse momento em *Onqotô* venha melhor exemplificar essa noção. No momento em que esse corpo está colado no chão, "*este bicho terra tão pequeno",* da mesma substância do mundo, e enrolado sobre si mesmo, sem forma determinada, confundido com o espaço, penso numa carne como fundo imemorial, um campo motriz de criação.

> Minha carne e a do mundo comportam, portanto, zonas claras, focos de luzes em torno dos quais giram suas zonas opacas; a visibilidade primeira, a dos *quale* e das coisas não subsiste sem uma visibilidade segunda, as das linhas de força e das dimensões, a carne maciça, sem uma carne sutil, o corpo momentâneo, sem um corpo glorioso (MERLEAU-PONTY, 2009, p. 144).

O invisível da cena, simbolizado pelos pontos de sombras, os silêncios, os mistérios, é rico de sentidos, é o impensado, o outro lado do visível, a abertura para a experiência estesiológica e, com isso, inúmeros significados.

Em um trecho da música, na voz de Caetano Veloso, vem a interrogação: *"Onde pode acolher-se um fraco humano?"* Acolhe-se num corpo orgânico que a cada novo risco se reinventa e pode dar outras formas ao espaço a sua volta e a sua estrutura. Existe um projeto humano, um esboço que sou eu, um corpo poroso, estesiológico, que para cada experiência muda de configuração. Um mundo que da ordem da carne sempre muda, mas que permanece.

Nota 3: *Proqovô?*

Nessa obra *Onqotô,* percebo que o Grupo Corpo alcança um êxtase criativo, ficam nus dos pré-determinismos ao encontro de outras roupagens, de outras belezas. *Onqotô* carrega tudo consigo, mas consegue ver mais longe. O Corpo aprofundou suas propostas, soltou ainda mais as amarras de braços, pernas e quadris e estabeleceu uma linguagem de dança reconhecida internacionalmente e plenamente amadurecida em *Onqotô* (2005). A obra marca distâncias de determinismos ao encontro do bruto, do selvagem, do outro, da sensação apenas como risco e criação.

A estesia como conhecimento sensível é expressa nesta pesquisa pelo atrever-se do corpo à experiência estética com a obra e por uma atitude que ultrapassa isso, vai além, ou seja, movimenta a reflexão que nos conduz para possibilidades, para criação. E pode apresentar-se como estratégias para educação dos sentidos, possibilitar uma reflexão que é capaz de conduzir ao espanto como condição de reaprender a ver o mundo, reconvocar a sensibilidade, o poder de agir e de criar. O sentido da estesia, desse sentir, está nos acontecimentos e na ligação entre as coisas e profundidade de sua expressão, numa sensorialidade que anima a carne e abre o corpo para o mundo (Nóbrega, 2010).

Entre os muitos desafios que se apresentam na educação contemporânea, de modo geral, e na Educação Física, de modo particular, destacamos a escuta sensível com possibilidade de perceber a presença do corpo nesta educação, compreender sua linguagem e construir um conhecimento que favoreça a condição humana. A estesia, compreendida como comunicação sensível, diz respeito à experiência do corpo no espaço e no tempo, nas relações com a natureza, com o mundo, com o outro e consigo mesmo. Uma comunicação marcada pelos sentidos que a sensorialidade e a historicidade criam, numa síntese sempre provisória, numa dialética existencial que move um corpo em direção a outro corpo (MERLEAU-PONTY, 1994, 2009; MEDEIROS E NÓBREGA, 2006).

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

BOGÉA, I (org.). *Oito ou nove ensaios sobre o Grupo Corpo*. São Paulo. 2ª edição. Cosac Naify, 224p, 2007.

DELEUZE, G. *Francis Bacon: lógica da sensação*, trad. Roberto Machado (coordenação), Rio de janeiro; Ed. Jorge Zahar, 2007.

LANCINCE, N., NÓBREGA, T. P. *Corpo, dança e criação: conceitos em movimento*. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 241-258, julho/setembro de 2010.

MENDES, I. *Mens sana in corpore sano: saberes e práticas educativas sobre corpo e saúde.* Porto Alegre; Sulina, *2007*.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção*. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

----------. *A Natureza*: curso do College de France, texto estabelecido por Dominique Séglard; traduzido por Álvaro Cabral. 2a edição. São Paulo; Martins Fontes, 2006.

----------. *O visível e o invisível*. São Paulo; 4a edição, Perspectiva ----------. *O olho e o espírito*. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.MEDEIROS, R.M do NÓBREGA, T.P. *A visão, o contato e a flexibilidade: reflexões sobre corpo e educação.* Revista Educação em Questão, v. 26, n 12, maio/agosto, p. 51 a 68, 2006.

NÓBREGA, T.P. *O olhar, o corpo, a arte: uma narrativa fenomenológica*. NÓBREGA, T.P(org.) *Escritos sobre o corpo: diálogo entre arte, ciência, filosofia e educação*. Natal, RN: EDUFRN- Editora da UFRN, 2009.

---------- *Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito*. 3a edição. Natal/RN. Editora da UFRN. 2009.

NÓBREGA, T. P. *Uma Fenomenologia do Corpo*. São Paulo. editora Livraria da Física, 2010.

REIS, Sérgio Rodrigo. *Rodrigo Pederneiras e o Grupo Corpo: dança universal.* Imprensa Oficial, São Paulo, 2008.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

O CORPO PRÓPRIO COMO PRINCÍPIO EDUCATIVO A PARTIR DA PERSPECTIVA FENOMENOLÓGICA DE MERLEAU PONTY[4]

Luiz Anselmo Menezes Santos[5]
Universidade Federal de Sergipe

RESUMO: O presente trabalho baseia-se na perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty. O objetivo é defender a ideia de Corpo Próprio como princípio educativo, pretendendo estabelecer um estudo acerca de como o corpo nos faz essencialmente seres de relação com o mundo e com os outros. Partimos do pensamento iluminista, para identificar os elementos estruturadores de uma concepção de Educação Física a partir da relação entre o intelecto, a moralidade e o corpo físico. A intenção foi realizar um mapeamento da forma de pensar a educação do corpo no século XVIII, através da análise das concepções pedagógicas de Locke, Rousseau e Kant, buscando revelar a ideia de corpo educado e, portanto, preparado para a autonomia e a moralidade. A necessidade de educar o corpo foi adotada no cenário da pedagogia moderna e, apesar dos avanços trazidos pela perspectiva iluminista, no que diz respeito à revalorização do corpo no âmbito educacional, encontramos ainda a proposta de um corpo instrumento. Na perspectiva filosófica de Merleau-Ponty, o corpo não é uma coisa nem uma ideia abstrata, ele é presença sensível e intencional, que faz do sujeito perceptivo uma consciência encarnada no mundo, capaz de reaprendê-lo constantemente. Esse processo, no entanto, não é espontâneo; ele necessita de aprendizagem e treino, já que as disposições não brotam de um fundamento metafísico. Esse Corpo Próprio, que se manifesta por meio da sua motricidade, apresenta códigos e crenças que foram apropriados em virtude de um determinado padrão cultural produzido e herdado pelo contexto percebido. O corpo que Merleau-Ponty nos apresenta é aquele vivenciado por nós como realização de nossas intenções, desejos e projetos. Nesse sentido, percebemos o Corpo Próprio como um princípio que nos possibilita reaprender o mundo. É nesse sentido que a prática pedagógica precisa ser orientada por um princípio educativo, que nos incentive a meditar e a refletir sobre as consequências dos fatos, das próprias ações e do sentir.

Palavras-chave: Corporeidade, Corpo Próprio, Fenomenologia.

INTRODUÇÃO

Na atualidade, podemos observar o crescimento de estudos e pesquisas educacionais relacionados à Corporeidade, que apontam para a necessidade de observação e de divulgação de uma outra maneira de compreensão do corpo. Essa abordagem requer uma amplitude de conhecimento, que serve para entendermos a complexidade humana e o significado da palavra "**corpo**" num sentido mais amplo. É imprescindível uma concepção de educação, que considere o corpo como uma ligação homem-mundo, que esteja presente na cultura, no trabalho, nas relações. Uma educação que considere importante que nossos corpos se movimentem, transformem-se, para podermos transformar as coisas do mundo e, ao mesmo tempo, desorganizar e reorganizar a nossa própria percepção.

Apontamos para a necessidade de trazer para o âmbito de nossas reflexões sobre educação o conceito de Corpo Próprio proposto por Merleau-Ponty, que, de modo geral, situa o ser humano como um ser-no-mundo. Dentro dessa lógica, o ser humano deixa de ser entendido como a soma de partes e passa a ser um sistema de interação que se relaciona.

A célebre frase: "Mas eu não estou diante de meu corpo, estou em meu corpo, ou antes, sou meu corpo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 207 – 208) – representa a compreensão do Corpo Próprio. É o corpo que nos faz ser essencialmente seres de relação com o mundo e com os outros.

4 Este texto vincula-se à tese de Doutorado de Luiz Anselmo Menezes Santos, defendida em março de 2012, no Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, orientada pela Profª Drª Anamaria G. B. de Freitas e co-orientada pelo Prof. Dr. Iraquitan Caminha.

5 Doutor em Educação, Professor Adjunto do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Sergipe. Email: anselmomenezes@ufs.br

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Nessa perspectiva, o corpo não é uma coisa nem uma ideia abstrata, ele é presença sensível e intencional, que faz do sujeito perceptivo uma consciência encarnada no mundo, capaz de reaprendê-lo constantemente. É por essa razão que, para Merleau-Ponty, a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo que realizamos permanentemente. Tal assertiva significa que a subjetividade coincide com os processos corporais; em contrapartida, é preciso considerar que: "ser corpo é estar atado a um certo mundo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 205). O entendimento do ser-no-mundo é condição necessária para o ser humano voltar-se para si mesmo e organizar seu modo de existir; afinal, somos seres sociais e “possuímos” uma consciência.

A Filosofia, particularmente a fenomenologia de Merleau-Ponty, apresenta-se como uma outra maneira de compreender os fenômenos, da qual decorre uma compreensão sobre o corpo. Corpo que é considerado para além das teses da ciência e da própria filosofia na obra de Merleau-Ponty. Consideração sobre o corpo que abre nova compreensão sobre a corporeidade. Compreensão que desafia a subjetividade à construção de outras compreensões da educação.

Portanto este trabalho propõe-se a destacar, no pensamento iluminista, os elementos estruturadores de uma ideia de Educação Física ou Educação do Corpo que justificou a sua presença no contexto escolar a partir da relação entre o intelecto, a moralidade e o corpo físico. Uma pedagogia do corpo é explicitamente tratada nas reflexões de Locke (*Pensamientos sobre La Educación*, 1986), Rousseau (Emílio ou da Educação, 1995) e Kant (Sobre a Pedagogia, 1996). O entendimento do exercício corporal dentro das concepções pedagógicas iluministas sempre foi o de promover a prevenção de doenças, o fortalecimento das forças físicas e a disciplina do caráter. Essa ideia de corpo educado perpertua-se nas concepções pedagógicas, manifestadas nos métodos ginásticos do século XIX, quando a Educação Física se consolida no contexto escolar, justificada pelas ciências biológicas. A Educação do Corpo, pensada no século XIX e representada, sobretudo, pela escolarização da ginástica e do esporte, através da institucionalização da Educação Física, ainda se configura pelo entendimento do corpo instrumento.

Portanto o presente trabalho propõe não apenas demonstrar como a ideia de corpo objeto foi adotada no cenário da pedagogia moderna e contemporânea, mas também argumentar que, apesar dos avanços alcançados, no que diz respeito à revalorização do corpo no âmbito educacional, a perspectiva do corpo instrumento continua sendo a opção predominante nas práticas educativas. Assim sendo, defendemos a tese de que o corpo humano, no contexto educacional, não pode ser reduzido a um objeto positivo de investigação experimental, estabelecendo a crítica a esse reducionismo com base na concepção do Corpo Próprio de Merleau-Ponty, utilizando-o como princípio educativo.

Os tradicionais modelos de ensino não possibilitam o desenvolvimento espontâneo e integral da sensibilidade. Percebemos, na educação atual, a ênfase em torno das faculdades intelectuais, secundarizando outras dimensões do humano, como a expressão, a ética e a estética. Nessa perspectiva, discutir sobre o conhecimento exige uma consciência pedagógica no ato de educar, com respeito à singularidade de cada um, na sua forma de ser, de interagir e descobrir o mundo, posto que o educando, há muito tempo, deixou de ser visto como uma figura passiva, e não mais obtém meramente sequências que lhe são impostas por uma ordem exterior. “O trabalho de pesquisa sobre o Corpo Próprio consiste em descrever, explicitar e tornar compreensível esta experiência vivida da originária” (CAPALBO, 2008, p.139).

Dessa forma, nossa pretensão é contribuir com as discussões na área de Educação no que diz respeito à consolidação do conceito de corporeidade, revelando os limites e consequências da tradição mecanicista historicamente construída. Por outro lado, demonstrar as vantagens e benefícios da compreensão do sensível que se revela a partir dos significados do corpo em movimento. A intenção é que o princípio do Corpo Próprio sirva como referência para que os educadores incentivem em seus alunos a experimentação de movimentos que expressem com autenticidade a linguagem corporal do sujeito enquanto consciência encarnada.

A Concepção Iluminista da Educação Física e a Noção de Corpo Objeto

Ao observar as características essenciais do projeto educacional iluminista, nota-se que os aspectos pedagógicos em discussão giram em torno da possibilidade de fornecer ao

 ISBN 978-85-60036-18-9

educando uma sólida preparação rumo à sua própria autonomia. Discernir o verdadeiro do falso, o real do ilusório. Ter coragem de ousar e de esperar. Ser senhor dos seus sentidos e dos seus impulsos. Ser honesto para com os outros e para consigo mesmo. Tudo isso constitui a intenção de fomentar no homem sua capacidade de discernimento e seu poder de mudar por si mesmo e, por consequência, progredir livremente.

Quando se trata da Educação Física desenvolvida no âmbito teórico da filosofia Iluminista, esta não se restringe apenas a um programa de exercícios ou de treinamento para a melhoria do vigor físico. A ideia de educar o corpo, delimitada neste trabalho, é vista a partir de uma perspectiva mais ampla que supõe o processo de desenvolvimento do homem e de todas as suas capacidades, visando não só à formação de habilidades, mas também à do caráter e do próprio entendimento.

A intenção de trazer à tona a concepção Iluminista da Educação significa, tão somente, localizar, nas ideias educacionais de Locke, Rousseau e Kant, as evidências da incorporação da dinâmica corporal e, por consequência, dos exercícios físicos, a partir de um princípio educacional que pretendia um desenvolvimento progressivo e harmônico do corpo tanto quanto do espírito, sem a predominância de qualquer um deles. Os temas – Educação Intelectual, Educação Física e Educação Moral – utilizados têm por finalidade traduzir as diretrizes que compõem a proposta de formação de um homem livre. Desse modo, a educação seria o caminho pelo qual o indivíduo ou a criança desenvolveria suas aptidões, sejam elas físicas, sejam intelectuais, bem como seus sentimentos estéticos e morais, com o fim de cumprir, através de uma sólida orientação, sua tarefa primordial: a de ser homem.

Não se pode desconhecer, portanto, que a prática dos exercícios físicos sempre esteve associada aos sistemas de valores, morais e sociais, que constituem a formação do caráter e da personalidade. Nesse sentido, pode-se compreender que o século XVIII é marcado pela íntima correlação entre as atividades corporais e as atividades morais e mentais, com base numa filosofia educacional que traduz os ideais de uma vida mais ativa, estabelecendo, certamente, os primeiros indícios da “Educação Física Moderna”.

Portanto ressaltamos o lugar ainda de subalternidade em que o corpo é colocado pelo pensamento racional; ele agora passa a ser dependente da orientação que o homem faz dele, ou seja, um objeto ou um organismo comandado por um “EU” abstrato. O corpo passa a ser visto como o primeiro e mais natural objeto técnico do homem, em que a adaptação constante de um indivíduo a um fim físico, mecânico, químico é perseguida numa série de atos montados por toda a sua educação, por toda a sociedade na qual ele está inserido.

Fica evidente que qualquer proposição dualista (seja ela metodológica, seja Educativa) ou que esteja baseada nos postulados filosóficos do cartesianismo implicará a continuidade da visão “tradicional” e “reduzida” de “Educar o corpo”, ou melhor, de uma “Educação Física” proposta pela concepção Iluminista. Para a perspectiva fenomenológica de Merleau-Ponty, a dualidade impede que o homem possa ser concebido em sua totalidade. A ideia aqui discutida tem a intenção de evidenciar a necessidade de se apontar os limites da concepção de Educação Iluminista, já que ela, até momento, permanece reforçando um dualismo insustentável e incoerente com a visão de mundo fenomenológico.

Nesse sentido, cabe neste momento esclarecer que tanto as ideias cartesianas quanto as proposições iluministas reforçaram e ainda continuam a reforçar a concepção de homem racional, que deveria ser disciplinado e necessitará ser orientado a partir do princípio Educativo que reforça o entendimento de um corpo instrumento. Portanto Merleau-Ponty diverge da visão dicotômica do ser humano, estabelecendo um novo modo de conceber o corpo que, antes de ser um objeto, é nosso modo próprio de ser-no-mundo. É o corpo que realiza a abertura do homem ao mundo, colocando-o em contato com tudo que o cerca.

> Assim como a causalidade fisiológica, a tomada de consciência não pode começar em parte alguma. É preciso ou renunciar à explicação fisiológica, ou admitir que ela é total – ou negar a

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> consciência ou admitir que ela é total; não se pode referir certos movimentos à mecânica corporal e outros à consciência, o corpo e a consciência não se limitam um ao outro, eles só podem ser paralelos. Toda explicação fisiológica se generaliza em fisiologia mecanicista, toda tomada de consciência em psicologia intelectualista nivela o comportamento e apaga a distinção entre movimento abstrato e o movimento concreto, entre o Zeigen e o Greifen (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 174 – 175).

Podemos constatar que todos os ramos do saber foram influenciados por uma perspectiva mecanicista de corpo, sobretudo na educação, que se mostra ainda muito intelectual, baseada na abstração e no verbalismo. Nessa perspectiva, o corpo faz parte da constituição fundamental da Educação, perpetuando uma supremacia do espírito em detrimento do corpo, que ficou sob a responsabilidade de um ramo menor – neste caso, a Educação Física.

Nesse sentido, o indivíduo é percebido como uno, manifestando seus sentimentos e suas ações num todo vivido. O que se diz agora é que as formas psíquicas (o vivido) são exatamente simbolizadas pelas formas psicológicas objetivas. O Corpo Próprio torna-se a ligação entre o sujeito e o mundo, e, por essa razão, ele não pode ser puro fisiologismo. Foi Merleau-Ponty quem nos mostrou a existência de diversas maneiras de manifestação do corpo. Nossas experiências constituem a fonte de todo o conhecimento, sendo este adquirido no próprio mundo, um mundo que existe ao nosso redor e que só passa a existir efetivamente para nós quando lhe atribuímos um sentido. O mundo está aí mesmo, ele é inesgotável, pois o conhecimento que podemos ter dele é em perspectiva, ou seja, há várias possibilidades ou ângulos para apreendê-lo, dependendo das nossas vivências. Sendo assim, a consciência está ininterruptamente voltando-se para o mundo e buscando, através da essência, um contato mais direto e profundo com a existência ou, em outros termos, com o próprio mundo.

O conceito do Corpo Próprio em Merleau-Ponty

O Corpo Próprio nada tem a ver com o corpo que a ciência estuda como objeto. As ciências do corpo, a Biologia, a Medicina, a Psicologia, a Fisiologia, entre outras, procuram conhecer os mecanismos, as leis e os processos que regem seu funcionamento. É um corpo tratado segundo as regras capazes de serem cientificamente justificadas ou verificadas. Por outro lado, o Corpo Próprio é conhecido somente por aquele que faz ele próprio a experiência de sentir. Essa vivência não se dá apenas com um indivíduo, mas com tudo aquilo com que ele se relaciona.

Dessa forma, a concepção de corpo de Merleau-Ponty opõe-se à perspectiva mecanicista da Filosofia e da Ciência tradicionais, alinhando-se a uma nova compreensão do corpo humano, baseada no entendimento das relações corpo-espírito como unidade relacional, e não como integração de partes distintas.

> Portanto, o corpo não é um objeto. Pela mesma razão, a consciência que tenho dele não é um pensamento, quer dizer, não posso decompô-lo e recompô-lo para formar dele uma idéia clara. Sua unidade é sempre implícita e confusa (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 269).

Por outro lado, a Fenomenologia de Merleau-Ponty atribuiu lugar central às experiências vividas na compreensão do mundo e do ser. Dentro dessa visão, o ser não se define por explicações causais advindas da Biologia, da Psicologia ou da Sociologia, mas sim pelas experiências vividas. Merleau-Ponty considera ainda o corpo como um eixo na relação homem-mundo. Porém refere-se ao corpo vivo, cheio de sentido, intenção e movimento, para então perceber-se no mundo como um agente motriz. Para ele a realidade do mundo é garantida pela intersubjetividade. O mundo não é só aquilo que pensamos, mas, sobretudo, o que vivemos. A consciência é constituída a partir da vivência no mundo. Ela não é encontrada no mundo, mas no nosso desdobramento nele, ou seja, a partir do nosso aprendizado.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

> Portanto sou meu corpo, exatamente na medida em que tenho um saber adquirido e, reciprocamente, meu corpo é como um sujeito natural, como um esboço provisório de um ser total. Assim a experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em idéia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 269).

Para Merleau-Ponty o organismo é considerado uma estrutura indecomponível de comportamento, cujas reações são unificadas e ordenadas. Portanto o organismo nunca é um sistema em repouso, mas é sempre a sede de uma atividade: a necessidade de ação é a própria necessidade de viver.

Como o organismo nem sempre reage da mesma maneira ao estímulo proposto pelo meio, a necessidade de recorrer a um fator motivacional impõe-se. Podemos, portanto, afirmar ser o comportamento de um organismo uma atividade global que admite as direções com a significação dada acima, função das necessidades e da conscientização, que é o fundamento ou o princípio da unidade e do sentido de um ato. Ela confere ao comportamento seu caráter de ação por oposição à simples reação condicionada.

Segundo o autor estudado, a pesquisa fisiológica é apenas uma forma de interpretar o organismo. Conforme a concepção do referido estudioso, é inadmissível realizar uma investigação na motricidade sem levar em conta o conhecimento das condições globais do comportamento, pois sem essas circunstâncias é impossível se realizar o estudo das condutas motoras. Os movimentos de um organismo deixam de ser apenas contrações musculares manifestadas num corpo, para serem entendidos como respostas globais orientadas por sua significação.

> Ver-se-á que o corpo próprio se furta, na própria ciência, ao tratamento que a ele se quer impor. E, como a gênese do corpo objetivo é apenas um momento na constituição do objeto, o corpo, retirando-se do mundo objetivo, arrastará os fios intencionais que o ligam a seu ambiente e finalmente nos revelará o sujeito que percebe assim como o mundo percebido (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 110).

Nesse ponto, encontra-se a interdependência entre o “organismo-meio”, estabelecendo uma relação direta entre as características intrínsecas do ato (intenção) com aquelas que se manifestam nas realidades vividas pelo organismo. Para o entendimento dessa questão, esse autor utiliza-se da denominação “estrutura de significação”, cujo elemento do mundo dá sentido ao comportamento do indivíduo, explicando a modalidade da sua resposta. Perante esse ponto de vista, é possível que movimentos objetivamente semelhantes comuns manifestem significações diferentes ao estarem relacionados às estruturas particulares da experiência vivida de cada indivíduo. Em contrapartida, comportamentos motores (exteriores) poderão traduzir a mesma estrutura de significação. Por conseguinte, Merleau-Ponty identifica mera dependência mútua entre o indivíduo e o mundo, comprovando, assim, a importância do meio social manifestada no campo psicológico.

> O mundo é inseparável do sujeito, mas de um sujeito que não é senão projeto do mundo, e o sujeito é inseparável do mundo, mas de um mundo que ele mesmo projeta. O sujeito é ser-no-mundo, e o mundo permanece “subjetivo”, já que sua textura e suas articulações são desenhadas pelo movimento de transcendência do sujeito. Portanto, com o mundo enquanto berço das significações, sentido de todos os sentidos e solo de todos os pensamentos, nós descobríamos o meio de ultrapassar a alternativa entre realismo e idealismo, acaso e razão absoluta,

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> não-sentido e sentido. O mundo tal como tentamos mostrá-lo, enquanto unidade primordial de todas as nossas experiências no horizonte de nossa vida e termo único de todos os nossos projetos, não é mais o desdobramento visível de um Pensamento constituinte, nem uma reunião fortuita de partes, nem, bem entendido, a operação de um pensamento diretriz sobre uma matéria indiferente, mas a pátria de toda racionalidade (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 576).

Quando analisamos o "organismo fisiológico", estamos estudando a estrutura física do homem e o seu funcionamento; podemos até estudar o movimento nesse aspecto, mas ele não passará de um movimento biomecânico, objetivo e sem considerar a intencionalidade de um ponto de vista mais profundo. Quando nos dirigimos ao corpo fenomenal, por sua vez, o ser humano está sendo analisado em todas as suas instâncias: física, social, psicológica e espiritual, um corpo-sujeito, construtor da sua própria realidade; sendo assim, é a própria expressão da existência, como afirmava Merleau-Ponty (1999), pois sente, age, interage, aprende, recebe e doa; é um corpo vivido possuidor de uma linguagem, de uma história e de uma identidade, é singular no seu existir e no seu relacionar-se com o mundo.

> Em outros termos, como nós o mostramos alhures, o corpo objetivo não é a verdade do corpo fenomenal, quer dizer, a verdade do corpo tal como nós o vivemos, ele só é uma imagem empobrecida do corpo fenomenal, e o problema das relações entre a alma e o corpo não concerne ao corpo objetivo, que só tem uma existência conceitual, mas ao corpo fenomenal (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 578).

A visão de Merleau-Ponty é que o corpo não é algo só material, que não tem movimento próprio; para ele somos o corpo, um ser no mundo, uma unidade existencial, na qual não há separação entre psiquismo e biológico. Pode-se considerar que nós não somos apenas um corpo biológico. Somos um corpo muito mais complexo, que se manifesta, expressa-se, identifica-se, comunica-se e cria; um corpo no mundo capaz de tomar suas próprias decisões diante da vida e ser consciente; um corpo repleto de significado, cultura, ideologia.

Há, portanto, necessidade de se fazer uma distinção entre o Corpo Objeto ou Objetivo e o Corpo Próprio ou Fenomenal. O corpo objetivo é visto como um organismo fisiológico, aquele de que a anatomia e a fisiologia nos falam e do qual nos distanciamos, vendo-o como objeto que obedece a leis físicas e fisiológicas. O corpo fenomenal é vivenciado por nós enquanto expressão e realização de nossas intenções, desejos e projetos. Nesse sentido, percebemos o nosso corpo próprio como um espaço expressivo que nos possibilita comunicar com o mundo e o outro.

Assim, o sentido se faz para cada um no contato corpóreo de sua existência. É, em um mundo sensível, então, que a fala se revela como saber intersubjetivo, um meio de expressão corporal. Há em toda linguagem, portanto, uma possibilidade de transcendência em direção a um comportamento, ao outro ou ao próprio corpo pelo corpo e pela fala. O corpo vivido desenvolve sua experiência como corpo em realidade, revelando uma existência ambígua, rompendo, de fato, com dualismos clássicos entre sujeito e objeto em primeira ou em terceira pessoa.

Esse é um ponto que merece destaque, pois é evidente que não somos apenas seres que possuem músculos, ossos, nervos. Somos mais complexos, possuímos sentimentos, emoções, energias que interferem diretamente no nosso corpo e em nossa vida. Percebemos, no entanto, que o homem, principalmente no último século, concentrou-se muito no desenvolvimento da ciência e da tecnologia – fato que, sem dúvida, melhorou nossas condições materiais de vida. Por conseguinte, visando ao conforto exterior, o ser humano foi deixando de lado seu plano.

ISBN 978-85-60036-18-9

Podemos dizer, então, que o corpo é algo inacabado, pois é aberto pela percepção, está sempre interagindo com o mundo, tornando-se o resultado de todo esse processo constitutivo. “Quer se trate do corpo do outro ou de meu próprio corpo, não tenho outro meio de conhecer o corpo humano senão vivê-lo, quer dizer, retomar por minha conta o drama que o transpassa e confundir-me com ele” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 269).

As práticas educativas podem ser consideradas como fenômenos a serem desvelados, revelando seres, pensamentos, sentimentos, novos fazeres, no processo do ensinar/aprender, tornando possível a realização plena do humano. No movimento de realização, não são meramente coisas, sentimentos, sensações, ideias que, ao se tornarem reais, firmam sua presença no mundo vivido. Perceber quais as categorias que mais evidenciam cada temática a ser abordada e alicerçar nelas um tripé de ação que se ampara na linguagem, cognição e cultura.

Portanto faz-se necessário reedificar um mundo simbólico e relacional em torno do corpo humano, que em vez de ser domesticado ou reprimido, possa estimular a conscientização de um novo contexto social. Provavelmente, desse modo será possível concretizar vivências diferenciadas, que evitem a automatização da vida humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A opção pela análise fenomenológica de Merleau-Ponty abre perspectivas que permitem ultrapassar os antigos conceitos do corpo como máquina, como órgão executor ou como objeto de propriedade. Ao considerar a concepção de Corpo Próprio em Merleau-Ponty, assumimos a defesa de que o corpo não pode ser tratado como se fosse uma justaposição de partes que interagem entre si. Considerando o conceito de Corpo Próprio, o movimento é visto como uma experiência espontânea e intencional. Por estar encarnado no mundo e possuir uma cultura, o indivíduo precisa também ser estimulado com relação a sua motricidade, de forma que não haja separação entre a realização mecânica e a significação para o sujeito que se movimenta. A convivência com os outros corpos implica uma influência recíproca dos sentidos, dos significados que concorrem na permanente influência que criam neles novos sentidos e que os revestem de novos significados. A educação dos sentidos seria justificada pela necessidade de aprender e reaprender a ver mundo. Portanto essa transição da experiência corporal espontânea para uma experiência motriz orientada seria conduzida por processos educativos fundados no princípio do Corpo Próprio.

Todas as vezes que ouvimos falar de um possível processo educativo para o corpo, este é visto como um organismo fisiológico, aquele de que a anatomia e a fisiologia nos falam e do qual nos distanciamos, vendo-o como objeto que obedece a leis físicas e fisiológicas, e que necessita de alguma forma de treinamento ou disciplina. O corpo que Merleau-Ponty nos apresenta é aquele vivenciado por nós enquanto realização de nossas intenções, desejos e projetos. Nesse sentido, percebemos o nosso Corpo Próprio como um princípio que nos possibilita aprender a nos relacionarmos com o mundo e com o outro.

A mediação pedagógica deve estar pautada, portanto, em atitudes filosóficas originárias de pensamentos inquietantes que dão ao professor/educador o caráter de pesquisador na busca e na compreensão dos sentidos das coisas. Esse pensar traduz a necessária tomada de consciência do educador na reflexão sobre toda a intencionalidade que possui e que pode lançar através do olhar. É nessa relação com o outro que a percepção pode captar todas as impressões do mundo e, através das sensações, realizar a apreensão do mundo vivido. E retornar em suas ações esse mesmo mundo carregado de transformações e reorganizações necessárias às novas estruturações, nos caminhos do aprender e do ensinar. Por essas razões devemos assegurar relações recíprocas de descobertas, direcionando o trabalho educativo com base nas atitudes intencionais, na procura por uma educação inovadora, aproveitando toda a riqueza extraída da interação do próprio Ser com o mundo.

Percebemos que o mundo contemporâneo propicia o viver de forma mecânica, padronizada, automática e de maneira desatenta. Cresce o número de pessoas que vivem em extremos – há aquelas que desconsideram totalmente o corpo e a si mesmos e há aquelas que hipervalorizam o cuidar do corpo. Esses são dois extremos completamente diferentes e que

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

fazem parte da vida da maioria dos seres humanos. O homem é um produto do desenvolvimento histórico e da evolução biológica das espécies, mutável, pertencente a uma determinada sociedade. A concepção de corpo proposta pelo princípio do Corpo Próprio pretende ir além da força muscular, dos esportes competitivos e dos aspectos higiênicos de saúde, alcançando, assim, a aprendizagem do próprio corpo.

A construção do sentido surge de nosso entrelaçamento com o mundo e com os outros, em que a consciência integradora fundamenta os significados do verdadeiro papel do professor. É a ação da intencionalidade, como atitude assumida perante o mundo, que configura o princípio fenomenológico. O ser professor, na perspectiva fenomenológica, requer posturas flexíveis e reflexivas de repensar esse mundo/vida, de propor o exercício da criatividade, de inovar perante o movimento próprio de ser, de estar, de pensar e de fazer. De estimular a sensibilidade, de estar atento ao percebido, de reafirmar o sentido na mediação pedagógica, para transcender os limites circundantes no contexto educativo. Dessa maneira, a educação atual já possui a mentalidade necessária para compreender a importância de princípios educativos que promovam o poder subjetivante do corpo. Assim, nós, educadores, temos o compromisso de despertar a inteligência, criar as condições de interpretações do mundo em sua complexidade, aflorar as potencialidades do aprendiz e auxiliá-lo nas suas escolhas dentro do contexto socioeducacional.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. (Tradução Alfredo Bosi *et alli*) São Paulo: Mestre Jov., 1982.

CAMBI, F. **História da Pedagogia.** São Paulo: Unesp, 1999.

CAPALBO, Creusa. **Fenomenologia e Ciências Humanas**. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2008.

DARTIGUES, A. **O que é fenomenologia?** Rio de Janeiro: Eldorado, 1973.

FERRATER MORA, J. **Dicionário de Filosofia**. (Tradução Antônio José Massano e Manuel Palmeirim). Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1978.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico de filosofia**. (Tradução Fátima Sá Correia *et al*). São Paulo: Martins Fontes, 1993.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da percepção.** (Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura). São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O visível e o invisível.** (Tradução José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira). São Paulo: Perspectiva, 2003.

_____. **A estrutura do comportamento.** (Tradução Márcia Valéria Martinez de Aguiar) São Paulo: Martins Fontes, 2006.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

CORPO E ESTÉTICA: COMPREENSÕES NAS REVISTAS RBCE E MOVIMENTO

Hudson Pablo de Oliveira Bezerra
Programa de Pós-Graduação em Educação Física - PPGEF / UFRN

RESUMO: As compreensões acerca do corpo e da estética evidenciam diferentes concepções que buscam definir e apresentar seus diversos usos nos espaços sociais. Diante dessa capacidade de ressignificação oportunizada aos conhecimentos, trazemos como objetivo para este trabalho refletir sobre o corpo relacionado à estética e suas percepções nos espaços midiáticos. Para tanto, realizaremos uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa a partir de uma análise de conteúdo (BARDIN, 1977) nos artigos publicados nas revistas Movimento e Revista Brasileira de Ciências do Esporte, entre os anos de 2005 e 2011: Albino e Vaz (2008); Figueira e Goellner (2005); Gomes (2006); Gomes, Vaz e Assmam (2010) e Oliveira et. al. (2010). Foram selecionados 5 artigos e, a partir de suas análises, percebemos que o corpo, quando associado à estética nos espaços midiáticos, acaba por reduzir suas possibilidades de compreensão. Os autores dos artigos analisados compreendem que os espaços midiáticos entendem o corpo a partir da associação aos padrões estéticos como objeto passível de ser modelado e adequado aos modelos convencionados socialmente como perfeitos. Sobre a estética os artigos apontam para uma compreensão restrita de associação aos modelos e padrões corporais que povoam o imaginário do belo nas pessoas, levando-as à busca da divulgada e propagada perfeição corporal. No entanto, defendemos neste trabalho uma compreensão de corpo enquanto sujeito, um corpo vivo, subjetivo, histórico e cultural. Além disso, compreendemos a estética na fluidez e na capacidade de despertar sensações nos sujeitos que vivenciam suas experiências.

Palavras-chave: Corpo. Estética. Mídia.

INTRODUÇÃO

Os investimentos realizados atualmente por diferentes áreas do conhecimento na compreensão do corpo têm apresentado concepções que buscam superar os dualismos que estiveram/estão presentes no debate dessa temática. Entretanto percebemos que, embora tenhamos obtido importantes avanços, ainda é necessário realizar grandes investimentos em pesquisas para termos um conjunto de conhecimentos que oportunizem um tratamento ampliado do corpo nos diferentes espaços sociais, dentre eles, os espaços de atuação dos profissionais de Educação Física.

Diante do desejo de avançar sobre as compreensões de corpo e estética, é necessário direcionarmos reflexões para sua utilização em contextos sociais específicos, bem como para sua utilização por diferentes instituições, no caso específico deste trabalho, sua utilização nos espaços midiáticos.

A mídia, enquanto instituição responsável por mediar informações entre produtores e receptores, tem utilizado na contemporaneidade uma ampla variedade de conteúdos públicos e espaços de divulgação com diferentes objetivos, sejam eles, educar, alienar, comercializar, ludibriar, entreter, entre outros (BEZERRA, 2011). Dessa forma, ao relacionar-se com o corpo, torna-se importante verificar quais objetivos estão encadeados nessa relação, bem como quais compreensões esse aparelho de comunicação das massas tem veiculado a respeito do corpo.

Este trabalho foi construído como requisito avaliativo final da disciplina Corpo, Estética e Cultura ministrada no Programa de Pós-Graduação em Educação Física – PPGEF, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN.

Nele, objetivamos refletir sobre o corpo relacionado à estética e suas percepções nos espaços midiáticos. Para tanto, realizamos uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa a partir de uma análise de conteúdo nos artigos publicados nas revistas Movimento e Revista

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Brasileira de Ciências do Esporte entre os anos de 2005 e 2011. A seleção dos artigos aconteceu mediante a afinidade com os conceitos em debate e a relação estabelecida entre estes. Assim, selecionamos como amostra os artigos: Albino e Vaz (2008); Figueira e Goellner (2005); Gomes (2006); Gomes, Vaz e Assmam (2010) e Oliveira et. al. (2010).

Como citamos acima, a análise de conteúdo nos oportunizou o suporte necessário para análise dos artigos selecionados. Segundo Bardin (1977, p. 31) a análise de conteúdo é "um conjunto de técnicas de análise das comunicações". Ainda segundo a autora citada, "não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações" (BARDIN, 1977, p. 31). De acordo com Campos (2004, p. 612) "o conteúdo de uma comunicação [...] apresenta uma visão polissêmica e valiosa, que notadamente permite ao pesquisador qualitativo uma variedade de interpretações".

Assim, diante dessas múltiplas possibilidades de interpretação, cederemos espaço nesta construção para pensarmos como o corpo relacionado à estética tem sido percebido e apresentado nos espaços midiáticos a partir de análises apresentadas nos artigos selecionados. Posteriormente, buscaremos ampliar a compreensão de estética para além da referência a padrões e medidas.

CORPO E ESTÉTICA: REFLEXÕES SOBRE ESSA RELAÇÃO

Os artigos analisados apresentaram diferentes compreensões acerca do corpo, entretanto utilizamos como recorte para este trabalho as compreensões que relacionam o corpo à estética. Dessa forma, ao realizarmos nossas análises, percebemos que os artigos que fazem referência ao corpo associado às questões estéticas promovem reflexões e críticas aos modelos e padrões que são divulgados pela mídia.

Todavia, embora promovam reflexões e críticas, os artigos não avançam em compreensões diferenciadas de corpo e de estética. Para uma melhor compreensão, detalharemos e analisaremos com maior profundidade como essa relação do corpo com a estética aparece nos artigos analisados.

Os artigos analisados elucidam os diferentes mecanismos utilizados pela mídia para incentivarem a população a adquirir determinados padrões corporais como sinônimos de felicidade, beleza, saúde, perfeição, entre outros. Para isso orienta como investimentos necessários a realização de exercícios físicos e o controle nutricional com base em conhecimentos da fisiologia e da bioquímica, negando na maioria das vezes as características culturais e históricas que estão entrelaçadas aos sujeitos.

O artigo de Albino e Vaz (2008) foi analisado em nosso trabalho. Segundo os autores "os corpos estão à mostra como nunca, provocando desejos e anseios, sobretudo de alcançar promessas de liberdade, felicidade e sucesso que se encontram encarnadas nas aparências tidas como belas e saudáveis" (ALBINO e VAZ, 2008, p. 199). Essa representatividade destacada pelos autores alerta para os cuidados que devem ser efetivados no tratamento do corpo atrelado aos padrões estéticos. Os autores citados promovem essas reflexões a partir de uma análise da Revista Boa Forma, que apresenta corpos a serem adquiridos pela população, especialmente a população feminina.

O corpo, na análise realizada na Revista Boa Forma, era percebido de forma fragmentada. "O corpo é, assim, dividido, recortado, esquadrinhado para que nele possa ser realizado um trabalho minucioso e eficiente, uma vez que a leitora haverá de ter conhecimento bastante para isso" (ALBINO e VAZ, 2008, p. 204). Nessa compreensão, o corpo seria trabalhado por partes, para que pudesse produzir efeito no todo. Ele deveria ser devidamente modificado através de atitudes interventivas, com o objetivo de alcançar um padrão apresentado pela revista como ideal estético.

Percebe-se, também, que o corpo deveria se adequar aos padrões postos na revista, caso contrário, ele seria recebido negativamente nos espaços sociais. Segundo Albino e Vaz (2008, p. 205):

 ISBN 978-85-60036-18-9

> A imoralidade atrelada à apresentação de um corpo que não esteja em forma é algo que é potencializado contemporaneamente. O corpo em toda sua superfície deve ser mostrado, exibido, para que possa na mesma medida ser apreciado, desejado, invejado, ou apenas e tão somente ser notado, contanto que esteja adequado para isso.

Entretanto, embora tenhamos essa atuação forçosa da mídia para adequação a determinados padrões, Albino e Vaz (2008) expõem que a revista parece se contradizer ao oportunizar em outros momentos maior liberdade para aceitação do corpo da forma que este é, ou seja, reconhece as individualidades.

Portanto, segundo a análise realizada na Revista Boa Forma por Albino e Vaz (2008, p. 210-211), busca-se:

> Exercer um autocontrole das vontades, mudar, modelar, disciplinar o corpo. O intuito da pedagogia que a *Boa Forma* veicula é ensinar a mulher a fazê-lo por meio da dureza, da disciplina e do sacrifício, mesmo que cada um desses elementos tenha que ser, eventualmente, dissimulado, tornado algo agradável ou quase que experimentado não como uma tarefa, mas como uma parte da rotina diária.

Os autores refletem essa compreensão e os investimentos que são feitos sobre o corpo e criticam essa separação que é posta entre o sujeito e seu corpo. O corpo é percebido apenas como um cenário inerte. Essa denominação deve-se ao fato de que, nos espaços midiáticos de veiculação de informações sobre o corpo, este é percebido, ou melhor, é despercebido, e nos passa a compreensão de ser apenas um cenário, um espaço neutro, onde seriam realizadas inscrições sobre ele. Como percebemos, o corpo seria apenas um cenário onde se realizariam intervenções sem a capacidade de alterá-las e modificá-las, algo inerte aos acontecimentos que se fariam sobre ele.

Os discursos da Revista Boa Forma ressaltam que devem ser realizadas intervenções no corpo, porém esse corpo parece existir fora dos sujeitos, como se fosse algo exterior em que seriam realizadas inúmeras intervenções. “Assim, na ação contra o corpo reconhece que é um outro em relação à mulher, um objeto a ser dominado, com o qual é preciso travar uma verdadeira guerra” (ALBINO e VAZ, 2008, p. 211).

Outro elemento que parece ser consenso entre os estudos que refletem sobre ideais estéticos de corpo a partir de padrões e acaba sendo passado para a população através dos espaços midiáticos é que a adequação a esses padrões é de responsabilidade inteiramente individual. Os indivíduos devem se esforçar ao máximo para poderem se adequar a tais padrões; o sucesso ou não depende do esforço de cada um. Como aponta Gomes (2006, p. 58), “as receitas para obtenção da felicidade através do corpo perfeito insistem na responsabilidade individual”.

Nessa referência do corpo baseado em padrões estéticos e de responsabilidade individual, Gomes (2006, p. 56), ao refletir sobre a obesidade, destaca que “a obesidade e suas pequenas adjacências (as gorduras localizadas) se constituem num dos focos de batalha individual para se alcançar os intermináveis padrões de beleza (intermináveis, embora magros!), enfrentados cotidianamente através das escolhas”. Na compreensão criticada pelo autor, o corpo só seria reconhecido quando adequado a determinados padrões estéticos, no caso em questão, os padrões de magreza.

Gomes (2006) realiza essas reflexões diante das imagens que são veiculadas a respeito das pessoas obesas como sendo um atraso para a sociedade contemporânea, em consequência primeira da lentidão que elas oferecem para a alta velocidade dos acontecimentos em que

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

vivemos. Além disso, o autor reflete sobre a responsabilidade que é depositada no individuo, como se a obesidade fosse uma escolha que poderia ser aceita ou rejeitada.

Oliveira *et a*l (2010) também realiza algumas reflexões e crítica aos ideais estéticos de corpo que são veiculados pelos espaços midiáticos. Para eles, os veículos de comunicação têm atuado intensamente na produção de corpos, com fascínio e poder especialmente do público feminino. Os espaços de comunicação parecem sugerir soluções mágicas e rápidas para transformar os corpos. Entretanto essa transformação acaba priorizando os ideais estéticos que são expostos nos espaços midiáticos, com modelos previamente estipulados para os públicos feminino e masculino, porém sempre priorizam os corpos jovens e não reconhecem as diversidades de faixas etárias. Como destaca Oliveira *et al* (2010, p. 41), "a difusão imagética de tipos ideais de corpo, como a magreza, pode significar *status* social e favorecer mudanças comportamentais ou determinadas intervenções".

> A obsessão pela conquista de um padrão de beleza próximo àquele que é disseminado com veemência pela mídia faz com que os simpatizantes do universo do *fitness* se familiarizem acerca da "necessidade" de se livrar, a qualquer custo, do excesso de gordura corporal (OLIVEIRA, *et al*, 2010, p. 44).

Percebe-se que Oliveira *et al* (2010) promove uma reflexão aos padrões corporais que são veiculados pela mídia e a acabam sendo consumidos pela população sem maiores reflexões. O corpo, nessa compreensão, é visto como um padrão que deve ser adquirido pela população; para isso ele conta com um grande aparato de serviços que atuarão para sua modelagem. "Na fabricação do corpo, o mercado é inesgotável" (OLIVEIRA et al, 2010, p. 44).

Ao analisarmos o artigo de Gomes, Vaz e Assmam (2010), que discute conselhos para obtenção da qualidade de vida oferecidos no caderno Equilíbrio da Folha de São Paulo, percebemos que os autores refletem o corpo pensado a partir da ótica da estética como padrão, como se ele fosse divulgado pelo caderno como um objeto que pode ser trabalhado e modelado em busca de determinados padrões impostos socialmente.

Os autores supracitados também argumentam sobre a necessidade de "bom senso" que as pessoas devem ter em relação aos usos e exageros estéticos sobre o corpo. A reflexão sobre esses usos é realizada em consequência das mensagens que são veiculadas no informativo, que acabam valorizando o corpo a partir de padrões estéticos. A busca por esses padrões estéticos é responsabilidade de cada indivíduo e, como tratam no artigo, é uma guerra individual traçada contra o próprio corpo.

Outro artigo que analisamos foi o de Figueira e Goellner (2005), que reflete as promoções dos estilos atléticos como forma de representação do corpo da adolescente contemporânea na Revista Capricho. As autoras realizam nesse artigo reflexões sobre a busca por padrões corporais associados à saúde. Segundo elas, "ter um corpo perfeito, trabalhado, esculpido à imagem e semelhança do desejo de cada um é uma tendência que vem se firmando, fazendo parecer serem normais, inerentes, essenciais, portanto, 'naturais' do viver a identidade contemporânea" (FIGUEIRA e GOELLNER, 2005, p. 88).

Como refletem as autoras, o corpo é visto na Revista Capricho a partir da padronização estética com associação à saúde, sendo que para obtenção desse corpo é necessária a adoção de práticas de exercícios. "São significados culturais que se produzem e reproduzem de acordo com os padrões estéticos do momento e que, nas páginas da Capricho, dirigem-se para o corpo esculpido mediante a exercitação" (FIGUEIRA e GOELLNER, 2005, p. 94).

As compreensões apresentadas nos artigos analisados acabam por reduzir o corpo e a estética, visto que o corpo é entendido meramente como um objeto que deve ser modelado para atingir determinados padrões que seriam entendidos como "estéticos". A estética resumir-se-ia a padrões corporais impostos socialmente por diferentes instituições sociais, especialmente pelas instituições midiáticas.

 ISBN 978-85-60036-18-9

Diante desse entendimento, percebemos que é necessário compreendermos o corpo para além dos seus aspectos biológicos. Para tanto, nos embasaremos na compreensão fenomenológica de corpo apresentada por Merleau-Ponty.

Essa compreensão entende inicialmente que "tudo aquilo que eu sei do mundo, mesmo que por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada" (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 3). Para a Fenomenologia de Merleau-Ponty, (2006, p. 14), "o mundo é não aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável".

Ao pensarmos sobre o corpo, devemos compreendê-lo como aspecto primordial da existência humana; ele "é a medida da nossa existência no mundo". Além disso, "o corpo não é uma coisa, nem ideia, o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo, historicidade e expressão criadora" (NÓBREGA, 2010, p. 15-47). Assim, visualizamos que o corpo é um múltiplo de dimensões que não se fragmentam, mas, ao contrário, complementam-se para caracterizar cada sujeito.

Ainda de acordo com Nóbrega (2010, p. 11), "é a realidade do corpo que nos permite sentir e, portanto perceber o mundo, os objetos, as pessoas. É a realidade do corpo que nos permite imaginar, sonhar, desejar, pensar, narrar, conhecer, escolher". Assim, diante dessa ótica de análise, é importante que reconheçamos que não temos um corpo, antes, nós somos o nosso corpo (MEDINA, 1990).

Baseados nesse entendimento, corroboramos com Mendes e Nóbrega (2004, p. 133) e visualizamos o corpo como nossa possibilidade de existência. Segundo as autoras podemos percebê-lo como "imperfeito, maravilhoso; ao mesmo tempo em que se mostra, esconde muito do que é registrado durante suas vivências".

Assim, como afirma Bertuol (2005, p. 228), "é através da corporeidade que somos, interagimos, construímos e sobrevivemos no mundo". E mais, "o sentido da corporeidade revela-se na dinâmica do corpo em movimento, configurando uma linguagem sensível, gestos, silêncios, pensamentos e fala" (NÓBREGA, 2000, p. 105).

Diante dessa compreensão de um corpo vivo, histórico, subjetivo, desejoso, entre outros elementos, é necessário que reconheçamos as individualidades de cada sujeito e não busquemos aprioristicamente um padrão dito ideal que deve ser seguido por todos. Dessa forma, ao pensarmos as questões estéticas, devemos ampliar nossos olhares e visualizá-las para além dos padrões impostos socialmente.

Baseados em Medeiros (2010), compreendemos que a estética, ou melhor, a experiência estética deve revelar o encontro do sujeito com o outro, com aquilo que desperta os seus sentidos e emoções, o que faz transbordar nossa sensibilidade. Assim, entendemos que o corpo, quando associado à estética, deveria oportunizar o despertar da sensibilidade e subjetividade presentes nos corpos, e não amarrá-los em padrões que são impostos socialmente.

A estética deve ser compreendida frente a essa compreensão de corpo como fluidez, entrelaçamento e quiasma. Não pode reduzir-se a uma forma padronizada de cuidados e intervenções sobre o corpo, objetivando sua adequação a modelos pré-determinados (MEDERIOS, 2010). No entanto, verificamos que os espaços midiáticos, ao relacionarem o corpo à estética, acabam por enfatizar os modelos corporais convencionados socialmente como perfeitos, especialmente aqueles magros e musculosos.

Portanto defendemos que a estética ou a experiência estética deveria oportunizar o encontro do sujeito com o outro através daquilo que desperta seus sentidos, desejos e emoção. Nesses moldes, ampliaríamos a compreensão de estética e permitiríamos o uso do corpo de forma ressignificada no convívio social.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

CONCLUSÃO

Diante das discussões realizadas sobre o corpo e sua associação à estética nos espaços midiáticos, percebemos, com base nos artigos analisados das revistas Movimento e Revista Brasileira de Ciências do Esporte, que o corpo é reduzido aos seus aspectos físicos que devem estar à mostra, seguindo determinados padrões, convencionados como esteticamente perfeitos.

Essa compreensão foi refletida e criticada pelos autores dos artigos analisados, porém eles não ampliaram essas compreensões. Dessa forma, entendemos que é necessária a realização de outros trabalhos que, além de promoverem essas reflexões sobre os usos e abusos do corpo e das questões estéticas, apresentem para os leitores uma compreensão diferenciada e ampliada.

As compreensões apresentadas pelos autores dos artigos analisados demonstram a necessidade de cuidados que devemos ter para a recepção das informações midiáticas, visto que diversas são as intenções dos produtores das informações na veiculação desses padrões corporais para a população.

A Educação Física deverá, assim, utilizar todas essas informações através de uma formação crítica por parte de seus profissionais, para que estes possam atuar nos diversos cenários sociais e transmitir para os sujeitos que neles estão envolvidos conhecimentos que também lhes oportunizem refletir sobre as imagens e discursos veiculados na mídia sobre o corpo e a estética.

Portanto entendemos que o corpo deve ser pensado para além dos aspectos físicos, e a estética, para além da associação a determinados padrões corporais. O corpo deve, antes de tudo, ser compreendido como vivo, sensível, subjetivo, histórico, cultural, e que acima de tudo atribui diferentes sentidos aos acontecimentos sociais. E a estética, diante desse corpo, deve oportunizar o despertar de diferentes sensações e da sensibilidade deste que, antes de objeto, é sujeito.

REFERÊNCIAS

ALBINO, Beatriz Staimbach; VAZ, Alexandre Fernandez. O corpo e as técnicas para o embelezamento feminino: esquemas da indústria cultural na Revista Boa Forma. **Movimento**, Porto Alegre. V 14, n. 01, p. 199-223, janeiro/abril de 2008.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** – Lisboa: Edições 70; 1977.

BERTUOL, Fernanda Pires. A corporeidade essencial a ação pedagógica. In: **Anais do V EDUCERE e III Congresso Nacional da Área de Educação**. Curitiba, p. 223-235, 2005.

BEZERRA, Hudson Pablo de Oliveira. A mediação televisiva na transmissão dos esportes. In. **Anais do V CNEF e I CIEF**, Recife – PE, de 04 a 07 de outubro de 2011.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, 57(5). Brasília (DF) 2004, set/out. p. 611-614.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado; GOELLNER, Silvana Vilodre. A promoção do estilo atlético na revista capricho e a produção de uma representação do corpo adolescente feminino contemporâneo. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte,** Campinas, v. 26, n. 2, p. 87-99, janeiro de 2005.

GOMES, Ivan Marcelo. Obesidade como metáfora contemporânea: uma “cruzada saudável” em nome do consumo e do risco. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 03, p. 45-71, setembro/dezembro de 2006.

GOMES, Ivan Marcelo; VAZ, Alexandre Fernandez; ASSMAM, Silvino José. Conselheiros midiáticos: o “caderno equilíbrio” da Folha de São Paulo e suas ponderações na formação do indivíduo saudável. **Movimento**, Porto Alegre, v. 16, n. 04, p. 117-134, outubro/dezembro de 2010.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de. **Uma educação tecida no corpo**. São Paulo: Annablume. 2010.

MEDINA, João Paulo Subirá. **A educação física cuida do corpo e... "mente": bases para a renovação e transformação da educação física. – 9º ed. – Campinas, SP: Papirus, 1990.**

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação. **Revista Brasileira de Educação.** Nº 27, p. 125-137, set/out/nov/dez, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção.** 3ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte. **Princípios**, UFRN, Natal, v. 7, nº 8, p. 95-108, jan/dez, 2000.

_____. **Uma fenomenologia do corpo**. –São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

OLIVEIRA, Alexandre Palma et al. Culto ao corpo e a exposição de produtos na mídia especializada em estética e saúde. **Movimento,** Porto Alegre, v. 16, n. 01, p. 31-51, janeiro/março de 2010.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

CORPO E FILOSOFIA: REFLEXÕES A PARTIR DA FENOMENOLOGIA DE MERLEAU-PONTY

João Carlos Neves de Souza e Nunes Dias
Professor Assistente II da Universidade Federal de Alagoas
Centro de Educação – Curso de Educação Física
Pesquisador vinculado ao Grupo de Pesquisa Corpo e Cultura de Movimento (GEPEC/UFRN)

RESUMO: No texto são evidenciados alguns elementos em torno da compreensão do *corpo próprio* na filosofia de Maurice Merleau-Ponty, tendo como centralidade a obra *Fenomenologia da percepção*, pontuadamente em sua primeira parte, intitulada *O corpo*, em que o filósofo apresenta noções em torno do *corpo próprio*.

Palavras-chave: Merleau-Ponty, Fenomenologia da Percepção, Corpo próprio.

NOTAS SOBRE O CORPO NA TRADIÇÃO FILOSÓFICA

De maneira geral, ao considerarmos a história da filosofia ocidental, é possível percebermos, a partir da diversidade de sistematizações propostas, considerando diferentes "escolas" do pensamento filosófico, a presença do tema do *corpo* na investigação filosófica, considerado por vezes como nuance e, em outros projetos filosóficos, como centralidade. Em síntese, a partir de um sobrevoo panorâmico, considerando a antiguidade, a idade média e a modernidade, consideramos que o *corpo* foi colocado na tradição filosófica em um segundo plano, para citar alguns exemplos, seja em detrimento da *alma*, como em Platão, do *intelecto*, como em Aristóteles, do *espírito*, como em Santo Agostinho e São Tomás de Aquino, seja, ainda, da *res cogitans,* em Descartes.

Nesse movimento panorâmico, é possível identificarmos na tradição do pensamento filosófico ocidental um processo de "descorporalização"[6], que de maneira geral pode ser compreendido tanto como um tema e debate ausente da tradição do pensamento filosófico, como também dentro do processo de dicotomia entre o sujeito e suas *experiências corporais* na constituição do conhecimento, ou ainda do corpo como *parte extraparte*. A "descorporalização" carregara certa marca do abandono do corpo como objeto filosófico, ou ainda como negação e instrumentalização do *corpo* e de seu *quale* sensível. Esses projetos, de certa maneira, indicaram um processo em torno da racionalização do mundo, do sujeito, do *corpo* e da natureza, como marca de uma tradição metafísica.

Ainda a partir de uma aproximação ampla, a relação entre o que aparece ou a fenomenalidade e a busca por sua explicação, desde a antiguidade grega, faz-se presente na tradição metafísica, na medida em que os empreendimentos filosóficos trataram da existência e do conhecimento. Em síntese, esse problema foi abordado com ênfase a partir de argumentos idealistas, essencialistas, transcendentais e racionalistas, ao apresentar teses sobre o dualismo do mundo das ideias e do mundo sensível; ou da substância e sua prioridade ontológica da forma sobre a matéria; do idealismo transcendental, na forma dos juízos sintéticos *a priori*; ou ainda na fundamentação da metafísica pelo *cogito*, expresso pela máxima: *penso, logo existo*.

Partindo da compreensão de que o filósofo coloca-se em um "movimento que leva incessantemente do saber à ignorância, da ignorância ao saber, e um certo repouso nesse movimento" (MERLEAU-PONTY, 1998, p.11), ao consideramos a filosofia contemporânea, é possível percebermos, desde a genealogia de Nietzsche, um deslocamento do pensamento filosófico com relação à compreensão de *corpo* e das *experiências corporais*. Identificamos, nessa virada da metafísica, a possibilidade de instauração de um projeto em torno de uma *ontologia* do *corpo*, marcadamente nas sistematizações representadas pela tradição do pensamento filosófico, desde a virada do século XIX e durante o século XX. Essas sistematizações deixaram

6 Termo apresentado por NÓBREGA, 2009.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO **ISBN 978-85-60036-18-9**

marcas, influenciaram e potencializaram o cenário contemporâneo no que se refere às formas de produção do conhecimento no campo da filosofia, notadamente em uma *epistême* que podemos identificar como "filosofias do corpo".

Como problemática para o desenvolvimento dessa pesquisa, propomo-nos a realizar reflexões e apontamentos em torno da compreensão do *corpo* no pensamento de Maurice Merleau-Ponty (1908 – 1961). Partindo da afirmação do filósofo de que "devemos voltar ao cogito e procurar ali um Logos mais fundamental do que o pensamento objetivo, que lhe dê seu direito relativo e, ao mesmo tempo, o coloque em seu lugar" (MERLEAU-PONTY, 1998, p. 489-490), nossa reflexão pretende se aproximar de investimentos em torno de uma "filosofia do corpo", que potencializa a emergência de saberes sobre o corpo.

A pesquisa justifica-se, na medida em que podemos observar que no pensamento filosófico contemporâneo há evidências em torno do interesse da temática do *corpo* e da experiência vivida, como categorias que alimentam a investigação filosófica e se desdobram nas mais diferentes áreas do conhecimento e campos de pesquisa[7], principalmente quando têm suas bases epistemológicas na fronteira com a produção do pensamento filosófico. A pesquisa justifica-se, também, na medida em que a produção do conhecimento filosófico em torno da temática do *corpo* potencializa a reflexão da sistematização e atualização da compreensão da metafísica no cenário contemporâneo, na medida em que, tradicionalmente, configura-se um pertencimento de referência para a produção do conhecimento no campo da filosofia.

NOTAS SOBRE O PROJETO DA *FENOMENOLOGIA DA PERCEPÇÃO*

Três anos após a *Estrutura do Comportamento*, Merleau-Ponty publicou a *Fenomenologia da Percepção*, em 1945. Ambas as obras articulam-se em torno de um projeto filosófico sobre a *lógica perceptiva*, na medida em que se ancoram na experiência vivida, tendo como lugar de reflexão a *facticidade* da experiência. Esse fenômeno não se reduz às explicações ou categorias que as ciências utilizam para esclarecer as experiências perceptivas do sujeito no mundo, não se trata de uma redução às explicações advindas da psicologia clássica ou da fisiologia mecanicista.

Na *Fenomenologia da percepção*, o filósofo permanece e aprofunda ainda mais a tese da anterioridade da experiência vivida ou, ainda, da significação imanente do *corpo*, na crítica ao projeto da busca pela objetividade do mundo, pautada pela lógica atomista e mecanicista da ciência. Podemos afirmar que Merleau-Ponty procura, filosoficamente, evidenciar que "tudo aquilo que sei do mundo, mesmo por ciência, eu o sei a partir de uma visão minha ou de uma experiência do mundo sem a qual os símbolos da ciência não poderiam dizer nada" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 03).

A crítica do filósofo vai do número à causalidade, ou seja, da abstração do número, do estreitamento da medida, da identificação e monitoramento do espaço, do estabelecimento e controle da experiência a partir da causalidade como elaborações posteriores à experiência vivida, ou, ainda, ao campo de percepção. "Todo o universo da ciência é construído sobre o mundo vivido, e se queremos pensar a própria ciência com rigor, apreciar exatamente seu sentido e seu alcance, precisamos primeiramente despertar essa experiência do mundo da qual ela é expressão segunda" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 03).

O projeto que norteia o aprofundamento da filosofia de Merleau-Ponty na *Fenomenologia da percepção* diz respeito à originalidade da experiência *pré-objetiva*, em que a ciência é sempre expressão tardia. Na crítica aos limites da explicação do conhecimento científico que "tomam o mundo objetivo como *anterior* e *determinante* dos resultados percebidos (...) Merleau-Ponty defende que não há um *ser objetivo puro*, mas sim um *ser inseparável das estruturas* perceptivas pelas quais tudo se manifesta, ser cujo caráter objetivo é um atributo determinado posteriormente à sua manifestação fenomenal original" (FERRAZ, 2009, p. 29).

7 É significativo considerarmos os desdobramentos dessa filosofia em campos de produção do conhecimento, como na Educação, na Sociologia, na Antropologia, na História, na Educação Física, nas Ciências Cognitivas, na Biologia, na Psicologia, na Enfermagem, entre outras áreas, em que podemos identificar a presença de um diálogo profícuo com a filosofia a partir de uma diversidade de pesquisas realizadas.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

O fenomenólogo parte de uma crítica contundente às filosofias da consciência, do racionalismo cartesiano ao idealismo transcendental kantiano, do intelectualismo ao empirismo clássico, do subjetivismo filosófico e do objetivismo científico. Filosofias que operaram por uma lógica da cisão, separação e oposição do mundo e da consciência que busca apreender o mundo, alma e corpo, razão e emoção, a partir de um "lugar" privilegiado de observação, a partir de uma consciência de sobrevoo, de um sujeito apartado do mundo, na instituição de um estatuto de verdade sobre este e sobre a própria consciência. "O pensamento de sobrevoo na filosofia converte o mundo em representação do mundo. O pensamento de sobrevoo na ciência converte a consciência num resultado aparente de 'fenômenos na terceira pessoa', isto é, de acontecimentos que pertencem à esfera dos objetos naturais" (CHAUÍ, 1980, p. IX).

Nesse cenário em que a significação do mundo substitui o próprio mundo, a tradição da metafísica clássica potencializou a construção de "mitos" e fronteiras entre a filosofia e a ciência. De uma filosofia fundamentada em uma organização de doutrinas e fechada a um espírito absoluto, afastada de um movimento permanente de questionamento; e da ciência como registro e explicação direta dos fatos e das coisas do mundo, a partir do primado da exterioridade, de uma ontologia cientificista que pretende tratar do puro ser objeto (MOUTINHO, 2006).

Na crítica às filosofias reflexivas, Merleau-Ponty parte do princípio fenomenológico, pautado por uma filosofia que busca repor a essência na existência, para indicar a anterioridade do mundo em relação ao sujeito cognoscente. Considera ainda a experiência da percepção do *ser* no mundo como o horizonte de nossa percepção sobre a verdade. "Antes de sua apropriação intelectual e já que a percepção funda nossa ideia de verdade, nosso corpo enquanto corpo cognoscente, é iniciação ao mistério do mundo e da razão" (CHAUÍ, 2011, p. 01).

Na crítica ao investimento de uma razão objetivista, Merleau-Ponty propõe o alargamento da razão a partir de uma nova ontologia. "Graças ao corpo, espaço, tempo, motricidade, sexualidade, linguagem, visão, emoção, pensamento e liberdade surgem na trama dos acontecimentos corporais e destituem a consciência reflexiva de seu papel constituinte soberano ou do insensato projeto de posse intelectual do mundo" (CHAUÍ, 2011, p. 01).

Em um movimento filosófico da tentativa de descrição de nossa experiência no mundo, o filósofo francês apresenta como umas das teses centrais na *Fenomenologia da percepção* a busca por "descrever esse ser ainda não objetivado e nem puramente subjetivo (no sentido de que uma ideia, uma representação criada cognitivamente o é)" (FERRAZ, 2009, p. 29). Ou seja, Merleau-Ponty procurou, em sua filosofia, evidenciar o entrelaçamento do *corpo próprio* e do mundo, anterior a uma análise cognitiva. O filósofo apresentou os avanços e os fundamentos de seu projeto filosófico a partir da centralidade da percepção do ser que se lança no mundo. A percepção não como verdade antecipada, mas como acesso do corpo que se levanta em direção ao mundo.

Nesse sentido, o filósofo esclarece que "a evidência da percepção não é o pensamento adequado ou a evidência apodítica. O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável" (MERLEAUPONTY, 1999, p. 14). Em seu projeto filosófico, Merleau-Ponty opera uma revisão da *Teoria Forma* (*Gestalteorie*), uma nova interpretação do conceito de intencionalidade, a ampliação de compreensão do fenômeno a partir do mundo da vida, pautado pelo método fenomenológico.

O *corpo* é, portanto, tema central no projeto de Merleau-Ponty, na medida em que o *corpo próprio* é condição ontológica e epistemológica, o *corpo* é a nossa ancoragem no mundo, em uma relação pautada pela ambiguidade e inacabamento do *ser* no mundo, ou ainda do *corpo* como sujeito da percepção.

NOTAS SOBRE O *CORPO PRÓPRIO* NA FENOMENOLOGIA DE MAURICE MERLEAU-PONTY

A noção de *corpo próprio* em Merleau-Ponty não se encerra na explicação e compreensão do *corpo* a partir de uma realidade biológica ou mecânica, ou ainda da dicotomia clássica entre sujeito e objeto. O *corpo próprio* é amplificado a partir da noção de percepção e de como esse

 ISBN 978-85-60036-18-9

movimento perceptivo nos permite construir uma "carta" do visível na relação com o mundo e com os outros ou, ainda, na relação com o invisível.

A percepção se refere ao *corpo* encarnado, ao corpo fenomenal, em que o significado da experiência implica a existência no mundo e não a precede. Trata-se de uma perspectiva filosófica em que o *corpo* desenha operações, lança-se em ações e projeta expressões, cria, produz conhecimento pela experiência perceptiva, que é efetiva. Portanto, na relação com o mundo, o *corpo próprio* projeta intencionalidade e significações.

É a partir da espacialidade e do tempo que o sujeito é no mundo, de modo encarnado. A experiência perceptiva funda-se, nesse sentido, em uma perspectiva espacial e temporal e na relação com o objeto percebido não temos acesso à sua totalidade. Na experiência perceptiva, o objeto é sempre inacabado e aberto, trata-se de uma relação marcada pelo escoamento. "É este êxtase da experiência que faz com que toda percepção seja percepção de algo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 108).

Segundo o filósofo, do ponto de vista da perspectiva espacial, nossa percepção se dirige a objetos presentes na paisagem, em certo horizonte, e nessa relação de estrutura constituímos um lugar de experiência, um lugar de conhecimento, em que o objeto se dissimula e se esconde, mas se desvela e se apresenta. Trata-se de uma estrutura que articula objeto, horizonte e perspectiva de percepção do objeto, a partir da noção de figura e fundo que movimenta a percepção, ora deslizando sobre o objeto, ora fixando-o. "O horizonte é aquilo que assegura a identidade do objeto no decorrer da exploração, é o correlativo da potência máxima que meu olhar conserva sobre os objetos que acaba de percorrer e que já tem sobre os novos detalhes que vai descobrir" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 105).

Para Merleau-Ponty o *corpo próprio* é tecido em uma relação espaço-temporal. A perspectiva temporal é constituída pela noção do presente, que na relação com o objeto percebido envolve o passado imediato e o futuro iminente a partir de uma perspectiva. Na percepção do objeto, o tempo do passado e do futuro, respectivamente do escoamento e retenção ou do porvir e protensão são fundados, apreendidos e contraídos no presente. Não há temporalidade sem existência, sem a presença e experiência do *ser* no mundo. Portanto, o tempo é constituído na relação íntima do *ser* no mundo, em uma perspectiva de enraizamento do tempo. Nesse drama espaço-temporal, "não tenho o objeto em sua plenitude (...) a síntese dos horizontes é somente uma síntese presuntiva, ela só opera com certeza e precisão na circunvizinhança imediata do objeto" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 107).

A experiência do *corpo próprio* não está no espaço físico e no tempo mecânico, mas como *corpo* fenomenal habita e abarca o espaço e o tempo, totalidade espaço-temporal, síntese assumida pela percepção e pela motricidade, ou seja, pela experiência vivida. Original e originária, "a amplitude dessa apreensão mede a amplitude de minha existência" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 195). O *corpo próprio* não se reduz a uma experiência de objeto entre os objetos. Seu deslocamento das explicações objetivas potencializa a experiência perceptiva, um saber antipredicativo e pré-objetivo, portanto não tético.

O *corpo próprio* organiza-se em um sistema de unidade e de maneira original, não se trata de uma justaposição dos órgãos no espaço, mas de uma estrutura espacial que coloca o sujeito em relação ao mundo. "Não é apenas a experiência do meu corpo, mais ainda uma experiência de meu corpo no mundo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 145).

Nesse contexto, o conceito de esquema corporal é a expressão de que o corpo está no mundo e que se movimenta em direção a ele, não enquanto ato de consciência ou como uma soma das partes do corpo, mas enquanto forma de relação com o mundo. Não se trata de ideia ou representação, pois "o esquema corporal não é nem o simples decalque, nem mesmo a consciência global das partes exteriores ao corpo, é porque ele a integra a si ativamente em razão de seu valor para os projetos do organismo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 145).

O esquema corporal está relacionado ao *ser* no mundo e às solicitações das situações vividas. Assim como a percepção não possui a totalidade do fenômeno, mas é uma estrutura aberta

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

a uma infinidade de acesso às coisas do mundo, “o corpo não possui o segredo antecipadamente da constituição de todas as experiências possíveis, mas pode responder concretamente a elas” (FERRAZ, 2006, p. 92).

O *corpo próprio* não é somente objeto entre objetos, na experiência de nossa existência, o *corpo* se torna ambíguo. Essa ambiguidade não se resolve pelo pensamento, mas pelo drama da existência. “A experiência do corpo próprio opõe-se ao movimento reflexivo que destaca o objeto do sujeito e o sujeito do objeto, e que nos dá apenas o pensamento do corpo ou o corpo em ideia, e não a experiência do corpo ou o corpo em realidade” (MERLEAUPONTY, 1999, p. 269).

Todos os sentidos do *corpo* carregam essa ambiguidade e paradoxo, na relação com o outro e consigo mesmo, realizando uma síntese corporal na federação dos sentidos. O *corpo* dobra-se sobre si mesmo. A experiência do toque, por exemplo, é significativa. Podemos tocar objetos, ser tocados e tocar a nós mesmos. O *corpo* sedia um paradoxo na relação com o outro e consigo mesmo. Ao mesmo tempo em que o corpo próprio toca, também carrega o poder de tocar, seja enquanto virtualização, seja ainda na realização da ação. “Toco-me tocando. Meu corpo realiza uma espécie de reflexão. Quando tocamos a mão de outrem, o mesmo fenômeno do reconhecimento que se dera no nosso corpo se propaga ao outro” (CHAUÍ, 2010, p. 268).

O *corpo próprio* opera uma reflexão, o *corpo* reflexiona, não da ordem do eu penso ou de uma relação funcional com o mundo, mas da ordem do sentir e das relações estabelecidas na existência. “Massa sensível segregada na massa do sensível, nosso corpo é misterioso: preso no tecido do visível, continua a se ver; atado ao tangível, continua a se tocar; movido no tecido do movimento, não cessa de mover-se. Sofre do visto, do tocado e do movimento a ação que exerce sobre eles. Sente de dentro seu fora e sente de fora seu dentro” (CHAUÍ, 2010, p. 269).

Na experiência do *corpo próprio*, o *corpo* projeta uma estrutura metafísica, uma metafísica da *carne*, pautada em uma experiência de ambiguidade que modula, simboliza e atualiza a existência, como *ser* no mundo, um entrelaçamento de significações vivas no mundo. Não se trata de uma metafísica no plano do conhecimento, mas que se inicia na abertura do *ser* no mundo e ao outro. Ou seja, “a metafísica na qual pensamos não é um corpo de ideias para o qual se buscariam justificações indutivas na empiria – e há uma carne da contingência, uma virtualidade própria do plano esboçado que não impedem a pluralidade de interpretações, que são mesmo sua razão profunda, que fazem deste plano um tema durável da vida histórica e tem direito a um estatuto filosófico” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 34).

A experiência vivida e a percepção não são da ordem do entendimento, da ideia, em que o *corpo* se reduz a objeto, mas estabelece o estatuto de *corpo próprio* na existência encarnada, colocando-se em situação no mundo. “Nunca me torno inteiramente uma coisa no mundo, falta-me sempre a plenitude da existência como coisa, minha própria substância foge de mim pelo interior e alguma intenção sempre se esboça” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 228).

No mundo, o *corpo* se envolve em um processo de aprendizagem que é sistemático, o corpo sabe. Saber no sentido de compreender, na medida em que “compreender é experimentar o acordo entre aquilo que visamos e aquilo que é dado, entre a intenção e a efetuação – e o corpo é nosso ancoradouro em um mundo” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 200).

Nesse processo que é dinâmico, o *corpo próprio* carrega a potência de moldar-se em sistemas de equivalência, ou seja, apreende as significações do mundo pelo movimento, caracterizado pelo hábito, um saber modulado pela motricidade e pela sensibilidade. “O hábito exprime o poder que temos de dilatar nosso ser no mundo ou de mudar nossa existência anexando a nós novos instrumentos” (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 199). Compreendido como o desenvolvimento de habilidades, um novo sentido ao *corpo* é aberto pela experiência da motricidade e da sensibilidade, projetado pela percepção.

O hábito é colocado em cena como soluções de problemas a partir de certas situações. São ações perceptivo-motoras que são mobilizadas, portanto, intencionais, para a realização de certa problemática. A resolução desse problema não se dá nem por reflexos condicionados,

 ISBN 978-85-60036-18-9

nem mesmo pela substituição do sensível pela ideia. O corpo carrega o potencial de significar e de criar sentidos. O hábito é uma modulação do engajamento da existência do corpo. "Merleau-Ponty esclarece o hábito com base na categoria de *expressão*. Para o fenomenólogo, o corpo não é somente 'um espaço expressivo'. Mas o 'próprio movimento de expressão'" (FERRAZ, 2006, p. 95).

Considerando que o *corpo* é invadido pela consciência do *corpo*, a atividade transcendental não está para além do *corpo*, mas se identifica com a atividade corporal. "As diversas modalidades do ser no mundo se exprimem na vivência corporal sem a tutela de uma consciência a dar as regras pelas quais as transposições intencionais dos hábitos ocorrem" (FERRAZ, 2006, p. 97).

O *corpo próprio* é expressão para o fenomenólogo, na medida em que o *corpo* excede sentidos. A abertura do corpo para o mundo pode ser comparada, segundo Merleau-Ponty, à obra de arte. Na existência, o *corpo próprio* não é medido por um projeto pré-determinado, mas pela indeterminação, a partir de um movimento de transcendência na existência, pelo vivido, na medida em que "fatos" são retomados e transformados, da contingência em necessidade (NÓBREGA, 2010).

Analogamente à relação entre a obra de arte e o pintor, a verdade é desprovida de exatidão ou de representação da ideia, em um projeto dado, anterior à expressão. "É a obra que explica a vida e não o contrário, pois a obra é como o artista transforma, num sentido figurado e novo, o sentido literal e prosaico de sua situação de fato. A obra de arte é existência, isto é, o poder humano para transcender a facticidade nua de uma situação dada, conferindo-lhe um sentido que, sem a obra, ela não possuiria" (CHAUÍ, 2010, p. 273).

Os fatos da existência não são da ordem do incondicional nem do fortuito, mas constituídos no próprio movimento da existência. O ato da retomada constitui a necessidade e contingência no homem. "A existência é em si indeterminada por causa de sua estrutura fundamental, já que ela é a própria operação através da qual o que não tinha sentido adquire um novo sentido" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 234).

Para Merleau-Ponty a perspectiva fenomenológica parte do *corpo* para compreender o mundo e é atravessado pelo mundo, na medida em que a lógica do *logos* é insuficiente para explicar tudo o que aparece, de dar conta de uma perspectiva ampliada da fenomenalidade. Partindo do princípio de certa debilidade metafísica do homem, no sentido de que não saberemos jamais como as coisas são em sua totalidade, o filósofo elege o *corpo* e a percepção como lugar de centralidade de suas problematizações.

Na medida em que tudo o que aparece ao humano aparece por seu *corpo*, portanto o *corpo* é o caminho para acessar o mundo, Merleau-Ponty perspectiva o *corpo* como lugar de investigação filosófica, não do *corpo* como objeto ou como coisa, mas do *corpo* como *corpo próprio* e simbólico, como sujeito da percepção. Renunciando às filosofias da consciência e considerando a consciência encarnada no *corpo*, a partir da noção do *corpo próprio*, o que inclui a percepção, e sensível como conhecimento para a criação, encarnada no mundo, Maurice Merleau-Ponty apresenta as bases de uma nova perspectiva filosófica. Nesta, a experiência da criação é o fundamento de uma nova ontologia, tecida no entrelaçamento do com o mundo, com os outros e com a cultura. Relação sempre encarnada, de experiência e de criação.

REFERÊNCIAS

CHAUÍ, Marilena. **Merleau-Ponty: textos escolhidos**. São Paulo: Abril Cultural, 1980. Coleção: Os pensadores.

_____. Merleau-Ponty: o que as artes ensinam à filosofia. (IN) HADDOCKLOBO, Rafael. **Os filósofos e a arte**. Rio de Janeiro: Rocco, 2010.

_____. **Merleau-Ponty: a obra fecunda**. Revista Cult, nº 123. São Paulo. Disponível em: <http://revistacult.uol.com.br/website/edicao/content.asp?Ed

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

tCode=EF641083-3D32-4F8C-9C5D-30564DAAF6B4>. Acesso em 29 de agosto de 2011.

FERRAZ, Marcus Sacrini A. **Fenomenologia e ontologia em Merleau-Ponty**. Campinas: Papirus, 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Elogio da filosofia**. Tradução: Antônio Braz Teixeira. Lisboa: Guimarães Editores, 1998.

_____. **Fenomenologia da percepção**. Tradução: Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **O olho e o espírito: seguido de A linguagem indireta e as vozes do silêncio e A dúvida de Cézanne**. Tradução: Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naif, 2004.

MOUTINHO, Luiz Damon Santos. **Razão experiência: ensaios sobre Merleau-Ponty**. Rio de Janeiro: Editora Unesp, 2006. (Coleção Biblioteca de Filosofia. Direção Marilena Chauí. Organização: Floriano Jonas César).

NÓBREGA, T. Petrucia. **Corporeidade e Educação Física: do corpo objeto ao corpo sujeito**. 3ª ed. Natal/RN: EDUFRN, 2009.

_____. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

ISBN 978-85-60036-18-9

OS USOS DO CORPO NAS PEÇAS PUBLICITÁRIAS DA REVISTA MEN'S HEALTH

José Jefferson Gomes Eufrásio
Programa de Pós-graduação em Educação Física PPGEF / UFRN

RESUMO: O presente texto apresenta reflexões acerca dos usos do corpo nas propagandas veiculadas na revista Men's Health e das estratégias de *marketing* utilizadas pelos anunciantes para alcançar seus leitores. Para tanto, utilizamos a análise de conteúdo de três edições dessa mídia como pré-análise para a constituição do corpus de pesquisa (BARDIN, 1979). O objetivo da pesquisa é analisar criticamente a representação do corpo masculino e os discursos veiculados nas peças publicitárias da referida revista. A partir das imagens e das mensagens veiculadas nessa mídia, observa-se uma tendência no discurso da mídia em utilizar o corpo como estratégia mercadológica, propagando assim o modelo de estética corporal vigente.

Palavras-Chave: Corpo, estética, publicidade.

INTRODUÇÃO

As sociedades contemporâneas vêm sendo marcadas por uma forte preocupação por parte dos indivíduos com relação à forma e ao volume dos próprios corpos, fato que, certamente, está relacionado à importância que a dimensão estética e a questão da imagem ocupam atualmente. As atividades físicas têm adquirido grande destaque em diferentes lugares na mídia, como, por exemplo, jornais, revistas, televisão, e a esse termo são acoplados outros como saúde, beleza, desempenho, longevidade e juventude, cuja combinação é promissora de felicidade, consumo e qualidade de vida. Estrutura-se, dessa forma, um mercado das aparências por um sem-número de profissionais especializados e instrumentos de atuação que se encontram em franco desenvolvimento.

O corpo não se manifesta apenas como veículo da aparência, mas, antes de tudo, como lugar de sedução, fascínio, criação de pactos estéticos que geram o amor, o prazer, entre outros aspectos. Porém é o corpo que, ao buscar incessantemente a sua originalidade, apaga-se no coletivo dessa busca, pois esta se transforma em regra. Essa busca estará, na maioria das vezes, referida a um ideal inatingível, pela impossibilidade de adequar-se com facilidade aos novos padrões estéticos.

Cria-se, dessa maneira, uma cultura que leva os indivíduos a interiorizarem essa forma de comportamento que os faz permanecer presos a essa "evolução cega da economia" (Silva, 2001, p. 57). Cuidar do seu corpo, tendo em vista a "melhor" aparência a ser projetada em público, vai se tornando, gradativamente, uma necessidade para os indivíduos. Desejar ter um corpo dito "perfeito", trabalhado, esculpido à imagem e semelhança da vontade de cada um é uma tendência que vem se firmando. Já não basta apenas ser saudável, há que ser belo, forte, jovem, estar na moda e ser ativo.

Partindo dessa problemática, questionamos: Como o uso do corpo masculino aparece nas propagandas? Objetivamos, neste estudo, averiguar e pensar criticamente a representação e os discursos veiculados nas peças publicitárias, analisando um produto da mídia direcionado para esse público: a revista Men's Health. Uma revista internacional publicada em pelo menos 43 países e no Brasil desde maio de 2006, conquistando uma fatia considerável do mercado consumidor brasileiro, como comprova o número de circulação, com uma tiragem mensal de cerca de 150 mil exemplares por mês.

Analisar os conhecimentos que a Men's Health produz sobre o corpo masculino leva-nos a entender que, como um produto da mídia, ela exerce também uma pedagogia. Isso porque, ao produzir e reproduzir múltiplos saberes e conhecimentos sobre atividade física, saúde,

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

corpo e beleza, acaba, também, por ensinar o homem a ser saudável, ativo, belo, atraente e moderno, educando seu jeito de ser, de se exercitar, de se comportar, vestir, andar, aparentar e de ser saudável, quando investe na divulgação de práticas de promoção e qualidade de vida, associando-as ao gerenciamento do corpo.

Apresentamos algumas reflexões relacionadas a questões pertinentes ao tema, suas características e outros aspectos que permitam uma melhor compreensão do nosso objeto de estudo. Na sequência, analisaremos os discursos das peças publicitárias da revista Men's Health, descrevendo diferentes aspectos para pensarmos os discursos da mídia impressa na revista e os usos do corpo por essas propagandas.

A INDÚSTRIA DO CORPO

A mídia tem o papel principal de massificar a cultura para o maior número de pessoas, e nela fica explícita a diversidade cultural existente em nosso mundo. Nos dias de hoje, quase tudo que desejamos, sonhamos e até chegamos a realizar é um processo decorrente da publicidade. Ela persuade, manipula e é através dela que somos incentivados a comprar ou consumir um produto, seja ele benéfico, seja ruim.

A associação entre a produção de imagens corporais pela mídia e a percepção dos corpos/construção de autoimagem por parte dos indivíduos é imediata. Nenhuma outra sociedade na história produziu e disseminou tal volume de imagens do corpo humano através de revistas, anúncios (Featherstone, 1994).

O corpo, nessa sociedade de abundância industrial, tem uma nova tarefa: ser um corpo consumidor e, pior, consumidor em cada uma de suas partes individualizadas e cuidadas. Sem dúvida é o capitalismo exigindo que os capitalistas se tornem atores do processo. Assim, o capitalista produz o produto e o consumo através da produção do desejo, que é diferente da necessidade. De acordo com Palma (2001), esta é associada a um objeto específico, visando à satisfação, e aquela se relaciona com "fantasmas", e não com objetos reais. Acrescenta, ainda, esse autor:

> Assim, o indivíduo acredita que aquele desejo (aquele impulso) restabelecerá uma satisfação real, tal qual a necessidade (de alimentar-se, respirar, fazer amor etc), porém aquilo que imputa como objeto desejante não trará a satisfação quando alcançado, pois ele é apenas idealizado como tal (PALMA, 2001, p.25).

Como podemos observar, o capitalismo marca seu modo de operar. Ao criar novos produtos, novas marcas, cria junto novos desejos, que, por fim, são intermináveis. Portanto percebe-se que o corpo do indivíduo consumidor é atravessado por uma incessante produção de serviços e desejos. O corpo é hoje, ao mesmo tempo, "consumidor e objeto de consumo". Silva (2001) acrescenta:

> Os meios de comunicação de massa têm atuado no sentido de "demonstrar", reiteradamente, aos indivíduos, a sua carência de saúde/beleza, induzindo-os ao consumo de mercadorias e serviços relacionados com essas necessidades criadas e sempre expandidas (SILVA, 2001, p.56).

A gestão do desejo no interior do consumismo que o mercado cria está ambiguamente vinculado ao ideal cultivado de um ser perfeito, que é permanentemente exigido dos indivíduos. Ambíguo porque se deve consumir tudo e, ao mesmo tempo, manter uma postura de controle e autodeterminação, inclusive para se obter o "corpo ideal", barrigas perfeitas, peitorais definidos, enfim, se possível "tudo no lugar", graças a produtos milagrosos (SILVA, 2001).

Lipovetsky (2007) nos aponta uma nova fase do capitalismo criada nas últimas décadas, pondo fim a uma velha sociedade de consumo e fazendo surgir uma sociedade de hiperconsumo,

 ISBN 978-85-60036-18-9

passando de uma economia centrada na oferta para uma economia centrada na procura, sendo marcada pela centralidade no consumidor. Porém devemos observar que o capitalismo cria por trás desse discurso sua forma de operar, fazendo com que o desejo dos seus consumidores seja justamente o que o sistema cria como necessidades. Para isso conta com a publicidade e os usos que se fazem do corpo.

Esse corpo que se oferece representa esse uso do corpo, dentro de um circuito capitalista, em que o próprio dono do corpo o usa para seu negócio. Mas é a partir de uma necessidade e de uma imagem que a mídia constrói seu possível consumidor, a quem esse corpo será oferecido. Baudrillard (1989) vai falar do produto que se oferece na democratização desse oferecimento que é feito a todos na transformação de uma relação comercial em uma relação de sedução. Os textos de Baudrillard mostram como o corpo humano é considerado pela indústria do corpo, uma mercadoria como outra qualquer.

Nesse contexto, além de um processo de sedução, o que se observa é um procedimento de desmembramento e de fetichização do corpo. Diz o autor:

> A publicidade desempenha o papel de cartaz permanente do poder de compra, real ou virtual, da sociedade no seu topo. Disponha ou não dele, eu 'respiro' este poder de compra. Além do mais, o produto se dá à vista, à manipulação: ele se erotiza – não somente pela utilização explícita de temas sexuais, mas pelo fato de que a compra, a apropriação pura e simples é, no caso, transformada numa manobra, num roteiro, em dança complexa, acrescentando ao procedimento prático todos os elementos do jogo amoroso: avanço, concorrência, obscenidade, namoro e prostituição (até mesmo a ironia) (Baudrillard, 1989, p. 181).

Os meios empregados pela propaganda são, geralmente, aqueles que utilizam, de maneira subliminar ou não, imagens de juventude em liberdade, imagens de opulência e saúde, temperadas pelo erotismo, para vender os mais diversos produtos. O corpo aparece como instrumento e resultado de uma atividade alienada; suas emoções perderam o sentido, na medida de sua absorção pelo mundo da mercadoria e por sua restrição à esfera da troca e pela imposição dos seus limites. O que se universaliza é a imagem iconográfica do corpo, o que permanece é uma expectativa imaginária do corpo, divulgada na mídia.

Em grande parte, a mídia é, infelizmente, responsável pela ideologia que transforma o ser humano em mercadoria. Diante disso, o cidadão deve estar sempre procurando aperfeiçoar-se para entrar ou manter-se no mercado, pois ele é considerado uma marca que deve estar dentro das exigências de seus clientes, por isso tem que ser o melhor dos melhores. A mídia extrapola as diversidades culturais, ao padronizar e massificar os cidadãos, transformando-os em personagens obcecados em consumir, comercializando não apenas mercadorias, mas também seres humanos.

Os meios de comunicação propagam exaustivamente o modelo das preferências físicas. Revistas e jornais dedicam, cada vez mais, espaço para as novidades no setor de cosméticos, alimentação, moda, *fitness*, cirurgias plásticas, entre outros. Na televisão, modelos "perfeitos" surgem durante toda a programação e nos intervalos comerciais, vendendo fórmulas de sucesso. O que se observam são jovens, adultos, cujos corpos seguem o mesmo padrão: corpos fortes, músculos à mostra e abdomens definidos, moldados, muitas vezes, nas clínicas de cirurgias plásticas e academias de ginástica espalhadas por todo o país.

O marketing utilizado produz o consumo do desejo, dando maior atenção às modas fugazes implantadas por um projeto de corpo da modernidade que norteia os dias atuais e que é muitas vezes descompromissado com o bem-estar social, pois se torna objeto de frustração. O corpo é um elemento imprescindível do marketing contemporâneo. Para reforçar esse argumento, a citação seguinte é esclarecedora:

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> O corpo que se vê está na moda. Ele é exibido em cartazes, novelas, filmes, etc. Se somarmos o número de produtos cosméticos que existem no mundo, de academias para se modelar o corpo, de empresas que produzem roupas para se mostrar o corpo, veremos que talvez um décimo da economia mundial gira em torno da produção para tornar o corpo que se vê bonito, atraente, vistoso, atlético. É a indústria do "olhe pra mim", forma oficial de exibicionismo e de chamar atenção (Gaiarsa, 1994, p. 131).

Desse modo, três pontos chamam a atenção. Primeiro os impressionantes números da indústria de cosméticos, que de acordo com Castro (2003) é o setor que mais cresce, incluindo o setor de higiene pessoal e perfumaria. Segundo, o aumento das cirurgias plásticas, que vêm crescendo a cada ano. Terceiro, a proliferação das academias de ginástica por todos os centros urbanos, desde a década de 80 do século passado, crescendo mais e mais. É a "indústria do corpo".

Aos "super-homens" do futuro caberia a eterna busca por um ideal estético que parece transformar em um modelo de felicidade, beleza e saúde. Velhos, gordos, deficientes e tantos outros tipos existentes na sociedade são rejeitados ou ignorados, como se não existissem, criando, em muitos casos, imbricados problemas de relacionamento pessoal, profissional e no convívio social, para quem não se encaixa. A publicidade embute, em relação a essas que não se encaixam nos padrões, uma ideologia de fracasso, de impotência frente ao próprio corpo. "É por seu corpo que você é julgado e classificado, diz, em suma, o discurso de nossas sociedades contemporâneas" (Le Breton, 2003, p. 31).

Os objetivos da publicidade estão cada vez mais ambiciosos, como nos diz Lipovetsky (2007). Ela já não se contenta em ser o realce dos produtos, usa o corpo para passar mensagens, valores e ideias exaltando visões do mundo, com vista à fidelização dos clientes. Em outros tempos, ela exibia a mercadoria; hoje cria laços com o corpo, tornando a promoção da imagem mais importante do que a do produto.

As revistas surgem à medida que os conteúdos ligados ao desempenho e apresentação do corpo vão ganhando espaço cada vez maior no interior da vida social. Elas, muitas vezes, deixam de ser uma forma de lazer para seus leitores. Tornam-se, portanto, um livro de cabeceira para consultas sobre os cuidados que se deve ter com o corpo e o que fazer quando ele estiver causando insatisfação. Por isso mesmo faz-se necessária uma atitude crítica em relação a esse veículo de comunicação.

ANÁLISE DO *CORPUS*

O *corpus* a ser analisado neste artigo é composto por seis peças publicitárias retiradas das revistas Men's Health dos meses de janeiro, fevereiro e março do ano de 2011. Será analisado através da análise de conteúdo que abrange um conjunto de técnicas de análise das comunicações, "um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais subtis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a 'discursos' (conteúdos e continentes) extremamente diversificados" (BARDIN, 1979, p. 9).

Segundo seu editor, a Men's Health "é o seu manual de pilotagem". Na edição de janeiro, diz: "Verão é isto: o período em que você está mais exposto. Você mostra o corpo...". Na de fevereiro, termina sua carta do editor dizendo que a revista pode "ser o drible que vai levar você ao gol"; e na de março, revela a pérola: "passado o verão, as férias, o carnaval, a esbórnia nossa de todo santo ano, está na hora de construir um tanque, pessoal". Como podemos ver, a visão do editor da revista sobre o corpo é completamente reduzida e associada aos padrões corporais que ela própria divulga. Dizer que a Men's Health irá levar o leitor ao gol é considera-la um manual que se confirma com as palavras do editor na edição de março. A revista passa a ser, assim, uma referência e um manual para o que fazer a cada mês, além de trazer modelos a serem seguidos pelos homens e propagandas que têm o corpo masculino como centro do foco. Imagens que reforçam os estereótipos impostos.

ISBN 978-85-60036-18-9

As fotografias parecem resultar de sessões fotográficas ensaiadas especificamente para incluí-las no conteúdo da revista, e são os corpos aqui expostos que constituem a mensagem a transmitir. Ou seja, essas fotografias não surgem a acompanhar ou ilustrar outros conteúdos que não a apresentação dos homens fotografados e a exibição de seus corpos.

Nas edições analisadas, foram encontradas 30 peças publicitárias, algumas delas se repetiam nas três edições e foram classificadas da seguinte forma:

EMPRESA	PRODUTO
1 – Head & Shoulders	Xampu e condicionador anticaspa
2 – Bio Ritmo	Academia de ginástica e musculação
3 – Optimum Nutrition	Suplementos nutricionais
4 – Nutracom	Suplementos nutricionais
5 – Dymatize Nutrition	Suplementos nutricionais
6 – Midway	Suplementos nutricionais
7 – Vip	Revista erótica masculina
8 – Playboy	Revista erótica masculina
9 – Alfa	Revista masculina
10 – Nutrilatina	Suplementos nutricionais
11 – Coppertone	Bloqueador solar
12 – Axe	Desodorante
13 – Hugo Boss	Roupa masculina
14 – Nívea	Desodorante
15 – BSN	Suplementos nutricionais
16 – Stella Artois	Cerveja
17 – Mizuno	Tênis
18 – Gatorade	Repositor energético
19 – Rexona	Desodorante
20 – Dudalina	Roupa masculina
21 – Gillete	Aparelho de barbear
22 – Centauro	Roupas esportivas
23 – Individual	Roupas
24 – Land Rover	Carro
25 – Asics	Tênis
26 – Samsung	Celular
27 – David off Champion	Perfume
28 – Penguin	Roupas
29 – Base	Roupas
30 – Kawasaki	Motos

Tabela I: Anúncios da revista Men's Health

Os anúncios podem ser agrupados da seguinte forma:

Moda	9	Roupas, sapatos, cintos etc.
Tecnologia	1	TV, celular, internet, câmeras digitais
Beleza/Higiene	10	Produtos de beleza, ginástica etc.
Automóveis	2	Carros, pick ups, motos etc.
Revistas	7	Eróticas, de viagem, tecnológicas (carro)
Alimentos/Bebidas	14	Cerveja, alimentos, suplementos

Tabela II: Anúncios resumidos

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

A escolha das propagandas analisadas se deveu a quantidade de peças publicitárias de determinados seguimentos presentes nas revistas, e desta forma, foram escolhidos um artigo de moda, três de Beleza/Higiene, um de Alimentos/Bebidas e outro de revistas.

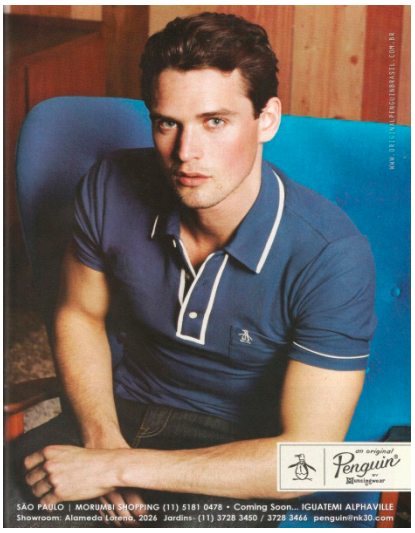


Figura I: Penguin roupas

Figura II: Nívea for men

Na figura I, podemos destacar primeiramente o olhar do modelo (sujeito representado) que busca interação com o leitor/consumidor do produto. A representação masculina vai ao encontro das características discutidas neste artigo, ou seja, um homem jovem, bonito e que se veste bem. Podemos dizer que existe uma aposta dos produtores que acreditam que os leitores irão se identificar com a imagem de homem por eles projetada. A citação “Conheça o melhor das tendências do outono/inverno 2011/2012 e saia na frente” (março, 2011) é exatamente a definição de um guia de estilo, que orienta o homem em relação a sua maneira de se vestir e ao significado dessa maneira de acordo com cada ocasião e estação do ano. Exemplo disso é o que verificamos pouco antes das temporadas, quando estilistas famosos, formadores de opinião estabelecem um padrão, e a indústria e o comércio investem na confecção dos produtos que serão divulgados pela mídia. Esta, por sua vez, elabora propagandas que induzem a população a adquirir os produtos.

Na figura II, temos um anúncio da Nívea. A empresa anuncia o desodorante silver protectiv for men, que segundo ela possui “muito mais tecnologia, muito mais proteção” e é “o que os homens querem”. A imagem que ilustra o anúncio, ocupando inclusive lugar central no/do anúncio, é a de um homem de corpo esculpido. Não se vislumbra uma gota sequer de suor em seu corpo, e ele parece transpirar força e segurança, exalar felicidade.

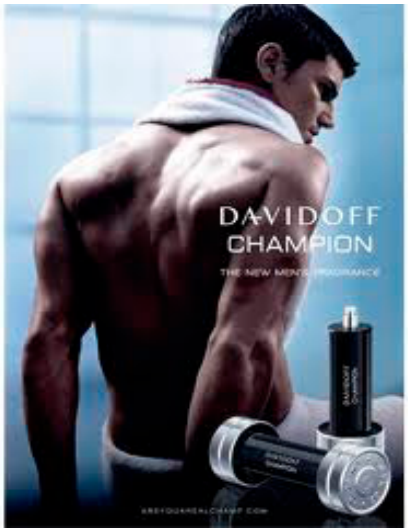


Figura III: RR perfumes

Figura IV: Revista Playboy

ISBN 978-85-60036-18-9

Na figura III, temos um anúncio de uma nova fragrância masculina. Temos a fotografia de um homem sem camisa e de boa aparência, a qual se assemelha aos padrões de beleza veiculados pela mídia e pela publicidade do/para o homem moderno. Portador de um corpo atlético, provavelmente conseguido à custa de severo esforço físico, dentre outros recursos, o rapaz "deixa" à mostra suas costas, seu tríceps, seu corpo contornado de músculos. O formato do perfume parece ser de um halter, e o homem que o usar parece que também se sentirá bonito, forte, imponente. É notória a associação do anúncio/produto/empresa a esse novo modelo de homem.

Na figura IV, temos um anúncio de uma revista erótica para o público masculino. Nele podemos ver a exposição do corpo feminino, neste caso, da professora de Educação Física de 22 anos, Danielle Giehl, "eleita a dona do bumbum mais bonito do Brasil no concurso Preferência Nacional", diz o anúncio e acrescenta: "pedimos desculpas a idosos, gestantes e pessoas com crianças de colo, mas ela tem a preferência em qualquer assento". Essa mulher bela, erotizada, insinua-se, dá-se ao olhar do observador que se imagina um homem, demostrando sinais de disponibilidade sexual. Não há cenários, eles aqui se tornam acessórios e supérfluos. O corpo aparece sozinho, nada faz além de se mostrar atraente, sensual, em uma pose erotizada. O olhar encara diretamente o observador e alicia-o, as mãos nos seios incitam a cobiça, as expressões faciais ostentam prazer, a atitude é provocatória. A ênfase é colocada no corpo aparência e não no corpo que pensa ou no corpo que sente. O corpo feminino da publicidade significa, predominantemente, formas, medidas, proporções, sensações, prazer. Máxima expressão de materialidade que se transforma puramente em um objeto para consumo.

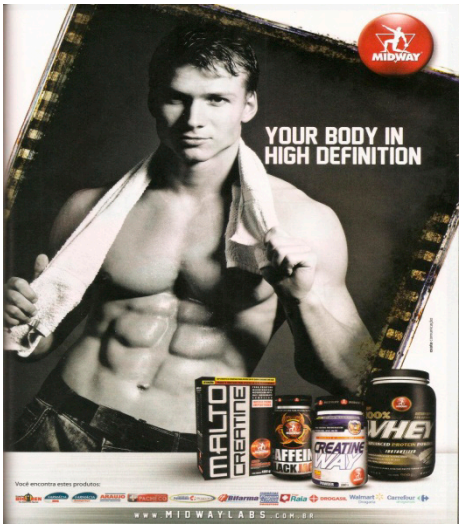


Figura V: Midway suplementos

Figura VI: Academia Bio Ritmo

Na figura V, ao colocar o sujeito representado ocupando o centro da imagem, pode-se inferir que o consumidor é o aspecto mais importante para o anunciante. A propaganda enfatiza a parte superior do corpo masculino e o quão rígidos são os músculos do indivíduo, trazendo implícita a marca e o perfil do consumidor idealizado pela revista para ser um homem definido, bonito e desejado, como comprovado pelo anúncio "Your body in high definition - seu corpo em alta definição". O corpo do modelo à mostra representa o que todo homem que recorre aos suplementos nutricionais desejam: um corpo forte, definido e musculoso. O abdômen é bastante figurativo.

Na carta do editor do mês de fevereiro podemos encontrar uma alusão ao produto "...vou correr? Preciso de carboidrato. Malhei? Proteína já". Atualmente observamos um desenvolvimento considerável do mercado do músculo e do consumo de bens e serviços destinados à manutenção do corpo. Impérios industriais, com atividades diversificadas, ocupam essa fatia do mercado relativo ao ferro, às vitaminas e ao suor, produzindo tanto aparelhos de musculação, quanto suplementos nutricionais (Courtine, 1995, p. 84).

No anúncio VI, temos um anúncio de uma academia de ginástica: "Mais uma balada que você não pega ninguém. Você tem um plano B?" e continua "plano para ficar sarado é na Bio Ritmo". Esse culto do próprio corpo exige sacrifícios financeiros e éticos, visto que os

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

meios de comunicação nos repetem que a pessoa tem o corpo que merece, o que leva a um novo sentido de responsabilidade.

As academias, geralmente, investem em um marketing reducionista de corpo voltado a um pensamento reduzido à estética, atendendo aos apelos mercadológicos e ao paradigma do "corpo perfeito". A academia passa a ter uma finalidade racionalista, ou seja, preocupada com a eficiência das partes do corpo, não como meio de expressão espontânea ou diversão, mas como objeto de investimento de modo impetuoso e urgente, desenvolvendo e reforçando um acentuado individualismo e um narcisismo entre os praticantes.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A mídia exerce um efeito poderoso na sua difusão, fazendo com que a busca por um padrão homogêneo torne-se uma necessidade quase inquestionável para os indivíduos. O ânimo final para o engajamento das pessoas nas práticas corporais parece ocorrer, principalmente, com o maior número de oportunidades de mostrar o corpo. O corpo valorizado quer viver sua "liberdade" e "sexualidade", como contradição de seu uso e dominação.

As campanhas publicitárias utilizam esse tipo ideal que, em geral, exprime as percepções de juventude, beleza, força, sensualidade e saúde, na forma de mercadorias simbólicas; e cada vez mais se amplia o mercado das práticas corporais, especialmente aquelas que se dedicam a reiterar esse modelo de corpo e as intervenções sobre ele.

Vive-se hoje uma espécie de ditadura daqueles que querem que os indivíduos fora dos padrões sintam culpa de sua aparência, não pelo fato de a gordura não ser benéfica, mas porque necessitam dessa culpa para alimentar uma indústria que se beneficia dessa insegurança. Um indivíduo que fica em frente a um espelho, tendo como única meta o seu exterior ou medindo seu bíceps e comparando seus músculos com os de outras pessoas, sente-se como se o seu sucesso pessoal dependesse unicamente do seu corpo ou da roupa que estiver usando.

Se muitas pessoas se tornam consumidoras de anabolizantes ou de hormônios esteroides, os consumidores "comuns", por sua vez, querem superar-se tomando substâncias químicas que ajudam a melhorar as competências e reforçar capacidades individuais em uma sociedade de consumo generalizada. Enquanto se confundem as fronteiras da saúde e da alimentação, da saúde e da estética, agora qualquer um quer estar "on the top", no máximo de seu potencial em qualquer idade e em todas as circunstâncias.

Parece que o culto ao corpo chegou para ficar, e a mídia, como eficiente catalizadora de tendências comportamentais, o assimilou rapidamente. A intensificação da preocupação com a saúde e aparência corporal permite-nos arriscar a hipótese de que a Men's Health terá vida longa e tão cedo não perderá fôlego. Ela está envolvida com o processo de formação de novas interpretações sobre como deve ser o homem na atualidade, assumindo cada vez mais o papel de guia incondicional sempre calcado em um discurso que visa tornar esse homem quase dependente. O certo é que a editora da revista descobriu um nicho de mercado a ser explorado comercialmente.

A cultura do corpo não é a cultura da saúde, como quer parecer. É a produção de um sistema fechado, tóxico, claustrofóbico. Nesse sistema desenvolvem-se os sintomas sociais da droga (incluindo o abuso de hormônios e anabolizantes), da violência e da depressão. Sinais claros de que a vida, fechada diante de um espelho, fica perigosamente vazia de sentido.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARDIN, Laurence. Análise de conteúdo. Lisboa: Ed. 70, 1979.

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Lisboa: Edições 70, 1989.

CASTRO, Ana Lúcia de. *Culto ao corpo, modernidade e mídia*. Coletânea do V Encontro de História do Esporte, Lazer e Educação Física. Maceió, 2003.

 ISBN 978-85-60036-18-9

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: Body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. IN SANT´ANNA, Denise Bernuzzi de (org.). Políticas do corpo: elementos para uma história das práticas corporais. São Paulo: Estação liberdade, 1995.

FEATHERSTONE, M. O curso da vida: corpo, cultura e o imaginário no processo de envelhecimento In: DEBERT, G. G (org.) *Antropologia e velhice*. Coleção Textos Didáticos 13, UNICAMP-IFCH, 1994.

GAIARSA, José Ângelo. O corpo que se vê e o corpo que se sente. IN DANTAS, Estélio H. M. Pensando o corpo e o movimento. Rio de Janeiro: Shape, 1994.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas, SP: papirus, 2003.

LIPOVETSKY, Guilles. A felicidade paradoxal: ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

PALMA, Alexandre. Educação física, corpo e saúde: uma reflexão sobre outros “modos de olhar”. IN rev. Bras. Ciênc. Esporte, v. 22. N. 2. p. 23-29, Jan, 2001.

SILVA, Ana Márcia. Corpo, ciência e mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade. Campinas, SP: Autores associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

IMAGEM FEMININA E ENVELHECIMENTO: PADRÕES DE CORPO CONSTRUÍDOS SOCIALMENTE

Aline da Paixão Prezotto
Sueley Carvalho Costa
Universidade do Estado do Pará

RESUMO: O presente trabalho analisou como é construída socialmente a imagem feminina em envelhecimento, investigando se a preconização do padrão de corpo difundido pela mídia influencia as mulheres em fase de envelhecimento na relação de satisfação com o próprio corpo. Para isso tomamos como método científico a critica dialética, que nos permite perceber as relações de poder existentes no mundo e sua influência na realidade do objeto. Dessa forma, buscamos analisá-lo a partir de uma contextualização histórico-social, para que pudéssemos compreender melhor sua evolução, protagonizado e propagado em cada período, para então, afunilar a compreensão do corpo feminino em fase de envelhecimento e as subscrições do poder exercido hoje. Os resultados demonstram a dimensão da influência da mídia transcrita no corpo feminino que é evidenciado na insatisfação das sujeitas da pesquisa com o próprio corpo, quando nos relatam que, se pudessem, iriam modificar seus corpos, possibilitando-nos o entendimento de que o poder que é exercido em nossa sociedade influencia a autoimagem das mulheres que estão no processo de envelhecimento.

Palavras-chave: corpo feminino, fase de envelhecimento, padrão de corpo.

INTRODUÇÃO

A sociedade em que vivemos está cheia de modelos estereotipados, desde o vestir ao que devemos ser, por influência da mídia, em especial, que tem sido um meio de propagação das formas de enquadramento corporal. Diante dessa realidade, surgiu o interesse em saber como é construída socialmente a imagem feminina no processo de envelhecimento, já que o corpo cultuado pela sociedade é o jovem, não no sentido cronológico, mas relacionado aos aspectos físicos. Este, por sua vez, apresenta o rosto liso e limpo, sem rugas, manchas e engelhamentos; um corpo magro, sem excesso de gordura no abdômen, quadris e coxas; sem celulite, estrias ou varizes, características em geral apresentadas no corpo das modelos, atrizes e apresentadoras. Elas, quando estão envelhecendo, aparentam um aspecto jovial disfarçado através das maquiagens, cirurgias plásticas, práticas de exercícios físicos, etc.

A mídia, sobretudo a televisiva, torna-se um meio de divulgação dos ideais capitalistas de beleza, inculcando nas mulheres e nas pessoas em geral o culto à beleza e um padrão de corpo magro, acostumando a população a ver como modelo mulheres extremamente magras “[...] sob a égide do mito da beleza. De certa forma, aprendemos a ter uma visão distorcida da beleza, em virtude de a mulher ser maciçamente exposta aos padrões corporais atuais, incorporando essa imagem específica e aprendendo a gostar dela” (ANDRADE e BOSI 2003, p.121).

É através das mudanças corporais que surgem “[...] os preconceitos sociais em relação à mulher da meia-idade que incrementam a dificuldade de lidar com o envelhecer que está por vir” (MORI e COELHO, 2004, p.184). De forma geral, as mulheres são forçadas a buscar alternativas para continuarem mais jovens e atraentes. Agora que se encontram no processo de envelhecimento, tornam-se alvos de vigilância e observação constantes das pessoas mais jovens. As características do corpo envelhecido trazem uma aversão e a não aceitação da imagem corporal para as mulheres de meia-idade. Dessa forma, elas são forçadas, principalmente as que possuem possibilidades financeiras, a estar sempre em busca do corpo perfeito, da pele sem rugas, dos músculos firmes, etc.

Assim, os impactos gerados pela mídia televisiva têm poder de formação e transformação das consciências, sensações e, principalmente, do pensamento que se reflete no comportamento

 ISBN 978-85-60036-18-9

dos indivíduos que têm acesso ao canal aberto. Essa relação de poder da mídia com os telespectadores é um dos meios de influência social que causam impactos positivos ou negativos.

Tem-se como objetivo deste estudo descobrir se as mulheres em fase de envelhecimento sofrem influência da mídia em sua autoimagem em relação ao padrão de corpo difundido pela mídia, já que, nas propagandas e programas, o corpo cultuado é o corpo jovem, caracterizado como modelo da sociedade atual.

O MÉTODO

Para analisarmos o objeto de nosso estudo, foi necessário um levantamento bibliográfico de caráter histórico-evolutivo do corpo, do corpo feminino e do corpo em envelhecimento. Isso nos levou a compreender como eles foram protagonizados e propagados no tempo. Para o desenvolvimento deste estudo, lançamos mão da abordagem qualitativa direcionada à pesquisa de campo, utilizando a perspectiva crítico-dialética para interpretar, compreender e explicar a realidade investigada de forma profunda, trazendo à tona as relações de poder existentes e sua influência na realidade do objeto (TRIVINOS, 1987).

A pesquisa foi realizada na cidade de Santarém, Estado do Pará, especificamente no bairro do Mapiri, onde dois grupos diferentes foram entrevistados. O primeiro foi com as participantes do projeto da Prefeitura Municipal de Santarém **"Viver Bem"** existente no bairro do Mapiri, que tem como iniciativa promover políticas públicas no âmbito das atividades físicas para cidadãos acima de 40 anos de idade. Realiza encontros semanais, no mínimo três dias, tendo como objetivo a prática da atividade física para melhoria dos índices de qualidade de vida da população. Outro grupo pesquisado foi constituído de clientes do Posto de Saúde do referido bairro, que não participam do Projeto Viver Bem. A escolha se deu porque levantamos a hipótese de haver diferenças nas respostas da entrevista, pelo fato de estes não participarem de um grupo social que realizam atividade física, como é o primeiro. Foram selecionadas 10 mulheres entre 40 e 59 anos do projeto "Viver Bem" e 10 mulheres clientes do Posto de saúde do bairro, tendo como critério de exclusão a idade. As que não pertenciam à faixa etária exigida ficaram fora das investigações.

DADOS DAS ENTREVISTAS E NOSSAS PERCEPÇÕES

Na atualidade, a definição de "velho" é muito mais perceptível no sentido de "perda, deterioração, fracasso, inutilidade, fragilidade, decadência, antigo, que tem muito tempo de existência, gasto pelo uso, que há muito tempo possui certa qualidade ou exerce certa profissão, obsoleto" (SIMÕES, 1994, p. 14 e 15). Vejamos como as entrevistadas atribuíram significados à fase de envelhecimento quando perguntamos o que é envelhecer.

Consta-nos que os significados transcritos nas falas das entrevistadas se assemelham ao conceito de Simões. Identificamos a presença da preocupação com as *perdas funcionais* nas respostas das entrevistadas quando fazem as seguintes considerações: "não pode mais andar" (VIOLETA), "fica cheio de certos problemas" (GIRASSOL), "tá muito acabadinha" (ONZE HORAS), "não pode fazer isto não pode fazer aquilo" (BROMÉLIA).

O identificado é decorrente do processo natural de envelhecimento, pois Papaléo Netto e Ponte (2005) afirmam que, biologicamente, o homem entra nesse ciclo a partir dos trinta anos de idade, quando se iniciam perdas das funções gerais do organismo. A decadência citada se associa normalmente a patologias como a diabetes, hipertensão, osteoporose, artrite, artrose, dentre outras, que trazem dificuldades ao indivíduo e acarretam geralmente *debilidade, falta de saúde, deteriorização, fragilidade e inutilidade.*

Tudo isso reforça a necessidade de obter e manter a juventude, questão que pode ser identificada na fala de Flor do Campo "a gente tem que ser velho na idade, mas jovem no espírito e também no corpo pra poder ficar sempre firme [...] pra poder movimentar o corpo e não ficar parada [...]". Percebemos também a presença do pensamento dicotomizado dos filósofos da antiguidade abordados no primeiro capítulo, corpo e alma, quando ela faz referência a ser velho na idade e jovem no espírito, o corpo se torna carregado de males, ele envelhece, enquanto a alma não.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Aceitar a chegada da velhice no mundo de hoje tem sido um problema para a maioria das entrevistadas. A discriminação, a não aceitação desses indivíduos como seres importantes na sociedade têm sido recorrentes, e é preocupante quando uma pessoa que ainda está envelhecendo afirma "a velhice é uma coisa horrível. A gente sabe que quando passa dos 40 já percebe que tá envelhecendo mesmo, né? É horrível. [...]" (BUVARDIA).

Embora a maioria das entrevistadas tenha relacionado o envelhecimento a problemas, duas delas evidenciaram que a velhice é um tempo de oportunidade, uma etapa da vida que deve ser encarada com naturalidade, como um tempo livre para vivenciar o que não puderam fazer nas fases anteriores, e que essa fase da vida não significa ter impossibilidades e ser incapaz de realizar aquilo que deseja, como as pessoas que vivenciam outra etapa da vida do ser humano.

Ter um *aspecto jovial e magro* para as mulheres tem uma enorme relevância. Todavia essa aparência não permanece eternamente, é quando, por volta dos 40 anos, em algumas até com menos idade, tudo começa a modificar acentuadamente, todas começam a perceber que a velhice está chegando. Isso é evidenciado em várias falas diante da pergunta "como tem enfrentado as mudanças do corpo nesta nova fase de vida?", e mais fortemente quando as entrevistadas fazem saudosismo ao corpo jovem e com isso percebem as mudanças reais que vêm enfrentando, considerando-se até mesmo *uma outra pessoa*, dando a entender que a partir das transformações da imagem corporal surge um novo ser, uma outra pessoa.

Na fala "[...] eu também **não tinha este corpo, assim forte, eu era bem magrinha,** tinha os cabelos cumpridos, **era bem ajeitadinha né**? [...] (CALLAS)", percebemos outro fator, a importância de ter um corpo magro. Em nossa sociedade, o preconceito com os indivíduos gordos, principalmente no que se refere às mulheres, é explícito. As implicações em relação à obesidade para Andrade e Bosi (2003) são reforçadas através do culto à magreza, que é justificado pela característica de nossa cultura ocidental, sendo os indivíduos adeptos desse padrão caracterizados como portadores de lipofobia (FISCHLER, 1995).

Outra percepção das mudanças corporais pelas entrevistadas são os sinais que surgem com o envelhecimento. Eles aparecem refletidos no corpo feminino através da "[...], flacidez, que surge em função do acúmulo de gordura na região subcutânea [...], pele seca, inelástica. [...], bem como o aparecimento de rugas, pigmentação, manchas e verrugas [...]" (SIMÕES, 1994, p.47). Isso é evidenciado na seguinte fala "[..] essas mudanças que existe no corpo da gente, gente já vai ficando **as peles** vai ficam tudo, **tudo cheio de marcas né?** [..] (ROSA MÍSTICA).

O processo de envelhecimento é acarretado por uma série de depleções que vão desde perdas funcionais a alterações físicas (PAPALÉO NETTO e PONTE, 2005). A meia idade deveria ser uma etapa vivenciada com naturalidade, no entanto parece ser mais um período de rejeição e luta psicológica contra o deixar de ser jovem para vivenciar uma nova fase que resulta em explícitas transformações na imagem corporal. Essa preocupação se dá porque em nossa cultura ocidental "desvalorizam o processo de envelhecimento e cultuam a juventude" (MORI E COELHO, 2004. p.182). A negação ao ser "velho" é evidente, e a aceitação e busca pela jovialidade é definitiva na sociedade capitalista. Especificamente no caso seguinte, identificamos a luta psicológica de tentar se aceitarem, utilizando-se d*o pensamento positivo e a conformidade* para conceberem a condição de ter um corpo em modificações "[..] aí é enfrentar mesmo, não tem outra solução, enfrento tranquilamente porque **se a gente não gostar de si quem é que vai gostar?** (ANGÉLICA)"

A televisão teve suas primeiras imagens transmitidas a partir de 1929, quando foi transmitido o primeiro programa experimental feito por uma emissora britânica, a BBC (ZAPELINE, 1998). A partir de sua criação, foi possível transmitir com mais intensidade o conhecimento, informação, valores culturais, etc., uma série de benefícios que contribuíram com o desenvolvimento das sociedades e a aproximação dos valores culturais de cada sociedade. É importante ressaltar que junto da televisão segue também um sistema de difusão de valores socialmente aceitos por uma camada dominante que inculca nos seus telespectadores normas de comportamento desejáveis. A mídia televisiva é fruto do sistema político e econômico vigente, portanto difunde e reproduz as ideologias da sociedade capitalista, propaga formas e padrões de corpo, ou seja, o corpo é "moldado de acordo com os interesses e valores da ideologia dominante" (GRANDO,

 ISBN 978-85-60036-18-9

1996 p.107). Nesse sentido, não seria novidade a constatação sobre "quais as características mais marcantes das mulheres na televisão?", em que uma das entrevistadas afirma "Acho que as mais que aparece **são as novas né**. Olha a maioria delas aparece **aquelas tem o corpinho mais feitinho, né, mais bonitinhas**. **Porque tão novas** [...]. (BROMÉLIA)".

O corpo feminino em envelhecimento possui pouco espaço nas imagens televisivas em sua condição natural, pois não é interessante para o mercado, não estimula o consumo. As entrevistadas justificam que o corpo belo e jovem das mulheres que aparecem na televisão não sendo somente "[...] reconstruído à base de cirurgias plásticas e implantes de substâncias químicas e que busca incessantemente apagar da pele as marcas biológicas do tempo" (FONTES, 2006, 124), mas também por conta da prática de exercícios físicos, como a ginástica. Vejamos "[...] a Suzana é linda eu acho, **a pele dela bem limpinha sabe, parece que ela faz bastante ginástica pra ficar bem durinha, bem bonita.** (DÁLIA)".

Esse perfil identificado está relacionado à ideologia capitalista, que visa ao consumismo e ao lucro como resultado do produto vendido. Não é à toa que "Na televisão, modelos perfeitos surgem durante toda a programação e nos intervalos comerciais, "vendendo" fórmulas de sucesso." (MELO, s/d, p 1). O padrão está tão inculcado, que tanto faz ser homens ou mulheres de qualquer faixa etária, pois a busca pelo enquadramento dos modelos atuais atinge todos, inclusive mulheres de meia idade.

Muitas vezes, o padrão de corpo imposto pela mídia força as mulheres a uma busca incessante do corpo perfeito, propondo-se a seguir regimes intensos. "O interesse pelo corpo [...] deixou de ter o caráter saudável para dar lugar aos métodos de emagrecimento com dietas milagrosas [...]" (SIMÕES, 1994 p.72). É o que podemos identificar no comentário da entrevistada Copo de Leite, quando evidencia as características das mulheres que aparecem na televisão. Para ela essas estão em constante busca do emagrecimento: "[...] devem ser todo tempo elegante". Muitas delas, especialmente, as do mundo da moda, são vulneráveis aos distúrbios alimentares que acarretam sérios problemas e "[...] ocorre muitas vezes até a morte. Não vê o que acontece com essas modelos que [...] deixam de comer pra ficar elegante [...]".

Outro aspecto percebido nas respostas foi o trato que a televisão dá à mulher, transformando-a em objeto de consumo. O corpo feminino passou a ser valorizado como um manequim da televisão; esta se aproveita dos corpos perfeitos para servir de vitrines de indumentárias íntimas, sendo sua imagem propagada e vendida junto aos objetos de interesse masculino de forma sensualizada. O corpo apresentado na televisão é vulgarizado, no entender das entrevistadas, remete-se a valores sem pudor em que, de modo geral, "[...] expõe todas as mulheres [...] (FLOR DE LIS)".

O retrato do corpo difundido pela televisão, referido neste estudo, reporta-se a um padrão de beleza que exerce influência sobre os indivíduos. Isso se justifica quando Daólio (1995) diz que as regras, valores e normas de cada sociedade se inscrevem no corpo. E se inscreveu, pois não é à toa que a maioria das pessoas desejam ser e estar na moda, é na busca principalmente do ser belo propagado atualmente, que cada vez mais jovens, adultos e idosos entram em academias, fazem dietas e cirurgias estéticas. A insatisfação consigo mesmos tornou-se uma realidade, como se todos fossem possuidores da feiura. Esse descontentamento foi detectado quando perguntamos às entrevistadas se elas estavam satisfeitas com o corpo, e a maioria respondeu que sim. No entanto percebemos que, com o seguinte questionamento: se pudessem, o que modificariam em seu corpo? Elas foram unânimes em responder que mudariam algo "**Tô satisfeita** só [...]. Mudaria, **tirava a minha barriga**. **Sempre eu fui gorda e tive sempre barriga grande** [...] **incomoda** porque a gente quer vestir uma roupa mais bonitinha, mais social não dá certo, sabe? (JASMIM)".

Com a massificação do corpo jovem, a rejeição e não aceitação do corpo em envelhecimento tornou-se cada vez maior, prova disso são as modificações que as entrevistadas desejam fazer em seus corpos, produzindo a imagem do corpo difundido na mídia que percebemos nas respostas acima, como, por exemplo: fazer plástica para mudar o rosto que está ficando "coisa usado" (MARGARIDA); ser elegante é ser parecida com as modelos que são esguias, com o corpo de estatura alta e magra, resultando em um corpo bonito "acho que ficar

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

mais alta ficava mais elegante" (ORQUÍDEA). A lipofobia de que falamos anteriormente também está presente na lista de insatisfações com o corpo, pois incomoda ter excesso de gordura. Se tivesse oportunidade, Jasmim faria uma lipoaspiração para diminuí-la, "tirava a minha barriga"; ou Rosa Mística desejaria ficar "mais esguia, a minha cintura, os quadris". As peles arriadas no braço, a cintura e quadril largos e a barriga grande são mudanças que ocorrem no corpo por conta do envelhecimento e se contrapõem ao padrão de corpo delgado, que reforça mais uma vez a lipofobia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa partiu do problema em descobrir como é construída socialmente a imagem feminina no processo de envelhecimento. Para isso pesquisamos dois grupos, o do Projeto Viver Bem e clientes do Posto de Saúde, em vista da hipótese de haver diferenças nas respostas da entrevista. Todavia essa hipótese não se confirmou, pois concluímos que todas as mulheres recebem influência na sua autoimagem corporal.

O corpo envelhecido, para as mulheres pesquisadas, é mostrado como aquele que não se encaixa nos moldes do corpo de hoje. O envelhecido é feio, gordo, flácido e com ruga. Essa imagem é estereotipada pelos padrões corporais do belo, que desvalorizam o corpo feminino possuidor das marcas do envelhecimento. Essa desvalorização é representada pelas participantes de nossa pesquisa quando indicam a insatisfação com o próprio corpo e com o envelhecimento que está chegando, representando um período de declínio da imagem corporal. Este é marcado por rejeição e uma dupla angústia que elas sentem ao deixar de ser e ter um corpo jovem, para entrar numa nova fase e assumir um novo corpo, o envelhecido.

O corpo que apresenta declínios e marcas do tempo, em nossa sociedade, é exposto como aversivo, como algo que não representa as características do belo. Dessa forma, ele torna-se alvo de preconceitos e discriminação que interferem, de alguma forma, na aceitação da autoimagem corporal das mulheres entrevistadas, pois as respostas dadas aos questionamentos, explicitam sua insatisfação ao apontarem que gostariam de realizar mudanças em seu corpo, em especial nas partes em que as mudanças são mais visíveis, distanciando-se da imagem do belo.

As mulheres em fase de envelhecimento, ao retratarem seus desejos de mudança, apresentaram o corpo propagado pela sociedade e, em especial, pela mídia, como aquele que é mais atrativo e interessante. Ao descreverem as características marcantes das mulheres que aparecem maciçamente na televisão, destacaram que elas podem apresentar um corpo cronologicamente envelhecido, mas que em sua aparência física apresentam-se jovens e belas. Esse corpo difundido e discutido em nosso estudo por diversos autores é aquele que segue os interesses das práticas de consumo, idealizado pela política econômica vigente do capitalismo. Com isso a mídia enfatiza os defeitos do corpo em envelhecimento e induz, em especial, as mulheres ao consumismo, incentivando-as na busca da manutenção do aspecto esguio e jovial, através dos exercícios físicos, cirurgias plásticas, tratamentos estéticos, dentre outros, sugerindo que o corpo envelhecido reflete uma imagem deformada pelas ações do tempo.

A análise realizada permite-nos afirmar que os padrões de corpo de hoje foram construídos ao longo da história da humanidade seguindo idealismos, conceitos e preconceitos disseminados em cada época. O corpo perfeito das histórias dos reis e imperadores era aquele possuidor de roupas e acessórios, pois representava poder e riqueza para a época. Hoje o padrão de corpo perfeito é difundido pela mídia, em especial a televisiva, massificando, em todas as classes sociais, o gosto por um estereótipo que induz ao consumo e influencia diretamente na construção e aceitação da imagem feminina em envelhecimento.

O padrão de corpo que se acentuou não é aquele acessível a todos, afinal, no capitalismo, os ricos ficam mais ricos, e os pobres cada vez mais pobres, não sendo possível acessibilidade financeira a todos. Da mesma forma, fica restrito o acesso aos tratamentos estéticos e demais artimanhas para obter o corpo da moda.

Percebemos que o corpo, historicamente, foi destinado à submissão de um poderio, devendo obediência e fidelidade. Tanto homens quanto mulheres são submetidos às práticas

 ISBN 978-85-60036-18-9

ditadas por cada regime vigente. Os sujeitos parecem ser desprovidos de liberdade e autonomia; acabam sendo o que o meio sociocultural estabelece. Parece que o corpo nunca estará desvinculado dos valores da sociedade, como afirma Daolio (1995, p. 39) "[...] No corpo estão inscritas todas as regras, todas as normas e todos os valores de uma sociedade específica [...]".

Portanto este trabalho tem grande contribuição para o meio acadêmico e para os profissionais de Educação Física, principalmente aqueles que trabalham com o público alvo desta pesquisa, pois lhes possibilita uma reflexão minuciosa sobre o corpo, em especial o que está em envelhecimento. Afinal, tem como perspectiva apontar com clareza as relações de poder existentes que interferem na aceitação da autoimagem corporal das mulheres que se encontram em processo de envelhecimento. Nesse sentido, aqueles que leem este trabalho poderão adquirir uma ótica ampliada sobre o assunto em discussão, servindo para a melhoria das práticas pedagógicas daqueles que não somente trabalham na área da Educação Física, mas também daqueles que interferem direta e indiretamente no trato com o corpo.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Ângela; BOSI, Maria Lúcia Magalhães. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição**. vol.16 Jan./Mar. 2003, Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141552732003000100012&cr ipt =sciarttext>. Acesso em agosto de 2007.

BEZERRA, Ada Kesea Guedes. **A construção e reconstrução da imagem do idoso pela mídia televisiva**. Disponível em: <bocc.ubi.pt/pag/ guedes-ada-**imagem**-**idoso**-midia-televisiva.pdf-> Acesso em junho de 2007.

CABRAL, Bendita Edna L. S. Identidades e estilos de vida. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.** setembro de 2004. Disponível em: <www.ces.fe.uc.pt/lab2004/> Acesso em fevereiro de 2007.

CARVALHO FILHO, Eurico Thomaz de. Fisiologia do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, Matheus (org.). **Gerontologia:** a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. SP. São Paulo: Atheneu, 2005.

CARVALHO, Isalena Santos; COELHO, Vera Lúcia Decnop. Mulheres na maturidade e queixa depressiva: compartilhando histórias, revendo desafios. **Psico-USF.** v. 11, n. 1, jan./jun. 2006.

CASTRO, Ana Lúcia de. Culto ao corpo: identidades e estilos de vida. **VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.** setembro de 2004. Disponível em: <www.ces.fe.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/painel24/ **ana**lucia**castro.** pdf.> Acesso em fevereiro de 2007.

CAVALCANTI, Diego Rocha Medeiros. O surgimento do conceito "corpo": implicações da modernidade e do individualismo. **Revista Eletrônica de Ciências Sociais** n. 9, 2005. Disponível em: <www.cchla.ufpb.br/caos/**diegorocha**.pdf>. Acesso em fevereiro de 2007.

CORPO para o outro: o corpo no discurso das revistas femininas. **Seminário de Pesquisa.** 2001. Disponível em <https://www.unisinos.br/tpg/files/exemplo04.pdf>. Acesso em agosto de 2007.

COURTINE, Jean-Jacques. Os stakhanovistas do narcisismo: body-building e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). **Políticas do corpo**. SP. São Paulo: Estação liberdade, 1995.

DAOLIO, Jocimar. **Da cultura do corpo.** SP. Campinas: Papirus, 1995.

DHOQUOIS, Régine. O direito do trabalho e o corpo da mulher (França: séculos XIX e XX) proteção da produtora ou da reprodutora?. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. SP. São Paulo: UNESP, 2003.

FISCHER, Rosa Maria Bueno**. Mídia e educação da mulher: uma discussão teórica sobre os modos de enunciar o feminino na tv.** Revista Estudos Feministas, vol. 09, n.002, 2° semestre. 2001. Disponível em: <http://redalyc.uaemex.mx/redalyc/pdf/ 381/38109215.pdf>. Acesso em agosto de 2007.

FISCHLER, Claude. Obeso Benigno, obeso maligno. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). **Políticas do**

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

corpo. SP. São Paulo: Estação liberdade, 1995.

FONTES, Malu. Uma leitura do culto contemporâneo ao corpo. **Contemporânea**. vol. 4 n.1. junho 2006. Disponível em: <www.contemporanea.poscom.ufba.br/ pdfjun2006/con_n4v1_M**Fontes**.pdf> Acesso em Setembro de 2007.

FOURNEL, Jean-Louis. Eugenia e universalismo imperial (o controle dos casamentos e da natalidade no pensamento político de Tommaso Campanella). In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. SP. São Paulo: UNESP, 2003.

GATTO, Izilda de Barros. Aspectos psicológicos do envelhecimento. In: PAPALÉO NETTO, Matheus (org.). **Gerontologia:** a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. SP. São Paulo: Atheneu, 2005.

GRANDO, José Carlos. **Sacralização do corpo:** a Educação Física na formação da força de trabalho brasileira. SC. Blumenau: FURB, 1996.

ME, Luiz Eugênio Garcez. A gerontologia e o Problema do envelhecimento: visão histórica. In: PAPALÉO NETTO, Matheus (org.). **Gerontologia:** a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. SP. São Paulo: Atheneu, 2005.

MATOS, Izilda Santos de. Delineando corpos: as representações do feminino e do masculino no discurso médico (São Paulo 1890-1930). In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. SP. São Paulo: UNESP, 2003.

MORI, Maria Elizabeth; COELHO, Vera Lucia Decnop. Mulheres de Corpo e Alma: Aspectos Biopsicossociais da Meia-Idade. **Feminina Psicologia: Reflexão e Crítica**. 2004. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/prc/v17n2/22470.pdf>. Acesso em junho 2007.

PANTEL, Pauline Schmitt. A criação da mulher: um ardil para a história das mulhers?. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. SP. São Paulo: UNESP, 2003.

PAPALÉO NETTO, Matheus; PONTE, José Ribeiro da. Envelhecimento: desafio na transição do século. In: PAPALÉO NETTO, Matheus (org.). **Gerontologia:** a velhice e o envelhecimento em visão globalizada. SP. São Paulo: Atheneu, 2005.

PEDRO, Joana Maria. As representações do corpo feminino nas práticas contraceptivas, abortivas e no infanticídio – século XX. In: MATOS, Maria Izilda S. de; SOIHET, Rachel (org.). **O corpo feminino em debate**. SP. São Paulo: UNESP, 2003.

PERROT, Michelle. De Mariane a Lulu: as imagens da mulher. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). **Políticas do corpo**. SP. São Paulo: Estação liberdade, 1995.

PLATÃO. **Os pensadores**. Direitos exclusivos sobre Platão – Vida e Obra: Editora Nova Cultura Ltda. 1996.

POCIELLO, Christian. Os desafios da leveza: as práticas corporais em mutação. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). **Políticas do corpo**. SP. São Paulo: Estação liberdade, 1995.

PRIORE, Mary Del. **Corpo a corpo com a mulher**: pequena história das transformações do corpo feminino no Brasil. SP. São Paulo: SENAC, 2000.

RAMOS, Jayr Jordão. **Os exercícios físicos na história e na arte**: do homem primitivo aos nossos dias. SP. São Paulo: IBRASA, 1982.

RODRIGUES, José Carlos. **O corpo na história**. RJ. Rio de Janeiro: Fiocruz,1999.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Cuidados de si e embelezamento feminino: fragmentos para uma história do corpo no Brasil. In: SANT'ANNA, Denise Bernuzzi (org.). **Políticas do corpo**. SP. São Paulo: Estação liberdade, 1995.

SENAC. DN. **A moda do século XX**. Maria Rita Moutinho; Máslova Teixeira Valença. RJ. Rio de Janeiro: Senac Nacional, 2000.

SHEPHARD, Roy J. **Envelhecimento, atividade física e saúde.** Tradução de Maria Aparecida da Silva. Pereira Araújo. SP. São Paulo: Phorte, 2003.

ISBN 978-85-60036-18-9

SIMÕES, Regina. Ciência e Consciência: tatuagens no corpo idoso. In: MOREIRA, Wagner Wey. (org.). **Corpo pressente**. SP. Campinas: Papirus, 1995.

SIMÕES, Regina. **Corporeidade e terceira idade:** a marginalização do corpo. In:MOREIRA, Wagner Wey. (org.). **Corpo pressente**. SP. Piracicaba: Unimep,1994.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no corpo:** estudo a partir da ginástica francesa no século XIX. SP. Campinas: Autores associados, 1998. – (Coleção educação contemporânea).

SOCRATES. Fédon. In: PLATÃO. **Os pensadores**. Direitos exclusivos sobre Platão – Vida e Obra: Editora Nova Cultura Ltda. 1996.

TRIVIÑOS, Augusto Nialdo Silva. **Introdução em Ciências Sociais a Pesquisa qualitativa em Educação.** São Paulo: Atlas, 1987.

VIEIRA, Luciana de Araújo. **Uma visão sobre o envelhecimento ser idoso é diferente de ser velho**. Monografia (Bacharel em Psicologia) - Centro Universitário de Ciências Humanas do CESMAC. Alagoas. 2004. Disponível em:<http://www.pesquisapsicolo gica.com/2004-1/luciana_araujo.pdf>. Acesso em junho de 2007.

WERNECK, Christianne Luce Gomes. **Uso do corpo pelo jogo de poder na Educação Física**. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Universidade Federal de Minas Gerais. MG. Belo Horizonte: Escola de Educação Física da UFMG, 1995.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

CORPO, BELEZA E CULTURA: UMA ABORDAGEM DO CONHECIMENTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA[1]

Liege Monique Filgueiras Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO: Este texto trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado, realizada no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN. Consideraremos a relação entre os significados do corpo e da beleza identificados nas produções analisadas e os modelos de beleza na Educação Física, fornecendo elementos interpretativos, através dos quais é possível perceber que concepções de corpo e de beleza têm sido discutidas na produção científica na área. Esta pesquisa é de natureza qualitativa, tendo a Análise de Conteúdo para tratamento dos dados. O corpus de análise foi composto por 8 dissertações da área de Educação Física, publicadas no Banco de Teses da Capes no período de 2004 a 2008, selecionados a partir da temática corpo e beleza. Constatamos que a compreensão de corpo e de beleza vem sendo ressignificada ao tratar de outras concepções estéticas que consideram as singularidades expressas no corpo e na cultura da qual o indivíduo faz parte.

Palavras-chave: Corpo. Beleza. Cultura

INTRODUÇÃO

Sobre o corpo é possível perceber que ele vem sendo tematizado e discutido por diferentes instituições sociais e nas mais diversas formas de cultura, pensamento e conhecimento, como, por exemplo, a Religião, a Ciência, a Arte e a Educação.

É certo que falar sobre o corpo é algo antigo. Da mesma forma que refletir sobre os padrões de beleza impostos, bem como a beleza enquanto busca constante do ser humano não é novidade. Como afirma Foucault (2002), no século XX, o corpo enquanto objeto de interesse e investimentos não é algo novo.

Compreendemos que falar sobre o corpo e a beleza na Educação e na Educação Física não é novidade. Como aponta Melo (2009), é comum ouvirmos em eventos das áreas que o corpo está inflacionado, fato de que o autor discorda. Concordamos com ele, hajam vista as histórias contadas em torno desse fenômeno na área parecerem ser histórias sem corpo, pelo menos o corpo enquanto elemento essencial de nossa existência.

Do mesmo modo, indaga Nóbrega (2008), há muitos escritos sobre o corpo; haveria ainda algo a ser dito? Talvez não, diz ela. No entanto, para a autora, paradoxalmente ainda há a impressão de que falta muito a ser realizado quando se trata de corpo nas práticas educativas, especialmente como condição existencial.

Diante disso, compreendemos que a Educação continua sendo um espaço profícuo, em que os sentidos e as concepções do corpo e da beleza vêm sendo discutidos e refletidos. Não obstante, encontra-se o corpo como fonte fecunda de conduzir e reconvocar o homem para além dos conhecimentos objetivistas. Em outras palavras: “No campo do conhecimento do corpo, coloca-se um reexame e reinvestimento dos modelos existentes, como condição para se criar novos materiais ou novos meios de expressão” (NÓBREGA, 2006, p. 67).

Nesse sentido, a universidade, enquanto lugar de reflexão, crítica, debate, construção e produção de conhecimento, possibilita ao homem o que há de mais grandioso nela, ou seja, pôr o ser humano diante da dúvida, diante de questionamentos e de um processo que se constrói pelos erros, pela negação, por rupturas, continuidades e, sobretudo, por conhecimento. Sendo assim, encontramos nos trabalhos de dissertações um campo empírico de investigação vasto e privilegiado para compreender quais são os conhecimentos abordados na produção científica.

<?> Pesquisa financiada pela CAPES.

 ISBN 978-85-60036-18-9

É certo que esta não possui uma verdade absoluta e inquestionável, mas busca refletir os saberes que são veiculados na vida social. Logo, as produções de conhecimento advindas das universidades, ao transitar entre a cultura social e científica, são capazes de religar os discursos da ciência à sociedade.

Sobre isso, Foucault (1996) assegura que a produção do discurso é controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certos procedimentos, que se desloca constantemente, construindo verdades. Como ele mesmo esclarece: "O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar." (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Nessa perspectiva, compreendemos que os trabalhos dissertativos nos fornecem elementos significativos para perceber as concepções de corpo e de beleza que têm sido discutidas na produção científica na área, neste trabalho, especificamente, na área de Educação Física.

Sendo assim, partindo da multiplicidade de sentidos que envolvem o corpo e a beleza, buscamos as implicações que essa discussão traz para a área da Educação Física a partir de alguns questionamentos: Quais concepções de corpo e beleza têm sido discutidas na produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado? Qual a relação entre os significados do corpo e da beleza identificados nas produções analisadas e os modelos de beleza na Educação Física?

Imersos nesses questionamentos, temos como objetivos dessa investigação: identificar e analisar as concepções de corpo e de beleza na produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado, considerando a frequência dos sentidos encontrados; discutir sobre os significados do corpo e da beleza encontrados nas dissertações defendidas na Educação Física e a relação que estabelecem com o pensamento sobre corpo e beleza nessa área de conhecimento.

Entendemos que essa pesquisa mostra-se necessária, devido à grande recorrência na produção do conhecimento que trata do corpo e da beleza. E, principalmente, porque há uma ausência de estudos que discutem as produções científicas já existentes em nível de mestrado. Assim, confirma-se a importância que essa proposta assume, haja vista a beleza necessitar ser continuamente indagada e refletida, especialmente nos espaços de formação e produção do conhecimento.

Para produção dos dados do nosso estudo, optamos pelo caráter metodológico da pesquisa de natureza qualitativa, tendo a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977) para tratamento dos dados, privilegiando como técnica a proposta de análise temática.

A Análise de Conteúdo, enquanto método investigativo, busca desvendar os sentidos escondidos e os significados latentes, que só podem surgir depois de uma observação crítica e criteriosa. Isto é, afastar-se dos perigos da compreensão espontânea, despistando impressões iniciais, desconfiando do que é familiar e, portanto, indo além das aparências. (BARDIN, 1977).

O corpus de análise foi composto por 8 dissertações[2] da área da Educação Física, publicadas no Banco de Teses da CAPES, no período de 2004 a 2008, selecionadas a partir da temática corpo e beleza.

Iniciamos com uma leitura flutuante, tendo como foco de análise os resumos das dissertações disponibilizados no Banco de Teses da Capes. Na sequência, passamos para a leitura integral do material disponível, buscando identificar em cada trabalho quais eram as concepções de corpo e de beleza presentes. Feito isso, extraímos as unidades de registro das dissertações, selecionando citações que revelavam as concepções de corpo e de beleza.

A etapa seguinte foi a produção dos núcleos de sentido, nas quais foi possível agrupar as unidades de registros e os núcleos de sentido pela articulação das reflexões que havia nos trabalhos.

2 Ao longo do texto, todas as referências referentes às dissertações estão colocadas em notas de rodapé para diferenciar das referências teóricas usadas para nossas reflexões acerca da temática tratada.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Organizadas as unidades de registros e os núcleos de sentido, passamos à categorização, identificando o que os trabalhos têm em comum com outros. Assim, agrupamos os núcleos do sentido pela frequência de ideias, compondo as categorias temáticas da pesquisa, as quais priorizaremos para nossas reflexões, a saber: Corpo, Beleza e cultura.

Sendo assim, as linhas que seguem almejam refletir essa categoria temática, relativa às reflexões sobre o Corpo e Beleza.

CORPO, BELEZA E CULTURA

A partir do corpus de análise, é possível configurar argumentos em torno das concepções de corpo e de beleza presentes na produção científica da Educação Física. Considerando isso, destacamos que a área tem discutido o corpo a partir de um diálogo que recusa as dicotomias e os determinismos entre natureza e cultura.

Nesse contexto, apresentaremos nas linhas que seguem essa concepção encontrada, na perspectiva de discutir os fenômenos corpo, natureza e cultura em sua relação com a beleza numa vivência sensível do humano.

Compreendemos o corpo enquanto território da humanidade, emblema da existência e materialidade da vida. Corpo humano como um verdadeiro arquivo vivo e fonte inesgotável de sedução. Ele revela experiências, sentimentos, memórias e movimentos que o constituem enquanto elemento único e coletivo, singular e plural.

Ao ser marcado pelos valores e pelas relações sociais, o corpo é influenciado pelo contexto cultural em que está inserido. Sendo assim, é possível pensá-lo numa relação polissêmica e social, portanto cultural. Embasados nisso, os fundamentos que alicerçam as compreensões de corpo e de beleza de algumas dissertações inserem-se nesse contexto de reflexões, compreendendo o corpo pela sua condição cultural. Essas dissertações apresentam a cultura como um fator indispensável para a compreensão do corpo e da beleza, reconhecendo que o indivíduo é marcado pelo contexto cultural em que vive. Um exemplo desse discurso pode ser dado na citação a seguir: “Os códigos culturais estão inscritos no corpo, que, por sua vez, sinalizam o conjunto de regras, normas e valores do grupo, fornecendo uma via de acesso à estrutura social”.[3]

Nesse sentido, nosso corpo e todas as formas de representação humana são constituídos de preceitos culturais e sociais, o que nos faz entender que o corpo traz os registros da cultura de que faz parte.

De acordo com Le Breton (2009) tudo no homem faz parte de um sistema de valores que são próprios de um grupo social, aspectos biológicos que se declinam social e culturalmente, implicando na condição humana diferenças tanto coletivas, quanto individuais.

Pensamos o corpo nas relações entre o biológico e o cultural, pautado por saberes socialmente construídos. Diante disso, entendemos que toda modificação corporal é permeada por um imenso leque de significações biológicas, culturais e sociais, como acrescenta Nóbrega (2005, p.77): “o corpo expressa a história individual e a história acumulada de uma sociedade”.

Sendo assim, há que se considerar as diversas ideias de beleza existentes em nosso planeta, assim como as singularidades pessoais, culturais e históricas, haja vista os valores sociais, históricos e culturais serem fundamentais para compreendermos que o modo como cada ser humano percebe a beleza é eminentemente variável e reconstruído a partir do local e da época em que ele está inserido.

No mesmo pensamento, observamos que algumas das dissertações analisadas apontam para a problematização e reflexão acerca das especificidades culturais, reconhecendo que os

3 Fernandes (2004, p. 53).

 ISBN 978-85-60036-18-9

padrões de beleza são determinados culturalmente. Um exemplo desse discurso pode ser dado na citação a seguir:

> Se o corpo é o local privilegiado de impressão das possibilidades, das regras e restrições de uma sociedade, é o próprio corpo que transforma e é transformado dentro desse contexto, através de uma educação dos gestos, das posturas dentro de cada grupo social. A própria forma como é concebido, os padrões de beleza, os cuidados com o corpo são extremamente distintos entre as culturas[4].

Destarte, os trabalhos dissertativos citados estão embasados na ideia de reconhecer o corpo através de seu entrelaçamento com a experiência vivida e na impossibilidade de separá-lo dos valores e das condutas sociais, como podemos perceber no próximo relato:

> Pela interferência da cultura local, o corpo é construído e avaliado, de acordo com os preceitos regionalizados [...] os indivíduos envolvidos culturalmente estão sujeitos a atenderem apelos culturais [...] Os indivíduos são classificados de acordo com padrões do momento ou cultura que são subjetivos, por serem parte de cada elemento da sociedade que cultua aquela forma de beleza e não outra.[5]

Desse modo, compreendemos que o homem constrói seus valores, suas condutas e seus conceitos a partir de um contexto sociocultural próprio.

Essa compreensão pode ser evidenciada no contexto religioso dos indivíduos, pois sendo a religião uma das referências de educação do homem, ela determina as ações e os comportamentos dos indivíduos.

Entendemos que o contexto religioso discutido em um dos trabalhos[6] apresenta essa relação sociocultural à qual nos referimos, como segue a citação:

> A educação religiosa interfere e, por vezes, determina as ações e os comportamentos dos indivíduos, o que se aplica, também, ao uso e à construção do corpo do fiel. Isto se deve a um conjunto de atitudes permitidas ou não, ensinadas ou não, de acordo com as crenças de cada religião[7].

Desse modo, compreendemos que o contexto religioso, enquanto parte da cultura de um povo, influencia na educação corporal e nos usos do corpo dos indivíduos, especialmente no que se refere à concepção de beleza do corpo feminino, como corroboram esses discursos:

> Diante desta sociedade do "consumo da beleza", é difícil imaginar que alguém fique - ou tente ficar- de fora na luta para alcançar os padrões corporais tidos como perfeitos. O fato é que existem muitas mulheres que ficam. Estas mulheres ainda carregam consigo o peso da moral religiosa e optam por viver e "consumir" um corpo de outra forma, a forma ditada pelo seu grupo religioso. Em nossa sociedade, os "modelos" de corpo também são, de certa forma, padronizados, mas não pela sociedade da beleza e, sim, por um grupo religioso[8].

4 Fernandes (2004, p. 52).
5 Calabresi (2004, p. 79 - 103).
6 Rigoni (2008).
7 Rigoni (2008, p. 13).
8 Rigoni (2008, p. 53).

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Diante disso, compreendemos que o corpo se comunica, exprime e revela uma gama de emoções numa constante e indubitável relação com o mundo. De acordo com Merleau-Ponty (2006) tudo nos é acessível através do corpo; o mundo nos é revelado pelos nossos sentidos e pela experiência de vida. Já dizia o filósofo que tudo o que sabemos do mundo sabemos a partir de nossas experiências pessoais.

Esse pensamento aponta para o corpo em suas relações com o mundo a partir de suas experiências vividas, para além de uma propriedade física, anatômica ou fisiológica, como a própria definição do ser humano.

Assim, sendo a beleza vivenciada nas múltiplas relações que envolvem o homem e o mundo, é necessário pensá-la como fonte inesgotável de significações e campo aberto aos sentidos, superando os valores e os padrões corporais.

Nesse contexto, sem necessariamente referenciar o filósofo Maurice Merleau-Ponty, alguns trabalhos trazem essa compreensão do corpo numa relação de inerência com o mundo, a exemplo da seguinte citação: “O corpo é também o resultado de uma história pessoal e coletiva, integrado com a natureza, o meio ambiente e o corpo de outras pessoas”[9].

A partir disso, pensamos que não há apenas uma concepção, um conjunto de coisas ou uma configuração padrão para a beleza. A concepção de beleza pode ser diversa em uma mesma representação, em um mesmo corpo ou numa mesma situação perceptiva.

Nesse pensamento, Nóbrega (2008), ao falar do olho como metáfora do corpo na pintura, pautada nas ideias de Merleau-Ponty, acrescenta que: “Assim como na obra de arte, os olhares que se entrecruzam diante dos conceitos, das noções, das estratégias são permeados de sensibilidade e provocam múltiplos sentidos.” (NÓBREGA, 2008 p. 399).

Nessa conjectura, nos apoiamos nas reflexões de Merleau-Ponty, que, ao tecer reflexões sobre a relação do pintor com seu corpo, fornece-nos elementos significativos para o nosso pensamento sobre o corpo. Diz o filósofo: “[...] é preciso reencontrar o corpo operante e atual, aquele que não é uma porção do espaço, um feixe de funções, que é um trançado de visão de movimento.” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 16).

Diante disso, consideramos a vivência da beleza como uma possibilidade de envolvimento e aguçamento dos sentidos para além dos modelos ou das informações contidas no objeto. A beleza na relação de imanência entre o sujeito e o objeto e na troca recíproca entre estes, em que novas interpretações são possíveis, advindas de experiências já vividas.

Assim consiste o enigma da beleza. Ela produz sentidos que não podem ser aferidos, significações que não podem ser pré-determinadas, pois o visível e o invisível nessa situação consistem naquilo que olhamos e indubitavelmente somos afetados.

Sobre essa cumplicidade do vidente com o visível, em que as posições de sujeito e objeto se alternam e se entrelaçam simultaneamente, não sabendo mais quem vê e quem é visto, diz-nos Merleau-Ponty (2004):

> O enigma consiste em meu corpo ser ao mesmo tempo vidente e visível. Ele, que olha todas as coisas, pode também se olhar, e reconhecer no que vê então o “outro lado” de seu poder vidente. Ele se vê vidente, ele se toca tocante, é visível e sensível para si mesmo. (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 17).

Tomando as palavras do autor aqui referidas, somos levados à compreensão do corpo para além dos modelos, padrões e formas que lhe são impostos. O corpo não como uma mera formação biológica, mas como fonte visível e sensível, pincelado por escritos e marcas em sua existência.

9 Corrêa (2005, p. 33).

 ISBN 978-85-60036-18-9

Assim, diante do processo de "normalização" e padronização do corpo, as dissertações analisadas alertam para a necessidade da crítica e da relatividade dos dados da ciência, criticando a universalização das formas, atentando para as histórias e cultura do corpo, que lhe fornecem o substrato de sua existência.

De acordo com Silva (2001), o corpo, ao ser formulado em bases estatísticas e medidas padronizadas, é generalizado pelos profissionais vinculados às ciências biomédicas, indicando uma tendência de mundialização desse referencial de corpo.

Para a autora, ainda que o uso das medidas e avaliações apresente um referencial de corpo a ser atingido, em suas compleições físicas, há condições objetivas que não permitem atingir esse corpo considerado ideal. Como asseguram suas palavras: "[...] o modelo de corpo proposto pela ciência é um corpo inexistente, porque ninguém corresponde às estatísticas vigentes." (SILVA, 2001, p. 91).

Corroborando esse pensamento, na crítica à padronização do corpo, enfocada pelas tabelas de mensuração e avaliação corporal, destacamos o discurso a seguir:

> Basicamente, as tabelas de base utilizadas apresentam poucas possibilidades: estar dentro de um padrão considerado "normal", "acima do peso" ou "abaixo do peso". Esses procedimentos acabam desconsiderando as especificidades biológicas, geográficas e culturais dos indivíduos [...] Padrões de beleza que, no entanto, podem nem ser alcançados[10].

De fato, as experiências, as vivências, os conceitos e as concepções perpassam nosso corpo, entrelaçando o mundo biológico e cultural. E isso pode ser evidenciado nos trabalhos dissertativos, como nos mostram os discursos a seguir: "O corpo é o lugar onde se opera a simbiose entre o biológico e o cultural [...] uma construção histórica – logo, múltipla, polissêmica e plural"[11].

Sendo o homem uma construção tanto biológica quanto cultural, seria muito difícil traçar uma linha e separar o que nele é biológico ou cultural, singular ou universal. Corroborando esse pensamento, Porpino (2006, p.20) acrescenta: "Somos, ao mesmo tempo, cultura e natureza, corpo e espírito, razão e emoção, numa simbiose que não pode ser desfeita."

Recorremos ainda ao etnólogo Claude Lévi-Strauss (1976), que, ao questionar a fronteira entre natureza e cultura, reflete sobre inseparabilidade entre ambas. Para o autor não é possível distinguir no homem onde começa a natureza ou a cultura, assim como onde uma se transforma na outra, mas somente como elas se complementam.

Diante disso, corpo, natureza e cultura são interdependentes e se interpenetram, expressando no homem um imbricar simultâneo entre o biológico e o cultural. Portanto não há como distinguir no homem o dado e o criado, o hereditário ou o inato, já que tudo no homem é dado e construído simultaneamente. (MERLEAU-PONTY, 2004).

Nessa perspectiva, observamos, nas produções do conhecimento de Educação Física analisadas, que essa relação entre natureza e cultura é uma compreensão recorrente no trato do conhecimento da área e do corpo. Percebemos que essas produções afastam-se das discussões nas quais o corpo é visto prioritariamente sob o aspecto biológico e das antinomias entre o orgânico e o cultural, reconhecendo o corpo humano a partir da união de ambos.

Sendo assim, destacamos que as concepções de corpo e de beleza presentes na produção analisada, ao pautarem-se nessa relação, avançam no conhecimento sobre o corpo, mesmo diante do forte avanço histórico por que a Educação Física passou.

A área, ao perceber que corpo, natureza e cultura interpenetram-se simultaneamente, avança para além do aspecto objetivista, reconhecendo tanto as diversidades individuais e

10 Fernandes (2004, p. 40-41-43).
11 Vasconcelos (2005, p. 91).

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

culturais como a possibilidade de diálogo entre os seres humanos. Um conhecimento sobre o corpo que ultrapassa a racionalidade instrumental e os determinismos humanos, configurando possibilidades de novas formas de ser, de viver e de vivenciar o belo.

Essa compreensão aponta para outra perspectiva de corpo e beleza na área, que não se reduz às concepções universalizantes nem a um modelo único, mas que, reconhecendo seus limites e possibilidades, é capaz de refazer sentidos próprios para a vida e a existência humana.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreendemos que, embora a produção analisada não represente a área como um todo, as dissertações como forma de comunicar os saberes, a produção e o pensamento da área, fornecem-nos elementos significativos para perceber que elas imputam a compreensão de que o conhecimento sobre o corpo e a beleza na Educação Física avançou. E que os discursos outrora pautados na objetivação e no determinismo humano aparecem como referenciais históricos da área, que podem ser amplamente questionados e redimensionados.

Dessa forma, no campo de significações desvendado pelo corpo e pela beleza na Educação Física, expõe-se um leque de sentidos conferidos a esses fenômenos a partir da construção de saberes que perpassam o conhecimento epistemológico da área.

Com base nas dissertações analisadas, constatamos que as concepções de corpo e de beleza discutidas atualmente na Educação Física são permeadas por reflexões que compreendem o corpo também pela sua condição cultural, apresentando a cultura como um elemento imprescindível para a compreensão do corpo.

A produção acadêmica da Educação Física apresenta e reconhece a cultura como via de acesso necessária para o conhecimento humano, sendo o homem compreendido como um tecido marcado pelas coisas do mundo, instituindo níveis de ordem simbólica, transformando o entorno, criando e recriando culturas.

Nos trabalhos investigados, o corpo aparece como evidência da existência humana, constituído por uma dimensão de sentidos e valores conferidos no mundo. O conhecimento sobre o corpo, nesse sentido, não é visto apenas como um mero receptor isolado do mundo, pois, como corrobora Nóbrega (2008), o corpo é feito do mesmo estofo do mundo. Logo o homem, nos discursos investigados, está pautado na condição de sujeito de uma cultura representada por um leque de signos e símbolos dentro de uma sociedade, sendo também reconhecido como cultural.

Desse modo, pensando na imanência entre natureza e cultura presente na existência humana, o fenômeno corpo atuando no mundo da experiência vivida revela e engloba singularidades sobre a aparência e a estética como uma experiência sensível, aberta e inacabada.

Nesse sentido, os trabalhos investigados afirmam que as concepções de beleza são determinadas pelos valores e códigos de um grupo social, embora os sujeitos apresentem possibilidades diversas para o belo, advindas de experiências já vividas.

Percebemos, também, nas dissertações analisadas, que o corpo humano é reconhecido por sua inscrição biológica e cultural, e que suas escolhas, além de serem pautadas por contextos sociais, expressam sentidos diferenciados.

O entrelaçamento entre os códigos biológicos e culturais é evidenciado nas discussões como próprio da dimensão corpórea. Os autores reconhecem que a vida humana não se reduz aos condicionantes biológicos, tampouco aos condicionantes culturais. Ao contrário, apontam a ideia de ruptura entre o biológico e o cultural, bem como do determinismo só natureza ou só cultura, reconhecendo o corpo humano como biocultural, em que natureza e cultura constituem a existência humana num processo imanente e ininterrupto, pois ambos são codependentes.

Portanto foi possível observar que a compreensão do corpo e da beleza na área vem sendo ressignificada ao admitir outras concepções estéticas de belo, sobretudo relacionadas às

 ISBN 978-85-60036-18-9

singularidades expressas no corpo humano e na cultura em que o indivíduo está inserido, o que representa o avanço ocorrido na área no trato do conhecimento do corpo e da beleza.

Diante do exposto, pensamos que a Educação Física, em seu contexto educativo, pode contribuir para um olhar crítico frente aos valores que permeiam a sociedade, frente às constantes mudanças nos conceitos de beleza, possibilitando outros sentidos nas questões relativas ao corpo e à beleza.

Tendo em vista que a sociedade pode influenciar de maneira significativa a visão de corpo e de beleza, é necessário que a Educação Física possibilite intervenções numa perspectiva crítica, tendo como referência a necessidade de produzir diversos olhares para a beleza, para além do conceito clássico imposto como modelo na sociedade.

Para tanto, entendemos que os professores da área constituem parte fundamental para que esses discursos, ao chegarem aos campos educacionais, possibilitem diálogos e reflexões acerca do corpo e da beleza, a fim de produzir indivíduos críticos frente aos sentidos corporais que permeiam na sociedade. Que eles sejam capazes de enxergar o belo, presente nos gestos simples, nas formas distorcidas, no corpo imperfeito, nas histórias, na vida, na unidade e na complexidade dos corpos, compreendendo-o no imbricar do sensível com o sentido, do que é visto e ao mesmo tempo visível. Afinal, a beleza é, antes de tudo e após tudo, contemplação da vida e modo de existência.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977.

CALABRESI, Carlos Augusto Mota. **Com que corpo eu vou**? A beleza e a performance na construção do corpo midiático. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

CORRÊA, Claudia Xavier. **Os significados da ginástica em mulheres trabalhadoras assistidas pelo centro de difusão cultural em Juiz de Fora**. 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

FERNANDES, Rita de Cassia. **Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia**: corpo, saúde e envelhecimento. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. Tradução L. Sampaio. 17. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996. (Texto original publicado em 1971).

_____. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Tradução Raquel Ramalhete. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (Texto original publicado em 1975).

LE BRETON, David. **Paixões Ordinárias**. Luís Alberto Salton Peretti. 1. ed. Petrópolis: Vozes, 2009.

Lévi-Strauss, Claude. **As estruturas elementares do parentesco**. Tradução Mariano Ferreira. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1976. (Texto original publicado em 1949).

MELO, José Pereira. Prefácio. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia (Org.). **Escritos sobre o corpo**: diálogos entre arte, ciências, filosofia e educação. Natal: EDUFRN, 2009. p. 9-11.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução P. Neves e M. Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004. (Texto original publicado em 1966).

_____. **Fenomenologia da percepção**. Tradução C. Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006. (Texto original publicado em 1945).

NÓBREGA, Terezinha Petrucia. **Corporeidade e educação física** – do corpo objeto ao corpo sujeito. 2. ed. Natal: EDUFRN, 2005.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

_____. Corpo e epistemologia. In: NÓBREGA, Terezinha Petrucia (Org.). **Epistemologia**, **saberes e práticas da educação física**. João Pessoa: UFPB, 2006.

_____.Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte e a inexatidão da verdade. **Revista Cronos**, Natal, v. 9, n. 2, p. 393-403, jul./dez., 2008.

PORPINO, Karenine de Oliveira. **Dança é educação**. Interfaces entre corporeidade e estética. Natal: EDUFRN, 2006.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. **Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino**. Implicações para a Educação Física escolar. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SILVA, Ana Márcia. Corpo e diversidade cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001.

VASCONCELOS, Renata Veloso. **As representações sociais do corpo por mulheres praticantes de atividade física**: que estética é essa? 2005. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

ISBN 978-85-60036-18-9

PADRÃO CORPORAL E TRANSFORMAÇÕES DA BELEZA: OS SENTIDOS ENCONTRADOS NA PRODUÇÃO CIENTÍFICA DA EDUCAÇÃO FÍSICA[12]

Liege Monique Filgueiras Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

RESUMO: Falar em corpo e beleza parece algo bastante familiar à Educação Física. Portanto, partindo da multiplicidade de sentidos que os envolve, analisamos a produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado, a partir de alguns questionamentos: Quais concepções de corpo e beleza têm sido discutidas na produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado? Qual a relação entre os significados do corpo e da beleza identificados nas produções analisadas e os modelos de beleza na Educação Física? Compreendemos que essa pesquisa fornece elementos significativos para reconhecer os avanços e as lacunas sobre a temática na área. O corpus de análise foi composto por oito dissertações da área de Educação Física, publicadas no Banco de Teses da Capes no período de 2004 a 2008, selecionadas a partir da temática corpo e beleza, sendo utilizada a Análise de Conteúdo para tratamento dos dados. A leitura flutuante permitiu-nos selecionar unidades significativas e pautar nossas discussões em categorias temáticas, as quais priorizaremos para nossas reflexões, a saber: Padrão Corporal e Transformações da Beleza. Diante do exposto, foi possível observar que a compreensão do corpo e da beleza na área vem sendo ressignificada ao admitir outras concepções estéticas de belo, o que representa o avanço ocorrido na área no trato do conhecimento do corpo e da beleza.

Palavras-chave: Padrão Corporal. Transformação da Beleza. Educação Física

INTRODUÇÃO

As imagens corporais ressaltando modelos de beleza pautados, sobretudo, no corpo jovem, atlético e saudável são uma questão que cotidianamente pode ser percebida através dos mais diferentes meios de divulgação de informação.

Certamente, não apenas socialmente o corpo e a beleza vêm sendo fenômenos de curiosidade, negócios e debates. Mas simultaneamente a essa recursividade de informações sobre a beleza no contexto social, compreendemos que há também uma circulação de conhecimento sobre o assunto no âmbito universitário.

Portanto, partindo da multiplicidade de sentidos que envolvem o corpo e a beleza, analisamos a produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado, a partir de alguns questionamentos: Quais concepções de corpo e beleza têm sido discutidas na produção acadêmica da Educação Física, em nível de mestrado? Qual a relação entre os significados do corpo e da beleza identificados nas produções analisadas e os modelos de beleza na Educação Física?

Compreendemos as dissertações como meio de comunicação e veiculação dos saberes produzidos nas universidades. Desse modo, elas nos fornecem elementos para reconhecer os avanços e as lacunas ainda enfrentadas sobre o conhecimento do corpo e da beleza na área.

Para produção dos dados do nosso estudo, optamos pelo caráter metodológico da pesquisa de natureza qualitativa, tendo a Análise de Conteúdo proposta por Bardin (1977) para tratamento dos dados, privilegiando como técnica a proposta de análise temática.

A Análise de Conteúdo enquanto método investigativo busca desvendar os sentidos escondidos, o não dito e significados latentes. Isto é, afastar-se dos perigos da compreensão espontânea, despistando impressões iniciais, indo além das aparências (BARDIN, 1977).

12 Esse texto trata-se de um recorte de uma pesquisa de mestrado, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte em 2011. A pesquisa recebeu o apoio financeiro da CAPES.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

O corpus de análise foi composto por oito dissertações[13] da área da Educação Física, publicadas no Banco de Teses da CAPES no período de 2004 a 2008, selecionadas a partir da temática *corpo e beleza.*

Iniciamos com uma leitura flutuante, tendo como foco de análise os resumos das dissertações. Na sequência, passamos para a leitura integral do material disponível, buscando identificar, em cada trabalho, quais eram as concepções de corpo e de beleza presentes.

Feito isso, extraímos as unidades de registro das dissertações e elaboramos os núcleos de sentido, agrupando-os pela frequência de ideias, compondo as categorias temáticas da pesquisa, que priorizaremos para nossas reflexões, a saber: Padrão Corporal e Transformações da Beleza.

Sendo assim, as linhas que seguem almejam refletir essas categorias temáticas, relativas às reflexões sobre o Corpo e a Beleza.

PADRÃO CORPORAL E TRANSFORMAÇÕES DA BELEZA

Diferentes modos de pensar o corpo foram observados através da análise feita na produção científica da área. Nesse sentido, os discursos sobre o corpo visualizados no corpus de análise permitem-nos apresentar algumas reflexões a partir das ideias encontradas nas dissertações, a saber: a efemeridade e diversidade dos padrões corpóreos; as relações de poder-saber no corpo; e o entendimento da Educação Física que tem o corpo como sua referência específica.

Percebemos que as dissertações analisadas[14] apontam uma compreensão da beleza a partir de sua transitoriedade no tempo e no espaço, ou seja, durante os séculos e as diversas culturas existentes.

Em cada sociedade, há a demarcação e uma representação de corpo que traduz sentidos para os indivíduos e, como confirma um dos trabalhos analisados, "É importante lembrarmos que os padrões estéticos mudam de tempos em tempos, ficando as mudanças submetidas aos novos posicionamentos da cultura local"[15].

Como afirma Porpino (2003), os modelos de beleza em evidência divergem em épocas distintas pelas necessidades humanas. Cada época tem seu ícone, e talvez mais de um, assim como diversos ideais de beleza podem coexistir em uma mesma cultura. E, embora tenhamos um arquétipo de corpo visto como ideal de beleza, não é possível se admitir a construção do corpo a partir de um único modelo, sobretudo diante de toda a diversidade e multiplicidade culturais espalhadas pelo planeta. Como acrescenta Silva (2001), o integral domínio biológico e cultural do corpo humano lhe confere sua singularidade no mundo.

Nesse contexto, fica evidente nas dissertações analisadas[16] a crítica e a não aceitação do pensamento do corpo a partir da padronização, destituído de sua singularidade humana. Nesse cenário de problematização, essas dissertações apontam não somente para a singularidade do corpo humano, mas também para a necessidade de reconhecer que os padrões de beleza são, em sua maioria, inalcançáveis.

Conforme evidenciado em alguns trabalhos[17], tanto no que se refere às constituições dos indivíduos, ao serem diferentes, como no que se refere aos aspectos genéticos e aos aspectos sociais, torna-se impossível especificar um único modelo de corpo a ser seguido. Sobre isso, outro autor destaca:

> Deve-se ter claro que o peso ideal é irreal, pois os indivíduos possuem constituições orgânicas diferentes, as medidas não

13 Ao longo do texto, todas as referências referentes às dissertações estão colocadas em notas de rodapé para diferenciar das referências teóricas usadas para nossas reflexões acerca da temática tratada.
14 Calabresi (2004); Fernandes (2004); Corrêa (2005) e Vasconcelos (2005).
15 Calabresi (2004, p. 110).
16 Calabresi (2004); Fernandes (2004); Corrêa (2005) e Rigoni (2008).
17 Calabresi (2004) e Corrêa (2005).

 ISBN 978-85-60036-18-9

> podem ser padronizadas por escalas exatas, pois estaríamos desconsiderando toda a individualidade[18].

Nessa direção, acrescentamos o pensamento de Porpino (2003), ao comentar que um único modelo de beleza disseminado e imposto a ser seguido desconsidera a diversidade cultural e as singularidades sociais. Para ela, estabelecer um único modelo de beleza para se pensar a estética diante de uma imensa diversidade cultural é negar a cultura e a vida social dos indivíduos.

Vivemos em um momento de corpos arquitetados e construídos pelos desejos humanos. O corpo e a beleza são fontes inesgotáveis de modificações e restaurações, e uma nova ordem é estabelecida padronizadamente pelos modelos de beleza.

Nesse sentido, alguns trabalhos dissertativos analisados[19] apontam para a problematização acerca dessa compreensão de corpo, pautados na relação de poder-saber, considerando a diversidade de intervenções para modificação corporal e aperfeiçoamento da aparência, tão característicos no mundo contemporâneo.

Se o corpo é o local em que as regras, normas e restrições da sociedade incidem, compreende-se que é o próprio corpo que transforma e é transformado dentro desse contexto, seja por meio dos gestos, das posturas, das condutas, seja por meio da estética[20].

É possível encontrar em alguns dos trabalhos investigados1[21] essa ideia de que o corpo se pauta em uma relação de controle e dominação, como forma de regular a própria identidade do indivíduo. Entretanto o corpo que se manipula, modela-se, treina-se, que obedece, responde, torna-se hábil ou cujas forças se multiplicam, encontram-se facilmente sinais do alvo de poder. No entanto, um poder que não é unilateral.

Assim, o corpo dócil, denominado por Foucault (2002), que pode ser submetido, utilizado, transformado, modificado e aperfeiçoado, ao mesmo tempo, é capaz de criar saberes diversos, pois se, por um lado, o poder é exercido sobre ele, por outro, ele resiste, luta e cria novos saberes sobre aquilo que lhe é imposto.

De fato, no processo de poder-saber, somos sujeitos participantes e ativos. Embora sejamos constantemente influenciados pelos discursos normatizadores que nos cercam, é preciso reconhecer que o ser humano, ao mesmo tempo em que é submetido aos valores impostos a ele, é capaz de criar e recriar saberes diversos para as verdades já instituídas.

Logo, no que se refere aos padrões estéticos, apesar de ser imposta uma maneira de perceber a beleza, entendemos que nossa concepção sobre o belo irá depender, entre outras coisas, de tudo aquilo que experienciamos ao longo da vida. Portanto essas imposições não são mão única, mas, ao contrário, são ressignificadas pelas particularidades do sujeito e pelos filtros de seus valores e concepções.

O corpo tem um importante papel na sociedade, ganhando contornos e destaque nunca vistos antes, sendo valorizado principalmente quando se está dentro dos padrões estéticos, como podemos observar em alguns trabalhos analisados[22].

A Educação Física, ao longo da história, sempre esteve ligada ao objetivo de transformar os corpos, de modelá-los e enquadrar os indivíduos nas concepções estéticas preconizadas em cada época, perpassando pelos modelos tecnicistas, higienistas e militaristas que estão presentes na história da área.

18 Calabresi (2004, p. 86).
19 Fernandes (2004); Vasconcelos (2005); Vigne (2007); Rigoni (2008) e Silva (2008).
20 Fernandes (2004).
21 Fernandes (2004); Vasconcelos (2005); Vigne (2007) e Silva (2008).
22 Almeida (2005); Vigne (2007); Silva (2008).

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Nesse sentido, compreendemos que, independentemente da vertente, os modelos que marcam a história da Educação Física sempre expressaram o desejo de transformação dos corpos, bem como a modelagem de suas formas.

Nessa direção, a Educação Física, como área relacionada às práticas corporais, é vista como uma atividade formadora dos corpos, quer no sentido da saúde, quer no sentido estético.

Aliado a esse pensamento que perpassa socialmente a área, o profissional de Educação Física, muitas vezes, divulga de forma acrítica a relação corpo e beleza, ao fundamentar e desenvolver suas ações pedagógicas apenas na perspectiva da estética enquanto padrão idealizado de corpo. E isso pode ser destacado nesse discurso:

> É válido admitir que o professor de Educação Física precise de uma aparência compatível com a função que desempenha na academia [...] O *personal trainer* deve estar ciente de que sua habilidade para orientar passa pela sua capacidade de demonstrar movimentos, de passar credibilidade de que domina as minúcias do movimento, de que experimentou (fisicamente) os exercícios.[23]

Sobre isso, cabe destacar que o profissional de Educação Física é propendido nessa relação corpo e beleza, sobretudo em sua profissão, a exemplo do discurso a seguir:

> O professor está exposto na função de *personal trainer* a ter o seu trabalho mensurado pelos atributos estéticos que possua [...] Numa sociedade em que a imagem desempenha um papel potencializador [...] cabe ao professor de Educação Física interessado em trabalhar com *personal trainer* decidir se está preparado para atender a essa exigência do meio das academias[24].

Nesse contexto, a competência profissional na área parece estar imbricada à aparência física. Como acrescenta Chaves (2009), é na exaltação do professor saradão, grandão, forte e bonito que os indivíduos na Educação Física gozam de um passaporte que lhes agrega *status* e ampliação da circulação social. Em suas palavras, "[...] a percepção da forma corporal integrada à competência profissional exclui do mercado um grande número de pessoas que não se enquadram neste perfil." (CHAVES, 2009, p. 186).

Portanto podemos dizer que a Educação Física, por vezes, ainda parece imbuída da fantasia da imagem perfeita, principalmente como potencializadora a enredar esse imaginário do corpo perfeito. Ao contrário, compreendemos que a linguagem sensível do corpo configura possibilidade de outro arranjo da beleza, expresso nas imperfeições, deficiências, desordens e discrepâncias.

Essa perspectiva estética aponta outro olhar para o corpo ao ampliar a compreensão de beleza para além da padronização das formas corporais. Essa compreensão nos remete ao quadro O Acrobata, de Pablo Picasso. Sua pintura não tem ordem, forma metrificada, tampouco equilíbrio e harmonia das formas. Ao revés, suas formas parecem desarticuladas, incompletas, desordenadas e falhas. Sua beleza se constitui no grotesco, na desmedida e no desalinhamento de um corpo que conjuga, entre outras coisas, desarmonia como condição de existência. Nessa direção, sobre O acrobata, acrescenta Mendes (2006): "[...] a sua harmonia corpórea ocorre na possibilidade de se desordenar, de gozar de plasticidade e na reaproximação do ser humano com sua animalidade." (MENDES, 2006, p. 128).

23 Almeida (2005, p. 141).
24 Almeida (2005, p. 143).

ISBN 978-85-60036-18-9

Esse conhecimento sensível, que se inscreve no corpo de O acrobata, convida-nos a pensar na beleza como fonte de incertezas e contradições. A beleza como campo aberto aos sentidos e como fonte inesgotável de significações, vivenciada nas múltiplas relações que envolvem o homem e o mundo.

Compreendemos ser nessa direção que a Educação Física deve transitar, sem submeter-se a preceitos e a códigos fechados, mas sendo capaz de lançar outras possibilidades para a contemplação da beleza, hajam vista os padrões estéticos, enquanto proposições, não poderem substituir a experiência da beleza enquanto uma vivência sensível e arrebatadora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diferentes modos de pensar o corpo e a beleza foram observados através da análise feita na produção científica da Educação Física. Desse modo, os discursos sobre o corpo, visualizados no corpus de análise, permitem-nos apresentar algumas reflexões a partir das ideias encontradas nas dissertações, a saber: a efemeridade e diversidade dos padrões corpóreos; as relações de poder-saber no corpo; e o entendimento da Educação Física que tem o corpo como sua referência específica.

Diante do exposto, foi possível observar, na produção analisada, que as dissertações apontam uma compreensão da beleza a partir de sua transitoriedade no tempo e no espaço, devendo-se considerar que a visão da beleza não pode ser reduzida ao clássico como única referência.

Diante disso, percebemos nos trabalhos o pensamento e a compreensão da beleza em múltiplas possibilidades de sentido na apreciação estética do corpo, que, certamente, não comungam com uma ideia unilateral. Esse pensamento aponta uma possibilidade para a beleza como sensível e múltipla, alcançando todos os corpos e, à sua maneira, criando novas formas de ser belo.

Ainda no que se refere aos textos, outra concepção de corpo e beleza é encontrada, e esta se refere aos mecanismos de poder-saber que são inscritos no corpo, como forma de controle e também de subversão. Esse conhecimento apresentado nos trabalhos demonstra que o corpo transcende e experimenta diversas belezas para além das normas pré-estabelecidas de concebê-lo, subvertendo as convenções, nutrindo e mergulhando em recintos nunca antes experimentados, fazendo e refazendo-se sem findar.

A análise mostra, ainda, que o profissional de Educação Física tem sua capacidade profissional relacionada às formas corporais que possui, além de serem vistos como responsáveis na obtenção e manutenção da lógica social do corpo belo. Nesse sentido, reconhecem que os profissionais de Educação Física parecem impelidos a enquadrar-se no modelo de corpo idealizado e difundido.

Diante do exposto, foi possível observar que a compreensão do corpo e da beleza na área vem sendo ressignificada ao admitir outras concepções estéticas de belo, sobretudo relacionadas às singularidades expressas no corpo humano, o que representa o avanço ocorrido na área no trato do conhecimento do corpo e da beleza.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sebastião Ferreira. **O primado da visualidade**: a estética como critério de escolha do personal trainer por alunos homossexuais. 2005. 267 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 1977. CALABRESI, Carlos Augusto Mota. ***Com que corpo eu vou***? A beleza e a performance na construção do corpo midiático. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

CALABRESI, Carlos Augusto Mota. **Com que corpo eu vou**? A beleza e a performance na construção

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

do corpo midiático. 2004. 186 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2004.

CHAVES, Simone Freitas. **No labirinto dos espelhos**: o corpo e os esteróides anabolizantes. Niterói: Nitpress, 2009.

CORRÊA, Claudia Xavier. **Os significados da ginástica em mulheres trabalhadoras assistidas pelo centro de difusão cultural em Juiz de Fora**. 2005. 125 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

FERNANDES, Rita de Cassia. **Significados da ginástica para mulheres praticantes em academia**: corpo, saúde e envelhecimento. 2004. 163 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: história da violência nas prisões. Tradução Raquel Ramalhete. 31. ed. Petrópolis: Vozes, 2002. (Texto original publicado em 1975).

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza. **Mens Sana in Corpore Sano**: compreensões de corpo, saúde e Educação Física. 2006. 168 f. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2006.

PORPINO, Karenine de Oliveira. Interfaces entre corpo e estética: (re)desenhando paisagens epistemológicas e pedagógicas na Educação Física. In: LUCENA, Ricardo; SOUZA, Edílson (Org.). **Educação Física**, **esporte e sociedade**. João Pessoa: UFPB, 2003. p. 145-160.

RIGONI, Ana Carolina Capellini. **Marcas da religião evangélica na educação do corpo feminino**. Implicações para a Educação Física escolar. 2008. 162 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2008.

SILVA, Ana Márcia. Corpo e diversidade cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, Florianópolis, v. 23, n. 1, p. 87-98, set. 2001.

SILVA, André Luiz. **A perfeição expressa na carne**: A Educação Física no projeto eugênico de Renato Kehl – 1917 a 1929. 2008. 141 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

VASCONCELOS, Renata Veloso. **As representações sociais do corpo por mulheres praticantes de atividade física**: que estética é essa? 2005. 149 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2005.

VIGNE, Joana Angélica de Pereira. **Beleza feminina**: da academia para o trabalho: o padrão atual das mulheres da rocinha. 2007. 65 f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) — Universidade Gama Filho, Rio de Janeiro, 2007.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

O CORPO NOS ESTUDOS E PESQUISAS

Rosângela Cely Branco Lindoso
UFRPE, UFPE, FASNE
Daise Lima de Andrade França
IFPE
Laurecy Dias dos Santos
FASNE

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo apresentar uma análise do estado da arte do corpo na visão de autores da área de Educação Física/Ciências do Esporte. Privilegiamos um dos periódicos mais tradicionais e importantes do Brasil na área estudada - a Revista Brasileira de Ciências do Esporte, editada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (RBCE). Esse periódico foi indexado em indicadores internacionais e de publicação quadrimestral. O enfoque foi realizado nas publicações, no período de 2004 a 2009 da RBCE, tendo como critério de base para a pesquisa a presença das palavras corpo, corporal e/ou corporeidade no título e/ou nas palavras-chave do artigo, observando ainda a abordagem de corpo que norteia ou orienta tais estudos. No conjunto dos estudos aqui apresentados, podemos observar a tendência para uma redefinição do conceito de corpo através de saúde, cultura, história e educação, temas que transversalizam esses estudos a partir de posturas críticas frente ao sentido de corpo biologizado, produzido pelo discurso médico, que reduz a saúde como fruto unicamente da atividade física. A redefinição dos conceitos de corpo aponta para a construção da subjetividade focada numa concepção integral do homem.

Palavras-chave: Corpo. Abordagens. Pesquisas.

INTRODUÇÃO

A ciência, ao investir no corpo, constata a sua fácil manipulação. Aliando-se à burguesia, investe nesse sentido, para obter dele adesão ao processo industrial em nome das necessidades do corpo. A seguir, traçamos um breve percurso de como se construiu esse processo.

A princípio, as concepções de corpo assumem uma unidade do corpo consigo e com o mundo. Platão (427-347 a.C.), ao pensar a cidade ideal, atribuiu ao corpo importante papel. Em "A República", o corpo é utilizado como metáfora da organização social, de modo que o filósofo representa a cabeça; os agricultores, o ventre; e os guardas, os pés dessa organização.

Na Idade Média, como em nenhum outro período, o corpo esteve diretamente relacionado à sociedade e ocupou um importante papel no conjunto de inúmeras metáforas, políticas, sociais e religiosas. O corpo aparece, paradoxalmente, como o coração da sociedade medieval e elemento crucial das tensões geradoras de dinâmica do Ocidente. Essa concepção se altera através da confrontação com as observações provenientes das dissecações anatômicas, com desenhos ilustrativos, a fim de investigar assassinatos, com a permissão legal e religiosa. Esse foi um esforço explicativo sem precedentes, visando recolocar o corpo numa trama de significações coerentes, abrindo caminho iluminista para operar a divisão do corpo por órgãos, tecidos, com a invenção do microscópio, células, partículas e átomos.

A técnica empregada para produção desse conhecimento vem inaugurar uma percepção de corpo para além da experiência humana do vivido e também proveniente do arcabouço biológico próprio da espécie (SILVA, 2001, p. 12).

Conforme afirma Aristóteles (1987, p. 128), o corpo é a materialidade do ser no mundo. Em sua época, ele já advertia que os costumes poderiam mudar as qualidades da alma e do corpo. Silva (2001) destaca que as concepções dualistas, separando corpo e alma, no cristianismo, vão se somando à visão da ciência, separando corpo-mente em Descartes. Segundo a autora, para Descartes o mundo se transforma em um conjunto de objetos ofertados ao conhecimento humano através da pesquisa científica por meio da razão. O corpo, assim, é

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

domínio das ciências naturais, o corpo é puramente corpo, e a alma, puramente alma. Princípio em que ciência e razão estão autorizadas como instituição a conhecer e dominar o corpo, tarefa que se exacerba na atualidade.

Como percebemos, há nessa concepção uma separação entre o mundo do fenômeno e o mundo do ser, possibilitando que a ciência se ponha como autoridade que ela passa a exercer. Quando a realidade é reduzida à realidade física, criam-se dois mundos, o mundo objetivo e outro subjetivo, interno. Em Descartes o mundo subjetivo é quem fundamenta o mundo objetivo, separando esses dois mundos, objetivo e subjetivo, como se fossem duas entidades distintas.

No século XIX, ainda segundo Silva (2001), a ciência encontra no positivismo de Comte possibilidades de testar e observar nos moldes científicos, evitando a subjetividade por gerar variáveis e enganos idealistas. Fisiologistas e Patologistas utilizam-se da produção de Comte para demonstrar sua teoria, havendo uma consequente identificação da Medicina do Esporte no século XIX e a teoria positivista. Essa identificação vai possibilitar o estudo de diferentes técnicas e padrões, para determinar peso e volume corporal, fundamentados no princípio de Arquimedes. A composição corporal peso, idade, fundada na linguagem médica, irá consolidar a concepção estritamente biológica do corpo. Nessa perspectiva, submetido a um controle de qualidade, medido a partir de testes, frequências, curvas e diagramas milimétricos, em que se é capaz, via ciência, de determinar o risco daquele que está sendo analisado, há uma objetivação do corpo, partindo de um simbolismo figurativo e iconográfico, traduzido no seu funcionamento.

Para Silva (2001), a geometrização do corpo, resultado da racionalidade moderna, faz com que o ser humano afaste-se de si mesmo. Nesse sentido, aumentam as possibilidades da ciência de conhecer o corpo, identificado como altamente manipulável e dominável, facilitando uma expropriação do governo do corpo. Comenta ainda que o desenvolvimento da ciência substitui a causalidade religiosa pela causalidade física, o corpo restringe-se às ciências naturais, em especial, à medicina. Assim, constitui-se em objeto cada vez mais especializado, tal como define a divisão disciplinar do conhecimento moderno, perdendo com isso aderência em relação à sociedade, progressivamente abandonada.

O corpo é mantido no domínio da natureza, mas uma natureza transformada, regulada por leis internas decifráveis como engrenagens de uma máquina, sujeitas à investigação e à manipulação de suas partes, constituindo-se num objeto aculturado, fragmentando corpo, sociedade e política, que passam a ocupar espaços distintos, apesar de não perderem totalmente a inter-relação.

Essa fragmentação incide sobre a cultura, pois ela fundamenta todos os fenômenos do corpo; ao se criar vida diferente, transforma-se também o funcionamento orgânico. Através do corpo, o homem se relaciona com a natureza, a Medicina do Esporte legitima a dominação, desconsidera o corpo humano como um fenômeno cultural, inclusive em sua fisiologia, altera e interfere através da ciência do treinamento de resistência, força, hipertrofia muscular, numa relação de opressão da natureza, alterando seu modo de ser.

O corpo, mesmo vinculado a muitas áreas do conhecimento humano, a abordagem biológica das ciências naturais predominante na modernidade transforma-o em objeto separado da cultura. No entanto, para Daólio (2007) qualquer abordagem que negue a dinâmica cultural inerente à condição humana irá se distanciar do processo de humanização.

Nas ciências sociais, a Antropologia é exceção à recusa do corpo no exclusivo domínio da biologia. Na perspectiva antropológica, questões relacionadas à sexualidade, à saúde, à doença, à morte, entre outras, estão submetidas a fatores culturais.

Essa tendência, que toma o corpo como objeto cultural, vem sendo difundida desde os anos 1980 no Brasil, influenciando a formação e a atuação dos professores de Educação Física e esporte. Com base nesses avanços teóricos da área, esta nossa pesquisa procura compreender as representações sociais de corpo construídas na produção do conhecimento na Revista Brasileira da Ciência do Esporte.

ISBN 978-85-60036-18-9

METODOLOGIA

O estudo constitui-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter bibliográfico, com o desafio de mapear o conhecimento sobre o corpo, segundo Minayo (2009): “Os conhecimentos foram construídos cientificamente sobre determinado assunto por estudiosos que abordaram antes de nós e lançam luz sobre nossa pesquisa, são chamados teorias”.

Para nossa revisão de literatura, privilegiamos um dos periódicos mais tradicionais e importantes brasileiros na área de Educação Física/Ciências do Esporte. Trata-se da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, editada pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (RBCE), periódico indexado em indicadores internacionais e de publicação quadrimestral.

As publicações escolhidas foram no período 2004 a 2009 da RBCE, tendo como critério de base para a pesquisa a presença das palavras corpo, corporal e/ou corporeidade no título e/ou nas palavras-chave do artigo, observando ainda a abordagem de corpo que norteia ou orienta tais estudos.

Localizamos um total de vinte e nove trabalhos, dos quais selecionamos dezesseis, por serem resultados de pesquisa. Apenas um desses estudos adota o referencial das representações sociais Figueira e Goellner,(2005).

Nos dezesseis estudos, o corpo foi abordado em relação às seguintes abordagens: corpo/educação trata a reflexão pedagógica através dos temas da cultura corporal e práticas corporais abordadas nas aulas de Educação Física. Na abordagem corpo/estética, trata questões de embelezamento segundo modelo de gênero e beleza da sociedade de consumo e, nesse enfoque, o uso de substâncias químicas como coadjuvantes na aquisição do modelo de beleza e arquitetura corporal socialmente partilhado. Na abordagem corpo/saúde, trata determinantes sócio-históricos na produção do corpo e reflexões sobre o discurso da saúde sobre o corpo como mito e, por fim, a abordagem de reconstrução do corpo trata da ressignificação de conceitos sobre a “deficiência física” e a intervenção corporal no meio ambiente na dinâmica de interações dessas representações.

Em relação ao primeiro grupo de trabalhos, corpo/educação, que focaliza a reflexão pedagógica dos temas da cultura corporal, conteúdo abordado nas aulas de Educação Física, convém inicialmente explicitar o que denominamos de cultura corporal.

Para Coletivo de Autores (1992), o conceito de cultura corporal surgiu na década de 1980, partindo das críticas realizadas por Dieckert (1987) ao esporte de rendimento. O autor buscava uma Educação Física mais humana, embasada na concepção do “Esporte para Todos”, de modo a discutir e criar uma “nova antropologia” que colocasse como centro da questão “uma cultura corporal própria do povo brasileiro”.

Essa cultura própria do nosso povo foi definida pelo autor como construções que as pessoas realizam em torno de suas próprias práticas corporais, construídas e reconstruídas em seu país. A ideia de cultura corporal, segundo os autores, é carregada de sentido e significado, historicamente situada num contexto em que, através do jogo do esporte, da ginástica, da dança e da luta, o homem partindo de suas necessidades materiais, cria historicamente, compreende e explica a realidade. A proposta toma como categoria de base a cultura corporal, a reflexão pedagógica, história, historicidade e currículo na concepção crítica. Esse livro serve como orientação para o trabalho pedagógico.

A cultura corporal, nas aulas de Educação Física, foi tematizada em dois estudos que tomaram como objetos Costa e Betti (2006) para jogo, e Granado (2006) para futebol.

Costa e Betti (2006) analisaram a correlação entre o jogo e as mídias, propondo a transformação/transferência do virtual/virtualidade em uma possível experiência corporal educativa na escola na forma de jogos, a partir dos “jogos virtuais” conhecidos dos alunos. Concluem que a virtualização do corpo no esporte-espetáculo e nos jogos eletrônicos tem repercussões desse fenômeno na cultura corporal contemporânea de movimento. Segundo os

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

autores, as crianças se apropriam das imagens e conteúdos televisivos, transformando-os em estruturas lúdicas que sustentam suas brincadeiras.

A pesquisa etnográfica desenvolvida por Granado (2006) teve como objetivo compreender como se estabelecem as relações entre diferentes maneiras de ser a partir das práticas corporais. Seus resultados indicam que, em relação ao "futebol", as complexas relações desse jogo são potencializadas em diferentes espaços e fronteiras étnicas e culturais.

O caráter polissêmico e intercultural do futebol possibilita visualizar as dimensões complexas e contraditórias em que se dão a educação do corpo "boe" e a relevância que a corporalidade assume para a compreensão de uma cultura indígena específica. Conforme Granado (2006), "boe" é a autodenominação do povo Bororo, que já foi a maior etnia do Centro-Oeste brasileiro e atualmente não chega a 2.000 indivíduos.

Richter e Vaz (2005) analisam elementos que compõem uma agenda de estudos sobre a educação do corpo. Segundo afirmam, as intervenções pedagógicas sobre o corpo, tanto nas aulas de Educação Física, quanto em outros tempos e espaços da educação de zero a seis anos, interpenetram-se nos meandros da rotina, mostrando-se fortemente vinculados à eliminação dos descontroles ameaçadores da racionalidade.

Wiggers (2005) destaca as mediações mídia e arte para analisar representações e expressões corporais de crianças entre sete e nove anos de idade, concluindo que o conceito de corporeidade é um elemento fundamental para a compreensão da formação humana.

Corpo /Educação	
Autores	**Títulos**
Costa e Betti (2006)	Mídias e jogos: do virtual para uma experiência corporal educativa
Granado (2006)	O Jogo da Identidade Boe a Educação do Corpo em Relações de Fronteiras Étnicas e Culturais
Richter e Vaz (2005)	Corpos, saberes e infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos
Wiggers (2005)	Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte.

Fonte: as autoras

Nos seis estudos que seguem, os autores discutem o corpo com a finalidade de embelezamento segundo modelo de gênero e beleza da sociedade moderna. Nesse enfoque está presente em três deles o uso de substâncias químicas como coadjuvantes ao fortalecimento da arquitetura corporal.

O artigo de Damico e Meyer (2006) discutem alguns dos modos pelos quais jovens mulheres significam, apreendem e vivenciam o cuidado com o corpo. O estudo inscreve-se nos campos de gênero e da sociologia da saúde, nas vertentes que têm proposto aproximações críticas com a perspectiva pós-estruturalista de Michel Foucault. Os resultados indicaram um movimento que permite ressignificar o corpo como um potente marcador social[25] da contemporaneidade.

25 Argumentamos que esse movimento está produzindo um deslocamento em que o corpo, já tematizado como território de inscrição de identidades como gênero, classe, raça/etnia, por exemplo, passa a funcionar – ele mesmo – como operador de sistemas de classificação e hierarquização social, na medida em que atributos como a forma física e a aparência que ela revela são elevados a critérios que posicionam e valoram, diferentemente, estilos de vida e sujeitos na cultura contemporânea.

 ISBN 978-85-60036-18-9

O estudo de Figueira e Goellner (2005) discute a promoção do estilo atlético como uma forma de produção de uma representação do corpo adolescente feminino contemporâneo. Foram analisadas todas as edições da revista Capricho publicadas entre 2001 e 2002. A revista é estudada como uma instância pedagógica produtora de conhecimentos e de saberes sobre atividade física, saúde, corpo e beleza. Conforme os autores, ela traz vários conselhos e recomendações a serem seguidos, depoimentos de personalidades tomadas como exemplares, anúncios que vendem distintos produtos orientando adolescentes para uma vida saudável, ativa, bela, atraente e moderna.

O artigo de Rodrigues (2005) aborda o corpo desejado/idealizado. Conforme o autor, na modernidade, o corpo apresenta-se como objeto de fascínio e cuidado; ele é causa de afeto e, também, de repulsa. Essa relação com o corpo apresenta-se de maneira ambivalente, ou seja, em nossas práticas corporais, estabelecemos com o corpo uma relação de “amor” e “ódio”. Isso resulta em atuações em que os cuidados com ele apresentam-se paradoxalmente, ou seja, todo físico desejado é simultaneamente o anúncio de um corpo que não é desejado e passível de ser “destruído”. Para o autor, nas práticas corporais esportivas podemos indicar como se apresenta essa relação de amor/ódio entre o “corpo desejado” e o “corpo imperfeito”.

O artigo de Ferreira, Castro e Gomes (2005) analisa o discurso e as representações de corpos masculinos, frequentadores de academias de ginástica. Segundo afirmam os autores, mais do que nunca, os homens estão lidando com a mesma e intensa pressão que as mulheres enfrentam para adquirir a forma física considerada “perfeita”. Do halterofilismo compulsivo até o uso de esteroides, um número cada vez maior de homens procura satisfazer os padrões que se exigem para os músculos, pele e cabelos, o que transcende a linha do interesse normal para tornar-se obsessão patológica. Para os autores, isso impõe um risco à saúde tão perigoso e mortal quanto os representados pelos distúrbios da alimentação, influenciando decisivamente as tendências supermusculares e transtornos dismórfico-corporais, ou seja, transtornos quanto à forma do corpo.

Hansen e Vaz (2004) abordam em seu artigo o culto do corpo em academias. Apresentam resultados de uma pesquisa que relaciona o treinamento desportivo e as práticas de modelação corporal em academias de ginástica e musculação. Os resultados mostram os usos e as visibilidades do corpo por meio dos discursos e técnicas do treinamento desportivo, em especial no que se refere aos processos de esportivização e suas relações com a dor e o sofrimento autoinfligido. As conclusões apontam para algumas implicações desses processos nas formações subjetivas contemporâneas.

Corpo/Estética	
Autores	**Títulos**
Damico e Meyer (2006)	O corpo como marcador social: saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres
Figueira e Goellner (2005)	A promoção do estilo atlético na revista Capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo
Rodrigues (2005)	O desempenho do homem-massa nas práticas corporais esportivas
Ferreira, Castro e Gomes (2005)	A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado
Hansen e Vaz (2004)	Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação
Carreiro Filho e Martins Filho (2005)	Prevalência do uso de substâncias químicas entre adolescentes, com finalidade de modelagem corporal.

Fonte: as autoras

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Ainda com a finalidade de embelezamento do corpo e o uso das substâncias químicas como coadjuvante nesse processo, destacamos o estudo de Carreiro Filho e Martins Filho (2005). Eles investigaram a prevalência do uso de substâncias químicas com finalidade de modelagem corporal (em especial dos esteroides anabólicos androgênicos). Os autores localizaram diferenças significantes entre gêneros e o uso dessas substâncias. Enquanto os participantes do gênero feminino usam com a finalidade de perda de peso corporal, os homens fazem uso de medicamentos para o aumento da massa muscular. Os resultados apontaram que a utilização dessas drogas não encontra motivação na prática do esporte competitivo, não havendo diferenças significantes entre praticantes e não praticantes do esporte competitivo.

Como já dissemos antes, a relação corpo/saúde é abordada em estudos de Nóbrega, Costa e Domingos Júnior (2009). Esses autores tratam de práticas corporais para compreender os processos de subjetivação por elas desencadeados; apontam aspectos como manter uma vida saudável, finalidades estéticas e de lazer. Essa percepção é intensificada com a afirmação dos sujeitos a respeito das diferenças entre as zonas administrativas da cidade e seus espaços para o lazer, a cultura e para o cultivo do corpo.

Localizamos dois artigos que buscam compreender o corpo e seus determinantes sócio-históricos, como a saúde e o trabalho: Góis Júnior (2009) e Herold Júnior (2009).

Góis Júnior (2009) teve como objetivo compreender o impacto do modernismo, a partir dos anos de 1920 e 1930, na questão da saúde no Brasil. Foram analisadas obras de Fernando de Azevedo em suas teorias sobre saúde e raça do brasileiro. O estudo revelou que uma nova mentalidade de valorização das raças brasileiras e, sobretudo, de um pensamento de intervenção no campo da saúde e da educação física foi suscitada a partir dessa obra.

Herold Júnior (2009) investigou a importância das relações entre corpo e trabalho. Aborda essa relação em três momentos: final do século XIX e início do XX, nas décadas de 1950, 1960, 1970 e de 1970 até os dias atuais. Como resultado, verificou a passagem do corpo visto como motor e/ou energia para o corpo visto como informação e/ou inteligência. Indica que, nesse trajeto, a dicotomia corpo-inteligência acaba por ser questionada por alguns teóricos que veem no corpo trabalhador a base para os processos decisórios requisitados em montagens microeletrônicas.

Corpo/Saúde	
Autores	**Títulos**
Nóbrega, Costa e Domingos Júnior (2009)	Percepção das Práticas Corporais na cidade de Natal
Góis Júnior (2009)	Modernismo, raça e corpo: Fernando de Azevedo e a questão da saúde no Brasil
Herold Júnior (2009)	Do corpo-motor ao corpo-informação: corporeidade e trabalho no capitalismo
Freitas Brasil e Silva (2006)	Práticas Corporais e Saúde Novos Olhares
Carbinatto e Moreira (2006)	Corpo e Saúde: A Religação dos Saberes

Fonte: as autoras

A relação corpo e o mito da saúde, de acordo com Carvalho (1995, p. 86-88), refere-se à reedição da visão histórica que trata da importância da atividade física regular e seus benefícios para a saúde. Resulta, de certa forma, em pressionar para que a Educação Física esteja sempre conectada ao sentido com que foi criada. A autora destaca dois pontos sobre o assunto: o entendimento da atividade física como benéfica à saúde vem desde o iluminismo e, com respaldo em Foucault, o delineamento de corpos fortes, jovens e belos, mascarando determinantes do setor saúde na sociedade brasileira, outorgando à atividade o poder de curar doenças.

 ISBN 978-85-60036-18-9

Destacamos, ainda, na nossa revisão, o estudo de Freitas Brasil e Silva (2006), que faz uma crítica ao referencial exclusivamente biológico para estudo do corpo, das práticas corporais e da saúde predominantes na área da Educação Física. Segundo colocam os autores, essa visão reforça que a prática de atividades físicas garante, por si só, saúde à população. É objetivo de seu trabalho repensar valores e conceitos presentes em tal relação a partir de um referencial sociocultural.

Em estudo que associa corpo e saúde, Carbinatto e Moreira (2006) evidenciam a importância das áreas da medicina e da Educação Física, enfatizando a religação de saberes via propostas da fenomenologia existencial e da motricidade humana.

Outros trabalhos reconstroem conceitos, interferindo nas relações com o objeto, como o de Lima e Almeida (2008) e Simões e Moreira (2004). Preocupam-se em identificar o conceito de corpo que está presente no discurso de profissionais voltados à reabilitação de pessoas deficientes. Confrontam esses conceitos com a produção bibliográfica sobre o tema corpo/corporeidade, e os resultados revelam que os profissionais que atuam diretamente com corpos deficientes estão num momento de transição de entendimento em relação ao fenômeno corpo/corporeidade, o que pode ser identificado nas contradições conceituais apresentadas em seus discursos e corpo e meio ambiente, como Matos e Ferreira (2007).

Reconstrução de outras relações	
Autores	**Títulos**
Lima e Almeida (2008)	Iniciação à Aprendizagem da Natação e a Coordenação Corporal de uma Criança Deficiente Visual
Simões e Moreira (2004)	Corporeidade e ação profissional na reabilitação: (Des) encontros.
Matos e Ferreira (2007)	Práticas corporais num ambiente rural amazônico.

Fonte: as autoras

No conjunto dos estudos aqui apresentados, podemos observar a tendência para uma redefinição do conceito de corpo através de saúde, cultura, história e educação, temas que transversalizam esses estudos a partir de posturas críticas frente ao sentido de corpo biologizado, produzido pelo discurso médico, que reduz a saúde como fruto unicamente da atividade física. A redefinição dos conceitos de corpo aponta para a construção da subjetividade focada numa concepção integral de homem.

CONSIDERAÇÕES

De maneira geral, os trabalhos apresentados se respaldam em tendências subjetivas, cuja preocupação se baseia em modelos construídos historicamente e partilhados socialmente, de acordo com a cultura. Podemos evidenciar a passagem da compreensão baseada nas ciências naturais, para articulação com uma compreensão baseada nas ciências sociais, o que perpassa o próprio entendimento humano.

Reiteramos que o enfoque subjetivo é centrado no ser humano, em suas emoções, afetos e desejos. Nesse sentido, Giroux (1999, p. 226) questiona como entendemos a aprendizagem fora dos limites da racionalidade, de forma que o envolvimento mobilize o desejo, apontando que a pedagogia também é um momento em que o corpo aprende, deseja e aspira por afirmação.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES: **Política.** 2ª Edição. Brasília: Editora UNB 1987.

CARBINATO M. & MOREIRA W.W. Corpo e Saúde: A Religação dos Saberes**. Revista Brasileira da**

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Ciência do Esporte, Campinas, v.27 n.3 p.185-200 Maio. 2006.

BOURDIEU, Pierre.*Lê Sens Pratique*. Paris. D. Minuit. 1980.

CARREIRA, Daniel Filho. MARTINS, José Filho; Prevalência do uso de substâncias químicas entre adolescentes, com finalidade de modelagem corporal. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v.27 n.1 p.93-111 Set.2005

CAVALCANTE, K.B. **Esporte para todos: um discurso ideológico**. São Paulo: Ibrasa, 1984.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do ensino da Educação Física**. São Paulo: Cortez, 1992.

COSTA, Alan Queiroz da. BETTI. Mauro. Mídias e jogos: do virtual para uma experiência corporal educativa. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte,** Campina v. 27, n.2 p. 165-178, jan. 2006.

DAÓLIO, Jocimar.**Da Cultura do Corpo**. 12. ed. São Paulo: Papirus,1995.

DAMICO, José Geraldo Soares. MEYER, Dagmar Esterman; O corpo como marcador social: saúde, beleza e valoração de cuidados corporais de jovens mulheres. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte,** Campinas, v. 27, n. 3, p. 103-118, maio 2006.

DIECKERT, J. A Educação Física no Brasil. Educação Física Brasileira. *In*: ESCOBAR, M.; TAFFAREL, C. N. Z. **Metodologia Esportiva e Psicomotricidade**. PE: Gráfica, 1987.

FERREIRA, Maria Elisa Caputo. CASTRO, Antônio Paulo André de. GOMES, Gisele; A obsessão masculina pelo corpo: malhado, forte e sarado**. Revista Brasileira da Ciência do Esporte,** Campinas, v. 27, n. 1, p. 167-182, set. 2005.

FIGUEIRA, Márcia Luiza Machado. GOELLNER, Silvana Vilodre**.** A promoção do estilo atlético na revista capricho e a produção de uma representação de corpo adolescente feminino contemporâneo. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte,** Campinas, v. 26, n. 2, p. 87-99, jan. 2005.

FREITAS, F. F. de, BRASIL, F. K., SILVA, C. L. da. Práticas Corporais e Saúde Novos Olhares. **Revista Brasileira da Ciências Esporte**, Campinas, v. 27, n. 3, p. 169-183, maio 2006.

GARCIA, R.P.; LEMOS, K.M. A estética como um valor na Educação Física. **Revista Paulista de Educação Física**, São Paulo, v.17, n.1, p.32-40, jan./jun., 2003.

GIROUX, Henry A. **Cruzando as fronteira do discurso educacional: novas políticas em educação**. Tradução Magda França Lopes- Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

ISBN 978-85-60036-18-9

GRANADO,B.S. O Jogo da Identidade Boe a Educação do Corpo em Relações

de Fronteiras Étnicas e Culturais. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 27, n. 2, p. 27-43, jan. 2006.

GÓIS, Edivaldo Junior; Modernismo, raça e corpo: Fernando de Azevedo e a questão da saúde no Brasil (1920-1930). **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 39-56, jan. 2009.

HANSEN, Roger. VAZ, Alexandre Fernandez; Treino, culto e embelezamento do corpo: um estudo em academias de ginástica e musculação. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 26, n. 1, p. 135-152, set. 2004

HEROLD, Carlos Junior**;** Do corpo-motor ao corpo-informação: corporeidade e trabalho no capitalismo. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 2, p. 107-122, jan. 2009.

HOLT, Richard. CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo: 2. Da Revolução à grande Guerra**. Tradução João Batista Kreuch. 2. Ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

JODELET, Denise. The representation of the body and is transformations, in R. Farr & Moscovici (Eds.), Social representations (p. 211-238). Cambridge, UK: Cambridge University Press. 1984.

LIMA, S.R., ALMEIDA, M.A. Iniciação à Aprendizagem da Natação e a Coordenação Corporal de uma Criança Deficiente Visual: Algumas Contribuições. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 29, n. 2, p. 57-78, jan. 2008.

MATOS, Gláucio Campos Gomes de. FERREIRA, Maria Beatriz Rocha; Práticas corporais num ambiente rural amazônico. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 28, n. 3, p. 71-88, maio 2007.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. COSTA, Thompson Pereira da. DOMINGOS JUNIOR, Moaldecir Freire. Percepção das Práticas Corporais na Cidade de Natal. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte**, Campinas, v. 30, n. 3, p. 143-156, maio 2009.

RICHTER, Ana Cristina. VAZ, Alexandre Fernandez; Corpos, saberes e infância: um inventário para estudos sobre a educação do corpo em ambientes educacionais de 0 a 6 anos. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte,** Campinas, v. 26, n. 3, p. 79-93, Maio 2005.

RODRIGUES, Rogério; O desempenho do homem-massa nas práticas corporais esportivas: uma relação de amor e de ódio. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte,** Campinas, v. 27, n. 1, p. 153-165, Set. 2005.

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, Ciência e Mercado: reflexões acerca da gestão de um novo arquétipo da felicidade**. Campinas, SP: Autores associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001- (Coleção Educação Física e Esportes).

SIMÕES R., PORTO E, MOREIRA W. W. Corporeidade e ação profissional na reabilitação: (Des) encontros. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte,** Campinas, v. 25, n. 3, p. 101-116, Maio 2004.

SOARES, Carmen Lúcia. Educação Física escolar: conhecimento e especificidade**. Revista Paulista de Educação Física**, n. 2, supl., p. 6-12, 1996.

_____, Carmen Lúcia (org.). **Corpo e História.** Campinas SP: Autores Associados, 2006 – 3ª ed.- (Coleção educação contemporânea).

_____. **Educação Física: Raízes Européias**. Campinas SP: Autores Associados, 2007 – 4ª ed.- (Coleção educação contemporânea).

VIGARELLO, Georges, CORBIN, Alain. COURTINE, Jean-Jacques. **História do Corpo: 2. Da Revolução à grande Guerra**. Tradução João Batista Kreuch. 2. Ed.-Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

WIGGERS, Ingrid Dittrich; Cultura corporal infantil: mediações da escola, da mídia e da arte. **Revista Brasileira da Ciência do Esporte,** Campinas, v. 26, n. 3, p. 59-78, maio 2005.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

O CORPO NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA: TENTANDO PARCELAR UMA DÍVIDA HISTÓRICA

Marcel Alves Franco
Estudante de Pós-Graduação

RESUMO: O corpo, como foco do presente escrito, foi analisado no contexto da Educação Física. Em seu transcorrer histórico, esse campo do conhecimento assumiu concepções de corpo que vieram a sustentar o higienismo, as práticas dos soldados/militares e o trato dado ao corpo no contexto esportivo. Tal ato consistiu em uma dívida com seus praticantes, por motivo de valorizar sua dimensão biológica em detrimento das demais dimensões que compõem a complexidade humana. Tratou-se de um estudo bibliográfico que objetivou apresentar uma concepção de corpo mais próxima da realidade humana. O texto contextualiza e apresenta o corpo na Educação Física, buscando apontar como o corpo (objeto) chega à ─ e sugere uma ─ Educação Física, marcando-a com um corpo mecânico/tecnicista. De igual forma, é apresentado o corpo enquanto sujeito com base nos estudos acerca da corporeidade, pautado nos comentadores da obra de Merleau-Ponty no contexto da Educação Física. O texto objetivou explicitar o significado do termo corpo-sujeito, buscando tencioná-lo com as práxis da Educação Física na tentativa da proposição de uma nova cultura para o campo.

Palavras-Chave: Corpo. Educação Física. Corporeidade.

INTRODUÇÃO

O corpo, como foco do presente escrito, foi analisado no contexto da Educação Física. Essa área do conhecimento sempre esteve historicamente ligada ao corpo saudável do higienismo, ao corpo forte do soldado/militar e ao corpo hábil do atleta que busca o pódio no âmbito esportivo.

Vale mencionar que a visão de corpo que dá sustentação às práxis supracitadas está diretamente relacionada a concepções que analisam esse corpo de forma reduzida, valorizando sua dimensão biológica em detrimento das demais dimensões que compõem a complexidade humana. Nesse sentido, acusamos que a Educação Física tem uma dívida histórica com os seus praticantes, na medida em que reduziu a visão de corpo e movimento aos seus aspectos biológicos e mecanicistas.

Partindo dessa premissa, ao mesmo tempo em que no texto denunciamos tal redução histórica, também nos propomos a apresentar uma concepção de corpo mais próxima da realidade humana. Dessa forma, noticiamos que a pretensão deste escrito é fazer parte do contexto de muitos outros que estão na tentativa do pagamento de uma ínfima parcela da dívida aqui anunciada. Para tanto, dividimos esse texto em duas partes.

No primeiro momento, apresentamos o “corpo-objeto”, alavancando uma discussão, por meio de alguns elementos históricos e epistemológicos, com o intuito de apontar de forma contextualizada como esse corpo chega à ─ e sugere uma ─ Educação Física, marcando-a com um corpo mecânico/tecnicista que perdura até os dias atuais.

No segundo e último momento do texto, tratamos do “corpo-sujeito”. Aqui estabelecemos uma discussão que tem como objetivo explicitar – a partir de estudos acerca da corporeidade – a significação atribuída a esse termo, buscando tencioná-lo com as práxis da Educação Física. Nessa parte do texto, os estudos de comentadores da obra de Merleau-Ponty no contexto da Educação Física são centrais para o debate.

A EDUCAÇÃO FÍSICA E O CORPO: (RE)CONHECENDO O “OBJETO” DA DÍVIDA

No transcorrer histórico da Educação Física, várias tentativas foram feitas, visando buscar um objeto de estudo para ela, bem como qualificá-la enquanto ciência. Porém, mesmo

 ISBN 978-85-60036-18-9

que ainda não se tenha chegado a um consenso, o que se percebe é que, historicamente, a essa disciplina sempre esteve atrelada ao corpo e ao movimento. E isso, por mais controverso que seja entre si, as teorias/concepções não se arriscam a negar.

Sabe-se que a Educação Física possui suas raízes numa concepção de corpo criada a partir do método científico, desenvolvido por Descartes no início da Idade Moderna. Esse modelo de corpo é um corpo morto, dissecado e fragmentado, do qual se apropriou a Biologia. Essa concepção de corpo deusustentação a uma infinidade de ciências e campos do conhecimento, dentre elas a Medicina, a Psicologia, a Fisiologia e a própria Educação Física.

Sendo assim, em consequência do trato dado a esse corpo no âmbito da Educação Física, temos o que se denominou de mecanicismo. Este é caracterizado por um corpo técnico e reprodutor de modelos de movimento: gestos, posturas, comportamentos. Podemos perceber que esse aspecto mecanicista casa e confunde-se com outro elemento da pedagogia tradicional da educação física: o tecnicismo. Este contempla a execução do "método", a reprodução como meio de aprendizagem e aperfeiçoamento técnico[26].

Exemplo clássico dessa concepção mecânica e tecnicista na Educação Física são os corpos dos projetos eugênicos, dos atletas de alto rendimento e dos soldados. Esse é o "corpo-objeto", do qual nos falam vários teóricos da Educação Física que estudam a corporeidade. Ainda para melhor esclarecer a relação do corpo biológico com o nosso campo e fazer alusão a alguns exemplos, nos reportamos a Nóbrega (2009, p. 49):

> A Educação Física foi institucionalizada historicamente como propriedade de médicos e militares, tendo assumido os códigos científicos e éticos dessas áreas, o que pode ser verificado nos métodos ginástico-militares e no esporte competitivo. Nessa perspectiva, o corpo é visto como objeto a ser disciplinado, visando ao aprimoramento físico e moral das pessoas, a eficiência e a produtividade da sociedade industrial.

O julgamento que aqui fazemos ao mecanicismo/tecnicismo aproxima-se e se assemelha à crítica de Alves (1986, p. 37), quando este, na intenção de refletir sobre os mundos e os corpos que se escondem nos discursos e práxis da Educação Física, faz os seguintes questionamentos: "Que melodia esta prática arranca deste órgão mágico que se chama corpo? Que valores se celebram? Que visões de amor?".

Pensando acerca dessas demandas, a Educação Física precisa rever continuamente a sua concepção de ser humano – corpo –, afinal, por intermédio dessa visão, irá fundar suas práxis. Em outras palavras, é necessário deter-se sobre o corpo, elaborando uma crítica aos modos como ele vem sendo concebido e tratado pela Educação Física, pois a concepção de corpo irá pautar também a de movimento – na verdade, elas se complementam e se sustentam.

Retomando a problemática do corpo-objeto, em Fensterseifer (2001, p. 27) encontramos que, "no caso da Educação Física, percebe-se sem muito esforço a influência herdada das ciências ditas positivistas". Segundo esse autor, o Positivismo constitui-se em meio ao século XVIII, como "corpo teórico de sustentação dos saberes que buscam seu estatuto de cientificidade" (p. 26), o que ora representaria a fundamentação dessa área do conhecimento na medicina, na fisiologia, na biomecânica, na cinesiologia e demais áreas afins, enfim, no contexto das ciências biológicas.

Para Gonçalves (1997, p. 136) "Essa tendência [de biologização da Educação Física] tem como objetivos principais a manutenção da saúde corporal; a aquisição da aptidão física, que envolve o desenvolvimento de capacidades físicas e habilidades motoras; e a performance desportiva". Por isso a Educação Física contempla uma gama de movimentos técnicos e

26 "Considera-se técnico aquele movimento preciso, econômico, correto, quase sempre imitativo dos movimentos de atletas de esporte de alto rendimento. Por oposição, os outros movimentos são tidos como não-técnicos, errôneos, espontâneos, naturais, merecendo por parte da educação física tradicional, intervenção no sentido de corrigi-los, aperfeiçoá-los e padronizá-los" (DAOLIO, 2007, p. 5-6).

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

mecanizados que buscam a eficiência e a eficácia, a obediência e a imitação, o rendimento e a produtividade. "Essa tendência dissocia a Educação Física de um conceito de Educação, aproximando-se mais de um conceito de adestramento físico" (idem).

Em teor de conhecimento, esse desenvolvimento das ciências biomédicas possui, no mínimo, duas facetas: da mesma forma que promove "dessubjetivação" do ser humano, ele também traz grandes benefícios relacionados aos cuidados com o corpo. Vertente esta dita como a objetiva, ou biológica-funcional, que estaria envolvida com o bem-estar, exercícios físicos, aspectos relacionados a doenças, a certo padrão de saúde ou de estética.

Fazendo alusão à Educação Física, Fensterseifer (2001) concebe uma visão de que seria comum uma práxis respaldada na padronização de movimentos técnicos, direcionados ao rendimento, aplicados a diferentes indivíduos, situados em diferentes contextos, para diferentes finalidades. Cita esse autor que “estuda-se a corrida, o esporte, etc., e não o indivíduo que corre, joga, etc.” (p. 39-40), ocasionando desequilíbrios tanto físicos como psicofísicos, por motivo de querer atender a uma determinada especialidade, além de ignorar, da mesma forma, a adjetivação humana quanto ao movimento.

> O aspecto mecanicista do movimento pode ser observado na Educação Física quando o corpo é visto exatamente como uma máquina que executa movimentos ao comando de seu instrutor, reduzindo-se à objetividade, à busca da reprodução de padrões externos, na maioria das vezes, sem nenhuma significação para quem os realiza (NÓBREGA, 2009, p. 51).

REDIMENSIONANDO A DÍVIDA: O CORPO ENQUANTO SUJEITO

O conceito de corporeidade é central quando queremos transcender a visão de corpo em sua dimensão meramente biológica. A corporeidade, de acordo com Santin (2010, p. 103), “diz respeito a tudo o que é material, porque todo ser material se manifesta como corpo”. Entretanto, como o indivíduo é marcado pela sociedade/cultura onde vive, é de se saber também que a “Corporeidade seria toda e qualquer organização, seja de ordem material, seja de ordem cultural. Assim, pode-se falar numa corporeidade social, doutrinal, jurídica, profissional, etc.” (idem).

Para Nóbrega (2009, p. 88), a “corporeidade funda-se no corpo em movimento, configurando o espaço e o tempo, relacionando-se diretamente com a cultura e com a história”. Ou seja, é com o corpo, pelo corpo e sendo corpo que afirmamos nossa condição humana na existência. E com relação ao conceito mais coerente para estruturar o conhecimento de corpo na Educação Física, a mesma autora assegura que “A noção de corporeidade, abrangendo o corpo vivo e significante, fundado na facticidade e na cultura, supera a dicotomia biológico-cultural e expressa a unidade ser-no-mundo” (idem).

Devemos salientar que não é que as práxis da Educação Física devem estar somente pautadas nessa tal sensibilidade, porém elas não podem continuar tão fortemente negligenciadas. Nesse sentido, Nóbrega (2009, p. 58) alega que:

> Resgatar o sensível é resgatar a ressonância e a vitalidade desse corpo para a construção da corporeidade, síntese da existência humana que, situada no tempo e no espaço, é limitada, porém, com condições para a superação; já que é próprio do homem não apenas criar, mas recriar as estruturas que criou reinventá-las.

Compreender a redução do corpo à sua dimensão biológica (técnica, biomecânica) como construção histórica é compreender as origens não apenas da Educação Física, mas também de um sem fim de campos de conhecimento e ciências que lidam com ele. Sendo assim, ressignificar o humano enquanto corpo é uma dívida histórica que a ciência tem para com aquele. Este

 ISBN 978-85-60036-18-9

texto se propõe a tentar apresentar algumas bases nesse sentido através da compreensão do conceito de corporeidade.

A concepção de humano, a partir do paradigma da corporeidade, é tida como um processo que é atribuído por meio das pessoas, entre comunicações. O ser humano não nasce pronto; forma-se como elemento da espécie por intermédio das relações que trava em sociedade (MELANI, 2011).

Por conseguinte, correspondendo a esse "corpo sensível", foi encontrado o "corpo-sujeito", que é visto sob a ótica da complexidade, da ampliação da visão reducionista do "Penso, logo existo" de Descartes para um "sentir, pensar e agir enquanto corpo no mundo".

A Fenomenologia de Merleau-Ponty dá novo sentido ao corpo e ao sujeito, na medida em que desmonta binários históricos, tais como: corpo/mente, natureza/cultura, sujeito/objeto. Para Merleau-Ponty, o sujeito humano se situa no mundo e o conhece por meio do corpo. O corpo é a referência do existir humano, pois é o meio de relação do sujeito com o outro e com o mundo/natureza. Esse filósofo francês contribuiu sobremaneira para que o ser humano – enquanto espírito encarnado – fosse compreendido mais próximo de sua totalidade.

> O homem, para ele [Merleau-Ponty], é ambiguidade. Nele estão presentes os dois mundos ─ o mundo do corpo e o mundo do espírito ─, numa tensão dialética, sendo, ao mesmo tempo, interioridade e exterioridade, sujeito e objeto, corpo e espírito, natureza e cultura, num movimento que é a própria vida e o tecido da história (GONÇALVES, 1997, p. 65).

O corpo, no entendimento da Fenomenologia, é tido enquanto um "agente ativo na produção da experiência". E nas palavras de Ferraz (2007), "o corpo fenomenal volta-se para os estímulos objetivos e os investe com algum sentido prático, de modo a elaborar uma situação significativa". O que, não obstante, significa dizer que nós, enquanto seres corporais, mantemos uma relação dialética com o mundo e que seria através do corpo e do movimento que o apreenderíamos e aprenderíamos coisas sobre ele, atribuindo, a partir da experiência, no ato de viver a vida, um sentido/significado, uma mudança que ao mesmo tempo modifica ambos.

Queremos ressaltar, aqui, que a construção do corpo-sujeito provém diretamente da compreensão de corpo (corpo-próprio) do filósofo Merleau Ponty. Com relação ao corpo-próprio de que fala Merleau-Ponty, Freitas (1999, p. 52) menciona que "remete à possibilidade do ser em engajar-se em uma existência. Eu não posso apropriar-me de meu corpo como me aproprio de um objeto ou de uma ideia; ao contrário, é o meu corpo que, no movimento intencional de dirigir-se ao mundo, apropria-se dele, traz para si os objetos, incorpora-os".

Simha (2009, p. 76-77) nos ajuda a refletir nessa direção:

> De todos os corpos existentes no mundo, apenas um tem esse poder de ser meu, no sentido pleno do termo, de maneira tão absoluta e integral que eu, o sujeito dessa misteriosa forma de posse, não posso tomar distância, a ponto de poder crer simplesmente que sou apenas ele. Como falar então de posse, aliás, quando existe uma tal inerência do sujeito a seu corpo e reciprocamente?
>
> No entanto, pode-se admitir sem reserva a expressão "eu sou meu corpo" sabendo que, tomada em sentido absoluto, essa identidade tornaria impossível a posição de uma consciência de si autônoma, isto é, capaz de manifestar-se a si mesma como mesma, por mais numerosas e diversas que sejam as

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> sensações, percepções, representações e sentimentos? Como esquecer que se pelo corpo o mundo nos envolve, pelo espírito nós o compreendemos? (Pascal). Que significa exatamente essa relação de posse que liga o sujeito e o corpo que ele tem?

Estamos cientes de que, para tratarmos com maior profundidade das questões acerca do corpo-sujeito, faz-se necessário aprofundar conceitos como os de sensibilidade, percepção e intenção – do movimento intencional. Sabendo da abrangência e da densidade do tema, nos arriscamos aqui a adentrar nessas questões de forma mais rasa. Porém ao leitor indicamos a leitura de duas obras fundamentais de Merleau-Ponty, que podem servir de base para um maior aprofundamento teórico do que aqui anunciamos: “O visível e o invisível” (1992) e “Fenomenologia da Percepção” (1999).

Dessa forma, pela ordem, em se tratando da sensibilidade, temos que se encontra cindida na relação entre o homem e o mundo. A saber:

> A relação de unidade do homem com o mundo é uma relação viva e funda-se na sensibilidade. O sentir é anterior ao pensamento, pois, como dizia Merleau-Ponty: "Todo o saber se instala nos horizontes abertos pela percepção" [MERLEAUPONTY, 1971]. Na experiência corporal, sensação, percepção e ação formam uma unidade indissociável. O corpo sente, ao mesmo tempo que estrutura a percepção e se move. Os sentidos se intercomunicam, formando uma síntese perceptiva, que é uma experiência pré-objetiva e pré-consciente. O pensar assenta-se sobre essa experiência, em que o homem se abre para o mundo (GONÇALVES, 1997, p. 152).

Em autores como Galeffi (2007, p. 98), encontramos que "todo sensível corresponde à corporalidade do manifesto", ou seja: "sem corpo não há sensibilidade", e da mesma maneira, "sem sensibilidade não há corpo". Esse autor considera que "toda sensibilidade, assim, é corpo vivente: modo de ser do que é em seu acontecimento anímico. A sensibilidade é o sentido do corpo. Tudo o que vive é sensível de múltiplas maneiras" (idem), ora o dado sensível[27] é considerado enquanto “realidade constitutiva do ser e do conhecimento que se manifesta nos processos corporais” (NÓBREGA, 2009, p. 75).

No caso da percepção, notemos que esta se encontra ligada à sensibilidade. Se for tratada de modo objetivo, é possível ser entendida de maneira a exigir atividade de várias estruturas cerebrais e de receptores dos órgãos dos sentidos de forma integrada (NANI, 2003). E que, de mesma relevância em seu aspecto subjetivo, na menção de Gonçalves (1997), o termo percepção seria o "conhecimento" fundado a partir de experiências vividas e de peculiaridades da presente situação, considerando-a enquanto uma dimensão "anterior a qualquer formação de conceitos, das possibilidades e dos limites do corpo físico" (p. 146) e que, enquanto consciente, pode ser considerada como a "projeção cortical da pele e de outros órgãos sensoriais" (NANI, 2003, p. 66), variando entre as culturas e os indivíduos.

Já no caso da intenção, esta corresponde ao "fator totalizador das etapas parciais, da percepção do sujeito dos seus próprios movimentos e da percepção dos componentes exteriores da situação (outras pessoas ou outros objetos)" (GONÇALVES, 1997, p. 147). Sendo assim, nessa perspectiva, segundo Madureira (2008, p. 8), nosso corpo "vive o presente, o imediato, e com isso organizamos e lidamos com esse imediatismo. Um ato que leva a perceber que pode ser na ação presente", ou seja, antes, durante e depois de nos movimentarmos, que recebemos dados da realidade, de nossa interação com o mundo, permitindo-nos intencionar, por meio da leitura e da organização desses dados, de modo que nossos movimentos, gestos etc., estejam ligados e limitados, talvez, às nossas experiências e à respectiva situação/relação com

27 Nóbrega (2009, p. 77) assegura: “o sensível define a essência do ser, ele contém significações que singularizam o sujeito e ao mesmo tempo permitem a intercomunicação com o outro, dando um novo sentido ao acontecimento”.

 ISBN 978-85-60036-18-9

a realidade que acontece de forma presente, no agora, em que, no movimento, não se separa a mecânica/técnica da significação.

> Quando jogo, quando canto ou danço, estou não apenas pondo em funcionamento o meu equipamento anatômico e fisiológico, estou vivendo, simultaneamente, o mundo cultural que conformou esse jogo, esse canto e esta dança e todos os meus projetos existenciais neles estão representados. Todo o meu ser de relação se envolve nesses hábitos motores e através deles eu apreendo o mundo, vou reorganizando o meu esquema corporal, configurando minha corporeidade (NÓBREGA, 2009, p. 72-73).

Para evidenciar melhor a distinção entre corpo-objeto e corpo-sujeito, recorremos às palavras de Santos (2008, p. 83) quando analisa os termos organismo e corpo:

> Quando se analisa o "organismo", estuda-se a estrutura física do homem, bem como seu funcionamento. Nesse aspecto o movimento humano pode ser estudado, porém não passará de um estudo biomecânico, fisiológico, objetivo e sem considerar a intencionalidade característica do sujeito. Quando se analisa o "corpo", o ser humano está sendo analisado em todas as suas instâncias: física, social, psicológica e espiritual, um corpo sujeito, construtor da sua própria realidade. Sendo assim, o corpo é a própria expressão da existência do homem, aquele que sente, age, interage, aprende, recebe e doa, é um corpo vivido possuidor de uma linguagem, de uma história e de uma identidade, é singular no seu existir e no seu relacionar-se com o mundo.

Estabelecendo esse tripé, mesmo de maneira sintética, encontramos em Schwengber (2008, p. 104) que "a expressão corpos-sujeitos compreende os sujeitos no entrelaçamento da complexidade do sentir, do pensar, do expressar-se, do agir, construindo assim uma unidade corpórea que singulariza a presença do homem no mundo".

> O corpo, entendido em sua totalidade, ou seja, para além da estrutura orgânica, compreende toda uma complexidade que envolve o sentir, o perceber, o pensar e o agir dos indivíduos, revelando a intencionalidade de suas ações, o que caracteriza o homem como um ser repleto de subjetividade. As vivências por que passam os indivíduos têm significados particulares, de acordo com a singularidade subjetiva de cada um. Assim, tal entendimento de corpo ultrapassa a perspectiva do corpo objeto, tão divulgada séculos atrás e ainda hoje existente, chegando a uma concepção do corpo sujeito, não uma massainerte, mas corpo vivo, que sente, pensa e age de maneira singular. O corpo, nessa perspectiva, passa a ter uma compreensão ampliada, transcendendo a esfera objetiva e alcançando a subjetividade do ser (SANTOS, 2008, p. 81-82).

O corpo-sujeito, para nossa interpretação, representa a síntese de nossa presença no mundo. Seria aquele sujeito intencional que se move, sempre, "em direção a um objeto (concreto ou virtual)" (FREITAS, 1999, p. 54). Um "ser práxico que comete ações todos os dias enquanto produz cultura e é modificado por sua cultura e enquanto produz história e é modificado por sua história" (MOREIRA, 2011, p. 105). Um corpo sujeito, "existencial, indivisível, que se movimenta para garantir a vida" (idem), tanto no sentido individual quanto coletivo, assumindo-se enquanto "sujeito que é corpo" (FENSTERSEIFER, 2001, p. 238).

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a ousadia e demasiada pretensão de contribuir com o pagamento da dívida que a Educação Física tem com o corpo, anunciamos que suas práxis não podem ficar restritas à transmissão da técnica dos movimentos, das habilidades básicas aos alunos. Precisam transcender o aspecto maquínico em favor de um ensino de maneira contextualizada, ou seja, incorporando o(a) aluno(a) à esfera do corpo-sujeito, para, dessa forma, atribuir à Educação Física uma superação ─ sem desvalorização ─ do aspecto técnico/mecanicista.

Dessa forma, o corpo sujeito do(a) aluno(a) estaria ligado à cultura, à sociedade, a si mesmo, ao outro, a questões de cunho político e ético, a relações de maior teor de complexidade. Nesse sentido, acreditamos que oportunizariam um experienciar de movimentos respaldado em intencionalidade a um corpo perceptivo/sensitivo, cuja criatividade e intuição e emoção não são negadas. Enfim, uma práxis que considerasse as manifestações das relações entre interior e exterior, o aspecto relacional no sentido de troca de experiências que contemplassem o compartilhamento com o outro.

Como a Educação Física pode se apropriar desse corpo-sujeito para "educá-lo" a partir de suas práxis? De que forma ela poderia assumi-lo? Que compromissos sociais estaríamos assumindo ao nos politizarmos nesse sentido?

Visando responder a esses questionamentos, deparamo-nos então com um contexto condizente à proposição de uma "nova cultura", a fim de promover novos sentidos/significados na forma de pensar/sentir/agir o corpo.Uma proposta cujo objetivo primeiro seja perceber o ser humano em sua complexidade. Tratar o sujeito sob essa perspectiva é dar bases para que ele se perceba – enquanto corpo – para além do que a cultura ocidental lhe permitiu perceber.

REFERÊNCIAS

ALVES, R. O corpo e as palavras. In: BRUHNS, H. T. (org.) Conversando sobre o corpo. p.17-42. Campinas, SP: Papirus, 1986.

DAOLIO, J. Cultura. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (org.). Dicionário crítico de Educação Física. 2. Ijuí ─ RS: Unijuí, 2006. (Coleção Educação Física).

FENSTERSEIFER, P. E. Educação Física na crise da modernidade. Ijuí ─ RS: Unijuí, 2001. (Coleção Educação Física).

FERRAZ, M. S. A. O corpo em Merleau-Ponty: a dimensão carnal do mundo. In: Mente, cérebro e filosofia: fundamentos para a compreensão contemporânea da psique. São Paulo: Ediouro, Segimento-Duetto Editorial Ltda, número 5, 2007.

FREITAS, G. G. O esquema corporal, a imagem corporal, a consciência corporal e a corporeidade. Ijuí ─ RS: Ed. Unijuí, 1999. (Coleção Educação Física).

GALEFFI, D. A. Educação estética como atitude sensível Transdisciplinar: o aprender a ser o que se é propriamente. In: Em Aberto, Brasília, v. 21, n. 77, p. 97-111, jun. 2007.

GONÇALVES, M. A. S. Sentir, pensar e agir: corporeidade e educação. 2. Campinas ─ SP: Papirus, 1997. (Coleção Corpo e Motricidade).

MADUREIRA, D. S. Percebendo o corpo: movimento e pensar; abordagem sobre o sentido de corpo na educação física escolar. In: 8º Encontro de Iniciação Científica, 8ª Mostra de Pós Graduação, Faculdade Estadual de Filosofia, Ciências e Letras de União da Vitória (FAFIUV), Paraná, 2008. p. 1 -11.

MELANI, R. Mundo, Corpo e Fragmentação. In: ZOBOLI; F.; BARRETO, S. de J. (org.). Motricidade humana: a práxis do possível. São Cristóvão ─ SE: Editora UFS, 2011.

MERLEAU-PONTY, M. Fenomenologia da percepção. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2º ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

ISBN 978-85-60036-18-9

____. O visível e o invisível. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva, 1992.

MOREIRA, W. W. Corporeidade, Motricidade e Complexidade: convergências possíveis In: ZOBOLI; F.; BARRETO, S. de J. (org.). Motricidade humana: a práxis do possível. São Cristóvão – SE: Editora UFS, 2011.

NANNI, D. Ensino da dança. São Paulo: Shape, 2003.

NÓBREGA, T. P. Corporeidade e Educação Física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito. 3. Natal – RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009.

SANTIN, S. Corporeidade. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (org.). Dicionário crítico de Educação Física. 2. Ijuí – RS: Unijuí, 2010. (Coleção Educação Física).

SANTOS, L. A. M. A Educação Física como componente curricular: o que deve ser ensinado? O que é aprendido? In: SCHNEIDER, O. et al. (org.). Educação Física, Esporte e Sociedade: temas emergentes. São Cristóvão – SE: Editora UFS, 2008. (Coleção Educação Física, Esporte e Sociedade: temas emergentes, v. 2).

SCHWENGBER, M. S. V. Corpo-Sujeito. In: GONZÁLEZ, F. J.; FENSTERSEIFER, P. E. (org.). Dicionário crítico de Educação Física. 2. Ijuí – RS: Unijuí, 2010. (Coleção Educação Física).

SIMHA, A. A consciência, do corpo ao sujeito: análise da noção: estudo de textos: Descartes, Locke, Nietzsche, Husserl. Tradução de Epharim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

A CONSTRUÇÃO DO PRAZER E DO ÊXTASE NAS CORRIDAS DE LONGA DISTÂNCIA

Antonio de Pádua dos Santos
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Neste artigo, discutiremos, a partir de nossas observações e dos discursos dos atletas pesquisados, aspectos relacionados à construção do prazer e do êxtase na prática de corrida de longa distância. Fizemos uso da etnografia, pela necessidade de nos inserirmos no grupo pesquisado por um período de tempo. Para fundamentar nossa análise, recorreremos a alguns autores, como Deleuze e Guattari (1996), Freud (1978), Elias (1992, 1993, 1994) e Castoriadis (1982), para podermos compreender como os praticantes de corridas de longa distância conseguem conviver, de maneira controlada, ao mesmo tempo, com momentos de autocontrole e com o descontrole das emoções. Concluímos que os atletas, para sentirem prazer e excitação nessa prática esportiva, submetem seus corpos a momentos de sacrifícios.

Palavras-chave: Esporte. Excitação. Prazer.

INTRODUÇÃO

Nossa proposta, neste artigo, é trazermos aspectos teóricos e metodológicos que considerem e compreendam o sujeito envolvido na prática do esporte de rendimento para além do consumo, do mercantilismo e da competição. A partir desse olhar, acreditamos na possibilidade de podermos compreender como o sujeito-atleta se produz e é produzido diante dos diversos aparatos sociais que o cercam, considerando o pressuposto de que os atletas envolvidos na prática do esporte de rendimento, em especial o atletismo, afirma-o como uma marca importante em sua vida. Por isso a necessidade de compreender melhor os sentidos que esses atletas estão produzindo, de que modo se pensam e são pensados enquanto atletas.

Assim, a ideia de corpo e de esporte naturalizando o imaginário que cerca as práticas esportivas ditas de rendimento, imaginário que delas exige a eficiência, a agressividade competitiva e uma dedicação psíquica, talvez despropositada para uma saúde física e mental razoável, clama por um novo entendimento de corpo e compreensão desses atletas ao inserir-se em práticas esportivas de rendimento. Nesse caso, corredores adultos e que participam de corridas de longa distância referentes ao atletismo.

No entanto não podemos deixar de considerar que o esporte, na sociedade contemporânea, vem ocupando grande destaque na mídia, consagrando uma cultura esportiva que penetra na vida diária dos cidadãos, afirmando-se como uma referência primordial no estilo de vida de cada um através da construção de novos equipamentos, vestimentas, gestualidades, influenciando nos discursos e na aparência das diferentes camadas sociais.

Por outro lado, o esporte pode trazer em seu seio outras vertentes de análises e de compreensão, como encontramos em Elias (1992) quando relaciona essa prática a fortes experimentações de emoções e excitação. Parece-nos evidente que as atividades de lazer, sejam elas de caráter individual, sejam de caráter coletivo, desenvolvidas nas sociedades ditas complexas e civilizadas (a nossa, por exemplo), exerçam exigências evolutivas no modo de ser das atividades de lazer, entre elas o esporte, para que possam dar conta das novas formas de vida. Também para atender as suas necessidades emocionais, de excitação, sentimentais, entre outras. A excitação que os indivíduos procuram no seu lazer, especificamente no esporte, passa a ser compreendida como singular, como veremos no decorrer deste artigo, tratando-se em geral de uma excitação agradável.

Para a realização da pesquisa, fizemos um acompanhamento junto aos atletas durante seus treinos e em competições, para observarmos seu dia a dia nessa prática esportiva.

 ISBN 978-85-60036-18-9

Durante esse acompanhamento, os discursos dos atletas foram importantes para podermos compreender que

> O discurso não é independente do simbolismo [...]: o discurso é tomado pelo simbolismo. Mas isso não quer dizer que lhe seja fatalmente submetido. E, sobretudo, o que o discurso visa é outra coisa que o simbolismo: é um sentido que pode ser percebido, pensado ou imaginado; e são as modalidades dessa relação, com o sentido que fazem um discurso ou um delírio [...] (CASTORIADIS, 1982, p. 169).

ANALISANDO O FENÔMENO

Na obra de Freud (1978), vamos encontrar uma reflexão a respeito do propósito da vida para os seres humanos – e incluindo nessa reflexão o esporte –, o qual vem nos mostrar como o princípio que move todo ser humano diante da vida é o esforço para obter felicidade: as pessoas querem ser felizes e assim permanecerem. O propósito da humanidade é a busca intensa do prazer, procurando-se evitar, a todo custo, o sofrimento. Freud (1978) reconhece, entretanto, que esse objetivo jamais será satisfatoriamente alcançado sem que haja sofrimento. Isso porque tanto o macrocosmo quanto o microcosmo do homem agem em sentido contrário a esse princípio.

Dessa maneira, o ser humano é constituído e transformado em um ser social, que, ao ser aprisionado nos moldes da civilização, mantém-se diante de certa ordem, pagando um custo muito alto, com a restrição da liberdade. Por perder a liberdade, ele entra em estado conflituoso e constante com a dita civilização, mas é assim que evolui e é aceito pelo grupo social.

Elias (1994) esclarece-nos a respeito do conceito de civilização, utilizando, para isso, um tratado de 1530, intitulado De civilitate morum puerilium (Da civilidade em crianças). Esse tratado, elaborado por Erasmo de Rotterdam, dá força a uma palavra bastante antiga originada de civilitas e depois interpretada por várias línguas. De civilitate morum puerilium foi dedicado a um menino nobre, filho de príncipe, aparentemente sem maiores pretensões, mas causou mudanças sociais, estabelecendo um novo modelo de comportamento para as pessoas, que incluía desde a maneira de olhar, passando por posturas na mesa, asseio, modos de sentar, de lavar as mãos antes das refeições, etc. O tratado chama a atenção por pontuar a diferença entre as atitudes bárbaras ou incivilizadas, e as ditas civilizadas.

Pode-se perceber que essas mudanças acontecem através do que será denominado de processo civilizador. Entretanto não podemos acreditar que esse prazer tenha acontecido de maneira planejada. Segundo Elias (1993, p.193), a civilização "[...] não é, nem o é a racionalização, um produto da 'ratio'humana ou o resultado de um planejamento calculado em longo prazo". Mesmo tendo acontecido sem planejamento, o processo civilizador não deixou de ter certo tipo de ordem, o que é demonstrado pelos diversos controles impostos aos indivíduos, e do modo como isso, através de outras pessoas, é convertido em autocontrole.

Na verdade, isso não foi uma ideia concebida por pessoas isoladas nem dotadas de tal perspectiva a longo prazo. O que se pode colocar como evidente é que

> O processo civilizador nada mais é do que o problema geral de mudanças históricas. Tomada como um todo, essa mudança não foi 'racionalmente' planejada, nem tão pouco se reduziu ao aparecimento e desaparecimento aleatórios de modelos desordenados (ELIAS, 1993, p. 194).

Elias e Dunnig (1992, p. 125) observam que, apesar de todo esse aparato de controle imposto pela sociedade, ela segue com a tendência para experimentação de fortes emoções, mesmo que sejam de caráter não duradouro, mimético (o termo não está sendo utilizado em seu sentido literal, de imitativo). De certa maneira, na teoria elisiana, o termo mimético é usado

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

num sentido específico, podendo ser aplicado em referência à "[...] relação entre os sentimentos miméticos e as situações sérias específicas da vida". O que pode ocorrer em situações sérias da vida é que os indivíduos venham a perder o controle e se tornarem um perigo para si mesmos ou para os outros ao seu redor. Na excitação mimética, essas coisas podem não acontecer, porque ela segue numa perspectiva social e individual, desprovida de perigo, e pode ter um efeito catártico, possibilitando aos indivíduos experimentarem a explosão de emoções em público, um tipo de excitação que não coloca em risco a ordem social determinada, diferentemente do que ocorre nas situações sérias da vida.

Por isso a excitação que as pessoas buscam no lazer pode ser interpretada como única. Em geral, ela acontece de maneira agradável, encontrando-se nas sociedades contemporâneas vários fatores que podem levar à excitação, entre eles, o esporte. Nosso interesse é discutir sobre a excitação e o prazer que os atletas sentem em praticar, especificamente, corridas de longa distância, tendo em vista que eles fazem desses encontros um espaço propício para deixar extrapolarem suas emoções sem constrangimento, ressentimentos e culpabilidades. Adriana[28] diz: "O atletismo é uma coisa prazerosa, porque me ajuda a relaxar".

Nem sempre isso acontece sem que o corpo passe por sofrimentos e dores, mas também não se pode negar que esses sofrimentos e essas dores provocam prazer e excitação nos sujeitos-atletas. Observamos esse tipo de sofrimento durante um desafio de seis horas realizado em Natal/RN. O desafio começou às 10h da manhã e terminou às 16h, sob uma temperatura bastante alta. Mesmo assim, os participantes se mantiveram motivados a ir até o final da corrida.

Mesmo sabendo do risco de morte que havia nesse desafio, segundo Josenaldo[29], as pessoas traçam objetivos como, por exemplo, "terminar a prova, conseguir terminar as seis horas correndo". Muitos colocam a superação de si mesmos em primeiro plano, esquecendo os outros como adversários.

Josenaldo e Sheyla[30] fizeram, respectivamente, os comentários seguintes:

> Eu penso assim: eu acho que esse desafio... muita gente vai para buscar a própria superação, tentar superar os seus limites [...] Essa maratona, ali, para ele, é uma boa, mas é uma prova muito desgastante. Pois é bom ir com precaução, para não sobrecarregar demais. É uma prova muito desgastante, principalmente pelo horário que elas são realizadas.

> Superação... passa tudo no início da prova. Você começa a correr, você tá bem. Quando passa assim... três horas, a partir dali você já sente o cansaço, porque é visível, né? Você pensa assim: 'Meu Deus! ainda falta a metade!' Dá um desespero [risos]. Aí, conforme vai passando o tempo, tem as prévias, eles [os árbitros] vão falando de hora em hora. Aí, você... o pessoal desistindo de um lado, dá vontade de você desistir também. Porque você vê: Fulano já foi, então chega a minha hora também?. Mas, por outro lado, vem aquele que aparece [sopra] no seu ouvido: 'Poxa! [risos] você pode, você não é tão pequeno. Tem que ir até o final, entendeu?!'.

Estamos diante de uma prática em que, mesmo reforçando-se o espírito de performance, a competição de cada corredor acontece consigo próprio, faz com que ele afirme seu ego autoconstrutor e triunfe em relação a si mesmo. Essa vitória é o objetivo principal. Essa busca da superação de si mesmo, tão bem ressaltada pelos atletas, confirma o esporte como uma atividade dominada pela procura do prazer, da excitação e da experiência consigo mesmo.

28 Atleta entrevistada.
29 Atleta entrevistado.
30 Atleta entrevistado.

ISBN 978-85-60036-18-9

Mesmo havendo premiação em dinheiro, esta não foi muito significativa em relação ao prazer do desafio a si mesmo, para alguns atletas realizarem a prova e conseguirem chegar até o final. Diz a atleta Sheyla:

> Eu cheguei a ganhar. Ganhei, mas é pouco. Cheguei em terceiro lugar, ganhei R$ 150,00. Não é pelo dinheiro, jamais, porque não vale a pena: perdi todas as unhas [risos], estraguei os meus tênis, perdi o dia de sábado.

A quantia ganha pela atleta não dava para ela comprar um tênis adequado para esse tipo de corrida. Ela foi uma das que, mesmo chegando ao final da corrida, tiveram que passar por situações incompreensíveis por quem assiste. Os próprios familiares dos atletas que estavam vendo a prova achavam aquilo uma loucura. Mas os atletas acham que tudo isso vale a pena, como enfatiza Sheyla:

> Pra quem olha, fecha os olhos. Mas, para mim, eu ganhei, foi um desafio que eu consegui, foi um desafio mesmo. A palavra já diz tudo: a prova é um 'desafio'. Foi dura, foi dureza, mas 'eu vou conseguir! eu vou conseguir!' Mas foi muito sofrido. Quando acabou a prova, dever cumprido.

Essa atleta chamou nossa atenção devido ao fato de, na última hora do desafio, quando parecia que ela não mais conseguiria correr (perdeu as unhas dos pés, além de ficar com calos e bolhas, conforme suas palavras acima), ter tirado os tênis e passado a correr descalça, para não desistir. Foi uma cena emblemática, numa pista de terra batida, toda esburacada, com poucas condições de uso. No final do desafio, ao perguntarmos se ela não sentira vontade de desistir, Sheyla afirmou que "sim", mas não pudera, pois o prazer de "conseguir terminar mais uma corrida é maior que o cansaço". Para Sheyla, o atletismo "É um esporte de quem gosta mesmo. Atletismo... é você lutando contra você mesmo! Você que tem que se esforçar!".

Francimário[31], o vencedor da prova, destacou-se entre todos, porque não parou em nenhum momento: fez a hidratação sem parar, na tenda de apoio.

Durante a corrida, poucos desistiram definitivamente. Estes afirmaram que não queriam "ultrapassar o limite", pois consideravam a corrida como "um treino, um longão". Mas o vencedor do desafio, Francimário, ultrapassou seu limite: ele esqueceu o perigo de morte ou danos consideráveis para sua saúde, já que, durante as seis horas, como vimos anteriormente, não parou em nenhum momento para fazer uma reposição alimentar correta. Diz ele:

> Eu ultrapassei o limite, porque foi 6 horas de prova e eu fiquei ali aguentando, aguentando [...] e veio o psicológico pra eu parar, e eu tava com muita vontade de conseguir o 1º lugar e não parei não. Agora, ali, eu passei do meu limite mesmo. Passei [do limite] e eu fiquei brigando comigo, ali, meu corpo querendo parar, minha mente querendo parar, e eu não deixando.

Na ânsia de ganhar ou de terminar uma prova de longa distância como aquela, ele esqueceu que o corpo tem seus limites fisiológicos, biológicos e químicos. Usou toda a capacidade de suportar dor para realizar uma proeza que lhe poderia custar muito caro, talvez mesmo a perda da vida. Esses atos praticados no esporte podem ser percebidos como expressões irrefletidas, como proezas notáveis.

Para Sheyla, o atletismo, a corrida, "é uma coisa!... é uma adrenalina!... Mexe com muita coisa!". O mexer com muita coisa é o que fez essa atleta correr a última hora de uma prova descalça. A compensação é terminar, é ir até o final, provar a emoção de correr e desafia se, seja

31 Atleta entrevistado.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

num desafio de seis horas, será numa meia maratona. Ela diz: "[Estar lá] correndo – me arrepio todinha! – é uma coisa que mexe comigo, entendeu? Então eu gosto muito".

Essa adrenalina que os atletas afirmam sentir quando correm nos faz lembrar de Deleuze e Guattari (1996, p. 9) quando trazem a ideia do que venha a ser um Corpo sem Órgão. Para os autores, o CsO[32] "Não é uma noção, um conceito, mas antes uma prática, um conjunto de práticas. Ao Corpo sem Órgãos não se chega, não se pode chegar, nunca se acaba de chegar a ele, é um limite". São esses corpos que desfilam por aí, sejam costurados, sejam vitrificados, dançarinos – e por que não incluir os corredores de longa distância? –, muitas vezes, plenos de alegria e de êxtase! Vive-se na necessidade constante de encontrar o CsO, e saber "[...] fazê-lo é uma questão de vida e de morte, de juventude e de velhice, de tristeza e de alegria" (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 11).

Esse corpo é construído de tal maneira que só as intensidades interessam, mesmo que sejam passageiras, como observamos nos atletas. Ele cria de forma diferente suas ações e as condições de vivenciá-las. Vejamos o exemplo do corpo do masoquista:

> O que é certo é que o masoquista fez para si um CsO em tais condições que este, desde então, só pode ser povoado por intensidades de dor, ondas doloríferas. É falso dizer que o masoquista busca a dor, mas não menos falso é dizer que ele busca o prazer de uma forma particularmente suspensiva ou desviada. Ele busca um CsO, mas de tal tipo que ele só poderá ser preenchido, percorrido pela dor, em virtude das próprias condições em que foi constituído (DELEUZE; GUATTARI, 1996, p. 12).

Ao falarem dessa adrenalina que o esporte proporciona, mesmo com o cansaço que ele provoca, as dores, os atletas o fazem entre risos e com um ar de emoção que só o prazer pode justificar. Para um deles, Eudésio[33], o atletismo não é um esporte que traz "sacrifício. Isso é uma alegria, bicho!". Continua ele: "Pra quem não sabe o que é isso, pra quem não tá acostumado... 'Porra! você é louco!'. Ó loucura boa!... é um prazer!...". Os atletas demonstram que praticar atletismo, corridas de longa distância não só exige esforço físico como também representa, para eles, um encontro consigo mesmos, uma superação saudável e prazerosa.

Esse prazer não se desliga do desejo; é aliviado na

> [...] alegria imanente do desejo, como se ele se preenchesse de si mesmo e de suas contemplações, fato que não implica falta alguma, impossibilidade alguma, que não se equipara e que também não se mede pelo prazer, posto que é esta alegria que distribuirá as intensidades de prazer e impedirá que sejam penetradas de angústia, de vergonha, de culpa (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p. 16).

Há, portanto, atletas que encontram na prática do esporte momentos que eles afirmam ser de pleno prazer, nos quais o desejo é aliviado. Muitas vezes, eles terminam a corrida cansados, alguns estropiados, pés calejados, cheios de dores, ou até vomitando. Eles experimentam o que os autores citados chamam de positividade do desejo, na qual a junção desejo-prazer não pode ser reduzida a nenhuma lei. Isso só se torna possível através da "lei da descarga". É importante ressaltar que os atletas não se culpam, não reclamam das "torturas" por que precisam passar para estar no esporte.

O CsO precisa, portanto, ser construído isso não significa que não tenhamos um, nem que estejamos afirmando que ele pré-exista, mas, de qualquer maneira, estamos sempre construindo um, pois, se essa construção não acontecesse, não poderia haver o desejo. O "CsO é desejo,

32 Sigla de Corpo Sem Órgão.
33 Atleta entrevistado.

 ISBN 978-85-60036-18-9

é ele e por ele que se deseja" (DELEUZE e GUATTARI, 1996, p.16). O CsO revela-se pelo que é, por suas conexões com outros CsOs, num ininterrupto *continuum* de intensidades. Segundo Deleuze e Guattari (1996, p. 13),

> [...] o CsO não é uma cena, um lugar, nem mesmo um suporte onde aconteceria algo. Nada a ver com um fantasma, nada a interpretar. O CsO faz passar intensidades, ele as produz e as distribui num spatium ele mesmo intensivo, não extenso.

Tais intensidades constroem um CsO na figura de um corpo drogado, que busca seu prazer nas drogas, fazendo-as seu alimento. Os atletas parecem buscar no esporte essa droga que lhes falta e que, quando é obtida, serve-lhe de alimento para um corpo que precisa ser preenchido, saciado.

Para Eudésio, praticar esporte, atletismo é drogar-se. Ele se considera um viciado: "É um vício [...] é uma coisa que você sente falta se você parar um dia [...] É endorfina, anestesia". Batista também afirma que, quando passa um dia sem treinar, sente falta. Ele precisa "dessa anestesia, dessa morfina, dessa endorfina. O corpo fica viciado".

A construção de um CsO é muito arriscada: exige cálculo, muita prudência, sem se abrir mão de um certo rigor. No fundo, essa construção poderá nunca acontecer por completo. Faz-se, pois, necessário compreender seu limite, para se ter alguma chance de realizá-la.

Essas intensidades fazem com que as dores corporais, no esporte, pelo que observamos, sejam uma constante. Muitos daqueles com quem tivemos oportunidade de conviver, de conversar já sentiram dor ou continuam sentindo no seu dia a dia, tendo que conviver com ela, de alguma maneira, para não terem de abrir mão de continuar treinando e participando das corridas. Embora singular para quem a sente e convive com ela, podemos afirmar que a dor se insere num universo de referências simbólicas e imaginárias, configurando um fato cultural importante para atletas de corridas de longa distância.

O sofrimento e a dor que o corpo sente durante a prática do esporte são entendidos como positivos. Os atletas encontram neles um desafio a mais, transformando dor em prazer e passando, muitas vezes, por situações extremas, como comenta Sheyla:

> A dor é uma constante em qualquer corredor. Se tiver treinando bem ele tá sentindo alguma coisa. Não quer dizer que tenha alguma coisa errado não, é porque é comum mesmo. É convivência: vai ter que aprender a conviver com a dor, né?

Para alguns atletas, a dor tem um sentido de desafio e de superação, que os faz resistir a momentos difíceis durante os treinos e as corridas, como afirma Francimário:

> Com as dores? Rapaz, eu não sei nem explicar a você como é isso aí. Porque as pessoas quando vai fazer alguma coisa é porque suporta aquilo ali, entendeu? Pronto: você faz um treinamento forte hoje de noite, no outro dia eu não vou deixar de treinar, porque eu tô doído; aí eu vou e treino. A força de vontade é tão grande que você supera aquele cansaço e aquela dor; supera tudo.

A dor, para esses atletas em geral, pode ser considerada, como afirma Durkheim (1989, p. 381), como uma fonte "[...] geradora de forças excepcionais", pois é pela "[...] maneira que o homem enfrenta a dor que se manifesta melhor a sua grandeza". A dor e o sacrifício do corpo parecem ser extremamente necessários para que o atleta prove sua capacidade no esporte, de

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

estar se superando, mesmo diante dela. Com essa atitude de não recuar diante da dor, o atleta conquista sua singularidade, ao mesmo tempo que conquista seu espaço no esporte.

No atletismo, o que os atletas deixam transparecer diante da dor é que esta é necessária, já que a prática desse esporte não é fácil. A dor, sendo um componente sempre presente na vida do atleta, precisa ser relevada, ao mesmo tempo que é valorizada de forma positiva. Ela é sempre um obstáculo a mais a ser vencido.

Mas, segundo Durkheim (1989, p. 382-383), a dor não está presente só no ato religioso ou no esportivo; para o autor, ela existe em toda a sociedade e

> [...] só é possível a esse preço. Mesmo exaltando as forças do homem, ela, muitas vezes, é rude para com os indivíduos: ela necessariamente exige sacrifícios perpétuos; ela ataca continuamente os nossos apetites naturais precisamente porque ela nos leva acima de nós mesmos.

Isso nos faz considerar a dor como uma construção sociocultural que se insere no corpo como uma realidade que não existe fora dele, mas também ele não a antecede. O social não atua ou intervém sobre um corpo preexistente, conferindo-lhe significado; o social constrói o corpo a partir do significado que a este é atribuído. Nenhuma realidade humana prescinde de dimensão social, tampouco o corpo ou a dor. A singularidade da dor, como experiência social, atravessada por questões objetivas e subjetivas, torna-a um campo privilegiado para se pensar a relação entre o indivíduo, a sociedade e o esporte. As experiências vividas pelos indivíduos, seu modo de ser, de sentir ou de agir referem-se constitutivamente à sociedade à qual pertencem, inclusive quando se trata do significado da dor como constituinte da experiência humana. Há, portanto, de um lado, o confronto do indivíduo com o social; de outro, o esporte, que conflui para o dado objetivo, ao mesmo tempo que é subjetivado.

A dor, como realidade social, é simbolizada, ainda, mediante os distintos lugares sociais dos indivíduos. Dentro de uma mesma sociedade, os indivíduos têm condições sociais diferenciadas, de acordo com as clivagens sociais, entre elas as de gênero, de classe e de etnia. Pode haver maior ou menor tolerância à dor, conforme aquilo que do indivíduo se espera, segundo seu lugar social.

Sheyla afirma que a dor é constante em sua vida de atleta:

> Mas assim... durante a corrida que eu tô sentindo muita dor, às vezes eu choro durante a corrida – 'Nunca mais eu venho, nunca mais!' –. É aquela de desespero, né? É um sofrimento. E, quando acaba a corrida, que passa o sofrimento, já tô pensando na próxima corrida.

A dor, nos atletas, pode ser compreendida sob diversos ângulos. Vejamos o que comenta André[34]:

> Lógico que não é uma dor que me impede de treinar. Se fosse uma dor que eu não tivesse como suportar, eu ia ter que ficar tomando remédio ou algum analgésico pra treinar. Eu não faria isso, é uma dor suportável.

O corpo é o lugar em que se inscreve cada gesto aprendido. Ao mesmo tempo que é internalizado, ele revela trechos da história da sociedade a que pertence. Mesmo submetido às normas, que o transformam constantemente, engendradas pelos costumes e pela ordem social, o corpo se revela em textos a serem lidos em quadro vivo, que essas mesmas regras sociais imprimem sobre ele.

34 Atleta entrevistado.

 ISBN 978-85-60036-18-9

O esporte é uma dessas estruturas sociais que demarcam um momento histórico, com suas especificidades e valores, como ocorre, por exemplo, na construção do sofrimento e na dor corporal com que os atletas convivem no dia a dia, ao praticarem o atletismo com o objetivo de poderem participar de corridas de longa distância, sem abrirem mão do prazer e da busca da felicidade. Mesmo que, para isso, tenham que sacrificar o corpo, como vimos anteriormente, nos diversos discursos dos atletas.

Nesse sentido, Elias (1992) traz uma contribuição importante para a compreensão do esporte e do lazer, como momentos propícios a excitação, prazer e emoções, quando diz que as atividades miméticas quebram a rotina da vida cotidiana, geralmente controlada. A atividade mimética seria um passaporte para se sair da rotina, o que só no momento do lazer é possível. Este, sob o ponto de vista do autor, corresponderia a uma esfera da vida dos indivíduos, podendo oferecer a experimentação agradável das emoções, ao mesmo tempo que se constitui numa excitação direcionada para o divertimento, experimentada em público, compartilhada com outras pessoas e com aprovação social.

Não podemos deixar de reconhecer que o lazer, com essa potencialidade que apresenta, não está cercado de normas sociais, tese sobre a qual já discorremos no início deste capítulo.

Elias (1992, p. 49) faz uma observação importante a respeito do esporte como prática não violenta:

> A emergência do desporto como uma forma de confronto físico relativamente não violento encontrava-se no essencial, relacionado com um raro desenvolvimento da sociedade considerada sob a perspectiva global; os ciclos de violência abrandaram e os conflitos de interesse e de confiança eram resolvidos de um modo que permitia aos dois principais contendores pelo poder governamental solucionarem as suas diferenças por intermédio de processos inteiramente não violentos, e segundo regras concertadas que ambas as partes respeitavam.

Mesmo o esporte contemporâneo sendo configurado por essas regras e normas, para que apareça como uma prática social aceitável, ele também se estabelece como um modo de se descarregarem as tensões, os sentimentos gerados no dia a dia, empurrando os indivíduos para o autocontrole. Na contemporaneidade, o indivíduo tem certa tendência para refrear o impulso de excitação. Mesmo assim, existem espaços nos quais ela pode ser exercida. Não é mais o encontro religioso que proporciona o relaxamento, essa excitação; no lazer, o relaxamento está noutros espaços, noutras experiências, experimentando-se outros tipos de emoções, novos tipos de excitação.

O esporte aparece como uma prática de lazer que permite a explosão de emoção nos sujeitos-atletas. Podemos observar esses momentos de explosão nas competições, com socos no ar, com gritos de “Cheguei! Cheguei!”. Ao terminarem uma corrida, os atletas beijam o chão e agradecem ao céu com as mãos para o alto.

Na chegada das corridas, os assistentes também acompanham essas cenas de emoção. Em geral, muitos familiares acompanham as corridas e também extravasam gritando “Valeu! Valeu!”. Correm para o abraço e comemoram, como se o atleta fosse um grande campeão. Arnóbio comenta que “todo mundo quer extravasar; o esporte é uma dessas maneiras”.

Nos atletas, há um mecanismo permanente de busca de fortes emoções. Eles se saciam por um breve momento, para depois buscá-las novamente. Mal termina uma corrida, já estão pensando no próximo treino, na próxima competição.

Essa emoção tem forte identificação com os diversos grupos que se formam em plena contemporaneidade. O esporte é apenas um exemplo. Os atletas se unem não só para conviver

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

nos momentos das corridas, mas também para vibrar e para compartilhar emoções, na tentativa de fugir da cotidianidade social, organizada e racionalizada em demasia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASTORIADIS, Cornelius. A instituição imaginária da sociedade. Tradução Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1996. (Coleção TRANS, v. 3).

DURKHEIM, Émile. As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália. São Paulo: Paulinas, 1989.

ELIAS, N. O processo civilizador. Tradução da versão inglesa Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993. V.2

_____. O processo civilizador. Tradução da versão inglesa Ruy Jungmann Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994. V.1

_____. DUNNING, Eric. A busca da excitação. Tradução Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. In: _____. Cinco lições de psicanálise. Seleção de textos de Jayme Salomão. Tradução Durval Marcondes. São Paulo: Abril Cultural, 1978. (Os pensadores).

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

CORPO E DANÇA: FORMAÇÃO DE PROFESSORES PARA LECIONAR DANÇA NA ESCOLA

Adjane Maria Pontes César

RESUMO: A formação do professor que leciona dança na escola é tema de interesse de vários profissionais que trabalham nessa área de conhecimento. Diante da relevância que acreditamos ter essa temática, objetivamos com este estudo ampliar a reflexão dos professores desses projetos em relação à experiência estética como algo indispensável ao ensino da dança. Nosso desejo de tratar desse tema partiu de experiências obtidas fazendo parte do grupo de formadores do Projeto Dança na Escola, desenvolvido na Cidade de João Pessoa PB, através da Divisão de Educação Física e Saúde Escolar (DEFISE) e do Projeto Continuum de Formação Continuada para Professores de Ensino Básico (Curso de Aperfeiçoamento Dança e Pluralidade Cultural), desenvolvido pelo departamento de ARTES da UFRN, em várias cidades do Rio Grande do Norte. O que nos chamou a atenção nesses processos de formação foi a indisponibilidade de alguns professores para experimentar as vivências práticas oferecidas ao longo do processo de formação, porque se sabe por meio da literatura e pesquisas realizadas, que é fundamental no processo de formação estética na dança a aproximação entre o conhecimento teórico e o prático. Portanto as experimentações com o próprio corpo despertam sensações que não podem ser entendidas apenas com a leitura de textos que tratem dos conteúdos da dança. Não basta o conhecimento teórico da dança para lecionarmos de maneira satisfatória aulas de dança, tampouco são suficientes as nossas experiências práticas como pré-requisito para melhor ensiná-la. Um misto entre teoria e prática e reflexões permanentes serão imprescindíveis para melhor realizarmos essa tarefa de ensinar a dança.

Palavras-chave: Ensino da Dança, Corpo, Formação de Professores.

INTRODUÇÃO

Nosso estudo parte do interesse em trazer em pauta a formação de professores de dança que trabalham na escola. Essa inquietação partiu de experiências obtidas quando fazíamos parte do grupo de formadores do Projeto Dança na Escola, desenvolvido na Cidade de João Pessoa, da equipe do Projeto Continuum de Formação Continuada para Professores de Ensino Básico (Curso de Aperfeiçoamento Dança e Pluralidade Cultural), desenvolvido pelo departamento de ARTES da UFRN, em várias cidades do Rio Grande do Norte.

Esses projetos possuem alguns pontos em comum, dentre eles, oportunizar a um grupo de professores interessados em trabalhar com a Dança na Escola uma formação nessa área, para que possam melhor desenvolver suas atividades. Ao longo desses momentos da formação, percebemos que alguns fatos se repetem nos dois grupos de professores, e para nós possuem grande relevância para investigarmos. Há muito preocupam-nos as questões relacionadas à indisponibilidade e distanciamento dos professores com as vivências práticas com as danças. Acreditamos ser indispensável o acompanhamento e assessoramento permanente desse grupo em questão, por isso relatamos o que pudemos identificar, ao longo desses encontros com esses professores, principalmente no que concerne à participação destes nas vivências práticas, quando nem sempre se encontravam em possibilidade de vivenciá-las. Ou, ainda, quando indisponíveis a experimentar com o próprio corpo sensações que não podem ser entendidas apenas com a leitura de textos que tratem dos conteúdos da dança, mas só vivendo os prazeres e/ou desprazeres provocados pelo movimento na dança é que se fazem possíveis essa compreensão, descobertas sobre si, sobre o mundo e assim ressignificá-los em suas práticas.

Acreditamos que a experiência corporal é essencial para que o docente possa desenvolver melhor suas ações enquanto professor de dança na escola.

Não estamos aqui para fazer críticas, mas para refletir a respeito dessa realidade. Quando o professor não se dispõe a realizar estudos práticos e teóricos acerca dessa área do

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

conhecimento, será que se sente em condições de sistematizar os conteúdos e preparar as aulas para seus alunos na escola? Como ressignificam um conhecimento que não experimentaram através da motricidade, ficando apenas no campo teórico? Quais resultados conseguem alcançar em suas construções coreográficas? Não seria a formação estética para esse grupo algo necessário e permanente?

1. O Ensino da Dança

Na história do ensino da Dança, sabe-se que inicialmente esse papel era delegado a pessoas que tinham habilidades nessa arte, dançavam muito bem e, portanto, eram consideradas as pessoas ideais para cumprir tal papel em nossa sociedade. Por muito tempo, essa prática entre os nobres da Idade Média e Renascença ocorreu. Embora pareça distante essa realidade, ainda hoje encontramos situações muito parecidas com o passado. Alguns fatos se repetem, há sempre alguém que se dispõe a ensinar a dança, mas nem sempre possui uma formação específica, nem mesmo uma formação que lhes favoreça na compreensão de conteúdos que devam ser contemplados ao lecionar aulas de dança. Mas com certeza apreciam a dança. Alguns buscam, mesmo entre tantas dúvidas e incertezas, desafiando as dificuldades em relação aos conhecimentos que envolvem os textos e contextos da dança na escola, informações que os façam sentir-se capazes de enfrentar tais desafios. Mesmo antes dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), muito se discutia acerca da aplicação da dança como conhecimento possível e viável nas aulas de Educação Física. Mas, em 1997, a dança ganhou seu reconhecimento nacional, sendo incluída como um conhecimento integrante nos componentes curriculares Artes e Educação Física. Algo importante, mas mesmo assim não estavam resolvidas as questões que permeiam o ensino da dança na escola.

Para Marques (2003, p. 16), na dança aplicada na escola, existe uma multiplicidade de propostas e ações preocupantes e que caracterizam o que se vem desenvolvendo nesse campo de atuação. Em João Pessoa, tivemos a formação de um grupo que possuía formação em Educação Física por alguns anos, e depois também poderiam participar aqueles professores formados em Artes. Todos os integrantes desse grupo lecionavam em escolas públicas municipais e, espontaneamente, procuraram fazer parte desse grupo e se propuseram a aprofundar seus conhecimentos na área da dança. Segundo Cesar (2003), essa formação de professores de Educação Física foi uma ação de destaque no cenário da vida escolar da cidade de João Pessoa. Crianças e jovens passaram a ter oportunidade de conhecer e experimentar o mundo da dança. Em Currais Novos- RN, tivemos a procura de professores que lecionavam dança ou que desejassem fazê-lo. Todos procuraram a formação por conta própria, entre eles estavam professores graduados em educação física ou pedagogos. Como se deram essas formações?

A seguir, faremos algumas colocações para situar de que forma essas formações ocorreram e quais os conhecimentos abordados ao longo desse processo.

2. HISTÓRIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE DANÇA NOS PROJETOS

2.1. Dança na Escola

2.1.1. Como tudo começou?

Em 1997, em João Pessoa, um projeto de inserção e dinamização do ensino da dança na escola foi realizado pela professora Iguatemy Maria de Lucena Martins, através da Secretaria de Educação do Município e da Universidade Federal da Paraíba / PRG – PROLICEN. Esse projeto deu início a uma série de cursos para professores de Educação Física da Rede Municipal de Ensino da cidade de João Pessoa, objetivando ampliar os conhecimentos desses professores na área de dança, para que eles incluíssem, em suas aulas de Educação Física na escola, os conteúdos da dança. Após os encontros pedagógicos, os integrantes combinaram de mostrar à professora Iguatemy Lucena o resultado dos ensinamentos da dança aos seus alunos da escola, pois acreditavam que essas experiências iriam proporcionar o desenvolvimento artístico cultural dos alunos. Esse fato originou um evento denominado de “Mostra de Dança das Escolas Municipais de João Pessoa”. A Mostra teve sua primeira versão no ano de 1998, com a participação de 16 escolas e 174 alunos envolvidos. As apresentações foram na área de lazer do

 ISBN 978-85-60036-18-9

SESC (Serviço Social do Comércio). Em 1999, o projeto que havia iniciado em 1997 se reafirma, envolvendo na II Mostra de Dança 22 escolas e 300 estudantes. Já em 2000, a terceira edição da Mostra de Dança confirmou a pertinência do projeto e ampliou o seu raio de ação, envolvendo dessa vez 26 escolas e mais de 300 estudantes de diversas faixas etárias. A versão da IV Mostra de Dança foi organizada pela SEDEC (Secretaria de Educação e Cultura do Município), que, por intermédio da DEFISE (Divisão de Educação Física e Saúde Escolar), dá continuidade a essa atividade complementar à vida da escola. A participação foi de 290 alunos de 25 escolas. Na versão da V Mostra, as apresentações ocorreram em dois dias, no teatro Paulo Pontes. Participaram dessa vez 32 escolas e aproximadamente 344 estudantes. Nos anos seguintes, percebemos o crescente número de escolas, professores, diretores, alunos e familiares envolvidos. O Projeto está na décima quinta edição. Hoje fazem parte da formação vinte e cinco professores, que se encontram uma vez por semana com a coordenadora Joseneide Correia Behar e com os professores formadores, para traçar metas para o ensino da dança na escola, mantendo inabaláveis as ações que, de forma pertinente, têm promovido o acesso de meninos e meninas a estudos sobre as danças. Muitas iniciativas têm ocorrido desde o início desse projeto, podemos citar de maneira prévia aqui a Especialização em Metodologia do Ensino da Dança, promovida em parceria com a Secretaria de Educação do Município e Universidade Federal da Paraíba, e a ida de grupos de alunos da rede pública para estudar na Escola Bolshoi do Brasil. A Mostra de Dança é um evento prestigiado e esperado por muitos professores, diretores, alunos e pais, reconhecido por estes como algo importantíssimo para a vida escolar e pessoal de todo o grupo envolvido nesse processo. Na expectativa de ver seus filhos e alunos em uma situação de destaque no cenário da dança pessoense, vem recebendo apoio e, mesmo com as dificuldades encontradas, mantém-se crescendo. Não nos aprofundaremos em tratar das iniciativas acima, pois estamos apenas situando o leitor da importância que teve e tem esse projeto para o ensino da Dança na Escola Pública em João Pessoa e o quanto é relevante aprofundar estudos que possam colaborar com o crescimento do grupo de professores que hoje desenvolvem essas ações. E, nesse entendimento, caminharemos para explicar como ocorre esse projeto e quem são os personagens construtores desse sonho que se concretiza.

2.1.2. O Processo na Formação do Professor no Projeto Dança na Escola

Os professores que trabalham com dança na escola ou desejem fazê-lo podem fazer parte do Projeto Dança na Escola, quando, ao ser divulgado a cada início de ano letivo, o período que ocorrerão os encontros de aprofundamento e formação desses professores. Ao ser feita essa comunicação, os professores são convidados a participar desses momentos. Há alguns anos que é solicitado desses professores um projeto que esclareça de maneira ainda simplificada o trabalho que desejarão fazer na escola no ano corrente. A partir daí, passam a integrar efetivamente o grupo. Essas formações de professores constam de momentos teóricos e práticos, em que levamos à pauta assuntos como história da dança, o ensino da dança na escola, metodologias que ajudem no ensino da dança, vivências com técnicas de dança diversificadas, estudos das manifestações culturais locais e nacionais e montagem coreográfica. A metodologia sugerida para as aulas na escola são experimentadas e discutidas, para que seja possível adaptá-las à realidade de cada professor. Esses encontros ocorrem objetivando ampliar o repertório de informações acerca da dança junto ao grupo de professores que têm o interesse em ensina dança na escola. O desejo é que as aulas de dança possam manter-se de forma permanente na escola, e não sendo conteúdo vivenciado pelos alunos apenas na semana em que precede as comemorações ao folclore, na abertura de eventos e/ou nos jogos internos e em datas comemorativas. E nem mesmo apenas com o propósito de montagem coreográfica para a Mostra de Dança, que vem ocorrendo na cidade, como já falamos anteriormente. Têm participado dessa formação professores graduados em Artes, Educação Física e Dança, sob a coordenação da professora Joseneide e apoio do DEFISE. Da formação em Currais Novos trataremos a seguir.

2.2. Projeto Continuum de Formação Continuada para Professores da Educação Básica – Curso de Aperfeiçoamento Dança e Pluralidade Cultural

Este Projeto foi realizado em 2011, em algumas cidades do Rio Grande do Norte, entre elas Currais Novos, Natal e João Câmara, sob a coordenação do Departamento de Artes e

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Universidade Federal do Rio Grande do Norte (DEART/UFRN). Participaram dessa formação graduados em artes, educação física e pedagogos que já davam aulas de dança na escola ou que estavam interessados em trabalhar a dança na escola. Possuía os seguintes objetivos: refletir sobre a dança como conteúdo do ensino da Arte e da Educação Física, no Ensino Fundamental e Médio, com enfoque no tema transversal Pluralidade Cultural e suas relações com os processos de criação em dança como forma de subsidiar o fazer artístico e a produção do conhecimento em dança na escola; discutir a Pluralidade Cultural em suas relações com o ensino da dança na escola; discutir sobre a dança como conteúdo da Arte e da Educação Física; vivenciar processos de criação em dança com enfoque no tema da Pluralidade Cultural; realizar um levantamento de histórias, contos, lendas e danças regionais como referências temáticas para a vivência de processos de criação em dança; diagnosticar as vivências locais de ensino da dança. Elaborar e desenvolver projetos de composição coreográfica. Esse projeto integrou seis módulos abaixo expostos:

Módulo 1 – Dança e Pluralidade Cultural – Estudo sobre a dança no contexto da Educação com enfoque em discussões sobre corpo, etnia, classe social e gênero. Dança e inclusão social. Levantamento de danças e outras manifestações culturais.

Módulo 2 – Coreologia – Estudo das premissas e estruturas do movimento e suas relações com o dançarino, o espaço e o som, segundo os estudos de Rudolf Laban. Análise das manifestações culturais.

Módulo 3 – Dança na Escola – Estudo da dança como conteúdo no contexto do ensino fundamental e médio. Ensino das técnicas de dança no âmbito escolar. Diagnóstico das vivências em dança a partir dos contextos sociais, em que os participantes do curso atuam como professores (Educação Básica).

Módulo 4 – Processos de criação em dança - Vivência de processos de criação em dança com enfoque na pesquisa de movimento e nos diversos repertórios da dança. Estudo de tema para produção coreográfica.

Módulo 5 – Ateliê de Composição Coreográfica I – Discussão de processos de criação em dança e elaboração de projeto de composição coreográfica a partir das referências locais.

Módulo 6 – Ateliê de Composição Coreográfica II – Acompanhamento e discussão dos projetos de composição desenvolvidos pelos participantes do curso. Organização e apresentação coreográfica. Socialização e entrega dos relatos de experiência.

Cada formador possuía um material contendo textos que direcionavam o trabalho no campo teórico e prático, e esse material foi disponibilizado para cada um dos professores. Nas atividades práticas de que participamos, percebemos um fato muito semelhante ao que algumas vezes ocorriam durante a formação dos professores em João Pessoa; as desculpas para não vivenciarem toda a fase prática. A postura desse grupo de professores, que nos preocupa, será colocada a seguir, trazendo como destaque nosso pensamento em relação à abordagem contemporânea de corpo, e aquilo que acreditamos como indispensável ao profissional que trabalha nessa área.

3. O Corpo dos Professores no Projeto Dança na Escola e no Continuum de Dança

Para pensarmos corpo, nesse contexto iremos tomar o conceito de Gallos (1998, p.67), que diz: O Corpo é presença concreta no mundo, porque veicula gestos, expressões e comportamentos das ações individuais e coletivas de um grupo, comunidade ou sociedade. Para nós há grandes significados nas expressões percebidas nos corpos que acompanhamos no processo de formação profissional, e, ao falarmos dos corpos que vimos através da nossa experiência na formação de professores, tanto em João Pessoa quanto em Currais Novos, identificamos uma multiplicidade de corpos ali presentes. Cada um com suas vivências e concepções sobre dança, a maioria atuante no processo de ensino desta no contexto escolar. Corpos doentes, indisponíveis às experiências, principalmente, às práticas específicas de dança, mas havia corpos abertos, que reconheciam a necessidade de participar em sua totalidade

 ISBN 978-85-60036-18-9

daquelas práticas, e dispostos a promover um debate para gerar entendimento dos conteúdos da dança, corpos com muitas e/ou poucas experiências em danças.

Acreditamos que a resistência encontrada em alguns professores em vivenciar as aulas práticas estava relacionada à estranheza que sentiam em seu corpo, que parecia proporcionar certo desconforto e desconhecimento naqueles movimentos específicos da técnica utilizada. As dificuldades na experimentação talvez fossem geradas por estes terem os níveis de flexibilidade, agilidade, coordenação, força e resistência comprometida pelo sedentarismo instaurado ao longo dos anos, situação atual de parte daqueles corpos presentes. Essa descorporalização vai ocorrendo gradativamente, ao longo da vida, e sem nos darmos conta desse processo. Conforme o que nos explica Nóbrega 2005, a descorporalização significa que, ao longo do processo de civilização, identidade, interação, hierarquia social e funcionamento do sistema social foram se tornando independentes das habilidades corporais e aparências do corpo.

Entendemos que, para incorporar os códigos gestuais, só é possível quando se experimenta, prova, treina-se, apropriando-se então dos conhecimentos do corpo, situação necessária para ampliar os códigos gestuais do corpo que dança. O domínio do movimento e a expressão humana se firmam à medida que em nossa formação profissional entendemos que o prazo ou data de validade para conhecermos o corpo tem que se estender ao longo de toda a vida. E ao fazermos parte de um grupo de professores em formação constante, é importante que tenhamos abertura para experimentar novas experiências e manter o corpo disponível para movimentar-se. Para Nóbrega (2005), o movimento tem a capacidade não apenas de modificar as sensações, mas também de organizar o organismo como um todo, considerando ainda a unidade mente-corpo como indispensável na apreensão do conhecimento.

Parece-nos que certa dificuldade gerada na realização dos movimentos, tende a ampliar e interferir até mesmo nas sensações que o corpo pode sentir. À medida que se passa muito tempo negando-se a vivenciar os movimentos na dança, há necessidade de mantermos os estudos com o corpo, e esse estudo se dá com a experimentação de movimentos. Quando o professor que ensina dança encontra dificuldades para manter-se em movimento, é gerada uma barreira que irá dificultar intensamente seu trabalho e sua internalização de parte dos conhecimentos necessários para se ensinar dança. Aqueles que tiveram muitas experiências corporais guardam registros que se mantêm por mais tempo vivos, mas não significa que não precisem manter seus estudos práticos. Aqueles que poucas experiências tiveram precisariam se dispor mais a vivenciar e descobrir as sensações e as possibilidades que só um corpo que vive e tem experiência saberia expressar e ressignificar. Os sabores e dissabores provocados pela motricidade despertam o desejo de buscarmos informações teóricas que justifiquem tais sensações assimiladas, levando-nos a refletir mais e desejar organizar, de modo a melhor ensinar os conhecimentos que se tornam imprescindíveis para aprender e ensinar dança. Partimos, então, nas buscas que nos deem maior segurança na construção de uma base mais sólida, para direcionar nossas aulas de dança. O nosso crescimento e compreensão se dá por meio das vivências práticas e teóricas. Para Varela et al. (1996), a cognição depende da experiência que acontece na ação corporal. Essa ação vincula às capacidades sensório-motoras envolvidas no contexto biopsicocultural. Portanto a percepção e ação são essenciais, inseparáveis da cognição. A cognição emerge da corporeidade, expressa-se na compreensão da percepção como movimento, e não como processamento de informações. Somos seres corporais, corpos em movimento. Para Rengel (2010), a teoria se faz em prática, e a prática formata a teoria, pois elas estão juntas, agindo nos textos do corpo.

De que forma se compreende o corpo, senão pela vivência consigo mesmo? No caso específico da dança, isso é fato. Não é possível apreendermos o movimento e as sensações que ele provoca sem que tenhamos a experimentação como essencial meio para percebermos com propriedade esses sabores e/ou dissabores. Segundo Dias (2011), o saber–fazer, o saber sentir e saber-se humano iniciam-se a partir do corpo. A aprendizagem se dá de forma contínua e constante. Para se ensinar dança, é necessária uma constante reflexão sobre nossas ações e mudanças, caso seja identificada essa necessidade. Nosso corpo no mundo, interagindo com o meio, exerce e sofre influências. Dessa maneira, conhecer, fazer e viver não podem ser considerados de modo estanque; nosso corpo faz parte dessa construção. Para Nóbrega (1999),

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

"(...) através da comunicação entre os sentidos, passamos a compreender a circularidade entre os processos corporais e estados neurais, entre corpo e mente."

O processo de formação dos professores que lecionam dança deveria ser permanente; sabemos que, com o tempo, nosso corpo e nossas condições físicas modificam, mas aprender sobre nós e sobre a vida depende muito mais da nossa disponibilidade e, no caso desse grupo que falamos. Há oportunidade a cada ano para nos vermos em nossas ações, refletirmos e reinvertamos a melhor maneira para manter um trabalho de qualidade no campo da Dança na Escola. Para Marques 2003, seria fundamental que os professores que trabalham com a dança continuassem buscando conhecimento prático-teórico também como intérpretes, coreógrafos e diretores de dança, ou seja, com o fazer pensar dança, e não só com seus aspectos pedagógicos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação estética de professores que lecionam dança parece ser uma preocupação de parcela dos profissionais que trabalham com a educação através da dança, mas talvez pouco discutida. Essa preocupação parte do princípio de que não basta o conhecimento teórico da dança para lecionarmos de maneira satisfatória aulas de dança, tampouco são suficiente as nossas experiências práticas como pré-requisito para melhor ensiná-la.

É muito comum vermos, em nossos momentos de formação de professores que lecionam dança na escola ao longo do ano, uma série de desculpas dos professores que não participaram das vivências práticas, dispondo-se, na maioria das vezes, a participar apenas dos momentos das discussões teóricas. Podemos perceber, nitidamente, que essas ações interferiam em todo o processo e ação desse professor em suas aulas práticas na escola. Isso se torna enfático, no momento em que solicitamos a preparação de um planejamento prévio das aulas de dança, e o professor tem dificuldade em definir os conteúdos que ali descritos darão origem às suas aulas práticas de dança; quando visualizamos a construção coreográfica desse professor e não se traduzem ali conteúdos vivenciados ao longo das formações e, às vezes, causa-nos dúvidas se realmente são ressignificados pelos professores na escola em suas aulas.

Diante disso nos fazemos uma série de questionamentos, tais como: será que esses professores têm conseguido colocar em prática esses conhecimentos, de maneira que tenham significado para os alunos? No caso da realidade do grupo em João Pessoa, o que tem sido prioridade, as aulas de dança permanentes ou a preparação das coreografias para participar da Mostra de Dança?

As vivências em Currais Novos ficaram com uma impressão inicial, e esperamos que esse processo, iniciado em 2011, possa manter-se durante esses anos seguintes, pois acreditamos ter sido um passo importante na direção da qualificação dos professores de dança na escola. Mas não se deveria parar nessa iniciativa, é preciso torná-lo permanente para alcançarmos frutos mais significativos.

Deixamos também algumas questões para refletirmos: A formação para professores não é a manutenção e o reforçar de uma aprendizagem permanente? E as experiências dos professores não devem partir do corpo que ensina dança? Esses conhecimentos e estudos corporeificados são algo que se encerram em algum momento da nossa existência humana? Se isso ocorre em que momento ele se dá? O que pensam os professores de dança a esse respeito? É preciso fazer os professores refletirem a respeito dessa participação parcial nas atividades de formação permanente. O homem é aquilo que experimenta, e essas experiências favorecem a sua construção. Não somos divididos em compartimentos independentes, o cognitivo, emocional, espiritual e corporal. Somos um corpo total.

REFERÊNCIAS

CÉSAR, Adjane Maria Pontes. A História do Ensino da Dança em João Pessoa: precursores e colaboradores. Monografia de conclusão do curso de Pós-Graduação em Dança na Escola. Universidade Federal da Paraíba. 2003

ISBN 978-85-60036-18-9

CORBIN, Alain; FAURE, Olivier; HOLT, Richard; LE MEN, Ségolène; STIKER, Henri-Jaques; VIGARELLO, Georges; ZERNER, Henri. História do corpo; da revolução à Grande Guerra. Tradução: João Batista Kreuch(Parte I e II), Jaime Clasen (Parte III). Revisão de tradução: Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ; Vozes,2008.

DIAS, Maria Aparecida & MELO, José Pereira. A Pedagogia Freinet Corpo e aprendizagem na educação. Revista EDUCAmazônia- Educação Sociedade e Meio ambiente, Humaitá, LAPESAM, GISREA/UFAM/ CNPq/EDUA –ISSN 1983-3423 – Ano 4, Vol VII, n° 2, jul-dez, 2011, pág. 28-44.

GALLOS, S. Ética e cidadania: caminhos da filosofia. Campinas: Papirus, 1998.

MARQUES, Isabel A. Ensino da dança hoje: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 1999._____. Dançando na escola. São Paulo: Cortez, 2003.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Fenomenologia da percepção. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia. Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processo, cognitivos, e curriculares. Educ. Soc., Campinas vol. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago. 2005 599. Disponível em http://www.cedes.unicamp.br

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia. Corporeidade e Educação Física: do copo-objeto ao corpo-sujeito. 2. Ed. Natal, RN: EDUFRN, 2005.

PARÂMETROS Curriculares Nacionais: educação física. Ministério de Educação. Secretaria da Educação Fundamental. 3 ed. Brasília: A Secretaria, 2001.

RENGEL, Lenira. Ler a dança com todos os sentidos. In Teatro e Dança: repertórios para educação (linguagens do teatro e dança e a sala de aula). São Paulo, 2010.

Secretaria da Educação. Teatro e dança: repertórios para a educação / Secretaria da Educação, Fundação para o Desenvolvimento da Educação; organização, Devanil Tozzi, Marta Marques Costa; Thiago Honório (colaborador). RENGEL, Lenira. Ler a dança com todos os sentidos. São Paulo, 2010.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

O TRAUMA INCORPORADO DA VIOLÊNCIA INTRAFAMILAR: REPERCUSSÕES PSÍQUICAS E SOMÁTICAS

Luciana da Silva Revoredo

RESUMO: O trabalho tem como objetivo principal elaborar um diálogo entre a Psicossomática e a Análise Bioenergética, através da discussão, na forma de estudo de caso, do atendimento a duas pacientes com queixas polissintomáticas. Os atendimentos foram realizados em decorrência da elaboração de uma tese de doutorado que tinha o propósito de investigar a eficácia da Análise Bioenergética com pacientes que possuem queixas somáticas. As pacientes em questão foram encaminhadas pelo Hospital Universitário, sendo submetidas a doze sessões de psicoterapia individual. Pesquisadores em neuropsicologia têm desenvolvido pesquisas comprovando as mudanças cerebrais e psicofisiológicas nocivas que os eventos traumáticos podem ocasionar, acarretando sintomas como: ansiedade generalizada, isolamento social, fobias, alucinações e transtornos psicossomáticos. Alterações da memória, mudanças distorcidas na fisiologia cerebral e falta de controle emocional são efeitos frequentes do choque traumático nos seres humanos, que dificilmente são acessados através de intervenções verbais. Decorre desse fato, então, a necessidade de desenvolver estratégias de cuidados que envolvam uma intervenção integrativa mente/corpo, partindo da memória implícita das sensações corporais, ou seja, dos registros que ficam inscritos no funcionamento somático, que, muitas vezes, não conseguem ser acessados à consciência. Apresentaremos um caso em que a história de violência intrafamiliar na infância configurou um sistema de defesas caracterizado pelo apego inseguro ou desorganizado, com dificuldades na elaboração de suas emoções e negação das sensações do corpo. Fenômenos tipicamente esquizoides, como medo da fragmentação, distorções na imagem corporal, raiva assassina e projeções paranoides mantiveram-se constantes, exigindo do atendimento um acolhimento para dar suporte a angústias muitas vezes inomináveis no contexto transferencial. Concluímos o trabalho com a importância de considerar a eficácia da Análise Bioenergética e dos recursos psicocorporais para o tratamento de pacientes traumatizados, enfatizando o vínculo reparador entre terapeuta/cliente.

Palavras-chave: Análise Bioenergética; Violência Intrafamiliar; Processo Saúde/Doença.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PESQUISA

O trabalho apresentado tem como objetivo principal elaborar um diálogo entre a Psicossomática e a Análise Bioenergética, através da discussão, na forma de estudo de caso, do atendimento a uma paciente com queixas polissintomáticas, ou seja, possuía um quadro de várias doenças associadas, com a presença de co-morbidades psiquiátricas, como transtornos de ansiedade e síndrome do pânico.

Os atendimentos foram realizados em decorrência da elaboração de uma tese de doutorado defendida pelo orientador do trabalho e com participação das estudantes (Nascimento, 2012), que tinha o propósito de investigar a eficácia do tratamento em Análise Bioenergética com pacientes que possuem queixas somáticas. As pacientes em questão foram encaminhadas pelo Hospital Universitário da UFRN, sendo submetidas a doze sessões de psicoterapia individual, sendo avaliadas em seus progressos antes e depois do processo psicoterápico, através de testes psicológicos e entrevistas de avaliação.

REVISÃO DE LITERATURA

Nas últimas décadas, a violência tem sido considerada um problema de saúde pública, já que estudos mostram sua correlação com os altos índices de morbidade e mortalidade em todo o mundo. (Ribeiro et. al., 2009) Dentre suas categorias, destaca-se a violência intrafamiliar, conceituada pelo Ministério da Saúde (2002) como toda ação ou omissão que

 ISBN 978-85-60036-18-9

cause danos físicos, psicológicos e prejudique a liberdade e o direito ao desenvolvimento de algum membro da família.

Práticas de violência intrafamiliar contra crianças tornam-se mais preocupantes pela condição peculiar de sujeito em desenvolvimento físico, cognitivo e emocional na qual se encontra. A literatura aponta que a exposição prolongada a essas experiências, consideradas traumáticas, durante a infância, afeta aspectos neuroimunopsicobiológicos desenvolvimentais e estão associadas a graves sintomas psiquiátricos. (Viola et. al., 2011)

A ocorrência de eventos traumáticos no período supracitado tem sido relacionada ao surgimento de psicopatologias na idade adulta, como transtornos afetivos, alimentares, de somatização e de personalidade. Corroborando a afirmação anterior, o estudo de Vitriol G. (2005) encontrou correlação entre transtorno de personalidade desenvolvido na adultez com eventos traumáticos, como abuso físico, violência intrafamiliar e abuso de álcool.

Considerando a visão integral do homem, compreendida pela abordagem psicossomática, na qual o biológico, o psíquico e o social interagem, tornando se indissociáveis (Silva & Muller, 2007), entende-se que um aspecto social, como um trauma gerado pela violência intrafamiliar, pode repercutir em sintomas orgânicos naquele que vivenciou o sofrimento, com o surgimento de somatizações e transtornos somáticos.

O trauma não está na ordem da linguagem, mas é armazenado na memória implícita, sendo expressa pelo corpo através dos comportamentos. Dessa forma, técnicas que se utilizam de recursos psicocorporais contribuem diretamente para a recuperação de tal memória e consequente alteração do estado de consciência, promovendo uma reinterpretação e reconstrução de memórias das experiências vividas, além de uma nova interação e relacionamento com o contexto que a vítima do trauma está enfrentando. Peres et. al. (2005)

Vários desses conceitos serão retomados por Lowen (1993; 2005; 2006) ao discutir a visão da Análise Bioenergética sobre os transtornos psicossomáticos. No entanto suas hipóteses referem-se a compreender a doença psicossomática como resultante de um enfrentamento crônico e defensivo de um estresse traumático vivenciado pelo paciente. Nesse sentido, a doença seria a manifestação de um colapso no funcionamento normal do corpo que se encontra sem recursos para lidar com o estresse, sendo os sintomas a tentativa de superar ou remover o agente estressor e reparar o dano causado.

A doença, nessa leitura, seria interpretada como uma tentativa do organismo de não entrar em contato com as situações estressantes originárias, constitutivas das defesas de caráter, pois o sujeito estaria focado nas suas queixas eminentemente orgânicas. Situações atuais de vida que conduzam o sujeito a uma quebra dos padrões defensivos crônicos predisporiam o organismo a uma hiperativação das respostas de enfrentamento, vulnerabilizando-o para diversas doenças.

Apesar de uma ênfase na dimensão psicológica, percebemos que Lowen (2005) considera existirem vários fatores que confluem para a emergência de um sintoma orgânico, a como: condições desfavoráveis socioeconômicas de vida, nutrição inadequada, inchaço populacional, sedentarismo, poluição, trabalho fatigante. Tais condições configuram o contexto propício para o melhor ou pior enfrentamento dos desafios cotidianos, nos quais as atitudes caracterológicas são os recursos predominantes de que o sujeito se utiliza para tal fim, de acordo com as experiências acumuladas em sua história de vida.

BREVE CARACTERIZAÇÃO DO CASO CLÍNICO

Danúbia tem 43 anos é casada, católica praticante, filha mais velha de uma família de dois irmãos, tendo um irmão dois anos mais novo. Encontra-se atualmente empregada, trabalhando como auxiliar de cozinha/serviços gerais em uma creche municipal durante o dia

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

e concluindo o Ensino Médio à noite. Mora com o esposo, o filho e sua mãe em um conjunto próximo ao centro de Natal, localidade considerada por ela como bastante perigosa. Chegou a relatar vários incidentes de violência. Na verdade, violência é o tema central da psicodinâmica dessa paciente: seu pai, considerado um homem muito violento, falecido há alguns anos, foi um homem marcante em sua história. A paciente conta diversos episódios de brigas constantes deste pai com a sua mãe, ameaças de morte com armas de fogo, facas, geralmente associados a excessos no consumo de álcool. Segundo seu relato, em diversos momentos, ela precisava se interpor entre os pais para tentar evitar que o pai matasse ou batesse na mãe, que fugia para não ser agredida. As violências também aconteciam com o irmão mais novo, que era agredido constantemente pelo pai – uma das imagens evocadas pela paciente mais vívidas em sua memória refere-se à ameaça do pai de matar o filho, caso descobrisse que este pudesse ter algum traço de homossexualidade.

Todo esse contexto psicodinâmico de turbilhão emocional de medo, raiva, tristeza, ressentimento está refletido na sua polissintomatologia. Procurou ajuda médica devido a vários problemas orgânicos: fibromialgia, tendinite no pescoço, dores nas articulações dos joelhos, crises de asma, gastrite associada a quadros de refluxo, hipertensão, manchas de pele, diabetes. Também temos um quadro de obesidade, episódios de compulsão alimentar em decorrência de ansiedade, insônia e sintomas de síndrome do pânico. Existe um medo constante de morrer a qualquer momento, seja assassinada pelo marido, seja em decorrência de suas doenças, que teme ser agravadas.

Em termos diagnósticos, percebemos claramente elementos esquizoides em sua personalidade, caracterizados pelo sentimento de cisão e fragmentação das diversas partes de sua personalidade, bem como fortes tendências de caráter masoquista. Seu corpo possui uma densidade muscular grande, aparentando muita força e contenção, seu andar é pesado e há pouca expressão de feminilidade nos seus comportamentos. Há uma forte tensão diafragmática e um peito bastante encolhido, cortes típicos das estruturas esquizoides, segundo Lowen (1989). Também podemos perceber em Danúbia, numa linguagem pós-reichiana, a presença de um quadro de enfermidade funcional, no qual o comprometimento orgânico é bem definido, com possibilidades de elaboração simbólica da doença um pouco limitadas, devido ao comprometimento orgânico mais severo. No caso apresentado, diferente da paciente anterior, havia uma grande dificuldade de conectar os sintomas orgânicos com possíveis significados simbólicos atrelados a sua história de vida.

CONCLUSÕES

Pesquisadores em neuropsicologia têm desenvolvido pesquisas comprovando as mudanças cerebrais e psicofisiológicas nocivas que os eventos traumáticos podem ocasionar, acarretando sintomas como: ansiedade generalizada, isolamento social, fobias, alucinações e transtornos psicossomáticos. Alterações da memória, mudanças distorcidas na fisiologia cerebral e falta de controle emocional são efeitos frequentes do choque traumático nos seres humanos, que dificilmente são acessados através de intervenções verbais.

Decorre desse fato, então, a necessidade de desenvolver estratégias de cuidados que envolvam uma intervenção integrativa mente/corpo, partindo da memória implícita das sensações corporais, ou seja, dos registros que ficam inscritos no funcionamento somático, que, muitas vezes, não conseguem ser acessados à consciência. Percebemos, no caso acima, que a história de violência intrafamiliar na infância configurou um sistema de defesas caracterizado pelo apego inseguro ou desorganizado, com dificuldades na elaboração de suas emoções e negação das sensações do corpo.

Fenômenos tipicamente esquizoides, como medo da fragmentação, distorções na imagem corporal, raiva assassina e projeções paranoides mantiveram-se constantes, exigindo do atendimento um acolhimento para dar suporte a angústias muitas vezes inomináveis no contexto transferencial. Concluímos o trabalho com a importância de considerar a eficácia da Análise Bioenergética e dos recursos psicocorporais para o tratamento de pacientes traumatizados, enfatizando o vínculo reparador entre terapeuta/cliente.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Políticas de Saúde. Violência intrafamiliar: orientações para prática em serviço / Secretaria de Políticas de Saúde. – Brasília: Ministério da Saúde, 2001. Available from <http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/cd05_19.pdf> access on 30 May 2012.

LOWEN, A. O corpo traído. São Paulo: Summus, 1989.

_____. Exercícios de Bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante. São Paulo: Ágora, 1992.

_____. Amor, sexo e o seu coração. São Paulo: Summus, 1993.

_____. The voice of the body. New York: Bioenergetic Press, 2005.

_____. Uma vida para o corpo: a autobiografia de Alexander Lowen. São Paulo: Summus, 2006.

NASCIMENTO, Périsson D. Análise Bioenergética do Sofrimento Orgânico: Diagnóstico e Eficácia do Tratamento. Tese de Doutorado. São Paulo: PUCSP, 2012.

PERES, Júlio F.P. et. al. Promovendo resiliência em vítimas de trauma psicológico.. Rio Grande do Sul. 2005. Available from <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v27n2/v27n2a03.pdf>. access on 30 May 2012.

SILVA, Juliana D.T. & MÜLLER, Marisa C. Uma integração teórica entre psicossomática, stress e doenças crônicas de pele. Estudos de Psicologia. Campinas. 2007. Available from <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v24n2/v24n2a11.pdf>. access on 30 May2012.

RIBEIRO, Wagner S. et al. Exposição à violência e problemas de saúde mental em países em desenvolvimento: uma revisão da literatura. Rev. Bras. Psiquiatr., São Paulo, 2012. Available from <http://www.scielo.br/scielo.php?s

cript=sci_arttext&pid=S1516-44462009000600003&lng=en&nrm=iso>. access on 30 May 2012.

VIOLA, Thiago W. et. al. Trauma complexo e suas implicações diagnósticas. Rev Psiquiatr. Rio Grande do Sul. 2011. Available from <http://www.scielo.br/pdf/rprs/v33n1/v33n1a10.pdf>. access on 30 May 2012.

VITRIOL G., Verónica. Relación entre psicopatología adulta y antecedentes de

trauma infantil. Rev. chil. neuro-psiquiatr., Santiago, v. 43, n. 2, jun. 2005. Disponible en <http://www.scielo.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0717-

92272005000200002&lng=es&nrm=iso>. accedido en 30 mayo 2012.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

PSICOSSOMÁTICA E DERMATOLOGIA: UMA VISÃO BIOENERGÉTICA

Michele Nobre Borges

RESUMO: O trabalho tem como objetivo principal elaborar um diálogo entre a Psicossomática e a Análise Bioenergética, através da discussão, na forma de estudo de caso, do atendimento a duas pacientes com queixas dermatológicas. Os atendimentos foram realizados em decorrência da elaboração de uma tese de doutorado que tinha o propósito de investigar a eficácia da Análise Bioenergética para pacientes que possuem queixas somáticas. As pacientes foram encaminhadas pelo Hospital Universitário, sendo submetidas a doze sessões de psicoterapia individual. A literatura ressalta a importância de considerar as relações objetais como fundamentais para a compreensão dos problemas dermatológicos, tendo em vista que a pele consiste na superfície de contato com o mundo externo, processadora de estímulos e demarca uma superfície de contorno que diferencia e constitui a integração corpo/psiquismo. Em Análise Bioenergética, é enfatizada a função de contato da pele, seu aspecto expressivo e indicador do potencial de saúde do indivíduo, principalmente em termos do diagnóstico da circulação energética no organismo. Uma das pacientes referidas neste trabalho tinha a dermatite atópica como sintoma principal, e a outra exibia a artrite psoriásica como queixa. Percebemos, no decorrer dos atendimentos, que a possibilidade de remissão dos sintomas foi melhor na paciente com uma psicodinâmica caracteriológica rígida (com dermatite), cujos resultados foram atribuídos pela experiência com os exercícios de *grounding* e técnicas de expressão emocional, além das interpretações analíticas. Já na paciente com psoríase, os resultados foram menos efetivos, tendo em vista que possuía uma dinâmica caracteriológica caracterizada por uma fragilidade egoica, decorrente de experiências de abuso e negligência familiar, dificultando o trabalho corporal, inclusive decorrente dos sintomas somáticos. Concluímos o trabalho com a constatação da importância de considerar um bom diagnóstico e a necessidade de elaborar novos estudos para ampliação da pesquisa.

Palavras-chave: Análise Bioenergética, Psicodermatologia, Processos Saúde/Doença.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PESQUISA

O trabalho apresentado tem como objetivo principal elaborar um diálogo entre a Psicossomática e a Análise Bioenergética, através da discussão e análise do atendimento realizado a duas pacientes com queixas somáticas dermatológicas (uma com artrite psoriásica e outra com dermatite atópica) com a presença de co-morbidades psiquiátricas, como transtornos de ansiedade e síndrome do pânico.

Os atendimentos foram realizados em decorrência da elaboração de uma tese de doutorado defendida pelo orientador e com participação das estudantes/bolsistas, que tinham o propósito de investigar a eficácia do tratamento em Análise Bioenergética com pacientes que possuem queixas somáticas. As pacientes foram avaliadas em seus progressos antes e depois do processo psicoterápico, através de testes psicológicos e entrevistas de avaliação.

CONTRIBUIÇÕES DA PSICOSSOMÁTICA E DA BIOENERGÉTICA PARA A DERMATOLOGIA

A pele é um órgão muito importante na nossa relação com o mundo, pois desempenha o papel de integrar o corpo e o psiquismo, pois é através dela que temos uma superfície, uma membrana de contato que nos delimita e garante nossa identidade psicossomática. Como enfatiza Silva & Muller (2007), as conexões com o sistema nervoso tornam a pele um canal de expressão e percepção das emoções, que são vividas muitas vezes de maneira inconsciente, possuindo um papel mediador em termos interpessoais. Raiva, vergonha, prazer, medo, ansiedade são sinalizados pela pele através de alterações na sua coloração, temperatura, sudorese, dando sinais e códigos que são interpretados nas relações humanas.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO **ISBN 978-85-60036-18-9**

Devido a essa condição expressiva da pele como canal de codificação emocional, podemos inferir que sua fisiologia é decisivamente afetada pela forma como o sujeito vivencia suas questões emocionais. Como princípio psicossomático e bioenergético básico os autores argumentam que as emoções não vivenciadas em sua totalidade, sendo aprisionadas e não verbalizadas, podem vulnerabilizar o organismo e ocasionar o adoecimento, não somente como condição do surgimento, como também no seu agravamento disfuncional. Assim, a pele é um órgão capaz de expressar o potencial de saúde do indivíduo, como enfatizado por Lowen (1995), refletindo sua dinâmica interna, como argumenta Azambuja (2000) ao afirmar a função imunitária e informacional da pele, refletida na imagem de si como sujeito dotado de contorno e limites.

Outro fator complicador diz respeito à pele como mediadora das relações sociais. Vivemos atualmente em uma sociedade que preza por padrões rígidos de normalidade e, nesse sentido, o aspecto estético é um dos mais exigentes e responsáveis pelo grande sentimento de inadequação e estigma sofridos por aqueles indivíduos que não se encaixam nessas demandas. As pessoas portadoras de algum problema dermatológico são exemplo dessa realidade e, com isso, sentem-se insatisfeitas consigo mesmos, vivendo uma constante sensação de discriminação quanto a sua aparência física (Silva & Muller, 2007), reativando muitas vezes relações de rejeição e abandono vividas em um momento primário da vida.

Se pensarmos nesse aspecto, um ponto importante a ser considerado é levantado por autores como Anzieu (1994) e Montagu (1990), que vão teorizar sobre a importância da pele como superfície de contato que guarda memórias das relações intersubjetivas primárias na história do sujeito, principalmente no tocante à integração psicossomática que ocorre no primeiro ano de vida na relação mãe/bebê. Assim, as funções de holding e handling da mãe (Winnicott, 1988), de sustentação e manipulação do bebê, são mediadas pela pele, num constante processo de vínculo e construção de limites no contato que deve possuir a qualidade integradora, suportiva e não invasiva. Dessa forma, a pele delimita a individualidade, o reconhecimento de um corpo diferente do corpo da mãe, sentido num primeiro momento da vida do bebê como “um corpo para dois” (McDougall, 1992). Poderíamos pensar nos problemas de pele como reveladores de dificuldades nesse vínculo primário, fundamental para a constituição do eu, ou seja, a pele adoecida como possibilidade psicossomática de construir um contorno, uma proteção contra a vulnerabilidade subjetiva ou, na linguagem winnicottiana, contra as angústias inomináveis, decorrentes das falhas do desenvolvimento emocional primitivo.

Existe uma congruência dessas ideias com os autores em psicoterapia corporal, ao afirmar que na pele está contido o sentimento profundo do eu, por suas características de processamento de informação e expressão emocional. Navarro (1990) afirma que a pele é o nosso cérebro externo, e suas disfunções expressam uma má formação psicossomática do eu. Faz sentido, pois a pele, como nos situa Boadella (1994), é formada pelo mesmo tecido do sistema nervoso - o ectoderma, e a necessidade de contato físico é vital para o desenvolvimento da neuromuscularidade nos primeiros anos de vida. A Bioenergética reconhece a pele como órgão vital de comunicação, avaliando seus sinais como indicadores diagnósticos do fluxo energético no organismo e utilizando o toque como ferramenta terapêutica essencial para propiciar experiências de contenção, suporte e reconhecimento das necessidades primárias dos pacientes (Lowen, 1990; Hilton, 1996).

DISCUSSÃO CLÍNICA

Uma contextualização das doenças crônicas de pele (dermatite atópica e artrite psoriásica) que as pacientes em questão portam é fundamental nesse momento. A dermatite atópica encontra-se dentro do quadro de manifestações das doenças da tríade atópica (dermatite atópica, asma e rinite alérgica) tendo relação com múltiplos fatores: pessoais, familiares e ambientais (Leite, Leite & Costa, 2007). A definição de Baterman, trazida por Leite et al (2007), para a dermatite atópica, complexa e multifatorial, a qual é caracterizada principalmente pelo sintoma da coceira, é “uma erupção não contagiosa com pequenas vesículas agrupadas, que, após absorção do líquido que elas contêm, evolui para formar escamas e crostas”. Já a artrite psoriásica possui suas causas centradas também em um contexto multifatorial, definida, segundo Schainberg, Favarato e Ranza (2012), “como condição articular inflamatória associada à psoríase cutânea e negativa

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

para fator reumatoide; portanto pode ser distinguida dos outros tipos de artrite essencialmente graças à presença da doença de pele concomitante".

Daniela, 27 anos, casada, mãe de duas filhas, procura ajuda psicoterapêutica para tratar aspectos emocionais associados ao seu quadro de dermatite atópica, que possui poucos resultados com os tratamentos médicos. Isso a deixa numa situação de estresse constante com os sintomas de coceira, que chegam a se tornar feridas em todo o corpo, principalmente em suas extremidades. Seus pais encontram-se atualmente casados, mas em um relacionamento conflituoso, em que o pai é relatado como um homem impulsivo, conquistador e alcoolista, voltado para o prazer; a mãe, uma mulher racional, responsável, trabalhadora e pouco disponível emocionalmente para o contato, com a vida voltada para o dever. A paciente relata uma intimidade maior com o pai, com quem tem uma ligação bastante próxima, diferente da mãe, com quem não se sente à vontade para dividir seus problemas e dificuldades.

Os sintomas começam a partir do nascimento da segunda filha, logo após o parto, evoluindo para uma cronicidade. A sua história é marcada pelo padrão masoquista de autos sacrifício para acompanhar o marido em seus projetos acadêmicos, exigindo constantes mudanças de cidade, sacrificando seus projetos próprios. Temas como autonomia, sexualidade feminina e o tornar-se uma mulher adulta, dona de sua própria vida, podendo experimentar um casamento em que os dois possam ter espaço de projetos compartilhados, foram bastante enfatizados. Os sintomas de dermatite estão bastante associados a sua ansiedade e, a exploração terapêutica das diferentes significações simbólicas da doença levou para a descoberta da relação dos sintomas com a negação de sua sexualidade, da vergonha de ter se tornado mãe solteira na adolescência e dos seus padrões masoquistas de implosão dos impulsos emocionais, principalmente de raiva. Em termos caracteriológicos, essa era uma paciente com defesas bastante evoluídas, com um corpo que tinha uma densidade muscular e um comportamento sedutor, revelando aspectos histéricos e masoquistas na personalidade, evidentes com sua boa capacidade de elaboração dos conflitos. Foi uma paciente que aproveitou bastante as sessões oferecidas, sentindo-se muito gratificada com os exercícios de bioenergética que a ajudaram a reconectar-se com as suas emoções, propiciando um alívio da ansiedade e maior vivacidade no corpo.

Joana, 30 anos, casada, mãe de um filho, também procura ajuda psicológica em decorrência de um quadro de artrite psoriásica que não possui melhora nos tratamentos médicos. Com um quadro bastante grave, sua vida era limitada de maneira considerável, pois tinha dificuldades de andar, de fazer atividades diárias, além do estigma decorrente das placas em todo o corpo, despertando reações de aversão nas pessoas a sua volta, dificultando o convívio social. Em sua história, relata um abandono por parte dos pais, sendo criada com o irmão mais novo na casa de sua avó materna, junto a onze tios. Possui a sensação de ter sido abandonada, esquecida e de não ter lugar nessa família, pois não tem lembranças de momentos de carinho com essa avó, estando em creches durante quase toda a infância. Um ponto decisivo na sua história diz respeito a um abuso sexual sofrido por um dos tios que se prolongou por muitos anos, com constantes ameaças, sentido como um evento profundamente traumático, impedindo-a de confiar nos homens e na própria sexualidade. Além dessas questões, diversos eventos de violência que ocorreram em sua família são relatados pela paciente, num contexto bastante desfavorável para o seu desenvolvimento, deixaram-na numa situação de estresse constante durante a infância.

Os sintomas da doença já eram sentidos esporadicamente, mas de maneira bastante fraca, durante a adolescência. Com o casamento e após o parto do seu filho, o quadro evoluiu de maneira rápida e grave. Com a piora de seu quadro, ela precisou mudar para a capital para realizar o tratamento, junto com o esposo e o filho, condição que deixou a família em uma situação extremamente difícil em termos econômicos, pois precisaram deixar os trabalhos onde moravam e viver de ajuda financeira da previdência e de programas sociais governamentais, sem uma rede maior de suporte da família extensa. A frequência nas sessões foi muito prejudicada por sua condição orgânica, que a impedia de se deslocar para o atendimento em vários momentos, além das dificuldades vivenciadas em lidar com a ansiedade do marido e do cuidado com o filho de três anos, que exigia muito a sua atenção. Durante as sessões, percebemos a configuração de defesas esquizoides muito frágeis, reveladoras de um ego fragmentado, esgotado na tentativa de

 ISBN 978-85-60036-18-9

lidar com as adversidades internas e externas. Havia uma dificuldade no contato e na elaboração dos seus conteúdos, principalmente os medos e raivas associados à experiência traumática vivenciada na infância, bem como uma experiência de desconfiança e medo das sensações corporais vivenciadas nos exercícios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura ressalta a importância de considerar as relações objetais como fundamentais para a compreensão dos problemas dermatológicos, tendo em vista que a pele consiste na superfície de contato com o mundo externo, processadora de estímulos, e demarca uma superfície de contorno que diferencia e constitui a integração corpo/psiquismo. Em Análise Bioenergética, é enfatizada a função de contato da pele, seu aspecto expressivo e indicador do potencial de saúde do indivíduo, principalmente em termos do diagnóstico da circulação energética no organismo. Percebemos, no decorrer dos atendimentos, que a possibilidade de remissão dos sintomas foi melhor na paciente com uma psicodinâmica caracteriológica rígida (com dermatite), cujos resultados foram atribuídos pela experiência com os exercícios de *grounding* e técnicas de expressão emocional, além das interpretações analíticas. Já na paciente com psoríase, os resultados foram menos efetivos, tendo em vista que possuía uma dinâmica caracteriológica caracterizada por uma fragilidade egoica decorrente de experiências de abuso e negligência familiar, dificultando o trabalho corporal, inclusive decorrente dos sintomas somáticos. Concluímos o trabalho com a constatação da importância de considerar um bom diagnóstico e a necessidade de elaborar novos estudos para ampliação da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Anzieu, D. (1994). O eu pele. SP: Casa do Psicólogo.

Azambuja, R. (2000). Dermatologia integrativa: a pele em novo contexto. Anais

Brasileiros de Dermatologia, 75 (4), 393-420.

Boadella, D. (1994) Correntes da vida: uma introdução a biossíntese. SP: Summus.

Hilton, R. (1996) O toque em psicoterapia, in: Hudges, L. (org). Terapeutas em risco: perigos da intimidade da relação terapêutica. SP: Summus.

Leite, R.M.S., Leite, A.A.C., & Costa, I.M.C. (2007). Dermatite atópica: uma doença cutânea ou uma doença sistêmica? A procura de respostas na história da dermatologia. Anais Brasileiros de Dermatologia, 82(1), 71-78.

Lowen, A. (1990). Bioenergética. SP: Summus.

_____. (1995). A espiritualidade do corpo. SP: Cultrix.

McDougall, J. (1992). Os teatros do corpo. SP: Martins Fontes.

Montagu, A. (1990). Tocar: o significado humano da pele. SP: Summus.

Navarro, F. (1990). Somatopsicodinâmica das biopatias. RJ: Relume Dumará.

Schainberg, C.G., Favarato, M.H.S., Ranza, R. (2012). Conceitos atuais e relevantes sobre artrite psoriásica. Revista Brasileira de Reumatologia, 52(1), 92-106.

Silva, J.D.T., & Muller, M.C. (2007). Uma integração teórica entre psicossomática, stress e doenças crônicas de pele. Estudos de Psicologia, 24(2), 247-256.

Winnicott, D. (1988). Natureza humana. RJ: Imago.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

CAMINHOS FILOSÓFICOS DAS ARTES MARCIAIS: O PAPEL DO MESTRE NA EDUCAÇÃO DO SER

Luiz Arthur Nunes da Silva
Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED / UFRN

RESUMO: A pesquisa aborda uma reflexão sobre a filosofia das Artes Marciais e o papel do Mestre no processo da Educação para a formação do ser humano, mostrando as contribuições filosóficas e o engajamento do corpo nessa ação, dos princípios filosóficos à aprendizagem para a vida. Essa questão suscitará a investigação e a reflexão sobre o papel dos Mestres e os possíveis caminhos comuns das relações entre corpo e educação a partir das Artes Marciais. A interpretação privilegiará uma reflexão embasada nas principais convergências filosóficas de algumas Artes Marciais, tendo por norte o olhar atenuado e as concepções do grande disseminador dessa educação: o Mestre. Assim, a investigação da temática abordada leva-nos a privilegiar a descrição das experiências vividas desses Mestres. Dessa forma, recorreremos como referência metodológica à atitude fenomenológica proposta pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty, já que buscaremos incorporar um estilo aportado na descrição da experiência vivida. Para tanto, direcionaremos nossa pesquisa a partir de entrevistas e conversas em que o procuraremos tratar de questões que darão margens a acender as experiências desses Mestres, ao mesmo tempo em que nos proporcionarão refletir sobre elas. Por fim, buscaremos apresentar indicadores para pensar a formação do ser humano a partir da filosofia das Artes Marciais, partindo de reflexões sobre educação e corpo. Dessa forma, as noções retratadas nos permitirão refletir sobre a função do Mestre nas Artes Marciais e sua relação característica com seus discípulos, de forma a transfigurar a aprendizagem a partir da cultura, vislumbrando a educação de um ser expressivo, do corpo, do legado, dos princípios filosóficos e desses mundos simbólicos.

Palavras-chave: Educação. Filosofia das Artes Marciais. Formação do Ser.

OS PRIMEIROS PASSOS DA JORNADA

Pesquisar é o processo de ir além, de seguir ou criar caminhos, de percorrer lugares que por muitas vezes trazem em respostas que divergem e convergem ao mesmo tempo em que se complementam. Assim, toda e qualquer pesquisa, estudo ou levantamento, dá-se nessa inquietação pessoal do não contentamento com algo que deveria ser revisto, reavaliado, e, dependendo, ressignificado, para contemplar a melhoria do mundo de um ou mais sujeitos. Foi assim que o homem evoluiu e é assim que se dá o processo histórico de nossa cultura, de nossa sociedade e também do desenvolvimento científico.

Nesse mesmo contexto, a ideia que se tem da formação do ser humano na sua mais complexa concepção deve atender as diversas formas que este tem de interagir com o mundo. Pensar nesse sujeito, nesse homem, nesse corpo que, a partir das relações entre a emoção, o pensamento e o movimento, interagem ao mesmo tempo em que se desenvolvem, é pensar que somos reflexos de nossas próprias ações.

Refletir sobre o corpo é discorrer nas suas diferentes concepções de entendimento, bem como as dicotomias que se deparam tentando decifrá-lo. Diversos são os estudos que tentam entendê-lo e mais ainda são as problemáticas em tentar estudá-lo. Não é de hoje que se realizam estudos a respeito de seu juízo, porém sua compreensão vai atrelando a cada dia novas perspectivas. Dessa forma,o corpo passa a ser concebido como elemento primordial da essência dos sujeitos na realidade da vida, que se compõe a partir da interação dos aspectos biológicos, culturais, sociais, históricos, sensíveis, entre outros.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

Perante essas novas perspectivas que vêm surgindo sobre o corpo, é importante traçar investigações sobre diferentes aspectos que o englobam, problematizando-o em diferentes esferas e em diferentes propostas, para que através dessa atividade contínua possamos, talvez, desvendá-lo em alguns de seus sentidos, em algum dos seus espaços. E é destacando um desses espaços que traremos o papel do Mestre na educação para a formação do ser humano na sua mais completa totalidade. Fala-se, aqui, da educação para a vida, privilegiando o sujeito na sua formação integral. E é nessa relação educacional que traremos as Artes Marciais enquanto aporte filosófico em diálogo com a fenomenologia de corpo de Merleau-Ponty.

Quando me refiro às Artes Marciais, faço referência à reminiscência cultural e histórica que perpassa sociedades, épocas e é atribuída a muitos sentidos significativos na formação do ser humano. Por se tratar de uma tradição milenar que se dá a partir da aprendizagem da cultura, é passada de geração em geração em seu sentido mais essencial, permeando de forma acentuada uma ligação mais que afetiva entre seus disseminadores e seus aprendizes. E é nessa inter-relação de Mestre e discípulo que se faz contínua a disseminação dessas experiências, desses aprendizados.

A fim de atrelar o corpo e a educação em seus significados mais amplos e em sua expressão máxima, já que esse corpo não está somente na educação, mas ele é a educação, direcionaremos nosso olhar para a filosofia das Artes Marciais, norteada pelos princípios morais e éticos dos Mestres, e o favorecimento de sua prática para a formação dos sujeitos numa visão integral, situado-o num mundo vivo que, quanto mais se conhece, mas se apropria.

Essa atitude de entrelaçar o papel da educação com a prática das Artes Marciais dá-se principalmente pela escassez em que se encontram os estudos nessa área. Também, por estar atrelada à vivência prática do autor deste trabalho enquanto discípulo, atleta, aluno e agora pesquisador na Arte do Taekwondo, penso estar colaborando para uma melhor compreensão desta temática em nosso meio.

Entendemos que a escuta do corpo pode orientar as referências de aprendizagem e de educação que se transfiguram em um sentido de aproximação nas relações estreitas entre Mestre e discípulo nas Artes Marciais. Dessa forma, refletir sobre as experiências desses Mestres com o intuito de dialogar e articular esses saberes que são passados, traz-nos uma maior compreensão dos sentidos que se fazem presentes nessa relação.

Sendo assim, o objetivo deste estudo é refletir sobre as contribuições filosóficas das Artes Marciais em diálogo com as experiências vividas dos Mestres, para compreender como essa relação sensível com o discípulo se expressa na Educação e na formação desses seres humanos. Para tanto, buscaremos compreender e identificar as significações do corpo na filosofia das Artes Marciais; discutir a relação entre corpo e a educação a partir dessa filosofia, baseados nos princípios de moral e ética; dialogar entre as experiências vividas pelos Mestres e de que forma eles transmitem suas sabedorias, para que possam contemplar a educação para a vida de seus aprendizes.

Dessa forma, identificaremos elementos como a estética das sensações nas relações entre as Artes Marciais e o corpo, principalmente, na relação entre Mestre e discípulo, contemplando uma educação do Ser que se envolve na afetividade de ambos, despertando o conhecimento, a ética, a moral e princípios norteadores para uma educação vital.

Ao concretizarmos isso, pensamos estar contribuindo para a ampliação dos estudos acerca de propostas reflexivas sobre a educação. E, mais do que isso, estaremos oferecendo subsídios que ultrapassam a forma de como lidar com esses corpos, visando a uma prática consciente e à formação do individuo para a vida. Assim, teremos um melhor entendimento do trabalho dos Mestres de Artes Marciais visando esses corpos, a partir das propostas filosóficas que se encontram em sua mais pura essência.

Por conseguinte, as reflexões encontradas neste trabalho oferecerão informações que nos oportunizarão refletir sobre os conteúdos filosóficos das Artes Marciais para a Educação.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

LONGOS CAMINHOS... MAIORES AS EXPERIÊNCIAS VIVIDAS

O conhecimento histórico que se faz de um objeto de estudo sempre se mostra relevante. No caso do estudo do corpo nas Artes Marciais, isso se faz essencial, porque, somente ao se conhecer os sentidos e os significados empregados nestes, podemos compreender de forma generalizada sua relação e seu efeito.

A priori, é preciso estabelecer a diferenciação entre Artes Marciais e lutas, que muitas vezes é compreendida de maneira errônea, sendo até empregada em alguns contextos com mesmo significado. Artes Marciais são disciplinas físicas e mentais codificadas em diferentes graus, que têm como objetivo principal um alto nível de desenvolvimento de seus praticantes na sua total integridade. São atividades corporais de ataque e defesa, podendo também – e não somente – ser caracterizadas como lutas (DRIGO, 2005). As lutas, por sua vez, são práticas que possuem combates diretamente corporais (LOURENZO; SILVA; TEIXEIRA, 2009). A principal diferença entre as duas é que os praticantes de Artes Marciais, principalmente as de origem oriental, consideram que os conteúdos da cultura de origem dessas atividades teriam uma orientação proveniente de uma "filosofia" (de vida).

Sabe-se que, no Oriente, essas Artes Marciais apresentam-se ligadas diretamente a outras atividades do cotidiano das pessoas, como a escrita, o cultivo, a jardinagem, a culinária, compondo o modo de vida de seus povos há milênios e sendo amplamente difundidas e valorizadas (BREDA *et al.*, 2010). Como vemos, as Artes Marciais são parte bastante significativa do legado cultural das civilizações orientais. Muito de seu pensar e agir, em essência, repousa na base comum de toda filosofia das inúmeras Artes Marciais existentes, que buscam o equilíbrio harmonioso em seu contexto mais amplo. Em relação a esse corpo que se mostra presente nesse contexto social, todavia, baseados nos estudos da fenomenologia, Mendes e Nóbrega (2009, p. 6) reconhecem que:

> [...] ao envolver a relação entre corpo, natureza e cultura, configura-se como um conhecimento que vai sendo construído e reconstruído ao longo de nossas vidas e da história. Um conhecimento marcado pela linguagem sensível, que emerge do corpo e é revelada no movimento que é gesto, abarcando os aspectos bioculturais, sociais e históricos, não se resumindo às manifestações de jogos, danças, esportes, ginásticas ou lutas, mas abrangendo as diversas maneiras como o ser humano faz uso do ser corpo, ou seja, como cria e vivencia as técnicas corporais.

Ao tecermos essa relação teórica proposta por Mendes e Nóbrega (2009), passamos a refletir sobre uma concepção de corpo que busca superar as conhecidas dicotomias, por exemplo, entre corpo e mente, e apontam para uma compreensão de corpo pleno, de historicidade e subjetividade.

Visto isso, ao pensarmos nas convergências dos princípios que se enraízam nos valores das Artes Marciais, vemos que estes são retratados através da disseminação cultural que passa de geração em geração e vem repercutindo por milênios de existências, cabendo ao Mestre o papel preponderante dessa ação. Achar, então, o ponto chave que norteia as Artes Marciais é discorrer a essência das formas que são empregadas para a consolidação do caráter pessoal de quem as pratica.

Funakoshi[35] (1988), ao falar sobre este processo que leva a formação do caráter de um indivíduo envolto na prática da uma Arte Marcial, afirma que:

> Se o caminho atrai uma pessoa para percorrê-lo, ele floresce; caso contrário ele definha. O caminho do Karatê pode ser chamado como justiça de um *budô*[36] que se manifesta de forma nova e que busca zelosamente pessoas que por ele sigam (FUNAKOSHI, 1988, p. 11-12).

35 Fundador da Arte Marcial: Karatê.
36 Tradução Literária para a Arte Marcial: Judô.

 ISBN 978-85-60036-18-9

A ideia de restringir nosso foco no sentido do corpo – que aqui se entende como o "Eu" em situação com o mundo – dentro das Artes Marciais, significa reforçar a relação de suas práticas e a formação educacional do ser humano que está nela envolta.

Mas de que prática é essa de que estamos falando? Em primeira instância, queremos deixar claro que essa tendência que se tem ao falar de Artes Marciais deve estar muito além de somente descrever movimentos que lhe trarão condição e preparação física. Deve-se entender aqui a prática de maneira integral, a consolidação do corpo e da mente, da carne e do espírito que agem no mesmo sentido, intensificando sua associação em construção igualitária, cujo legado que é transportado por todos esses séculos apresenta-se como valores de disciplina, respeito, humildade, cortesia e autocontrole que vingam como filosofia.

Ao refletir sobre essa prática dentro do contexto das Artes Marciais, Santos (2009, p. 7-8), afirma que:

> [...] quando Jigoro Kano criou o judô ele definiu objetivos para esta arte, que não se limitavam a questões práticas, mas sim um judô que fosse trabalhado como forma de desenvolver o caráter, a moral, autodomínio, autoconhecimento, respeito mútuo, entre outros.

Com base nessa concepção, Jigoro Kano, segundo Virgílio (1994), propõe, através dos fundamentos que lhe propiciaram a formação do "caminho suave"[37], que essa prática tivesse sua filosofia voltada no sentido do aperfeiçoamento moral, ético e espiritual, além de físico e intelectual, preconizando a *Paidéia*, ou seja, a formação integral do ser humano. Para ele a prática da Arte Marcial deveria propiciar o desenvolvimento do caráter do indivíduo, de forma a compreender toda a ação global da intencionalidade que ali se faz presente.

Assim, como afirma Mendes e Nóbrega (2004, p. 130):

> [...] a intencionalidade dos gestos expressa a maneira única de existir no ato do momento vivido, uma vez que o corpo humano, por estar atado ao mundo através de uma relação dinâmica, atribui sentidos que se renovam conforme a situação.

Ou seja, deve-se entender que todo corpo que se movimenta expressa desejos, sentidos, significados únicos, referentes a quem os realiza. Nesse sentido, devemos entender o corpo, nas Artes Marciais, como um corpo que age, se educa, aprende, ensina e expressa sentimentos, um objeto pluralizado e que atrela todos os significados que lhe foram lapidados.

Ainda, para Merleau-Ponty (1999, p. 212), este corpo deve ser entendido como:

> [...] um conjunto de significações vividas que caminha para seu equilíbrio. Por vezes forma-se um novo nó de significações: nossos movimentos antigos integram-se a uma nova entidade motora [...] repentinamente nossos poderes naturais vão ao encontro de uma significação mais rica que até então estava apenas indicada em nosso campo perceptivo ou prático, só se anunciava em nossa experiência por uma certa falta, e cujo advento reorganiza subitamente nosso equilíbrio e preenche nossa expectativa cega.

Dessa forma, dialogando com os estudos da fenomenologia do corpo de Merleau-Ponty e a filosofia das Artes Marciais, o corpo passa a ser entendido sob novos olhares. Ao pensarmos sobre o corpo, devemos compreendê-lo como aspecto primordial da existência

37 Processo de educação em sua forma verdadeira, sua forma natural e genuinamente humana.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

humana, já que ele "é a medida da nossa existência no mundo". Além disso, "o corpo não é uma coisa, nem ideia, o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo, historicidade e expressão criadora". Assim, concebemos que o corpo é um múltiplo de dimensões que não se fragmentam, mas, ao contrário, complementam-se para caracterizar cada sujeito (NÓBREGA, 2010, p. 15-47).

Ainda na concepção fenomenológica, consideraremos o mundo vivido dos Mestres para evidenciarmos melhor a compreensão desse fenômeno por nós observado.

Para tanto se fará necessário, ainda, considerar o mundo vivido e as experiências do pesquisador. De forma a narrar a temática proposta, este estudo trará também minhas experiências como discípulo de Artes Marciais, como aprendiz frente a esses Mestres, como instrutor e como pesquisador, o que me possibilitará encarnar um leque de significados sensíveis em minha educação e em minha existência.

A fenomenologia reconhece a descrição da memória corpórea na trajetória de minhas experiências vividas. Dessa forma, esta pesquisa tem o intuito de ir além das significações dos Mestres em Artes Marciais, pois emergirá sobre o mundo vivido do pesquisador, onde evocarei minhas experiências vividas principalmente nas Artes Marciais e a sensível relação enquanto discípulo frente a esses Mestres.

Com base nas reflexões, evidenciamos que a compreensão da educação e do corpo nas Artes Marciais sempre esteve permeada de inscrições da área que o investiga e das influências do contexto estudado. Sendo assim, as diferentes compreensões a respeito desse corpo fornecerão as informações necessárias para que, através de suas disposições, possamos pensá-lo e compreendê-lo de uma forma mais esclarecedora para posteriores intervenções. Ainda, ampliarmos nossas reflexões acerca do corpo e sua relação com as Artes Marciais, norteados pelo pensamento fenomenológico, aprofundaremos os estudos durante o desenvolvimento dessa pesquisa em autores como: Foucault (1991), Maffesoli (1998), Maturana e Varela (1997, 2001), Merleau-Ponty (1975, 1992, 1999), Nóbrega (2005), Silva (2001), Kunz (1991) entre outros.

Bem como, dialogaremos com as contribuições filosóficas dos principais fundadores, idealizadores e disseminadores das Artes Marciais orientais mais difundidas, como: Jigoro Kano (Judô), Gichin Funakoshi (Karatê), Choi Hong Hi (Taekwondo), Young Sool Choi (Hapkido), Morihei Ueshiba (Aikido), Chang San Feng (Tai Chi Chuan), dentre outros.

COMO CAMINHAR...

A investigação da temática abordada leva-nos a privilegiar a descrição da experiência vivida. Dessa forma, recorreremos como referência metodológica à atitude fenomenológica proposta pelo filósofo Maurice Merleau-Ponty. Assim, buscaremos incorporar um estilo aportado na descrição da experiência vivida, lançando nosso olhar sobre o fenômeno que se encontra aberto às reflexões por ele propostas.

Ao adotarmos esse caminho metodológico de natureza fenomenológica, também elucidaremos o cenário estético e sensível na existência do Ser, tal como este tem consciência de ser parte do mundo, por ser mundo. Dessa maneira, o pensamento fenomenológico assume uma postura que possibilita dialogar entre Educação, nas Artes Marciais, através da aprendizagem da cultura e pela cultura.

Partindo do pressuposto de que essa descrição da experiência vivida é, antes de tudo, a atitude fenomenológica de refletir sobre o vivido, do qual *"eu sou a fonte absoluta; de meu ambiente físico e social, ela caminha em direção a eles e os sustenta, pois sou eu quem faz ser pra mim"* (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3), tomo o método fenomenológico como o chão do caminho nesse trajeto, para pensar o papel do Mestre para com a educação e a expressão do "Eu" corpo que está atrelado a esse fenômeno.

 ISBN 978-85-60036-18-9

Nessa concepção de reflexão, Merleau-Ponty (2011) afirma:

> Eu comecei a refletir, minha reflexão sobre o irrefletido, ela não pode ignorar-se a se mesma como acontecimento, logo ela se manifesta como uma verdadeira criação, como uma mudança de estrutura da consciência, e cabe-lhe reconhecer, para aquém de suas próprias operações, o mundo que é dado ao sujeito, porque o sujeito é dado a si mesmo (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 5).

> A reflexão não se retira do mundo em direção à unidade da consciência enquanto fundamento do mundo; ela toma distância para ver brotar as transcendências, ela distende fios intencionais que nos ligam ao mundo para fazê-los aparecer, ela só é consciência do mundo porque revela um estranho paradoxal (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 10).

Desvendar, então, essa forma de descrever o mundo vivido seria relacionar o fenômeno que fora percebido aos sentidos incorporados à existência. Dessa forma, "*aprendemos que nesse mundo é impossível separar as coisas de sua maneira de aparecer"* (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 56). "*A percepção não é uma ciência do mundo, não é nem mesmo um ato, uma tomada de posição deliberada; ela é o fundo sobre o qual todos os atos se destacam e ela é pressuposta por eles"* (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 6).

A partir disso, direcionaremos nossas reflexões à concepção em Merleau-Ponty sobre a fenomenologia e seu diálogo com a filosofia das Artes Marciais. Com base nesse direcionamento, nossas análises ao ambiente da fenomenologia, de acordo com Nóbrega (2010, p. 38), "é antes de tudo, a atitude de envolvimento com o mundo da experiência vivida, com o intuito de compreendê-la".

Para este estudo sobre as Artes Marciais e sobre a fenomenologia de Merleau-Ponty faremos um levantamento bibliográfico e elencaremos textos (livros, artigos, revistas, periódicos e etc.), bem como discussões dessa temática com autores competentes nessa esfera, para que corroborem tal referência. Esclareceremos, também, que, durante o desenvolvimento da pesquisa, serão traçados levantamentos de referenciais teóricos mais emblemáticos, que contemplem as necessidades sobre esta temática.

Assim, entendemos que essa opção metodológica oferecerá os encaminhamentos necessários para nossa pesquisa, através da descrição dos fenômenos no universo das Artes Marciais, do corpo e da formação do ser humano, articulando conceitos que nos direcionarão a reflexões e conduzirão discussões para que se possa atender nosso objetivo geral.

Nessa nossa jornada, desbravaremos mundos onde, nas conversas e nos relatos (entrevistas) dos Mestres que iremos encontrar, traçaremos reflexões que trarão aprendizagem significativa para a educação do Meu ser. E, como bom discípulo, farei uso dessas conversas para pensar os relatos de vida desses Mestres; suas experiências nas Artes Marciais; o sentido que se tem na relação Mestre e discípulo e como se dão os aspectos educacionais provenientes dessa relação.

Como um andarilho que perpassa sua vida desbravando caminhos e incorporando as experiências vividas por eles, traçarei esta pesquisa em cima dos ensinamentos que obtiver em meu trajeto e, principalmente, na relação com esses Mestres.

Esta pesquisa encontra-se em andamento. O roteiro das entrevistas, que se dará na forma semiestruturada, já está pronto para ser empregado para a obtenção dos relatos frente aos Mestres de Artes Marciais, bem como as reflexões acerca de corpo estão sendo tratadas junto às obras de Merleau-Ponty.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

REFERÊNCIAS

BREDA, M. et al. **Pedagogia do esporte aplicada às lutas.** São Paulo: Phorte, 2010.

DRIGO, A. J. et al. **A cultura oriental e o processo de especialização precoce nas artes marciais.** Revista Digital, Lecturas: Educacion Física y Deportes. Buenos Aires - Ano 10 – Nº 86 Julho de 2005.

FOUCAULT, M. **Vigiar e punir: História da violência nas prisões.** 9 ed. Trad. Lígia Vassalo. Petrópolis: Vozes, 1991.

FUNAKOSHI, G. **Karate-do Nyumon: texto introdutório do mestre.** São Paulo: Cultrix, 1988, p. 11-12.

KUNZ, Elenor. **Educação Física:** ensino e mudanças. Ijuí: Unijuí, 1991.

LOURENZO, E.; SILVA, F.; TEIXERA, S. **O ensino de lutas na Educação Física: construindo estruturantes e mudando sentidos.** 2009. (<http://wwwfundacaohantipoff.mg.gov.br/pdf/tabloidelutasedfisica.pdf>). (Aces-so em 15 mar. 2009).

MENDES, Maria Isabel Brandão de Souza; NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. **Corpo, natureza e cultura: contribuições para a educação.** Revista Brasileira de Educação. Nº 27, p. 125-137, set/out/nov/dez, 2004.

_____. **Cultura de movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura.** Rev. Pensar a prática, vol. 12, nº 2, p. 1-10, maio/ago. 2009.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **A estrutura do comportamento.** Trad. José Anchieta Corrêa. Belo Horizonte: Interlivros, 1975.

_____. **O visível e o invisível**. 3 ed. Trad. Artur Gionotti; Armando Mora. São Paulo: Ed. Perspectiva, 1992.

_____. **Fenomenologia da percepção.** 2 ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Conversas (1948).** São Paulo: Editora Martins Fontes, 2004.

_____. **Fenomenologia da percepção.** 4ª ed. Trad. Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2011.

MAFFESOLI, Michel. **Elogio da razão sensível.** Trad. Albert C. M. Stuckenbruck. Petrópolis: Vozes, 1998.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **A árvore do conhecimento: as bases biológicas do entendimento humano.** Trad. Jonas Pereira dos Santos. São Paulo: Editorial Psy II, 2001.

_____. **De máquinas a seres vivos: autopoiesi – a organização do vivo.** 3 ed. Trad. Juan Acunã Llorens. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. **Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito.** 2 ed. Natal(RN): EDUFRN, 2005.

_____. **Uma fenomenologia do corpo**. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

SANTOS, S. H. S. M. **Características sociais do judô na escola.** 2009, p. 7-8. (<http://www.fpj.com.br/artigos/2009_artigo_csje.pdf>). (Acesso em 17 out. 2010).

SILVA, Ana Márcia. **Corpo, ciência e Mercado: reflexões acerca de um arquétipo de felicidade.** São Paulo: Autores Associados: Florianópolis: Editora da UFSC, 2001.

VIRGILIO, S. **A Arte do Judô.** 3ª ed. Porto Alegre: Rigel, 1994.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

DO CORPO: UM DIÁLOGO ENTRE A FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY E A FILOSOFIA DO AIKIDÔ

Moaldecir Freire Domingos Junior
Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED / UFRN

RESUMO: O presente artigo é parte de um Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Educação Física pela UFRN. Aqui, apresentamos um recorte da pesquisa que teve como objeto de estudo a compreensão de corpo na filosofia do *Aikidô*. Assim, tivemos a seguinte questão de estudo: qual a compreensão de corpo na filosofia do *Aikidô*? A partir dessa questão que nos colocou em movimento, o estudo teve como objetivo refletir sobre o corpo na filosofia do *Aikidô*. Foi um trabalho filosófico inspirado na Fenomenologia de Merleau-Ponty, e para esse pensador, a Fenomenologia é o estudo das essências que estão imbricadas na existência. Para compreender o corpo no *Aikidô*, partimos da noção de corpo em Merleau-Ponty a partir das seguintes categorias: a *cinestesia e o corpo na relação com o outro*. Descrevemos essas categorias a partir do estudo sobre o *Aikidô,* através de observações livres, considerando nossa experiência vivida na Academia Central de *Aikidô* da Natal e com a interpretação de dois livros, a saber: O Espírito do *Aikidô* e a filosofia do *Aikidô*. Assim, tendo em vista o movimento epistemológico que tem ocorrido na Educação Física brasileira há aproximadamente três décadas, em especial aqueles que buscam superar uma visão mecanicista e reducionista do corpo, concluímos que a compreensão de corpo na filosofia do *Aikidô* pode contribuir para fortalecer esse movimento sobre um novo olhar ao corpo por meio da experiência cinestésica e de sua atitude filosófica. Por fim, a atitude fenomenológica investe na solidariedade dos saberes e culturas, assim como a experiência do *Aikidô*, a Educação Física e a Fenomenologia podem dialogar para construções de espaços que permitam a cinestesia, o compartilhar da técnica e o respeito à existência.

Palavras-chave: *Aikidô*, Corpo, Educação Física.

INTRODUÇÃO

Experiência do silêncio do mundo, percepção dos movimentos da respiração, olhar leve e contemplativo, o *samurai* era aquele que servia ao seu Clã e ao seu líder como projeto existencial e desembainhava sua espada apenas nos momentos inevitáveis, porque ela não era um objeto qualquer, pois simbolizava o espírito do *samurai*. Por trás dessas atitudes estão os sentimentos que caracterizam a ética do *samurai*, esse incomparável caminho do cavaleiro conhecido pelo nome de *bushidô* (HERRIGEL, 2001).

Essa é a tradição que Morihei Ueshiba (1883-1968) retoma e elabora o *Aikidô*, arte marcial japonesa cujo objetivo é a formação do ser humano realizado por meio de um vigoroso treinamento e a obtenção de uma vida dinâmica, quer na atividade, quer na quietude. Para atingir esse objetivo, o homem deve caminhar harmoniosamente com o *Ki*, este entendido como *a energia vital que permeia a existência de tudo e de todos, e é a fonte de toda a energia* (UESHIBA, 2005).

A partir desse breve contexto, este artigo é uma parte do nosso trabalho de conclusão do curso de Educação Física, quando realizamos uma pesquisa sobre a compreensão de corpo na filosofia do *Aikidô,* tendo como norte a questão de estudo: Qual a compreensão de corpo na filosofia do *Aikidô*?

Refletir sobre essa questão foi relevante, pois possibilitou outro olhar sobre o corpo que é visto na nossa realidade ocidental como uma máquina sem sentimentos, pautada na eficiência e produtividade, ou seja, o corpo é um objeto, como nos lembra Le Breton (2011).

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Outro ponto importante diz respeito à produção de o conhecimento sobre as Artes Marciais no campo da Educação Física estar mais vinculado ao paradigma positivista das ciências, como verificamos na elaboração do quadro do estado da arte. Nesse sentido, esta pesquisa aborda a arte marcial numa perspectiva das Ciências Humanas, buscando refletir sobre outros fenômenos que envolvem essa arte.

Assim, nosso objetivo foi refletir sobre o corpo na filosofia do *Aikidô*. Para tanto, nosso estudo foi um trabalho filosófico inspirado na Fenomenologia de Merleau-Ponty. Para esse filósofo, a Fenomenologia é uma filosofia que repõe as essências na existência e pensa que para entender o homem e o mundo deve-se partir da facticidade (MERLEAU-PONTY, 2006).

Para o estudo sobre o *Aikidô*, selecionamos os seguintes livros: O espírito do *Aikidô* de Kishomaru Ueshiba, filho e discípulo de Morihei Ueshiba, e o livro Filosofia do *Aikidô,* escrito por John Stevens, também discípulo do mestre Ueshiba. Nessa pesquisa, esse conjunto de livros foi chamado de filosofia do *Aikidô*, mas ressaltamos que existem outras obras que tratam sobre aspectos filosóficos e técnicos do *Aikidô*.

A elaboração das categorias de estudo funda-se no horizonte aberto pela redução fenomenológica que consiste em refletir sobre essas experiências e atribuir novos sentidos (MERLEAU-PONTY, 2006). Desse modo, a partir das leituras realizadas e com a iniciação ao *Aikidô*, elegemos como categorias de estudo: *a cinestesia* e *o corpo na relação com o outro*. Descrevemos essas categorias a partir do estudo sobre o *Aikidô* obtida através da interpretação dos textos sobre essa arte marcial citados no parágrafo anterior e de observações livres, considerando nossa experiência vivida na Academia Central de *Aikidô* de Natal.

Com esse formato, espera-se dar ao leitor uma compreensão da dinâmica do pensamento em movimento sobre corpo, *Aikidô* e Educação Física.

Notas sobre a História e a Filosofia do *Aikidô*

As primeiras notas da filosofia do *Aikidô* estão relacionadas ao movimento da existência de Morihei Ueshiba, aquele que elaborou essa arte marcial, também chamado de *Ô Sensei,* expressão que significa o Grande Mestre, em japonês. Assim, é importante destacar que o *Aikidô* recebe influências de aspectos gerais que envolvem a cultura japonesa, como o Xintoísmo, Zen-Budismo, *Bushidô* e *Budô*.

Por volta da década de 1920, Ueshiba adotou a arte marcial como estilo de vida, treinando e estudando diariamente. Após ter treinado outras artes marciais, como *Judô, Jujutsu Daito-Ryu, Kenjutsu*, entre outras, ele estabeleceu sua própria forma independente de *Budô*, o *Aiki-bujutsu*. O termo *bujutsu* refere-se aos princípios e técnicas de artes marciais mais antigas; sua inovação aparece no uso do vocábulo *aiki* como uma palavra específica. Na tradição japonesa, existem poucas referências ao termo *aiki* e, quando este aparece, tem sentido psicológico e não parte de uma arte marcial. Essa ideia de *aiki* é uma influência das escolas *Kito* e *Daito* que se baseiam no princípio do *Yin* e do *Yang* e no uso do *ki*, mas seu sentido principal está no próprio treinamento do *Budô*, experiência de vida e compreensão de *ki* do mestre Morihei (UESHIBA, 2005).

No começo da década de 1940, com a Segunda Guerra Mundial, o governo japonês recrutou os jovens para compor a Força Militar e ordenou a unificação dos diversos grupos de artes marciais (*Judô, Kendô, Aikidô*, etc.) para formar a Grande Associação Japonesa da Virtude e das Artes Marciais. Esse fato histórico acarretou a diminuição de praticantes não só de *Aikidô*, mas também de praticamente todas as artes marciais do Japão (BULL, 2008)

Em 1942, o Mestre Morihei oficializa o termo *Aikidô* para designar o seu *Budô*. Ele realiza essa mudança, pois não queria que sua arte fosse obrigada a fazer parte da Grande Associação, embora fosse um patriota. Em outras palavras, ele não queria desenvolver uma arte marcial que fosse utilizada para a Guerra ou para ferir qualquer pessoa. Além disso, ele também alterou o nome, pois o nome *Kobukan Aiki-Budô* dava a ideia de um ramo ou estilo *Kobukan* de outra arte marcial. Assim, afirmou o novo nome *Aikidô* para identificar sua arte como uma forma original e distinta de *Budô*, sendo reconhecida oficialmente (UESHIBA, 2005).

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO
ISBN 978-85-60036-18-9

Essas atitudes de não-violência referente à Guerra, seu sentimento de harmonia, a percepção do corpo e a compreensão da unidade "ki-mente-corpo" descritas na experiência do Mestre, afinam-se com a compreensão de Merleau-Ponty sobre a corpo, como podemos observar na noção de estesia, ou seja, da percepção por meio dos vínculos corporais. Sobre a estesiologia, o estudo do corpo e suas sensações, afirma Merleau-Ponty (1995, p.380):

> Não pode ser questão de analisar o fato do nascimento como se um corpoinstrumento recebesse uma reflexão piloto [à maneira de cartesiana] vinda de outro lugar, ou como, inversamente, um objeto nomeado corpo produzisse misteriosamente a consciência dele mesmo. Não há aqui duas naturezas, uma subordinada a outra, há um ser duplo. Os temas do *Unwelt* [meio ambiente], do esquema corporal, da percepção como modalidade verdadeira, popularizadas pela psicologia ou pela fisiologia nervosa, exprimem a ideia da corporeidade como ser para duas faces ou dois "lados": o corpo-próprio é um sensível e ele é "sentiente", ele é visto e se vê, ele é tocado e se toca e, sob a segunda relação, ele comporta um lado inacessível aos outros, acessível a seu único titular. Ele guarda uma filosofia da carne como visibilidade do invisível.

A longa citação é significativa para esclarecer a noção de estesiologia e sua relação com o corpo sensível. Corpo esse cuja experiência cinestésica pode ser encontrada no *Aikidô,* aqui relatado por meio da narrativa vivida pelo *Ô Sensei*.

A partir da década de 1940, Ueshiba dedicou o resto de sua vida estudando e aprimorando a filosofia e as técnicas do *Aikidô*. Stevens (2004), em seu livro Filosofia do *Aikidô*, apresenta-nos alguns pontos filosóficos que Ueshiba acreditava como importantes para a formação humana.

Nesse sentido, Stevens (2004) afirma que os princípios básicos são as "quatro gratidões": a) *Gratidão para com o Universo,* que significa agradecer pelo dom da vida; b) *Gratidão para com nossos ancestrais e predecessores,* representando ser grato pelos pais, grandes líderes, professores, inovadores, artistas, entre outros; c) *Gratidão para com o próximo*, pois não se pode viver sem relacionamento; e d) *Gratidão para com as plantas e animais, que sacrificam suas vidas por nós*, ou seja, nós existimos às custas de outros seres vivos.

Essas "quatro gratidões" estão diretamente relacionadas a quatro dívidas: a) estamos em débito com o Universo, pela dádiva de seu grande propósito; b) estamos em débito com nossos ancestrais, pela dádiva de nossa existência; c) estamos em débito com os homens e mulheres sábios do passado, pela dádiva de toda cultura humana; e d) estamos em débito com os seres vivos, pela dádiva de proporcionarem o nosso alimento (STEVENS, 2004).

Além dessas gratidões e dívidas, a filosofia do *Aikidô* envolve "quatro virtudes": 1) a virtude da coragem, a vitória que buscamos é sobressairmos a todos os desafios e lutar até o fim; 2) a virtude da sabedoria, o *Aikidô* é a arte do aprender profundo, a arte de conhecer a si mesmo; 3) a virtude do amor, o verdadeiro *Budô* é a função do amor, o caminho do guerreiro não é a destruição e morte, mas experimentar a vida para continuamente criar; e 4) a virtude da empatia, que preconiza a aplicação dos ideais do *Aikidô* nas diferentes esferas das relações humanas, ecológicas, econômicas e na política (*IDEM*).

Para finalizar a estrutura básica dos valores no *Aikidô*, citamos agora os três princípios filosóficos da unidade propostos pelo Ô *Sensei*: 1) *a mente deve estar em harmonia com o funcionamento do Universo;* 2) *o corpo deve estar ajustado com o movimento do Universo*; e 3) *mente e corpo devem ser um só, unificados com a atividade do Universo* (UESHIBA, 2005, p.25).

Morihei Ueshiba criou esses princípios básicos pensando no difícil período pelo qual passava o Japão, dentre os quais podemos citar a rápida modernização e o envolvimento em grandes guerras. Assim Morihei desenvolveu o *Aikidô,* para que qualquer pessoa pudesse treinar

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

e concluiu que o verdadeiro espírito do *Budô* não deve centrar-se em competições e combates, mas buscar a perfeição como ser humano através de treinamento cumulativo, unificando o *ki* individual com o *ki* universal (*IDEM*).

Tem-se que o *Aikidô* é um exercício de aperfeiçoar a nossa condição humana em seus princípios éticos relacionados ao aprendizado e à compreensão das dívidas, ao exercício das gratidões e das virtudes, como enunciado nos princípios básicos dessa arte.

Esses princípios do *Aikidô* harmonizam-se com a filosofia de Merleau-Ponty, por exemplo, ao tratar da noção de *Ineinander* ou inerência, expressão alemã originada na filosofia de Husserl. Esse conceito aborda a relação entre o corpo, a natureza e o outro. Merleau-Ponty entende que essa expressão alemã refere-se à inerência de si ao mundo ou do mundo a si, assim como à inerência de si ao outro ou do outro a si.

> Assim como há *Ineinander* da vida físico-química, realização da vida como prega ou singularidade da físico-química – ou estrutura –, também o homem deve ser tomado no *Ineinander* com a animalidade e a Natureza (MERLEAU-PONTY, 2000, p.335).

Após essa contextualização filosófica e histórica sobre o *Aikidô* e as aproximações com a filosofia de Merleau-Ponty, percebemos que na filosofia do *Aikidô* o corpo é entendido como inseparável tanto da mente quanto da natureza, e o ponto fulcral para essa unidade é o *Ki*. Essas notas históricas e filosóficas, que já se configuram como primeiro momento de interpretação, proporcionam-nos uma base para adentrarmos na descrição da compreensão do corpo no *Aikidô* a partir das categorias: *cinestesia e o corpo na relação com* o *outro*.

A cinestesia e a atitude de reverência

O *Aikidô* carrega a tradição da etiqueta e cortesia japonesa, *Reigi Saho*. *Reigi* significa etiqueta e *Saho*, cortesia. Essas atitudes têm influências do Xintoísmo, Bushidô e Budismo. Desde os tempos antigos do Japão, uma máxima do Budô é: começa com etiqueta e termina com etiqueta. No *Aikidô*, a etiqueta não é ensinada por imposição ou ameaças, antes é a consequência de aprender observando os mais antigos (UESHIBA, 2005).

O professor de *Aikidô,* no início da aula, reverencia o *Dojô* e entra nesse espaço, posicionando-se em *seiza* de frente ao *Kamiza* e de costas para os praticantes. Em seguida, o *Sensei* e os praticantes reverenciam juntos o *Kamiza,* realizando duas vezes o *zarei* (cumprimento sentado), batem duas palmas[38], permanecem em *seiza* até o *Sensei* convidá-los novamente a baterem duas palmas para, por último, realizarem um cumprimento entre professor e aprendizes. De acordo com Stevens (2004), essas reverências no início e fim de um treino refletem o respeito pelos deuses japoneses, pela tradição do *Aikidô*, pelos outros praticantes e por si mesmo. Para nosso estudo sobre a categoria cinestesia, focamos na descrição e sentido da posição *zarei* e *seiza*, posturas importantes para o *Aikidô* e em outras diferentes manifestações da cultura de movimento japonesa.

Segundo Bull (2005), *seiza* representa um retorno a si mesmo e à união com o Universo. Também indica o abandono das coisas exteriores e do pensamento. Nessa posição, encontrar o eixo, perceber o alinhamento da coluna vertebral, a concentração é direcionada para a respiração no centro energético, enquanto que *zarei* é o ato de curvar-se a partir da posição *seiza* com o objetivo de cumprimentar, reverenciar, respeitar, pedir perdão e também deve manter-se o alinhamento da coluna ao realizar esse cumprimento.

Esses dois atos podem propiciar uma experiência cinestésica do praticante de *Aikidô*. No livro Filosofia do *Aikidô*, há uma foto do Mestre Ueshiba na posição *seiza*. Nessa foto, Morihei está praticando o *mokuso,* que em japonês significa a concentração com o praticante sentado em *seiza*. Essa imagem nos mostra a relação do Mestre consigo mesmo e, simultaneamente, sua

38 As palmas são uma influência do Xintoísmo e simbolizam, por meio da vibração, agitar as energias estagnadas que eventualmente estejam impregnando o ambiente (BULL, 2007).

 ISBN 978-85-60036-18-9

relação com o fundo, o mundo. Talvez um observador, na perspectiva objetivista, ao olhar essa imagem, afirme que estar na posição de *seiza* não corresponde uma experiência cinestésica, pois se cinestesia é a percepção do corpo em movimento atado ao mundo, o Mestre está parado, não se desloca, logo não tem como perceber o corpo em movimento.

Para ampliarmos a compreensão dessa noção, é importante recorrer aos estudos da percepção na fenomenologia de Merleau-Ponty relacionadas às ideias da Gestalt de campo, figura-fundo e sensações duplas, como é o caso da mão que toca e é, nesse mesmo ato, tocada. Essa dupla reflexão do corpo supera as antinomias da relação causal entre o corpo-objeto e o corpo-sujeito, realçando a compreensão sensível do corpo em que não há separação entre a ação, o pensamento e as sensações, como já discutidas por meio das noções de estesiologia e *Ineinander* (inerência). Trata-se de outra lógica para compreender o corpo e o movimento humano, uma lógica recursiva em que as ações são complementares.

> Sentir e compreender constituem-se em um mesmo ato de significação, possíveis pela nossa condição corpórea e pelo acontecimento do gesto, cuja estesia inaugura a possibilidade de uma racionalidade que emerge do corpo e de seus sentidos biológicos, afetivos, sociais, históricos. Essa compreensão é significativa para redimensionar o fenômeno do conhecimento, relacionando-o à experiência vivida, ao corpo e aos sentidos (NÓBREGA, 2008, p.148).

Na noção de cinestesia, na perspectiva fenomenológica, o corpo em movimento não é entendido simplesmente como um deslocamento de uma estrutura biomecânica no espaço, mas o corpo em movimento é o ser-no-mundo capaz de aprender as coisas do mundo de forma original (NÓBREGA, 2005).

Nesse sentido, a experiência de Ueshiba na posição *seiza* pode se configurar como uma experiência cinestésica. Ele sente que está sentado sobre as pernas, sente o eixo alinhado, sente a entrada e saída do ar ao recrutar principalmente os músculos intercostais e o diafragma. Provavelmente sente o vento ao tocar seu corpo, sente o batimento cardíaco, ou seja, será que ele não está em movimento? O movimento é entendido como fluxo energético e carregado de significado, e não somente como deslocamento mecânico.

Passemos ao *zarei*. Esse cumprimento era utilizado pelos *samurais,* e quando realizavam essa reverência, olhavam em direção ao outro para prevenir-se contra algum possível ataque. Na prática do *Aikidô,* não é necessário esse olhar por ser uma manifestação de desconfiança, mas, mesmo no *Aikidô*, o praticante, ao realizar esse movimento, deve manter a percepção ao seu redor como se estivesse preparado para receber qualquer ataque. Essa percepção é chamada de *zanshin*. *Zan* significa permanecer, *shin* representa espírito, assim, *zanshin* pode ser traduzido como espírito atento em japonês. (BULL, 2005).

A experiência do *seiza* e do *zarei* são experiências cinestésicas diferentes e, cada vez que o praticante vivencia essas posições, novas sensações são percebidas. Sobre a experimentação de uma sensação, Merleau-Ponty nos ensina que:

> Cada sensação, sendo rigorosamente a primeira, a última e a única de sua espécie, é um nascimento e uma morte. O sujeito que tem a sua experiência começa e termina com ela, e, como ele não pode preceder-se nem sobreviver a si, a sensação necessariamente se manifesta a si mesma em um meio de generalidade, ela provém de aquém de mim mesmo, ela depende de uma *sensibilidade*[39] que a precedeu e que sobreviverá a ela, assim como meu nascimento e minha morte pertencem a uma natalidade e a uma mortalidade anônima (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 291).

39 Grifo do autor da citação.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Queremos dizer que cada vez que o praticante realiza um movimento de *seiza* ou *zarei*, nunca é a mesma sensação, sempre é um novo gesto. A cada treino, esses sensações mudam, pois é o corpo que está se transformando: ao conquistar uma maior flexibilidade, ao aprender a etiqueta e a conduta do *Aikidô*, ao conhecer o ritmo da própria respiração, ao fortalecer os músculos, etc.; tanto o modo de sentar (*seiza*) como o cumprimento (*zarei*) nunca serão as mesmas sensações. Nunca é o mesmo corpo que repetirá o gesto; são outras células, novos tecidos, outro sangue, outro ar respirado, outras ideias sobre si, o outro e o mundo nesses atos de conhecer a si mesmo e de compartilhar diferentes técnicas.

***Nague* e *Uke:* o compartilhar da técnica**

Neste subtópico, pensamos sobre a categoria o corpo e a relação com o outro. O ensino da técnica ocorre pelo exemplo do *Sensei*. A conduta e a etiqueta do professor é a forma de ensinar a/na filosofia do *Aikidô*. Para demonstrar uma técnica, o *Sensei* convida um praticante mais experiente (*senpai*), para ser aquele que aplica a técnica (*nague*) ou aquele que recebe a técnica (*uke*), no intuito de mostrarem a técnica aos praticantes mais novos (*kohai*), que estão sentados observando o movimento.

O *Sensei* e o *senpai* apresentam a técnica em diferentes perspectivas, mostram a sua aplicação de frente, dos dois lados e de costas para aqueles que observam. A cada mudança de posição, o *Sensei* vai descrevendo os aspectos filosóficos e cinesiológicos que compõem a técnica, realizando um estudo do movimento: a) para o *nague* é necessário saber entrar para aplicar a técnica, não perder o eixo, encontrar o ponto de desequilíbrio; b) o *uke* deve saber ser conduzido, ser flexível e relaxado, manter o eixo e conhecer o momento de utilizar o *ukemi* – rolamento.

A primeira análise que podemos fazer sobre o *outro* (categoria) é a relação entre o praticante e o *Sensei*. Em todos os subtópicos anteriores deste capítulo, essa relação é marcada pela observação do praticante aos atos do *Sensei* e pela linguagem também. Por exemplo, no primeiro subtópico, *Reigi Saho*, o praticante vai aprendendo a posição *seiza* e *zarei* ao observar o *Sensei* fazer o ritual que engloba essas posições e, ao repetir esses movimentos no decorrer dos treinos, irá se habituando ao ritual e às posições.

No momento da aula, o *Sensei* expressa o conhecimento, é ele quem possui mais experiência e conhece a arte marcial. A observação de seus gestos pelo estudante de *Aikidô* pode se configurar como aprendizagem. Podemos dizer que, nesse ato de observação, os movimentos do *Sensei* são movimentos concretos, e os praticantes realizam os movimentos abstratos, porém complementares.

Expliquemos essa distinção. Ambos os conceitos foram elaborados por Merleau-Ponty (2006), e a principal diferença está no fundo do movimento: o fundo do movimento concreto é o mundo dado, enquanto que o fundo do movimento abstrato é construído. A passagem a seguir, do livro Fenomenologia da Percepção, é esclarecedora:

> O movimento abstrato cava, no interior do mundo pleno no qual se desenrolava o movimento concreto, uma zona de reflexão e de subjetividade, ele sobrepõe ao espaço físico um espaço virtual ou humano. O movimento concreto é portanto centrípeto, enquanto o movimento abstrato é centrífugo; o primeiro ocorre no ser ou no atual, o segundo no possível ou no não-ser; o primeiro adere a um fundo dado, o segundo desdobra ele mesmo seu fundo. A função normal que torna possível o movimento abstrato é uma função de "projeção" pela qual o sujeito do movimento prepara diante de si um espaço livre onde aquilo que não existe naturalmente possa adquirir um semblante de existência (MERLEAU-PONTY, 2006, p. 160-161).

Nesse sentido, os movimentos vividos no mundo pleno pelo *Sensei* são projetados pelos aprendizes em suas observações e reflexões sobre esses mesmos movimentos. Os estudantes

 ISBN 978-85-60036-18-9

imaginam a si mesmos realizando aqueles movimentos. O *Sensei* torna-se o exemplo do movimento, mas cada estudante deve perceber a técnica a partir de seu corpo na relação com o corpo do parceiro de treino.

Após apresentar a técnica juntamente com o *senpai*, o *Sensei* permite um tempo para que os praticantes vivenciem entre si essa mesma técnica. Nesse instante, os estudantes atuam tanto como *nague* quanto como *uke.* Formam-se as duplas e cada um dessa dupla experimenta a técnica como *nague* duas vezes (uma pelo lado direito e outra pelo lado esquerdo). Consequentemente, o outro será o *uke* duas vezes e vice-versa.

Nessa relação ente *nague* e *uke,* a técnica não deve ser praticada meramente como um movimento no espaço, mas ao aplicar uma técnica de projeção ou torção de articulações, o *nague,* além de aprender a neutralizar o companheiro de treino, deve ter a intenção de alongar as articulações envolvidas no movimento (ARAÚJO, 2009).

O ato de ser *uke* também remete a sensação de estar num combate real e perceber o quanto a técnica que está sendo aplicada pelo *nague* pode ser fatal. Assim, ser o *uke* é se colocar no lugar do outro, que talvez um dia o praticante tenha a necessidade de usar a técnica contra alguém. Esse respeito ao outro é um ponto de grande relevância para a filosofia do *Aikidô*. Nas palavras de Stevens (2004, p.99), *o propósito do Aikidô é a unificação entre eu e os outros*.

Aqui, percebemos que a filosofia do *Aikidô* possui uma compreensão de técnica corporal próxima ao pensamento de Mauss (2003, p. 401), como sendo “as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo”. De outro modo, o estudante de *Aikidô* não tem a obrigação de realizar a técnica da mesma maneira que o Professor, mas o estudante precisa perceber a técnica no próprio corpo, ao mesmo tempo que percebe a técnica no corpo do parceiro de treino.

Nesse sentido, ao compartilhar uma técnica, o *nague* e o *uke* tornam-se a técnica. Por meio da técnica eles coexistem, assim como na figura Drawing hands de Maurits C. Escher (1898-1972), onde as duas mãos desenham e são desenhadas, elas coexistem. O compartilhar da técnica só é possível, pois, o *nague* e o *uke*, cada um dos dois é um corpo, logo o compartilhar da técnica é uma relação corporal momentânea.

Em Merleau-Ponty, a relação entre um corpo e outro corpo é comparada ao próprio corpo, assim ele diz:

> [...] como as partes de meu corpo em conjunto formam um sistema, o corpo de outrem e o meu são um único todo, o verso e o reverso de um único fenômeno, e a existência anônima da qual meu corpo é a cada momento o rastro habita doravante estes dois corpos ao mesmo tempo (MERLAU-PONTY, 2006, p. 474).

Essa valorização do outro na filosofia do *Aikidô* é de grande importância e torna essa arte marcial relevante socialmente. Dessa forma, um *Dojô* de *Aikidô* é um ambiente de inclusão social, um local de convivência e aprendizado.

Outro ponto que merece um lugar neste estudo, em especial neste subtópico, é o envolvimento da família nos treinamentos do *Aikidô*, especificamente entre pai e filho. Geralmente os pais que treinam arte marcial tentam influenciar seus filhos a treinarem também; ou pais que sofreram durante a infância não querem que o filho passe pela mesma situação. Sobre isso, Ueshiba adverte que:

> Especialmente os pais que têm filhos que não são tão agressivos e fortes quanto outros têm a tendência de forçá-los à prática do *Aikidô* como se ele fosse a solução de problemas. Pensar que o *Aikidô* possa tornar seus filhos mais rijos e fortes é cometer uma injustiça contra os filhos e também contra o *Aikidô*, uma

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> vez que este rejeita todas as formas de violência, justificada ou injustificada. De outro modo, não seria diferente das outras formas de artes marciais em que lutar e vencer são simples mercadorias (UESHIBA, 2005, p. 73).

Merleau-Ponty, se tivesse lido esse parágrafo anterior, concordaria com Ueshiba. Para o filósofo francês, a relação com o outro é sempre complexa, e entre pai e filho não é diferente. Diversos atritos acontecem pelo fato de que os pais têm em vista o futuro, e os filhos, mesmo os adolescentes, apenas o presente. Merleau-Ponty nos mostra que:

> Assim, mesmo sem querer, não se pode evitar invadir a liberdade delas (crianças). O dever do adulto é, porém, reduzir essa invasão ao que é estritamente necessário. Não respeitar todos os caprichos da criança, mas não considerar tudo como capricho. Precisamos examinar nossa própria atitude e ter o cuidado de evitar o que, em nossa conduta, não é ditado pela situação presente, mas provém de traumas antigos.
>
> Mas é preciso ir ainda mais longe e aceitar para a criança os riscos que aceitamos para nós. Aliás, ao evitarmos todos os riscos para a criança, com isso mesmo criamos outros. As relações com a criança nunca serão absolutamente objetivas, mas devemos agir de tal modo que o desequilíbrio não ocorra em detrimento da criança (MERLEAU-PONTY, 2006a, p.102).

Além dessas relações (estudante-professor; estudante-estudante; pais-filhos), a filosofia do *Aikidô* também envolve a consideração com os antigos, assim como com aqueles que ainda virão treinar para continuar a tradição.

Para os praticantes e mensageiros da arte que contribuíram para o crescimento e desenvolvimento do *Aikidô*, o estudante atual deve ser grato pelas ações dos pioneiros. Ao mesmo tempo, é tarefa manter vivo o período da fundação, o desenvolvimento, o recolhimento e o novo começo (Segunda Guerra Mundial) para lembrar que o *Aikidô* não surgiu repentinamente do nada, mas é fruto de uma cadeia de eventos, começando com o *Sensei* Morihei Ueshiba e seus discípulos (UESHIBA, 2005).

Então, de modo suave, o corpo habita o espaço, move-se experimentando diferentes técnicas que possuem significados históricos e culturais, cria relações com o outro ao aprender e partilhar as técnicas corporais, constituindo um espaço de convivência e de aprendizagem significativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da contextualização do *Aikidô* no Japão e no Oriente, e as interpretações tendo como referências as categorias de estudo, percebemos que a compreensão de corpo no *Aikidô* tem influências da China, da Índia e do Japão. Assim, podemos dizer que, para a filosofia do *Aikidô*, o corpo é o sujeito e o sujeito é o corpo; da mesma maneira, o corpo faz parte do Universo; sendo o *ki* o responsável por essa percepção e compreensão.

Por fim, tendo em vista o movimento epistemológico que tem ocorrido na Educação Física brasileira há aproximadamente três décadas, em especial aqueles que buscam superar uma visão mecanicista e reducionista do corpo, a compreensão de corpo na filosofia do *Aikidô* pode contribuir em fortalecer esse movimento.

A filosofia é uma perspectiva de contemplação que une a experiência, o conhecimento em sua meditação sobre o Ser, sobre o conhecimento e sobre a existência. A atitude fenomenológica

 ISBN 978-85-60036-18-9

investe na solidariedade dos saberes e culturas, assim a experiência do *Aikidô*, a Educação Física e a Fenomenologia podem dialogar para construções de espaços que permitam a cinestesia, o compartilhar da técnica e o respeito à existência.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, J. C. da S. **A relação entre o *Aikidô*, a Psicomotricidade e a Aprendizagem motora.** Monografia (Especialização em Psicopedagogia). Natal: Faculdade Maurício de Nassau, 2009.

BULL, W. ***Aikidô*:** o caminho da sabedoria. Vol. 1 – A Teoria. 12ª Ed. São Paulo: Pensamento, 2008.

_____. ***Aikidô*:** o caminho da sabedoria. Vol. 2 – A Técnica. 12ª Ed. São

Paulo: Pensamento, 2005.

_____. ***Aikidô*:** Takemussu-aiki. São Paulo: Pensamento, 2007.

HERRIGEL, E. **A arte cavalheiresca do arqueiro Zen.** 17ª Ed. São Paulo: Pensamento, 2001.

LE BRETON, D. **Antropologia do corpo e Modernidade.** Petrópolis: Vozes, 2011.

MAUSS, M. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

MERLEAU-PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção.** 3ª Ed. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **Psicologia e pedagogia da criança:** Curso da Sorbonne (1949-1952). Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2006a.

_____. **A natureza:** Curso do Collège de France. Tradução de Alvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

_____. **La nature:** Notes Cours du Collège de France. Établi por Dominique Séglard. Paris: Seuil, 1995. (Annexes) Tradução livre de Terezinha Petrucia da Nóbrega.

NÓBREGA, T. P. **Corporeidade e Educação Física:** do corpo-objeto ao corpo-sujeito. 2ª Ed. Natal: EDUFRN, 2005.

_____. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. **Estudos de Psicologia**, 13 (2), 2008. (p. 141-148).

STEVENS, J. **A Filosofia do *Aikidô*.** São Paulo: Cultrix, 2004.

UESHIBA, K. **O Espírito do *Aikidô*.** 6ª Ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

O ESPAÇO DA DANÇA NO CORPO

Rafaella Lira Amorim

RESUMO: Esta comunicação apresenta a investigação realizada pela autora durante a pós-graduação em Dança: Práticas e Pensamentos do Corpo, da Faculdade Angel Vianna, em Recife – PE. Trata de uma pesquisa em arte que discute de modo teórico-prático a relação corpo/espaço. Através do diálogo entre as descobertas no corpo e referências teóricas artísticas e filosóficas, surge o experimento Corpo Abuletado, sobre um corpo que se redescobre, que se instala no seu próprio espaço e que cria imagens a partir dele.

Palavras-chave: Dança, corpo, espaço

DE ONDE FALO

Dançar. Para mim, uma questão de sobrevivência. É preciso dançar, deixar o corpo fluir, pensar, filosofar! Bailarina com formação baseada em técnicas de dança moderna e de jazz dance, sobretudo, através da participação em minicursos e oficinas oferecidas em festivais de arte de João Pessoa-PB ou de cidades vizinhas, sempre me interessei ativamente pelo universo da dança.

Fruto de um ensino pautado pela mecanização do corpo, minha dança sempre esteve limitada ao condicionamento do movimento segundo um modelo préestabelecido. Uma dança ideal que pressupunha um corpo ideal. Prescindindo qualquer reflexão, o meu dançar se tornou sinônimo de adestrar o corpo, de superá-lo, de corrigi-lo, coincidindo com o próprio desenvolvimento da ciência ao longo da história que talvez seja apenas "a história das correções operadas sobre as insuficiências (aos seus olhos) do corpo, das inumeráveis rasuras para escapar de sua precariedade, de seus limites." (LE BRETON, 2011, p. 125).

A minha história é a de um corpo grande, que se via maior ainda, tentando caber no tempo de corpos pequenos e, assim, a idealização de um corpo incompatível com o meu me fez parar de dançar. Fugi de mim mesma até me reencontrar sete anos depois, durante a pós-graduação em Dança: Práticas e Pensamentos do Corpo, da Faculdade Angel Vianna, em Recife – PE.

Com as leituras sobre a fenomenologia da percepção, do filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1994), pergunto como o meu corpo, responsável pela minha percepção do mundo, pode passar despercebido por ele mesmo durante anos de prática dançante? Percebi como a minha dança estava distanciada do corpo e submissa ao meu intelecto, seguindo o legado do pensamento clássico moderno, que atribui conotação superior à razão em detrimento das sensações e dos sentimentos humanos e que rege todo o nosso sistema educacional.

Então o meu desejo de experimentar o corpo me levou à Educação Somática, descortinando para mim técnicas como Eutonia, Alexander, Feldenkrais, BodyMind-Centering e Klauss Vianna. O meu corpo me foi sendo devolvido e, consequentemente, meu lugar na dança, na arte. Terminei esta pós com um trabalho de conclusão que aborda um aspecto da minha dança: a sua relação com o espaço do corpo que sou.

Nesse sentido, a minha dança passou a ser o meu objeto de estudo, dança que, segundo o filósofo português José Gil (2004), ocorre no espaço do corpo, que é o corpo tornado espaço, sem qualquer distinção entre espaço objetivo exterior e espaço subjetivo interior. Decidi investigar não o que me movia, mas o que me impedia de me mover, de dançar a minha dança.

Constatei uma virtualidade espacial do meu corpo que influenciava o espaço atual, visto que "o virtual não se opõe ao real, mas ao atual: virtualidade e atualidade são apenas duas maneiras de ser diferentes" (LÉVY, 2003, p. 15). Emergiu, assim, o problema da minha pesquisa:

 ISBN 978-85-60036-18-9

é possível alterar o espaço virtual do meu corpo, experimentando-o a partir de exercícios de propriocepção, ampliando-o e transpondo-o para a cena?

Assim, o objetivo geral do meu trabalho de conclusão de curso foi problematizar de forma teórico/prática a possibilidade de ampliação do espaço virtual do corpo através da prática da dança, testando a transposição dos resultados encontrados para um experimento cênico. Para isso foi necessário experimentar de maneira prático-reflexiva as virtualidades engendradas pelo meu corpo, dialogando com teorias de filósofos como Maurice Merleau-Ponty e José Gil.

A investigação implementada culminou na criação do experimento cênico Corpo Abuletado, sobre um corpo que se redescobre, que se apropria do próprio espaço e que cria imagens a partir dele. Corpo que se aloja, que se instala, que se aboleta nele mesmo. Experiência que restitui a integridade do ser, que aumenta a sua potência e que faz emergir novos questionamentos.

UM ESPAÇO PARA O ESPAÇO

Uma das definições de espaço trazida pelo meu inseparável Miniaurélio (FERREIRA, 2000, p. 286) é de "lugar mais ou menos delimitado, cuja área pode conter alguma coisa". Gosto da contingência do mais ou menos independente, do ainda assim, delimitado. Na minha vida faz mais sentido do que uma "distância entre dois pontos, ou a área ou volume entre limites determinados". Se a área desse espaço pode conter alguma coisa, é porque também pode conter o nada, o vazio metafórico necessário ao início deste trabalho, seja no corpo, seja no papel.

O espaço não é homogêneo, deixou de ser euclidiano quando a ciência passou a misturá-lo com o mundo físico, mesclando forma e conteúdo e relativizando a identidade dos objetos. "Torna-se impossível distinguir rigorosamente o espaço das coisas no espaço" (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 11). O corpo que dança no espaço é também espaço para esta dança.

Segundo José Gil (2004), a dança acontece no espaço do corpo, o qual abrange tanto o espaço objetivo exterior, quanto o espaço subjetivo interior, sem nenhuma relação de hierarquia entre eles. Interior e exterior são um só. "Para que a dança comece, [...] é necessário que o espaço interior despose tão estreitamente o espaço exterior que o movimento visto de fora coincida com o movimento vivido ou visto do interior" (GIL, 2004, p. 49).

Para esse filósofo, outra característica do espaço do corpo é a multiplicação de imagens virtuais deste, o que garante uma posição narcísica do bailarino que se vê, se ouve e se sente dançar. "Um corpo isolado que começa a dançar povoa progressivamente o espaço de uma multiplicidade de corpos. Narciso é uma multidão." (GIL, 2004, p. 52). Enquanto se dança, duplos dançantes são produzidos pelo corpo. Como já dizia Merleau-Ponty (apud CHAUÍ, 2002), corpo vivido que é um visível vidente, um tátil tocante, um móvel movente.

As imagens virtuais do corpo reverberam através do movimento, entretanto o uso mecânico do corpo e a imitação de tensões musculares inadequadas corroboram para a criação de "representações de formas e proporções que estão em desacordo com a realidade de fato" (ALEXANDER, 1991, p. 88). Imagens corporais distorcidas influenciam nossa interação com o mundo e ficam gravadas no corpo que é memória.

A maneira como nos relacionamos com o peso do nosso corpo e a verticalidade modela as nossas fibras nervosas, o tecido conjuntivo que envolve e une entre si todas as outras estruturas do corpo. Esse tecido se estrutura fazendo memória aquém de toda consciência. Ele constitui o nosso registro corporal, que esculpe as nossas particularidades posturais (SUQUET, 2008, p. 528, 529).

Dado que a dança mobiliza estados corporais passados, o acesso a esta memória corporal abre espaço para novas possibilidades, pois "dançando é possível retomar o passado, criar o presente e projetar mundos simultaneamente" (PORPINO, 2010, p. 04). A dança enseja o trilhar de novos caminhos, o encontro com a liberdade de criação, o abandono de paradigmas, o rompimento de fronteiras, o devir. Devir no sentido apresentado por José Gil (2004), de instauração de um plano de imanência em que corpo e mente, matéria e espírito são indissociáveis.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

A dança modifica o corpo, ela permite que ele seja "atravessado pelos fluxos mais exuberantes da vida" (GIL, 2004, p. 56), abrindo-se e fechando-se ao ambiente e aos outros corpos. Ela faz circular a energia corporal, proporcionando altas intensidades. Ao beber da obra de Deleuze e Guattari, José Gil ainda coloca que a dança agencia os agenciamentos do corpo, transformando-o num corpo sem órgãos, que é a própria imanência. Corpo esvaziado de seus órgãos, cuja pele é transformada em matéria de devir, deixando-se afetar pelo mundo e conduzindo os movimentos dançados.

Os órgãos não podem cortar o continuum do fluxo de energia que liberta as intensidades cinestésicas. Complexo, o sentido cinestésico abarca informações visuais, tácteis, articulares e musculares que são constantemente modulados pelo sistema neurovegetativo, o qual regula os ritmos fisiológicos profundos, como o da respiração e o do fluxo sanguíneo. "É este território da mobilidade, consciente e inconsciente, do corpo humano que se abre para as explorações dos bailarinos no limiar do século XX" (SUQUET, 2008, p. 516).

> É preciso poder expandir o corpo para além das funções e organizações dos órgãos, dançar a partir das formas que se tem, do sujeito que se é, habitar o espaço inacabado entre as coisas do mundo, misturando-se com elas. [...] O devir da dança abre o corpo do bailarino aos fluxos e aos afetos, necessários ao movimento dançado (RESENDE in CALDEIRA, 2011, p. 85).

Com o objetivo de dilatar o corpo, "cada vez mais, a dança hoje busca o enfoque somático para a criação e a expressão do movimento" (MILLER, 2007, p. 27). Nesta seara, o trabalho de Klauss Vianna revela-se como uma ferramenta de expansão do corpo a partir da abertura dos espaços articulares, que são as alavancas do movimento, por meio da respiração.

Os espaços correspondem às diversas articulações do corpo, no qual é possível localizar fluxos energéticos importantes e no qual se inserem os vários grupos musculares. Em sentido mais amplo, a ideia de espaço corporal está intimamente ligada à ideia de respiração [...]. Em linguagem corporal, fechar, calcificar, endurecer são sinônimos de asfixia, degeneração, esterilidade. Respirar, ao contrário, significa abrir, dar espaço (VIANNA, 2008, p. 70, 71).

A própria Angel Vianna, através do seu método de conscientização pelo movimento, muito nos ensinou sobre como potencializar o espaço do corpo. O trabalho focado na vivência do corpo, na experimentação do movimento livre, na utilização de imagens que estimulam a dança de cada um devolve o corpo ao corpo. Desperta a sensibilidade pela pele, "para que os corpos sensitivos do corpo fiquem à tona" (TEIXEIRA, 1998, p. 16).

Portanto "a espacialidade do corpo se configura como uma dimensão plástica e cambiante, integradora e não hierárquica" (TIBÚRCIO, 2010, p. 93). Assim, mergulho na experiência perceptiva do corpo que sou, visando compreender a influência que o espaço virtual exerce sobre ele e atuar na sua dança, pois, "perceber o mundo ou a si próprio é já investir forças, afetos, memórias e entrar em devir, entrar numa zona de indiferenciação, de mistura ou de contato. Perceber é entrar em um processo de metamorfose do corpo" (RESENDE in CALDEIRA, 2011, p. 80).

"No espaço da atuação, as mentiras são mal vistas e percebidas logo na primeira espiração."
Ana Cristina Colla

A forma como a dança tem sido ensinada, nas escolas e academias, contribui para que a maioria dos bailarinos seja incapaz de criar movimentos que fujam dos códigos padronizados que constituem a identidade de alguma técnica de dança. Como já foi mencionado neste trabalho, fui educada para observar e copiar "passos" com o intuito de executá-los com o máximo de perfeição. Essa visão tecnicista do dançar gera uma tensão da qual é difícil o bailarino se desvencilhar quando está em cena.

ISBN 978-85-60036-18-9

De acordo com o professor de teatro francês Jacques Lecoq (2010) a técnica objetiva do movimento traz para dentro do corpo algo que está fora, enquanto que a improvisação permite o inverso, trazer para fora o que está dentro. Para ele é preciso retirar um pouco daquilo que seus alunos sabem "não para simplesmente eliminar aquilo que sabem, mas para criar uma página em branco, disponível para receber os acontecimentos externos" (LECOQ, 2010, p. 57).

Segundo Sandra Chacra (2007, p. 48), os fundamentos da improvisação são "a capacidade espontânea, simbólica e criativa do homem", ou seja, é uma atividade ligada à própria sobrevivência da espécie humana. No âmbito cênico, é recurso presente mesmo no mais formal dos espetáculos, visto que "a improvisação é inerente a todo jogo cênico, dando a este um caráter sempre novo na medida em que, pela sua própria natureza, não pode ser repetido de maneira perfeitamente igual todas as vezes em que é apresentado" (CHACRA, 2007, p. 22).

Para mim, que não sou nada tímida, improvisar com meu corpo nunca foi um obstáculo que me imobilizasse, ao contrário, sempre vi como um desafio prazeroso e até mesmo lúdico. Talvez a minha experiência, desde a infância, com jogos teatrais tenha sido fundamental para que me pusesse tão disponível quando me é solicitado improvisar. Desde pequena, saio dançando sozinha pelos cantos da casa ou na frente do espelho, sempre sendo surpreendida por alguém que não consegue compreender tal comportamento.

No entanto, durante a minha pesquisa, deparei-me com uma verdade avassaladora: eu sempre improvisava os mesmos movimentos. Entendi que a memória do meu corpo, o registro de toda a movimentação que pratiquei ao longo da minha vida limitava a minha criatividade. Em vez de criar eu sempre me repetia inconscientemente. Foi então que surgiu uma inquietação enorme em mim de buscar caminhos nunca percorridos, provocações que me fizessem reagir, sensações que me colocassem num estado de percepção mais aguçada.

Confesso que continuo improvisando a minha dança através dos mesmos códigos, mas eventualmente, encontro situações em que consigo me presentear com algum elemento novo, seja um gesto, seja uma sensação. Esses momentos se revelam como uma excelente oportunidade de reencontro comigo mesma e de troca com os outros. Redescubro a potência da minha energia corporal ao romper com a preocupação com a forma final do movimento.

A atriz do grupo Lume, Ana Cristina Colla, pergunta em sua dissertação de mestrado, defendida na Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP: "é possível ser e estar ao mesmo tempo? Ou para estar é preciso deixar de ser? E sendo, conseguirei estar?" (2003, p.12). Esse é um grande conflito gerado pela necessidade de "ser" e "estar" ao mesmo tempo enquanto se improvisa. É preciso estar presente para sentir reverberar a oscilação da energia, usufruindo de toda a força do movimento. Talvez, assim, segue-se sendo, sendo, sendo...

Através da improvisação, chego a lugares nunca antes visitados. É importante estar aberta para a experimentação e saber dosar a energia. Encontrar estímulos concretos como a investigação dos movimentos das articulações ou as possibilidades de uso dos apoios, observando a fluidez do corpo. Variar ritmos e inserir pausas. Improvisar é estar viva, é entrar em contato com a energia vibrando dentro de mim.

Porém não é fácil construir verdadeiramente esses momentos, talvez porque eles nos levam a mergulhar em memórias afetivas profundas. Muitas vezes uso sentimentos e sensações para criar movimentos, mas através da improvisação, ocorre a via oposta. Percebo as dificuldades, as resistências do corpo, mas também percebo o quão grande eu sou e o quão pequena eu me faço na vida. Dançar é sublime quando se vai além do 5, 6, 7 e 8 que norteou os meus maiores pesadelos e o despencamento da minha autoestima...

Nesta pesquisa, danço sentindo o pulsar de cada órgão, o respirar de cada poro e a conquista de cada espaço, interno e externo. Antes de tudo, danço para mim! E assim, visando buscar minha verdade, a improvisação foi a base do meu processo artístico, tanto durante as experimentações quanto no resultado. Lançar mão desse artifício em cena exige que eu esteja presente, em contato com as memórias que motivaram este trabalho, deixando-o aberto para encontrar seus próprios caminhos.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

A RESPOSTA EM FORMA DE DÚVIDAS

Alicerçada no estudo apresentado sobre o espaço e a improvisação, instauro o meu processo criativo do experimento cênico Corpo Abuletado. Redescubro me enquanto artista, movida pelo desejo de criação e de ressignificação da vida. Porém todas as respostas que encontrei surgiram em forma de dúvidas. Como conseguir a apropriação do corpo toda vez que se dança? Como garantir a imanência durante uma coreografia? Como falar de intensidade e de vida lançando mão de estruturas, de formas?

Estudar o corpo é uma tarefa contínua e que nunca poderá ser finalizada, devido à sua própria contingência, que nunca é, mas está. Estamos sempre em movimento, esquecendo e relembrando quem somos, por isso a permanência do questionamento. Concordo que "o corpo parece evidente, mas, definitivamente, nada é mais inapreensível" (LE BRETON, 2011, p. 18).

Assim, o objetivo de transpor para a cena alguns resultados obtidos durante a investigação acabou sendo uma consequência natural da minha reapropriação corporal, a qual atualiza a potência do Ser Estético, Histórico e Político. O processo criativo que engatei continua em aberto, é relativo às questões do hoje que podem não mais fazer sentido amanhã.

Tão importante quanto me redesenhar no universo da arte foi experimentar as possibilidades da pesquisa em dança dentro do ambiente acadêmico, compreender o papel do artista na produção do conhecimento sobre o mundo. Talvez não tenhamos ainda o espaço que desejamos dentro das universidades, mas temos a obrigação de nos engajarmos neste contexto, não apenas para refletir sobre arte, mas também para fazê-la. Dançar e escrever são processos criativos que ocorrem de modo não linear e não organizado. Nunca se sabe como vão terminar, nem como vamos sair deles.

REFERÊNCIAS

ALEXANDER, Gerda. Eutonia: um caminho para a percepção corporal. 2.ed. São Paulo: Martis Fontes, 1991.

CHACRA, Sandra. Natureza e sentido da improvisação teatral. São Paulo: Perspectiva, 2007.

CHAUÍ, Marilena. Experiência do pensamento: ensaios sobre a obra de Merleau-Ponty. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

COLLA, Ana Cristina. Da minha janela vejo...: relato de uma trajetória pessoal de pesquisa no Lume. 2003. 215 f. Dissertação (Mestrado em Artes) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

FERREIRA, Aurélio B. de H. Miniaurélio Século XXI: o minidicionário da língua portuguesa. 4.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

GIL, José. O movimento total – o corpo e a dança. São Paulo: Iluminuras, 2004.

LE BRETON, David. Antropologia do corpo e modernidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

LECOQ, Jacques. O corpo poético: uma pedagogia da criação teatral. São Paulo: Editora SENAC São Paulo: Edições SESC SP, 2010.

LÉVY, Pierre. O que é virtual. São Paulo: Ed. 34, 1996.

MERLEAU-PONTY, Maurice. Conversas – 1948. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. Fenomenologia da Percepção. Rio de Janeiro: Martins Fontes, 1994.

MILLER, Jussara. A escuta do corpo: sistematização da Técnica Klauss Vianna. São Paulo: Summus, 2007.

PORPINO, Karenine de O. Corpo, Dança e Memória: territórios convergentes. In: VI CONGRESSO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PESQUISADORES EM ARTES CÊNICAS – ABRACE. 2010. 5. São Paulo.

ISBN 978-85-60036-18-9

Anais eletrônicos. São Paulo: ABRACE, 2010. Comunicação. Disponível em http://www.portalabrace.org/. Acesso em: 23 mai. 2012.

RESENDE, Catarina. Um corpo fazendo-se: a preparação corporal sob a perspectiva do devir. In: CALDEIRA, Solange P. (Org.). III Seminário e Mostra Nacional de Dança Teatro no Brasil. 2011. Viçosa. Anais... Viçosa: Tribuna Editora, 2011.

SUQUET, Annie. O corpo dançante: um laboratório da percepção. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (Orgs.). História do corpo: As mutações do olhar. O século XX. Petrópolis: Vozes, 2008.

TEIXEIRA, Letícia. Conscientização do movimento: uma prática corporal. São Paulo: Caioá Editora, 1998.

TIBÚRCIO, Larissa K. de O. M. O corpo e o espaço no contexto das cenas artísticas: diálogos com a dança butô. In: RENGEL, Lenira; THRALL, Karin (Orgs.). Coleção CORPO EM CENA. Volume 1. São Paulo: Andarco Editora & Comunicação, 2010.

VIANNA, Klauss. A dança. Em colaboração com Marco Antonio de Caravalho. 5.ed. São Paulo: Summus, 2008.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

EDUCAÇÃO INFANTIL NUMA PERSPECTIVA DA CONSCIÊNCIA CORPORAL

Dandara Queiroga de Oliveira Sousa

RESUMO: A educação física está prevista como componente curricular obrigatório para todo ensino básico, o que inclui a educação infantil. E, apesar disso, o que temos observado é a ausência de professores graduados em educação física para ministrar aulas aos pequenos aprendentes da educação infantil municipal de Natal, no Rio Grande do Norte. O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil é a base para prática pedagógica infantil e traz em seu terceiro volume a importância de se trabalhar, de forma orientada, o movimento. Oportunizar às crianças, experiências motoras diversas é uma das funções primordiais do profissional em educação física. Nesse sentido, o professor de educação física é o profissional melhor habilitado a desenvolver essas atividades, por estar apto tanto legalmente, a ensinar a educação infantil, quanto à orientar práticas corporais que estimulem as crianças a conscientizar-se de seu próprio corpo. Com o intuito de observar as diferenças de percepção da autoimagem pelas crianças planejamos e aplicamos o Projeto Identidade, com crianças de 3 e 4 anos, que consistia em três aulas sistematizadas, cujo conteúdo era consciência corporal. Avaliamos a percepção da imagem corporal das crianças através da avaliação grafomotora e de desenhos que representassem seus próprios corpos (no primeiro e último contato). Percebemos diferenças significativas nas representações gráficas da autoimagem.

Palavras-chave: Educação Física Escolar, Educação Infantil e Consciência corporal.

1. RELAÇÃO EDUCAÇÃO FÍSICA E EDUCAÇÃO INFANTIL: DIRETRIZES LEGAIS DA LEI Nº 9.394/96

Há dois artigos da Lei nº 9.394 de 20 de dezembro de 1996, Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, que suscitaram questionamentos referentes à relação Educação Física (EF) e educação infantil na cidade de Natal, capital do Rio Grande do Norte.

No art. 26 § 3º, a lei dispõe que:

> "A educação física, integrada à proposta pedagógica da escola, é componente curricular obrigatório da educação básica, sendo sua prática facultativa ao aluno: I – que cumpra jornada de trabalho igual ou superior a seis horas; II – maior de trinta anos de idade; III – que estiver prestando serviço militar inicial ou que, em situação similar, estiver obrigado à prática da educação física; IV – amparado pelo Decreto-Lei nº 1.044, de 21 de outubro de 1969; V – Vetado; VI – que tenha prole". (BRASIL, 1996)

Vale salientar que a lei não dispõe se é facultativo ou não o ensino de educação física na educação infantil ou para crianças de 0 a 6 anos.

Já no art. 21, a LDB (Brasil, 1998), trata da composição dos níveis escolares. São eles: I - educação básica, formada pela educação infantil, ensino fundamental e ensino médio; II - educação superior. Corroborando com o artigo 21, temos o art. 29, que diz: A educação infantil, primeira etapa da educação básica, (...) (BRASIL,1996)

De encontro à legislação vigente, observamos que não é uma prática comum às escolas natalenses contarem com professores graduandos em educação física, atuando na educação infantil.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

Trazemos essa reflexão sobre dispositivos legais apenas para explicitar que estamos amparados por lei para atuar com a educação infantil e que nosso projeto está dentro das previsões legais. A seguir, refletimos sobre as recomendações do Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil, a fim também de mostrar que dentro dos conteúdos e objetivos previstos por ele, estamos aptos a estar na escola de educação infantil, embora a realidade seja outra.

1. REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA EDUCAÇÃO INFANTIL E A EDUCAÇÃO FÍSICA

O Referencial Curricular para Educação Infantil (RCNEI) traz recomendações a serem seguidas a nível nacional para a educação infantil. Em seu terceiro volume, o RCNEI aborda a temática "movimento". Não significa dizer que o RCNEI (BRASIL, 1998) prevê a prática de educação física, por tratar da temática movimento, mas expressa a necessidade de movimento das crianças, relata os objetivos e conteúdos a se trabalhar com a criança pequena, a fim de alcançar o desenvolvimento completo da criança no que tange a capacidades e habilidades motoras, cognitivas, sociais, emocionais, etc.

Nesse sentido, o questionamento de nosso Projeto foi verificar se a educação física escolar pode fazer um trabalho diferenciado com crianças pequenas, estimulando um trabalho de consciência corporal, que é fundamental na aquisição de habilidades motoras e cognitivas, nos primeiros anos da educação infantil (visto que prática pedagógica está amparada legalmente).

PROJETO IDENTIDADE: DIÁLOGO DA EDUCAÇÃO FÍSICA COM A EDUCAÇÃO INFANTIL

2. PROJETO IDENTIDADE: ESTRATÉGIAS METODOLÓGICAS

O Projeto Identidade surgiu de um trabalho de campo solicitado pela professora Dra. Maria Aparecida Dias. Ao ministrar aulas do componente curricular Educação Física no ensino infantil, a professora solicitou que elaborássemos três aulas, com duração de trinta minutos cada uma e aplicássemos em uma turma da educação infantil, dando preferência aos Centros Municipais de Educação Infantil.

Elaboramos cuidadosamente o que intitulamos de Projeto Identidade. Trata-se de uma série de três aulas sistematizadas de acordo com a complexidade do trabalho solicitado aos pequenos. O conteúdo das aulas foi consciência corporal. Observamos que a falta de uma prática motriz orientada pode prejudicar certos aspectos do desenvolvimento infantil e, para confirmar nossa observação, planejamos e aplicamos vivências diversas e avaliamos as crianças. Nosso objetivo era confirmar se aulas pautadas no movimento, de educação física, sistematizadas e com diversas vivências, poderiam auxiliar as crianças na ampliação de sua percepção corporal da imagem de seu próprio corpo.

2.1. Escolha do Centro Municipal de Educação Infantil:

Realizamos nossas três intervenções no Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) Maria Abigail Barros de Azevedo, situado no bairro Nova Natal, na zona norte da cidade de Natal, no Rio Grande do Norte (RN). Escolhemos este CMEI por estar situado em um bairro carente de nossa cidade e por não contar com professores de educação física no horário regular de aulas. E, ainda, por ter um bom espaço disponível para a operacionalização das atividades que propomos. O Projeto Identidade foi realizado no mês de novembro de 2011.

2.2. A Turma Atendida:

Composta por cerca de 20 crianças com 3 ou 4 anos de idade, todas do nível II da educação infantil. Em cada aula, tivemos cerca de 18 crianças participando. E para fins de avaliação, foram consideradas 12 crianças que participaram das três aulas e fizeram a avaliação grafomotora.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

2.3. Temas Das Aulas e Estratégias Metodológicas:

Escolhemos para cada aula um tema diferente e uma estratégia metodológica condizente com a proposta de tema da aula. São eles:

Aulas	Temas	Estratégia metodológica
1	Espelho, espelho meu	Imitação
2	Eu me remexo muito	Dança
3	Em busca do nosso corpo	Caça ao tesouro

Tabela 1: Esquematização dos temas e estratégias metodológicas escolhidas.

As atividades propostas enfatizavam o uso de diversas "partes" do corpo, diferenciando-as e reforçando a auto-observação das crianças. As atividades realizadas foram essencialmente práticas corporais, precedidas de rodas de conversas, explicando as atividades que faríamos, sucedidas de rodas finais, com atividades de desenho livre, nos quais as crianças deveriam representar que atividade mais gostaram na aula.

Temas	**Estratégia metodológica**	**Práticas corporais desenvolvidas**
Espelho, espelho meu	Imitação	1. Imitando os animais 2. Reconhecendo o próprio rosto no espelho 3. Um imitando o outro 4. Fazendo caretas e poses para fotos
Eu me remexo muito	Dança	1. Dança das bexigas 2. Músicas sobre o corpo 3. Sugeriram outras músicas sobre o corpo 4. Desenho livre
Em busca do nosso corpo	Contação de história Caça ao tesouro	1. Quem conhece caçada ao tesouro? 2. Caça ao tesouro: o nosso corpinho. 3. Montagem do quebra-cabeças

Tabela 2: Esquematização das práticas corporais desenvolvidas em cada aula.

Escolhemos começar por atividades de imitação, por serem mais próximas às atividades já realizadas pelas pedagogas responsáveis. As atividades com espelho, de reconhecer o próprio rosto e fazer caretas e poses para fotos foram escolhidas para deixar as crianças mais à vontade uns com os outros e conosco, além de, obviamente, fazer com que percebessem os diferentes pedacinhos que compõem o próprio rosto.

Vale destacar nossa concordância com Le Boulch (1982), quando afirma que:

> "Progressivamente, a criança poderá comparar seu corpo cinestésico com as reações posturais e gestuais que ela vê no espelho e que ainda lhe são estranhas. Pouco a pouco, a criança chegará a convicção de que o corpo que ela sente é o mesmo daquele que ela observa no espelho, como uma figura fechada destacada no fundo".

Zazzo (apud Le Boulch, 1982) diz que, a partir dos 2 anos e meio ou 3 anos.a criança terá condições de entender que o espaço que ela sente é o mesmo que ela vê no espelho. Nesse

 ISBN 978-85-60036-18-9

sentido, avaliamos como adequada a estratégia metodológica adotada, visto que boa parte da turma que participou das três intervenções tinha 3 anos de idade.

Na atividade em que um deveria imitar o outro, tivemos um pouco de dificuldade, pois as crianças não pareciam estar muito familiarizadas com o estilo da atividade e com exercícios mais complexos de movimentação, principalmente quanto à lateralidade. Não é, na realidade, nada mais que a tradução de carências educativas que descuidam do trabalho psicomotor. (Le Boulch, 1982)

As práticas corporais do primeiro tema: "Espelho, espelho meu" estão organizadas em atividades de imitação. Em seu terceiro volume, que trata do movimento, o (RCNEI) traz em suas orientações didáticas para crianças de 0 a 3 anos uma recomendação que seguimos fielmente em nosso projeto:

> "As mímicas faciais e gestos possuem um papel importante na expressão de sentimentos e em sua comunicação. É importante que a criança dessa faixa etária conheça suas próprias capacidades expressivas e aprenda progressivamente a identificar as expressões dos outros, ampliando sua comunicação. Brincar de fazer caretas ou de imitar bichos propicia a descoberta das possibilidades expressivas de si próprio e dos outros" (RCNEI, 1998).

Já no segundo tema de aula proposto, "Eu me remexo muito", planejamos atividades que envolvessem a consciência corporal seguindo ritmo determinado. A dança das bexigas familiarizava as crianças com as músicas que seriam utilizadas e deixava-as bem à vontade, enquanto se deslocavam carregando as bexigas. Depois foram dadas orientações sobre em que partes do corpo as bexigas deveriam ser conduzidas. Nesta atividade, especificamente, sentimos que as crianças tiveram dificuldade em assimilar as regras. Ao discutirmos posteriormente a aula, chegamos à conclusão de que talvez fossem muitos comandos (manipular a bexiga com diferentes partes do corpo, deslocar-se ao som de música ao fundo) e as crianças ficaram perdidas.

O RCNEI (1998) traz uma consideração importante no que diz respeito à utilização de músicas na infância:

> "Constata-se uma defasagem entre o trabalho realizado na área de Música e nas demais áreas do conhecimento, evidenciada pela realização de atividades de reprodução e imitação em detrimento de atividades voltadas à criação e à elaboração musical. Nesses contextos, a música é tratada como se fosse um produto pronto, que se aprende a reproduzir, e não uma linguagem cujo conhecimento se constrói".

Refletindo sobre a afirmação acima, constatamos que em nosso trabalho houve tanto a repetição e imitação, quanto a possibilidade de criação a partir do momento em que deixamos livres para que as crianças dançassem e cantassem outras músicas que não fossem as que trouxemos. Esse foi um momento riquíssimo, no qual observamos a relação já posta por Paulo Freire (1998), quando afirma que não há docência sem discência. Neste momento, ao mesmo tempo em que ensinávamos, aprenderíamos. Nesse sentido, também concordamos com Paulo Freire (1998) no que diz respeito à importância de formar aprendentes autônomos. Ao dar-se liberdade para que as crianças reflitam sobre quais músicas elas conhecem que falam de partes do corpo diferentes (no caso de nosso projeto), damos condições para que as crianças raciocinem, dando-nos respostas que, dentro do conhecimento prévio delas, enquadram-se as nossas solicitações, em vez de só repetirmos as músicas que todos já conhecem. Isso também é dar autonomia.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

O RCNEI (BRASIL, 1998) recomenda que, ao trabalhar o movimento com a criança pequena, dois conteúdos sejam contemplados: expressividade e equilíbrio/coordenação. Nas atividades do segundo tema, optamos por realizar atividades que contemplassem a expressividade, utilizando como estratégia metodológica a dança. A dança é uma das manifestações da cultura corporal dos diferentes grupos sociais que está intimamente associada ao desenvolvimento das capacidades expressivas das crianças (BRASIL, 1998).

Para o último tema, "Em busca do nosso corpo", utilizamos a contação de histórias em busca do tesouro como estratégia metodológica. Criamos uma história, na qual as crianças iam tentando adivinhar qual parte do corpo (peça do quebra-cabeças) deveriam achar e, depois de encontradas, deveriam mover a parte do seu próprio corpo referente à peça achada. As peças do quebra-cabeças eram partes do corpo que, unidas, formavam o corpo todo. O tesouro, na nossa atividade (o corpinho completo), só era descoberto depois que as crianças encontrassem e montassem todas as peças de um quebra-cabeças. As peças ficaram distribuídas na sala de aulas e no parquinho. Depois de recolhidas, as peças foram montadas em sala.

Como já dito anteriormente, o objetivo de nossas intervenções era o de acrescentar às crianças elementos que colaborassem com o aperfeiçoamento de sua imagem corporal. E nesta última atividade, ao estimular a assimilação das partes do corpo do nosso quebra-cabeças ao corpo deles mesmos, notamos um engrandecimento satisfatório na autopercepção dessas crianças, na forma como eles se enxergam. Dessa forma, encerramos nossas atividades práticas.

PROJETO IDENTIDADE: AVALIAÇÃO E INFERÊNCIAS

1. AVALIAÇÃO DO PROJETO IDENTIDADE

Segundo a legislação vigente, a LDB (1996), em seu art. 31, está previsto que "Na educação infantil a avaliação far-se-á mediante acompanhamento e registro do seu desenvolvimento, sem o objetivo de promoção, mesmo para o acesso ao ensino fundamental" (Brasil, 1996).

Nesse sentido, escolhemos como método a representação grafomotora da autoimagem, que foi aplicada antes e após todas as intervenções. Foram validados os desenhos (representação grafomototra) das crianças que participaram das três intervenções previstas pelo Projeto Identidade.

Avaliamos a eficácia de nosso projeto, dividindo-a em três etapas:

- Desenho da autoimagem;
- Aplicação dos planos de aulas previstos no Projeto Identidade e
- Desenho da autoimagem.

Há vários protocolos avaliativos de inteligência ou desenvolvimento emocional, validados cientificamente desde os anos 20, que usam o desenho como metodologia avaliativa. Como o intuito não era estabelecer quantificações de inteligência ou grau de maturidade das crianças envolvidas, não adotamos nenhum protocolo específico, apenas observamos detalhes que tenham sido acrescidos na imagem de corpo representadas pelo desenho das crianças antes e depois das intervenções.

> "Há uma tradição que cresceu na década de 20, época em que os testes psicológicos estavam sendo elaborados para uso em contextos educacionais ou clínicos; essa tradição se concentra naquilo que os desenhos possam revelar sobre as capacidades ou estado mental de uma criança como indivíduo". (Cox, 2000)

Vale salientar que esse desenho, diferente do desenho livre solicitado após cada aula, serviu como fonte de avaliação. O desenho livre, solicitado ao término de duas das três aulas aplicadas, teve como objetivo treinar a motricidade fina e habilidade com lápis.

ISBN 978-85-60036-18-9

Sobre o processo de aquisição do grafismo, Le Boulch (1982) afirma que:

> "A partir dos primeiros traçados espontâneos, a criança vai criar seus próprios modelos (depois dos dois anos); é neste estágio que a ativiadade cinestésica e o tono vão ser controlados pela visão, constituindo uma atividade vísuo-motora. A partir de 2 anos e meio é que o controle visual vai exercer-se de forma mais precisa, mas o processo do grafismo só é possível na medida em que as coordenações motras se desenvolvem. (...) os movimentos das mão e dos dedos liberar-se-ão, permitindo a miniaturização do traçado".

Dessa forma, o desenho livre colaborou para o processo de aquisição de firmeza e coordenação no ato de desenhar, colaborando para melhores representações gráficas da autoimagem posteriormente, visto que grande parte das crianças tieve significativas mudanças nos detalhes da imagem corporal, representadas no desenho final.

1. INFERÊNCIAS

Para nosso propósito, o desenho da autoimagem foi suficiente enquanto método avaliativo, para perceber as alterações na percepção corporal das crianças com elas mesmas. Observamos os desenhos das crianças que participaram das três aulas, a fim de perceber os acréscimos de detalhes de partes do corpo.

Trazemos alguns dos desenhos feitos pelas crianças para ilustrar nossas inferências:

Criança 1:

Antes (24.11.2011)

Depois (02.12.2011)

Criança 2:

Antes (24.11.2011)

Depois (02.12.2011)

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Criança 3:

Antes (24.11.2011)

Depois (02.12.2011)

Comparando os desenhos elaborados antes e após as intervenções planejadas, inferimos que, com o acompanhamento especializado e planejamento adequado, as crianças podem se desenvolver de forma mais completa e significativa, como propõe o próprio RCNEI (BRASIL, 1998). O planejamento sistematizado e orientado pode significar ganhos significativos na consciência corporal das crianças avaliadas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Lei nº 9.394** de 20 de Dezembro de 1996.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial curricular nacional para a educação infantil** /Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação/Fundamental. — Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

COX, Maurren. **Desenho da criança** / Maurren Cox; tradução Evandro Ferreira.- 2ª Ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia - Saberes Necessários à Prática Educativa.** Editora Paz e Terra. Coleção Saberes. 1996 36ª Edição

LE BOULCH, Jean. **O desenvolvimento psicomotor: do nascimento aos 6 anos.** Tradução Ana Guardiola Brizolara. Porto Alegre, Artes Médicas, 1982.

ISBN 978-85-60036-18-9

NADEI TANTO, TANTO, TANTO... CORPO, POESIA E CULTURA DE MOVIMENTO

Raphael Ramos de Oliveira Lopes
Grupo de Estudos e Pesquisas Corpo e Cultura do Movimento - GEPEC / UFRN

RESUMO: A poesia nos faz perceber um mundo de forma sensível por meio não só de palavras, mas também através de um modo de viver poético, que não se fecha no próprio poema. A pesquisa tem como objetivos identificar expressões e imagens do corpo na poesia dos escritores natalenses, relacionando com a compreensão sobre cultura de movimento. Além disso, busca ampliar as possibilidades de compreensão da relação entre corpo e expressividade por meio da linguagem poética e também contribuir para compreender a educação física como prática educativa e as relações com a corporeidade e a sensibilidade estética. Diante dos objetivos de nosso estudo, optamos por orientar este trabalho numa perspectiva qualitativa. O método de pesquisa fundamenta-se na fenomenologia, em particular no pensamento do filosófico francês Merleau-Ponty, tomando a experiência vivida e a intencionalidade da consciência como pontos fundamentais neste estudo. Como técnica de pesquisa será utilizada a variação imaginativa. O estudo aponta para uma ideia de corpo em que a poesia, a afetividade, a sensibilidade, a estética e a experiência vivida são tomados como pontos fundamentais e interligados para compreender o mundo. As imagens corporais presentes nos poemas analisados apresentam-nos o corpo enlaçado à natureza e à cultura, de modo que novos significados vão sendo delineados a partir das aventuras existenciais em que esse corpo se insere, à medida que se relaciona com o meio que o cerca, configurando-se em uma perspectiva do movimento que não corresponde a uma vontade pura do espírito em querer se situar no espaço. Evidenciando uma intencionalidade do próprio corpo em movimentar-se, marcado nos poemas pelas relações sinestésicas que esse corpo tece quando cria novos sentidos diante do confronto com os símbolos que o permeiam.

Palavras-chave: Corpo; Poesia; Educação Física

INTRODUÇÃO

Ao nos referirmos à literatura brasileira tomando como base a poesia, podemos perceber as diversas mudanças condizentes não só com o estilo, com as escolas literárias, como também com as transformações imagísticas que, ao longo de sua história, mostraram mudanças que acompanharam as questões sociais, culturais, afetando, dessa forma, diferentes percepções do poeta em interpretar o mundo, como apontam alguns autores (ARAÚJO, 1995; BOSI, 2007; BRASIL, 1998; MOISÉS, 2001).

A poesia nos faz perceber um mundo de forma sensível por meio de palavras, como também através de um modo de viver poético, que não se fecha no próprio poema. Morin (2005) diz que devemos injetar amor na vida, fugir dessa coação que temos pela realidade compulsória imposta pela prosa e implantar no mundo a poesia, tratando a vida como uma verdadeira obra de arte. E o grande mistério da arte está no seu caráter de inutilidade, onde não existe o interesse, a priori, para a construção de ideias ou conceitos – ela, por si só, é infinita e exaurível (BICUDO & MARTINS, 2003, p. 83). É dessa maneira que a experiência estética é compreendida: ela nunca está por acabar; renova-se a cada olhar que a ela é lançado.

Nossa investigação aponta ainda para uma compreensão de corpo em que a poesia, a afetividade, a sensibilidade, a estética e a experiência vivida são tomada como pontos fundamentais e interligados para compreender o mundo. De acordo com Merleau-Ponty (2007), é através dos nossos sentidos que transportamos o nosso corpo para o mundo vivido; através dessa união sensível temos uma intencionalidade de nossa consciência em estar e ser no mundo. E nessa intercomunicação entre corpo e mundo, podemos compreender a forma como o poeta opera no mundo – por meio da linguagem sensível.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Compreendendo o pensamento poético como um fator importante nesse processo, surgiram os seguintes questionamentos: As expressões e as imagens do corpo presentes na poesia podem contribuir para ampliar a compreensão sobre a cultura de movimento? Como a poesia pode contribuir para pensar sobre a cultura de movimento na educação física? Como os sentidos referentes à estética, à estesia e à corporeidade se relacionam com a linguagem poética?

Diante dessas questões, este estudo busca contribuir para a construção de um olhar sobre o corpo que ultrapassa a ideia de um corpo mecânico, o qual enaltece a mente em detrimento do corpo, tratando o imaginário não apenas como um processo mental, mas também repleto do vivido e, por isso, importante para uma melhor compreensão sobre a noção do corpo sensível. Para tanto, a linguagem sensível da poesia nos servirá como aporte para uma melhor compreensão desse corpo sensível.

Entendida como uma arte, a poesia vive nesse mundo inexaurível da linguagem e de si mesma, cujos significados mantêm sempre uma dinamicidade diante de uma nova percepção, diante de um novo olhar que reveste as coisas com o seu vivido, produzindo, assim, um novo sentido diante do que é visto, através dessa carne que liga o nosso corpo ao mundo, como bem nos diz Merleau-Ponty (2007). Dessa maneira, pensar o mundo através da poesia é viver também no mundo da sensibilidade, em que o nosso corpo se mistura a um certo viver poético.

Ao pensar na Educação Física interligada à poesia, podemos estender, através de uma investigação subjetiva, nossa compreensão de como as imagens do corpo presente nos textos poéticos podem contribuir para ampliar a nossa compreensão sobre a cultura de movimento, as noções de corporeidade e de sensibilidade estética, bem como a forma como a arte pode interagir e permear essa área de conhecimento. Compreendendo a poesia como uma arte sensível, penso que exista a possibilidade de ela estar presente nas vivências da educação física, pois pensar num corpo poético é pensar num corpo compassivo, repleto de significados e anseios nas suas relações. Podemos dizer também que as imagens poéticas contribuem para criar novos horizontes sensíveis para o corpo e o movimento.

Assim, este trabalho também busca contribuir para uma reflexão sobre como o ato de criação poética pode fornecer significados importantes para a educação, em especial para a Educação Física.

De acordo com Bachelard (2006), a verdadeira arte se faz presente no corpo do artista, e o instante de criação poética se refere ao momento em que ele se encontra no silêncio, na escuridão de si mesmo e do mundo, num tempo vertical e descontínuo. Dessa maneira, o artista se torna capaz de enxergar a verdade do mundo, compreendê-lo, instituir nele as suas impressões. Assim, podemos pensar, tomando como exemplo esse corpo que é arte, como essa reflexão pode contribuir para a construção de uma educação voltada para o “fazer sentir”, antes mesmo do “fazer pensar”. E, trazendo essa compreensão para a educação física e a noção de cultura de movimento, é antes ver o corpo pelas suas sensações, sentimentos, afetos, presentes na sua gestualidade, em suas relações, do que um ato estritamente racional.

A escolha desse tema se deu pelo meu gosto por literatura, em particular a dos poetas norte-rio-grandenses, que tanto despertaram em mim o amor pela poesia – e ainda despertam - e me guiam a um viver poético, onde o tempo e o espaço me fazem transcender e vaguear vagarosamente em minha imaginação, distorcendo a ideia do que é real e trazendo a mim, por vezes, a sensação de que um sonho foi vivido. E, de fato, foi.

Mas foi em Iracema Macedo, poetisa potiguar (que toma a cidade do Natal como inspiração para vários de seus poemas), durante uma entrevista dada a uma rede de comunicações da cidade, quando fala sobre um dos seus poemas, o qual tratava da sua vivência em nadar na praia de Ponta Negra, que vi realmente a possibilidade de unir o meu gosto pela literatura com a Educação Física, resultando neste trabalho científico[1]. Este trabalho, pois, refere-se a um recorte do meu Trabalho de Conclusão de Curso apresentado na Universidade Federal do Rio Grande do Norte, apresentado no ano de 2012.

ISBN 978-85-60036-18-9

OBJETIVO GERAL

A pesquisa tem como objetivo principal identificar expressões e imagens do corpo na poesia dos escritores natalenses, relacionando com a compreensão sobre cultura de movimento.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Ampliar as possibilidades de compreensão da relação entre corpo e expressividade por meio da linguagem poética;

- Contribuir para compreender a educação física como prática educativa e as relações com a corporeidade e a sensibilidade estética.

METODOLOGIA

Nessa trajetória de pesquisa fenomenológica, a variação imaginativa apresenta-se como ferramenta para a compreensão dos fenômenos, nesse caso, a relação entre corpo, expressividade e sensibilidade, por meio da linguagem poética. Desse modo, o corpo apresenta-se como sensível exemplar, modo de conhecimento estético que também está presente na cultura de movimento.

De acordo com Nóbrega (2010), o método fenomenológico possui três aspectos fundamentais que interagem entre si: a experiência vivida, a redução, a intencionalidade da consciência. Dessa maneira, tal método busca compreender o mundo através do envolvimento do vivido, com o intuito de descrever essa relação, de modo que se possa refletir e interpretar, e não idealizá-la através de uma ordem estritamente mental.

Merleau-Ponty (2004) defende a ideia de uma linguagem que, ao contrário daquela que a ciência moderna pretende criar - infalível e acabada -, vai em busca de um sentido das coisas que ultrapassa o próprio sentido comum delas. Nessa perspectiva, partindo da ideia de que a linguagem sempre está em movimento, visto que diferentes percepções produzem diversos sentidos sobre uma mesma coisa, a linguagem poética nos faz abrir as portas para múltiplas significações relacionadas ao corpo em busca de um sentido estético.

Mergulhar no mundo de uma obra de arte - nesse caso a poética – é experimentá-la através da imaginação. “Para a pesquisa qualitativa que trabalha com o fenômeno situado, a imaginação é uma afirmação que é simultaneamente uma expressão “ser-no-mundo” (BICUDO & MARTINS, 2003, p. 79). Isso nos faz ver que existe uma relação entre o ser do homem e sua articulação no mundo que funda uma compreensão guiada pelo sentimento que o ser humano apresenta diante das coisas, diante do seu entorno. Nessa perspectiva, a imaginação não pode ser tratada como um simples ato mental, como também deve ser relacionada à experiência vivida.

Segundo Merleau-Ponty (2004), os signos apresentam uma posição de dependência uns com os outros e, no que se refere à linguagem, o sentido só aparece na intersecção e no intervalo das palavras, na relação lateral entre os signos.

Partindo desse referencial, percebendo como essa relação diacrítica da palavra está inteiramente impregnada de significado, e, ainda, no que se refere à poesia, em que a palavra parece tomar uma relação mais forte, mais aberta, e tomando a variação imaginativa como técnica de pesquisa, será realizada neste estudo uma análise de oito textos poéticos de escritores norte-rio-grandenses do século XX, na tentativa de identificar imagens e expressões relativas ao corpo e à cultura de movimento descritas em suas poesias.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

POESIA: UM CONVITE À ESTESIA

A poesia compreendida como uma expressão sensível nos faz abrir e desdobrar os panos da nossa corporeidade – dessa interação entre o ser orgânico e o ser cultural -, desse halo de significação em que o nosso corpo se insere: "a metáfora da obra de arte, que diz respeito à configuração plástica, móvel e poética do corpo, realça a procura por novas formas de compreender o mundo" (NÓBREGA, 1999, p. 119). É através do nosso corpo, do entrelaçamento das possibilidades do nosso imaginário com a experiência vivida, que podemos expressar a poesia presente em nossos gestos, em nossa vida, em nosso "movimentar-se", de forma sensível e, assim, exprimir novos significados presentes em nosso ser e na nossa relação com os outros.

Compreendida como uma linguagem sensível, a poesia não deseja ser decifrada. Antes de tudo, devemos compreendê-la não apenas reduzida em poema, como diz Morin (2005). A poesia está presente na nossa natureza sensível. E isso fica claro quando tomamos, por exemplo, um poema a ler.

Ao tentarmos desvendar um poema tomando como base apenas o prisma do próprio poeta que o escreveu, como uma análise semiótica, tratando-a como uma obra já concluída, estamos abdicando de nela pôr as nossas impressões, nossa marca, a verdade presente em nossa subjetividade e, dessa maneira, ela nada mais significa do que apenas uma disposição de palavras ao nosso olhar, que só tem sentido a uma razão pura. É preciso, então, que nos misturemos a ela através da nossa vida, do nosso vivido, e, assim, fundemos uma poesia dentro da própria poesia:

> A possibilidade da linguagem sensível assume o fato de que nem tudo, na linguagem, pode ser compreendido, pois há sempre lacunas, mas necessariamente precisa ser vivido para adquirir sentido. A consideração da experiência permite compreender diferentes formas de linguagem como o mito, a poesia, expressões sensíveis diretamente vinculadas à estesia do corpo (NÓBREGA, 2010, p. 88).

Ao abordar o conceito de estesiologia – ciência dos sentidos – no curso de Merleau-Ponty sobre a natureza, Nóbrega (2010) nos traz a noção dessa ciência relacionada a um corpo poroso, com orifícios. Esse corpo que chamo meu é também a indivisão entre os outros corpos. Podemos muito bem relacionar a estesia aos nossos desejos, aos nossos afetos.

Em nosso estudo, a imagem presente nos poemas confirma essa ideia de corpo indiviso proposto pela estesiologia, uma vez que esse corpo aparece misturado aos outros corpos, ao seu meio, transferindo significados referentes às suas experiências vividas, por meio das sensações advindas da interação corpo-mundo, como podemos ver nos versos a seguir:

Natal, não te traí;
Adolescente
Em teus becos,
Elegi tuas putas
Como príncipe,
Sua princesa amante,
Fui persuasivo e inconstante.
Nunca pensei em sair de
Ti...

(DORYAN GRAY CALDAS, Carta aberta para a muito amada cidade de Natal - 2010)

... Meu chão se muda em novos alicerces,
sob as pedreiras se rasgam meus passos:
e a velha grama (pasto de lirismos)
afoga-se nos sulcos das enxadas...

(ZILA MAMEDE, Salinas – 1958)

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO
ISBN 978-85-60036-18-9

... Sobrevivi porque contei tudo ao mar
Ele sabe como eu respiro
Guardei lá meus gritos
E misturei minhas lágrimas a seus sais...

(IRACEMA MACEDO, Poemas inéditos e outros escolhidos – 2010)

Terno Coração de pedra, mas
Pedra de sentimento
Que de tanto amor
Em duro granito se tornou...
... E ao longe o rio
Desse cantando,
E num passeio
A tarde carregando...

(NEWTON NAVARRO, Guia sentimental da cidade – 1984)

Ao observarmos os trechos dos poemas acima, podemos perceber como as sensações do corpo se encontram numa relação de intimidade com o seu meio. No primeiro trecho, que se refere ao poema de Dorian Gray, a cidade e o corpo apresentam uma relação intima, parecendo ser bons amigos; amigos estes que compartilham sonhos, afetos, lembranças. No poema, fica clara a relação do corpo que se entrelaça com esse espaço em que se encontra situado, atribuindo a ele novos significados que se referem às suas experiências vividas.

No poema Rua (Trairi), de Zila Mamede, podemos dizer que o mesmo também ocorre, muito embora a sensação revelada nesse poema seja de melancolia. E essa tristeza que no poema ocorre no tempo presente, aos olhos daquele corpo que vê as enxadas e picaretas destruírem aquele "pasto de lirismos", ao mesmo tempo dá espaço às lembranças alegres e felizes que ele vivera no passado, que parecem denunciar de maneira sensível a mudança daquela paisagem que antes lhe possibilitou belíssimas experiências vivenciadas com o seu corpo.

Já no trecho do terceiro poema, Praia de Ponta Negra, de Iracema Macedo, As experiências vividas trazem as marcas que o corpo carrega, guiado pelos seus sentimentos. Sua respiração parece estar inteiramente permeada pelos seus desejos mais íntimos. As vontades, os anseios misturam-se a esse corpo que sente, revelando assim o sofrimento presente nos gritos silenciosos de seus sentimentos, seus afetos, que expressa através de sua gestualidade, de suas lágrimas carregadas de significados. A natureza é sua confidente, sua amiga, e não como algo distanciado do seu mundo.

No poema de Newton Navarro, podemos perceber as experiências do corpo em dois espaços da cidade do Natal, o bairro Cidade Alta e a Ribeira. Nessa descrição, os espaços aparecem associados com as experiências do corpo, onde ambos parecem se confundir, envoltos pelas suas reminiscências, pelos sentimentos de saudade e tristeza; a figura humana é representada em alguns versos unidos pela cultura, natureza, os espaços vivenciados pelo corpo. Este, por sua vez, mostra-se presente no mundo de maneira sensível, relacionando as experiências do corpo com o seu meio, como evidenciado nas sensações sinestésicas, descritas no referido poema.

POESIA E CULTURA DO MOVIMENTO

A poesia e o homem sempre caminharam lado a lado na história da humanidade. Morin (2005), ao nos dizer que a poesia sempre fez parte de nossa vida, ainda cita também uma passagem de Hölderlin, em que ele dizia: "O homem habita a terra poeticamente", deixando-nos perceber como a poesia sempre esteve presente na vida do homem, em suas atividades, em seu cotidiano. Daí podemos pensar no homem pré-histórico e nos seus rituais de caça presentes nas pinturas das cavernas; das sociedades primitivas como a dos índios brasileiros e seus mitos, suas crenças, suas cerimônias retratadas na pintura em seu corpo; na sensibilidade e na atitude

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

de envolvimento com o mundo presente nas obras de grandes poetas mais célebres. Nesse sentido, a poesia permeia o corpo não só nas suas vivências com os outros, mas também na sua cultura de movimento.

> A cultura de movimento, ao envolver a relação entre corpo, natureza e cultura, configura-se como um conhecimento que vai sendo construído e reconstruído ao longo de nossas vidas e da história. Um conhecimento marcado pela linguagem sensível, que emerge do corpo e é revelada no movimento que é gesto, abarcando os aspectos bioculturais, sociais e históricos, não se resumindo às manifestações de jogos, danças, esportes, ginásticas ou lutas, mas abrangendo as diversas maneiras como o ser humano faz uso do ser corpo, ou seja, como cria e vivencia as técnicas do corpo. (MENDES e NÓBREGA, 2003, p. 6)

Com essa observação, podemos perceber a poesia ligada também à configuração do movimento humano, seja para expressar a linguagem sensível que une o corpo aos outros (cultura, natureza, todos os seres), onde um frequenta o outro, seja por meio da própria criação artística. Nesse sentido, a poesia, nas suas mais diferentes manifestações, torna-se um fator significativo para que possamos compreender e ampliar o conhecimento sobre cultura de movimento.

A investigação pautada no conhecimento fenomenológico possibilita-nos compreender o movimento humano carregado por significações históricas, culturais, vividas, o que nos amplia o entendimento sobre o movimento humano e expressão corporal.

...Que enfeita na Quaresma o Bom Jesus dos Passos,

No andor da procissão.
É bairro do samba, da folia,
Das adivinhações e da magia,
Das promessas de fitas, dos fandangos, dos leilões...
E das velhas latadas de Maracujá,
Das modinhas antigas,
Cantadas nos terreiros lá de cima,
Ao som dos violões de acorde certo...

(PALMYRA WANDERLEY, Alecrim – 1965)

...Daqui partiram rudes marinheiros
para as grandes viagens e aventuras,
com suas mãos de mar, calosas, duras
rasgando novos rumos e roteiros...

(DEÍFILO GURGEL, A Praia – 1979)

Observando os trechos citados, podemos perceber a relação do corpo e a sua relação com o meio vivido. No poema Alecrim, de Palmyra Wanderley, podemos observar o corpo entrelaçado à sua cultura, com os outros corpos, com o espaço, mergulhado nas diversas manifestações apresentadas no poema. Podemos perceber uma interação entre o corpo e o espaço que dita o desejo desse corpo em querer estar presente, em investir o seu corpo em determinada prática; a fé religiosa, o andar da procissão em dias santos, o samba e a sua folia realizado nas ruas do bairro, as lapinhas, as serenatas, os bonecos fandango apresentam-se como um fator influente na intencionalidade do corpo ao que se refere ao seu movimentar-se.

Já no poema A Praia, o que se mostra de maneira significativa no pequeno trecho é a união sensível entre o corpo e a natureza, que nos faz perceber como o movimento humano também está impregnado de significados que são guiados pela suas percepções advindas

 ISBN 978-85-60036-18-9

de suas experiências. A metáfora presente no terceiro verso do poema, “com suas mãos de mar, calosas, duras...”, deixa-nos perceber essa união sensível em que o movimento se destaca. Tal metáfora também nos faz perceber a ideia do corpo que está contido entre as coisas que o cercam.

> As coisas não são, portanto, simples objetos neutros que contemplaríamos diante de nós; cada uma dela simboliza e evoca uma certa conduta, provoca de nossa parte reações favoráveis ou desfavoráveis, e é por isso que os gostos em relação ao mundo e ao ser exterior são lidos nos objetos que ele escolheu para ter a sua volta, nas cores que prefere, nos lugares onde aprecia passear. (Merleau-Ponty, 2004, p. 23).

Pensar o corpo de maneira sensível é pensá-lo de maneira indivisível – indissociável. Merleau-Ponty (2007) nos traz uma noção de corpo em que ele incorpora todo o sensível em si – corpo objeto e corpo sujeito –, onde ao mesmo tempo em que esse corpo se percebe como vidente, também é visto; que toca, mas que também é tocado. Essa reflexão nos traz uma forma de perceber o corpo em movimento que transcende a ideia de um corpo mecânico, em que o movimento do corpo é posto em detrimento de uma mente dominadora.

Nóbrega (1999) nos apresenta a noção de corporeidade relacionada ao corpo “como sendo a unidade que engloba uma pluralidade de formas ou de existências” (NÓBREGA, 1999, p.26). Nesse sentido, existe um ser que se alimenta, que se diverte, que se relaciona, que se movimenta. Mas o interessante é que todas essas múltiplas faces do ser existencial se unem, e cada uma delas também pode ser compreendida como um todo; cada parte de si constitui o todo do ser. Isso fica muito claro quando tomamos como referência os trechos poéticos abaixo.

...Aquela roda já teve raios dourados
E uma borracha em torno...
Era de um velocípede de uma criança rica...
Passeou com as suas iguais
No soalho de um grande palacete...
Depois perdeu os raios dourados...
Perdeu tudo...
Sozinha... oca... vagabunda
Lá se vai rua afora
Dourada...
Macia...
Ambicionada
Aos olhos satisfeitos do menino pobre...

(JORGE FERNANDES, A Roda – 2007)

Embaladora de sono...
Balanço dos alpendres e dos ranchos...
Vai e vem nas modinhas langorosas...
Vai e vem de embalos e canções...
Professora de violões...
Tipóia dos amores nordestinos...

(JORGE FERNANDES, A Rede – 2007)

No poema “A Roda”, de Jorge Fernandes, o objeto aparece não apenas como um símbolo de diferença social, mas também apresenta diferentes configurações do corpo e ludicidade que estão representados, no poema, na vida do menino rico e do menino pobre. Ambos expressam uma intencionalidade em movimentar-se diferente entre si, na medida em que se relacionam com o referido objeto. Eles atribuem sentidos diferentes à roda, bem como uma nova função a

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ela, o que também vai configurar distintas formas de organizar o corpo no espaço – diferentes esquemas corporais; o poema nos causa ainda a sensação de que a própria roda está viva. E, de fato, assim ela está para a criança pobre. Observando com cuidado os últimos dois versos do poema, poderemos perceber que essa intencionalidade que a criança tem de se movimentar, parte da percepção advinda daquele objeto.

No caso do poema "A Rede", do mesmo Jorge Fernandes, tal objeto não se diferencia muito do primeiro (a roda). No poema, tal objeto aparece como um emblema de vários investimentos do corpo junto ao meio em que ele está inserido; evidenciam-se no poema várias práticas corporais em que o objeto serve como meio para a sua realização, tomando-o também como emblema da cultura de um povo, marcado tanto no seu movimento, como no querer fazer uso desse objeto. O movimento do "vai" e "vem" da rede, retratado no poema, demonstra o prazer do corpo em fazer uso do objeto; é o que o motiva esse corpo a se acoplar à rede para realizar tais práticas do seu cotidiano; as diversas reticências usadas nos versos dos poemas parecem querer mostrar a quebra de ritmo do tempo, do movimento do corpo ao utilizar a rede para diversas funções. Então, a rede se torna o símbolo das intenções do querer movimentar-se desse corpo que se entrelaça com sua cultura, sua história.

UMA EDUCAÇÃO POÉTICA

A poesia, assim como qualquer arte que se ancore no mundo percebido, como bem diz Merleau-Ponty (2004), expressa as coisas para além de como elas se apresentam ao nosso olhar. O poeta expressa as suas experiências corporais em palavras repletas de significados, repletas do vivido, sendo acometido por todos os seus sentidos. É essa a maneira sensível que o poeta tem de estar no mundo. O artista "[...] substitui a designação das coisas, como às da 'bem conhecidas', por um gênero de expressão que nos descreve a estrutura essencial da coisa e nos força assim a entrar nela" (Merleau-Ponty, p. 63, 2004). Como bem vimos numa oportunidade anterior, o autor revela que o pensamento e a arte moderna tem essa preocupação.

Procuremos então relacionar essa arte sensível com a educação, em especial a Educação Física.

De acordo com Medeiros (2010), o campo das artes pode ser tomado como fonte de conhecimento e da própria educação. Em seu livro "Uma educação tecida no corpo", apresenta a educação como um fenômeno em que se vai construindo no próprio corpo, este estando entrelaçado com sua cultura. A autora também coloca outro ponto importante, quando trata da arte não como um decalque do mundo - embora esteja ligado a ele -, mas a arte como criação, uma obra virtual (MEDEIROS, 2010, p. 18). Dessa maneira, o corpo faz uso das coisas do mundo como meio para uma expressão e, assim, institui a sua própria verdade.

Segundo Bachelard (2006), a verdadeira arte transcorre no corpo quando este se põe no instante de criação poética; no instante em que o artista se encontra no silêncio de si mesmo, na escuridão do mundo. Já vimos que esse momento transcorre num tempo vertical, onde há a recusa do tempo dos outros, tempo do mundo. Mas também vimos que antes desse momento existe uma percepção que se configura no momento sensível em que ele, o artista, põe-se a ver o mundo. Nesse sentido, podemos pensar numa educação em que o "fazer sentir" e o "fazer pensar" estejam intimamente entrelaçados, permitindo-nos refletir também sobre o conhecimento sobre o corpo e a consciência corporal.

Trazendo esse pensamento para o contexto da Educação Física, podemos então pensar na poesia como uma possibilidade de ampliar a linguagem corporal dos estudantes de uma forma sensível, fazendo com que despertem para a sensibilidade por meio dos gestos que realizam, da interação com o outro, de forma que possam transcender para um outro tempo, que possam, de fato, alcançar a verticalidade e, dessa forma, se tornarem sujeitos capazes de refletir sobre o seu corpo e o dos outros que o cercam. É outra forma de ver o mundo. Nesse sentido, os alunos são tomados como obra e artista do processo de ensino, de tal maneira que possam também refletir sobre o seu aprendizado, permitindo-os, pois, criar novas possibilidades de expressão, libertando todos os seus desejos, seus anseios, criando eles mesmos versos com o seu corpo.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO
ISBN 978-85-60036-18-9

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Viver em meio à poesia é viver de mãos dadas com a sensibilidade. Em minha vida, a poesia sempre esteve presente na minha forma de ver o mundo, nas minhas experiências marcadas num tempo-espaço muito particular, mas que todos ao meu redor se encontravam nele. No poema consigo vislumbrar um novo mundo, um mundo dos possíveis, em que em nada parecem existir limites. Nos poemas do poetas norte-rio-grandenses, por exemplo, que me fizeram transcender nos seus versos outrora apaixonados, outrora líricos, vi a possibilidade de pôr para fora todo o meu sentimento exposto neste trabalho.

Como vimos, a imagem, na concepção artística e filosófica moderna, ultrapassa a realidade para então instituir-se no mundo. Dessa maneira, percepção e imaginação se configuram como formas importantes para a aquisição do conhecimento e, portanto, podemos refletir sobre uma educação poética, que toma o sensível como um fator crucial na aprendizagem, no estímulo para o alcance de um corpo sensível.

Os dados sensíveis, em suas diversas manifestações, como os que são despertados pela experiência estética na arte, são muito significativos para que possamos compreender também a verdade do mundo através da união sensível entre o sujeito que conhece e o objeto conhecido que nós misturamos a ele, e não somente os dados racionais.

As imagens corporais presentes nos poemas analisados nos apresentam o corpo enlaçado à natureza e à cultura, onde novos significados se delineiam a partir das aventuras existenciais em que esse corpo se insere, à medida que se relaciona com o meio que o cerca. Assim se configura em uma perspectiva do movimento que não corresponde a uma vontade pura do espírito em querer se situar no espaço, evidenciando uma intencionalidade do próprio corpo em movimentar-se, ressignificando seus gestos, sua expressividade, que as experiências, as relações do corpo no espaço vivido vão permeando e construindo novos significados, marcados nos poemas pelas relações sinestésicas que esse corpo tece quando cria novos sentidos diante do confronto com os símbolos que o permeiam por todos os lados.

Tomando como referência a linguagem poética entrelaçada à noção de cultura e movimento e estesia, este trabalho contribui para a Educação Física enquanto área do conhecimento, ao propor a concepção de uma educação em que entrelaça o pensar ao sentir. Além, disso, a poesia enquanto poema nos possibilita valorizar e conhecer a cultura, o modo de viver de um povo, além de abrir as portas para que possamos conhecer outras culturas, mergulhando num mar de sensibilidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, H. H de. **Modernismo: anos 20 no Rio Grande do Norte**. Natal: UFRN. Ed. Universitária, 1995.

BACHELARD, G. **O Direito de Sonhar.** 4 ed – Rio de Janeiro: Bertrand, 2006.

BICUDO, M.A.V e MARTINS, J. **A Pesquisa qualitativa em psicologia.** Centauro, 2003.

BOSI, A. **História concisa da literatura brasileira.** 44 ed. – São Paulo: Cultrix, 2007.

BRASIL, A. **A poesia Norte-Rio-Grandense no século XX.** Rio de Janeiro: Imago Ed., 1998.

MENDES, M.I.B.S e NÓBREGA, T. P da. **Cultura de movimento: Reflexões a partir da relação entre, corpo, natureza e cultura.** Pensar a Prática, 2009.

MERLEAU-PONTY, M. **O olho e o espírito.** São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

_____. **Visível e invisível.** São Paulo: Perspectiva, 2007.

_____. **Conversas.** São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

MOISÉS, M. **História da Literatura Brasileira: Realismo e Simbolismo.** São

Paulo: Cultrix, 2001.

MORIN, E. **Amor, poesia, sabedoria.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

NÓBREGA, T.P. **Fenomenologia do Corpo.** São Paulo: Livraria da física, 2010.

_____. **Corpos do Tango: reflexões sobre gestos e cultura de movimento**. In LUCENA, R. de F., Edílson F. de SOUZA (orgs).*Educação Física: esporte e sociedade*. João Pessoa; Editora Universitária, 2003.

_____. **Para uma teoria da corporeidade: um diálogo com Merleau- Ponty e o pensamento complexo.** Tese de doutorado, Piracicaba – SP, 1999.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

POR UMA EDUCAÇÃO QUE ESCUTA E CORPOS QUE PRODUZEM SENTIDOS

Alexandro da Silva Marques
Elisabete Ferreira Delfino

RESUMO: Este artigo apresenta reflexões sobre nosso trabalho no Projeto de pesquisa e extensão Tecelendo da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia – UFRB. O referido projeto tem como centralidade a alfabetização de jovens, adultos e idosos em uma perspectiva ampla. Atrelamos à discussão da aquisição da leitura e escrita movimento de cultura e trabalho como princípios educativos. A tecelagem é tratada enquanto cultura, trabalho e geração de renda. O projeto acontece na cidade de Amargosa, Bahia, desde o ano de 2009, e atende aos moradores das periferias urbanas e rurais. Nossa organização metodológica parte do movimento da escuta sensível e do diálogo para a organização de nossas oficinas. Nesse movimento foi constituída, em 2012, a oficina "Meditação: Uma descoberta de si no mundo". Buscamos através dela trabalhar a autorreflexão, o conhecimento do corpo e o equilíbrio do ser. Para tanto, realizamos reflexões filosóficas e um trabalho para aguçar a sensibilidade das pessoas na busca por equilíbrio entre mente, corpo e espírito de forma ampla. Buscamos entender como os indivíduos compreendem a realidade à sua volta e como se percebem dentro desta realidade. Partimos da metodologia da reflexão-ação-reflexão para acompanhar o processo e qualificá-lo ao longo da caminhada. Nosso referencial teórico são os estudos de Paulo Freire e Edgar Morin. Acreditamos que esse trabalho contribui para a tomada de consciência, promove a nossa capacidade transformadora conosco e com o outro. Neste sentido, caminhamos para uma educação voltada para pensar e sentir o ser humano na sua totalidade. Buscamos possibilitar a condição de recriação dos fios dos nossos sentidos.

Palavras-Chave: Educação de Jovens e Adultos, Autoconhecimento e Existência.

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo refletir sobre a oficina "Meditação: Uma descoberta de si no mundo" no projeto de pesquisa e extensão Tecelendo[40], da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

A oficina de "Meditação: Uma descoberta de si no mundo", por sua vez, tem como objetivo central trabalhar com a meditação e o corpo no processo de reflexão de temas que perpassam o cotidiano dos educandos. Esses temas são de ordem existencial, tal como medo, amor, amizade, violência, família, conflitos, estresse etc.. Procuramos trabalhar também os processos de baixa autoestima e ansiedade através dos benefícios advindos da meditação.

Buscamos entender como os indivíduos compreendem a realidade à sua volta e como se percebem dentro dessa realidade. Entendendo a sociedade na qual estamos inseridos como propiciadora de valores e atitudes, faz-se necessária, na integração com os objetivos do projeto Tecelendo, a reflexão de nossas ações perante nosso dia a dia.

Nessa reflexão, faremos, em um primeiro momento, uma contextualização do projeto Tecelendo no que tange a sua concepção de educação e de alfabetização, bem como seus objetivos e concepções metodológicas. No momento seguinte, trataremos da trajetória da

40 O Tecelendo surge no ano de 2008, quando foi contemplado com dois editais: Mec/Proext/2008 e MEC/MINC/Proext/2008, com execução no de 2009. Ao longo dos trabalhos, o Tecelendo foi contemplado ainda com mais três editais: MEC/Proext/2009, MEC/Proext/ 2012 e mais recentemente MEC/Proext/2013. Além de Projeto de extensão, o Tecelendo vem também, ao longo dos anos, constituindo-se como projeto de pesquisa e também lócus desses trabalhos. Atualmente temos um projeto concluído e apresentado como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), três subprojetos em andamento em nível de graduação e um em nível de doutoramento.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

construção da oficina “Meditação: Uma descoberta de si no mundo” na qual nos debruçaremos em análise. E em um terceiro momento, faremos uma análise de cunho teórico a respeito do nosso trabalho na referida oficina. Nessa ocasião, refletimos acerca do nosso processo de alfabetização em uma perspectiva ampla e da importância do autoconhecimento do corpo e da espiritualidade nesse processo. Acreditamos em uma educação que leva em consideração que o aprender é sempre um processo de reorganização, não apenas uma resposta frente aos meios.

Muito temos defendido acerca da educação, porém o que temos percebido é que, por conta de um modelo de ciência e de educação, os processos de racionalização se sobrepuseram ao autoconhecimento, ao corpo e à espiritualização enquanto transcendência e produção de conhecimento. Este artigo é um pequeno movimento de nossos primeiros passos na afirmação da importância de superarmos o modelo de educação conservadora instituída e da importância de não fragmentarmos a mente do seu corpo e de seu espírito.

PROJETO TECELENDO E A OFICINA DE MEDITAÇÃO

O Tecelendo é um projeto de extensão da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - UFRB e tem como princípio trabalhar a alfabetização de jovens, adultos e idosos em uma perspectiva ampla. Aliados a este pressuposto, buscamos o trabalho da tecelagem como princípio educativo, fomento gerador de renda e valorização do trabalho artesanal.

Em 2008, foi formada uma equipe com a coordenadora do projeto, duas estudantes bolsistas de pedagogia e uma turma de alfabetização, contabilizando 10 pessoas envolvidas. Atualmente o Tecelendo conta com uma equipe composta pelas coordenadoras geral, vice-coordenadora, coordenadora pedagógica, nove estudantes de graduação (sendo sete bolsistas e dois voluntários) e cerca de 50 estudantes divididos entre oficinas e o Grupo de Estudos preparatório para o Enem, totalizando 62 pessoas envolvidas diretamente. Além disso, contamos com a participação de professores da UFRB trabalhando na formação continuada da equipe para atender as demandas do dia a dia.

O projeto Tecelendo atendeu, nesses três anos de existência, 170 pessoas diretamente e 200 pessoas de forma indireta. A centralidade metodológica do trabalho a que se propõe é a pesquisa-ação-reflexão, compreendendo que as etapas do projeto respeitarão a construção histórica da caminhada dos sujeitos envolvidos nele.

É importante ressaltar, aqui, que no início de suas atividades, o projeto Tecelendo era organizado em turmas, nos períodos da manhã, tarde e noite. Cada uma dessas turmas era identificada por um nome escolhido pelos próprios alunos, de acordo com as especificidades de cada turma. Sentindo a necessidade de uma maior integração entre os estudantes do projeto e procurando diminuir as taxas de evasão, o Tecelendo se propôs a trabalhar no formato de oficinas.

Sem perder a centralidade do projeto, uma dessas oficinas é a de Leitura e Escrita, que visa ao trabalho com a alfabetização. As demais oficinas, além de dar suporte para a alfabetização, trabalham assuntos diversos, como o teatro, a informática, a tecelagem, que agrega o trabalho enquanto princípio educativo, e a meditação, que procura trabalhar mente, corpo e espírito.

Identificamos, no desenvolvimento de nossas atividades no projeto, que muitos dos participantes em nossas oficinas apresentavam algum tipo de desmotivação. Alguns estudantes ressaltavam que vivenciavam muitos problemas psicológicos que envolviam sintomas depressivos, fobias etc.. Essas emoções eram nitidamente expressas nos momentos em que nós, educadores, planejávamos alguma atividade e percebíamos por parte dos educandos certo acanhamento em desenvolver um trabalho em grupo. Esses indivíduos demostravam o retraimento ao participar de um momento de discussão de temas que perpassam o próprio cotidiano ou o simples medo de errar, daí recusar a efetivação de uma atividade frente a uma ação proposta pelos educadores.

Diante dos objetivos do projeto Tecelendo, que tem como desafio atuar na organização de grupos produtivos, tomando como centralidade o trabalho e a EJA, proporciona desse diálogo a geração de trabalho e renda como emancipação. Entendemos que nossas ações devem sempre

 ISBN 978-85-60036-18-9

possibilitar o fortalecimento do diálogo entre projeto e comunidade. Assim nasce a oficina de meditação[41] como possibilidade de aliarmos alfabetização, corpo e mente. A alfabetização não como momento da escrita e leitura de símbolos, entendemos a importância significativa desse ato, porém destacamos também a importância do momento dialógico com o outro.

Na oficina de 2011, observamos, em alguns relatos de educandos, que destacavam a oficina como um momento que produzia um bem-estar. Nos comportamentos observamos também que esses indivíduos apresentavam uma melhora no humor e na autoestima, pois nessa primeira fase buscamos trabalhar com a valorização dos sentidos como forma de se conhecer. Aliados a essa proposta, trabalhamos com as reflexões de temas que perpassavam o cotidiano. Nesse movimento, além de se conhecerem, esses sujeitos eram levados a desenvolver suas argumentações através das discussões e assim também a respeitar/valorizar as diferentes perspectivas.

Em 2012, continuamos a oficina de meditação resgatando algumas conclusões observadas por nós, educadores, na oficina anterior. Buscamos nesta proposta trabalhar, de forma mais efetiva, o momento de relaxamento, o qual busca aliviar tensões do dia a dia e conduzir os educandos ao momento de pausa, respiração e percepção do próprio corpo. Em seguida, avançávamos para um momento de discussão, em que no primeiro momento abordávamos um tema, sondávamos o que os indivíduos entendiam e pensavam; depois fazíamos uma reflexão com ajuda de um suporte teórico filosófico.

Neste ano os temas planejados condiziam com assuntos específicos de cunho existencial, como a culpa, a dor, a felicidade, a razão que move a vida, o medo etc.. Esses assuntos surgiram a partir de nossas observações na oficina de meditação de 2011, na qual percebemos que era necessário trabalharmos a reflexão filosófica de alguns temas do cotidiano.

No planejamento da oficina de “Meditação: um processo para descoberta de si no mundo”, buscamos dar continuidade ao trabalho iniciado em 2011 e avançarmos em nosso objetivo de buscar ‘se conhecer’ e entender o que somos neste mundo, nas ações que fazemos com nós e com o outro.

Assim, no andamento das atividades, mantivemos os momentos iniciais da oficina com uma sondagem de como foi o dia e a semana de cada educando. Este momento nos possibilita uma aproximação maior com cada indivíduo e também permite que relaxem e fiquem mais dispostos e abertos para dialogarem. Em seguida avançávamos para o relaxamento, sempre com temas suaves e com um dos educadores induzindo o diálogo mental [42], a fim de trabalhar o pensamento para a atividade do dia. Geralmente este momento tive durações de 25 a 30 minutos. Em seguida, partíamos para a discussão de alguns temas em que os educandos diziam o que pensavam, e nós, educadores, fazíamos o papel de mediar e refletir também com base em alguns filósofos e pensadores. No término das discussões, todos acabavam se divertindo e entendendo um pouco de cada assunto crucial em nossas vidas.

ALGUMAS REFLEXÕES EXISTENCIAIS

“Qual a minha razão de viver? Haverá uma razão para a vida? O que é viver?” Com essas questões iniciamos o primeiro encontro da oficina de “Meditação: uma descoberta de si no mundo”. Essas questões perpassam todo o desenvolvimento, tanto da oficina como as nossas vidas, a vida dos educadores e dos educandos. Entender o sentido da vida, e se há tal sentido, é uma questão existencial que perpassa todo ser humano em alguma fase de sua vida.

Junto a essas questões surgem outras infinidades de questionamentos e sensações; surgem medos, receios, dramas, lembranças, alegrias, dores e silêncios nas infinitas misturas desse jogo de contradições. Refletir sobre os sentidos que atribuímos à vida é uma possibilidade

41 A Oficina de Meditação inicia-se em 2011, tendo duração de 4 meses, com o tema: “Meditação e Reflexão: Desvelando o Cotidiano”, em que trabalhamos assuntos com atividades que ajudaram a pensar e desenvolver os cinco sentidos do nosso corpo (tato, paladar, audição, olfato e visão). A elaboração da oficina é semestral, sendo desenvolvido um tema especifico para cada semestre.

42 Diálogo mental é a indução de palavras que tentam relaxar os indivíduos e encaminhá-los para a disposição em se compreenderem.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

de resgatar e manter viva dentro de nós uma fagulha que nos acende, o questionar-se e incomodar-se consigo e com o mundo.

Esses movimentos nos mostram a contradição que somos nós seres viventes que nos qualificamos de humanos racionais, por desenvolver um sistema linguístico sistemático e de dominar a natureza a sua volta, modificando-a e transformando-a. Porém esse mesmo indivíduo que tanto busca e busca não se encontra, 'busca um mundo fora de si e esquece o mundo de dentro'. Vamos esquecendo de nós mesmos, fazemos parte de um sistema que nos exige pressa, pensar menos e assim agir e produzir bens de consumo em demasia. Nessa correria, o homem esvazia-se de si e busca preencher-se de toda concepção moderna, um ideal de felicidade objetado pelo marketing, pelas mídias. E assim o sonho do acumular constante cerca esse indivíduo.

Esse mesmo indivíduo que busca nas ideias projetadas fora de si um acumular-se, buscando preencher algo que ele não conhece. Esse sujeito é como um poço cavado que tem por funcionalidade conter água, mas em alguns momentos se encontra vazio. Ele precisa de preenchimento e assim perceber-se útil, e não apenas um vazio sem sentido. Não queremos dizer, com isso, que o homem deverá ter uma utilidade, mas queremos chamar atenção para o sentido que buscamos e atribuímos à vida.

Uma vida que ocorre em meio a um emaranhado de desafios, sejam eles de subsistência, religiosos, culturais, sexuais e ideologias diversas, convocando-nos a pensarmos o que somos e fazermos do mundo e de nós próprios. Um mundo que desconhecemos que é o 'eu', isto que chamamos de interioridade e consciência. A elaboração de um castelo de tantas subjetivações, que ao mesmo tempo se relaciona com outros diferentes mundos alheios e nem sempre encontra pontos de concordância ou equilíbrio, gerando as tensões conflituosas das ideologias e crenças.

Esse é o jogo do conflito, o eterno devir das coisas nesta contradição de ser ou não ser um indivíduo que projeta uma vida ou apenas vive segundo as circunstâncias que lhes são advindas e circunscritas durante seu percurso. Mas sempre nos deparamos com a pergunta: Afinal, o que faço eu da vida? Vida que vivo ou que apenas penso vivê-la? O famoso indivíduo que caminha no "deixa para amanhã que tudo será melhor..." Mas a sede o convoca a beber a água no momento em que a sensação de secura lhe vem à boca. No momento em que as conquistas ou perdas não mais satisfazem, vêm à mente muitas questões, e chegamos ao estágio do cansaço mental, da fadiga, do estresse e tantas outras fases do nosso progresso moderno.

Ter determinados pensamentos, vícios e declínios faz parte da nossa condição humana. Somos um ser em constante mutação; o nosso problema, talvez, é criarmos uma imagem fixa e gelada do que supomos ser nós e a vida. Ao buscar realizar tal imagem e perfeição, nos deparamos com a força natural empregada pela vida: o acaso, o indeterminado, e assim paramos de frente com a angústia.

Nosso tempo existencial percorre muros de nossas fortalezas valorativas, afinal sempre estamos a julgar alguma coisa. Nossos olhares foram educados para a unicidade, o imutável e a certeza absoluta e a crença até mesmo de que podemos controlar aquilo que nos escapa às mãos: A VIDA. Porém o mundo e nós nos relacionamos em meio ao que não é determinável. Tudo à nossa volta está se diluindo, escapando de nossas mãos, num fluxo de um eterno devir. De repente nos perguntamos: O que fica entre nossos dedos? Talvez sentidos... Tentamos numa atitude descontrolada e angustiante, criar medidas, fórmulas e receitas que deem conta de conter do recipiente de nossa racionalidade a fragilidade e os equívocos da nossa existência.

A vida escapa a limitações lógicas, rompe o discurso científico, flui para além dos livros. Os discursos não dão conta de apreendê-la, não é possível conhecê-la por completo, há de se deixar passar pelos poros do próprio sentir. O filósofo Friedrich Nietzsche nos diz o seguinte:

> (...) Temos de assumir diante de nós mesmos a responsabilidade por nossa existência, por conseguinte, queremos agir como os verdadeiros timoneiros desta vida, e não permitir que nossa

ISBN 978-85-60036-18-9

> existência pareça uma contingência privada de pensamento. Esta existência quer que abordemos com ousadia e também com temeridade, até porque, no melhor ou no pior dos casos, sempre a perderemos. Porque se agarrar a este pedaço de terra, a esta profissão, porque dar ouvidos ao proposito do vizinho? (...) O oriente e o ocidente são linhas imaginárias que alguém traça com um giz diante de nossos olhos, para enganar a nossa pusilanimidade. (NIETZSCHE, 2009. p. 164)

Somos acometidos pelo medo que nos leva a recuar alguns passos, coloca-nos restrições, envolvem-nos em abismos de fábulas sem fim. Caímos em tropeço ao perceber, afinal, que os monstros de nossos pesadelos não passavam de simples sombras mal observadas. Os olhos se fecham para a claridade do amanhecer, estando o indivíduo de frente dele próprio.

Diante desse cenário nos deparamos em meio ao processo de alfabetização, sem entender que a nossa condição de vivente nos circunda crostas densas de valores, preconcepções e de discursos desestimulantes. O que espera uma senhora de 60 ou 70 anos ao entrar em um espaço de alfabetização? O que ela deseja? O que ela quer ler? Qual a funcionalidade do seu desejo? Poderíamos aqui supor muitas coisas ou até mesmo subjugar, aos olhos da razão do capital, que de pouco ou nada adiantaria seu desejo. Qual funcionalidade dessa senhora na engrenagem social?

O que estamos defendendo neste artigo e em nossas atividades no projeto Tecelendo é o papel da educação voltada para o ser humano integral, o ser humano que está envolto por uma complexidade que lhe é inerente. Nós não vivemos apenas para alcançar uma posição social, daí uma educação voltada apenas para uma função, mas vivemos para aprender e educar nossos desejos, sonhos e objetivos. Uma educação voltada para além de nos possibilitar as ferramentas e técnicas de qualquer ofício, que possa despertar nossa condição humana de seres que se expandem tanto em técnicas como em sensibilidade, afetos e sentimentos.

Uma educação que leva em consideração que o aprender é sempre um processo de reorganização, não apenas uma resposta frente aos meios. O indivíduo é levado ao movimento de autorreflexão, em que um processo individual é iniciado, pois cada pessoa busca suas próprias respostas, mesmo as perguntas sendo as mesmas. O que nos diferencia é a maneira que buscamos encontrar ou formular uma resposta.

Na oficina de meditação, podemos observar que os encontros possibilitam um momento de vivência com alguns conflitos pessoais e, no momento que são refletidos, esses sujeitos aprendem a sentir seus limites. Esses limites pensados e debatidos no grupo a partir de tema já mencionados no início desta comunicação nos fazem perceber a conexão que há das nossas atitudes, ações e pensamentos com diferentes saberes, mesmo não sendo evidentes pelos educandos e que passam despercebidos em muitos casos por nós, educadores, e estudantes da academia. Existe na fala dos educandos um saber que envolve o conceito de complexidade que Edgar Morin[43] traz em seus livros.

Os sujeitos, ao expressarem seus posicionamentos, sempre articulam seus pontos de vista com o cenário cultural, religioso, sua consciência frente ao cenário político e seus afetos. Essas percepções nos mostram que muitas vezes nós, educadores, estamos ainda há alguns passos atrás em nossos pensamentos; estamos fragmentados na nossa estrutura de pensar o mundo. Esses sujeitos, mesmo que envoltos também em uma fragmentação, advinda da própria fragmentação das ciências, levam-nos a pensar as nossas práticas educacionais. Estamos tão preocupados em alcançar resultados em uma sala de aula, que não percebemos nossa falta de articulação com os diversos segmentos. Vamos perdendo o elo da vida com suas diferentes tramas, tornando em algo pálido e raquítico. Neste cenário, caminhamos injetando em doses homeopáticas nossa morbidez a esses sujeitos.

43 Edgar Morin, filósofo, antropólogo e sociólogo francês. Dentre os vários livros escritos: Cabeça feita, Os sete saberes a uma educação do futuro.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Nossos sistemas de ensino, em muitos contextos, mantêm uma estrutura desconexa com a articulação dos diferentes saberes e sua integridade de contextualização para o pensamento. A esse respeito Morin nos diz:

> Em vez de corrigir esses desenvolvimentos, nosso sistema de ensino obedece a eles. Na escola primária nos ensinam a isolar os objetos (de seu meio ambiente), a separar as disciplinas (em vez de reconhecer suas correlações), a dissociar os problemas, em vez de reunir e integrar. Obrigam-nos a reduzir o complexo ao simples, isto é, a separar o que está ligado; a decompor, e não a recompor; e a eliminar tudo que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. (MORIN, 2003, p. 11)

Nesse sentido, entendemos que para o indivíduo aprender é necessário o despertamento de sua sensibilidade e de seus olhares despertos para sua cotidianidade e suas contradições. É preciso criar e estabelecermos laços afetivos com o mundo e o conhecimento que nos chega e, assim, buscarmos:

> Saborear visceralmente e vivenciar o amor, a solidariedade, a amizade, o sagrado, enfim experimentar sinceramente contatos afetivos saudáveis, produzindo mudanças existenciais profundas. Tais mudanças são materializadas no comportamento das pessoas, nas opções que fazem na vida, nas formas discursivas que usam. (GONSALVES, 2011, p.121)

Nos encontros da oficina, podemos perceber a disposição de muitos dos educandos em se permitirem dizer seu ponto de vista, sem receio ou preocupação. Por meio do diálogo[44] os sujeitos argumentam suas convicções e ideologias e possibilitam a descoberta de si entre os diferentes segmentos que lhes são refletidos. Através de um relato, ao assistir um vídeo, ou ler um texto reflexivo, esses sujeitos começam a compreender o que passa despercebido em nossa correria de afazeres e problemas.

Assim, nosso papel de educadores dentro desta oficina não é apenas dizer algo que os sujeitos não conhecem, mas nos compreender como integrantes que somos de um conjunto. Não estamos buscando explicar um determinado tema sobre um problema existencial específico, pois, segundo Morin, a explicação usa de todos os meios objetivos que o conhecimento disponibiliza, porém estes são insuficientes para compreender o ser subjetivo que somos. Para esse pensador é preciso que estejamos abertos sempre para as diferentes percepções de nós mesmos na dor e nos sofrimentos. Diz-nos Morin (2003):

A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão. (p. 46)

A educação, enquanto possibilidade da expansão de sua sensibilidade, intelecto, valores e noção de mundo, requer a reintegração do indivíduo, seja por meio das escolas, igrejas, seja por associações. Não apenas uma educação que se baseia apenas na produção de mão de obra ou de utilidade a um setor econômico, mas que estimule o desenvolvimento do indivíduo nas diferentes esferas da sua vida.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que nossas atividades, durante o ano de 2012, possibilitaram-nos compreender com mais afinco nossas atitudes e sentidos que atribuímos a nossas vidas. A oficina

44 Palavra de origem grega que significa: dia= através de, logos= palavra, sentido.

 ISBN 978-85-60036-18-9

ajudou-nos a nos compreender enquanto sujeitos que dialogam com as diferentes percepções do seu dia a dia e refletem esses movimentos através do diálogo e de seus sentidos.

O diálogo nos possibilita dizer, através da palavra, os posicionamentos que elaboramos durante nossa existência, e o momento de discussão em grupo favorece a troca e reconstrução dos saberes. Os indivíduos se sentem mais autônomos em se expressarem e valorizarem o ato da fala e da defesa de seus argumentos. A meditação favorece a possibilidade de o sujeito (re) pensar os cuidados com o corpo e com a mente, entendendo a importância do equilíbrio de ambos. Equilíbrio que é sentido no momento em que há a conexão do cuidado com o estado mental, pois as discussões nos fazem pensar sobre elementos constituintes de nossas potencialidades de contradições e criações.

A oficina “Meditação: uma descoberta de si no mundo” buscou promover a reflexão de que não somos seres prontos e que não será descoberta uma fórmula dada por algum sábio ou profeta do ser humano. Somos seres que nos constituímos em fases aos diferentes contextos que nos circunscrevem. Nesse sentido, caminhamos para uma educação que está voltada para pensar e sentir o ser humano na sua totalidade, ou seja, não buscamos apenas dar saberes prontos que foram constituídos ao longo das décadas, mas também possibilitar a condição de recriação de nossos sentidos.

Segundo Paulo Freire (1996):

> Aqui chegamos ao ponto de que talvez devêssemos ter partido. O do inacabamento do ser humano. Na verdade, o inacabamento do ser ou sua inconclusão é próprio da experiência vital. Onde há vida, há inacabamento. (...) (p.50)

> Gosto de ser homem, de ser gente, porque não está dado como certo, inequívoco, irrevogável que sou ou serei decente, que testemunharei sempre gestos puros, que sou e que serei justo, que respeitarei os outros, que não mentirei escondendo o seu valor porque a inveja de sua presença no mundo me incomoda e me enraivece. Gosto de ser homem, de ser gente, porque sei que a minha passagem pelo mundo não é predeterminada, preestabelecida. Que o meu “destino” não é um dado, mas algo que precisa ser feito e de cuja responsabilidade não posso me eximir. Gosto de ser gente porque a história em que me faço com os outros e de cuja feitura tomo parte é um tempo de possibilidades, e não de determinismo. Daí que insista na *problematização* do futuro e recuse sua inexorabilidade. (p. 52)

É nessa perspectiva que caminha a oficina de Meditação, entendendo que nós não somos seres acabados, mas que estamos nos constituindo todos os dias, e essa constituição precisa ser consciente, para que possamos assumir a responsabilidade desse constituir-se a cada instante. Para tanto, é necessário que nos conheçamos, que nos aceitemos e nos percebamos dentro do mundo e da sociedade em que vivemos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

FREIRE, Paulo e HORTON, Myles. **O caminho se faz caminhando: conversas sobre educação e mudança social.** Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2003.

FREIRE,Paulo. **Pedagogia do Oprimido**.17ª Ed. Rio de Janeiro:Paz e Terra,1987.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**.São Paulo:Paz e Terra,1996.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

_____. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido**.São Paulo:Paz e Terra,1997.

GONSALVES, Elisa P. **Por uma Educação de Jovens e Adultos Biocêntrica**. 2011, p. 121 mímeo S/D.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem feita**. Tradução: Eloá Jacobina. 8ª Ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NIETZSCHE, F. W. **III consideração Extemporânea**: Schopenhauer como Educador. In. Escritos sobre educação. Tradução: Noeli Correia de Melo Sobrinho. 4ª Ed. Ver. E ampl. – Rio de Janeiro: PUC-Rio; São Paulo: Ed. Loyola, 2009.

ISBN 978-85-60036-18-9

EDUCAÇÃO FÍSICA E SUS: AS COMPREENSÕES DE CORPO VINCULADAS NOS ARTIGOS PUBLICADOS NOS ANAIS DOS CONGRESSOS BRASILEIROS DE CIÊNCIAS DO ESPORTE (2003-2011)

Paula Nunes Chaves
Universidade Federal do Rio grande do Norte - UFRN

RESUMO: O Sistema Único de Saúde (SUS) é considerado uma das maiores conquistas sociais da constituição de 1988 e marca um avanço na forma de conceber a saúde, antes compreendida como simples ausência de doença, passando a ser entendida como um fenômeno mais complexo. O SUS tem sido pouco tematizado na produção científica da Educação Física, e essa realidade é preocupante, considerando que a Educação Física é uma profissão que está intervindo nos NASFs. Diante dessa problemática, o objetivo desta pesquisa consiste em: identificar relações entre a Educação Física e o Sistema Único de Saúde, discutindo sobre os principais referenciais teóricos e compreensões de corpo dos artigos publicados nos Anais dos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte. Primeiramente realizamos uma pesquisa sobre o histórico e os princípios que regem o SUS e, posteriormente, para identificar as relações da Educação Física com o SUS tecidas na produções dos Congressos Brasileiros de Ciência do Esporte (CONBRACES) e as compreensões de corpo vinculadas nessas produções. Foi realizada uma releitura dos artigos que citavam o SUS de 2003 a 2009 e a leitura dos artigos de 2011 do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Atividade Física e Saúde. Por fim, percebemos que os artigos analisados colaboram com uma série de problematizações e reflexões sobre corpo, relação e intervenção da Educação Física no âmbito da saúde através do SUS e de seus programas. Porém, o corpo ainda necessita ser amplamente discutido na sua relação com a Educação Física e saúde pública, não somente nesses artigos do CONBRACE, mas em todos os âmbitos da produção e discussão científica.

Palavras-chave: Corpo, Educação Física, SUS.

INTRODUÇÃO

A criação do Sistema Único de Saúde (SUS) inaugurou um novo modelo de gerenciar, de forma descentralizada (através dos municípios), os serviços de saúde no país, com vistas ao aprimoramento destes. Ele é considerado uma das maiores conquistas sociais da Constituição de 1988 e marca um avanço na forma de conceber a saúde, antes compreendida como simples ausência de doença, passando a ser entendida como um fenômeno mais complexo.

O SUS foi criado para oferecer atendimento igualitário, cuidar e promover a saúde de toda a população, baseado nos princípios da integralidade, universalidade e equidade. O Sistema constitui um projeto social único que se materializa por meio de ações de promoção, prevenção e assistência à saúde dos brasileiros.

Assim, em 1994, foram implantados no âmbito dos municípios, o Programa de Saúde da Família (PSF), cuja intervenção se materializa por meio de equipes multiprofissionais nas unidades básicas de saúde. Segundo Marques (2009, p.5,6), “apresentando suas intervenções em grande parte pautadas na perspectiva de recuperação, devido ao seu quadro mínimo de profissionais, o PSF deixa de atender às demandas preventivas”.

Diante dessa conjuntura, em 24 de janeiro de 2008 foram criados os Núcleos de Apoio à Saúde da Família – NASF, que estão contidos no PSF e representam uma apliação deste, incluindo o profissional de Educação Física, Fisioterapia Nutrição, Psicologia, Assistência

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Social e outros na equipe multiprofissional, ampliando o viés curativo através de intervenções preventivas e educativas.

Essa inserção do profissional de Educação Física na equipe multiprofissional do NASF gerou uma gama de questionamentos, dúvidas e apontamentos sobre o papel desse profissional, bem como sobre sua contribuição e intervenção nesse espaço, considerando que a relação entre o SUS e a Educação Física é uma discussão recente nesse campo do conhecimento.

Nesse sentido, o SUS tem sido pouco tematizado na produção científica da Educação Física. De acordo com uma revisão de literatura sobre essa temática em periódicos de grande repercussão na área, como as revistas Movimento, Motriz e Revista Brasileira de Ciências do Esporte (RBCE), realizada em outubro de 2011, foi identificada uma ausência de artigos relacionados a essa temática. Portanto um dos locais de produção do conhecimento que favorece o fomento dessa discussão são os Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte (CONBRACES), que são realizados a cada dois anos pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE). Mesmo assim, é preciso atentar que os estudos relacionados ao Sistema Único de Saúde só começam a surgir a partir do ano de 2003.

Essa realidade é preocupante, considerando que a Educação Física é uma profissão que está presente nos NASFs e necessita, portanto, conhecer e dialogar com o SUS, de maneira que os profissionais da área sejam capazes de discutir e apreender algumas concepções importantes, como a de corpo, saúde, cuidado de si. Assim eles podem propor suas ações dentro do SUS, sempre balizados nesses conhecimentos, pensando na diversidade de corpos e nos seus desejos e necessidades subjetivas. E esses eixos deveriam ser discutidos no âmbito da formação inicial e continuada.

Diante dessa problemática, o objetivo deste estudo consiste em identificar relações entre a Educação Física e o Sistema Único de Saúde, discutindo sobre os principais referenciais teóricos e compreensões de corpo dos artigos publicados nos Anais dos Congressos Brasileiros de Ciências do Esporte. O intuito é constatar como o corpo está sendo concebido e compreendido nessas produções científicas que abordam o SUS, que refletem as próprias concepções materializadas na prática dentro do sistema.

METODOLOGIA

Esta pesquisa caracteriza-se como um estudo hermenêutico. Primeiramente, realizamos uma pesquisa sobre o histórico e os princípios que regem o SUS e, posteriormente, para identificar as relações da Educação Física com o SUS tecidas nas produções dos Congressos Brasileiros de Ciência do Esporte (CONBRACES), foi realizada uma análise do material empírico que compreendeu a releitura dos artigos que citavam o SUS de 2003 a 2009 do Grupo de Trabalho Temático (GTT) Atividade Física e Saúde, disponibilizados nos anais do evento. Bem como uma leitura dos artigos de 2011, que faziam relação com o SUS, no intuito de identificar conceitos de corpo disseminados nessas produções científicas, problematizando conceitos lineares, reducionistas e biologicistas enraizados nessa área do conhecimento. Os dados identificados foram organizados em tabelas e, através da técnica da análise de conteúdo, elaboramos discussões a respeito das temáticas abordadas.

RESULTADOS

A Educação Física é marcada por uma polarização/fragmentação entre as abordagens biológica e humana. Nessa ruptura prevaleceu o viés biológico por muito tempo. Entretanto o diálogo entre essas configurações do saber começa a ser materializado e observado nas produções científicas recentes, no sentido da não hierarquização dos saberes, inclusive nos artigos analisados.

Assim, no tocante à abordagem científica dos artigos no período de 2003 a 2011, observou-se que todos os dezenove artigos (um artigo nos anos de 2003 e 2005, dois em 2007, quatro em 2009 e onze em 2011) que fazem relação com o SUS foram construídos balizados na lógica das humanidades, configurando um avanço nessas discussões. Observou-se também o

 ISBN 978-85-60036-18-9

crescimento considerável do número de artigos que relacionam a Educação Física com o Sistema Único de Saúde ao longo dos anos, mostrando que essa temática necessita ser discutida mais amplamente na área, pois em relação à quantidade de artigos apresentados, ainda há uma carência dessa temática.

Compreensões de corpo observadas nos artigos (2003-2011)

No ano de 2003, verificou-se a presença de apenas um artigo que faz relação com o SUS. Este traz uma compreensão de corpo biossocial (MARRANO ET AL, 2003). O artigo de Nova et al (2005) traz discussões sobre o SUS, fazendo menção ao corpo biocultural ao citar que cada sujeito está inserido numa cultura específica que altera (e é alterada por) nossas concepções, ações e crenças no decorrer de uma história. Coloca-se contra a concepção capitalista de corpo e saúde, pois se atribui ao indivíduo a culpa pelos males que o acometem, desconsiderando os fatores sociais. Com relação aos dois artigos de 2007, um de Maria Barçante Ladvocat e o outro de Marcos Warschauer et al, eles não citam nenhuma concepção específica de corpo, mas por mencionarem que os fatores sociais, culturais e ambientais influenciam a saúde, deduziu-se que está implícita neles uma compreensão do corpo biocultural. Dos quatro artigos de 2009, o primeiro de Alan Jonh de Jesus Costa cita o corpo como biossocial. No outro texto denominado "Promoção da saúde em um programa brasileiro de promoção da af: uma análise crítica", o corpo é visto como integral. No penúltimo artigo de Martinez e Bacheladenskib (2009), o corpo é tido como histórico, social e cultural, e no último texto, tem-se a seguinte afirmação: "deve-se considerar o sujeito para além de uma matéria biológica, mas, sobretudo, como um conjunto de construções sócio-psicológico e cultural". (MARQUES, 2009, p.4)

Por fim, nos artigos analisados de 2011, que citavam o SUS, foram encontrados 6 artigos que traziam compreensões de corpo relacionadas ao biocultural, estando além do corpo físico e biológico, compreendendo o corpo como histórico, vivo, pulsante, subjetivo, sensível, que não pode ser adestrado e possui capacidades e limites. Nesse sentido, o artigo intitulado "O papel da Educação Física no centro de atenção psicossocial II de um município pertencente à região do Piemonte da Chapada – Bahia" traz uma visão de totalidade e não fragmentação corpórea, evidenciando que "Entender o corpo separado da cabeça (mente) é compreendê-lo como um amontoado de órgãos ou segmentos. Portanto a visão racionalista de corpo inviabiliza a concepção de integralidade dos sujeitos através do fazer em educação física" (BOMFIM e NUNES, 2011, p.11 e 12). O texto menciona, ainda, que é através do corpo que desejos e emoções se materializam, e ao explanar sobre doentes e deficientes, critica que "desde muito tempo, a totalidade do ser era descartada para dar espaço à visão míope do problema, ou seja, as dimensões sociais, culturais e históricas dos sujeitos não eram consideradas, já que doentes e deficientes eram tidos como o esgoto da sociedade. Daí não havia sentido proporcionar-lhes bem-estar ou cuidado integral, pois manchavam a ordem social e o princípio da eugenia da raça, e os considerados impuros não tinham vez". (BOMFIM e NUNES, 2011, p.5)

No artigo "Práticas corporais na saúde mental: um relato de experiência do CAPS AD "Primavera" Aracaju/SE", é possível identificar uma compreensão de corpo subjetivo na seguinte parte: "Voltando a atenção ao corpo que se reconhece corpo pelo contato com os corpos e que explora o que pode, corpos que se reconhecem no mundo, mas que também produzem esquecimento, inconsciência corporal para enfrentar perdas, dores e sofrimento" (LÍRIO, 2011, p.9).

O artigo "o brincar no hospital a partir de uma teoria do sujeito" critica a linha terapêutica por esta desconhecer que o paciente humano excede o "mecano" e se articula numa subjetividade que lhe dá suporte e que fundamenta a própria prática clínica.

Ainda em 2011, outro texto menciona que "(...) Não se trata de 'treinar' ou de 'adestrar', talvez nem mesmo de 'habilitar' o corpo dos praticantes para o desempenho de atividades físicas, mas, na maioria das vezes, simplesmente, através da atividade, colocar em contato com seu próprio corpo pessoas que jamais se detiveram para 'senti-lo' ou 'ouvi-lo' como algo seu, vivo, pulsante, com capacidades e limites (...)" (LUZ, 2007 apud RUBENS et al, 2011, p.3).

Nos outros 5 artigos de 2011, não foi identificada nenhuma compreensão de corpo explícita e clara.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

DISCUSSÕES

A educação física, na sua história, é marcada por propagar compreensões reducionistas, mecanizadas e fragmentadas de corpo, inclusive na atualidade. A produção do conhecimento ainda concebe o corpo de forma fracionada, com ênfase nos aspectos biológicos, um corpo passivo, dicotômico, objeto, padronizado, domesticado, moldado, adestrado, sem singularidades. Porém algumas pesquisas abriram espaço para os aspectos culturais, sociais e históricos do ser humano e para a percepção da totalidade e inteireza corporal. Essas discussões e problematizações estão cada vez mais frequentes na produção acadêmica da área, inclusive na produção analisada.

Considerando o contexto histórico, tem-se que o corpo era visto como máquina energética: "No século XIX, os estudos biológicos consideravam os organismos como máquinas inanimadas governadas por processos físico-químicos..." (MENDES, 2007, p.72). Posteriormente, o corpo foi controlado para ser inserido no campo produtivo, servindo para o crescimento da sociedade industrial.

Nesse sentido, ao analisar as produções do GTT atividade física do CONBRACE (2003-2011), foi observado que grande parte dos artigos é balizada em compreensões de corpo puramente biológicas, dicotômicas (corpo separado da mente), balizadas no viés fisiológico, na antropometria e em parâmetros bioquímicos, relacionadas à postura e equilíbrio corporal, fatores neuromusculares, composição corporal e capacidades físicas. Em 2005, por exemplo, dos 30 artigos publicados no GTT, apenas 4 não apresentavam o corpo na lógica puramente biológica. Além disso, muitos artigos não apresentam nenhuma concepção relacionada ao corpo.

Infelizmente, o corpo ainda é concebido na Educação Física de forma fragmentada, porém a compreensão fenomenológica e biocultural foi ganhando um pouco de espaço ao longo do tempo, o que pode ser percebido principalmente nos artigos que citavam o SUS no período analisado. Todos os artigos que traziam compreensões relacionadas ao corpo consideravam a totalidade corpórea e o entrelaçamento entre os aspectos orgânicos e simbólicos. Eles mencionam o corpo como uma construção histórica, cultural, social, que se relaciona com o ambiente e, algumas vezes, tecem críticas a concepções reducionistas do corpo.

Dessa forma, quando se analisam apenas os artigos que fazem relação com o SUS, percebe-se uma lógica de compreensão do corpo diferente e ampliada, no sentido de que, predominantemente, as pesquisas abriram espaço para os aspectos culturais, sociais e históricos do ser humano e para a percepção da totalidade e inteireza corporal. Da mesma forma que Mendes (2007), ao analisar os artigos da RBCE, encontra críticas ao corpo fragmentado, universal, naturalizado, que não pensa, não sente, não possui história, subjetividade e memória, um corpo isolado do mundo em que vive.

Nesse sentido, tem-se que "o corpo humano, reconhecido por sua inscrição biológica e simbólica, possui historicidade na sua dimensão orgânica e nas interações com a cultura em que vivemos." (MENDES, 2007, p.121). O corpo, no âmbito da saúde, não pode ser considerado um objeto de adestramento, dissociado da totalidade e do mundo que o cerca. De acordo com Foucault (1985), entre o indivíduo e o que o envolve, supõe-se toda uma trama de interferência. Porém a visão biologicista característica dos discursos médicos compreende o movimento e o corpo apenas nas suas dimensões anátomo-fisiológicas, desconsiderando as singularidades de cada corpo.

Assim, ao pensar em corpo nas relações da Educação Física no Sistema Único de Saúde, é preciso atentar que ele é condição de existência e está atado ao mundo em que vive, numa relação de reciprocidade, como preconizado nos artigos analisados. Dessa forma, problematizar o reducionismo biológico, refutando a possibilidade de dicotomizar mente e corpo, e reconhecer a sua capacidade criativa colaboram para o entendimento de que o corpo humano não é objeto de intervenção na saúde, e sim, sujeito da existência que possui uma história pessoal e coletiva. E essa trama é tecida no corpo pelo entrelaçamento de aspectos biológicos e culturais/sociais, pois:

> "o corpo humano reconhecido por sua inscrição biológica e simbólica vivencia o tempo e o espaço e, além de preferir

ISBN 978-85-60036-18-9

> determinadas escolhas, expressa sentidos diferenciados. O entrelaçamento entre os códigos biológicos e culturais colabora com o reconhecimento da totalidade corpórea..."(MENDES, 2007, p.123).

Daí a importância da escuta sensível dos sujeitos para o processo de atenção integral à saúde no sentido de atentar para as especificidades de cada interlocutor, sem hierarquizações de prazeres, considerando sempre o contexto em que cada corpo está inserido, seus desejos, desafios, necessidades, limites e possibilidades. Dessa forma, tem-se que:

> "O corpo humano é vivo, intersubjetivo, orgânico, histórico, sexuado, capaz de criar, de imaginar, de pensar, de sentir dor e prazer, de trabalhar, festejar e ficar ocioso, provocar encontros e desencontros, capaz de se comunicar até mesmo pelo que silencia, de atribuir sentido às suas experiências vividas, de construir e reconstruir valores." (MENDES, 2007,p.126)

Nesse sentido, embora os artigos não mencionem muitos conceitos de corpo, e as discussões sejam ainda incipientes, é interessante perceber que estão presentes nos artigos analisados que fazem relação com o SUS, de forma explícita ou implícita, compreensões e reflexões ampliadas de corpo. Esse é um aspecto extremamente positivo, pois, ao se tratar do corpo no âmbito da saúde, faz-se necessário um olhar crítico e ampliado, corroborando para que a Educação Física, na sua intervenção nesse campo, possa entender e conceber o corpo na sua relação com o meio circundante, com a cultura e a sociedade, considerando as singularidades e especificidades de cada um.

No entanto é preciso aprofundar tais discussões, pois pensar o corpo com olhares cada vez mais ampliados no âmbito da saúde torna-se imprescindível no contexto atual, tendo em vista a exacerbação de discursos de corpos padronizados ideais associados à saúde. Nesse sentido, Mendes (2007), ao explanar sobre o advento da ideologia do ser saudável e da normalidade ideal do corpo, acredita que diversas práticas foram sendo mediadas por um discurso normalizador que acusa o sujeito pela responsabilidade de sua saúde. A busca exacerbada pela boa forma foi sendo sutilmente incutida na sociedade através de discursos pautados no estilo de vida ativa, corroborando uma administração calculista da existência. "Esse processo de disciplinarização dos corpos também pode ser percebido nos discursos e práticas em saúde que se pautam pela busca de um estilo de vida ativo baseada num padrão de corpo magro que emergem no século XX". (MENDES E OLIVEIRA, 2010, p.21)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mendes e Oliveira (2010) destacam a necessidade de refletir sobre a incipiente discussão do SUS nos cursos de graduação em Educação Física, bem como sobre a predominância dos aspectos biológicos na formação em detrimento de um olhar integral e humanista. Portanto é necessário ampliar o debate e efetivá-lo nas instituições de ensino superior e nos cursos de Educação Física, objetivando uma formação crítica de qualidade e em consonância com os princípios do SUS. É preciso atentar para uma nova racionalidade terapêutica, centralizada no indivíduo, que direciona o processo de cuidado e as estratégias de prevenção e promoção da saúde para o sujeito, concebendo-o não apenas como um simples objeto de intervenção.

Outro ponto importante a ser destacado refere-se ao fato de que o reconhecimento de conceitos de corpo e de saúde que não operem segundo uma lógica reducionista é imprescindível para o atendimento dos princípios que regem o SUS. Nesse sentido, a compreensão fenomenológica de corpo e a compreensão existencial de saúde têm possibilidades de colaborar com práticas pautadas na superação dos padrões normativos e no entendimento de que o corpo se reconstrói constantemente.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Por fim, percebemos que os artigos analisados colaboram com uma série de problematizações e reflexões sobre corpo, saúde, relação e intervenção da educação no âmbito da saúde através do Sistema Único de Saúde e de seus programas. Porém o corpo ainda necessita ser amplamente discutido no âmbito da Educação Física e na sua relação com a saúde pública, não somente nesses artigos do CONBRACE, mas em todos os âmbitos da produção e discussão científica.

REFERÊNCIAS

COSTA, A.J.J. O objeto de intervenção da e.f. no campo da saúde. Em: **Anais** XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Salvador, 2009.

FERREIRA,M.S. et al. Promoção da saúde em um programa brasileiro de promoção da af: uma anállse crítica. Em: **Anais** XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Salvador, 2009.

LADVOCAT, M.B. Saúde e Ludicidade: um olhar diferenciado para a forma de cuidar. Em: **Anais** XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Recife, 2007.

MARRANO, M.N.O. ET AL**.** A atividade Física participando da construção de comunidades saudáveis: a interação no centro de Vedruna, Campinas, SP. Em: **Anais** XIII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Caxambu, 2003.

NOVA, L.E.V. et al. Vigilância epidemiológica das doenças crônico-degenerativas na estratégia saúde da família e as possibilidaes de atuação do professor de ef: proposta em construção. Em: **Anais** XIV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Porto Alegre, 2005.

WARSHCHAUER,M. et al. As escolhas das práticas corporais e dos profissionais que as conduzem nas unidades básicas de saúde do distrito butantã. Em: **Anais** XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Recife, 2007.

ALMEIDA, A.; JESUS, S. A. A participação do profissional da educação física no núcleo de apoio à saúde da família no estado do Rio de Janeiro. Em: **Anais** XVII Congresso Brasileiro de ciências do Esporte, Porto Alegre, 2011.

MARQUES, A. S. A análise das práticas corporais desenvolvidas pelos professores de educação física no posto de saúde da família, no bairro do Mangalô, município de Alagionhas-Bahia. Em**: Anais** XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Salvador, 2009.

MARTINEZ,J.F.N.;BACHELADENSKI,M.S. Educação física e saúde coletiva: possibilidades de inserção e formação profissional no/para o SUS. Em: **Anais** XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte, Salvador, 2009.

BRASIL, **Carta dos direitos dos usuários dos usuários da saúde**. Editora.MS, 2ªed., 2007. Disponível em:< http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/carta_direito_usuarios_2ed2007.pdf>Acesso em: 02 de outubro de 2011.

BRASIL, **Portal da saúde**, [20__?]. Disponível em: http://portal.saude.gov.br/portal/saude/cidadao/area.cfm?id_area=1395>Acesso em: 06 de setembro de 2011.

BRASIL, **SUS princípios e conquistas.** Brasília, 2000. Disponível em:< http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/sus_principios.pdf>Acesso em: 06 de setembro de 2011.

MENDES, M.I.B.S; OLIVEIRA, M.V.F. **Cenários lúdicos em unidades de saúde da família:** reflexões e perspectivas**.** Natal, IFRN, 2010.

MENDES, M. I. B. S. **Mens Sana in corpore Sano:** saberes e práticas educativas sobre corpo e saúde. Porto Alegre: Sulina, 2007.

MENDES, M. I. B. S. O conhecimento do corpo na educação física escolar. In: NÓBREGA, T. P. (Org.). **O ensino de Educação Física de 5ª a 8ª séries**. Natal: Paidéis, 2005 p. 70-75.

FOUCAULT, M. **história da sexualidade 3:** o cuidado de si..Tradução de Maria Thereza da Costa Albuquerque: revisão técnica de José Augusto Guilhon Albuquerque. - Rio de Janeiro: Edições Graal, 1985.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

UM SENTIDO SENSÍVEL PELA FILOSOFIA DE MERLEAU-PONTY E O CORPO BRINCANTE DO PASTORIL

Marcilio de Souza Vieira
Curso de Licenciatura em Dança
Departamento de Artes/UFRN
Grupo de Estudos Corpo e Cultura de Movimento

RESUMO: Trata-se de um ensaio sobre o sensível em Merleau-Ponty e o corpo brincante do Pastoril. Este texto tem como objetivo refletir sobre os saberes do corpo no Pastoril e sua reação com o sentido do sensível em Merleau-Ponty. Parte de uma abordagem metodológica centrada na Fenomenologia para compreensão do mundo vivido dos brincantes de Pastoril.

Palavras-chave: Corpo. Sensível. Brincante de Pastoril.

A filosofia de Merleau-Ponty desfaz barreiras entre ciências e artes e não busca sínteses apaziguantes, mas move-se na tensão das dicotomias e pode ser apreendida como uma alternativa aos dualismos que envolvem a noção clássica de razão, uma vez que separa sujeito e objeto, mente e corpo, inteligibilidade e sensibilidade, consciência e mundo. Sua filosofia pretendia articular, como argumenta Nóbrega (2000, 2008), o imaginário, o visível, o oculto, mas o inacabamento de seus trabalhos expressos nas notas do visível e invisível deixou campos abertos para a interpretação desse inacabado.

Em seus últimos textos, o corpo e a linguagem sensível assumem aspectos de complexidade, sendo esse corpo movimento, expressão criadora e sensibilidade. Pelo "corpo próprio", há a experiência sensível do "ser-no-mundo", na ordem do que é vivido e não do que é pensado, pois o sentir é pré-objetivo. Isso se dá pela relação "eu, o outro e as coisas" em estado nascente, admitindo uma expressão vital primordial, que desencadeia numa relação ontológica do corpo enquanto abertura a um sentido sensível do mundo que admite uma expressão vital primordial, pois estabelece relação com aquilo pertencente à ordem do que é vivido, e não meramente do que é pensado. A evidência que se tem do outro parte da sensibilidade e não do pensamento, pois há uma universalidade do sentir, uma vez que se vive o mesmo mundo um corpo que entra em contato com outro.

O pensamento de Merleau-Ponty (1999) evidencia aspectos fundamentais para o entendimento do que é o corpo. Para o autor o corpo é uma simultaneidade de sujeito e objeto, existindo num espaço-tempo e servindo de referência central ao processo perceptivo. Essa simultaneidade destaca o aspecto fenomenológico do corpo, um corpo sensível e inteligível, datado e localizado espacialmente, que traduz a sensibilidade do ser e toda a memória do vivido.

O corpo não é só uma soma de órgãos justapostos, e sim um sistema sinérgico, nos quais todas as funções são retomadas. O corpo é a textura comum de todos os objetos e, em relação ao mundo percebido, o mundo geral da compreensão é o lugar e a própria atualidade do fenômeno da expressão; nele, as experiências sensoriais são impregnantes umas das outras (MERLEAU-PONTY, 1999). É a realidade do corpo que nos permite sentir e, portanto, perceber o mundo, os objetos, as pessoas. É a realidade do corpo que nos permite imaginar, sonhar, desejar, pensar, narrar, conhecer, escolher.

É no corpo que o sensível é objeto de conhecimento constituinte da síntese da percepção e do movimento, que tem a capacidade de compartilhar as emoções alheias ou de simpatizar e que, segundo Nóbrega (2000, p. 104), "relaciona o corpo à unidade do humano, uma unidade que se revela na diversidade, aproximando a linguagem do corpo da expressão artística, do viés sensível. A linguagem sensível privilegia a beleza, a poesia e a diversidade da linguagem corporal".

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Para Merleau-Ponty (1999) o sensível é o ato de sentir; é o campo estesiológico, o quiasma, o entre. Espaço do Ser que sente e do que vai ser sentido; é o que não foi e o que não chegou, logo, a sensibilidade. É o espaço em que o corpo nos coloca em situação de Ser que sente e sempre há um espaço do que vai ser sentido. O sensível de que fala Merleau-Ponty (1999, 2004) é o ato da radicalidade, das emoções, do próprio conhecimento.

Para o filósofo a espessura do sensível é sempre parcial. "Nossa experiência é a experiência de um mundo" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 299). O sensível em sua obra não é apenas para ser entendido, mas também ser vivido. Esse sentido, na compreensão merleaupontyana, não é algo sólido, um objeto, uma cor; é antes de tudo uma ideia mais ampla, é a atitude do corpo que nos mobiliza, que nos paralisa para algo. Logo, o sensível é uma atitude corporal.

Ao afirmar que o corpo é sensível, o filósofo o compara a uma obra de arte e cita a pintura para falar dessa sensibilidade. A experiência da pintura é descrita para demonstrar que há troca entre o corpo do artista e o objeto a ser criado. Se for verdade que há na pintura uma primazia do visível, importa perceber que, ao pintar, o pintor empresta todo o corpo ao mundo para transformá-lo em pintura. É também com todo o corpo que apreendemos não exatamente esse ou aquele quadro, mas certo aspecto do mundo, tal como revelado por aquele quadro (MERLEAU-PONTY, 2004).

O pensamento de Merleau-Ponty (2004) sobre o corpo como obra de arte nos remete às imagens do corpo brincante de Pastoril, um corpo que cria e recria a criação, tornando-se simultaneamente singular e plural. Há um imbricamento nessa singularidade e nessa pluralidade, expressando a unidade na diversidade, entrelaçando o mundo biológico e o mundo cultural, assumindo papéis na subjetividade nas mais variadas instâncias pessoais, interpessoais ou coletivas, instâncias configuradas num corpo que é simultaneamente matéria e espírito, carne e imagem.

O pintor, assim como o brincante de Pastoril vê, sente, opera e transforma o mundo a partir de uma perspectiva particular, singular, própria, sucessiva, que nunca é igual, nem para ele mesmo. O corpo, nesse sentido, não pode ser entendido fragmentado, estático, e sim como fundamental para o viver, para o olhar as coisas. O corpo, de certa forma, é o alicerce de toda arte, o lugar de todo "saber fazer"; é ele que percebe, lembra e imagina. Cumpre frisar que para Merleau-Ponty (2004) o corpo é obra de arte, e sua linguagem é poética.

No Pastoril, o corpo cria sentidos e, ao criá-los, compartilha a experiência vivida por seus brincantes ao executar os movimentos/passos desse folguedo ou ao cantar as cançonetas deste. Tomamos as gestualidades licenciosas desse folguedo para se pensar o corpo brincante e o sensível na obra de Merleau-Ponty. O Pastoril, como obra de arte, está posto como campo de possibilidades para a experiência do sensível, não como pensamento de ver e de sentir, mas como reflexão corporal (VIEIRA, 2010).

O corpo no Pastoril nos remete a sua condição humana e constante presença, que é corpórea, expressiva e lúdica. No folguedo citado, a dança desses brincantes configura-se na experiência do corpo, do movimento, da sensibilidade, da musicalidade, da gestualidade.

O corpo do Pastoril pode ser considerado também um corpo plural, o qual assume padrões estéticos de ritmo (repetição), ludicidade, através do jogo de assimilação e troca de informações; que se compraz no tempo e espaço e eroticidade, uma vez que mistura vários sentidos, como de religiosidade e prazer ao mesmo tempo, mas que, na verdade, é o corpo se comunicando com o mundo a sua volta (VIEIRA, 2010). Esse corpo que no Pastoril carrega traços de uma gestualidade que, a um olhar desatento, poderia dizer serem gestos do cotidiano. No entanto, no referido folguedo, tais gestos ganham novas visibilidades no corpo dançante.

No Pastoril, assim como nos outros folguedos populares, os brincantes, quando dançam, comunicam-se, usam o gesto como linguagem. Esses brincantes demonstram comportamentos constituídos a partir de sequências de movimentos e gestos. Assim, cativam, tomam, capturam as pessoas e se comunicam através do gesto, que não ocorre linearmente somente a partir do interlocutor, porque o sentido deste não é dado, é compreendido e retomado por um ato do espectador, como concebe Merleau-Ponty (1999).

ISBN 978-85-60036-18-9

Obtém-se a comunicação ou a compreensão dos gestos pela reciprocidade entre minhas intenções e os gestos do outro, entre meus gestos e intenções legíveis na conduta do outro. Tudo se passa como se a intenção do outro habitasse meu corpo ou como se minhas intenções habitassem o seu (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 251).

O gesto, nesse folguedo, é o comentarista da palavra, é a revelação do pensamento da dança desses brincantes; ele é poético, pois o brincante de Pastoril dança consigo, dança com o outro, faz sua dança, incorpora gestualidades do cotidiano, de seu mundo vivido, gestualidades licenciosas; estas são incorporadas em suas vivências quando dançam (VIEIRA, 2010).

Essa gestualidade licenciosa no Pastoril também educa nosso deseducado olhar. É por meio dela que os brincantes desse folguedo mostram sua dança. É por meio da visão que nós, espectadores de Pastoril e de outros folguedos populares, enxergamos tais movimentos licenciosos. É através da visão que os brincantes de Pastoril, em um primeiro momento, apreendem os movimentos dançados desse folguedo, mas além da visão eles empregam todos os seus sentidos para fazer reverberar sua dança.

É a partir do olhar que nossa visão anuncia, suscita sentidos em nosso corpo e, ambiguamente, ele, com seus sentidos, habita a visão. Assim, o corpo operante, descrito por Merleau-Ponty (1999, 2007), compreende-se como um emaranhar entre movimento, corpo, visão e mundo. Não nos é alheio concluir que a visão suscite o movimento, pois mesmo sem saber como opera nosso corpo, logo que vemos alguma coisa, já sabemos nos juntar a ela. Talvez seja por esse motivo que aprender a “brincar” Pastoril seja essa aprendizagem atribuída ao olhar. É através do olhar que primeiro interrogamos as coisas e devemos compreender o corpo, de forma geral, como um sistema voltado para a inspeção do mundo (MERLEAU-PONTY, 2004).

Cabe frisar que Merleau-Ponty (2007) apresenta uma peculiar leitura do entrelaçamento entre o corpo e o que ele pode ver. “Meu corpo como coisa visível está contido no grande espetáculo. Mas meu corpo vidente subentende esse corpo visível e todos os visíveis com ele” (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 135). Ele entende, assim, que há uma recíproca inserção e entrelaçamento entre corpo visível e todos “visíveis com ele”. Nesse contexto, descreve que a reversibilidade que define a carne permite o estabelecimento de relações entre os corpos e ultrapassa o campo do visível.

Através da constatação de que o corpo, além de olhar todas as coisas, pode se olhar, bem como sentir as coisas e ser capaz de se sentir, Merleau-Ponty explicita como corpo e mundo imbricam-se, revelando através desse envolvimento de reversibilidade os entremeios da visão e da relação entre o eu e o outro.

Visível e móvel, meu corpo conta-se entre as coisas, é uma delas, está preso no tecido do mundo, e sua coesão é a de uma coisa. Mas, dado que vê e se move, ele mantém as coisas em círculo ao seu redor; elas são um anexo ou um prolongamento dele mesmo, estão incrustadas em sua carne, fazem parte de sua definição plena, e o mundo é feito do estofo mesmo do corpo. Essas inversões, essas antinomias são maneiras diversas de dizer que a visão é tomada ou se faz do meio das coisas, lá onde persiste, como água-mãe no cristal, a indivisão do senciente e do sentido (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 17).

É uma relação recíproca entre movimento e visão que nos mostra como a visão se antecipa no movimento, ao mesmo tempo em que sem ele nossa visão nem mesmo se constituiria ou mostraria algo. “O mundo visível e de meus projetos motores são partes totais do mesmo Ser” (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 16).

Ao analisar como, segundo Merleau-Ponty, o pintor emprega seu corpo e acrescentamos o brincante de Pastoril, compreendemos, portanto, que a visão abre nosso corpo ao mundo, é de dentro dele que o corpo aprende a projetar-se, e, no entanto, é ele também que projeta nossa visão.

Parece claro afirmar que Merleau-Ponty (2004) diz ser a visão um pensamento condicionado pelo corpo, pelos “acontecimentos do corpo”, que nos faz ver uma coisa ou outra.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Esse pensamento se dá num "mistério de passividade", sem seu próprio arbítrio sobre as leis que o regem. Continua argumentando que quando, por exemplo, se quer compreender como a situação dos objetos é vista, não há outro recurso senão supor a alma, que sabe onde estão as partes do seu corpo, e que é capaz de, a partir daí, dirigir sua atenção ao espaço que está no prolongamento dessas partes.

O olhar imprime-se sobre o corpo dos brincantes de Pastoril. Olhar, nesse folguedo, segundo dona Helena, do Pastoril de Ponta Negra, é fundamental, pois é a partir do olhar que as novas e velhas gerações aprendem a brincá-lo. Esse olhar é tão importante porque é a partir dele que se dá a aprendizagem dos movimentos do folguedo; há uma incorporação desses movimentos olhando, ouvindo, "brincando". O olhar dessas brincantes é vivido por elas mesmas, ele é "[...] soberano incontestável na sua ruminação do mundo" (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 48) independente se sua dança acrescenta algo ou não.

A visão nos abre ao mundo, ao intelecto, ao pensamento, ao sensível, como também fundamenta, sustenta o conhecimento ao nos envolver no sentido bruto, o sensível significante que a visão revela. A visão nos revela a Carne do mundo. Nela os sentidos não estão separados. Nela, passado, presente e futuro não são coisas distintas, fechadas e separadas. A visão é, portanto, essa reversibilidade da carne (MERLEAU-PONTY, 2004). A carne é essa espessura entre o que é visto e quem vê.

A visão para o filósofo citado depende do movimento, ele afirma que o visível instiga o movimento. Para ele o envolvimento entre o visível e o movimento não se resumiria a uma relação de unilateralidade.

Basta que eu veja alguma coisa para saber juntar-me a ela e atingi-la, mesmo se não sei como isso se produz na máquina nervosa. Meu corpo móvel conta com o mundo visível, faz parte dele, e por isso posso dirigi-lo no visível. Por outro lado, também é verdade que a visão depende do movimento. Só se vê o que se olha (MERLEAU-PONTY, 2004, p. 16).

A intervenção do olhar não consiste, portanto, em simples captação. Ainda que não seja um conhecimento intelectual, o trabalho do olhar, a visão envolve conhecimento, uma abertura ao ser, envolve a sensibilidade de quem vê e de quem é visto.

É pelo olhar que rimos dos gestos licenciosos do Velho, quando esse personagem canta e movimenta-se em cena numa gestualidade licenciosa que beira ao cômico, com suas obscenidades, sátiras e absurdos. Nesses gestos licenciosos, os quais fazem rir o público, esses elementos do riso avultam a quebra da ilusão cênica, o aparte, a piada, o absurdo e o equívoco. Tais gestos licenciosos na cena fazem reverberar o riso quando há diálogos cúmplices com as pastoras e com o público.

Esse olhar na apresentação do folguedo volta sua atenção em alguns personagens, tais como o Velho, a mestra e contramestra e a Diana. O Velho traz consigo um cajado, uma espécie de bengala, colorida, em formato de cobra, que aponta para as pastoras e para os espectadores e com ela faz gestos licenciosos. Ao se utilizar de tal elemento e manipulá-lo de maneira libidinosa, ora para uma pastora, ora para outra, ou ainda para alguém da plateia, faz com que tal público ria dessa manipulação licenciosa da bengala.

Nesse folguedo da cultura popular brasileira, o gesto é singular a cada brincante; esses gestos criam sentidos de significações, logo, ao criarem sentidos, eles admitem verdades ou uma verdade. "Uma verdade que não se assemelhe às coisas, que não tenha modelo exterior nem instrumentos de expressão predestinados, e que seja, contudo, verdade" (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 59).

É por meu corpo que compreendo o outro, assim como é por meu corpo que percebo coisas. Assim compreendido, o sentido do gesto não está atrás dele, ele se confunde com a estrutura do mundo que o gesto desenha e que por minha conta eu retomo, ele se expõe no próprio gesto (MERLEAU-PONTY, 1999, p. 253).

 ISBN 978-85-60036-18-9

O gesto é, no Pastoril, no dizer de Josiene, ex-brincante de Pastoril de São Paulo do Potengi, que dá brilho à brincadeira. É através dele que as pastoras mostram a dança para seu público; que o Velho potencializa sua licenciosidade; é pela gestualidade que os movimentos dançados e as canções ganham vida, vibram e convidam o espectador a participar do folguedo.

O gesto faz parte dos meios usados para o ser humano se comunicar; contribui para dar forma e codificar as relações sociais entre os indivíduos e entre os grupos (SCHMITT, 2006).

Schmitt (2006) afirma serem os gestos constituintes de uma realidade social e que dependem da história social. O gesto é o meio pelo qual o corpo estabelece relações simbólicas enquanto apreensão individual, interpessoal e de movimento.

> [...] eles contribuem para construir o quadro onde os códigos sociais são propostos ou contestados; os gestos são ainda objecto dos juízos de valor, das distinções sociais e de todas as prescrições e condenações que os acompanham e confrontam, quer se trate de gestos de pudor [...], gestos de amor [...] gestos que correspondam ao papel social que se espera de cada um (SCHMITT, 2006, p. 22).

A historicidade do corpo faz com que haja modificações e nossos gestos adquiram significados novos mediante as experiências que vão ocorrendo. É através desses gestos que somos capazes de expressar muitos desses símbolos e esconder outros, formando, portanto, a linguagem do corpo que está sempre se reorganizando. E por possuir espacialidade e temporalidade próprias, cada corpo vai adquirindo percepções de acordo com o mundo que lhe é específico.

Fica patente que os gestos são um dos elementos constitutivos dos rituais e das danças da tradição. “Estes gestos são ‘movimentos’ do corpo [...]; são acções (*actus*) na medida em que visam um fim prático ou simbólico” (SCHMITT, 2006, p. 24).

No Pastoril, a amplitude, o ritmo, a velocidade desses movimentos e dessas ações gestuais têm a maior importância: um gesto pode ser apressado, mas também pode ser, dependendo das circunstâncias, lento, comedido, exacerbado ou mesmo condensar-se à realidade a que se adeque seu brincante.

É preciso ressaltar que no Pastoril existe uma vasta gama de gestos que se distinguem segundo seus brincantes, suas finalidades e suas motivações, mas que no conjunto contribuem para inscrever os corpos desses brincantes nas relações sociais e para enriquecer os modos de significação dançante entre os indivíduos. Tais gestos, quando licenciosos, fazem rir aquele que observa e aquele que é observado e é objeto de derrisão.

É pelos gestos, pelo riso e pelo canto que o sensível nesse folguedo se manifesta no corpo brincante de Pastoril. O sensível é a experiência do pensamento, é uma espécie do Ser, é um apelo à palavra, quer seja pelo corpo, quer seja pela memória. O sensível se encarna no corpo e é, também, uma prolongação de sua carne. As coisas, então, não existem mais em si, sendo aqui e agora, em seu lugar e em seu tempo, elas “[...] só existem no término desses raios de espacialidade e temporalidade, emitidos no segredo da minha carne, e sua solidez não é a de um objeto puro que o espírito sobrevoa, mas é experimentada por mim do interior enquanto estou entre elas, e elas se comunicam por meu intermédio como coisa que sente (MERLEAU-PONTY, 2007, p. 113).

Esse sensível, para Merleau-Ponty (1991, 1999, 2004), em especial no ensaio “O filósofo e sua sombra”, é constituinte no nível do ser e do conhecimento, da síntese da percepção e do movimento.

A carne do sensível, esse grão concentrado que detém a exploração, esse ótimo que a termina reflete a minha própria encarnação e é a contrapartida dela. Há aí um gênero do ser,

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

um universo com seu "sujeito" e com seu "objeto" sem iguais, a articulação de um no outro e a definição de uma vez por todas de um "irrelativo" de todas as "relatividades" da experiência do sensível, que é fundamento de direito para todas as construções do conhecimento. Todo o conhecimento e todo o pensamento objetivo vivem desse fato inaugural que senti, que tive com essa cor ou qualquer que seja o sensível em causa, uma existência singular que tolhia repentinamente o meu olhar, e, contudo, prometia-lhe uma série indefinida de experiências, concreção de possíveis desde já reais nos lados ocultos da coisa, lapso de duração dado numa só vez (MERLEAU-PONTY, 1991, p. 184).

Tais considerações sobre o sensível em Merleau-Ponty (1991, 1999, 2004) e as gestualidades licenciosas do Pastoril tornam as experiências do corpo únicas, singulares, abertas a diferentes interpretações e vivências, a partir de suas constantes relações com o mundo, criando, como diria Nóbrega (1999), possibilidades de novas formas de elaboração do conhecimento.

Corpo que se faz poética através das gestualidades licenciosas e das cançonetas, que desperta e reconvoca seus brincantes para brincar e perceber para além das coisas já ditas, já vistas, já percebidas. Corpo que considera a linguagem dos gestos, que convida a ouvir, a ver, que se deixa falar, que aciona sua capacidade expressiva, encarnada. Corpo que inaugura sentidos, move-se para significar, para comunicar, que quer ser lembrado, quer se deixar falar, criar, que se direciona a um educar aberto à transformação, à inovação, ao sensível.

O sensível, dessa forma, é a experiência do pensamento, é uma espécie do Ser, é um apelo à palavra, quer seja pelo corpo, quer seja pela memória. O sensível se encarna no corpo e é, também, uma prolongação de sua carne. As coisas, então, não existem mais em si, sendo aqui e agora, em seu lugar e em seu tempo.

Enfim, o sensível é uma atitude corporal. Um sensível que é constituído de significações nas relações do ser com o mundo, sensível que se constitui sobremaneira como ponto de partida para a apreensão de parcelas do mundo pelo corpo e que o transforma em um conteúdo dotado de significações e sentidos.

REFERÊNCIAS

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Tradução de Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 2 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. Tradução de Paulo Neves e Maria Ermantina Galvão Gomes Pereira. São Paulo: Cosac & Naify, 2004.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O visível e o invisível**. Tradução de José Artur Gianotti e Armando Mora d'Oliveira. São Paulo: Perspectiva, 2007.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Merleau-Ponty**: o corpo como obra de arte. Revista Princípios, v. 7, n. 8, p. 95-108, Natal, jan/dez, 2000.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. **Merleau-Ponty**: o corpo como obra de arte e a inexatidão da verdade. Revista Cronos, Natal-RN, v. 9, n. 2, p. 393-403, jul./dez. 2008.

VIEIRA, Marcilio de Souza. **Pastoril**: uma educação celebrada no corpo e no riso. 2010. 175 f. Tese em Educação – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2010.

SCHMITT, Jean-Claude. O corpo e o gesto na civilização medieval. In: BUESCU, Ana Isabel; SOUSA, João Silva de; MIRANDA, Maria Adelaide de, (org). **O corpo e o gesto na civilização medieval**. Lisboa: Edições Colibri, 2006.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

A CULTURA DE MOVIMENTO EM SÃO MIGUEL DO GOSTOSO: INTERFACES ENTRE A TRADIÇÃO E A CONTEMPORANEIDADE

Maria Elizabete Sobral Paiva de Aquino
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED / UFRN

RESUMO: Este artigo visa propor o diálogo entre a tradição e a contemporaneidade, tendo como fio condutor a cultura de movimento de São Miguel do Gostoso. Este recorte constitui-se como parte da pesquisa que está em andamento, do programa de pós-graduação em Educação da UFRN, iniciada em agosto de 2011. Por estar atualmente desenvolvendo uma prática docente sistemática na região, observamos as manifestações da tradição pouco valorizadas e por vezes ausentes como conhecimento curricular. Então questionamos: como é possível compreender e organizar as manifestações da tradição vividas pelos velhos brincantes no contexto contemporâneo, considerando a educação como campo de significação desses conhecimentos? Relacionar os saberes da tradição, expressos pelas manifestações do Pastoril e do Boi de Reis, e a mobilidade oriunda da sociedade contemporânea no município de São Miguel do Gostoso, remete-nos a refletir sobre a cultura de movimento como eixo aglutinador entre corpo e cultura a partir dos diálogos travados com Almeida, Soares, Morin, entre outros autores que possam contribuir com uma leitura da contemporaneidade, da educação e da cultura de movimento como fenômenos em constante mudança e significação. Temos como objetivo apontar caminhos possíveis para dar voz a uma sabedoria que é omitida pela desvalorização dos velhos no contexto em que se realiza a pesquisa e propor possibilidades de ação que permitam a abordagem desses saberes no campo da educação. A investigação é caracterizada pela visita a campo e registro de depoimento dos velhos sobre suas experiências. Os depoimentos e descrições sobre o campo de pesquisa serão analisados tendo como referência a Análise de Conteúdo de Bardin e disponibilizados como registros de manifestações culturais locais para a socialização com a comunidade, através de materiais pedagógicos como livretos, CDs e DVDs que possam circular pelas escolas da região, tornando possível esses sujeitos se tornarem atuantes e capazes de falar de si em uma sociedade que deve preservar a sua cultura.

Palavras-chave: Cultura de Movimento, Saberes da Tradição, Contemporaneidade.

INTRODUÇÃO

Trilhar um caminho na pesquisa científica é ser provocado por inquietações, dúvidas, escolhas, bifurcações. É colocar em evidência algo que precisa ser refletido e analisado, considerando que as pontuações finais irão acrescentar sentidos e significados para a comunidade pesquisada, não se cristalizando apenas na materialidade teórica, mas também no plano da sensibilidade, da ação e da comunicação.

Pensar em dar voz aos saberes da tradição oriundos dos mestres brincantes da região do Mato Grande, especificamente do município de São Miguel do Gostoso/RN, a uma sociedade contemporânea que apenas valoriza o belo, o jovem, o capaz, o viril, constitui-se um indicador para os sujeitos identificarem as suas raízes culturais, para repensarem as suas atuações sociais como produtores e produtos de cultura.

Mas, para isso, vamos situar primeiramente a região do Mato Grande, onde se localiza o município de São Miguel do Gostoso. A região possui uma posição geopolítica estratégica no ponto mais próximo ao continente europeu e é servida através de três rodovias (BR-101, BR-304, e BR-406). Possui um aglomerado de 15 municípios no seu entorno, ente eles, municípios no litoral (Touros, Caiçara do Norte, São Miguel do Gostoso, Rio do Fogo) e interioranos (João Câmara, Parazinho, Pedra Grande, Taipu, Poço Branco, Bento Fernandes, Jandaíra). A sua população se distribui pela área urbana e rural, onde encontramos assentamentos, uma comunidade quilombola e uma indígena. O seu bioma característico é a caatinga, porém apresenta também uma faixa da mata atlântica. Essa área está com uma grande expansão no setor turístico, da agroindústria, do

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

comércio pesqueiro, da energia eólica e das riquezas naturais. Apesar dos dados apresentados, a região possui o menor Índice de Desenvolvimento Humano do Rio Grande do Norte, 0,61, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, 2010.

Por atuar como docente de Educação Física no IFRN/JC (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio Grande do Norte - Câmpus João Câmara), no ensino técnico integrado, e abordar como conteúdo curricular "A cultura de Movimento na região do Mato Grande", percebemos que as manifestações da tradição (Pastoril, Boi de Reis, Capelinha, Pau de Fitas, Coco de Roda, Contos, etc..) que, outrora se constituíam como detentoras de alegrias e brincadeiras, atualmente na sociedade ocidental contemporânea, são omitidas e desvalorizadas. Diante da necessidade de compreender a cultura dessa região, urge conhecer a história, a economia, as práticas corporais e as manifestações da tradição em que são criadas e recriadas ao longo do tempo, simbolizando signos e sentidos de um povo, como também propor uma reorganização dessas sabedorias nas práticas pedagógicas da contemporaneidade.

Podemos visualizar esses aspectos na corporeidade de seus moradores, pois segundo Soares:

> As múltiplas faces das dobras visíveis do tempo são reveladas materialmente na arquitetura, no urbanismo, nos utensílios, no maquinário, na alimentação, no vestuário, nos objetos, mas sobretudo no corpo. Ele é inscrição que se move e cada gesto aprendido e internalizado revela trechos da história da sociedade a que pertence. Sua materialidade concentra e expõe códigos, práticas, instrumentos, repressões e liberdades (2004, p.109).

Ainda dialogando com Soares, ela afirma: é no corpo que a cultura tece seus lugares de inscrição e observam-se os códigos por ele internalizados resultantes de um processo de educação: *Os corpos são educados por toda realidade que os circunda, por todas as coisas com as quais convivem, pelas relações que se estabelecem em espaços definidos e delimitados por atos de conhecimento* (2004, p.110). A esse pensamento também se pode associar a contribuição de Mauss (2004), sobre as técnicas corporais, técnicas estas que necessitam da tradição, mas ao mesmo tempo se renovam, e onde se observa pelos seus relatos que os homens, de sociedade em sociedade, "servem-se de seus corpos", tem seus próprios hábitos. Hábitos estes que *variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educações, as conveniências e as modas, os prestígios* (2004, p.404). Mauss chama a atenção para a predominância que a educação tem na arte de educar o corpo por "imitação prestigiosa". Subentende-se que a imitação dos atos acontece quando o individuo, seja ele criança, seja adulto, copia os atos em sua semelhança, praticados por pessoas nas quais confia e respeita.

Esses gestos, técnicas, imitações circunscrevem um retrato da sociedade, revelam as imposições, os limites tanto sociais quanto psicológicos. Demarcam espaços onde os corpos, através da sua materialidade, possam permitir uma compreensão da dinâmica da elaboração dos códigos. Código que põe em jogo os sentidos e significados, identificados por quem executa e também por quem observa. Corpos que se tornam alvo do poder da educação, onde são civilizados, docilizados, úteis, higiênicos, em alguns momentos passíveis da erotização e/ou sexualização. Esses pensamentos de "domesticação e educação" do corpo nos remetem a Baitello, em "O corpo e suas linguagens" (2001), em que traça inúmeras vestes que a contemporaneidade tenta nos vestir, impõe como modelos a seguir. Compreendê-los nos situa no esfervilhar da violência gerada pelo "nosso tempo". Que corpos são esses, ou melhor, que pessoas são essas? No corpo-bomba, vários deuses (míticos ou não) assumem o cenário de comando, entre eles: trabalho, esporte, elegância, saúde, moda, mercado, economia. O seu tempo é o futuro, onde se conspira atingir a proximidade dos deuses e, em nome desse futuro, destrói o presente. O corpo-máquina é objeto de encantamento e adoração pela perfeição apolínea. Nunca pode mostrar-se frágil, pois é programado para a produção e produtividade. O seu tempo é o presente, consequentemente, nada de envelhecer com sabedoria, pois com o passar do tempo, apenas se desgasta, torna-se mais lento e menos funcional.

 ISBN 978-85-60036-18-9

Pensar nessas contribuições nos remete a Le Breton, que em “Adeus ao corpo” nos convoca a refletir sobre esse “extremo contemporâneo”, resultado de excessos, sem afetos, uma bula, um kit. Predominância de um controle absoluto de si, um narcisismo obsessivo por um corpo apolíneo. O corpo se torna acessório de suas inúmeras interferências estéticas, maleável, reformável, costurado, remendado. Portador de inúmeros significados, de marcas corporais (*body art, body building, branding, stretching*, tatuagens, outros), espaços cibernéticos, linguagens, recursos midiáticos, tecnologias, erotismo fora do corpo, etc. *O homem contemporâneo é convidado a construir o corpo, conservar a forma, modelar a sua aparência, ocultar o envelhecimento ou a fragilidade, manter sua saúde potencial* (2003, p.30). Diante desses pensamentos sobre a contemporaneidade, podemos compreender a desvalorização que os jovens atribuem aos velhos, porque eles são impregnados o tempo todo por esses apelos da sociedade. Ainda Le Breton coloca:

> Em uma sociedade de indivíduos, a coletividade de pertinência só fornece de maneira alusiva os modelos ou os valores da ação. O próprio sujeito é o mestre-de-obras que decide a orientação de sua existência. A partir de então, o mundo é menos a herança incontestável da palavra dos mais velhos ou dos usos tradicionais do que um conjunto disponível a sua soberania pessoal mediante o respeito de certas regras (2003, p.31).

Porém Baitello remete-nos também a refletir sobre os valores, princípios, crenças, efemeridades, situando-os em relação ao tempo e espaço que constroem. E principalmente sobre as linguagens que são criadas tendo o corpo como portador, como fio condutor. Há de indicar também a elaboração e o encadeamento de sons, as simbologias, os dialetos posturais e comportamentais que se ordenam em complexos culturais. *O corpo floresce de mil formas, se desdobra em mil linguagens simultâneas, diz uma sinfonia de mensagens em cada atitude. E constrói uma história que não é apenas a história de sua espécie* (2001, p.10).

E é sobre histórias que não são apenas memórias de um passado, mas que adquiram significados no presente e possam aspirar a projetos para o futuro, que através das sabedorias das manifestações da tradição, como mantenedoras de brincadeiras e alegrias dos velhos brincantes observadas no município de Gostoso, que dialogaremos com esse trânsito entre passado, presente e futuro, estimulando, na prática pedagógica, novas leituras dessas práticas corporais como forma de promover a autonomia e a emancipação.

A tradição e a contemporaneidade; campos de diálogos na educação

Almeida, em “Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição”, assinala que o conhecimento ocidental, historicamente, vem delegando ao ensino formal, da escola à universidade, um método único de pensar, desconsiderando a diversidade das histórias locais, os modos diversos de conhecimento da natureza, como também suprime, alicia, traduz ou prostitui a pluralidade de linguagens simbólicas de compreensão do mundo. Entretanto *reaver antigas sabedorias; experimentar outros modos de conhecer, catalogar, classificar; combinar mais livremente as informações sem ter que escolher entre tradição e modernidade, local e global, natural e social* (Almeida, 2010, p.40), constituem-se também como vetores de conhecimento, de liberdade de escolhas, de qualidade de vida. Esse pensamento vai de encontro ao proposto por Vandana Shiva, que, em “Monoculturas da mente”, expõe a sua preocupação com a perda dos saberes da tradição em detrimento do saber dominante que privilegia poucos grupos, empresas e governos. Ela ressalta que o desaparecimento da sabedoria popular ocorre através de vários processos, começando pela negação de sua existência. Ela associa essa negação ao uso do poder, ao considerar o saber popular como um não saber.

A sociedade contemporânea vem tatuando, disciplinando, monopolizando e globalizando formas de pensar e viver. Morin, em “Para um Pensamento do Sul”, chama a atenção das crises conjecturais que se projetam através da crise da mundialização, que se configura pela crise da unificação tecnoeconômica do globo, onde coloca as telecomunicações em rede e a

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

humanidade em conexão imediata (telefone, fax, internet, Orkut, facebook, twiter, entre outros), onde vivenciamos uma unificação do planeta, de pensamentos e ideias. Essa unificação tecnoeconômica produziu uma desarticulação sociocultural: uma homogenização civilizacional que ameaça as originalidades e singularidades culturais, étnicas e nacionais. “O Norte e os Suis” significam modos de pensar que se diferenciam pelos seus princípios, valores e práticas. O Norte representa o desenvolvimento e a modernização, enquanto os “Suis”, qualidades, virtudes, artes de viver e modos de conhecimento. A intenção não é subestimar ou enaltecer um sobre o outro, mas expô-los com suas contribuições, limites e reflexões. Um exemplo do Norte citado por Morin foi a globalização dos anos 90, que acarretou a crise da própria modernidade. A autodestruição da ideia de progresso nos levou a uma crise do futuro. Podemos diagnosticá-la através do processo mundial e consumo de objetos e tecnologias que rapidamente se tornam obsoletas, descartáveis, dispensáveis. Modas supérfluas, desperdícios de energias, de tempo. Estamos diante de uma sociedade intoxicada pelo excesso do consumo. Na Educação, percebe-se um compartimento das disciplinas fechadas; Morin o considera como um pensamento míope, que afasta os objetos de seus contextos e laços primitivos.

E diante da crise do futuro, da fugacidade do presente, o que sobra, a não ser a volta às raízes? Isso é ao passado? Porque nenhuma cultura se estrutura sem a base, o esteio, o tripé do passado. Paralelamente ao desenvolvimento da ciência, as populações rurais, ao longo do tempo, têm desenvolvido saberes que expressam compreender simbolicamente seus mitos e suas formas de viver. *Fortalecidos pela adaptação criativa ao meio ecológico de onde emergem, tais conhecimentos repassados de forma oral e experimental são responsáveis pela manutenção de centenas de grupos culturais espalhados pelos lugares ainda não cooptados pela lógica do sistema mercadológico que tudo nivela, padroniza* (Almeida, 2010, p.63). Ela ainda expõe que vivemos em uma sociedade de muita informação e pouco conhecimento. Também aponta que esse crescimento descontrolado das informações, ao mesmo tempo em que poliniza o conhecimento entre a comunidade em rede, dificulta ao sujeito pensante reorganizar e articular o conhecimento vigente nas narrativas míticas, na literatura e em outras formas singulares do conhecimento. Por essa razão, ela ressalta a importância em instigar os alunos no sistema educacional vigente, a pensar, estabelecer elos entre os dados, observar aproximações e afastamentos, procurar encaixes, selecionar, articular, imputar significados, a construir o conhecimento, para que não se tornem “alunos-bancos-de-dados”.

Em “Pensamento do Sul como reserva antropológica”, Almeida indica que os “suis” falam da condição humana; das *capacidades criativas de regeneração da diversidade cultural, estilos de viver mais próximos da natureza, cultivo de valores capazes de problematizar a homogenização tecnoeconômica do planeta, operador cognitivo que poderia restaurar o singular, o concreto...* (2011, p.33). Essa forma de pensar também não pode omitir as contribuições de desenvolvimento que o “Norte” proporcionou, apenas não deixar que ela se instale hegemonicamente sem problematizá-la. Vale salientar que os “suis” propõem práticas socioculturais que estabelecem a criatividade, a pluralidade necessária à vida humana também.

Compactuando com esses pensamentos, reunimos, através de sucessivos diálogos, um material em que, além das jornadas do Pastoril, cantadas e dançadas pela oralidade, evocadas pelas memórias de velhas brincantes, observamos espaços, vocabulários, gestos, ritmos, expressões, hábitos que reúnem a cultura de movimento, apontando características peculiares da comunidade pesquisada. Assim como mais de 10 contos ou lendas e brincadeiras, como o Boi de reis, Coco de Roda, Capelinha, entre outras que simbolizam significados de um mundo vivido, que remetem à criatividade, ao imaginário da tradição, à originalidade histórica. Dados que não precisam apenas ser conservados na memória coletiva, arquivados como acervo cultural, estagnados como remetentes ao passado, mas também para ser interpretados, reorganizados, representados e submetidos à comunidade científica, nas práticas pedagógicas, aos cidadãos comuns, como forma de fomentar uma ética da responsabilidade perante esses conhecimentos da tradição. Que eles possam ter visibilidade, não numa tentativa de retorno ao passado, tampouco de sacralizar esses saberes como verdades absolutas, mas reconhecer nessas práticas metáforas, rituais, analogias e mitos, seus limites, erros, desordens, equívocos, como também campos de saberes que dialogam com a natureza, com a poesia, com a arte, com a educação, com a dança, com a história, com a sociedade.

ISBN 978-85-60036-18-9

A Cultura de movimento em Gostoso

Soares, relacionando os seus estudos com o conceito de cultura de movimento proposto por Elenor Kunz, ressalta que a cultura de movimento caracteriza-se como uma *conceituação de caráter mais global que concretiza práticas culturais nas quais o movimento humano é o elemento principal de intermediação simbólica e de significações produzidas e mantidas tradicionalmente por comunidades ou sociedades*. (Soares, 2002, p.16).

Suscitar a compreensão da cultura de movimento em Gostoso implica revelar o modo de ser dessa comunidade, como ocupa os espaços, como se move, quem ocupa os espaços e onde são vistos ou omitidos, seja no trabalho, seja no lazer. Corpos que contam histórias através dos seus gestos. Vale salientar que a cultura de movimento não se reduz apenas aos jogos, danças, ginásticas, lutas e esportes. *É um conhecimento marcado pela linguagem sensível que emerge do corpo e é revelada no movimento que é gesto, abarcando os aspectos bioculturais, sociais e históricos.* Assim, Mendes, 2002, relaciona corpo, natureza e cultura como um conhecimento que vai sendo construído e reconstruído ao longo de nossas vidas e histórias.

Com um litoral de encher os olhos e sensibilizar a alma, encontramos em cada canto uma história, inclusive uma versão do descobrimento do Brasil, de ter sido na praia do Marco (São Miguel do Gostoso) que as caravelas aportaram primeiramente nos anos de 1500. Região marcada por estradas estreitas e sinuosas, com diversos quebra-molas, casas coloridas moldadas por antenas parabólicas. Ao transitar pelas diversas praias (do Cardeiro, da Xepa, do Maceió, Ponta do Santo Cristo, do Marco, do Tourinho, Morro dos Paulos e dos Martins, de Monte Alegre), pertencentes a Gostoso, avistamos o mar que se descortina por trás das dunas. Constatamos a presença de lagoas entrelaçadas por sítios, resorts, pousadas, empresas de camarão, casas ornamentadas por frondosos *buganviles* e placas com ofertas de terrenos que vão da beira da estrada à beira mar com preços inflacionados. A plasticidade do lugar imbrica-se com os moradores nativos e os gringos que adotaram esse município como lugar para descanso, para investir no turismo, para aventuras (circuitos de quadriciclos, trilhas de *off Road*, campeonatos de *kite surf* e *Wind surf*) e até de moradia. Município novo, que só conseguiu sua emancipação no dia 1º de janeiro de 1997, "Se constituía por uma pacata vila de pescadores, que guarda histórias do descobrimento do Brasil e de submarinos alemães da Segunda Guerra Mundial. Um paraíso ambiental no Rio Grande do Norte, descoberto por turistas e cobiçado por empreendedores imobiliários". Assim se intitula a chamada do documentário "São Miguel do gostoso: o filme". Foi o único filme nacional selecionado para a competição de longas do festival Filmambiente 2011. A história da fundação do povoado, que deu origem à comunidade, remonta ao século XIX. Existem controvérsias entre a população e historiadores sobre o local onde a vila de pescadores começou. Atualmente, São Miguel do Gostoso conta com uma população de 9.093 habitantes (IBGE/2010), distribuídos em 15 distritos e 10 assentamentos que ocupam uma área total de 341 Km².

Em conversas com garçons nos restaurantes, com vendedoras de lojas, com recepcionistas da pousada e com pescadores na praia, entrelaçávamos a história e vida desse lugar. Transitando pela cidade, observamos vestígios da vila de pescadores e o crescente apelo turístico. Ainda constatamos redes penduradas na frente das casas à espera da hora de serem lançadas ao mar, pescadores arrematando suas redes, labirinteiras tecendo suas obras de arte, crianças brincando de biloca, de tica, e outras pedalando livremente pelas ruas. Homens jogando (dominó, baralho) na praça. À beira mar, no final da tarde e com a maré cheia, encontramos crianças e adolescentes disputando as ondas, pegando jacaré ou dando saltos mortais. Pescadores em conversas nos ranchos ou sentados nas jangadas aportadas na areia. Contrapondo esse cenário, observamos a presença avassaladora do turismo, com suas ofertas de pousadas, bares, lojas, restaurantes, creperias e pizzarias disputando a preferência dos turistas, mudando o ritmo de vida e interesses nesse lugar, que se assemelha a outros paraísos ambientais na costa do Rio Grande do Norte. Para Mendes, 2002, a cultura de movimento, ao mesmo tempo em que contribui, também é influenciada por essas mudanças.

Vale salientar a existência da parceria do espaço TEAR (ação da igreja católica para a efetivação da cidadania) com a ONG CDHEC (Coletivo de direitos humanos ecologia e cultura), que atuava no município com cursos profissionalizantes de informática, pedreiro, encanador e eletricista, técnico em turismo, camareira, recepcionista e garçom. Além disso, existem as

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

oficinas culturais de pastoril, boi de reis, teatro popular, música, dança, arte circense, fotografia, biblioteca, artesanato, rodas de leituras e da oficina de criação de textos jornalísticos e literários que culminou com a publicação da revista Guajirú em 2008. Desse incentivo à população, foi criado o grupo de teatro "Nós na rua", um grupo de dança *hip hop*, aulas de balé e capoeira. Até 2010, no final do ano, apresentavam o "Auto do Natal", espetáculo que contava a história de Gostoso, reunindo todas as manifestações presentes na comunidade. A sustentabilidade do TEAR era mantida por doações, trabalhos voluntários e também pelo apoio cultural do Ministério da cultura entre os anos de 2008 a 2010. Esse espaço era liderado pelo padre Fabio e por Dominique Losh, suíça radicada em São Miguel. Em 2007, esse trabalho já foi capa da imprensa potiguar em manchetes nos dois maiores jornais de circulação no Rio Grande do Norte (Tribuna do Norte e Diário de Natal). As reportagens enfatizaram o resgate cultural e histórico da comunidade, processo que envolveu jovens, adultos e velhos de Gostoso. Com a saída do padre da comunidade, em 2010, as oficinas, principalmente do Pastoril e do Boi de Reis, foram destituídas.

Região abençoada por ventos suaves, sorrateiros e constantes, constata-se a presença de empresas estrangeiras explorando a energia eólica, mudando a configuração estética do lugar, seja através da instalação dos parques eólicos, da inflação do mercado imobiliário e do setor da gastronomia, entre outros serviços. Local que já foi palco e referência de brincadeiras organizadas nos terreiros de chão batido, nos pátios das casas, na sala da casa do "presidente", nas praças, nas calçadas das igrejas. Brincadeiras que passaram por mudanças da reunião para festejar a espetacularização.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesse cenário descrito, conhecemos 9 brincantes que tiveram na pesca suas inspirações, sua sobrevivência, suas histórias de vida. As manifestações se constituíram por conhecimentos que foram transmitidos pela oralidade de geração a geração, eram as brincadeiras que formavam nas horas de lazer, aos sábados e domingos, para festejar uma boa pescaria. Nos registros coletados em entrevistas com os velhos brincantes, com faixa etária entre 60 e 90 anos, mestres das brincadeiras, podemos referenciar a musicalidade das jornadas no Pastoril, alternando do samba, rumba, marcha e valsa, como também a composição das jornadas de acordo com o contexto histórico, social e econômico do lugar. A composição do Boi de Gostoso, com suas marujas sujas, seus galantes, seu ser fantástico (o Jaraguá), o boi, a burrinha, o Mateus, entre outros, alimentava o panorama simbólico daquele grupo, que, reunido, inventava e reinventava a tradição através de um processo ininterrupto. Há uma pluralidade de saberes de uma cultura que predominou no início do século XX. Essas manifestações culturais, registros falados e muitas vezes não valorizados, podem nos dizer muito sobre as formas que nossos antepassados lidaram com as emoções, com as gestualidades e sonoridades de vários contextos, com os acontecimentos de uma época e com a tradição que herdaram e ao mesmo tempo criaram. Realizar uma memória desses registros é poder vislumbrar interpretações diversas para uma tradição que se renova a cada dia e que é capaz de expressar de formas diferentes algo que se repete com o tempo.

Entre os entrevistados, podemos destacar o Boi de Reis (S. Zé Marciano), o Pastoril Rozenista (D. Maria Teixeira, D. Maria do Carmo) e o Pastoril Cruzeirista, a Capelinha (D. Paulinha) e os Contos (D. Neném de Lala). Manifestações que se constituíam como as brincadeiras mais almejadas, onde os sentimentos de união, respeito, criatividade, segurança, coletividade, responsabilidade e liberdade se encontravam, faziam parte desse mundo vivido, onde o sagrado e o profano comungavam, repartiam seus limites, espaços, movimentos corporais.

As populações rurais e tradicionais, ao longo de suas histórias, têm desenvolvido e sistematizado saberes múltiplos que compõem a compreensão dos símbolos e mitos dos fenômenos do mundo, como ressalta Almeida (2010). Os mestres das danças da tradição, já citados acima, possuem algumas particularidades semelhantes, entre elas, podemos destacar: a capacidade de armazenamento na memória de todos os passos das danças, sua formação e organização, da sequência dos cantos, entonação das vozes, de acordo com os ritmos, da criatividade em adequar as músicas aprendidas à realidade sócio-histórica do lugar, da estética nas apresentações (figurino, maquiagem, adereços). Enfim, são pessoas que se distinguem

 ISBN 978-85-60036-18-9

pela maneira de apreender com mais atenção e por criar sistematizações que sejam capazes de se perpetuar por várias gerações. Para Almeida, *essa enciclopédia de saberes milenares corre o risco de se perder pelo ar, a menos que os registros da oralidade se propaguem por gerações seguidas ou que algum apreciador dessas cosmologias de ideias as eternize por meio das palavras escritas* (2010, p.51).

Este é o principal motivo de registrar os saberes pertencentes aos mestres e contadores de histórias desse município, a ausência dos registros escritos e a desvalorização dos jovens da nossa sociedade pela oralidade dos mais velhos. Saberes que são construídos a partir da relação de pertencimento a um contexto, em que se opera a desordem, o inesperado, o cotidiano, onde há uma dinâmica de situações (rituais sagrados e profanos, imaginários) que transporta para a cultura ordens arrebatadas pela razão intuitiva e pela sensibilidade. Transitar esses saberes pelas escolas da região do Mato Grande através de materiais pedagógicos escritos e imagéticos sonoros e propor ações culturais na e pela região serão uma forma de ligar a tradição e a contemporaneidade através da cultura de movimento.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria da Conceição. *Complexidade, saberes científicos, saberes da tradição.* São Paulo: Editora Livraria da Fisica, 2010.

_____. *Pensamento do Sul como reserva antropológica.* Diálogos com Edgar Morin. – Rio de Janeiro: Sesc. Departamento Nacional, Março/2011.

BAITELLO JR, Norval. *O corpo e suas linguagens.* Conferência de abertura do I colóquio brasileiro sobre Corpo/Consciência, Natal/RN, novembro/2001.

BARDIN, Laurence. *Análise de Conteúdo;* Tradução Luis Antero Reto, Augusto Pinheiro. – São Paulo: Edições 70, 2011.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Censo demográfico de 2010. Rio de Janeiro, 2010.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo: Antropologia e Sociedade*. Tradução Marina Appenzeller. – Campinas, SP: Papirus, 2003.

MAUSS, M. *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac e Naily, 2004.

MENDES, Mª Isabel B. S. *Corpo e cultura de movimento: Cenários epistêmicos e educativos.* Dissertação (Mestrado em Educação) Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal-RN, 2002.

MORIN, Edgard. *Para um pensamento do Sul***.** Diálogos com Edgar Morin. – Rio de Janeiro: Sesc. Departamento Nacional, Março/2011.

SHIVA, Vandana. *Monoculturas da mente. Perspectivas da biodversidade e da biotecnologia.* Tradução Dinah de Abreu Azevedo. São Paulo: Gaia, 2003.

SOARES, Carmen Lucia (org.). *Corpo e História*. Campinas/SP: Autores associados, 2001.

_____. *Corpo, prazer e movimento.* São Paulo: Sesc, 2002

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

A IMPORTÂNCIA DO VÍNCULO MÃE-BEBÊ PARA A FORMAÇÃO DA IMAGEM CORPORAL

Ângela Diniz de Souza
Janaina Ismênia de Melo

RESUMO: O presente trabalho trata da importância do vínculo mãe-bebê na formação da imagem corporal do bebê, bem como a relação com os padrões de distress durante o processo formativo do bebê. Objetiva-se com esta investigação discutir o processo vincular, a formação da imagem corporal, os padrões de distress e a possível relação entre eles. Pretendem-se discutir aspectos do desenvolvimento infantil, durante o primeiro ano de vida, relevantes para entender a formação da imagem corporal através do vínculo afetivo. Para a construção dessa pesquisa utilizamos Winnicott e Bowlby, para falar da importância do vínculo mãe-bebê no desenvolvimento da personalidade; Dolto e Schilder, para falar da organização da imagem corporal do bebê e dos conceitos reichianos e neo-reichianos; trazemos Reich, Kelemam e Stuppigia. Utilizou-se a revisão bibliográfica como método investigativo, tendo como recurso técnico a hermenêutica, pois como teoria do conhecimento e método de interpretação, esse recurso vai possibilitar a compreensão profunda do tema escolhido, além de uma construção teórica dialógica entre os diversos autores escolhidos e as autoras da pesquisa. A nossa investigação teórica foi conclusiva em dizer que há uma relação intrínseca entre vínculo e imagem corporal e que interferências no processo de desenvolvimento da criança pode acarretar distorções no vínculo mãe-bebê, e consequentemente na forma como se organizará a imagem corporal.

Palavras-Chaves: Vínculo mãe-bebê, Imagem corporal, Padrões de distresse.

1 INTRODUÇÃO

Na atualidade, percebe-se ser essencial para a saúde física e mental do bebê que este experiencie um relacionamento carinhoso, íntimo e contínuo com a mãe, em que ambos encontrem prazer e satisfação. Entretanto, nos últimos tempos, com a entrada da mulher no mercado de trabalho e o acréscimo de outras atribuições que antes não eram realizadas por ela, essa mãe precisa se ausentar e se afastar dessa criança, provocando aflição e desolação no bebê. Acreditamos que os efeitos dessa separação influenciam na construção do caráter do bebê e, consequentemente, na formação da imagem corporal.

A figura materna é indispensável para o bebê, pois ela o nutre, dá conforto e amor, seja a mãe biológica, seja quem exerça a *função materna*[1]. Entretanto nem sempre isso acontece dessa forma, pois depende da maneira como o vínculo mãe-bebê se forma. É importante dizer que, nesta pesquisa, estudaremos o vínculo mãe-bebê no período que compreende de 0 a 1 ano de vida.

Dentro das escolas psicoterápicas contemporâneas, ganha destaque o estudo sobre a importância do vínculo mãe-bebê, por entender-se que esse processo contribui significativamente na estruturação do caráter do sujeito a partir das primeiras experiências do bebê com a sua primeira fonte de relacionamento com o mundo: a mãe. Na psicologia clínica, fica visível como esses padrões atuam e se repetem à revelia da vontade, imprimindo na personalidade da pessoa comportamentos que se estruturam como defesa.

Ao procurar entender a importância desse vínculo e seus desdobramentos psíquicos, houve motivação para pesquisá-lo de uma forma mais aprofundada, a fim de compreender como se forma a imagem corporal do bebê, com a possibilidade de olhar a formação da imagem corporal na perspectiva da psicoterapia corporal, à medida que entendemos o desenvolvimento

1 A função materna de que falamos nesta pesquisa é a partir da visão de Winnicott, quando ele fala que quem ocupa a função materna é um adulto, podendo ser a mãe biológica ou outra pessoa, genuinamente preocupado com os cuidados do bebê, que possam contribuir para uma adaptação ativa e sensível às necessidades do bebê, as quais, a princípio, são absolutas.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO
ISBN 978-85-60036-18-9

da personalidade pela organização caracteriológica, que se refere ao modo como o sujeito se estrutura e se coloca frente ao mundo, como ele se vê, sente-se, mostra-se e olha o mundo.

Para realizar este estudo, utilizamos Bowlby, Daniel Siegel, Winnicott, Daniel Stern, que analisaram como o vínculo mãe-bebê interfere no desenvolvimento da personalidade; Reich, Keleman, Boadella e Maurício Stuppigia, que nos trazem o olhar da psicoterapia corporal ao tema aqui estudado; Paul Schilder e Dolto, na organização da imagem corporal do bebê, bem como a interferência das falhas (quebras e rompimentos) nesse vínculo e os padrões de respostas que influenciam no modo de compreensão do mundo e seu modo de se posicionar frente a ele, entre outros teóricos e pesquisadores que enriquecerão nossa pesquisa e o aprofundamento do tema.

Diante de tudo o que foi exposto, estudamos mais profundamente esse tema, pois, como profissionais da área da psicologia clínica, precisamos conhecer o cliente. Para poder ajudá-lo nas suas problemáticas trazidas ao consultório, deve-se conhecer sua infância, como foi o relacionamento com a sua mãe, como os vínculos foram desenvolvidos e fortalecidos, como se estruturou o seu caráter e a sua imagem corporal.

Através do estudo do tema proposto nesta pesquisa, compreendemos melhor as relações sujeito-família-contemporaneidade e as formas do adoecer na sociedade contemporânea. Por isso achamos esta pesquisa importante para os psicólogos e psicoterapeutas corporais, pois proporciona a compreensão desse processo vincular mãe-bebê, explicitando como isso interfere na formação da imagem corporal.

Com esta pesquisa de cunho qualitativo, por meio da revisão bibliográfica com a teoria do vínculo, estudos da corporeidade, da psicanálise e das escolas reichianas e neo-reichianas, procurou-se criar uma relação dialógica entre os temas estudados por meio do olhar interpretativo das pesquisadoras sobre o vínculo e a imagem corporal no mundo contemporâneo.

2 OBJETIVO GERAL

Analisar como o vínculo mãe-bebê interfere na formação da imagem corporal do bebê.

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa, de cunho qualitativo, teve como ferramenta metodológica a revisão bibliográfica, na qual abordamos temas como vínculo, imagem corporal, caráter, corporeidade, afetividade, desenvolvimento biopsicoafetivo. Essa investigação foi elaborada a partir de reflexões epistemológicas que aprofundaram o tema escolhido, acompanhada pelo recurso técnico da hermenêutica, que enriqueceu a escrita e a construção teórica, possibilitando o diálogo transdiciplinar entre os autores.

Nesse sentido, a hermenêutica foi de suma importância na nossa construção teórica, permitindo uma reflexão e compreensão aprofundada do tema através de uma leitura entre vínculo e imagem corporal, algo que na literatura estudada não se tem essa ligação direta. Possibilitou um exercício de reflexão e diálogo com os autores, produzindo um texto coerente, coeso, bem fundamentado e que será de valiosa contribuição em nossa prática profissional.

4 DESENVOLVIMENTO

As primeiras fases da vida de qualquer ser humano são decisivas para a formação do apego e para o desenvolvimento do senso de segurança em si e nos outros. Logo, a relação mãe-bebê tem implicações diretas no desenvolvimento infantil. Essa relação é fundante na estruturação da personalidade do bebê e no seu desenvolvimento psicoafetivo enquanto sujeito. Isso porque é a partir de um vínculo estruturante que a criança pode construir uma base segura que lhe dará confiança para o mundo.

Diante disso acima escrito, devemos nos questionar: Qual é a relação existente entre o vínculo e a imagem corporal? O distresse pode afetar algumas dessas estruturas? Antes de respondermos essas perguntas, é importante retomar alguns conceitos.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

O vínculo está além do atar, ligar ou apertar, pois é uma ligação que une duas ou mais pessoas através das relações interpessoais, neste caso, mãe-bebê, que proporciona a construção do "eu" do bebê. Em outras palavras, é uma conexão estabelecida nos diversos relacionamentos ao longo da vida de um sujeito, e cada um desses sujeitos tem um objetivo com esses elos. Para reforçar, Ferraris (2008, p.52) disse que as trocas afetivas estabelecidas entre pais (principalmente a mãe) e filhos nas primeiras fases da vida são cruciais para a formação do sentimento de segurança que acompanhará a criança durante sua existência e sedimentarão as bases de seu futuro bem-estar físico e emocional.

Entende-se com isso que o vínculo tem sua importância na construção do ego do bebê, pois, ao nascer, a criança precisa de uma base, modelo ou referência que lhe dê um suporte em busca de sua autoidentidade. Essa construção do "eu" se dá ao longo de toda a infância, através dos cuidados maternos, do olhar, da fala, do toque, e permitirá à criança, no futuro, saber quem ela realmente é e, o mais importante, saber se diferenciar dos outros.

> É por meio da palavra que desejos findos puderam organizar-se em imagem de corpo, que lembranças passadas puderam afetar zonas do esquema corporal, tornadas, consequentemente, zonas erógenas, ainda que o objeto do desejo não esteja mais ali. Faço questão de insistir no fato de que, se não houve palavras, a imagem do corpo não estrutura o simbolismo do sujeito, mas faz deste um débil ideativo relacional. (DOLTO 2008, p.30-31).

Keleman (1992b) trabalha o conceito de corpo como sendo o centro do *self*, ou seja, o centro das emoções e sensações. Logo, o corpo torna-se sede de toda experiência e um organismo de pulsação vital para a existência, sendo mente e corpo uma unidade, sem separação dicotômica, onde o que acontece na mente reflete no corpo, e o contrário também se dá. Ele diz que a vida produz formas, e essas formas são partes de um processo de organização que dá corpo às emoções, pensamentos e experiências, fornecendo-lhes uma estrutura.

O corpo é uma bomba pulsátil, e esses padrões de pulsação estabelecem a autoidentidade, gerando sentimentos que dão uma dimensão para a existência, criando, assim, parâmetros de interior e exterior, profundidade e superfície, que nos organizam e são fundamentais na anatomia dos sentimentos e na criação da nossa imagem corporal e autoconceito. Schilder (1980) corrobora dizendo que o ego é um fator central nesse processo da formação da imagem corporal, sendo essa imagem tanto mental quanto percepção. Logo, a imagem corporal é importante para toda ação humana.

Fazendo uma leitura de Keleman e Schilder, percebe-se que o corpo deixou de ser meramente ossos, músculos e órgãos, funcionando em harmonia para ser o corpo como extensão da mente, em que todas as experiências vivenciadas na infância se interiorizam em nós e, a partir disso, é construído o nosso "eu" e consequentemente a imagem corporal.

É sabido que a influência materna sobre os filhos é intensa e categórica, apesar de outros fatores estarem em jogo. Sabe-se, através de inúmeras pesquisas e por estudiosos do tema, que existe desde a concepção um ser que é afetado por todas as experiências vividas desde o útero e em continuação dinâmica após o nascimento. Entendemos, então, que desde a concepção os processos de construção do eu corporal já se estruturam a partir da relação mãe-bebê e o meio.

A mãe que é boa desde a concepção até o nascimento do filho, que gosta de estar grávida, que se sente em ressonância com o filho e suas necessidades de crescimento, participa do processo de estruturação da mente infantil (emocional e cognitivo). Winnicott (2001) relata que a *mãe suficientemente boa* no primeiro ano de vida do bebê é fundamental para seu desenvolvimento de forma sadia; cuidado da mãe faz o bebê sentir-se seguro para desenvolver-se na sua exploração do mundo e de suas inúmeras possibilidades, pois há um processo evolutivo natural do ser humano em seu desenvolvimento emocional, e quando não há condições suficientemente boas, fica comprometido todo o processo. Concluímos, então, que quando há

 ISBN 978-85-60036-18-9

falhas e dificuldades nessa relação, podem ocorrer rupturas também nesse desenvolvimento, e os sintomas vão aparecer como indícios dessa falha.

Se Keleman (1992a) diz que o corpo é o "como" a pessoa vivencia suas emoções e experiências ao longo da vida, compreendemos que uma boa ressonância mãe-bebê pode refletir decisivamente na formação da imagem corporal bem estruturada do bebê, isso porque é através do toque da mãe que o bebê identifica seu corpo e dele toma consciência. Bowlby (2002) corrobora com essa ideia, dizendo que é através da afetividade da mãe que o bebê aprende a lidar com as próprias emoções. É através do olhar da mãe que ele reflete e estrutura seu ser.

Compreende-se aqui que a mãe tem um papel importante de acolhimento desse bebê que vai nascer, pois se a mãe gosta desse filho, ela fará de tudo para que o bebê cresça de forma saudável, dando-lhe o cuidado necessário. Será o apego da mãe modelo para a estruturação da personalidade da criança, construção do eu corporal, e assim preparação para o mundo.

Winnicott fala que a mente da criança é estruturada a partir das relações que essa criança tem com o meio, neste caso, seu primeiro meio de relacionamento será com a mãe. Esse bebê será o reflexo da mãe, pois todas as ações que ela realizar a criança repetirá, a fim de obter uma comunicação com essa mãe. Paul Schilder (1980) fala que as imagens do corpo humano são a representação de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós, e que as memórias de vínculo que guardamos de nossa experiência com a figura materna serão decisivas para a formação de nossa imagem corporal.

Logo, se a relação entre eles for conflituosa, a mente do bebê estará desorganizada, e o seu corpo será a extensão dessa desorganização. Se a relação for harmoniosa, tanto a mente quanto o corpo dessa criança estarão organizados. A partir do que Keleman fala sobre a formação da imagem corporal, entendemos que quando a criança tem experiências traumáticas de abuso, violência, maus tratos ou abandono, ela corporifica essas vivências no seu corpo através de tensões psíquicas, contrações musculares, e a motilidade fica distorcida, com o corpo e a mente sendo afetados. O resultado disso são as quatro formas que ele fala em *Anatomia Emocional* (rígida, densa, inchada e colapsada), criando dessa forma uma imagem corporal desorganizada. Reforçando esse pensamento, Siegel diz que os maus tratos da criança causam impactos sobre o seu desenvolvimento mental. Que o abuso precoce afeta o desenvolvimento do cérebro da criança de forma significativamente negativa e o que os adultos fazem com seus filhos têm um impacto profundo sobre como a mente da criança se desenvolve.

Nessa relação vínculo/imagem corporal, percebe-se que a construção do eu corporal da criança está em íntima relação com a mãe e de como é construído esse vínculo, pois se ela lhe fornece o necessário para o seu desenvolvimento, o bebê crescerá sentindo-se seguro, compreendendo o que se passa ao seu redor, e ele vai estruturar esse corpo para o mundo a partir das concepções que tem desse meio em que vive. Se o toque foi agradável, temos uma boa imagem corporal, caso contrário, a imagem que temos é distorcida pelas lembranças implícitas de abuso.

A partir do pensamento de Dolto (2008), pode-se perceber que a relação mãe-bebê juntamente com as experiências vividas no social são fundamentais na estruturação do seu corpo e da sua construção subjetiva enquanto sujeito. Quando o corpo do bebê recebe investimento afetivo da mãe, em que ela nomeia e estrutura o corpo da criança, são os primeiros indícios de que a imagem corporal está se estruturando, sendo o esquema corporal configurado paralelamente, permitindo que esse corpo infantil atue no mundo através do movimento.

> A imagem do corpo é a síntese viva de nossas experiências emocionais: interhumanas, repetitivamente vividas através das sensações erógenas eletivas, arcaicas ou atuais. Ela pode ser considerada como a encarnação simbólica inconsciente do sujeito desejante e, isto, antes mesmo que o indivíduo em questão seja capaz de designar-se a si mesmo pelo pronome pessoal Eu e saiba dizer Eu. Quero dar a entender que o sujeito

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> inconsciente desejante em relação ao corpo existe desde a concepção. (DOLTO 2008, p.14-15).

Dolto fala que a imagem corporal é sustentada pelo esquema corporal, e que é através deste que podemos nos comunicar com outrem. É na imagem corporal que se sustenta o narcisismo, assim como já falou Schilder. Ela nos traz que a imagem corporal, além de se estruturar no vínculo mãe-bebê, também se estrutura pela comunicação entre sujeitos, por isso é importante a mãe falar com seu filho, para assim a criança se estruturar psíquica e corporalmente. Será por intermédio dessa imagem que a criança tem que podemos entrar em contato com ela. Corroborando a afirmativa acima, Siegel (1999) fala que, inicialmente, as crianças procuram se comunicar com os pais e desse compartilhamento de ideias e cuidado se construirá uma sensação de segurança psíquica e estruturação corporal no bebê para este se comunicar e agir no mundo. É importante não reduzir na criança as emoções desconfortáveis, tais como o medo, a ansiedade ou a tristeza, pois pode deixar raízes mentais e corporais que comprometam o estado de espírito da criança, podendo acarretar limitações no futuro.

Segundo a linha de pensamento winicottiana, a criança de um ano vive de uma forma intensa o corpo e suas experiências corporais, o ego é um ego corporal antes de ser psíquico, pois a consciência que a criança tem de si é através do corpo. A organização do corpo implica que o indivíduo seja estruturado a partir de uma organização física e neurológica, mas só existe na integração com a construção subjetiva do eu. Siegel (1999) fala que essa construção subjetiva se dá na afetividade estabelecida na relação interpessoal entre o bebê e seus pais, e isso ajuda o cérebro imaturo dele a usar as funções maduras do cérebro dos pais para organizar os seus próprios processos. Dolto fala que a imagem corporal é sustentada pelo esquema corporal e que é através deste que podemos nos comunicar com outrem. Corroborando essa ideia, Schilder diz que é na imagem corporal que se sustenta o narcisismo.

Logo, pode-se afirmar que o corpo tem um papel significativo no processo de construção do Eu do bebê, já que o esquema corporal é que irá organizar a mente da criança, e ela levará isso para o meio em que vive, partindo de sua relação com os pais. A imagem que a criança tem de seu corpo parte da relação entre o corpo e a psiquê, pois a criança constrói uma imagem de si através do ego corporal. É importante pontuar que a imagem corporal da criança é um processo dinâmico e em estreita comunicação com aspectos fisiológicos, corporais, sociais e psíquicos.

Com as leituras e estudos realizados ao longo desta pesquisa, fica claro como a imagem corporal está em conexão com o vínculo mãe-bebê. Quando a mãe auxilia a criança em sua autodescoberta, ela o ajuda a estruturar a sua personalidade e, consequentemente, a sua imagem corporal. Nesse momento, a mãe está sendo suficientemente boa, pois ela o ajuda a compreender o mundo através do vínculo entre eles, e a criança levará essa boa relação para o seu meio social.

Através do processo evolutivo, a criança sai gradativamente de uma dependência absoluta da mãe para a conquista da independência, desenvolvendo sua autonomia e a consciência de si e do ambiente ao seu redor, como também vai desenvolvendo, ao longo desse primeiro ano, a sua integração criança-mundo. E a mãe ou quem ocupe essa função na formação do vínculo vão ser de fundamental importância nesse momento de desenvolvimento da integração, bem como as condições ambientais em que esse bebê vive. Para que a imagem corporal esteja aliada à ideia já citada, faz-se necessário um bom vínculo que lhe dê confiança na construção de sua autonomia.

Então entendemos que, se a mente é dependente, o corpo se estrutura de forma dependente, ou seja, frágil e assustado, retraído em relação ao mundo e aos outros. Se a mente é independente, o corpo é independente, forte, seguro, confiante de explorar o mundo e se relacionar com as pessoas. Schilder (1980) diz que o modelo postural do corpo está em contínuo movimento e mudança, diferenciação e integração, sendo nossas emoções e ações inseparáveis da imagem corporal que construímos. Logo, mente e corpo têm uma relação intrínseca.

Entretanto sabe-se que a relação mãe-bebê nem sempre acontece da forma natural e sem traumas. Isso pode ocorrer por diversas razões: a mãe que não está pronta para a

 ISBN 978-85-60036-18-9

maternagem; que está com problemas afetivos com seu companheiro; que está enfrentando algum luto no momento dos cuidados maternais, que vive o nascimento do filho em solidão, sem apoio ou solidariedade por parte dos familiares; ou que está sofrendo de depressão, entre outros.

Tudo isso afeta a relação mãe-bebê de tal modo, que essa carga de sentimentos é repassada para a criança. Ela armazenará em sua mente e responderá a todos esses sentimentos ruins através de traumas psíquicos e corporais, afetando consequentemente a sua imagem corporal. Schilder (1980 p, 4) diz que, se o conhecimento do próprio corpo for incompleto e imperfeito, as ações também o serão, pois estão interligadas. Assim sendo, a finalização de um movimento que é dirigido ao nosso próprio corpo depende do conhecimento do modelo postural e de como usar esse conhecimento na ação.

Com relação a isso, Siegel (1999, p. 108) também propõe uma classificação da afetividade do bebê, sugerindo que o padrão de comunicação existente entre mãe e filho molda o modo como o sistema afetivo da criança se adaptou às experiências com a figura afetiva. Logo, os pais que são emocionalmente inacessíveis, não perceptivos, que rejeitam e são indiferentes estão associados a bebês com uma afetividade reprimida. Os pais que são insistentemente acessíveis, perceptivos e receptivos e que tendem a intrometer os seus próprios estados de espírito no das crianças, tendem a ter filhos que apresentam afetividade resistente ou ambivalente. Os pais que revelam comunicações assustadas, assustadoras ou desorientadas durante o primeiro ano de vida tendem a ter filhos desorganizados/desorientados. Nesse caso, Schilder (1980 p, 4) diz que, se o conhecimento do próprio corpo for incompleto e imperfeito, as ações também o serão, pois estão interligadas. Assim sendo, a finalização de um movimento que é dirigido ao nosso próprio corpo depende do conhecimento do modelo postural e de como usar esse conhecimento na ação.

Em outras palavras, o que os autores aqui estudados apresentam é que a falta de afetividade mãe-bebê pode provocar diversos danos físico-mentais à criança, pois eles não estão em ressonância. A partir do momento que o vínculo entre eles está comprometido, vai-se comprometer a organização psíquica da criança, e isso se refletirá na organização corporal do bebê, já que corpo e mente estão interligados.

Keleman diz que a imagem corporal é o arranjo de camadas de experiências em formas que conversam umas com as outras para influenciar o comportamento. (KELEMAN 1992a, p.48). Logo, se a grande base que é a mãe não está correspondendo às expectativas do filho, essa criança procurará outros meios de sobreviver frente à dificuldade, adaptando-se de algum modo a esse meio hostil. Acarretará na formação deficitária do filho, porque não há uma referência que o guie, podendo ele estruturar sua imagem corporal numa das quatro formas que o autor coloca no livro *Anatomia Emocional*, a saber, estrutura rígida, densa, inchada ou em colapso, dependendo do tipo de sofrimento e experiências traumáticas que a criança vivenciar.

Ao ler-se todo o trabalho, pode-se dizer que muitos traumas psicológicos das crianças não se devem apenas aos pais, mas também à interação subjetiva entre eles (desarmonia entre as características das crianças e as expectativas dos pais), podendo afetar a organização psicocorporal. Essa desarmonia na relação mãe-bebê pode ocorrer devido à falta de ressonância nessa relação, pois a mãe pode não compreender ou não respeitar as necessidades ou o ritmo do seu bebê, dando-lhe o cuidado segundo sua percepção pessoal, alienada da necessidade real da criança.

5 CONCLUSÃO

Diante da análise do conteúdo teórico até então investigado, pode-se concluir que há, sim, uma relação entre vínculo e imagem corporal, pois será através do vínculo estabelecido entre a mãe e o bebê que surgirá a base de toda a estrutura corporal da criança e sua respectiva imagem. Keleman diz que a forma somática de uma pessoa indica como suas experiências a afetaram, como moldaram seu modo de agir, bem como sua existência interior. As experiências que vêm de fora ou de dentro organizam a forma da pessoa. Uma falta de cuidado constante, de interesse ou intimidade pode distorcer seu processo e reduzir suas potencialidades. (KELEMAN 1992, p. 9).

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Também se pode dizer que o distresse afeta o vínculo ou a imagem corporal do sujeito, porque se mente e corpo são uma unidade funcional, segundo Keleman, o que desorganizar o corpo consequentemente transtornará a mente, e vice-versa. Siegel (1999) também trata desse assunto quando diz que as relações interpessoais podem fornecer experiências afetivas que permitem alterações neurofisiológicas similares ocorrerem ao longo de toda a vida do sujeito. Ele também diz que, em casos extremos de trauma, como a negligência ou o abuso, as estruturas mais profundas do cérebro poderão ser afetadas e que será difícil, no futuro, conseguir mudar o quadro. Portanto as experiências interpessoais que temos na vida, inicialmente com os pais e depois com a sociedade, podem comprometer o sistema fisiológico do sujeito, trazendo consequências psíquicas e corporais no decorrer de sua vida e, no caso de experiências traumáticas, a estrutura biopsíquica pode colapsar.

Podemos dizer que o vínculo entre uma mãe e o seu bebê é único e, por isso, tão complexo e importante. Logo, ele é estruturante e constituinte do eu e da imagem corporal do sujeito. Percebemos, ao longo da pesquisa, que a formação da imagem corporal se inicia desde a mais tenra idade e vai se desenvolvendo ao longo da vida, passa necessariamente pelo vínculo com a mãe, ou quem exerça a função materna, e continua com as experiências sociais.

Segundo os estudos feitos, percebe-se que a imagem corporal pode sofrer mudanças e alterações ao longo da vida, não sendo imutável, mas, sim, acompanhando o desenvolvimento e a história de vida de cada sujeito. Não se quer dizer que ela mude a todo instante, mas sim que ela se forma lá na infância e ao longo da vida, podendo ser alterada ou não.

Alcançou-se com esta pesquisa uma ampliação teórica acerca do conceito de vínculo e de como se estrutura a imagem corporal no ser humano. Esse aumento de conhecimento pode proporcionar uma prática diferenciada pautada na união desses teóricos, no intuito de proporcionar uma melhoria na qualidade de vida daqueles que procuram os serviços de psicologia. Esta pesquisa também pode favorecer outras áreas de conhecimento, como educação e saúde, porque, ao terem acesso ao material aqui exposto, esses profissionais podem realizar uma prática com base científica, através da pesquisa que realizamos com teóricos que contribuíram de forma significativa, através de seus estudos, para a evolução da psicologia e do cuidado mãe-bebê.

Na área da educação, os profissionais da psicologia podem utilizar-se desses conteúdos aqui estudados para buscar explicações acerca de algumas problemáticas no campo escolar, como, por exemplo, questões relacionadas à indisciplina, déficit de atenção, isolamento ou hiperatividade. E como obter essas respostas? Buscando informações da infância da criança, entendendo como é a dinâmica familiar do aluno, convocando os pais para tentar conscientizá-los da importância do vínculo e da harmonia familiar para o equilíbrio biopsíquico da criança, buscando alternativas fora da escola como terapia com grupo de crianças para se trabalhar possíveis conflitos, dentre outros.

Já na área da saúde, os profissionais podem utilizar-se deste trabalho para melhorar a qualidade de vida das crianças através de atividades de prevenção e promoção à saúde física e psíquica do bebê e sua família; encaminhamentos para terapia familiar, a fim de resgatar vínculos entre pais e crianças, consultas periódicas, acompanhamento da saúde da criança e da família após o término dos atendimentos; criam-se estratégias de integralidade e cuidado às crianças que necessitam. Entretanto, mesmo percebendo que há uma relação entre vínculo e imagem corporal, houve neste trabalho certa dificuldade na sua escrita, devido à grande complexidade do tema.

Finalizando nossos estudos, entendemos que os primeiros momentos de vida são fundamentais para a vivência dessa relação mãe-bebê, o estabelecimento do vínculo, e, consequentemente, da construção da imagem corporal. Para que se desenvolva um vínculo afetivo e se construa uma imagem corporal saudável, é essencial que o olhar, o toque, a fala – canais de comunicação – entre o bebê e a sua mãe ocorram no espaço de holding que permita ao bebê sentir segurança e começar seu desenvolvimento e exploração do mundo que o cerca, sentindo que sua mãe está ao seu lado para protegê-lo e acolhê-lo.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO
ISBN 978-85-60036-18-9

REFERÊNCIAS

BERTOLUCCI, Anna Maria**.** Olhar, voz e corpo. Algumas metodologias de contato. *In*: LISS, Jerome; STUPIGGIA, Maurízio. **A terapia biossistêmica: uma abordagem original da terapia corporal.** São Paulo, Summus, 1997.

BOWLBY, John. Apego: **a natureza do vínculo**. v.1. 3º ed. São Paulo: Martin Fontes, 2002.

BOADELLA, D. A formação antes do nascimento. *In*: ***Correntes da vida***. São Paulo: Summus. 1992.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de

Janeiro: Imago, 2003.

DOMINGUES, Ivan. **Epistemologia das Ciências Humanas**. Tomo 1: Positivismo e Hermenêutica. São Paulo: Loyola, 2004.

DOLTO, Françoise. **A imagem inconsciente do corpo**. São Paulo: Perspectiva, 2008.

FERRARIS, Anna Oliverio. A mente do bebê: O fascinante processo de formação do cérebro e da personalidade. In: **Dinâmicas do apego**. Revista Mente e Cérebro. ed.1. São Paulo: Duetto Editorial. 2008. p. 52-59.

GADAMER, Hans-Georg. **Verdade e Método I – Traços fundamentais de uma hermenêutica filosófica**. 8ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, Bragança Paulista, SP: Editora Universitária São Francisco, 2007.

KELEMAN, Stanley. **Padrões de distresse: agressões emocionais e forma humana;** [tradução de Myrthes Suplicy Vieira; revisão técnica de Regina Favre]. **-** São Paulo: Summus, 1992a.

_____. **Anatomia Emocional: a estrutura da experiência;** [tradução Myrthes Suplicy Vieira; ilustrações de VincentPerez]. – São Paulo: Summus, 1992b.

_____. O processo formativo. *In*: **O corpo diz sua mente**. Tradução de Maya Hantower. São Paulo: Summus, 1996.

_____. O objetivo do vínculo: criar, manter ou desorganizar a forma. *In*: **Amor e vínculo: uma visão somático-emocional**. São Paulo: Summus, 1996.

LISS, Jerome; STUPIGGIA, Maurízio. **A terapia biossistêmica: uma abordagem original da terapia corporal.** São Paulo, Summus, 1997.

PESSOA, Fernando. **Obra Poética**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1965.

REICH, Wilhelm. A solução caracteriológica do conflito sexual infantil. *In*: **Análise do Caráter**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

SCHILDER, P. ***A Imagem do Corpo:*** **as energias construtivas da psique**. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

SIEGEL, Daniel J. **A mente em desenvolvimento: para uma neurobiologia de experiência interpessoal**. Porto Alegre: Instituto Piaget, 1999. coleção epigénese, desenvolvimento e psicologia.

STERN, Daniel. **O mundo interpessoal do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

WINNICOTT, Donald W. **A famíllia e o desenvolvimento individual**. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. O ambiente e os processos de maturação: Estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. **Os bebês e suas mães**. São Paulo: Martins Fontes,1999.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

DANÇATIVIDADE – PISTAS PARA PENSAR A DANÇA NA CONTEMPORANEIDADE

Chrystine Pereira da Silva
Estudante de Pós-Graduação - UFRN

RESUMO: A performance tem a performatividade, o teatro tem a teatralidade, e a dança tem o quê? Partindo dessa questão, propomo-nos a desenvolver neste trabalho o termo *Dançatividade* enquanto possibilidade de leitura à dança na contemporaneidade, assumindo as diferenças entre as danças que se manifestam neste contexto. Assim, o termo proposto nos ajuda a pensar essas manifestações, na medida em que busca se concentrar na análise dos pontos de convergência entre essas danças, e não nos pontos divergentes que as distribuem sob diversas nomenclaturas. Concentramo-nos, pois, no que une todas essas perspectivas, o corpo enquanto fio condutor da experiência humana (BARRENECHEA, 2011) que é tecida na cena pelos corpos que agem-dançam e pelos corpos que se deixam dançar naqueles primeiros. Por compreendermos que não seria possível pensar as inesgotáveis possibilidades de manifestação dessa Dançatividade na impermanência do sujeito da dança e dessa própria dança enquanto território de criação, considerando o recorte deste artigo, nos concentraremos em três aspectos de grande importância para a compreensão dessa potência. Daremos início ao nosso estudo concentrando-nos nas diferentes percepções de processo criativo que percebemos na contemporaneidade. Continuaremos nossa argumentação pensando na capacidade da linguagem de dança de contaminar e ser contaminada por outras linguagens artísticas, pensando, nesse sentido, um fazer para cada dizer (SETENTA, 2008). Por fim, propomo-nos a pensar como a(s) cena(s) de dança(s) pode(m) tratar de temas que partem do próprio corpo, tornando-os políticos, na medida em que esses temas também tocam outros corpos, outras realidades.

Palavras-chave: Dançatividade, Dança, Contemporaneidade.

Durante as pesquisas sobre os conceitos de Teatralidade e Performatividade, em decorrência da escritura do meu TCC[2], deparei-me com a seguinte pergunta: A performance tem a performatividade, o teatro tem a teatralidade, e a dança tem o quê?

Partindo dessa questão, propomos-nos a desenvolver neste trabalho o termo *Dançatividade* enquanto potência que se manifesta na pluralidade da Dança na contemporaneidade, sem atentarmos para os paradigmas de caracterização dessas diferentes manifestações, mas procurando perceber que formas essa potencialidade pode tomar na cena de dança.

Valemo-nos do termo dança na contemporaneidade em detrimento do termo Dança Contemporânea por acreditarmos que este último vem se tornando um campo conceitual com características próprias e já incita o leitor a pensar um campo específico da dança[3] acompanhado de nomes de companhias e percepções de processos criativos, mesmo que seja uma percepção ligada à pluralidade dessas características.

Interessa-nos, neste trabalho, tratar da dança na contemporaneidade, através da discussão de trabalhos artísticos que estão tanto no campo da dança, como em outros campos, tais como a performance arte ou arte da instalação. Nessa perspectiva nos afastamos dos paradigmas de conceituação e nos aproximamos mais de uma possível leitura das questões de ruptura e hibridização das linguagens, sugeridas nessas manifestações.

Para pensar a *Dançatividade,* traremos para a nossa discussão uma percepção inicial de como se caracterizam os conceitos de Performatividade e Teatralidade. Levando em conta que

2 O Trabalho de Conclusão do Curso de Licenciatura em Teatro da UFRN "Você tem fome de quê: Estudos de Pertencimento" foi orientado pela Profa. Dra. Naira Ciotti e defendido em julho de 2011.

3 A questão que se coloca é que mesmo com o contexto diverso da Dança Contemporânea, se faz comum que companhias ainda contratem coreógrafos para a criação de espetáculos nos moldes comumente utilizados por anos, quais sejam, a apreensão e repetição de movimentos, não usufruindo da autonomia que esse momento da dança pode dar ao bailarino, de expressão a partir da criação de movimentos que partem de seu próprio corpo e não de outros corpos.

 ISBN 978-85-60036-18-9

esses conceitos vêm sendo estudados por diversos teóricos e críticos, optamos por trazer para esta discussão um pensador de cada conceito, por compreendermos que esse quadro teórico se coloca apenas como introdução à questão da *Dançatividade* que nos propomos a pensar neste projeto.

No que diz respeito à Teatralidade, pautamos-nos na percepção apontada por Josette Féral (2008), que define a teatralidade como um resultado de um jogo de forças entre a realidade do teatro e suas estruturas simbólicas específicas, e a realidade da performance e seus fluxos energéticos, que geram processos instáveis de manifestação cênica. Dessa forma, podemos dizer que a teatralidade não é o que há de essencialmente teatral numa manifestação cênica, mas, sim, a capacidade que o teatro tem de agregar características estéticas e estruturais de outras linguagens artísticas.

Nesse processo de tensão entre procedimentos do teatro e de outras linguagens artísticas que geram a teatralidade, em alguns momentos é possível que as manifestações teatrais contemporâneas tendam a se contaminar mais por procedimentos de um campo do que de outro (FÉRAL, 2008). Nesse ponto, podemos perceber que esse movimento de aproximação e distanciamento das linguagens artísticas é que nos traz a pluralidade das manifestações teatrais contemporâneas.

A Performatividade, por sua vez, será estudada aqui por nós a partir da percepção apontada na teoria dos Atos de Fala apresentada por John Langshawn Austin no livro “Quando Fazer é Dizer” (1990). Apresentada de modo sucinto, a teoria dos Atos de Fala considera a linguagem como forma de ação. Nesse sentido, a linguagem passa a ser pensada também como produtiva, e não apenas reprodutiva. Ações como, por exemplo, falar ou comer são ações que se realizam enquanto se enuncia.

Nesse sentido, em oposição aos Enunciados Constativos que apenas descrevem as ações, o Enunciado que Austin coloca como Performativo é o instrumento da realização da ação. Tais ações não ocorrem fora da linguagem, uma vez que é ela mesma que as constitui.

> Nem sempre se utiliza a linguagem para representar um estado de coisas exterior a si mesma. Quando um juiz enuncia: “Declaro o réu culpado”, ele não está descrevendo uma ação fora do ato de sua enunciação, ele a está realizando. Esse tipo de enunciado ganha o nome de enunciado performativo. (AUSTIN, 1990 apud SETENTA, 2008: 20)

Dessa forma, Austin considera a linguagem como performance, na medida em que os enunciados performativos implicam diretamente, numa ação que acontece e é provocada pela fala. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a noção de Performance apresentada desenvolvida através dos estudos de linguagem de Austin é consonante com o pensamento de Richard Schechner (2006) no campo dos estudos da performance, que liga sua manifestação indubitavelmente à realização de uma ação, seja qual for seu contexto de realização. Como afirma Josette Féral sobre Richard Schechner: “Quando Schechner menciona a importância da ‘execução de uma ação’ na noção de ‘performer’, ele, na realidade, não faz senão insistir neste ponto nevrálgico de toda performance cênica, o do ‘fazer’.” (FÉRAL, 2008: 4)

Mesmo tratando da Performance em diferentes áreas do conhecimento a filosofia da linguagem e os estudos da performance os dois autores apresentados tecem seus argumentos pautando-se na execução de uma ação que envolve sujeitos da condição de agentes e na condição de “ouvintes” ou de pessoas que presenciam a ação performática.

E a Dança, tem o quê?

Depois de apresentadas as percepções de Teatralidade enquanto espaço de tensão entre procedimentos do teatro e de outras linguagens artísticas, e de Performatividade enquanto qualidade da ação que pressupõe a existência de sujeitos envolvidos numa relação de falar e se

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

deixar falar-ouvindo, nos propomos a refletir quais questões a *Dançatividade* poderia trazer para pensarmos as manifestações de dança na contemporaneidade.

Deve-se atentar que esse contexto é movido pelo sujeito contemporâneo plural e em processo (AGAMBEM: 2009), o que leva a dança na contemporaneidade a se apresentar como uma linguagem em constante desconstrução, envolvida no agenciamento de diversos processos de organização corporal, para tanto, partindo de diferentes técnicas corporais, pluralidades estéticas, diversidade de códigos e subversão dos limites entre as linguagens artísticas.

Podemos dizer que a dança na contemporaneidade tem como característica própria a constante busca por rupturas em sua própria estrutura, rupturas essas que, partindo do agenciamento de diferentes percepções técnicas e estéticas, geram manifestações tão diferenciadas entre si, que acabam por extrapolar essa mesma nomenclatura e necessitar da criação de diferentes espaços de conceituação e criação.

Como exemplo de manifestações de dança na contemporaneidade que extrapolam o espaço conceitual da Dança Contemporânea podemos citar a Dança-teatro, conhecida mundialmente pelo trabalho de sua principal coreógrafa, Pina Bausch. Ou mesmo a Dança Butoh, que teve como berço o Japão pós-segunda guerra, ambos suscitando questões performativas. Ou ainda a Dança Vertical e sua relações distintas com o espaço e diferentes técnicas, dentre outras formas de criação em dança que emergem na segunda metade do século XX.

De acordo com esse pensamento, faz-se necessária uma definição que não mais se impressione com categorias de tipos de dança, mas com analisar as potencialidades de dança na cena. As conceituações ou vertentes anteriormente citadas esbarram na categorização de tipos de dança, o que acaba por trazer mais complicações relacionadas à compreensão das danças que não fazem parte desses “tipos de dança”, mas que também se manifestam na contemporaneidade.

Dessa feita, é válido salientar, que as ideias aqui propostas não prevalecem em todos os contextos da dança, na medida em que se apresentam enquanto pistas para pensar a dança no contexto plural e mutável da contemporaneidade. Não nos interessa, nesse sentido, tentar urdir um conceito de dança na contemporaneidade, pois percebemos que não há uma única referência que abarque sua diversidade de pensamentos, processos de criação e treinamentos.

Nesse sentido, propomos pensar a Dançatividade enquanto possibilidade de leitura à dança na contemporaneidade, assumindo as diferenças entre as danças que se manifestam neste contexto. Assim, o termo proposto nos ajuda a pensar essas manifestações, na medida em que busca se concentrar na análise dos pontos de convergência entre diferentes danças, e não nos pontos divergentes que as situam sob diversas nomenclaturas.

Concentramo-nos, pois, no que une todas essas perspectivas, o corpo enquanto fio condutor da experiência humana (BARRENECHEA, 2011) que é tecida na cena pelos corpos que agem-dançam e pelos corpos que se deixam dançar naqueles primeiros. Na medida em que nos concentramos no corpo que age enquanto fio condutor dessa experiência, colocamo-nos na perspectiva de repensar os termos “bailarino” e “espectador” referindo-nos àqueles que se concentram no ato de dançar e àqueles que presenciam essa ação.

Nesse sentido, podemos nos desvelar da relação hierarquizada que essas duas nomenclaturas imprimem e considerar as duas partes como agentes da experiência-dança, envolvidos igualmente nesta, na medida em que dançam e se deixam dançar nos corpos uns dos outros.

Consideramos essa experiência como espaço de *ser* e *não ser*, parafraseando a perspectiva crítica de Nietzsche ao filósofo Parmênides em seus escritos, na medida em que os agentes se colocam neste espaço de impulsos moventes em jogo, de forças em conflito. (BARRENECHEA, 2011) “Assim entenderemos a relevância do vanguardismo da Dança Contemporânea como possibilidade de trazer o novo retomando o antigo, ou seja, a poesia

 ISBN 978-85-60036-18-9

do corpo e a diversidade do ato de dançar tão antiga quanto a própria história da dança." (PORPINO, 2001:51)

Ao nos concentrarmos no corpo que age-dança, enquanto força motriz das manifestações de dança na contemporaneidade, podemos tratar das diferentes "danças" sob esta mesma alcunha, bem como das diferentes estratégias de agenciamento dos referenciais estéticos e técnicos necessários para seus processos criativos. Nessa perspectiva, podemos afirmar que a Dançatividade se manifesta enquanto potência de criação do corpo-agente que extrapola os limites da linguagem em que se insere.

Portanto trazemos para discussão o termo "vontade de potência", desenvolvido por Friedrich Nietzsche e revisitado criticamente por Keith Ansell-Pearson, em seu livro Nietzsche como Pensador Político: Uma Introdução (1977). Ansell-Pearson coloca que a vontade de potência pode ser considerada uma força criadora, um impulso de força a efetivar-se e criar novas configurações em relação às demais.

Partindo da percepção apontada pelo autor, podemos perceber que a vontade de potência se coloca como um impulso do sujeito em se distanciar da verdade unificadora e se abandonar aos seus instintos artísticos constituídos pelo contínuo confronto entre as forças apolíneas e dionisíacas (NIETZSCHE, 2006). A vontade de potência seria um impulso de reavaliação, reorganização dos valores.

A Dançatividade enquanto potência se manifesta nos agenciamentos realizados pelos corpos-agentes na criação da cena, no esforço de tratar de suas questões neste espaço de criação que acaba por inferir num jogo de forças e questionamentos da linguagem da dança, recriando-a numa inquietude criadora que se manifesta das mais diferentes maneiras.

Por compreendermos que não seria possível pensar as inesgotáveis possibilidades de manifestação dessa Dançatividade na impermanência do sujeito da dança e dessa própria dança enquanto território de criação, considerando o recorte de uma pesquisa de mestrado, nos concentraremos em três aspectos de grande importância para a compreensão dessa potência.

Daremos início ao nosso estudo nos concentrando nas diferentes percepções de processo criativo que percebemos na contemporaneidade, considerando que o sujeito contemporâneo (AGAMBEM, 2009) está, a todo o tempo, em posição de contestar e desconstruir sua própria realidade, sendo interpelado pelas tecnologias e manifestações políticas e ideológicas. Pensar a dança na contemporaneidade seria, portanto, pensar esses diferentes sujeitos que irão suscitar diferentes percepções de processo criativo que estejam em consonância com suas diferentes potências de criação.

Continuaremos nossa argumentação pensando na capacidade da linguagem de dança de contaminar e ser contaminada por outras linguagens artísticas, pensando nesse sentido um fazer para cada dizer (SETENTA, 2008), agenciando as diferentes referências estéticas e técnicas para a criação de uma dança que se construa no entendimento de que existe a possibilidade de criação de um repertório próprio de falas/linguagens/danças que vão se enunciando e transformando durante as apresentações.

Reafirmando uma compreensão de dança que se constrói a partir dos corpos, dos sujeitos interpelados e *pelados* pelas experiências e referenciais do contexto contemporâneo, colocamo-nos em posição de pensar as idiossincrasias desses corpos e como elas são postas em cena. Nós nos propomos a pensar como a(s) cena(s) de dança(s) pode(m) tratar de temas que partem do próprio corpo, tornando-os políticos, na medida em que esses temas também tocam outros corpos, outras realidades.

Para a discussão dessas três instâncias apontadas, traremos como exemplo três performances/espetáculos que nos ajudem a construir nosso campo de discussão estética e conceitual, como possibilidade de entender como a potência da *Dançatividade* se apresenta e como se organiza na cena contemporânea.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Processos de Vida e Criação

Ao ponto em que partimos das idiossincrasias e possibilidades técnicas de cada artista para os processos de criação, pensar a dança na contemporaneidade acaba por nos colocar em situação de pensar o sujeito contemporâneo que se coloca na posição de criador de sua dança. Se anteriormente pensávamos a dança a partir das técnicas que davam forma a ela, hoje a pensamos partindo dos sujeitos que a criam. Essa mudança torna necessário pensar o conceito de Contemporâneo, para que possamos identificar o contexto em que se encontra a Dança e o sujeito que por ela é interpelado.

Giorgio Agambem (2009), em seu ensaio "O que é Contemporâneo?", coloca que a contemporaneidade é uma relação singular com o próprio tempo, que se aproxima, ao mesmo instante em que se distancia deste, sendo, nesse sentido, simultaneamente um movimento de ruptura e continuação. É verdadeiramente contemporâneo aquele que não coincide com seu tempo nem está adequado a suas pretensões, estando num estado de questionamento de si e de suas relações com o tempo que lhe pertence.

Agambem afirma que "aqueles que coincidem muito plenamente com a época, que em todos os aspectos a esta aderem perfeitamente, não são contemporâneos porque, exatamente por isso, não conseguem vê-la, não podem manter o olhar fixo sobre ela" (AGAMBEM: 2009, 59).

O ser contemporâneo, para Agambem, é aquele que mantém os olhos fixos em seu tempo, na perspectiva de perceber não suas luzes, mas suas sombras. Podemos perceber, dessa forma, que o sujeito contemporâneo está a todo o tempo em posição de contestar e desconstruir sua própria realidade, sendo interpelado pelas tecnologias e manifestações políticas e ideológicas. A expressão artística que surge em resposta a esse contexto traz para a cena as inquietações deste homem que se encontra num estado de *ser e deixar de ser*, recebendo e performativizando as informações que o ambiente lhe transmite.

A dança na contemporaneidade tende a trazer questões pessoais dos artistas como força motriz de seus processos criativos, suscitando assim idiossincrasias inerentes a cada processo e a cada bailarino. Dessa maneira, o modo como se conduz o processo criativo tende a se diferenciar do conhecido em outros momentos da dança, nos quais havia a figura do coreógrafo, que era responsável por criar as coreografias e repassá-las a seu grupo de bailarinos.

O bailarino, nessa perspectiva, tinha o papel de intérprete, que era responsável por dar forma aos movimentos criados pelo coreógrafo, partindo de suas indicações. No contexto que se apresenta na contemporaneidade, o bailarino abandona o papel do intérprete e se coloca na posição de criador, de inventor de seus próprios processos de criação de cenas. Ou mesmo os próprios coreógrafos se colocam na posição de "coordenadores" de processo criativo, encenadores que tomam para si a função de coordenar e colocar em cena o material proposto pelos bailarinos em sala de ensaio.

Nesse sentido, podemos perceber uma grande diversidade de concepções de processos criativos na contemporaneidade, desde os que obedecem à hierarquia coreógrafo-bailarino aos que se orientam como processos de criação solo, nos quais os agentes se debruçam no processo de criação em dança como possibilidade de trazer para a discussão questões pessoais ou políticas.

Para contribuir com a discussão que se apresenta, podemos citar o trabalho da coreógrafa alemã Pina Bausch, o expoente da Dança-Teatro, cuja especificidade da linguagem que desenvolveu junto ao Tanztheater Wuppertal é de grande importância para o pensamento em dança. Bausch organiza seus processos de criação em torno da resposta dada pelos bailarinos em movimentos ou palavras acerca de cem questões que ela mesma faz a eles durante os ensaios:

> Não há, obviamente, qualquer forma de controle sobre as respostas apresentadas; o bailarino é livre para colocar-se no plano que achar mais adequado. Ele pode inventar

 ISBN 978-85-60036-18-9

> histórias, mas, mesmo assim, parte de um imaginário concreto que expressa algum desejo pessoal. Muitas vezes não são perguntas, mas apenas palavras. Para a peça Valsas (Walzer), de 1982, por exemplo, algumas questões foram: 'fazer uma armadilha para alguém/ consolar / um jogo com o próprio corpo / o que receberam dos seus pais / renunciar / verão / preconceitos que nos fazem sentir marginalizados / qualquer coisa de puro / hinos / uma poesia de amor / atenção, o programa mudou'. (CYPRIANO, 2005: 33)

As perguntas que Pina Bausch colocava aos seus bailarinos já se caracterizavam como pistas de sua própria percepção sobre o tema que estava sendo trabalhado, percepção esta que ia sendo modificada e retrabalhada através da ótica dos bailarinos nas respostas que eles proferiam a suas questões. Tais respostas eram reorganizadas pela coreógrafa, de acordo com as características que o espetáculo ia tomando no decorrer do processo, podendo ser repassadas a outros bailarinos ou organizadas como cenas do espetáculo.

Esse processo de vida e experiência que gerava a experiência da criação não poderia, portanto, estar fixado em um método ou técnica, mas se construía nas respostas e nas perguntas que trocava com seus bailarinos. Bausch acreditava que seus espetáculos nunca estavam prontos, que os processos nunca se encerravam. Expressava essa percepção no simples ato de manter suas peças sem título por um período, nomeando-as apenas como "Ein Stück Von Pina Bausch" (Uma Peça de Pina Bausch) (CYPRIANO, 2005).

Linguagem e(m) Contaminação

Na discussão que se apresenta, podemos perceber que a dança na contemporaneidade se coloca em contínuo estado de contestação da linguagem, compreendendo que esta deve ser organizada de maneira diferenciada em cada contexto, seja na necessidade de processos criativos diferenciados, seja na ruptura das linguagens que vão extrapolando seus limites, na tentativa de fazer-se compreender.

Nesse sentido partindo da proposta de que a dança de um corpo pode ser considerada sua fala, podemos afirmar que a dança na contemporaneidade pensa "um fazer para cada dizer" como afirma Jussara Sobreira Setenta (2008). Esta propõe a invenção de um modo de dizer-se, ou seja, a invenção de sua própria fala a partir do que está sendo falado. A autora parte do conceito de Atos de Fala de Austin (1990) para tecer considerações sobre o que chama de Fazer-Dizer.

A teoria dos Atos de Fala de Austin (1990) afirma que a fala é uma ação que acontece no momento em que se enuncia, como explicitamos anteriormente. Nesse sentido, o autor considera a diferenciação dos enunciados entre constativos, de afirmação e descrição, os enunciados performativos, que caracterizam expressões linguísticas que não consistem apenas em dizer algo, mas sim em fazer algo. Sobre a transposição dos conceitos de enunciado constativos e performativos dos estudos verbais para a linguagem cênica, Setenta afirma:

> O modo constativo de enunciação, portanto, pode equivaler a um corpo que, ao dançar, simplesmente relata os seus assuntos, sejam quais forem, sempre com uma linguagem já pronta, pronta antes dos assuntos. Trata-se do uso da linguagem da dança como um universal pronto para ser usado e relatar qualquer tema. Esse tipo de dança se diferencia de outro (performativo), que realiza – performatiza e não se interessa apenas pelo relato do assunto na linguagem já pronta. Assim como na linguagem, serão os verbos presentes nas ações constativas que vão dar a articulação entre a linguagem e seus temas. (SETENTA: 2008, 22)

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Setenta encontra nos enunciados performativos o conceito basilar para a argumentação sobre seu Fazer-Dizer, na medida em que afirma que o corpo que dança é inventor de modos próprios de proferir ideias. A autora afirma que o corpo, quando se move, está dizendo algo e, tendo esse fazer a necessidade de inventar seu modo de dizer-se, apresenta-se uma situação de Fazer-Dizer. É importante salientar, portanto, que não é de interesse da autora, nem de nossa aproximação de seu conceito, traçar juízos de valor com relação aos exemplos citados, apenas explicitar a aplicação destes.

Levando-se em conta que a dança na contemporaneidade apresenta estratégias diferenciadas para pensar seus processos criativos partindo dos corpos que nele estão, acabamos por perceber uma contaminação dos espetáculos criados por diferentes linguagens artísticas. Tal contaminação pode se dar por diversos fatores, desde a experiência prévia dos bailarinos, que imprime marcas em seus corpos até mesmo a simples necessidade de extrapolar os limiares da linguagem da dança na tentativa de fazer-se comunicar através dela.

Referimo-nos a esse fenômeno como "contaminação", pois acreditamos que as linguagens artísticas na contemporaneidade se colocam como territórios porosos que se tocam, contaminam-se, cruzam-se na medida em que o artista-agente pode ser tocado por seus procedimentos como impulsos, instintos, cujo jogo perfaz a dinâmica fundamental de nossa condição corporal e criadora (BARRENECHEA, 2011).

Nesse sentido, trago à discussão uma experiência pessoal que se deu no processo de criação da encenação que caracterizava a parte prática do meu Trabalho de Conclusão do Curso de Teatro acima citado. O processo que gerou a encenação Outro Manifesto – Um Artista da Fome teve como ponto de partida a possibilidade de criação de um extrato cênico sem a preocupação, a priori, de localizá-lo em qualquer território artístico específico. Tal inquietação surgiu de minha própria trajetória de investigação artística, que pressupõe uma formação em balé clássico, a universidade de teatro e a experiência em performance arte junto a um coletivo da cidade.

O resultado desse jogo de forças-linguagens que se deixou acontecer no processo de criação da encenação foi um conjunto de cenas que se apresentam complementares e, ao mesmo tempo, independentes, podendo ser reorganizadas de diversas maneiras. Estas cenas que se alimentaram em seu processo das minhas próprias experiências pessoais-artísticas não se colocam em nenhum dos territórios artísticos em que se deu minha formação, mas criam um território outro contaminado por todos eles, em alguns momentos, mais por uns do que por outros.

Corpos-Políticas

Miguel Angel de Barrenechea, em seu artigo "Nietzsche – Corpo e Subjetividade" (2011), a partir das questões que aborda sobre o pensador alemão, considera repensar a condição do homem a partir de uma subjetividade carnal. Nessa ótica, a subjetividade a que o autor se refere pode ser interpretada como uma outra essência considerada em seu caráter corporal em processo, pensando o homem enquanto ser múltiplo e diverso, assim como suas pulsões, emoções, desejos.

A noção de subjetividade carnal, partindo da concepção nietzschiana de corpo, destaca a condição do homem concreto e da experiência vivida, valorizando um saber do absolutamente individual construído no processo-vida do homem e de suas relações com o mundo que o cerca. Porém Nietzsche nos aponta uma possibilidade de pensar o singular, o instintivo, sem renunciar ao compartilhamento desse saber:

> (...) Aponta para a nossa efetiva experiência carnal, para aquilo que é nosso, que é singular e único, mas que pode ser compreendido pelo outro, pode ser partilhado; assim como entendemos das nossas digestões, emoções, percepções, desejos, também entendemos as dos outros. Secularmente

ISBN 978-85-60036-18-9

> acostumados a acreditarmos na alma, na razão, na consciência, nos pensamentos abstratos, temos dificuldades de reconhecer o que é singular, o mais concreto nessa experiência. (BARRENECHEA, 2011: 15)

Partindo das percepções nietzschianas, Barrenechea afirma que a subjetividade carnal propõe uma "universalidade do absolutamente singular" (BARRENECHEA, 2011: 15). Nesse sentido, tocamos no aspecto que vem tomando força desde os pioneiros da Dança Moderna, que diz respeito à expressão de questões pessoais a partir da dança, colocando em cena questões pessoais que acabam por tornar-se questões políticas, na medida em que tocam outras subjetividades, outras carnes.

Essa abordagem do ser humano cotidiano pela dança se torna cada vez mais comum, na medida em que os artistas passam a tratar de questões pessoais através dos espetáculos ou coreografias. O modo como se conduz o processo criativo nesse contexto suscita questões que não dizem apenas respeito ao bailarino, mas também ao seu contexto político-social, emocional e todos os outros fatores que, combinados, compõem sua maneira de posicionar-se no mundo. Leva-se em conta, também, que todas essas questões estarão implícitas em seu fazer e através deste suscitarão inquietações distintas para aqueles que irão presenciar o ato artístico.

Pensar no trato das questões humanas, trazendo para a cena o mais concreto corpo humano em crise, aproxima-nos da performance "Não Alimente os Animais" (2010), do performer curitibano Ricardo Marinelli. Essa performance parte de um projeto que ele desenvolve junto a dois outros artistas curitibanos intitulado "Travesqueens". Busca investigar cenicamente uma série de inquietações do performer sobre o corpo da mulher travesti, "corpos repletos de autoafirmação, mas que vivem a restrição de uma existência abjetada[4]".

Nessa pesquisa, Marinelli apresenta um corpo vestido por meia-calça, sapatos de salto alto e maquiagem a rastejar pelas ruas e calçadas, lugar em que se permite que esse corpo viva, rastejar durante o dia nos lugares onde os corpos travestis estão à venda. O performer concebe a movimentação que desloca esse corpo como uma movimentação articulada, porém que se limita ao plano baixíssimo enquanto plano em que se coloca essa camada da sociedade.

Ao tratar do corpo travestido com a simplicidade e força desse trabalho, Marinelli acaba por apontar em cada esquina que passa as imperfeições escondidas na limpeza das ruas curitibanas habitadas por grupos neonazistas, que a cada dia ameaçam e invadem os corpos que fogem da norma: negros, nordestinos, gays, travestis. Corpos cuja potência explode em sua dança na capacidade de manter-se em luta.

Ao perpassar a discussão apresentada neste artigo, podemos perceber nessa potência da Dançatividade a possibilidade de nos colocarmos enquanto agentes de nossas danças, pensando-a através da experiência do dançar. Atar-nos à ação-dança, em vez de nos colocarmos numa tentativa de classificar e atar suas pluralidades numa lista de nomes, proporciona-nos um pensamento mais ligado ao fazer-experienciar esta dança de todos os corpos.

No entanto ainda nos restam algumas questões: Será que a tentativa de não classificar as danças, assumindo suas diferenças a partir da Dançatividade, já não seria por si uma classificação? Será que todas as manifestações podem ser pensadas a partir dessa potência? Essas e outras questões que surgem no decorrer de nossas pesquisas nos mantêm na ânsia de nos aprofundarmos nas investigações, fazendo do processo de pesquisa também uma experiência-vida-dançada.

4 Disponível em: <http://www.travesqueens.blogspot.com.br/2011/10/nao-alimente-os-animais-fase-2.html> (acessado em: 22 de agosto de 2012)

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEM, Giorgio. **O que é contemporâneo? E outros ensaios**. Trad. Vinícius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ANSELL-PEARSON, K. **Nietzsche**como Pensador Político. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1977.

AUSTIN, John Langshaw. **Quando dizer é fazer**. Lisboa: Artes Médicas, 1990.

BARRENCHEA, Miguel Angel. **Nietzsche:** Corpo e Subjetividade. Rio de Janeiro: Revista O Percevejo, n. 02, 2011.

CANTON, **Katia**. Da **Política** às**Micropolíticas**. São Paulo: Martins Fontes, 2009. **CYPRIANO**, Fabio. **Pina Bausch**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

FÉRAL, Josette. **Por uma poética da performatividade:** o teatro performativo. São Paulo: Revista Sala Preta, n. 08, 2008.

NIETZSCHE, Friedrich. **O Nascimento da Tragédia**. Tradução J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

PORPINO, Karenine. **Dança é Educação:** interfaces entre corporeidade e estética. 179f. Tese (Doutorado em Educação). Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2001.

SCHECHNER, Richard. **Performance studies**: an introduction. New York & London: Routledge, 2006.

SETENTA, Jussara Sobreira. **O Fazer-Dizer do Corpo:** Dança e Performatividade. Salvador: EDUFBA, 2008.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

DIÁLOGO EPISTEMOLÓGICO ENTRE BORIS CYRULNIK E MERLEAU-PONTY: APONTAMENTOS PARA AMPLIAÇÃO DAS COMPREENSÕES DE RAZÃO E SENSIBILIDADE, CORPO E APRENDIZAGEM NO DISCURSO DA EDUCAÇÃO FÍSICA

Valdemar Antonio da Silva Junior
Programa de Pós-Graduação em Educação Física - PPGEF / UFRN

RESUMO: O trabalho a ser apresentado refere-se ao projeto de pesquisa proposto para construção e desenvolvimento no programa de pós-graduação em Educação Física da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Diante do exposto, tem-se como objetivos deste estudo estabelecer um diálogo epistemológico sobre as compreensões de razão e sensibilidade, corpo e aprendizagem, discutidos pelos autores Boris Cyrulnik e Merleau Ponty, bem como apontar horizontes cognitivos relacionados ao conhecimento do corpo e da Educação Física entre os autores mencionados. A metodologia da pesquisa será fenomenológica, pautada, portanto, nas relações estabelecidas do ser humano com o mundo, através das experiências vivenciadas (corporeidade). Através desse envolvimento, permite atitudes que propiciam diferentes representações (interpretações) simbólicas do conhecimento. Propõe uma ideologia distinta do racionalismo, que se enfatiza, preponderantemente, no intelecto, na razão, na alma; e hermenêutica, pois irá se focar na leitura e discussão epistêmica de obras e livros, descritos a seguir. O corpus de estudo será baseado nas obras de Merleau-Ponty, que são Fenomenologia da percepção; signos; psicologia e pedagogia da criança; A dúvida de Cézanne; e os livros de Boris Cyrulnik, que são O sexto sentido, De corpo e alma, Os patinhos feios; Palavra de Homem, memória de maçado. Após as considerações elencadas e descritas, de maneira minuciosa, deste supracitado corpus, pretende-se organizar este projeto em três capítulos, que se dividirão da seguinte maneira: os dois primeiros irão se referir às proposições difundidas pelos autores mencionados anteriormente, no tocante às categorias de estudo, razão e sensibilidade, corpo e aprendizagem; o terceiro tentará estabelecer um diálogo entre estes, analisando suas divergências e convergências conceituais. Com essas discussões propostas se visa ampliar o constructo da Educação Física, tentando despertar o surgimento de novos trabalhos acadêmicos, dando continuidade à pesquisa nesta área, visto a pequena quantidade de trabalhos na linha sócio-filosófica. Almeja-se, ainda, um diálogo crescente entre seus representantes e difusores de conhecimento (professores, alunos), realçando a importância de se contextualizar na nossa contemporaneidade, com novas proposições teóricas, como é o caso da fenomenologia, difundida principalmente por Merleau-Ponty.

Palavras-chave: Fenomenologia; Educação Física; Corpo.

O estudioso Boris Cyrulnik, etólogo, neuropsiquiatra e psicanalista, desenvolveu em suas pesquisas a teoria da resiliência. Segundo essa teoria, os sujeitos ditos resilientes conseguem superar as adversidades ou, como podem ser denominados, fatores de risco (violência, exploração sexual, fome, miséria, entre outros) que se encontram presentes em sua realidade. Projetam em seu convívio social posturas ou atitudes consideradas diferenciadas, visto que, durante as suas experiências com o meio externo, os inúmeros fatores de risco, supracitados anteriormente, não foram preponderantes, pois há uma maior veemência dos fatores protecionais (autoestima, apoio familiar, ligação afetiva com amigos, entre outros). Entretanto, a adoção desses comportamentos se reporta a todo um contexto de experiências, vivenciado por esse sujeito resiliente, que poderá proporcionar os mais distintos sentidos e significados a serem expressos, em uma constante construção de interpretações.

> Cyrulnik (2001) diz que resiliência traduz um conjunto de fenômenos articulados entre si, que se desenrolam, ao longo da vida, em contexto afetivo, social e cultural, podendo

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> ser metaforicamente comparado à arte de navegar em meio à tempestade. É, pois, uma história que se constrói, quotidianamente, desde o início da vida, a cada ação, a cada palavra, num longo processo que se inscreve em um contexto específico e se reconstrói de forma coletiva, ao longo do tempo, na qual o ambiente e tudo que o compõe são co-autores. (ELSEN, LACHARITE, SANTOS, 2003, p. 150).

Diante do exposto, um fato que pode ser preponderante para as análises desse autor designa a consciência desse sujeito e suas interpretações com o mundo em que se situa, possibilitando a construção de sua história a partir dos diferentes contextos, seja afetivo, seja social, seja cultural. E uma das formas de se perceber tais considerações pode ser a partir do seu próprio corpo, "tomar consciência do próprio corpo é ter acesso ao ser inteiro, pois corpo e espírito, psíquico e físico, e até força e fraqueza, representam não a dualidade do ser, mas sua unidade" (Bertherat, 2001, p. 03).

Sabe-se a preponderância das diferenças individuais de cada ser, o qual possui uma história de vida única, marcada pelas suas experiências cotidianas durante sua trajetória existencial: "cada personalidade caminha no decorrer da vida, ao longo de seu próprio percurso, que é único" (CYRULNICK, 2004, p. 18). Mas o corpo do sujeito traz consigo suas marcas, suas histórias, que o direcionam por uma exploração do conhecimento, baseadas em suas representações simbólicas: "o corpo não é coisa, nem idéia, o corpo é movimento, gesto, linguagem, sensibilidade, desejo, historicidade e expressão criadora." (NÓBREGA, 2010,p. 47).

Os veículos de comunicação (televisão, rádio, jornal, revistas entre outros) tentam envolver ou encobrir a verdade presente no corpo dos sujeitos, visto que procuram estabelecer estereótipos bem atrativos para o consumo exacerbado de materiais que devem ser usados para se manter de acordo com os padrões idealizados estabelecidos: "a indústria do designer corporal desenvolve-se a partir do sentimento de que a soberania relativa da consciência do individuo deve se estender igualmente a sua aparência e não deixar a carne inculta" (LE BETRON, 2003, p. 30).

As experiências vivenciadas são preponderantes para o sujeito em sua relação com o mundo de que faz parte, contudo, como menciona Michel Foucault, as sociedades são caracterizadas como disciplinadoras, que organizam o espaço, o tempo e o comportamento das pessoas, minimizando um expressar natural dos sentimentos do ser humano. Tais afirmações também podem ser vislumbradas por Lacroix (2006), que relata a moderação da liberdade de expressão de sentimentos: "era preciso moderar a vivacidade, evitar as demonstrações ruidosas de alegria, dissimular a tristeza, atenuar o entusiasmo, refrear os ímpetos de admiração, silenciar a repulsa, mascarar as preferências e as aversões, rir com comedimento". Lacroix (2006) reforça tais preceitos quando menciona que o homem marcado pelas imposições posturais de comportamento privilegia em suas atitudes determinadas emoções, para não se expor ao ridículo perante os demais membros da sociedade da qual faz parte.

Deve-se relatar que, mesmo diante das restrições de expor as emoções, estas permanecem guardadas no ser, não são desconsideradas, "As emoções estão sempre presentes, levando uma vida subterrânea (LACROIX, 2006, p. 64)".

O corpo é algo muito complexo, representando sentimentos, emoções, pois acima de qualquer interpretação, mostra a verdade presente e vigente daquele ser, "Merleau-Ponty enfatiza a verdade do corpo em sua subjetividade, na historicidade, na estesia das relações afetivas, sociais, históricas e nas aventuras do imaginário" (NÓBREGA, 2010,p. 53).

Com isso, como se refere Nóbrega (2009), a imagem do corpo não pode ser limitada e restrita apenas às concepções difundidas pelo cartesianismo, de um corpo subjugado à razão, cujos movimentos não possuem representatividade, e que estes devem ser adestrados para efetuação de tarefas especificas. Essa autora, baseando-se nas fundamentações teóricas de Merleau-Ponty, propõe que o corpo representa a existencialidade humana no mundo em

 ISBN 978-85-60036-18-9

que está inserido, e as gestualidades por ele proferidas possibilitam um campo simbólico de diferentes sentidos e significados, referentes às identidades do ser, de acordo com suas experiências vivenciadas.

Portanto, diante das ideias apresentadas, vê-se o surgimento de traçar parâmetros de divergências ou convergências entre os autores Merleau-Ponty e Boris Cyrulnik, pautadas nas categorias de razão e sensibilidade, corpo e aprendizagem, visto que em ambos se precisa ter um respaldo histórico do sujeito em sua unidade. Ou seja, apreender as experiências do corpo marcadas durante o caminhar desse sujeito, bem como estabelecer sensibilidade em suas apresentações, pois o corpo reflete um ser que busca constantemente se mostrar para tocar o próximo em suas mais diversas interpretações, “a corporeidade é considerada como um campo de experiência e reflexão, a partir do qual se desdobram possibilidades epistemológicas, éticas, estéticas, sociais e históricas” (NÓBREGA, 2010, p. 35).

Isso decorre da interação dos fatores culturais, sociais e históricos, que o firmam como um sujeito de conhecimento, e sua existencialidade poderá ser confirmada através de sua corporeidade, da sua percepção corporal, veiculada pela motricidade dos seus movimentos, gestos, que são refletidos e deveriam ser analisados durante todo o tempo, “não o determinismo, nem genético, nem do meio, mas uma interação que reorganiza a estrutura do ser.” (NÓBREGA, 2010,p. 53).

REFERÊNCIAS

BERTHERAT, Thérèse. O corpo tem suas razões: antiginástica e consciência de si. 19ª ed. – São Paulo: Martins Fontes, 2001.

CYRULNIK, Boris. Os patinhos feios; tradução Mônica Stahel – São Paulo: Martins Fontes, 2004.

ELSEN, Ingrid; LACHARITÉ, Carl; e SANTOS, Mara Regina da Silva. Resiliência: Concepções, Fatores Associados e Problemas Relativos à Construção do Conhecimento na Área. Paidéia, 2003, 13(26), 147-156.

FOUCAULT, M. Vigiar e Punir. 20 ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

LACROIX, Michel, 1946. O culto da emoção/ Michel Lacroix; tradução Vera Ribeiro. – Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

LE BRETON, David. Adeus ao corpo: antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2003.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Escritos sobre o corpo: diálogos entre arte, ciência, filosofia e educação/ Terezinha Petrúcia da Nóbrega (Org.) – Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009.

NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da. Uma fenomenologia do corpo. São Paulo: Livraria Editora da Física, 2010.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Escritos sobre o corpo: diálogos entre arte, ciência, filosofia e educação/ Terezinha Petrúcia da Nóbrega (Org.) – Natal, RN: EDUFRN – Editora da UFRN, 2009.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

A PERSPECTIVA PSICOSSOMÁTICA/ BIOENERGÉTICA DA RELAÇÃO ENTRE ESPIRITUALIDADE E SAÚDE

Alessandra do Nascimento Cavalcanti
Estudante de Graduação - UFRN

RESUMO: O trabalho tem como objetivo principal elaborar um diálogo entre a Psicossomática e a Análise Bioenergética, através da discussão do atendimento a duas pacientes com queixas somáticas, uma portadora de uma doença autoimune e outra com obesidade mórbida. Os atendimentos foram realizados para elaboração de uma tese de doutorado que tinha o propósito de investigar a eficácia da Análise Bioenergética com pacientes que possuem queixas somáticas. As pacientes foram encaminhadas pelo Hospital Universitário, sendo submetidas a doze sessões de psicoterapia. Estudos na literatura apontam para as repercussões neuronais, endócrinas e imunológicas da espiritualidade/religiosidade na saúde psicossomática, entendendo aqui a espiritualidade como a busca contínua do sentido da vida e a percepção integrativa de pertencimento a uma ordem sistêmica maior. A religiosidade implica um sistema de crenças institucionalizado, que normatiza preceitos éticos e morais reguladores da relação do ser humano com os outros. Para a Bioenergética, a espiritualidade está intimamente associada à vida do corpo, à capacidade de experimentar prazer em sua funcionalidade e permitir a pulsação natural acontecer livremente. As pacientes em questão possuem uma forte vinculação com a religião cristã evangélica, vivenciada por elas como uma forma de resposta para encarar o sofrimento decorrente do processo de adoecimento crônico e dar sentido às diversas experiências traumatizantes que passaram em suas vidas. Percebemos que era necessário resgatar nelas a dimensão espiritual bioenergética, pois o discurso religioso servia como aporte caracteriológico de suas defesas esquizoides de negação e cisão do corpo, privilegiando a posição de mártir, sacrificando seu potencial de viver para entregar-se ao sofrimento vitimizante. Os exercícios de bioenergética foram relatados como experiências fundadoras de uma conexão profunda com seus corpos, possibilitando recursos internos de resiliência para encarar a doença como possibilidade de transformação em seu estilo de vida.

Palavras-chave: Análise Bioenergética, Processo Saúde/Doença, Espiritualidade.

CARACTERIZAÇÃO GERAL DA PESQUISA

O trabalho apresentado tem como objetivo principal elaborar um diálogo entre a Psicossomática e a Análise Bioenergética, através da discussão e análise do atendimento realizado a duas pacientes com queixas somáticas (uma com doença autoimune e outra com obesidade mórbida associada à hipertensão) com a presença de co-morbidades psiquiátricas, como transtornos de ansiedade e síndrome do pânico.

Os atendimentos foram realizados em decorrência da elaboração de uma tese de doutorado defendida pelo autor e com participação dos coautores (Nascimento, 2012), que tinha o propósito de investigar a eficácia do tratamento em Análise Bioenergética com pacientes que possuem queixas somáticas. As pacientes em questão foram encaminhadas pelo Hospital Universitário da UFRN, sendo submetidas a doze sessões de psicoterapia individual, sendo avaliadas em seus progressos antes e depois do processo psicoterápico, através de testes psicológicos e entrevistas de avaliação.

REVISÃO DE LITERATURA: ESPIRITUALIDADE, SAÚDE E ANÁLISE BIOENERGÉTICA

Ao tratarmos das temáticas Espiritualidade e Saúde, o termo religião encontra-se constantemente atrelado às práticas de fé e prece dos indivíduos. No entanto, é importante salientar que, por definição, espiritualidade e religião não são descritas como sinônimos. A religião refere-se a uma sistematização de cultos e doutrinas, referidas a determinada organização institucional, e, além disso, há uma crença em uma força divina ou sobrenatural. A espiritualidade

ISBN 978-85-60036-18-9

é voltada para uma orientação filosófica, em que há busca de significados e propósito de vida do indivíduo. Assim, a espiritualidade está ligada diretamente à experiência, que traz sentido e razão no preenchimento da vida. Na experiência espiritual, há uma conexão com algo maior que si, podendo estar ligada a aspectos religiosos formais ou não.

Nesse sentido, estudos apontam que a condição de espiritualidade e/ou a religião propicia condições de resiliência nos indivíduos, contribuindo no incentivo de práticas saudáveis, no fortalecimento das interações sociais e na ajuda de enfrentamento dos momentos de crise e doenças (Rocha e Nascimento, 2009). A espiritualidade pode ocasionar mudanças significativas na melhora e adesão de tratamentos, estando dependente e relativa ao nível de importância e significado dessa experiência na vida de cada sujeito. De acordo com Saad et ali (2008), a espiritualidade, quando vivenciada em sua plenitude, pode estar relacionada com o progresso no campo *intrapessoal*, *transpessoal* e *interpessoal*, ou seja, estaria conectando o sujeito no campo biopsicossocial, melhorando a relação consigo mesmo em termos psicossomáticos e com repercussões nas dimensões sociais, comunitárias e ecológicas, devido à sensação de pertencimento sistêmico a uma comunidade maior, transcendendo a experiência individual.

Alguns estudos apontam as influências diretas da espiritualidade no enfrentamento do processo da doença, como relatado em (Saad *et al*.,2008), ajudando pacientes a suportar melhor os sentimentos de culpa, raiva e ansiedade decorrentes da condição de ausência de sentido e desespero que algumas doenças, principalmente crônicas, podem ocasionar. O estudo aponta que o potencial de cura propiciado pela espiritualidade estaria relacionado a um melhor estado psicológico (associados a esperança, perdão e amor) e, consequentemente, melhores estratégias para lidar com o estresse, ocasionando equilíbrio das funções orgânicas controladas pelo sistema nervoso, como a produção de hormônios e a imunidade. Em outros estudos, como o de Moreira-Almeida *et al*. (2006) verificou-se que maiores níveis de envolvimento religioso estão associados positivamente a indicadores de bem-estar psicológico (satisfação com a vida, felicidade, afetos positivo e moral mais elevados) e menos a depressão, pensamentos e comportamentos suicidas, uso/abuso de álcool/drogas.

Em termos bioenergéticos, Lowen (1995) traz a espiritualidade como um conceito relacionado à graciosidade, no sentido da harmonia das funções somáticas naturais que estão conectadas com o princípio energético da vida no corpo. A conexão com outras pessoas, com a Natureza e com um princípio vital maior depende da possibilidade de vivenciar plenamente o fluxo energético do corpo; não existiria uma espiritualidade dissociada da materialidade própria da existência viva. Corpo e psiquismo constituem uma unidade funcional, com sua amálgama mantida nos processos energéticos, próprios do metabolismo e relacionados com as funções de respiração, alimentação e movimento. Traumas vivenciados no decorrer do desenvolvimento vão compor uma série de impedimentos psicossomáticos que dificultarão a experiência de unidade e integridade no ser humano, acarretando mecanismos de defesa, como cisão, ilusão e fragmentação, bases de uma experiência espiritual dissociada das sensações corporais, vistas com desconfiança e medo, constituindo o terreno psicossomático básico que vulnerabiliza as pessoas para o adoecimento.

Outro ponto discutido por Lowen (1991) diz respeito à gênese subjetiva da experiência de fé, relacionada intimamente com o processo do desenvolvimento humano nos primeiros momentos de vida. Na perspectiva da Análise Bioenergética, a fé estaria intimamente interligada com a construção de um sentimento interno de autoconfiança na relação mãe/bebê, no processo da gestação ao primeiro ano de vida. Assim, amor e fé fariam parte de um princípio comum de internalização do cuidado materno, vivenciado pela criança como um reconhecimento de suas necessidades de afeto, nutrição, contato, contorno, ou seja, da constituição do self primário a partir das demandas esquizo-orais. Esse percurso de integração psicossomática constitui a base necessária para o desenvolvimento posterior de uma psique encarnada no corpo, de um espírito que conecta suas sensações corporais como parte de seu mundo intersubjetivo e atua como base para as funções de *grounding* e sexualidade. Estas, apesar de aparentemente ligadas ao mundo material, conectam o sujeito a sua energia, ao prazer, à vida e, consequentemente, à espiritualidade.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

DISCUSSÃO DOS CASOS

Para a Bioenergética, a espiritualidade está intimamente associada à vida do corpo, à capacidade de experimentar prazer em sua funcionalidade e permitir a pulsação natural acontecer livremente. As pacientes em questão possuem uma forte vinculação com a religião cristã evangélica, vivenciada por elas como uma forma de resposta para encarar o sofrimento decorrente do processo de adoecimento crônico e dar sentido às diversas experiências traumatizantes que passaram em suas vidas.

Renata, 40 anos, solteira, possui um diagnóstico de lúpus eritematoso sistêmico com síndrome de Renault, com comorbidades psiquiátricas oscilando entre ansiedade e depressão. Vem para ajuda terapêutica em decorrência da percepção do seu estado emocional intenso de estresse e sua influência no agravamento do seu sofrimento com a doença. Possui um histórico de privação e distanciamento maternos, com uma identificação com o pai alcoolista, sendo escolhida por ele como a preferida, gerando conflitos na dinâmica familiar com as outras irmãs e, consequentemente, com a mãe. A sensação de perseguição permanece como uma constante em sua vida, relatando em diversos momentos conflitos com os vizinhos do bairro onde mora, submetida a diversas invasões e agressões. Ela revela em sua dinâmica uma congruência psicossomática entre o déficit de sua imunidade com as dificuldades de se defender na vida das invasões constantemente sofridas, relatadas de maneira repetitiva e monocórdica, com grande dificuldade de entrar em contato com as emoções.

Susana, 37 anos, casada e mãe de cinco filhos, está em um quadro de obesidade mórbida, com sintomas associados de hipertensão e ansiedade. Procura a terapia para realização de uma futura cirurgia bariátrica, na qual é necessário um acompanhamento e avaliação. A violência é um tema presente na história dessa paciente. Assim como Renata, vemos a dinâmica de um pai agressivo com uma mãe fria emocionalmente. Também estabelece com o pai uma ligação especial, vivendo bastante tempo com ele após a separação de sua mãe, decorrente das constantes ameaças de morte e brigas entre o casal. O padrão de violência se repete na história com o marido, que a agrediu verbal e fisicamente durante vários anos, pois quando os mesmos se casaram, Susana já tinha duas filhas, frutos de dois relacionamentos anteriores. Essa condição era usada pelo marido como motivo de brigas e deconfiança de que a paciente poderia traí-lo a qualquer momento. A sexualidade da paciente, como vemos, é um tema conflituoso e central em sua história, tendo a obesidade como uma condição-chave para esconder a sua feminilidade e garantir um escudo protetor desses conflitos.

A religiosidade foi um tema recorrente como fator de pressão psicodinâmica nas pacientes. As que tinham uma prática regular de frequentar igrejas cristãs traziam, a nosso ver, o discurso religioso como forma de justificar a existência da doença como decorrente de castigo ou culpa. Os recursos para se recuperar do estado de vulnerabilidade eram atribuídos à imagem divina, considerada como externa ao eu, como se Deus pudesse ser a única fonte de esperança para livrar-se da condição de sofrimento. Algumas das pacientes, inclusive, chegam a se referir à doença como padrão de autossacrifício e martirização, privilegiando sentimentos nobres em detrimento dos prazeres mundanos do corpo.

De acordo com Lowen (1989), essa é uma típica dinâmica defensiva dos pacientes com questões esquizoides, revelando a cisão existente em suas personalidades entre corpo e mente. Percebemos que era necessário resgatar nelas a dimensão espiritual bioenergética, pois o discurso religioso servia como aporte caracteriológico de suas defesas esquizoides de negação e cisão do corpo, privilegiando a posição de bode expiatório, sacrificando seu potencial de viver para entregar-se ao sofrimento vitimizante. Os exercícios de bioenergética foram relatados como experiências fundadoras de uma conexão profunda com seus corpos, possibilitando recursos internos de resiliência para encarar a doença como possibilidade de transformação em seu estilo de vida.

Percebemos, por outro lado, como vimos na revisão de literatura, a importância de considerar a religião uma rede de apoio como fator protetor para o desenvolvimento de estratégias de resiliência para lidar com a doença (Tonella, 2008). No caso específico das pacientes, a inserção destas em igrejas e atividades filantrópicas auxilia na manutenção de um estado

 ISBN 978-85-60036-18-9

de pertencimento, troca de conhecimento e experiências, espaço para trocar confidências e desenvolvimento de atividades de lazer.

Concluímos o trabalho com a pertinência do arcabouço teórico e técnico da Análise Bioenergética para o tratamento de pacientes com queixas somáticas, ressaltando que a abordagem foi sentida como um diferencial por parte das pacientes aqui apresentadas, para a ressignificação de sua relação com o corpo, com a doença e da relação com Deus e a espiritualidade. Acreditamos que uma verdadeira espiritualidade pode ser vivida conectando o pertencimento a uma dimensão subjetiva com a transpessoal, unindo em nós mesmos céu e terra no princípio do *grounding*.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

LOWEN, A.. *O corpo traído.* São Paulo: Summus, 1989.

_____. *O corpo em depressão.* São Paulo: Summus, 1991.

_____. *Exercícios de Bioenergética: o caminho para uma saúde vibrante.* São Paulo: Ágora, 1992.

_____. *A espiritualidade do corpo: bioenergética para a saúde e harmonia*. São Paulo: Cultrix, 1995.

_____. *The voice of the body*. New York: Bioenergetic Press, 2005.

NASCIMENTO, Périsson D. Análise Bioenergética do Sofrimento Orgânico: Diagnóstico e Eficácia do Tratamento. Tese de Doutorado. São Paulo: PUCSP, 2012.

TONELLA, G. *Novos paradigmas para a Análise Bioenergética ao alvorecer do século XXI*, 2008. Disponível em: *www.cfab-analyse-bioenergetique.com. Acesso em 05 de fevereiro de 2009.*

NASCIMENTO, Paula Érica Simpionato de, CASTANHEIRA, Lucila & ROCHA, Semiramis Melani Melo. *Religião e espiritualidade: experiência de famílias de crianças com Insuficiência Renal Crônica*. Brasília: 2009. *Revista Brasileira de Enfermagem*, *62*(1), 100-106. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=s

ci_arttext&pid=S0034-71672009000100015&lng=en&tlng=pt. *Acesso 28 de Maio de 2012.*

GUIMARAES, Hélio Penna; AVEZUM, Álvaro. *O impacto da espiritualidade na saúde física*. Rev. psiquiatr. clín., São Paulo: 2012. Disponível em: www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700012&l

ng=en&nrm=iso. *Acesso 28 de Maio de 2012.*

MOREIRA-ALMEIDA, A. *Algumas reflexões sobre as implicações das experiências espirituais para a relação mente-corpo*. In**:** Santos, Franklin (org) A arte de Morrer: visões plurais vol 3. Editora Comenius, 2010 Disponível em: www.hoje.org.br/site/arq/artigos/Espiritualidade_e_relacao_mente_cerebro_Atheneu_cap.pdf. *Acesso 28 de Maio de 2012.*

ALVES, Joseane de Souza; JUNGES, José Roque; LÓPEZ, Laura Cecília. *A dimensão religiosa dos usuários na prática do atendimento à saúde: percepção dos profissionais da saúde*. São Paulo: 2010. O mundo da saúde. Disponível em: www.saocamilo-sp.br/pdf/mundo_saude/79/430a436.pdf. *Acesso 28 de Maio de 2012.*

SAAD, Marcelo; MEDEIROS, Roberta de. *Espiritualidade e Saúde*. São Paulo: 2008. Instituto Israelita de Ensino e Pesquisa Albert Einstein: Educação Contin Saúde. Disponível em: www.apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/982-EC%20v6n3%20p135-6.pdf. *Acesso em 28 de Maio de 2012.*

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

CONHECIMENTO SOBRE O CORPO NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA NA E. M. JOÃO PAULO II

Hellyson Ribeiro Costa
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Ensino de Educação Física Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, a descrição desta pesquisa em forma de relato de experiência teve o objetivo de refletir possibilidades de ensino-aprendizagem do conteúdo de conhecimento sobre o corpo nas aulas de Educação Física escolar. O corpus de análise foi composto por três turmas (com média de 30 alunos por sala) do 5º ano do ensino fundamental I de uma escola municipal da cidade de Natal-RN. A proposta foi desenvolvida com uma visão ampla de sensibilidade e percepção, considerando não apenas questões biológicas ou culturais, mas uma reflexão sobre o ser humano sem fragmentações, que consideramos complexos em suas intencionalidades. Para concluir, destacamos a importância de compreender as subjetividades do corpo sem esquecer a realidade dos alunos, fazendo das aulas de Educação Física um momento também de reflexões de vivências que vão além dos muros da escola, onde a compreensão de um corpo, de forma mais sensível, possibilitará experiências de diferentes práticas, considerando-se a existência de uma diversidade corporal.

Palavras-chave: Corpo, Educação Física, Escola.

INTRODUÇÃO

Este estudo foi apresentado como pré-requisito para obtenção do título de Especialista em Ensino de Educação Física Escolar pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte, com o objetivo de apresentar uma possibilidade de se trabalhar o conhecimento sobre o corpo nas aulas de Educação Física na escola.

A instituição em que ocorreu intervenção de ensino e pesquisa foi a Escola Municipal João Paulo II, localizada no Conjunto Nova Natal, bairro Lagoa Azul, Zona Norte da cidade do Natal-RN. O conjunto é considerado de periferia e de uma realidade social bastante difícil, principalmente para os alunos que moram nos loteamentos existentes no seu entorno.

A escola municipal João Paulo II apresenta um projeto político pedagógico que está em construção, com o objetivo de finalização para o final de 2012. A instituição funciona nos turnos matutino e vespertino, com trabalho direcionado ao ensino fundamental, mais especificamente do 1º ao 3º ano no primeiro turno, e 4º e 5º anos no segundo turno, compondo os dois primeiros ciclos de escolarização. As aulas de Educação Física são realizadas um dia por semana para cada turma, com duração de duas horas, sendo ministradas por quatro professores de Educação Física divididos por turno. O espaço físico da escola é amplo; possui treze salas de aula para turmas com quantidade de alunos razoável. Possui um pátio que, apesar de descoberto, é amplo. Possui também uma quadra coberta, porém o fato de possuir proteção fechada apenas no teto, nos momentos de chuva, faz com que a água entre pelos lados da quadra. Nesses dias chuvosos, as aulas de educação física na quadra ficam prejudicadas, obrigando o professor a modificar as estratégias de aula, caso esse espaço fosse o preferido no dia. O refeitório possui cadeiras e mesas para os alunos sentarem no momento do lanche, ato esse que é muito esperado por alguns estudantes, pois pela baixa renda das famílias, estes algumas vezes saem de casa para a escola sem ser alimentados, tendo essa oportunidade na hora do intervalo. Os materiais usados para as aulas de Educação Física, em sua maioria, é legado deixado pelo projeto segundo tempo, ou seja: bolas de diferentes esportes, cones, cordas, petecas, rede de vôlei, bambolês etc. Porém muitos estão desgastados e alguns impróprios para a idade dos alunos.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

Na instituição onde se realizou a pesquisa, as aulas de Educação Física acontecem em caráter obrigatório para o turno matutino e vespertino. Cinco anos atrás, ingressei na E.M João Paulo II, sendo que os dois primeiros anos foram em projetos sociais. A partir de março de 2010, passei a ser professor do componente curricular Educação Física do turno vespertino, além de substituir uma professora no turno matutino durante três meses. Entre 2010 e 2011, trabalhei com turmas do 3º ao 5º ano.

A partir dos primeiros contatos com as turmas, já diagnostiquei uma resistência por parte dos alunos com relação a possíveis conteúdos trabalhados durante as aulas de Educação Física. A cultura do futebol e queimada como único conteúdo a ser vivenciado nas aulas de Educação Física estava e ainda está impregnada em alguns alunos, devido às suas experiências anteriores. Dessa forma, o primeiro passo foi planejar uma forma de oferecer aos alunos uma variedade de práticas corporais que lhes dessem a possibilidade de "enxergar" e compreender que a Educação Física poderia oferecer-lhes diferentes vivências e estudos de diferentes culturas de movimento. Como o ano, em 2010, já tinha iniciado quando entrei na escola, o tempo de planejamento foi mínimo, mas suficiente para que houvesse uma organização para a prática pedagógica. Juntamente com o outro professor de Educação Física, resolvemos trabalhar três conteúdos de março a novembro de 2010: Esportes (Basquete, Voleibol e Futsal), Lutas (karatê e jogos de luta) e Conhecimento sobre o corpo "através dos sentidos".

Já em 2011, com o trabalho de sistematização iniciado em 2010, resolvemos dividir os conteúdos por série a partir do 3º bimestre, pois devido à greve no ensino Municipal, os dois primeiros bimestres foram encurtados com relação ao tempo. Mesmo com essas dificuldades, decidimos realizar, no início do ano, um projeto intitulado "Xadrez na escola", onde todas as séries do turno vespertino tiveram a oportunidade de conhecer os conceitos básicos do xadrez, desde a sua história até as regras básicas para se jogar. No 3º e o 4º bimestre, para os alunos do 5º ano que eram do 4º ano em 2010 foram selecionados novos conteúdos: Lutas (Capoeira), Esportes (Handebol, Atletismo). E para o 4º ano, o mesmo conteúdo de 2010, já que esses alunos estariam vindos do 3º ano e não tiveram a oportunidade de vivenciar tais conteúdos.

De agora em diante, iremos descrever de que forma foi escolhido o conteúdo conhecimento sobre o corpo e como ele foi trabalhado com os alunos do 5º ano no turno vespertino da E.M João Paulo II, passando desde o tema gerador, a procedimentos metodológicos e avaliação.

A partir da realidade de um contexto que envolve a supracitada escola, escolhemos como tema gerador da intervenção de ensino na Educação Física a percepção do corpo, tendo como conteúdo o Conhecimento sobre o Corpo, em diálogo com o conceito de consciência corporal, que darão a base para as práticas pedagógicas. O tema surgiu a partir da necessidade de discutir com os alunos do 5ª ano que estão terminando um ciclo na vida escolar, ou seja, saindo do ensino fundamental I e partindo para o fundamental II, onde em novos ambientes escolares não serão os "maiores" e mais "velhos". Além disso, buscamos compreender junto com eles o que pensavam do seu próprio corpo e do corpo do outro, podendo-se visualizar, a partir disso, as dificuldades existentes de aceitar esse corpo em transformação devido à puberdade, além de questões socioculturais, que caracterizam os alunos que estão saindo desse nível escolar, pois no caso da instituição onde se realizou a pesquisa, necessariamente terão que partir pra outra escola, já que não existe o 6º ano nessa escola. Os objetivos, a partir daí, foram de oferecer aos alunos do 5ª ano a oportunidade de experimentar e refletir sobre a percepção do corpo. Para isso utilizamos o conteúdo conhecimento sobre o corpo "através dos sentidos".

RELATO DE EXPERIÊNCIA

De acordo com Darido & Rangel (2008, p. 138) "O corpo, assim como a cultura, tem caráter polissêmico, isto é, pode assumir vários significados. E, ao pensarmos deste modo, conhecê-lo pode significar várias coisas". É dessa forma que o relato a seguir irá fundamentar seus passos, considerando o corpo não em suas partes, mas sim na sua complexidade, individualidade. Estudar o corpo através dos sentidos não foi um momento de caracterizar cada um (sentido) separadamente sem fazer relações, foi o momento de relacionar, misturar, entender que um é importante pro outro, e que, quando um não existe, o outro pode ficar mais aguçado e

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ter percepções muitas vezes impensáveis. Foi o momento também de pensar em cuidados, para que exageros não prejudicassem nossos sentidos ao longo da vida.

Pensando na Educação Física escolar, foi a oportunidade de refletir sobre as sensações em movimento, dialogando com os alunos a importância do tocar, desse tato que precisa ser entendido com respeito, dos novos olhares sobre o mundo que podem existir sem a presença da visão.

O conteúdo foi trabalhado durante o 4º bimestre e teve a duração de um mês. As atividades foram escolhidas de forma que existisse, ao final, uma significação real para os alunos, em que pudessem refletir o seu dia a dia e suas atitudes diante do corpo. Para isso usamos revistas, filmes, música, balões e outros materiais que tornassem as aulas lúdicas e atrativas para os alunos, que no início não compreendiam a presença desse conteúdo nas aulas de Educação Física.

A seguir, descreveremos cada uma das atividades desenvolvidas e seus procedimentos metodológicos em diálogo com o referencial teórico escolhido para fundamentar essa prática.

Aula [1]: Construindo uma revista sobre o corpo.

Essa atividade foi a desencadeadora do conteúdo e teve o objetivo de estimular os alunos a refletirem sobre suas compreensões diante do corpo humano. Para isso as turmas foram divididas em grupos, para que confeccionassem uma "revistinha" que tinha como tema o corpo humano. Através de material como revista, papel ofício, tesoura e cola, os alunos construíram seu material com as imagens que representassem para eles o corpo do ser humano. Além das figuras, eles também escreveram as explicações para tais escolhas.

No produto final, cada grupo apresentava para a turma suas explicações para as escolhas das imagens, deixando claro quais eram seus entendimentos sobre o corpo humano. Observamos que todos os grupos escolheram imagens que falavam de partes do corpo, com exceção de algumas figuras, que, apesar de apresentarem um "corpo inteiro", as explicações eram fragmentadas, dando importância para uma determinada parte. Além disso, percebi que havia uma preocupação de algumas meninas e alguns meninos em procurar aqueles corpos considerados perfeitos, ou seja, com aparências jovens e fortes. Dessa forma, Ilustrar os argumentos dos alunos é importante para que possamos visualizar suas ideias sobre o corpo, e para isso é interessante, neste momento, descrever alguns dos argumentos que os alunos colocaram para justificar a escolha do conteúdo de "sua revista":

ALUNA M.M.L: *"As pernas servem para andar, correr e brincar, por isso as pernas são importantes".*

ALUNO A.D.S: *"Eu escolhi esses olhos porque uma das partes do corpo dos humanos (...), porque sem olhos não se poderia enxergar as coisas"*

ALUNA M.M.L: *"Pés: equilibra todo o nosso corpo"*

ALUNA M.G: *"Serve para a pessoa ficar mais bonita, tem vários tipos de cabelos".*

ALUNAS: M.C.M.J: *"A cabeça serve para as pessoas pensarem e para a gente aprender".*

Percebe-se nas cinco falas uma preocupação em destacar a função de cada uma das partes escolhidas do corpo humano. Não existem, nos argumentos, possíveis relações existentes entre as partes escolhidas; são descrições individualizadas e funcionais. Após essa atividade, foi realizado um debate entre os grupos sobre os argumentos apresentados, e procurei questionar os alunos sobre essa fragmentação do corpo humano, que muitas vezes desconsidera as subjetividades e afetividades do ser humano, além de questões sociais e culturais que os rodeiam no ambiente em que vivem. Durante a discussão, alguns alunos deram exemplos de como os corpos se diferenciam no modo de se comunicar, de andar, de se vestir, de se alimentar, compreendendo, de certa maneira, que existem diferenças entre os corpos, e que essas diferenças podem existir por diferentes situações.

ISBN 978-85-60036-18-9

De acordo com Nóbrega (2010, p.31), “a racionalidade moderna produziu um saber fragmentado sobre o corpo, muitas camadas superpostas em forma de discursos variados que tentaram silenciar a sabedoria do corpo e sua linguagem sensível”.

Para Fensterseifer (2001) as ciências naturais limitaram o entendimento do homem e de seu corpo. Retiraram dele a possibilidade para compreender as dimensões sociais e subjetivas. Através dessa reflexão filosófica junto de nossos alunos em uma linguagem que seja compreensível para eles foi possível iniciar o estudo do conhecimento sobre o corpo. Era importante oferecer, no início dos estudos, uma compreensão de corpo diferente daquelas oferecidas pelas mídias atuais, fazendo com que os alunos interrogassem e tivessem a curiosidade de saber mais sobre essa “nova” forma de pensar o corpo.

Outra possibilidade de realizar essa atividade seria usando a internet e pedindo que os alunos fizessem a mesma pesquisa em sites de busca ou redes sociais, assim utilizaríamos as novas tecnologias para refletir sobre o corpo, alertando os alunos sobre as possíveis explorações do corpo humano nesse cenário, além de levá-los a pensar criticamente, e não apenas aceitar tudo que está exposto.

Aula ²: Atividade com balões e música.

O objetivo dessa atividade foi proporcionar aos alunos uma experiência em que pudessem pensar sobre as relações existentes entre o sentido da audição e o tato. Uma sala de aula foi o espaço onde ocorreu a atividade e, usamos como material um aparelho de som, balões e músicas de diferentes ritmos. Esperava-se que o tocar existisse tanto entre o indivíduo e o balão como também entre os educandos. Inicialmente cada aluno se movimentava livremente com seu balão, tentando acompanhar o ritmo da música; cada vez que a música mudava, também se modificava o ritmo. Enquanto o tocar estava apenas entre o balão e o aluno, não existiram tantos “conflitos”, mas quando passamos para o segundo momento, onde era necessário formar duplas e depois trios, ficou clara a dificuldade de aceitar o toque do outro.

O exercício de estímulo ao olhar sensível sobre a realidade proporciona que corpos vivenciem momentos diversos com estesia, esta que é compreendida por Nóbrega e Medeiros (2006, p. 66) “como comunicação sensível” e “diz respeito à experiência do corpo no espaço e no tempo, nas relações com a natureza, com o mundo, com o outro e consigo mesmo”, vemos que “educar o movimento de alguém... não se restringe a um único aspecto do homem”.

Essa sensibilização que faz parte da conscientização corpórea do indivíduo é uma das dificuldades que citei acima. Senti a necessidade de pensar junto aos alunos a importância do corpo do outro nessa relação de afetividade e como forma de comunicação entre os seres humanos. Para isso é necessário compreender os cenários sociais em que vivem os alunos, onde o tocar muitas vezes ocorre sem o devido respeito e limites ao corpo do outro.

Para uma reflexão ao final da aula, fizemos uma roda de conversa procurando saber de cada um suas dificuldades e melhores momentos dentro da atividade. Para a maioria dos alunos a dificuldade estava em tocar o outro, principalmente quando se formaram trios, ou no momento que estavam ao lado daqueles que não tinham tanto contato no seu cotidiano. Em consequência disso, no momento em que estavam apenas em contato com o balão disseram se sentir mais à vontade.

Com esses discursos dos alunos procurei alertá-los sobre a importância do tocar desde a fase fetal, passando pela infância, adolescência e fase adulta. Sempre falando do tocar carinhoso, com respeito aos limites que os outros impõem. Na relação com a música, alguns disseram sentir dificuldade de se movimentar quando ela ficava mais rápida; outros disseram que, quando ficava muito lenta, “tinha vontade de dormir” ou “ficava com preguiça”. Esse momento foi importante para pensar que cada pessoa tem seu tempo de se movimentar, e que a música pode causar diferentes sensações entre os seres humanos.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Aula [3]: Apreciação do filme *A cor do paraíso.*

A escolha do filme foi totalmente intencional, no sentido de que ele traz de uma forma bem clara, o que vinha sendo discutido nas duas aulas anteriores. A importância do tocar, as relações entre todos os sentidos do corpo, o respeito ao corpo do outro, o corpo em uma cultura diferente da nossa, a relação familiar e a educação.

Outro ponto importante e que chamou a atenção dos alunos foi o fato de o personagem ser uma criança, criando uma identificação entre os alunos. O filme conta a história de Mohammad, um menino de 8 anos que é aluno de uma escola para cegos em Teerã(capital e principal cidade da República Islâmica do Irã). O filme gira em torno de uma delicada relação entre pai e filho, dos laços de família e da sensibilidade do menino cego.

Para discutir com os alunos, tivemos como foco a sensibilidade da percepção corporal do personagem principal, que, apesar de não ter um dos sentidos, realizava diferentes atividades, fazendo os educandos refletirem sobre o corpo de forma integral, e não apenas dividindo-o, retomando o que tinha sido discutido na primeira aula do conteúdo.

É interessante registrar que, durante o filme, muitos alunos questionaram sobre a capacidade de ler, correr e brincar do personagem; muitos não compreendiam como ele era capaz de fazer tudo isso se não tinha a visão. Outra questão levantada foi sobre a vestimenta dos personagens, principalmente das meninas, que tinham seus rostos cobertos. Foi preciso fazer uma reflexão sobre o país de origem no qual o filme foi elaborado, entendendo assim um pouco da cultura iraniana com relação ao corpo feminino, além de fazer relações com a exposição existente no Brasil.

Nos encontros da escola, pensar as práticas com olhar sensível estimula a percepção do corpo ou pensar sobre ele em diferentes e possíveis ocasiões em que a cultura de movimento ocorra. O ser, por meio do corpo, relaciona-se com o outro e consigo mesmo, através das experiências, transcendendo-as na natureza e se espalhando “nas articulações do corpo estesiológico” (MERLEAU-PONTY, 1964, apud MENDES e NÓBREGA, 2009, p. 4).

É a instigação para reflexão sobre a prática que torna o educando capaz de entender melhor sua linguagem de movimento em meio a sua cultura, dando sentido às práticas pedagógicas e às aprendizagens delas decorrente.

É importante termos a consciência de que o nosso corpo é a nossa casa, como nos mostra Bertherat (2003). Nossos corpos, isto é, nós, precisamos vivenciar mais experiências táteis durante o dia a dia, pois o contato físico é um elemento essencial para o desenvolvimento humano. Além disso, é uma forma de conhecermos uns aos outros, além das interações verbais.

De acordo com Nóbrega (2009, p.84) “A consciência corporal tem sido tematizada na Educação Física brasileira a partir dos estudos da psicomotricidade e das “técnicas alternativas”, buscando contrapor-se ao aspecto dualista presente na Educação física tradicional”.

A partir dessa reflexão, é importante relacionar a realidade afetiva existente entre os alunos e seu âmbito familiar, que muitas vezes são órfãos, não porque seus pais morreram e sim por não receberem o mínimo de respeito e afeto necessário para um bom desenvolvimento humano. Onde palavras de carinho e amor são trocadas por gritos e “palavrões”; o abraço e o beijo são substituídos por tapas e agressões de diferentes formas, ou seja, um corpo marcado por traços violentos. Os cuidados com o corpo vão além das atitudes higiênicas, considerando-se todos os momentos da vida, seja a forma como “vejo” meu corpo e o corpo do outro, seja o respeito que devemos ter com os limites biológicos, pois superar estes para seguir um determinado padrão social ou cultural pode acarretar em consequências negativas.

É interessante destacar, aqui, a importância do diálogo que deve existir entre o professor de educação física e seus alunos, principalmente os de periferia, desde cuidados simples de higiene até assuntos que envolvam educação sexual. Esse último, pouco discutido em algumas famílias, seja por falta de compreensão sobre o assunto, tabus, questões religiosas, seja pela

 ISBN 978-85-60036-18-9

falta de comunicação existente entre pais e filhos, o que nos faz pensar sobre a afetividade no âmbito familiar e social de forma geral.

Segundo Mendes (2009, p.131) “essa dimensão afetiva se insere na estética da vida bela e mantém relação com a saúde, podendo colaborar com a reaproximação do ser humano com a sua animalidade e com os outros seres humanos...”.

É nesse momento que entra o papel da escola e dos professores de Educação Física, que têm a função de estimular os alunos para uma melhor compreensão do corpo, entendendo as mudanças que ocorrem devido ao seu desenvolvimento, fazendo-lhes pensar sobre a importância de compreender e perceber o corpo de uma forma mais sensível.

Aula 4: Trilha dos sentidos

As aulas anteriores contribuíram para a construção dessa atividade, que foi planejada para ser apresentada pelos alunos, que já haviam realizado algumas reflexões anteriormente. Essa atividade fez parte da feira do conhecimento da escola municipal João Paulo II, que tinha o objetivo de mostrar para as pessoas, sejam da própria escola ou não, o trabalho que foi desenvolvido durante o bimestre nas aulas de Educação Física, que trabalhou o conhecimento do corpo através dos sentidos.

Usamos materiais que estimulassem vários sentidos durante a passagem dos visitantes. Dentro de uma sala de aula, construímos cinco corredores, cada um com o nome de um dos sentidos estudados. No primeiro corredor (visão), os alunos explicavam para os visitantes o objetivo da atividade, e em seguida convidava-os a experimentar observar alguns desenhos colocados no quadro com elementos que causavam ilusão de ótica, despertando a curiosidade. Além disso, colocamos o mapa do bairro em que se localiza a escola em um tamanho que era necessário o uso de objetos que possibilitassem a visualização, e para isso disponibilizamos duas lupas simples para que cada visitante tentasse localizar sua residência. Logo após, os visitantes eram convidados a assistir a um vídeo sobre o corpo humano, que tinha como título “o corpo como você nunca viu,” o qual foi passado para os alunos durante as aulas de Educação Física. O vídeo tinha aproximadamente dois minutos e apresentava o corpo no seu aspecto interno, ou seja, para além da visão humana no seu cotidiano.

A partir do segundo corredor (olfato), os visitantes tinham os olhos vendados e eram guiados na sua caminhada na trilha dos sentidos apenas por uma cordinha ou pelas palavras dos alunos que estavam na organização. A partir do momento em que “não tinham mais a visão” era perceptível a falta de segurança ao se locomover. A maioria o fazia em passos bem lentos e com a cabeça baixa. Nesse segundo corredor, vários aromas foram escolhidos para estimular o olfato dos visitantes, como o de café, boldo, capim santo, perfume, tutti frutty, etc. Sempre antes da inalação, perguntava-se se algum dos visitantes tinha algum tipo de alergia, por não terem experiências anteriores com os aromas, ou pela dificuldade dos olhos vendados. já outros tinham imensa sensibilidade e facilidade para a identificação.

No terceiro corredor (tato), vários objetos foram colocados para o contato com a pele dos visitantes, como, por exemplo: folhas de cajueiro, gel de cabelo, bolinha de massagear, conchinhas de praia, massa de modelar, etc. Alguns objetos foram escolhidos aleatoriamente, e outros de forma intencional, sabendo que alguns, ao tocar, iriam lembrar-se de suas experiências vividas com determinados objetos. Além disso, criamos uma maneira de simular o braile, que é um sistema de leitura com o tato para cegos, inventado pelo francês Louis Braille no ano de 1827, em Paris Capovilla, F. C., & Raphael, W. D (2001). É interessante destacar que, além de alunos da própria escola e visitantes, alguns professores se interessaram em experimentar passar na trilha, e nesse momento de tentar identificar as palavras, alguns relataram ter dificuldades por estarem de olhos vendados, apesar de serem palavras simples.

No quarto corredor (paladar), escolhemos vários tipos de frutas para a degustação dos participantes, além de doces. A cada degustação, surgiam as diferenças individuais, pois cada corpo tem suas marcas orgânicas, mas também as culturais, que através de suas experiências ficavam claras pelas expressões do não gostar e do saborear. Compreender o corpo humano

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

como suporte de valores sócio-históricos é fundamental para ampliarmos o entendimento de que corpo, natureza e cultura estão entrelaçados. O corpo humano não se reduz aos aspectos orgânicos, mas abarca também os aspectos culturais, sociais e históricos. Compreender os valores sócio-históricos que são construídos por meio da educação, de acordo com a cultura em que cada corpo humano está inserido, é fundamental para compreendermos os diferentes contextos.

Para o quinto corredor (audição) usamos alguns materiais que diversificassem os sons que seriam ouvidos pelos participantes, por exemplo: violão, sons de cachoeira, animais, trovão, suspense etc. Alguns desses estímulos visuais causaram gritaria, abraços entre os participantes, tudo isso mostrando insegurança ao escutar algo sem poder ver. Durante as aulas de Educação Física, além de falar sobre a audição, dando sugestões de como prevenir possíveis doenças, refletimos sobre aqueles que já nascem sem poder ouvir ou aqueles que perdem essa condição ao longo da vida. Nesses diálogos, sempre surgiam várias dúvidas, como, por exemplo, a comunicação, e um dos alunos estava com a agenda escolar aberta na página do alfabeto da língua dos sinais. Nesse dia espalhei algumas palavras na quadra e dividi a turma em dois grupos. Ao achar as palavras, cada grupo através da linguagem dos sinais, teve que simbolizar as palavras, e o outro grupo tentava adivinhar. Foi dado um tempo para que cada grupo "treinasse" e conhecesse essa forma de comunicação.

Os gestos, considerados bioculturais, expressam a nossa própria vida individual e coletiva porque têm um sentido histórico. As dimensões históricas, por não serem consideradas imutáveis, mostram que a intencionalidade dos gestos expressa a maneira única de existir no ato do momento vivido, uma vez que o corpo humano, por estar atado ao mundo por meio de uma relação dinâmica, atribui sentidos que se renovam conforme a situação. Portanto, em relação à história, "não há uma palavra, um gesto humano, mesmo distraídos ou habituais, que não tenham significação" (MERLEAU-PONTY, 1999, p.16 apud Mendes & Nóbrega, 2009).

Apesar de toda uma rede complexa de sentidos que envolvem o ser humano, este tende a ser muito visual, aquilo que vê e agrada-o torna-se desejável; se o objeto não for agradável aos seus olhos, é deixado de lado.

É interessante lembrar que a escolha de se focar os cinco sentidos de forma especial, não nega a existência de outro mais generalista, ou da própria relação entre os cinco sentidos trabalhados, onde a perda de um faz os outros serem mais estimulados e desenvolvidos. O "novo mundo" experimentado por todos aqueles que passaram por essa atividade fez com que refletissem sobre a complexidade que é o corpo humano, ou pelo menos sentir de uma forma diferente o mundo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação do conteúdo que acabou de ser relatado aconteceu da seguinte forma: foram geradas algumas indagações antes de iniciar a aplicação do conteúdo, em que questionamos os alunos sobre o que pensam e sabem sobre o tema. Através da aula inicial já descrita nesse relato, fizemos a chamada avaliação diagnóstica. Nesta conseguimos identificar algumas respostas para a pergunta acima. A partir daí a avaliação foi feita de maneira processual. Procuramos, através de observações em todas as aulas e situações, identificar e comunicar os alunos sobre suas dificuldades, que estão relacionadas principalmente a uma afetividade corporal, a respeito a seu corpo e do corpo do outro.

Afirmar o olhar sensível é essencial nas aulas de Educação Física escolar, pois devemos ter em vista a possibilidade de despertar fortes sentimentos em seres que, pela estesia e reflexão crítica, aproximam-se nos âmbitos educacionais de suas práticas corporais cotidianas, podendo vivenciá-las com sentimentos profundos. Assim, objetivando uma aprendizagem significativa nos encontros escolares, a estesia com as vivências de fora do muro, dentro dos muros das escolas, despertam mais sentimentos.

Com relação ao relato de experiência descrito, destaco a importância de compreender as subjetividades do corpo, sem esquecer a realidade dos alunos, fazendo das aulas de Educação

 ISBN 978-85-60036-18-9

Física na escola um momento também de reflexões que vão além dos muros da escola ou das vivências realizadas durante a aula. Para que possam compreender os objetivos da Educação Física na escola, os alunos precisam, aos poucos, compreender o corpo de uma forma mais sensível, o que poderá possibilitar as vivências de diferentes práticas corporais de forma mais consciente, sem tantos preconceitos.

Como toda experiência, essa também teve suas limitações e reflexões sobre algumas mudanças de estratégias durante o planejamento. Uma mudança de estratégia interessante seria trabalhar o conhecimento sobre o corpo no início do ano, pois acredito que as reflexões e vivências realizadas podem dar uma "base" de atitudes para as próximas práticas corporais.

Uma sugestão para se trabalhar esse conteúdo seria usar as novas tecnologias, que, independente da classe social, estão disponíveis, principalmente a internet, e são fonte de grande discursão sobre a importância do tocar e do convívio corpóreo. Podemos, assim, levar nossos alunos a compreenderem de forma crítica as transformações que estão acontecendo quando o assunto é conhecimento sobre o corpo.

REFERÊNCIAS

BERTHERAT, T. **O corpo tem suas razões**. 19ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BETTI, Mauro; ZULIANE, Luiz Roberto, DARIDO, Suraya Cristina; RANGEL, Irene Conceição Andrade. **Educação Física na Escola: Implicações para a prática pedagógica**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2008.

FENSTERSEIFER, Paulo Evaldo. **A educação física na crise da modernidade**. Ijuí: Editora Unijui, 2001.

MENDES, M. I. B. S. **Ideologia do ser saudável e cuidado de si.** / Escritos sobre o corpo: diálogos entre arte, ciência, filosofia e educação/ Terezinha Petrúcia da Nóbrega (Org). - Natal-RN: EDUFRN, 2009.

MENDES, M.I.B de S [et al]. **O Corpo humano: entrelaçamento entre o orgânico e o cultural** Revista Digital - Buenos Aires - Año 14 - Nº 134 - Julio de 2009 http://www.efdeportes.com/, acesso em: 20/10/2011.

MENDES, M.I.B de S., e NÓBREGA, T.P. **Cultura de Movimento: reflexões a partir da relação entre corpo, natureza e cultura.** Pensar a Prática 12/2: 1-10, maio/ago. 2009.

NÓBREGA, T.P. **Corporeidade e educação física: do corpo-objeto ao corpo-sujeito** – 3. ed. Ver. – Natal, RN: EDUFRN – 2009. 124p.

NÓBREGA, T.P. **Merleau-Ponty: o corpo como obra de arte e a inexatidão da verdade**. Cronos: Revista do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRN, v. 1, n. 1, (jan./jun. 2000) – Natal (RN): EDUFRN – Editora da UFRN, 2008.

NÓBREGA, T.P. **Uma fenomenologia do corpo.** São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010. (coleção contextos da ciência).

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

CULTURA DO REJUVENESCIMENTO E CORPO IDOSO: O MAL-ESTAR DO ENVELHECIMENTO

Giulyanne Maria Lima da Silva

RESUMO: Apesar do aumento da população idosa, nossa sociedade ignora a naturalidade do processo de envelhecimento e sua ação na imagem corporal ao insistir na busca de corpos "ideais" marcados pela presença da beleza jovial. A ideia de corpo ideal é imposta pela sociedade e propagada principalmente pela mídia. Este estudo possui como objetivo analisar o sofrimento vivido pelos idosos para transformar seus corpos que envelhecem em corpos adequados ao corpo definido pela cultura do rejuvenescimento. O método a ser utilizado é a revisão sistemática de fontes publicadas no período de 2002 a 2012, em bancos de dados virtuais e portais de notícias do Brasil. Por meio dos termos "corpo idoso" e "corpo ideal" foram buscados estudos. Particularmente, para as notícias utilizou-se o termo "antienvelhecimento". Atualmente, este estudo encontra-se na fase de levantamento da literatura e dos dados. Os resultados obtidos até aqui apontam para a presença de cinco artigos científicos por meio do termo "corpo ideal" e 44 notícias por meio do termo "antienvelhecimento". Não foi encontrado nenhum resultado de estudos para o termo "corpo idoso", logo se analisa por meio da literatura possibilidade de inserção de novos descritores ou termos relacionados ao tema. Por fim, este estudo buscará criar subsídios sobre a temática da imagem corporal do idoso, diminuindo assim a lacuna existente na literatura.

Palavras-chave: corpo idoso, corpo ideal, cultura do rejuvenescimento.

INTRODUÇÃO

O corpo enquanto sujeito é concebido pelo ser humano conforme o contexto social em que o indivíduo se encontra. Assim, os estereótipos presentes na sociedade influenciam diretamente na forma como a imagem corporal será criada na mente. Nessa perspectiva, as pessoas buscam possuir um corpo conforme o ideal imposto pela sociedade e não pela sua realidade. No Brasil, o corpo ideal está diretamente relacionado com a ideia de juventude, independente da faixa etária e das ações naturais do processo de envelhecimento humano. Dessa forma, diversas pessoas empenham-se na busca pelo corpo ideal, em muitos casos distantes do corpo real e das inevitáveis mudanças ocorridas ao longo dos anos de vida.

Neste estudo, tomaremos como base o corpo não-ideal para a sociedade, ou seja, o corpo do idoso, que se apresenta profundamente marcado por experiências e vivências acumuladas duarante diversos anos. Simões (1998) aponta que, a partir do momento em que o tempo é imposto a esse corpo, surgem as limitações decorrentes das consequências do processo de envelhecimento. Assim, o próprio idoso e a sociedade passam a conceber o corpo envelhecido por meio de aspectos negativos. A mesma autora acrescenta ainda que

> [...] o corpo revela os meandros e as curvas da história pessoal: os segredos, os traumas e os triunfos de dias passados. Todos eles estão corporificados em ligamentos e músculos e expressos na postura, nos movimentos, tensões, vitalidade (SIMÕES, 1998, p. 62).

Entretanto, apesar da inevitável ação do tempo, a sociedade ignora a naturalidade do processo de envelhecimento e sua ação na imagem corporal ao insistir na busca de corpos "ideais" marcados pela presença da beleza jovial.

> Imagens do corpo são fartamente disseminadas em jornais, revistas, televisão e anúncios, mas são imagens da juventude,

 ISBN 978-85-60036-18-9

> saúde e beleza dos corpos, que se apresentam como ideal a ser alcançado, muito distante da realidade do corpo envelhecido (BLESSMAN, 2004, p.22).

Ainda sobre o papel da mídia na construção da imagem corporal dos indivíduos, Santaella (2008) acrescenta a indústria da beleza como elemento influente no culto ao corpo jovem, por meio da presença constante deste tema no cotidiano. “No cenário público os corpos devem alcançar o ideal almejado, vencendo todos os obstáculos, todas as formas de imperfeição, sobretudo, as marcas da velhice” (SANTAELLA, 2008, p. 128). Observa-se, assim, a criação de uma ideia de que é possível manter o corpo jovem por toda a vida, independente de ações naturais.

Com base nessas perspectivas, apontamos a existência da aversão social ao corpo envelhecido diante de estereótipos e modelos a serem copiados que estimulam os indivíduos a, por meio de diferentes investimentos de mudanças corporais, sentirem-se dentro do padrão estabelecido: ser jovem a vida inteira. Multiplicam-se assim as buscas por tratamentos antienvelhecimento, dietas, cirurgias plásticas e outros meios que prometem o retardamento ou prevenção do processo de envelhecimento. Mazo, Lopes e Benedetti (2009) acrescentam que a existência de conotações negativas atribuídas a essa fase da vida age no imaginário popular, produzindo mitos relacionados à busca da possibilidade da imortalidade e juventude.

Diante do exposto, busca-se examinar o seguinte problema: Qual o mal-estar vivido pelos idosos, na busca de adequar o seu corpo às exigências da cultura do rejuvenescimento? Nesse sentido, este estudo tem o objetivo de analisar o sofrimento vivido pelos idosos para transformar seus corpos que envelhecem em corpos adequados ao corpo definido pela cultura do rejuvenescimento. Segundo Sant’Anna (2007, p.69), o entendimento acerca do corpo na contemporaneidade consiste num “terreno fértil de pesquisa ao contemplar a amplitude desse mercado e ao indagar como cada grupo social consome e concebe as propostas para produzir uma aparência rejuvenescida e bela”. Além disso, este estudo emerge como meio de suprir uma lacuna existente na literatura sobre a temática relacionada à imagem corporal do idoso, a partir da criação de subsídios para novos estudos e orientação para intervenções gerontológicas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Conceito de Corpo

O corpo concebido pelo indivíduo constitui sua imagem corporal e depende de diversos fatores, dentre os quais se destaca o aspecto sociológico. Atualmente, sabe-se que a ideia de corpo ideal predominante no meio social em que o indivíduo está inserido influencia diretamente a forma como este conceberá sua imagem corporal. Segundo Le Breton (2007), o corpo ganha forma humana no contexto sociocultural e representa a presença do ser no mundo.

Ainda numa perspectiva social, Le Breton (2007, p. 32) afirma que “[...] o corpo não existe em estado natural, sempre está compreendido na trama social de sentidos [...]”, mesmo nos momentos de individualidade, por meio de gestos, dores, entre outras, a sociedade se faz presente e influencia o indivíduo. Logo, para se sentir parte da sociedade, as pessoas encontram-se numa constante busca para atingir o modelo de imagem corporal idealizada.

Acrescentando a essa definição, Damasceno et al. (2006) destaca que a imagem corporal é construída com base em fatores socioculturais que diferem no decorrer das fases da vida. Dentre esses fatores, o autor aponta a maturação, aumento da massa e alterações na forma corporal como elementos de influência da percepção corporal em diferentes faixas etárias. De forma geral, o autor aponta que essas características induzem à construção de modelos de corpos femininos de baixo índice de massa corporal e corpos masculinos com altos valores da massa corporal e baixo percentual de gordura corporal.

Diante disso, emerge a reflexão de como possuir um corpo ideal numa fase da vida marcada por tantas mudanças nos aspectos psicológicos, fisiológicos e sociais, conforme se

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

observa no processo de envelhecimento, principalmente, após os 60 anos de idade. Nessa faixa etária, encontram-se mudanças corporais diversas, tanto internas quanto externas, que esbarram no padrão de corpo ideal, traçado pela cultura do rejuvenescimento. Tudo isso leva os indivíduos a conceberem sua imagem corporal de forma negativa, por não alcançarem o padrão de beleza jovem.

Aspectos Corporais do Envelhecimento

A incessante busca pelo corpo jovem, idealizado pela sociedade, em alguns casos, mostra-se insuficiente, pois independente da classe social, raça ou cultura. Todos os indivíduos apresentam possibilidades de chegar à velhice algum dia, de forma intencional ou não. Mediondo e Bulla (2003, p.271) citam que "a maioria das mudanças no envelhecimento ocorre tão gradualmente que são imperceptíveis no dia-a-dia."

O processo de envelhecimento humano consiste em um complexo fenômeno caracterizado como inevitável e resultante na velhice, e também como um período cercado por aspectos positivos e negativos. Vitola e Argimon (2003, p98) ressaltam que "as características mais importantes do envelhecimento humano são, pois, a sua individualidade e diversidade. As mudanças que vão ocorrendo nas dimensões biológica, psicológica e social podem ocorrer em ritmos diferentes".

Cada pessoa vivencia o processo de envelhecimento de forma diferenciada, pois a história de vida e o meio em que o indivíduo se encontra resultarão na forma como esta fase da vida será encarada.

> O corpo revela os meandros e as curvas da história pessoal: os segredos, os traumas e os triunfos de de dias passados. Todos eles estão corporificados em ligamentos e músculos e expressos na postura, nos movimentos, tensões, vitalidade (SIMÕES,1998, p. 62).

Numa revisão de literatura realizada a partir de 30 textos publicados no período entre 1997 e 2008, Fernandes(2009) constatou que, seguindo modelos culturais, determinantes de relações sociais de gênero e geração, as mulheres idosas vivenciam de modo negativo seu corpo envelhecido. Este estudo aponta que o indivíduo que se encontrar na faixa etária idosa observa o corpo de forma negativa. Entretanto, quando relacionado à satisfação corporal das pessoas mais velhas em relação aos indivíduos mais jovens, Dantas et al.(2005) afirmam que estes parecem sofrer menos influência do padrão corporal, possuindo menos desejo de ter um "corpo-sarado". Além da menor insatifação corporal em relação aos mais jovens, o autor aponta que os idosos são menos exigentes quanto à sua aparência.

Apesar da discrepância entre o corpo envelhecido e o corpo ideal para a sociedade, Menezes, Lopes e Azevedo(2009) realizaram um estudo com sete idosos, sendo quatro do sexo feminino e três do sexo masculino. Concluiu-se que os idosos compreendem as mudanças decorrentes dessa fase da vida de forma natural, pois o envelhecimento é uma possibilidade que se apresenta. Esse resultado foi obtido por meio de entrevistas fenomenológicas caracterizadas pela apreensão da experiência de vivência do processo de envelhecimento por meio do próprio idoso.

Assim, observa-se que, apesar da influência social, os idosos, em sua maioria, não estão insatisfeitos com sua imagem corporal, pois diversos fatores estão relacionados com a imagem que o indivíduo concebe do seu corpo. Shilder (1980, p.11) define sobre a imagem corporal que "entende-se por imagem do corpo humano a figuração de nosso corpo formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós." E essa apresentação se dá por meio das dimensões psicológicas, fisiológicas e sociais. Logo, destaca-se neste estudo o papel da sociedade na construção da imagem corporal do idoso e a controvérsia entre a realidade corporal durante o processo de envelhecimento e os padrões corporais "impostos" pela sociedade brasileira na atualidade, o jovem.

 ISBN 978-85-60036-18-9

A Busca do Idoso pelo Corpo Ideal

As pessoas são constantemente estimuladas a acompanhar o padrão apresentado pela sociedade. Contudo, em uma fase da vida como a velhice, marcada por tantas mudanças, alcançar modelos tão distantes de sua realidade constitui uma busca difícil e nem sempre possível ao idoso. Todavia cresce a cada dia a promessa de juventude eterna com produtos da indústria de cosméticos e tratamentos clínicos para homens e mulheres de diferentes classes sociais.

Por muito tempo, observou-se que a necessidade de enquadrar-se nos padrões corporais da sociedade foi relacionada principalmente às mulheres, contudo, na atualidade, novas perspectivas a respeito do tema surgem em estudos. Ferreira, Baumel e Gomes (2008) apontaram a preocupação pela aparência ideal não só pelas mulheres, mas também pelos homens. Esses autores apontam que, além da insatisfação, a distorção (geralmente para o lado negativo) da imagem corporal de homens e mulheres faz com que estes se encontrem cada vez mais obstinados a possuírem o corpo que atenda aos protótipos do ideal imposto pela sociedade.

Vale ressaltar que diferenças de gênero são observadas na forma como as pessoas concebem o seu corpo em diferentes faixas etárias. Num estudo realizado por Halliwell e Dittmar (2003), com 42 sujeitos de ambos os sexos com idades entre 22 e 62 anos, constatou-se que, enquanto os homens comumente conceituam seu corpo de forma holística e com base na funcionalidade, as mulheres o concebem de forma compartimentada e a partir da exposição. Além disso, os dados encontrados neste estudo apontaram que o envelhecimento corporal é visto de maneira mais negativa pelas mulheres, principalmente no aspecto da aparência, do que pelos homens, que veem esse processo de forma neutra e até positivo para sua imagem.

Essa realidade aponta que homens e mulheres de diferentes faixas etárias buscam o corpo ideal e a juventude eterna apresentados pela mídia e impostos pela sociedade. Trata-se de um mal-estar vivenciado pelos idosos que não se encontram dentro dos parâmetros sociais de imagem corporal, percebendo se assim de forma negativa. Assim esses indivíduos recorrem aos diversos meios para manter e resgatar a juventude, submetendo-se a cirurgias, tratamentos, dietas, cosméticos e outros meios que nem sempre atuam de forma positiva para a saúde. Além disso, apesar da grande promessa, os meios, na sua maioria, não se apresentam eficazes no processo, levando a uma maior frustração dos indivíduos que já se encontram insatisfeitos com seus corpos.

PERSPECTIVA METODOLÓGICA

Este estudo consiste numa revisão sistemática definida por Sampaio e Mancini (2006) como uma pesquisa que se utiliza de dados da literatura. Esta investigação é caracterizada pela disponibilização de um resumo que aponta “evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada.” (SAMPAIO e MANCINI, 2006, p. 84).

Nessa perspectiva, inicialmente, realizou-se um levantamento sobre estudos de revisão sistemática relacionados às palavras-chave “corpo ideal” e “idoso” no banco de dados denominado “*Cochrane*”, especializado em revisões sistemáticas.

Uma vez detectada a ausência de revisões sistemáticas na temática referida, iniciou-se a busca por artigos sobre o corpo ideal e o corpo de idosos nos bancos de dados virtuais. Os descritores utilizados foram: “corpo idoso” e “corpo ideal”. As pesquisas foram realizadas pelo portal BVS (Banco Virtual em Saúde), que comporta as bases de dado do *Scielo, Lilacs* e *Pubmed*.

Com base nos resultados apontados a partir dos descritores, os estudos estão sendo selecionados inicialmente pelos seguintes critérios: Disponibilização de texto completo; Publicação no período compreendido entre os anos de 2002 a 2012. Posteriormente estes serão analisados por meio da leitura dos títulos, resumos e metodologia, com o intuito de identificar os estudos, com o objetivo de definir o corpo ideal dos brasileiros, conhecer a percepção dos indivíduos sobre o padrão de corpo ideal e descrever os meios utilizados para atingir o corpo

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ideal. Os critérios de exclusão dos estudos foram possuir população composta por sujeitos hospitalizados, portadores de enfermidades ou pós-enfermidades. Além disso, serão excluídos os artigos com seleção duplicada.

Além disso, diante da expressividade da mídia na construção e propagação dos valores sociais e com o intuito de discutir o tema com uma maior aproximação da realidade, buscou-se informações sobre o tema "antienvelhecimento", também usado como termo de busca nos cinco maiores portais de notícias do Brasil: IG, UOL, G1, TERRA e YAHOO. Nesta etapa serão excluídas propagandas de produtos, serviços e tratamentos clínicos.

Diante dos resultados, os dados serão tratados e analisados por meio do estabelecimento de categorias temáticas e com base na literatura existente.

APRESENTAÇÃO DOS DADOS PRELIMINARES

Este estudo encontra-se em andamento, contudo o levantamento dos dados vem sendo realizado nas bases virtuais e apresenta os resultados apontados nos quadros a seguir.

Inicialmente, constatou-se a ausência de revisões sistemáticas na base de dados especializada nesse tipo de estudo Cochrane. Feito isso, buscou-se, nas bases de dados científicas presentes no BVS, o termo "corpo idoso", porém não foi encontrado nenhum resultado. Num segundo momento, buscou-se pelo termo "corpo ideal" no BVS, e foram apresentados estudos conforme mostra o Quadro 1:

Quadro 1: Resultados da busca no BVS sobre o termo "corpo ideal"

Busca	Com o termo "corpo ideal"	Texto completo	Período de publicação entre 2002 e 2010	Seleção pelo título
Resultados	15	11	10	5

Fonte: Dados do estudo

Nesta etapa do estudo, discute-se ainda a metodologia e possível inserção de um novo descritor relacionado ao tema, com o intuito de alcançar o objetivo proposto diante dos resultados das buscas. Vale ressaltar que dentro da temática estudada a literatura é escassa, acarretando uma maior discussão dos descritores utilizados e estratégias de busca de dados.

Outro momento da busca consistiu no levantamento das notícias em portais de notícias do Brasil por meio do termo "antienvelhecimento". Essa busca encontra-se detalhada no quadro 2 abaixo:

Quadro 2: Resultados da busca em portais de notícias pelo descritor "antienvelhecimento"

Descritor de busca: "antienvelhecimento"		
Portal de notícias	**Resultados da busca**	**Total de notícias em formato de texto**
G1	13 ocorrências, sendo 11 notícias e 2 links	11
UOL	13 ocorrências, sendo 3 vídeos	10
R7	4 ocorrências	4
IG	22 ocorrências	10
TERRA	9 ocorrências	9

Fonte: Dados do estudo

ISBN 978-85-60036-18-9

O quadro 2, acima, aponta o resultado da busca com o descritor “antienvelhecimento”, no intuito de identificar os conteúdos que vêm sendo destacados pela mídia e os meios utilizados pelos idosos e a sociedade em geral para atingir o corpo ideal. Uma consideração sobre essa busca foi a incidência de muitas propagandas e promessas de tratamentos eficazes quando se busca este tema nos portais.

O levantamento de dados encontra-se ainda em andamento para que, a partir daí, este estudo passe à etapa seguinte de análise dos dados e criação de categorias temáticas para discussão.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Possuir o corpo ideal para a sociedade consiste numa meta a ser atingida para diversas pessoas nas diferentes faixas etárias. Contudo, diante do inevitável processo de envelhecimento, em alguns casos, pessoas adotam medidas extremas para alcançar a juventude eterna. Infelizmente o que se propaga na mídia são “receitas perfeitas” e a possibilidade de manter-se sempre jovem, ignorando as marcas da idade e a realidade que surge após os 60 anos de idade. Mesmo que de forma diferenciada, todas as pessoas serão submetidas às marcas do tempo e precisarão conviver com essa realidade. O que acontece é que muitas não aceitam o processo natural do envelhecimento e são influenciadas pela cultura do rejuvenescimento, buscando retardar e frear as consequências do avanço da idade.

Neste estudo, buscou-se, numa perspectiva sociológica, entender o fenômeno do mal-estar do envelhecimento nos idosos da sociedade brasileira atual por meio de estudos científicos e notícias. Neste momento, o estudo encontra-se na fase de levantamento dos dados e da literatura recente acerca da temática. Infelizmente a temática do corpo idoso encontra-se escassa na literatura brasileira, necessitando assim de diversos meios de busca, com a finalidade de encontrar trabalhos sobre o tema. Contudo este estudo buscou analisar o material existente e criar novas perspectivas de estudos acerca da temática, diminuindo, assim, a lacuna existente.

REFERÊNCIAS

BLESSMAN, Eliane Jost. Corporeidade e envelhecimento: O significado do corpo na velhice. **Estudos Interdisciplinares do Envelhecimento**. Porto Alegre, v. 6, p. 21-39, 2004. Disponível em: http://seer.ufrgs.br/RevEnvelhecer/

article/view/4737/2661 Acesso em: 15 de Março de 2012.

DAMASCENO, Vinicius Oliveira. et al. Imagem corporal e corpo ideal. **Revista**

brasileira de Ciência e Movimento. Brasília, v.14, n.2, p.87-96. 2006. Disponível em: <http://portalrevistas.ucb.br/index.php/RBCM/article/view/691/69

6> Acesso em: 17 Out. 2011.

DANTAS, Estélio. et al. Imagem Corporal, insatisfação e tipo físico ideal. In:DANTAS, E. H. M. (org) **Pensando o corpo e o movimento**. Rio de Janeiro:

Shape, 2005. p. 17-31.

FERNANDES, Maria das Graças. Problematizando o corpo e a sexualidade de

mulheres idosas: o olhar de gênero e geração. **Revista de Enfermagem-UERJ,** Rio de Janeiro, v.17, n.3, p. 418-422, jul/set, 2009.

Disponível em: http://www.facenf.uerj.br/v17n3/v17n3a21.pdf Acesso em: 22 de Março de 2011 FERREIRA, Maria E. Caputo; BAUMEL, Rosely C. Rocha; GOMES, Gisele. **A busca frenética pelo corpo “ideal”**. In: ROMERO, Elaine; PEREIRA, Erick Giuseppe B.(org) **O universo do corpo masculinidades e feminilidades.** Rio de Janeiro: Shape, 2008, p.305-330.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

HALLIWELL, E.; DITTMAR, H. A qualitative investigation of women's and men's

body image concerns and their attitudes toward aging. **Sex Roles,** New York, v.49, n.11 e 12, p.675 - 684, 2003. Disponível em: http://www.springerlink.com/content/m23116p81q738433/ Acesso em: 15 deMarço de 2012.

LE BRETON, David. **A sociologia do Corpo**. 2 ed. Tradução de Sônia M. S. Fuhrmann - Petrópolis, RJ: Vozes, 2007 101 p.

MAZO, G. Z.; LOPES, M. A.; BENEDETTI, T. B. **Atividade Física e o Idoso: Concepção Gerontológica**. 3ª Edição. Porto Alegre: Sulina, 2009.

MEDIONDO, Marisa Silvana; BULLA, Leonia Capaverde. **Idoso, Vida Cotidiana e Participação Social.** In: TERRA, N.L.; DORNELLES, B.(org.) Envelhecimento bem sucedido. 2ºEdição. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003. p**.** 271-281.

MENEZES, Tânia Maria de Oliva; LOPES, Regina Lúcia Mendonça; AZEVEDO

Rosana Freitas. A pessoa idosa e o corpo: uma transformação inevitável. **Revista Eletrônica de Enfermagem**. Goiás, v. 11, n. 3, p.598-604, jul/set. 2009. Disponível em: http://www.fen.ufg.br/revista/v11/n3/v11n3a17.htm Acesso em: 10 out. 2011.

SAMPAIO, Rosana Ferreira; MANCINI, Marisa Cotta. Estudos de revisão sistemática: um guia para síntese criteriosa da evidência científica. **Revista Brasileira de Fisioterapia.** São Carlos, v.11, n.1, p. 83-89, jan/fev. 2007. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S14133

5552007000100013&lang=pt> Acesso em: 05 abr 2011.

SANTAELLA, Lucia. **Corpo e Comunicação: Sintoma da cultura**. 3ª Ed. São

Paulo: Paulus, 2008. 161p.

SANT'ANNA, Denise Bernuzzi. Capítulo 4 – Uma história do corpo. In: In: SOARES, Carmem (org)**. Pesquisas sobre o corpo –ciências humanas e educação.** Campinas-SP: Autores associados, 2008, p.67-80.

SHILDER, Paul. **A imagem do corpo.** Tradução de Rosanne Wetman. São Paulo: Martins Fontes, 1980.

SIMÕES, Regina. **Corporeidade e Terceira Idade: a marginalização do corpo idoso**. 3ªed. Piracicaba: UNIMEP, 1998. 132p.

VITOLA, Janice; ARGIMON, Irani de Lima. Aspectos Psicológicos do Envelhecimento. In: TERRA, N.L.; DORNELLES, B.(org.) **Envelhecimento bem sucedido**. 2º Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003, p.97-101.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

CANTANDO E CONTANDO ESTÓRIAS INFANTIS: A REPRESENTAÇÃO DAS ESTÓRIAS E MÚSICAS INFANTIS COMO RECURSO TERAPÊUTICO

Ana Tereza de Sá Leitão Peixoto Coelho
Instituto de Psicologia Somática - IPS

RESUMO: Pesquisa de caráter qualitativo, base etnográfica e enfoque crítico-participativo, com o intuito de analisar a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico em crianças que vivenciaram rompimento do vínculo afetivo, bem como tal trabalho pode desorganizar atitudes e reformá-las numa nova organização mental e muscular. Com esse intuito a pesquisa foi realizada na Casa de Passagem I, na cidade do Natal/RN, e conduzida por um referencial teórico de autores, como Bowlby, Bettelheim, Kignel, Keleman, Khalfa, Cunha, entre outros. Os recursos utilizados foram o teste projetivo da Fábula de Düss, músicas e histórias infantis. Como conclusão, pode-se afirmar que a utilização desses recursos é de suma importância para uma elaboração positiva de possíveis conflitos psíquicos dessas crianças, o que pode ser bem observado no corpo destas.

Palavras-chave: Histórias infantis. Criança Institucionalizada. Vínculo

INTRODUÇÃO

Um dos mais importantes determinantes do desenvolvimento psico-afetivo do indivíduo está relacionado com o vínculo mãe-bebê. Sacharny (1988) enfatiza que o bebê, desde o momento em que nasce, é favorecido pela forma como a mãe o estimula, carrega, segura e escuta na expressão de suas necessidades, e é através da linguagem corporal que essa comunicação se estabelece. Esse contato proporciona a estimulação orgânica, a comunicação afetiva e prepara ao acesso à linguagem.

Em concordância, Freire e Melo (2006, p. 18) afirmam que, no vínculo mãe-bebê, para que o elo formado seja saudável, o ideal seria a existência da sensação de acolhimento e aceitação desde o início da vida intrauterina. O que, por outras palavras, Bowlby (1995), complementa ao afirmar que é necessária a vivência, por parte do bebê, de uma relação calorosa, íntima e contínua com a mãe (figura materna).

Podemos, então, considerar o vínculo como o primeiro e mais forte laço que criamos, do qual resultam as diversas formas de nos relacionarmos e percebermos o outro. Bowlby (1995) escreve

> Dentre os mais significativos avanços da psiquiatria, neste último quarto de século, acha-se a crescente comprovação de que a qualidade dos cuidados parentais que uma criança recebe em seus primeiros anos de vida é de importância vital para a sua saúde mental futura (BOWLBY, 1995, p. 13).

Considerando efeitos negativos que o rompimento do laço afetivo pode causar à estrutura psíquica da criança, Bowlby (1995) cita vários estudos e pesquisas concernentes ao assunto. Um foi realizado com 102 infratores reincidentes entre 15 e 18 anos, em uma escola oficial inglesa, e demonstrou claramente como as angústias provocadas por relações insatisfatórias na primeira infância predispõem as crianças a reagirem, mais tarde, de forma antissocial diante das tensões. Pode-se observar que a maior parte das situações de angústia precoce entre esses meninos eram aspectos específicos de privação da mãe. Estudos dessa natureza, denominados de diretos e caracterizados pela observação direta da saúde mental e do desenvolvimento de crianças de instituições, hospitais e lares substitutos demonstram que, quando uma criança é privada dos cuidados maternos, o seu desenvolvimento é quase sempre retardado – física, intelectual e socialmente – e que podem aparecer sintomas de doença física e mental.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Portanto, pode-se afirmar que existem inúmeras provas de que a privação pode ter efeitos negativos sobre o desenvolvimento das crianças, tanto durante o período de separação quanto no período imediatamente após a recuperação dos cuidados maternos (se esta ocorrer) e permanentemente, pelo menos numa pequena proporção dos casos.

A privação materna na primeira infância pode, então, ser considerada tão perigosa quanto a situação em que uma criança bebe leite infectado ou fica exposta ao vírus da paralisia infantil. O fato de algumas crianças parecerem escapar é sem importância, considerando que, em ambos os casos, a proporção de crianças que ficam gravemente doentes é suficiente para que ninguém sequer sonhe em expor intencionalmente uma criança a esses riscos (BOWLBY, 1995).

Nesse sentido, as histórias e músicas infantis são consideradas recursos terapêuticos válidos, na busca de amenizar os efeitos da privação materna. A escolha por histórias infantis se deu pela percepção de que o momento de contar histórias é, acima de tudo, uma fonte de prazer e contribui de forma ímpar para o desenvolvimento social, cognitivo e emocional da criança, pois é através delas que ela vivencia uma aprendizagem significativa, trabalhando-se o lúdico e o imaginário infantil. De acordo com Bettelheim (2006), o conto de fadas é psicologicamente mais convincente do que a narrativa realista, porque coloca a criança frente a uma situação-problema, cuja solução ela encontrará a partir da sua capacidade de imaginar. Dessa forma, o conto de fada terá um efeito terapêutico, na medida em que quem lê/escuta encontra uma solução para sua situação-problema, ou seja, seus medos e angústias.

As crianças, então, fazem uso dos contos de fada para “elaborar seus dramas íntimos, para dar colorido e imagens ao que estão vivendo” (CORSO e CORSO, 2006, p. 28), acostumando a utilizar-se de fragmentos dessas histórias para questionar sobre algum assunto que as inquiete.

De acordo com Bettelheim (2006), as histórias contadas para os pequenos tanto pelos pais como por um cuidador possibilita que eles possam parar e refletir sobre a problemática encontrada durante a narrativa. E encontrem doses de ficção e fantasia para resolver os problemas enfrentados pelos personagens e, consequentemente, façam o mesmo com sua própria história, ressignificando os seus problemas mais íntimos.

> Desde o nascimento, para que possamos sobreviver psiquicamente, criamos fantasias tão necessárias para dominar nossas angústias e realizar nossos desejos. Torna-se possível a nomeação, a projeção e a externalização de nossos medos. De outra forma, “seríamos assolados por nossas angústias” (RADINO, 2003, p. 116).

Outro fator importante citado por Radino (2003) é a garantia de que os contos transmitem que as crianças conseguirão solucionar seus enigmas de forma satisfatória.

> Apresentados de forma simbólica, os contos possibilitam uma assimilação dos conflitos psiquicos de acordo com o estágio de desenvolvimento intelectual e psicologico em que se encontra a criança. Esse é o seu final feliz. (RADINO, 2003, p.134).

No que concerne às músicas, sabe-se que um som, uma canção podem produzir, tanto respostas motoras, como emotivas, como orgânicas, como de comportamento que comunicam, ou seja, propiciam diversos benefícios ao ser humano, tanto fisiológicos quanto psicológicos.

> Nesse contexto, são visíveis os benefícios terapêuticos da música tanto para a criança quanto para o adulto. Através dela pode-se alcançar diferentes finalidades, como a de "aguçadora" de funções (função motora, principalmente)[24]. [...] Para alguns autores[20,30], a intervenção musical proporciona um cuidado mais

 ISBN 978-85-60036-18-9

humanizado ao paciente, além de ser um recurso facilitador da comunicação[19,24,30] (FERREIRA, REMEDI e LIMA, 2006).

Os efeitos benéficos das músicas se estendem ao nível pessoal ao possibilitar ao indivíduo o desenvolvimento de novas estratégias de enfrentamento. Nesse sentido, Ferreira, Remedi e Lima (2006) citam dois estudos que comprovam essa constatação. O primeiro infere

[...] evidências de que a música facilitou a comunicação com crianças que sofreram abuso, negligência e privação, permitindo que elas se expressassem, quer seja escolhendo uma música para ouvir e/ou tocar/cantar, quer seja fazendo uma composição musical. Segundo os autores, essas crianças conseguiram desenvolver estratégias de enfrentamento para seu problema, utilizando a música para manifestação dos sentimentos (FERREIRA, REMEDI e LIMA, 2006).

Assim, observaram-se, através da Fábula de Duss, alguns pontos semelhantes das respostas dadas pelas crianças que participaram da pesquisa, indicando a existência de sentimentos de medo, culpa, agressividade e/ou tendências autopunitivas em seu comportamento ou em sua relação com o outro. Em relação à mãe, revelam sentimentos de desejo de proximidade e angústia em virtude de sua ausência. Em contrapartida, a relação com a mãe parece ser marcada, também, pelo desejo de morte de sua progenitora. Nota-se, portanto, uma criança sem expectativas, que talvez não saiba o que pode ou deve acontecer em sua vida.

Visto que são recorrentes as situações relativas ao abandono, estórias com essa temática, como “Rapunzel” e “João e Maria”, ou que envolvam a bruxa como representante da mãe má em contrapartida à mãe suficientemente boa, parecem ser indicadas para os conflitos evidenciados na fábula.

METODOLOGIA

A proposta desta pesquisa qualitativa etnográfica foi a de desenvolver um trabalho na Casa de Passagem I na cidade do Natal/RN, instituição que tem vínculo com a Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social – SEMTAS. Trata-se um abrigo para criança, de caráter provisório e excepcional, utilizável como forma de transição para posterior retorno à família de origem. Nesse caso, observa-se uma demanda de pais usuários de drogas ou com transtornos que se encontram impossibilitados de cuidar de seus filhos, os quais deverão ser acolhidos pela Casa de Passagem através de ordem judicial. Dessa forma, realizamos essa pesquisa com crianças de 5 a 7 anos.

As crianças foram escolhidas devido à demanda da Casa, a partir da qual focamos o trabalho em 3 crianças, com o intuito de analisar a representação das estórias e músicas infantis como recurso terapêutico em crianças que vivenciam rompimento do primeiro vínculo afetivo, totalizando 10h. Para a sua realização, utilizaram-se livros de contos de fadas e estórias infantis, CDs de músicas infantis, fantoches e DVD de estórias infantis. Esses materiais foram fundamentais para compor o desenvolvimento e narração das estórias para as crianças, por serem um estímulo lúdico de extrema importância, visto que se pretendia aguçar a criatividade e imaginação das crianças.

Ainda foi feita uma entrevista anamnésica com a psicóloga e a assistente social da instituição, a fim de investigar a história familiar dos sujeitos. Posteriormente, foi aplicado o teste projetivo da Fábula de Düss, objetivando a identificação dos principais conflitos psíquicos apresentados pelas crianças. É importante frisar que o teste das fábulas apenas nos norteou na escolha das músicas e estórias infantis, pois tal instrumento não deve ser aplicado sozinho, mas de forma complementar a outros testes.

A técnica de observação participante foi feita sob o prisma da psicoterapia corporal, na medida em que corroboramos com Keleman (1996) na premissa de que a forma e o movimento da expressão corporal do indivíduo revelam a natureza de sua existência. Então é imprescindível que estejamos atentos para a linguagem do corpo terapeuticamente, visto que o *insight*

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

psicológico é necessário, mas, por si só, não cria mudança. Quando não compreendemos nossa história como organização somática, continuamos a repeti-la.

Nesse sentido, filmamos todos os encontros, a fim de fazer uma microanálise dos gestos e expressão corporais daquelas crianças, ao ouvir as músicas e/ou histórias. Realizar uma análise bastante minuciosa dos gestos, expressões faciais, inquietudes, comportamentos das crianças e como elas pediam a repetição da estória só foi possível através das filmagens realizadas em cada encontro. Assim, pudemos observar como elas respondiam a cada nova estória que lhes era narrada ou encenada.

RESULTADOS

A partir dos comportamentos apresentados pelas crianças, concluímos que as histórias passaram a ser sentidas como mais expressivas, pois essas crianças estavam mais atentas a elas e interagiam mais. Portanto esse recurso demonstrou ter eficácia maior na sua análise como recurso terapêutico, uma vez que se pode observar nitidamente, através das filmagens, as reações dos sujeitos durante a sua execução.

A essa diferenciação podemos relacionar a inibição das crianças, presente no momento em que tinham de encenar a história e, com mais evidência, na hora de se movimentar com a música.

Outro fator é a falta de intimidade e contato com o corpo, que se inicia na relação com a mãe. Como a relação vincular dessas crianças não foi satisfatória, acreditamos que isso influenciou a relação de pouco contato delas com seus próprios corpos. Esse fato é corroborado pela ideia de Keleman (1996) de que nosso corpo traz, em todos os tecidos, órgãos e fibras de nossa carne, o registro de nossos sentimentos, pensamentos e percepções, eclodindo em um somatório de características corporais que, por si sós, definem e revelam as situações de vida pelas quais passamos.

Sendo assim, é imprescindível dar especial atenção a esta realidade (privação materna, abandono, negligência, dentre outros), visto que representa efeitos negativos no desenvolvimento humano, corroborados por vários autores. Bowlby (1995) simplifica bem essa concepção.

> Dentre os mais significativos avanços da psiquiatria, neste último quarto de século, acha-se a crescente comprovação de que a qualidade dos cuidados parentais que uma criança recebe em seus primeiros anos de vida é de importância vital para a sua saúde mental futura (BOWLBY, 1995, p. 13).

Sabemos, ainda, que o conto de fadas permite à criança traçar novos caminhos, novas articulações e novos significados de acordo com a sua necessidade. Isso ocorre a partir do momento em que há o encontro do enredo, ou seja, a identificação da história ou parte dela com o conflito vivenciado pela criança naquele momento, de forma que o medo e o desejo da criança possam encontrar um alívio para suas angústias, a partir da própria resolução percebida na história. Daí a importância de se usar terapeuticamente o conto de fadas enquanto recurso para se trabalhar os possíveis conflitos psíquicos da criança, pois, segundo Bettelheim (2006), o conto de fadas é o espelho onde podemos nos reconhecer com problemas e propostas de soluções que só podem ser elaboradas na imaginação.

Da mesma maneira, o final feliz presente em todas as histórias nada mais é que uma garantia para a criança de que o conflito pode ser resolvido. Outro recurso utilizado pela criança é a capacidade que ela tem de imaginação. Através desse recurso e do faz-de-conta, ela consegue recriar a história da maneira como lhe convém, a fim de buscar em meio à trama a resolução de seus conflitos.

Pudemos perceber que algumas crianças, antes tensas durante toda a trama, puderam então demonstrar o alívio que sentem com o final feliz, através de suas expressões faciais e

 ISBN 978-85-60036-18-9

corporais. Foi perceptível também a identificação com os personagens e a tensão quando o herói estava em perigo ou a bruxa/madrasta aparecia.

A utilização de vários recursos para contar histórias nos permitiu avaliar a reação das crianças diante de vários estímulos. Apesar de Bettelheim (2006) afirmar que não se devem mostrar ilustrações, nem estímulos similares, a utilização desses recursos mostrou-se bastante positiva, principalmente no que concerne ao emprego do DVD. Foi nessa ocasião que observamos impactos profundos, como, por exemplo, o aplauso de Paula e a tensão de Marcelo.

É importante frisar que estamos tratando da observação do registro corporal, tanto do possível trauma pela quebra do vínculo, como do efeito dos estímulos dos contos e músicas através desse registro.

Assim, a forma como cada criança se expressava era peculiar a ela, visto a forma do corpo, o sentimento corporal e o modo como nos comportamos, em nível psicológico ou físico, serem particulares e singulares a cada ser humano. São as experiências de cada um que definirão a maneira como se reagirá diante do processo de interação com o outro.

Por conseguinte, corroboramos com Keleman (1996) na premissa de que a forma e o movimento da expressão corporal do indivíduo revelam a natureza de sua existência.

Assim, o caráter de uma pessoa revela a qualidade de suas experiências na vida. A qualidade da excitação dos pais com a criança, assim como as primeiras experiências e ainda os vários tipos e níveis de encontro de uma criança com o mundo, e até o modo como ela experiencia a si mesma permearão as respostas corporais e a moldagem dos sentimentos expressos em seu corpo. Todos esses fatores formarão o seu caráter e despertarão sua consciência acerca de si mesma, conferindo a ela sua identidade.

Portanto, quando uma história tocava, de alguma forma, uma criança, podia-se observar claramente que sua expressão corporal se modificava em resposta ao estímulo inconsciente provocado pelo conto. A história de abandono, negligência e/ou violência está, também, visivelmente inscrita em nível corporal.

Nesse sentido, Keleman (1996) acentua, com toda propriedade, a importância de se estar atento ao corpo, porque, quando não compreendemos nossa história como organização somática, continuamos a repeti-la.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

REFLEXÕES INICIAIS SOBRE O LUGAR DO CORPO NO PROGRAMA SEGUNDO TEMPO

Judson Cavalcante Bezerra
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

RESUMO: Este ensaio é fruto de um exercício de reflexão provocado pelos docentes do Programa de Pós-Graduação em Educação no final do curso da disciplina Ateliê de Pesquisa em Corpo e Cultura de Movimento. Da provocação, despertamos para um horizonte de pesquisa ao reler o texto *Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo* de Terezinha Nóbrega (2005). A partir desse *insight*, questionamos: Qual o lugar do corpo no Programa Segundo Tempo? Com efeito, objetivamos neste projeto de pesquisa identificar as compreensões de corpo contidas nas diretrizes legais e nos livros que regulam e orientam o Programa Segundo Tempo. Para tanto, dividimos esta pesquisa em três etapas: 1) revisão de literatura; 2) análise e discussão dos dados; redação e divulgação do relatório de pesquisa. Este ensaio se caracteriza como sendo um estudo do tipo documental e bibliográfico, fundamentado na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977). De acordo com os resultados encontrados pela revisão bibliográfica, não encontramos estudos que refletissem sobre o corpo no PST, o que nos motiva ainda mais a continuar na intenção desta pesquisa.

Palavras-chave: Programa Segundo Tempo, Corpo, Educação**.**

INTRODUÇÃO

Durante o curso da disciplina Ateliê de Pesquisa em Corpo e Cultura de Movimento do Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, ofertada na primeira metade do ano corrente, tivemos a oportunidade de realmente produzir conhecimento no sentido mais comum do termo ateliê a partir de debates, discussões, exposições e vivências relativas às respectivas temáticas dos objetos dessa disciplina, quais sejam, Corpo e Cultura de Movimento.

Cada aula mais parecia um "café filosófico", onde éramos constantemente convidados a refletir sobre conceitos e práticas atinentes ao corpo e à cultura, bem como seus modos de compreensão e produção nos distintos espaços e tempos. Para embalar nossas reflexões, sempre se faziam presentes textos de autores respeitados nacional e internacionalmente pela discussão sobre os referidos objetos, como Marcel Mauss, Le Breton, Terezinha Nóbrega e Isabel Mendes.

Ao final da disciplina, fomos, mais uma vez, convidados pelos docentes ministrantes desta, porém não mais para refletir sobre algum texto em específico, mas para produzirmos um artigo estabelecendo alguma interface dos nossos projetos de dissertação de mestrado ou de teses de doutorado com os autores e textos apresentados na disciplina.

Entretanto esta questão se apresentou bastante desafiante e ao mesmo tempo instigante para mim, porque não conseguira perceber de imediato alguma relação do meu projeto de dissertação. Este se dedica a estudar os desafios e possibilidades da transposição teórica dos pressupostos do Programa Segundo Tempo (PST) para a prática pedagógica de seus recursos humanos nos núcleos deste programa, com o que havíamos discutido nas aulas. Esse fato era-me momentaneamente frustrante, porque tinha procurado justamente naquela disciplina uma oportunidade de ampliar minhas possibilidades de diálogo com outros referenciais quando do trato com meu objeto de estudo, e exatamente quando solicitado, não conseguira estabelecer tal diálogo. Até o instante em que despertei para um horizonte de reflexão ao reler o texto *Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo* de Terezinha Nóbrega (2005). Desse *insight*, surgiu-me a seguinte questão de estudo: qual o lugar do corpo no Programa Segundo Tempo?

 ISBN 978-85-60036-18-9

Apesar dos esforços e das importantes mudanças já verificadas, o sistema formal de educação em geral, e aqui destacamos a Educação Física enquanto constituinte também deste quadro enquanto componente curricular responsável por organizar e sistematizar o conhecimento da Cultura de Movimento, ainda não superou as concepções dualistas e instrumentalistas de corpo, estendendo seu projeto educacional também ao sistema não formal de ensino. Neste, os programas e projetos sociais ocupam lugar representativo.

Deste modo, partimos da seguinte suposição: se o corpo ainda é concebido de forma dicotômica e instrumentalizada pelo atual sistema formal de ensino nas escolas, aqui entendido como a educação sistematizada pelas escolas regulares, ele assim também o é no sistema não formal de ensino, aqui concebido como a educação sistematizada pelos outros espaços educacionais não escolares, mas também instituídos socialmente. Nestes, os programas e projetos sociais de cunho esportivo como o PST se encaixam.

Obviamente, percebemos importantes mudanças no trato pedagógico com o corpo atualmente nas escolas, na medida em que foram substituídas as arcaicas e covardes punições corporais aos comportamentos desviantes por formas mais sutis de punição sobre o corpo dos alunos. Mas não devemos nos conformar com práticas negligentes e punitivas sobre o corpo, como as de “encher o quadro de tarefa” para manter a ordem e o silêncio na sala de aula ou corrigir nos alunos a reprodução dos movimentos técnicos das modalidades esportivas, a fim da padronização de movimentos estereotipados.

Logo, acreditamos que as atividades ofertadas nesses projetos sociais não formais de sistematização do conhecimento carregam as compreensões de homem e de sociedade disseminadas pelo sistema formal de ensino, na medida em que estes não podem ser concebidos de forma estanque em duas configurações sociais incomunicáveis de uma mesma sociedade.

Desse modo, objetivamos neste projeto de pesquisa identificar as compreensões de corpo contidas nas diretrizes legais e nos livros que regulam e orientam o PST. Para tanto, delineamos um estudo documental e bibliográfico, fundamentado na técnica de análise de conteúdo proposta por Bardin (1977) para análise e discussão dos dados.

Antes de tudo, precisamos esclarecer a qual corpo estamos nos referindo, qual o seu diálogo com a educação e com os projetos sociais educacionais em geral, para enfim desembocarmos em seu lugar no Programa Segundo Tempo, pelo menos como assim o colocaram.

Desse modo, encontramos, nas palavras de Isabel Mendes (2007, p. 127), a demarcação que melhor esclarece, a meu ver, a concepção de corpo que aqui defendo: “o corpo humano é animal, natureza e cultura, sujeito e objeto, visível e invisível, impreciso, polissêmico e inacabado, possuidor de zonas de silêncio”. As palavras da autora sintetizam bem a polissemia do conceito e os modos de compreensão pelo qual devemos nos guiar ao tratarmos do corpo.

Assim, não concebemos o corpo de forma fragmentada em órgãos e partes que podem ser explicadas isoladamente sem qualquer referência ao seu conjunto social, histórico, cultural e biológico que concorrem e compõem ao mesmo tempo e a sua maneira particular para a compreensão da unidade corpo. Não pode qualquer uma dessas dimensões assumir o posto de determinante na construção desse corpo, como assim o fez por muito tempo a biologia, por acreditar que o homem poderia ser explicado por via de processos estritamente fisiológicos.

Contrapomo-nos ao racionalismo instrumental e mecanicista proveniente dos estudos biológicos que entendem o corpo como uma máquina, um objeto capaz de ser manipulado, enquadrado e regulado, ignorando sua historicidade e sua diversidade cultural. Denunciamos, assim, a concepção dualista de corpo que fragmenta o homem em corpo e mente ou corpo e espírito, colocando a mente ou o espírito em uma posição hierárquica acima do corpo ou simplesmente dissociada deste, assumindo-o como um apêndice, um artifício (LE BRETON, 2003). Da mesma forma, atentamos para que nossas críticas aos dualismos e fragmentações não caiam na armadilha dos determinismos e da “biofobia”.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Nesse mesmo sentido, atendendo a nossos interesses de diálogo entre corpo e educação, Terezinha Nóbrega (2005), em seu artigo, aponta para o lugar do corpo na educação sob a ótica de um referencial que possa superar justamente os dualismos e instrumentalismos do corpo, qual seja, a fenomenologia do corpo e sua relação com o conhecimento. Como uma possibilidade de superação desse quadro histórico, Isabel Mendes (2002) e Terezinha Nóbrega (2005) revelam a necessidade de dialogarmos com as contribuições filosóficas de Merleau-Ponty sobre os estudos do corpo.

A supracitada autora argumenta seu ponto de vista, fazendo um resgate histórico das formas de compreensão do corpo na educação, desde a época do Renascimento na França, até o século XIX. Segundo ela, o projeto renascentista de educação assumiu o corpo como um objeto capaz de ser moldado, enquadrado aos proclames daquele contexto espaço temporal, desconsiderando as variantes históricas e culturais. Surgem, naquela época, os tratados de civilidade, manuais de orientação para o enquadramento dos corpos, os quais "descreviam, em versos fáceis de serem fixados na memória e no corpo, a forma de bem se conduzir em sociedade" (ARIÈS, 1978 apud NÓBREGA, 2005, p. 601). Eles continham as regras "da apresentação do corpo, do vestir, do andar, do olhar, dos gestos, das refeições e do portar-se à mesa, dos encontros, de como se dirigir aos mais velhos, do dormir e do jogo" (NÓBREGA, 2005, p. 601). Qualquer sujeito que se comportasse fora dos padrões aceitos socialmente pela civilidade que se instaurava era tido como bárbaro, desviante, ignorante e, por conseguinte, marginalizado pela sociedade.

Com o desenvolvimento do Iluminismo e da ascensão burguesa instaurou-se um novo movimento filosófico e pedagógico na França. Embora o sensível estivesse posto na filosofia moderna e no ideário pedagógico do Iluminismo, ele assumiu uma posição inferior ou acessória com relação ao conhecimento (NÓBREGA, 2005). Nesse cenário, a educação do corpo objetivava civilizar as paixões, os desejos e as necessidades do corpo, e não mais as formas de se comportar em público. No entanto o que se critica atualmente é a forma como esse objetivo se materializou, atribuindo ao corpo uma condição positivista não menos instrumentalista que uma condição objeto. Portanto o corpo era concebido como uma máquina que poderia ser regulada, mensurada e controlada por uma ordem de estímulos e respostas que se encaixavam no enquadramento civilizatório instaurado.

No auge da modernidade, entre os séculos XVIII e XIX, a escola ressignificou-se, rebaixou o ensino da civilidade em resposta ao novo projeto higienista de educação do corpo. Nesse novo cenário que se estabeleceu, "o corpo e o movimento, apesar de valorizados nos processos educativos, ainda são considerados acessórios na formação do ser humano" (NÓBREGA, 2005, p. 603), privilegiando-se o intelecto.

Remontando a meados do século XIX, Taborda de Oliveira (2006) caracteriza aquele processo de ressignificação da escola, elencando alguns dispositivos que foram mobilizados para afirmar o modelo escolar que se instaurava no contexto brasileiro, sendo muitos desses dispositivos "desenvolvidos no sentido de redefinir o papel conferido ao corpo ou à corporalidade dos alunos no novo modelo escolar que se instaurava" (Idem, p. 5).

De acordo com Taborda de Oliveira (2006, p. 4):

> Ancorado nos discursos que enalteciam as benesses da modernidade, discursos caros ao século XIX no Brasil (REIS FILHO, 1995), aquele processo baseou-se largamente na apologia da ciência, do progresso, da racionalidade e da civilização. Tinha como escopo produzir e sedimentar uma instituição capaz de levar a cabo um projeto – ou muitos projetos – de consolidação de uma nova ordem baseada na afirmação do Estado nacional, compósito difuso de diferentes processos como a industrialização, a redefinição das relações políticas internacionais, o acirramento da luta de classes e o florescimento de novas formas de comportamento individual e de grupo impulsionadas pela urbanização, todas marcas distintivas da modernidade ocidental.

ISBN 978-85-60036-18-9

Nesse cenário, o novo projeto educacional emergente previu a ginástica e o esporte como importantes elementos de pedagogização do corpo nas escolas regulares. Entretanto Nóbrega (2005), citando Soares (1998), posiciona-se contrariamente ao racionalismo técnico-científico empregado pela ginástica e pelo esporte a partir desse período, para controle do corpo de acordo com os princípios da mecânica, que impõem "uma estética de fixidez e da norma em oposição à estética da liberdade do artista de rua", por exemplo.

Desse modo, a autora reforça que

> precisamos avançar para além do aspecto da instrumentalidade. O desafio está em considerar que o corpo não é instrumento para as aulas de educação física ou de artes, ou ainda um conjunto de órgãos, sistemas ou o objeto de programas de promoção de saúde ou lazer.
>
> [...] O desafio está em superarmos o aspecto instrumental, que, em geral, caracteriza boa parte das abordagens sobre o corpo na educação, notadamente as que guardam relações muito estreitas com a cultura do corpo divulgada no ideário da Escola Nova, nos métodos ginásticos ou no movimento de *esportivização*, entre outros projetos educativos (NÓBREGA, 2005, p. 610).

A escola, como espaço de socialização dos saberes produzidos pela humanidade, tendo a particularidade da transmissão sistematizada desses conhecimentos, recebe um contingente de pessoas com múltiplas histórias de vida, inclusive configuradas pelas desigualdades sociais, as quais abrem perspectivas para que esta também seja percebida como um espaço privilegiado para o desenvolvimento de ações que possam ampliar a oferta de possibilidades para os alunos. Dessa forma, a escola tem-se configurado, também, como palco privilegiado para o desenvolvimento de projetos sociais que buscam, dentre outros propósitos, estender o tempo de permanência do aluno na escola e contribuir para minimizar o tempo de exposição de crianças e jovens a situações de riscos sociais, atribuindo à Educação Física e ao esporte o papel salvacionista de retirar os jovens das ruas. Mas os projetos sociais que nela são ofertados, além de seus objetivos norteadores de proteção social, apresentam-se, também, como complementos curriculares das próprias ações promotoras do acesso a um saber sistematizado.

De conteúdos semelhantes e inevitavelmente revestidos de um referencial muito próximos, é pertinente a relação que se faz da Educação Física com os projetos sociais de cunho esportivo. Entretanto observamos que os programas e projetos sociais de cunho esportivo, como o PST, pela forte interface estabelecida com a Educação Física e seu projeto histórico educacional, ainda não superaram completamente aquele paradigma do corpo-máquina, colaborando com a exacerbação do esporte de rendimento, com a padronização e consequente exclusão dos corpos e com a especialização dos gestos. Além disso, sofrem influências do Estado, que promove políticas públicas sociais instrumentalistas, clientelistas e compensatórias de manutenção da ideologia dominante. Como anunciado num trecho acima, nossa intenção de pesquisa partiu da releitura de um artigo de Terezinha Nóbrega durante o curso de uma disciplina do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRN, na primeira metade de 2012, em que esta questiona o lugar do corpo na educação. Porém, devido a várias atribuições, não conseguimos dar conta de concluir a pesquisa em tempo de ser enviada para este evento, mas anunciamos aqui nossa intenção de trabalho e o estágio em que nos encontramos na produção desse artigo.

Portanto, para o fim de apresentar esta intenção de pesquisa, resgato na memória uma experiência ímpar destacada da aula inaugural da turma de 2012 do Programa de Pós-Graduação em Educação Física da UFRN, do qual faço parte. Foram das palavras de Carmen Lúcia Soares, professora doutora e livre docente da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), que partiram meus esforços e exercício de escrever este projeto de pesquisa, quando em sua apresentação preferiu ir na contramão do modelo bastante comum de exposição em

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

palestras, conferências, mesas temáticas, aulas, etc., de resultados de trabalhos científicos já concluídos, e optou por apresentar seu mais novo projeto de pesquisa enquanto pesquisadora do CNPq intitulado: “Educação do corpo e vida ao ar livre: natureza(s) de um Brasil urbano (1900-1940)”.

Esta célebre pesquisadora, além das palavras de incentivo à produção científica e de conforto a nós, mestrandos, passou-nos, naquele dia, um pouco de seus importantes ensinamentos. Destes, tento colocar em prática aquele que me orienta para o exercício de escrita e apresentação deste projeto de pesquisa no III Colóquio Internacional Corpo e Cultura de Movimento e I Jornada Internacional de Biossistêmica.

Desde já, ressalto que refletir sobre corpo tem sido um grande exercício para mim. Reconheço minhas limitações, mas é justamente sobre elas em que preciso me apoiar para tentar superá-las, portanto os esforços aqui expressos são particularmente audaciosos e de certa forma ingênuos de minha parte, mas considero-os muito gratificantes e instigantes.

Assim sendo, delineamos esta pesquisa de acordo com três etapas, a saber: 1) revisão bibliográfica – a qual será apresentada de forma resumida neste ensaio, na qual fizemos uma revisão de literatura a partir de uma única palavra-chave: “Programa Segundo Tempo”; no banco de teses e dissertações da CAPES; nas revistas Brasileira de Ciências do Esporte, Brasileira de Educação Física, Motrivivência, Movimento, Licere e Pensar a Prática; e nas edições de 2007, 2009 e 2011 do Conbrace, a fim de identificar os tipos de pesquisas empregados em estudos sobre o PST, quais as áreas do conhecimento que têm dialogado e contribuído com a produção do conhecimento na interface Educação Física e projetos sociais; 2) análise de conteúdo das diretrizes do PST – na qual faremos leituras e fichamentos sobre a compreensão de corpo presente nos textos, documentos e livros do programa, etapa esta que está em andamento; 3) redação do relatório de pesquisa e divulgação dos resultados – como uma etapa final do trabalho.

Do total de bancos de dados pesquisados, conseguimos reunir doze artigos que atendiam ao critério de busca definido, qual seja: “Programa Segundo Tempo”. Nossa intenção com a busca a partir da palavra anunciada era justamente reunir trabalhos que abordassem o Programa Segundo Tempo sob qualquer perspectiva de pesquisa para, enfim, suspendermos aqueles que faziam alguma referência ao corpo como um objeto de pesquisa.

Athayde (2009) aponta que, dentro do campo da Educação Física, são relativamente poucos os trabalhos que dialogam com as ciências políticas e sociais. Neste particular, acreditamos que são ainda mais escassos os estudos que dialogam com a filosofia do corpo, pedagogia do corpo ou sociologia do corpo.

De acordo com a busca realizada, não encontramos estudos que refletissem sobre o corpo no PST. Os trabalhos encontrados caracterizaram-se pela:

1. análise da atuação do professor de Educação Física em diferentes espaços como: PST, aulas de Educação Física escolar e preparação para as competições escolares (SOUZA; REZENDE; OLIVEIRA, 2011);

2. reflexão da garantia do esporte enquanto direito social no PST e suas contribuições para a diminuição das desigualdades sociais (OLIVEIRA, 2010);

3. análise das relações e possíveis contradições entre a gestão, o modelo conceitual e a implantação do PST (ATHAYDE, 2009a; 2009b; 2011);

4. descrição dos efeitos das atividades desenvolvidas pelo PST na escola sobre o componente curricular Educação Física (SILVA, 2010);

5. descrição da percepção dos pais sobre a participação dos filhos no PST (MENDES et al., 2007);

ISBN 978-85-60036-18-9

6. avaliação da implantação do PST segundo o modelo neoliberal de organização capitalista (MOREIRA et al., 2007);

7. reflexão sobre a política social de esporte implantada, sobre os conceitos de cultura, formação e política cultural no âmbito da experiência do governo Lula sob a luz do referencial teórico do materialismo histórico-dialético (PINTO; NUNES; ALMEIDA, 2009);

8. análise das propostas expressas nos documentos finais da I Conferência Nacional do Esporte e as ações correspondentemente implantadas com base nesses documentos no estado da Bahia (CERQUEIRA; COSTA, 2011);

9. apresentar o delineamento teórico e metodológico de pesquisa já concluída sobre a criação de um Sistema de Monitoramento e Avaliação dos programas Esporte e Lazer na Cidade e Segundo Tempo (SOUSA et al. 2011);

10. apresentar os sentidos e as funções empregadas nas práticas corporais orientadas aos jovens, num comparativo de programas sociais da Argentina e do Brasil (LEVORATI, 2010).

Enfim, sabemos do desafio que será refletir sobre duas temáticas aparentemente incomunicáveis. Neste artigo tentaremos abordar o corpo e os projetos sociais sob a perspectiva dos referenciais das ciências humanas, sociais e políticas, a fim de concatenar as compreensões que perfazem o lugar do corpo no PST.

Confiamos que este exercício de pesquisa e reflexão sobre o corpo no PST trará subsídios para nosso projeto de dissertação, porque seus resultados e conclusões configurarão a realidade conceitual do programa sobre o referido tema e nos fornecerão um diagnóstico da compreensão de corpo pela qual devemos nos orientar ou descartar.

REFERÊNCIAS

ATHAYDE, Pedro F. A.; MASCARENHAS, Fernando. Descentralização de políticas sociais: limites para a consolidação de uma gestão democrática do Programa Segundo Tempo. *Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte* – Porto Alegre – Brasil 11 a 16 de Setembro de 2011.

ATHAYDE, Pedro F. A.; MASCARENHAS, Fernando. Políticas sociais esportivas: uma análise da gestão do programa segundo tempo e alguns de seus reflexos no distrito federal. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009*

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo.* Lisboa: Edições 70, 1977.

CERQUEIRA, Nivea de S.; COSTA; Neuber L. Conferência nacional do esporte – 2004: propostas x ações para o esporte educacional na Bahia. *Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte* – Porto Alegre – Brasil 11 a 16 de Setembro de 2011.

LE BRETON, David. *Adeus ao corpo*: antropologia e sociedade. Campinas, SP: Papirus, 2003.

LEVORATTI, A. L. La educación física en políticas socio-educativas destinadas a los jóvenes. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas - SP, v. 32, n. 1, p. 109-125, setembro 2010.

MENDES, Maria I. B. de S. *Mens Sana in Corpore Sano*. Porto Alegre, RS: Sulina, 2007.

MENDES, Maria I. B. S. *Corpo, Biologia e Educação Física*. Rev. Bras. Cienc. Esporte, Campinas, v. 24, n. 1, p. 9-22, set. 2002.

MENDES, Valdelaine da R.; PEIL, Luciana M.; MOTTA, Juliane A.; CARDOZO, Luciana P.; ANTUNES, Natália S.; BUCHWEITZ, Rejane. Como os pais percebem a participação dos filhos no programa segundo tempo. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I1 Congresso Internacional de Ciências*

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

do Esporte – Recife – Brasil 23 a 28 de setembro de 2007.

MOREIRA, Bruno D.; NEVES, Fernanda W.; CUNHA, Leonardo C.; JAHNECKA, Luciano.; SILVA, Méri R. S. Projeto segundo tempo: configurando um modelo. *Anais do XV Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e I1 Congresso Internacional de Ciências do Esporte* – Recife – Brasil 23 a 28 de setembro de 2007.

NÓBREGA, Terezinha P. *Qual o lugar do corpo na educação? Notas sobre conhecimento, processos cognitivos e currículo*. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 26, n. 91, p. 599-615, Maio/Ago. 2005.

PINTO, Ana L. S.; NUNES, João R.; ALMEIDA, Roseane S. A política cultural do governo lula: necessidade de superação para além do segundo tempo. *Anais do XVI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e III Congresso Internacional de Ciências do Esporte - Salvador – Bahia – Brasil 20 a 25 de setembro de 2009.*

SOUSA, Eustáquia S.; TEIXEIRA, Daniel M. D.; VENÂNCIO, Maria A.; RIBEIRO, Carla A.; FERNANDES, Duval M.; NORONHA, Vânia. A constituição de sistema de monitoramento & avaliação para programas do ministério do esporte. *Anais do xvii congresso brasileiro de ciências do esporte e iv congresso internacional de ciências do esporte* – porto alegre – brasil 11 a 16 de setembro de 2011.

SOUZA, Luís C.; REZENDE, Letícia de Q.; OLIVEIRA, Ricardo T. Educação física escolar, ou as determinações do esporte e dos jogos escolares? *Anais do XVII Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte e IV Congresso Internacional de Ciências do Esporte* – Porto Alegre – Brasil 11 a 16 de setembro de 2011.

TABORDA DE OLIVEIRA, Marcus A (Org.). *Educação do corpo na escola brasileira*. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

ISBN 978-85-60036-18-9

PRÁTICAS CORPORAIS EM SAÚDE MENTAL: TRABALHANDO O CORPO EM PROL DA DESINSTITUCIONALIZAÇÃO

Mackson Luiz Fernandes da Costa
Estudante de Graduação em Educação Física - UFRN

RESUMO: A institucionalização dos corpos de técnicos e pacientes em manicômios mostra o empobrecimento na visão do corpo enquanto dispositivo de autonomia, criatividade, transformação e descoberta. Tendo isso em vista, o presente estudo buscou trabalhar a motricidade enquanto recurso capaz de dar nova forma ao sujeito no mundo, expandir os modos de enxergá-lo, servindo de meio para a desinstitucionalização. Assim, investigaram-se as práticas efetivadas em hospital psiquiátrico de Natal-RN e realizaram-se oficinas corporais com participação dos técnicos, pensadas a partir de pesquisa intervenção e observação participante. A pouca adesão às oficinas indica que o processo de desinstitucionalização encontra desafios, é gradual e necessita da convergência de interesses dentro da instituição.

Palavras-chave: Corpo; Saúde Mental; Desinstitucionalização.

INTRODUÇÃO

A Reforma Psiquiátrica surge de modo a criticar e confrontar o modelo clássico do paradigma da psiquiatria, perpassando não só transformações de caráter técnico, mas também teórico, político, cultural e social. Firmada legalmente no Brasil por meio da Lei 10.216/01, ela propõe uma reformulação no modelo assistencial em saúde mental, em que se busca uma política mais social que sanitária. Para tanto, faz-se necessária a desconstrução de uma cultura que é majoritária: a que sustenta a violência, a segregação e o aprisionamento da loucura.

Entretanto, para destruir ou edificar uma cultura, é preciso a desconstrução e construção de outras tantas que a sustentem e a confrontem. A invenção de novas realidades na saúde mental, então, como aponta Rotelli *et al* (2001), enfrenta o desafio de desmontar toda a estrutura manicomial que tradicionalmente separou a doença da existência global e complexa da pessoa, segregando também, dessa maneira, o doente do corpo social. Esse processo, denominado desinstitucionalização, não se calca na desassistência nem na desospitalização por si só, mas traz consigo um caráter prático de reconstrução permanente de saberes, discursos e ações, no intuito de que novas formas de vida sejam pensadas e se tornem possíveis. Ou seja, trata-se de um processo dinâmico, que se operacionaliza continuamente.

Uma maneira de se trabalhar nesse sentido é prezar por iniciativas que apostem na circulação da loucura na vida social, de modo que se criem novas formas de se relacionar a partir da reabilitação psicossocial e da inserção social, garantindo o exercício da cidadania e a viabilização de projetos de vida.

Um desafio a essa proposta consiste na reinserção e reabilitação psicossocial das pessoas que residem nos hospitais psiquiátricos há longo tempo, já que, desligados da realidade fora dos muros do manicômio e sob os efeitos da institucionalização, a reinclusão nesse caso requer cuidado específico. As dificuldades estão tanto nas limitações corporais dessas pessoas - em decorrência dos muitos anos de vida voltados à instituição e à medicalização -, quanto na recepção da sociedade a corpos não habituados a corresponder a alguns dos parâmetros de normalidade adotados por ela. Segundo Medeiros & Guimaraes (2002), essas pessoas sofrem com o estigma de serem pacientes psiquiátricos, pois a sociedade, a partir de uma lógica racionalista, constrói projeções acerca da loucura em que se subtrai dos “anormais” a condição de cidadania, prerrogativa inerente aos “ajustados”.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

No estado do Rio Grande do Norte, o número de residentes de longa permanência é significativo. Existem, até o momento, após a inauguração de dois Serviços Residenciais Terapêuticos em Natal, aproximadamente 15 (quinze) internos no maior hospital psiquiátrico público de Natal-RN – onde se realizou o campo prático da presente pesquisa. De acordo com Gonçalves *et al* (2001), as instituições hospitalares brasileiras, em sua maioria, não oferecem aos pacientes programas específicos dirigidos à reabilitação psicossocial, assim como não dispõem de condições adequadas que garantam o respeito à individualidade e o direito ao exercício de um convívio social digno. Nesse contexto, os residentes sofrem com o empobrecimento da motricidade, principalmente devido à prolongada permanência sob a égide das práticas institucionais controladoras - que enrijecem seus corpos, esmaecem seus vínculos sociais e sua autonomia, negando-lhes o direito de circular pela cidade e gerenciar suas próprias vidas. Sendo assim, o conhecimento do corpo junto à descoberta e a apropriação deste por parte do sujeito são prerrogativas básicas para o desenvolvimento do processo de reabilitação psicossocial.

O corpo presente na instituição pautada no paradigma tradicional da psiquiatria encontra-se moldado às ações da instituição, tornando-se dominado por ela. Esse domínio ocorre em todas as suas peculiaridades, no âmbito do corpo como produtor de ações individuais e nas relações como produtor social, visto que o corpo não é apenas um objeto que garante a existência humana, mas constitui o próprio ser em vida (SANT' ANNA,1995).

Nessa perspectiva, compreende-se que o modo como se entende o corpo afetará diretamente as relações de poder na instituição. Quando ele é entendido como um objeto acometido por uma doença com sintomas clinicamente comprovados, teremos uma relação médico-paciente baseada no tratamento da patologia, por meio de fármacos que buscam o controle dos sintomas para que o corpo retorne a um padrão aceito como saudável.

A partir do momento em que o corpo for entendido como dotado de subjetividade, como produtor cultural, que se comunica com o sensível, será possível uma relação na qual o objeto é "a existência-sofrimento dos pacientes e sua relação com o corpo social" (ROTELLI, 2001. p. 90). Nesse sentido, o tratamento não será baseado no controle do corpo, mas no entendimento de que ele está vivo e, portanto, tem suas características próprias, seu contexto, autonomia, possibilidades e projetos de vida.

A ideia de corpo com que se trabalha, aqui, está perpassada pela noção de autonomia que o sujeito, dentro da sua condição, seja ela qual for, possa exercer. Acreditamos, como Rodrigues (2008), que o indivíduo, à medida que produz seu corpo, produz também novas formas de subjetivação, de modo a associar a representação que faz de seu corpo à consciência que dele tem. Assim, a motricidade apresenta-se como meio de colocar o sujeito no mundo e possibilitar descobertas e transformações, bem como de aprofundar a consciência de si, na medida em que permite "fazer existir o corpo para si próprio, reconquistar sua interioridade" (p. 159)

Pensando em práticas de reabilitação psicossocial com pessoas que residem desde longo tempo em hospitais psiquiátricos, entende-se aqui que o trabalho com a motricidade possa colocar esses sujeitos em contato consigo mesmos através da descoberta do seu corpo, da sua motricidade, não mais impregnada de medicação. Práticas que devolvam ao praticante sua energia de vida, capturada não só pela sua condição, como também pelo que o universo social ao qual pertence fez com ela. Portanto atividades que possibilitem a apropriação do espaço e do tempo que pertencem ao entorno do sujeito.

Da mesma forma, é fundamental considerar que os cuidadores desses residentes no hospital também estejam sob efeito da institucionalização, já que toda organização inclui, além de uma disciplina de atividades, "uma disciplina de ser - uma obrigação de ser um determinado caráter e morar em determinado mundo" (GOFFMAN, 2008, p. 159). Tendo em vista o que foi exposto, o presente estudo visou investigar as práticas voltadas para a desinstitucionalização realizadas em um hospital psiquiátrico de Natal-RN, acrescentando a elas o desenvolvimento de oficinas corporais junto aos técnicos dessa instituição e avaliando como essas práticas corporais podem contribuir para a desinstitucionalização.

ISBN 978-85-60036-18-9

METODOLOGIA

O presente estudo consiste em uma pesquisa-intervenção, ancorada na perspectiva teórico-metodológica da Análise Institucional. Por meio desta, busca-se manter constantemente ativos processos de autoanálise, a fim de identificar analisadores, os quais são qualquer coisa que denunciam ou questionam uma problemática que se mostrava inquestionável e que indicam caminhos para a sua resolutividade ou desconstrução (LOURAU, 1993).

A pesquisa de campo pautou-se na observação participante, em um hospital psiquiátrico público em Natal-RN, do cotidiano do grupo de residentes de longa permanência e do trabalho dos profissionais responsáveis pelo cuidado com essas pessoas. Participamos de reuniões com a equipe e o grupo de residentes, de modo a acompanhar o andamento do processo e identificar as principais dificuldades na desospitalização. Além disso, realizamos entrevistas semiestruturadas com os profissionais, com perguntas abertas sobre as características principais do grupo de residentes e as atividades desenvolvidas junto a estes.

A partir dos dados encontrados, elaboramos e realizamos oficinas corporais semanais, com duração de uma hora, utilizando técnicas de expressão corporal, jogos cooperativos, jogos teatrais, atividades lúdicas, danças, atividades rítmicas que resgatem a cultura corporal do grupo e relaxamento. Ao final de cada oficina, realizamos uma avaliação oral que teve como foco verificar no discurso o que significou aquela experiência para os sujeitos que a viveram.

No momento de idealização deste estudo, pretendíamos a realização de entrevistas semiestruturadas com residentes de longa permanência, envolvidos no processo de desospitalização, sobre o modo como estavam vivendo a experiência, as expectativas que ela produz e os efeitos das práticas corporais no processo na vida destes. Do mesmo modo, conforme se pensou inicialmente, as oficinas corporais também seriam realizadas junto aos moradores do hospital. Contudo, pelos rumos que tomou o presente trabalho e pelas peculiaridades do contexto em que nos inserimos, houve um rearranjo de nossas intervenções e propostas.

Entendendo que a desinstitucionalização dos residentes de longa permanência perpassa a prática, o saber e as relações existentes dentro do hospital, vimos que, antes de iniciarmos intervenções voltadas especificamente para essas pessoas, fazia-se necessário cuidar dos cuidadores, convidando-os a discutir e a refletir sobre as ideias que motivaram o desenvolvimento deste trabalho.

Dessa forma, consideramos plausível tornar esse um primeiro momento para realização do que pretendemos com a pesquisa - a saber, trazer à discussão e à prática o processo de desinstitucionalização no hospital. Assim, passamos por uma reorganização dos objetivos, na medida em que voltamos a elaboração e realização das oficinas corporais para os técnicos do hospital – não mais centrando-as, nesse momento, nos residentes de longa permanência.

RESULTADOS

Realização das entrevistas

Foram entrevistados 30 profissionais do hospital psiquiátrico público em Natal, que trabalham diretamente com os residentes de longa permanência da instituição. Dos entrevistados, 15 atuam em enfermaria feminina, oito em enfermaria masculina e sete em ambos os locais. Dessa forma, nos resultados abaixo se consideram 22 entrevistados que trabalham com residentes do sexo feminino, e 15 com homens.

Quando solicitados a caracterizar um perfil do grupo com que trabalhavam, os profissionais da equipe feminina disseram que as residentes são idosas, dependentes e não autônomas; interagem pouco entre si e com a equipe; perderam o vínculo com a família; apresentam autocuidado comprometido, necessitando de auxílio na alimentação e higienização; participam pouco de atividades propostas no hospital e não têm iniciativa para buscar ou propor novas atividades.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Os homens, por sua vez, foram caracterizados como sendo um grupo que interage com a equipe e com os outros residentes; que estão em processo de resgate da autonomia mesmo ainda sendo marcadamente dependentes dos profissionais; e pela presença do abandono familiar. Além disso, foi relatado que três dos homens estavam em processo de saída do hospital.

Buscou-se também conhecer o que os profissionais achavam dessas atividades e que efeitos acreditavam que elas tinham na vida dos moradores do hospital. A maior parte dos entrevistados 72,7% (n=16) dos da ala feminina e 86,67% (n=13) dos da masculina) disseram perceber que os residentes mudam o comportamento após essas atividades, de forma considerada positiva – exemplo do que fora dito é o tornar-se mais receptivos ao contato com outras pessoas, o mostrar-se mais comunicativos, com mais bom humor, demonstrar autonomia, pedir para sair novamente. Além disso, 40,9% (n=9) e 60% (n=9), respectivamente, avaliam as atividades fora do hospital como formas de reinserção social dos residentes.

Em relação à desinstitucionalização, três (13,636%) profissionais que trabalham com as mulheres e um (6,67%) que trabalha com os homens mostraram-se desfavoráveis a esse processo, enquanto 18 (81,81%) e 14 (93,33%), respectivamente, colocaram-se a favor. Um profissional (4,54%) da enfermaria feminina trata da questão como sendo relativa, com a justificativa de que pode funcionar apenas com algumas pessoas.

Quando nos referimos a como deveria se dar a saída do hospital e o retorno ao convívio em sociedade, a resposta mais frequente foi o encaminhamento dos moradores do hospital aos Serviços Residenciais Terapêuticos (SRT) – citado por oito entrevistados da ala feminina e seis da masculina. Inclusive, foi suscitada a necessidade de prezar pelo intercâmbio de informações entre os que serão e os que já são cuidadores (tanto em outros SRT, como no hospital).

Outro profissional falou da necessidade de trabalhar as ideias e práticas envolvidas no processo de desinstitucionalização não só com os residentes, mas também com os cuidadores. Nesse mesmo sentido, um técnico da ala masculina citou o investimento em atividades voltadas para a desinstitucionalização dentro das instituições asilares também como algo que poderia contribuir. Nesse setor também foi apontada a necessidade de discutir e divulgar o tema na mídia e a criação de mecanismos de geração de renda voltados para os residentes.

As oficinas corporais

Como já mencionado, as práticas corporais desenvolvidas no hospital tiveram como foco os profissionais da instituição. No total, foram realizadas sete oficinas, tendo participado de cada encontro uma média de seis pessoas.

Apesar de as oficinas corporais terem sido elaboradas tendo como foco os técnicos, em alguns encontros contou-se com a participação de internos de curta permanência, seja por convite de profissionais, seja por iniciativa própria. Em relação às categorias profissionais participantes desses encontros, contou-se principalmente com a presença de pessoal da Psicologia, Assistência Social, Terapia Ocupacional e Técnico Administrativo, havendo pouca adesão de enfermeiros e técnicos de enfermagem e ausência de profissionais da Medicina.

As atividades propostas foram elaboradas conforme os resultados obtidos via entrevistas e observação participante, bem como a partir das especificidades de cada encontro. Cada oficina pautou-se em temáticas principais, como cuidado, confiança no outro, contato com o outro, equilíbrio, percepção e conhecimento corporal. Ao final de cada encontro, as observações suscitadas pelas atividades foram, geralmente, associadas pelos participantes a situações do cotidiano de trabalho no hospital.

De modo geral, visando ao cuidado e à consciência corporal, por meio das atividades buscou-se despertar possibilidades de dispor e movimentar o corpo, diferenciadas das que costumeiramente se aplicam ao ambiente de trabalho e mesmo à vida cotidiana. Como resposta do grupo, no geral, fora constatada dificuldade dos participantes em concentrar-se nas atividades propostas (ao não manter os olhos fechados, por exemplo) e em realizar movimentos incomuns, seja pelo imediatismo com que surgiam os movimentos já mecânicos, seja pela

 ISBN 978-85-60036-18-9

fragmentação corporal (expressa pela dificuldade em trabalhar com mais de uma região corporal simultaneamente). Além disso, de modo geral, alguns participantes por vezes movimentavam-se tendo por base o procedimento adotado por outros.

As verbalizações durante os exercícios costumavam ocorrer em todas as oficinas, mesmo em atividades em que a proposta era não incluir oralidade, com fins de trabalhar com silêncio, concentração e novas formas de se relacionar. As falas vinham, geralmente, no sentido de comentar os movimentos adotados por si e os dos colegas.

As práticas em que se buscou trabalhar o contato entre os participantes abrangiam tanto o toque como o olhar focado no outro. Notou-se que, quando o grupo era formado por pessoas com menor grau de intimidade, o toque, quando proposto, só era realizado na região das mãos e dos pés dos participantes – para ir além disso, foi necessária a proposição por parte do facilitador. A proximidade entre os participantes despertada por essas atividades suscitou comentários sobre a importância da comunicação das atividades realizadas - não só nas oficinas corporais, mas também foram trazidos exemplos do ambiente de trabalho. Foi mencionada, inclusive, a importância de estar atento ao outro, para que a comunicação seja efetiva e, por isso, para o entendimento mútuo e o trabalho em equipe.

As atividades realizadas foram ou de cunho cooperativo ou individual, não havendo proposta de competição. Numa atividade em que se propôs o trabalho em equipe, os participantes comentaram, ao final, sobre a importância da cooperação, do respeito e da paciência no trabalho em grupo.

Ressalte-se, por fim, que mesmo o momento de ocorrência das oficinas ser de uma hora semanal e estas serem fixadas desde o princípio, a inserção desse momento na organização dos horários dos técnicos configurou como uma dificuldade, por chocar, muitas vezes, com o período das escalas de trabalho.

DISCUSSÃO

O lugar do corpo e da desinstitucionalização no contexto do hospital

O manicômio é uma instituição total e, por seu posto, é gerido por normas rígidas, relações hierárquicas de poder e controle e centrada na realização de um tipo específico de atividade – seja ela corretiva, educativa, terapêutica, dentre outras (GOFFMAN, 2008). Além disso, ele concentra, no mesmo espaço institucional, a execução da atividade citada e da moradia e lazer das pessoas que são alvos desse trabalho.

Goffman (2008) trabalha com a ideia de que, ao ser inserido na instituição, a pessoa passa por um processo de transformação devido à perda de aspectos que lhe caracterizavam singularmente e à submissão aos princípios e regras que regem o novo espaço. Esse processo, chamado de *mortificação do eu*, deve-se, por exemplo, à perda de papéis sociais, ruptura com o passado, enquadramento no formato homogêneo da instituição e o sentimento de ineficiência pessoal. Desse modo, é de se esperar efeitos no comportamento dos que passam a fazer parte desse universo, caracterizando uma ruptura, uma transformação na história dos mesmos.

Registrou-se a marca da autonomia e independência comprometidas, além da perda de vínculos sociais - esperáveis, considerando a submissão às ordens institucionais e a limitação espaço-temporal e relacional do lugar em que vivem. Em Goffman (2008), a perda da autonomia é associada à constante submissão pessoal diante da realização de atividades básicas ou secundárias, bem como à interferência dos que trabalham na instituição sobre as ações dos internados.

A proposta basagliana passa, então, pela necessidade do encontro entre a loucura e a cidade, entendendo esta como território, ou seja, como uma "força viva de relações concretas e imaginárias que as pessoas estabelecem entre si, com os objetos, com a cultura e com as relações que se dinamizam e se transformam" (AMARANTE, 1994, p.145)

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Para atingir o resultado da desinstitucionalização, as ações intramuros também são essenciais. Entretanto faz-se necessário estar atento para até que ponto os trabalhos elaborados são coerentes com as necessidades e anseios dos moradores e com o processo de desinstitucionalização. Qual o sentido das atividades disponibilizadas? O que elas de fato estão produzindo?

Em consonância com os dados sobre a participação, os técnicos da enfermaria masculina demonstraram um maior reconhecimento sobre os benefícios das atividades voltadas para a desinstitucionalização do que os da ala feminina. Essa aposta em bons resultados por meio das atividades extramuros pode ser encarada tanto como causa como consequência de uma realização frequente desse trabalho. Ela ilustra a importância de os profissionais envolvidos compreenderem a que se prestam trabalhos nesse sentido, o que eles podem produzir e os efeitos que podem surtir.

Mas quando o foco é a desinstitucionalização, as propostas de atividades não devem ser pensadas apenas para os moradores do hospital. Os cuidadores, igualmente, permanecem parte de seus dias na instituição e, dessa forma, também vivem e incorporam as normas e os princípios que a regem. Assim, ações nesse sentido possibilitam que se preste um melhor atendimento aos pacientes, podendo também ser promotoras de qualidade de vida para o cuidador.

No caso do estudo em questão, quando se propôs que as oficinas corporais focassem nos trabalhadores, buscava-se, além desses aspectos, que os cuidadores conhecessem e experimentassem a proposta que se tinha, de vivenciar o corpo como possibilidade de exploração, criação, expressão e autoconhecimento – ou melhor, como dispositivo de desinstitucionalização.

A vivência da proposta de trabalho por aqueles responsáveis em implementá-la foi entendida como possível facilitador da adesão a ela e do entendimento do que se tratava. Ainda mais porque, no momento em que nos inserimos, não havia, no hospital, nenhuma atividade voltada para trabalhar a motricidade – fosse com os técnicos, fosse com os residentes - que ocorresse de forma sistemática.

A instituição e seus muros

A inserção das oficinas corporais na organização do hospital esbarrou em dificuldades e desafios. Mesmo tendo sido firmado horário, duração e datas desde o início dos encontros, a participação de poucos trabalhadores revelou uma dificuldade em conciliar as escalas de trabalho com o momento das oficinas: muitos dos técnicos que estavam no hospital encontravam-se em horário de expediente e, portanto, não compareciam à atividade por nós proposta. Isso sugere uma limitação do hospital enquanto instituição de cuidado, visto que, diante da possibilidade de se realizar um trabalho com os técnicos diferente dos de suas especialidades profissionais, as escalas de expediente foram majoritariamente escolhidas.

Entretanto há de se considerar que o próprio cunho corporal das atividades propostas pode ter servido como inibidor da participação. Isso porque elas abrangem a possibilidade de submeter-se a movimentos que possam estar sujeitos à censura - por motivos diversos, como por parecerem inusitados diante de aparição social.

Os profissionais encararam as oficinas como um trabalho de promoção do bem-estar, de “relaxamento”, para citar a fala de alguns. Elas foram associadas a momentos de refúgio do trabalho, em que se buscava um distanciamento das obrigações e dos pacientes, um período exclusivo para os técnicos. As práticas corporais funcionaram como um momento de reflexão e crítica sobre as relações entre eles no cotidiano de trabalho. Estiveram em discussão, ao término das oficinas, assuntos como a atuação em equipe, a necessidade do respeito ao outro, da paciência, da compreensão e de relações de coleguismo para um cotidiano de trabalho saudável.

Compactuamos com a ideia de Rotelli, Leonardis e Mauri (2001) de que o movimento da desinstitucionalização deva ocorrer de dentro para fora do hospital psiquiátrico. Dessa forma, apostamos no “trabalho homeopático”, em que as transformações institucionais são produzidas de dentro para fora, trabalhando-se a partir do já existente: “(...) a desinstitucionalização é um

 ISBN 978-85-60036-18-9

trabalho prático de transformação que, a começar pelo manicômio, desmonta a solução institucional existente para desmontar (e remontar) o problema" (Rotelli; Leonardis; Mauri; 200, p. 29).

O entendimento de que a desinstitucionalização não se resume a desospitalização, mas a um processo complexo de desconstrução de práticas, discursos e saberes, tem como um ponto de resistência o reconhecimento de si como possível entrave para o processo. Assim, remetemo-nos aos "desejos de manicômio" existentes em todos nós, os quais são desejos de identidade, fixidez, controle e normatização que nos atravessam e "se fazem presentes em toda e qualquer forma de expressão que se sustente numa racionalidade carcerária, explicativa e despótica" (Machado e Lavrador, 2001, p.46 *apud* Alverga & Dimenstein, 2005).

Cegos por esses "desejos de manicômio", prendemo-nos a lugares e normas instituídos e deixamos de enxergar outras possibilidades e potencialidades de vida. E estar preso a um lugar fixo requer princípios, posturas e discursos que sustentem essa estrutura.

Expressão corporal e (des)institucionalização

Quando pensamos nesses desejos de normatização, fixidez e racionalidade transpostos a nossos modos de ser, encontramos uma série de padrões que a sociedade classifica como normal e que devem ser seguidos por quem quiser ser assim reconhecido. Esses protótipos incluem, principalmente, maneiras de comportamento corporal que envolvem formas mecânicas e repetitivas de proceder, as quais encobrem a sensibilidade e possibilidades criativas.

Em consonância com o exposto e considerando as normas e censuras socialmente padronizadas, entendemos a preocupação com a fiscalização e com o julgamento do outro sobre o corpo como motivadores, nas oficinas realizadas, da dificuldade de concentração e de manutenção dos olhos fechados expressas por alguns. Dessa mesma forma, também podem ser percebidas as necessidades de verbalização durante as atividades, que, em seus conteúdos, trazem como justificativas daquele que fala sobre o que está fazendo, da forma como está fazendo. Isso mostra, também, a dificuldade na compreensão quando se utilizou de outras formas que não a palavra, para comunicar-se - por exemplo, o corpo.

Quando da realização de práticas que envolvem movimentos randômicos e espontâneos, criados livremente por cada pessoa ou seguindo o som de uma música, nota-se, também, a estereotipia, ou melhor, a repetição de gestos, a não espontaneidade na criação de novas formas de fazer. Por vezes, inclusive, tomou-se o movimento de outro participante – principalmente o facilitador - como modelo a se seguir. Por trás disso, vemos uma tentativa de chegar à maior possibilidade de aceitação do movimento por outras pessoas, ou mesmo à ideia da escolha de movimentos que possam estar mais adequados que outros.

Tais fatos demonstram uma tendência à normatização dos corpos diante da possibilidade de julgamento sobre uma postura adotada. A tomada de movimentos como modelo pelos participantes ainda mostra uma indisponibilidade corporal que se dá devido à mecanização de movimentos construídos no decorrer da vida de cada um e enrijecidos pela instituição e pelo cotidiano.

Conhecer o próprio corpo perpassa a compreensão das possibilidades de relações deste, quer seja com o ambiente, quer seja com o outro, quer seja consigo mesmo, de maneira que ele seja vivido em sua totalidade, e não dicotomicamente. Dessa forma, relaciona-se à diversidade de movimentos que o corpo pode assumir e aos significados presentes neles. Tomando tal ideia como base, pode-se afirmar, no geral, a fragilidade na compreensão sobre o próprio corpo por parte dos participantes das oficinas, materializada na fragmentação corporal e na necessidade de cessar a movimentação de alguns membros para iniciar a de outros, quando fora solicitado o movimento simultâneo.

Ademais, em atividades que abarcaram o toque, este ocorreu, no geral, em regiões do corpo em que o contato é trivial, como nas mãos e braços. No nosso entender, isso demonstra tanto uma repercussão do mecanicismo dos movimentos como uma não abertura a relações espontâneas entre os participantes.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Entendemos que o fato de o grupo de participantes não ter sido o mesmo em todas as oficinas realizadas dificultou a possibilidade de realizar um trabalho gradual, já que todas as etapas pensadas para o processo não foram vividas por cada uma das pessoas. Entretanto acreditamos nos efeitos que o encontro com as práticas corporais, mesmo que pontual, pôde surtir, considerando os comentários obtidos ao final de cada oficina.

Isso revela não uma falha na pesquisa ou no modo de conduzi-la, mas uma demonstração de quão árduo é o trabalho de desinstitucionalização no hospital psiquiátrico e que se trata mesmo de um processo gradual e cheio de desafios. Demonstra também o caráter imprescindível, para a desinstitucionalização, de que os interesses internos convirjam com a proposta, ou seja, que a aposta, assim como as transformações, partam principalmente de dentro da instituição.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por mais que já estejamos próximos dos dez anos de sanção da Lei 10.216, a qual definiu novos rumos para a Reforma Psiquiátrica no Brasil, encontramos ainda fortalecida uma cultura que sustenta o manicômio e as relações, saberes e práticas que o constituem. Da mesma forma, no hospital psiquiátrico em que nos inserimos, muitos desses aspectos ainda vigoram e estão materializados na disposição física do espaço, no entendimento sobre cada trabalho e atividade ocorrida na instituição, na forma de relacionar-se com os outros.

Percebemos ser possível a desconstrução dessa cultura pelas vias do corpo, instigando as reflexões, os desejos e a sensibilidade possíveis de aflorar a partir da expressão desse corpo de diversas formas, sendo essas maneiras encontradas quando se restaura a criatividade e a espontaneidade corporal. Resgatar essa sensibilidade repercute nas formas de ser e agir, podendo despertar novos devires. As reflexões suscitadas a partir das oficinas corporais apontaram para esse sentido. Esperamos que elas sejam de fato transpostas e operacionalizadas no cotidiano do hospital.

Notamos também que essa forma de transformação através da motricidade, além de ser um processo gradual e que requer tempo, só pode ser efetivo se contar com a convergência de interesses internos à instituição. Daí a importância de acessar todos aqueles que compõem a instituição, inclusive e principalmente, os cuidadores.

REFERÊNCIAS

Alverga, A. R. e Dimenstein, M. D. A Reforma Psiquiátrica e os desafios da desinstitucionalização da loucura. Revista *Interface - Comunicação, Saúde, Educação*, v.10, n.20, p.299-316, jul/dez 2006.

Amarante, P. (1995). Loucos pela vida - a trajetória da reforma psiquiátrica no Brasil. Rio de janeiro: SDE/ ENSP.

_____ (1996). O homem e a serpente: outras histórias para a loucura e a psiquiatria. Rio de Janeiro: Fiocruz.

Basalia, Franco, 1924. Corpo e instituição: considerações antropológicas e psicopatológicas em psiquiatria institucional. Rio de Janeiro: Garamond, 2005. 336p.

Goffman, E. Manicômios, Prisões e Conventos. São Paulo: Perspectiva, 8ª edição, 2008.

Gonçalves, S. et al. Avaliação das limitações no comportamento social em pacientes psiquiátricos de longa permanência. Ciência & Saúde Coletiva, 6(1):105-113, 2001

Lourau. R. (1993). Análise institucional e práticas de pesquisa. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Medeiros, S. M.; Guimarães, J. Cidadania e Saúde mental no Brasil: Contribuição ao debate. Ciência & Saúde Coletiva, 7(3):571-579, 2002.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

Paulon, S. M. (2005). A Análise de Implicação como Ferramenta na Pesquisa-intervenção. Psicologia & Sociedade, 17 (3), 18-25.

Rodrigues, D. (Org). Os valores e as atividades corporais. São Paulo: Summus, 2008.

Rotelli, F., Leonardis, O. de & Mauri, D. (2001). Desinstitucionalização, uma outra via. In Nicácio, F. (Org.). Desinstitucionalização. (pp. 89-99). 2ª ed. São Paulo: Hucitec.

Sant'Anna, D. B. (Org.) Políticas do Corpo. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

CORPOBOLA: EDUCAÇÃO MUSICAL EM JOGO

Danúbio Gomes da Silva
Programa de Pós-Graduação em Educação - PPGED / UFRN

RESUMO: O artigo desenvolvido apresenta uma parte do processo de pesquisa em andamento como mestrado em Educação/UFRN. Apresenta o Pau e Lata: Projeto Artístico – Pedagógico como ação extensionista da UFRN e contextualiza suas ações junto aos núcleos que compõem o projeto em questão. Demonstra o processo metodológico de musicalização e sublinha a atividade CORPOBOLA como ação importante para o processo de ensino aprendizagem em educação musical. As concepções sobre o aprender/executar música, de modo geral, estão muito interligadas com o pensamento elitizado que direciona o saber apenas aos iniciados através dos processos formais acadêmicos. O nosso estudo busca apontar uma das possíveis resposta a essa questão. Trazemos para dentro da proposta do Pau e Lata: Projeto Artístico-Pedagógico, a experiência "corpobola". Nessa experiência aprofundamos um processo de educação musical, com a intensão de construir "o saber-fazer" música, a partir das (auto) descobertas quanto à "questões-corporais": limites, entraves, descobertas, possibilidades. Para refletir/aprofundar essas questões, debruçamo-nos nos pensamentos de autores que apontam caminhos que nos direcionam para encontros/desencontros no desenvolvimento de nossa pesquisa, a saber: Merleau-Ponty (apud Le Breton); Nóbrega; Mendes**;** Dias e Melo; Jacque Dalcroze; Koellreutter, entre outros. O exercício de educação musical, entre outros, através da prática de percussão corporal com bola de tênis denominada "corpobola: educação musical em jogo" tem nos apresentado caminhos no processo de ensino-aprendizagem, em que todos os envolvidos na ação (professor e alunos) deparam-se com as descobertas de saberes encontrados nos movimentos corporais, "naturais e fabricados", que surgem de forma lúdica durante a experiência de construção "rítmico-sonora em dueto", envolvendo corpo e bola de tênis.

Palavras-chave: Corpobola, Cultura de Movimento, Educação Musical.

CONTEXTUALIZAÇÃO DO PAU E LATA: PROJETO ARTÍSTICO-PEDAGÓGICO

No que se refere à contextualização do Pau e Lata, reconhecemos o seu início em 1996, na cidade de Maceió/AL, na Escola Comunitária Semente de Luz. No ano seguinte, passou a ser desenvolvido também no Rio Grande do Norte, mais precisamente nos municípios de Baía Formosa e Natal. Em 1998, Junto à UFRN, iniciamos a formação de um grupo musical. A partir do ano 2000, o Projeto Pau e Lata se transformou em Projeto de Extensão, vinculado ao Departamento de Artes, inicialmente sob a coordenação da Professora Sônia Otton e, posteriormente, da Professora Valéria Lázaro da Carvalho, momento em que passou a ser denominado de Pau e Lata: Projeto Artístico-Pedagógico. Em 2011, o Pau e Lata tornou-se Projeto de Extensão Permanente da UFRN, passando a ser vinculado à Escola de Música da mesma instituição.

Com o principal objetivo de constituir um núcleo de formação de multiplicadores, em 2001, deu-se início a um grupo de estudo rítmico com alunos, professor, funcionários da UFRN e, a partir deste, foram criados três núcleos no interior do RN. Em 2003, junto à ONG MOVACI, identificamos a criação de mais um núcleo com 60 crianças e adolescentes na Vila de Ponta Negra, em parceria com a Escola Municipal Josefa Botelho.

Atualmente o Pau e Lata: Projeto Artístico-Pedagógico desenvolve suas atividades com 13 núcleos. Em Natal, registramos o Núcleo UFRN, Escola Municipal Djalma Maranhão, Projeto Social Irmão Lourenço, Associação de Desenvolvimento Comunitário ADIC/RN e Associação Cultural Ileaô. Além desses existem quatro núcleos no interior do Rio Grande do Norte e quatro núcleos em Alagoas, totalizando aproximadamente 280 componentes. No que se refere ao

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO **ISBN 978-85-60036-18-9**

Núcleo UFRN, destacamos a produção de quatro espetáculos relevantes para o seu processo artístico-pedagógico. Essas produções musicais foram apresentadas em vários eventos de naturezas diversas, no período de 2001 a 2012, tais como: Fórum Social Mundial; ABEM; SBPC; CIENTEC; ENEARTE; UNIPOP/NE, Participação no Espetáculo ABALANDO AS ESTRUTURAS do Coral MADRIGAL DA EMUFRN, IX e X FREPOP; VII Encontro Percussivo de João Pessoa/ PB e V Congresso Brasileiro de Extensão Universitária.

O processo metodológico desenvolvido pelo Pau e Lata, através de oficinas de Construção Rítmica, de reuniões de planejamento e estudos/seminários temáticos, baseia-se num movimento dialético de ensino-aprendizagem. Compreende a prática musical como uma ação que envolve o contexto sociocultural, político e pedagógico, processo que enraíza o nosso fazer artístico-pedagógico em atividades que vão além do fazer música.

No processo de organização de Banda Rítmica, com os Instrumentos Sucata, os núcleos do Pau e Lata realizam, sistematicamente, dois ou três encontros semanais com a intenção de desenvolver seu repertório musical, resultado do processo de ensino/aprendizagem que acontece inicialmente pelo diálogo, pela prática de repetição rítmica e pela apreciação musical por meio da escuta. Para isso, os alunos são incentivados a criar células rítmicas e compartilhá-las a partir do acúmulo de repertório individual e da introdução de outros elementos da teoria musical, tais como: pausa, intensidade e andamento.

Como conteúdo geral do processo de ensino-aprendizagem desenvolvido no Pau e Lata, podemos citar: Os Elementos fundamentais da música; Os Elementos fundamentais do som; Tempo e Contra Tempo; Ostinato; Sinais de repetição; Percussão COPORAL[1]; História da Percussão; Confecção de Instrumentos com Sucata; Práticas e Técnicas de percussão[2]; Formação de Banda Rítmica; Elementos históricos dos ritmos musicais desenvolvidos; Exercícios de improvisação; Produção e organização de apresentações em escolas, praças, espaços e eventos culturais. Compondo esse corpo de elementos metodológicos no processo de educação musical desenvolvido no Pau e Lata, apresentamos como um recorte a atividade CORPOBOLA.

A EXPERIÊNCIA CORPOBOLA

Dentro do processo de oficinas rítmicas, vimos aprofundando a atividade CORPOBOLA, tanto como conteúdo metodológico e/ou como peça de repertório para apresentações artísticas. A saber: Denominamos as etapas de PASSOS e MOVIMENTOS. Inicialmente temos como Passo 1- A distribuição de bolas de tênis, uma para cada pessoa, e é proposta uma sequência de movimentos rítmico-sonoros; dentro do Passo1, teremos como Primeiro Movimento: Quicar a bola no chão, usando apenas uma mão, depois jogando com uma mão e pegando com a outra; como Segundo Movimento: Quicar a bola no chão e antes de pegá-la, bater uma palma e, como Terceiro Movimento: Quicar a bola, bater palma e bater os pés no chão alternados. Como Passo 2 - É desenvolvida a escrita musical, registrando o movimento executado: a princípio, informamos para o grupo que o movimento executado foi desenvolvido em quatro tempos (compasso quaternário) e escrevemos na lousa uma divisão de cinco espaços, separados por barra de compassos. Chamamos a atenção para o primeiro compasso, em que vamos registrar, utilizando traços verticais, o movimento em questão. No primeiro tempo, executamos a BOLA NO CHÃO; no segundo tempo, a PALMA; no terceiro tempo, os PÉS ALTERNADOS e no quarto tempo, o SILÊNCIO. Após esse registro, volta-se a executar o movimento chamando a atenção para os novos elementos codificados. Passo 3-Criando SIGNOS: O grupo é instigado a criar códigos que representem os SONS executados pela bola no chão, a palma, os pés e o silêncio. Nesse momento, estimulamos os participantes para que proponham mais de um código para cada som e silêncio, em que encaminhamos uma rápida eleição por aclamação, para definir quais os símbolos, respectivamente, que melhor representarão os diferentes sons e silêncio do movimento rítmico-sonoro executado.

<?> Atividade de percussão corporal e copo plástico.

2 Aqui utilizamos o método Strees Control

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Exemplo:

O - BOLA NO CHÃO

∗ - PALMA

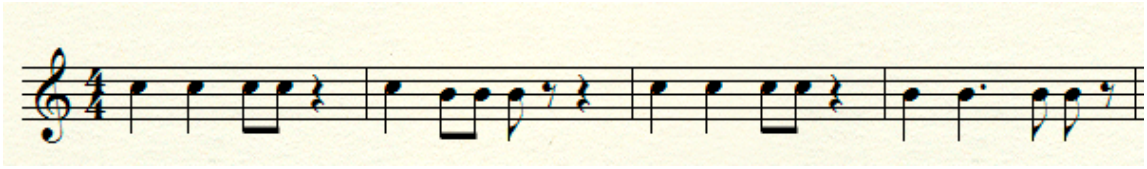
< > - PÉS NO CHÃO

∑ - SILÊNCIO

Após as definições dos símbolos, acrescentamos uma observação quanto aos "ataques sonoros". Ou seja, dentro do movimento executado, temos como resultado do movimento corporal, associado ao elemento bola, um resultado sonoro, e há uma diferença entre o terceiro tempo e os demais. Ou melhor, enquanto no primeiro e no segundo tempo temos apenas um ataque sonoro, no terceiro tempo, temos dois (pés no chão alternados), resultando assim numa subdivisão de tempo. No PASSO 4 - Criando sequência sonora, convidamos os participantes a preencherem os demais compassos, modificando a ordem dos signos, consequentemente, modificando a sequência sonora. No PASSO 5 - Lendo e executando a Música Construída, o grupo exercita a leitura rítmica de todas as células construídas. Esse processo de leitura se dá inicialmente com a prática do solfejo[3] e, posteriormente, com a prática instrumental CORPOBOLA.

Ao término da atividade, temos o PASSO 7 - O que denominamos de Avaliando o processo, onde convidamos os participantes a compartilhar, de forma escrita e/ou oral, com o coletivo, as suas impressões, sensações e principalmente o que de "novo" estarão ficando consigo com relação aos conteúdos abordados.

CORPOBOLA em Registro:



Onomatopeia Tê ta tutu tê tatu tu tê ta tutu tê taa tutu

Signos 0 * < > 0 * < > 0 * < > 0 *. < >

CORPPOBOLA - Corpo Cultura de Movimento

Na busca de caminhos suaves, lúdicos e eficientes para o ensino de música dentro do Pau e Lata: Projeto artístico-Pedagógico, nos deparamos com desafios constantes que nos convidam a debruçarmo-nos em busca de respostas coerentes para um ensino de música pautado em provocação, criatividade e construção coletiva do saber. No processo de construção da proposta CORPOBOLA, fomos encontrando no corpo uma via fundamental de investimento pedagógico do processo de ensino-aprendizagem. Nesse encontro nos deparamos com o pensamento de Soares:

> O corpo é o primeiro lugar onde a mão do adulto marca a criança, ele é o primeiro espaço onde se impõem os limites sociais e psicológicos que foram dados à sua conduta, ele é o emblema onde a cultura vem inscrevendo seus signos, como também seus brasões"(SOARES, 2005).

3 Termo que se referia originalmente aos ritmos do canto (...) Dicionário Groove de Música. Rio de Janeiro. 1994; Exercício rítmico/melódico utilizando o nome das notas musicais por exercícios melódicos ou a onomatopeias para fins exclusivamente rítmicos (Grifo meu).

ISBN 978-85-60036-18-9

Tomando esse pensamento para nortear a nossa prática musical, ora como professor propositor, ora como executor, ora como pesquisador, vimos, ao longo do tempo, amadurecendo a ideia de que se faz necessário observar e aprender a ler os textos corporais que cada aluno traz consigo ao iniciar as atividades e as descobertas de novos textos construídos a partir das atividades coletivas, junto ao grupo.

No início das atividades, observamos que, de modo geral, os corpos dos alunos demonstram uma timidez, resultante do sentimento: NÃO VOU CONSEGUIR![4] Nesse sentido, Dias e Melo dizem que "Todo e qualquer estudo parte de uma inquietação pessoal diante de algo que deveria ser revisto ou iniciado para o bem-estar no mundo de um ou mais sujeitos". Diante disso, trazemos para a nossa prática o que diz Mauss: "É preciso proceder do concreto ao abstrato, e não inversamente". (DIAS E MELO, 2011; MAUSS, 1937). Nesse caso, faz-se necessário propiciar junto ao grupo um espírito lúdico, para que se quebre o gelo ao mesmo tempo em que se introduza o conteúdo. De forma suave e leve, observamos o processo integrador que vai se desenvolvendo passo a passo. E logo nos primeiros momentos, no decorrer da atividade, podemos sublinhar no contexto da ação que, como nos afirma Mauss (1937), "Os homens, sociedade por sociedade e de maneira tradicional, sabem servir-se de seus corpos".

Ao observarmos que a prática do CORPOBOLA leva aos praticantes as "questões-corporais" limites, entraves, descobertas, possibilidades, encontramos nesse processo um elo com o pensamento de Merleua-Ponty (apud. NÓBREGA) sobre a percepção: "Das coisas ao pensamento das coisas, reduz-se a experiência" (MERLEAU-PONTY, 1945/1994, P. 497) e para essa discussão Nóbrega complementa: "é preciso enfatizar a experiência do corpo como campo criador de sentidos, isso porque a percepção não é uma representação mentalista, mas um acontecimento da corporeidade e, como tal, da existência" (NÓBREGA, 2008). Com isso "essas questões corporais" surgem como um processo cognitivo. No momento em que o praticante do CORPOBOLA se depara com movimentos corporais semelhantes àqueles que ele executa no seu cotidiano, porém agora com sentido, intensão de aprendizagem, esse ser praticante não apenas compreende o conteúdo, mas também o incorpora. Assim concebemos o que diz Nóbrega (2008):

> Na concepção fenomenológica da percepção a apreensão do sentido ou dos sentidos se faz pelo corpo, tratando-se de uma expressão criadora, a partir dos diferentes olhares sobre o mundo.

E acrescenta: "Esse conceito de percepção só é possível porque Merleau-Ponty rompe com a noção de corpo-objeto, parte extra-partes e com as noções clássicas de sensação e órgãos dos sentidos como receptores passivos".

Com o intuito de ter a atividade CORPOBOLA como um meio para aprofundarmos tal pensamento, queremos com isso mergulhar cada vez mais fundo no universo da ciência do corpo, e nesse mergulho encontramos concepções luminárias para o nosso processo de busca, como o trabalho de Annie Suquet (2009), que nos fala da proposta de Jacques-Dalcroze, qual seja: "O movimento corporal é uma experiência muscular, e essa experiência é apreciada por um sexto sentido, o 'sentido muscular'". E para aprofundar ainda mais esse discurso, Suquet apresenta o pensamento de Charles Scott Sherrington, que sob o termo "propriocepção" apresenta-nos o conjunto dos comportamentos perceptivos denominado de cinestesia ou sentido do movimento.

As nossas buscas aqui registradas têm o objetivo de garimpar elementos preciosos para compor a partitura de uma composição em processo. Composição esta que tem como tema central o fazer artístico-pedagógico do Projeto Pau e Lata, como pauta o contexto de cada núcleo do Projeto e como elementos da escrita, as "figuras de valores", cada componente que constitui os 13 núcleos com suas complexidades, crescimento e criatividade.

4 Este pensamento vem sempre acompanhado de outros, como: Isso é estranho! Não vou pagar esse mico! Acho que fica feio quando eu faço! etc..

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Na constituição desta partitura, por ser uma "partitura de vidas"[5], o foco que centraliza essa escrita é o humano, que faz soar os tambores e latas do projeto em questão. E para esse humano direcionamos nossa atenção ao pensamento de Koellreutter (J.H. KOELLREUTTER, 1998, PP. 39-45; APUD. BRITO): "O humano, meus amigos, como objetivo da educação musical". E como esse humano é um composto, que, além de sonhos, desejos, proteínas, frustrações e ácidos nucleicos[6] é também o que dizem Dias e Melo (2005):

> É aquilo que experimenta e que a vivência proporcionada por essas experimentações favorecem a sua construção, levando o ser humano a reconhecer, identificar, criticar, elaborar, criar e refletir, partindo da sua unidade como ser universal em busca de uma personalidade própria e contribuidora, possibilitando uma qualidade fundamental em suas aprendizagens, tornando-se agente efetivo na ação escolar e no mundo, atento aos seus deveres, desejos, responsabilidades, respeito a si próprio e à sociedade na qual se integra.

Buscamos, nos interlocutores apresentados, conteúdos imprescindíveis que nos levam a um processo de análise de como acontece a construção do saber musical e como esse saber intervém no cotidiano dos participantes do Pau e Lata. Referente aos resultados artístico-pedagógicos e sociopolíticos do projeto na concepção de seus participantes, percebemos, a partir de seus depoimentos, que as escolhas metodológicas praticadas no fazer musical do projeto apontam para um ensino de música que atende as necessidades e os anseios do mundo contemporâneo, contemplando os diferentes sujeitos que caracterizam os diversos universos culturais e a diversidade musical que circunda o contexto vivido dos participantes do projeto.

Nessa perspectiva, almejamos contribuir com o processo de educação musical desenvolvido junto ao Pau e Lata: Projeto Artístico-Pedagógico, aprofundando a concepção de que o aprender é incorporar o conteúdo e degustá-lo no cotidiano e, como meio para esse processo, investimos em sonhos, proteínas, desejos, ácidos nucleicos e práticas de educação musical coletivas de ensinar/aprender em jogo com CORPOBOLA.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SUQUET, Annie. **História do Corpo**: As multações do Olhar: O século XX. Petrópolis, RJ. Vozes, 2009.

LE BRETON, David. **Adeus ao Corpo:** Antropologia e sociedade. Campinas/SP. Papirus, 2003.

SOARES, Carmem Lúcia. **Imagens da educação no corpo:** estudo a partir da ginástica francesa no século XX. Campinas, SP. Autores Associados, 2005.

FRAGA, Alex Branco. **Corpo, Identidade e bom-mocismo** – cotidiano de uma adolescência bem comportada. Belo Horizonte, MG. Autêntica, 2000.

DIAS, Maria Aparecida e MELO, José Pereira de. A Pedagogia Freinet e a relação corpo e aprendizagem na educação. **Revista EDUCAmazônia - Educação Sociedade e Meio Ambiente, Humaitá**, LAPESAM, GISREA/UFAM/CNPq/EDUA – ISSN 1983-3423 – Ano 4, Vol VII, nº 2, jul-dez, 2011, Pág.28-44.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. Corpo, percepção e conhecimento em Merleau-Ponty. Revista **Estudos de Psicologia** 2008, 13(2), 141-148 – UFRN.

BRITO, Teca Alencar de. Koellreutter **Educador**: o humano como objetivo da educação musical. São Paulo, SP. Peirópolis, 2001.

5 Termo proposto para reflexão, como possibilidade de Tema para a dissertação de mestrado.

6 Parafraseado de uma fala da Professora Dra Terezinha Petrucia Nóbrega, ao citar François Jacob, na Aula Inaugural da Pós-Graduação em Educação Física, no Auditório da SEDIS-UFRN, 2012.

ISBN 978-85-60036-18-9

EDUCAÇÃO E CORPOREIDADE NA PERSPECTIVA DA PSICOLOGIA TRANSPESSOAL

Tânia Maria de Carvalho Câmara Monte[7]
Departamento de Ciências Sociais – UFRN

RESUMO: O presente artigo é um recorte de pesquisa na especialização de Psicologia e Psicoterapia Transpessoal. Pretende traçar um paralelo entre a educação e a corporeidade na perspectiva transpessoal, que é a quarta força na Psicologia e surgiu após o behaviorismo, a psicanálise e o movimento humanista. Possui raízes no existencialismo e na busca do sentido da vida e da existência humana. Essa abordagem teórica foi oficializada em 1968, entre outros por Franckl, Grof, Sutich e Fadiman, enfocando o estudo da consciência e o reconhecimento dos significados das dimensões espirituais da psique, especialmente os caracterizados pela experiência culminante, pela consciência cósmica unitiva, pelo êxtase e pela plena consciência (SALDANHA, 1999; BERGER, 2001). Reconhece que os seres humanos desempenham papéis sociais e profissionais, portanto dotados além dos conhecimentos intelectuais e técnicos, também de emoções que constituem a ecologia do ser, dessa forma de natureza bio-psico-social, considerando as instituições onde eles se inserem como uma rede integrativa de relacionamentos entre indivíduos, grupos e social.

Palavras-chave: Educação Transpessoal, Corporeidade, Consciência.

O capitalismo vigente nas décadas de 60 e 70 do século passado teve sua contestação pelas minorias, que se articulavam na tentativa da transformar o cenário econômico e social. No final do século XX e início do XXI, os sociólogos são convocados a se posicionar sobre questões acerca dessa nova sociedade. Essas questões formam o horizonte do pensamento de Bauman (1998), que discorrerá sobre as transformações sociais pelas quais passa a sociedade contemporânea em todas as esferas: vida pública, privada, relacionamentos humanos, mundo do trabalho, estado e instituições sociais, bem como o esgarçamento do tecido social e de suas consequências para o âmbito dos relacionamentos humanos.

O impacto desses fenômenos nos relacionamentos afetivos interfere nas relações, transformando-as em *sociedades líquidas*, reflete Bauman (1998), que, ancorado nas ideias dos pensadores franceses Jacques Derrida e Emmanuel Lévinas, pondera a respeito da baixa cotação da alteridade dos indivíduos que vivem esse tempo, porém não desenvolvem empatia com o outro nas relações de modo geral, não havendo, portanto, envolvimento em questões éticas.

Como consequência, predominam as dissoluções dos laços afetivos e sociais, de desapego e transitoriedade, uma presença de sensação de liberdade que traz em seu reverso a evidência do desamparo social em que se encontram os indivíduos moderno-líquidos. Assim a cultura do Eu sobrepõe-se à do Nós, e o relacionamento eu-outro ganha poder de barganha, em que os tênues laços têm a possibilidade de ser desfeitos a qualquer momento e por qualquer insatisfação por ambas as partes. Relacionamentos voláteis e fluidos remetem a uma sensação de leveza e descomprometimento, que é muitas vezes associada à liberdade individual. Ter é ser, e ser é, para aqueles que podem consumir. Portanto o valor é aferido não pelo que se é, mas sim pelo que se pode comprar. Não há compromisso com a ideia de permanência e durabilidade; as identidades estão à disposição do consumidor.

> numa sociedade de consumo, compartilhar a dependência de consumidor – a dependência universal das compras – é a condição *sine qua non* de toda liberdade individual; acima de tudo da liberdade de ser diferente, de 'ter identidade (BAUMAN, 2001, p.98).

7 Mestre em Ciências Sociais UFRN, Especialista em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal, Docente do curso de Graduação em Pedagogia na Pós-graduação em: Psicopedagogia, Gestão Educacional e Gestão de Pessoas.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Salientando que o estilo de um homem ou de um determinado grupo nada mais é do que a cristalização da época em que este se insere, permite poder este servir de revelador da complexidade da vida social. Assim a tônica do nosso tempo é o desprendimento das redes de pertencimento social, a transitoriedade das relações, incluindo aí a própria família. Nesse contexto, as relações pessoais e profissionais vão também sofrer fortes modificações.

Reconhecendo que os seres humanos desempenham papéis sociais e profissionais, portanto dotados além dos conhecimentos intelectuais e técnicos, também de emoções que constituem a ecologia do ser, dessa forma de natureza bio-psico-social, consideram-se as instituições onde esses se inserem uma rede integrativa de relacionamentos entre indivíduos, grupos e social.

> vivemos no mundo e por isso fazemos parte dele; vivemos com os outros seres vivos, e portanto compartilhamos com eles o processo vital. Construímos o mundo em que vivemos ao longo de nossas vidas. Por sua vez, ele também nos constrói no decorrer dessa viagem comum. Assim, se vivemos e nos comportamos de um modo que torna insatisfatória a nossa qualidade de vida, a responsabilidade cabe a nós.... o mundo não é anterior à nossa experiência. Nossa trajetória de vida nos faz construir nosso conhecimento do mundo – mas este também constrói seu próprio conhecimento a nosso respeito. Mesmo que de imediato não a percebamos, somos sempre influenciados e modificados pelo que experenciamos. Para mentes condicionadas como as nossas não é nada fácil aceitar esse ponto de vista, porque ele nos obriga a sair do conforto e da passividade de receber informações vindas de um mundo já pronto e acabado – tal como um produto recém-saído de uma linha de montagem industrial e oferecido ao consumo. Pelo contrário, a idéia de que o mundo é construído por nós, num processo incessante e interativo, é um convite à participação ativa nessa construção. Mais ainda, é um convite à assunção das responsabilidades que ela implica (MATURANA, 2003, contracapa).

A valorização das pessoas nas organizações surgiu durante o período que se chamou de era do comportamento. Essa era foi marcada pelo movimento das relações humanas e pela ampla aplicação, nas organizações, das pesquisas da ciência do comportamento. Como ela só começou na década de 30 do século XX, dois acontecimentos anteriores foram de relevância na aplicação e no desenvolvimento do comportamento organizacional.

Maslow desenvolveu importantes teorias administrativas e foi um dos precursores da psicologia transpessoal, que é a quarta força na Psicologia e surgiu após o behaviorismo, a psicanálise e o movimento humanista, tendo raízes no existencialismo e na busca do sentido da vida e da existência humana. Essa abordagem teórica foi oficializada em 1968 por ela, além de Franckl, Grof, Sutich e Fadiman, enfocando o estudo da consciência e o reconhecimento dos significados das dimensões espirituais da psique, especialmente os caracterizados pela experiência culminante, pela consciência cósmica unitiva, pelo êxtase e pela plena consciência (SALDANHA, 1999; BERGER, 2001).

A Psicologia Transpessoal traz uma contribuição muito grande para a Educação, pois educar, do latim *exducere,* significa redescobrir a natureza do Ser Integral no seu aspecto imanente e transcendente. De acordo com Berger (2000, p. 491):

> tendo como pressuposto o contínuo processo de vir a ser, a transformação humana não é uma utopia inatingível, mas pode acontecer se os educadores aventurarem a ir além do intelecto, dos condicionamentos sociais e da história de vida de cada um, mergulhando no fascinante terreno da dimensão transpessoal.

ISBN 978-85-60036-18-9

A Psicologia Transpessoal compreende os diferentes estados de consciência, na percepção dos diferentes estados demonstrados para além da realidade objetiva, os quais não são captados apenas pelos cinco sentidos, mas através das vivências projetivas e regressivas de memórias desenvolvidas a partir da corporificação da consciência.

> existem sistemas energéticos inacessíveis aos nossos cinco sentidos, mas registráveis por outros sentidos. Tudo na natureza se transforma e a energia que a compõe é eterna. A vida mental e espiritual forma um sistema suscetível de se desligar do corpo físico. A vida individual é inteiramente integrada e forma um todo com a vida cósmica. A consciência é energia, que é vida, no sentido mais amplo: não apenas a vida biológica, física, mas também a da natureza, do Espírito, a vida-energia, infinita nas suas mais diferentes expressões (WEIL, 1999, p. 9).

Na abordagem transpessoal, cada estado de consciência que esteja vivenciando (consciência de vigília, consciência de devaneio, consciência de sonho, consciência de sono profundo, consciência de despertar e consciência cósmica ou plena consciência), a realidade é percebida pelo indivíduo de forma diversa. O estado de consciência de vigília é aquele em que passamos a maior parte do dia, ou seja, acordados. Assim, o quadro abaixo, elaborado por Kenneth Ring de acordo com Weil (1989, p. 58).

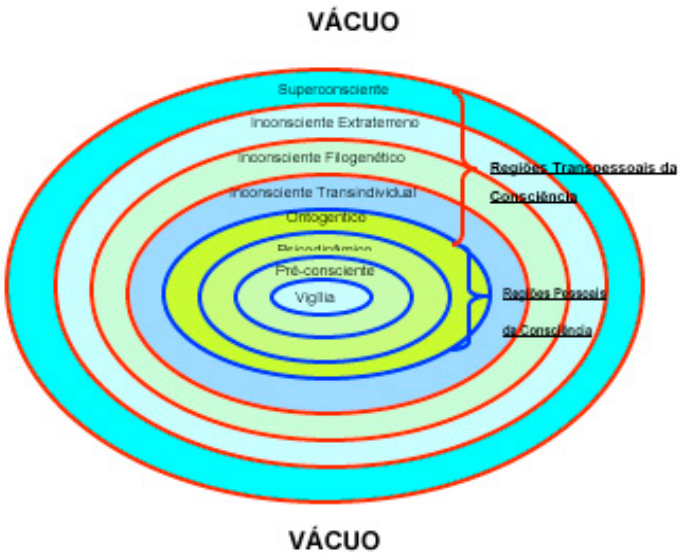


Figura 1- Cartografia da Consciência

No estado de vigília predominam as funções do ego, ou seja, a mente, as emoções e os cinco sentidos. Além disso, no estado de vigília o ego vive em um mundo tridimensional do espaço e do tempo, com a separação eu - mundo exterior, ou seja, é o mundo da dualidade (WEIL, 1978).

> é nele que consideramos os outros estados de consciência como “inconscientes”, o que é errôneo, além do que os estudos da microfísica e da psicologia transpessoal relatam que estamos enganados quanto à realidade energética das coisas. Pela linguagem do corpo, você diz muitas coisas aos outros. E eles têm muitas coisas a dizer para você. Também nosso corpo é um centro de informações para nós mesmos. É uma linguagem que não mente (WEIL, 1986 p.7).

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Proposições da Psicologia Transpessoal aplicadas à Educação “Mas, para mudar a educação, primeiramente os educadores precisam mudar a si mesmos. Usando a metáfora de Leonardo Boff, precisam descobrir que são águias”.

O homem, para a Psicologia Transpessoal é o Ser Integral, ou melhor, o ser bio-psico, social, cósmico e espiritual, e a visão de mundo nessa abordagem teórica é a de um todo integrado, em harmonia, onde tudo é energia formando uma rede de inter-relações entre tudo 0 que existe no Universo.

Por conseguinte, a educação transpessoal utiliza como recursos vivências oriundas de outras abordagens, como um *patchwork*, elencando, por exemplo, o relaxamento, a visualização criativa; e os desenhos objetivaram ativar a dimensão intuitiva, autocriativa e transpessoal, utilizados para ampliar a consciência.

> ser-no-mundo com corpo significa estar aberto ao mundo e, ao mesmo tempo, vivenciar o corpo na intimidade do Eu: sua beleza, sua plasticidade, seu movimento, prazer, dor, harmonia, cansaço, recolhimento e contemplação. Ser-no-mundo com um corpo significa ser vulnerável e estar condicionado às limitações que o corpo nos impõe pela sua fragilidade, por estar aberto a uma infinidade de coisas que ameaçam sua integridade. Ser-no-mundo com um corpo, significa a presença viva do prazer e da dor, do amor e do ódio, da alegria e da depressão, do isolamento e do comprometimento. Ser-no-mundo com o corpo significa movimento, busca e abertura de possibilidades, significa penetrar no mundo e, a todo momento, criar o novo. Ser-no-mundo com o corpo significa a presença viva da temporalidade (GONÇALVES, 1997, p.103).

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Z. **O Mal-estar na Pós-modernidade**. São Paulo: Jorge Zahar, 1998.

_____. **Vida Líquida**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

BERGER, M. V. B. **Educação Transpessoal:** integrando o saber ao ser no processo educativo. Tese de Doutorado. Campinas, SP: FE / UNICAMP, 2001.

_____. **Resgatando os Sonhos e as Esperanças dos Educadores**: educação transpessoal. Anped, GT 20 Psicologia da Educação, 2000.

BOOF, Leonardo. **O Despertar da Águia;** o diabólico e o simbólico na construção da realidade. Petrópolis: Vozes, 1998. 206p.

MASLOW, A. H. **Introdução à Psicologia do Ser**. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca,

MATURANA, H. **Emoções e Linguagens na Educação e na Prática**. BH: UFMG, 2001.

MORIN, Edgar. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. 6. ed, São Paulo: Cortez, 2002.

WEIL, P. et al. **Pequeno Tratado de Psicologia Transpessoal**. Petrópolis: Vozes, 1978.

_____. **Cartografia da Consciência Humana;** pequeno tratado de psicologia, vol. I. Petrópolis: Vozes, 1986.

_____. **As fronteiras da evolução e da Morte;** os limites de transformação da energia no homem. Petrópolis: Vozes, 1999.

SALDANHA, V. **A Psicoterapia Transpessoal**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos, 1999.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

ESPIRITUALIDADE E CORPOREIDADE E TRANSPESSOALIDADE

Tânia Maria de Carvalho Câmara Monte[8]
Departamento de Ciências Sociais – UFRN

RESUMO: O presente artigo é fruto de pesquisa no Curso de Especialização em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal. Procura uma articulação no tocante à compreensão da espiritualidade e da corporeidade na abordagem da transpessoal, para tanto, utilizando-se do pensamento e da teoria da complexidade de Morin (2000). A transpessoal, sendo a quarta força na Psicologia, surgiu após o behaviorismo, a psicanálise e o movimento humanista, tendo raízes no existencialismo e na busca do sentido da vida e da existência humana. Essa abordagem teórica foi oficializada em 1968, entre outros por Franckl, Grof, Sutich e Fadiman, enfocando o estudo da consciência e o reconhecimento dos significados das dimensões espirituais da *psique*, especialmente os caracterizados pela experiência culminante, pela consciência cósmica unitiva, pelo êxtase e pela plena consciência (WEIL,1995: SALDANHA, 1999). Assim a Transpessoal implica a noção de unidade do ser, ou da não-fragmentação, a abordagem resgata o ser através da transcendência, perpassada pela elevação dos sentimentos, no cultivo da paz, da serenidade e na harmonia cósmica. Sendo o homem um Ser Integral, ou melhor, o ser bio-psico-social-cósmico-espiritual.

Palavras-chave: Espiritualidade, Corporeidade, Transpessoal.

O homem é, pois um ser extremamente complexo, sob diversos aspectos, do ponto de vista biológico, antropológico, psicológico, enfim, multidimensional. Por conseguinte, toda redução se faz arbitrária, os sistemas complexos estão dentro de cada pessoa, e a recíproca é verdadeira. Edgar Morin (1995, 2000, 2003) é um pensador transdisciplinar que tem dedicado algumas de suas obras à educação. Nelas é fundamental o conceito de complexidade, que para o autor (1995, p. 20) significa:

> o que é a complexidade? À primeira vista, a complexidade é um tecido (complexus: o que é tecido em conjunto) de constituintes heterogneos inseparavelmente associados (coloca o paradoxo do uno e do múltiplo). Na segunda abordagem, a complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. Mas então a complexidade apresenta-se com os traços inquietantes da confusão, do inextricável, da desordem, da ambiguidade, da incerteza...

Necessário se faz, para entender os humanos, no esforço da convivência com os mesmos, não tentar reduzi-los enquanto multidimensionalidade a explicações simplistas, regras ou fórmulas rígidas, ou até mesmo esquemas unificados de ideias, as quais só podem ser entendidas por um sistema de pensamento aberto, abrangente e flexível, o pensamento complexo:

> conhecer o humano é, antes de mais nada, situá-lo no universo, e não separá-lo dele. Todo conhecimento deve contextualizar seu objeto, para ser pertinente.'Quem somos?' é inseparável de 'Onde estamos?', 'De onde viemos', 'Para onde vamos?'. Interrogar nossa condição humana implica questionar primeiro nossa posição no mundo (MORIN, 2002, p.47).

8 Mestre em Ciências Sociais UFRN, Especialista em Psicologia e Psicoterapia Transpessoal e Docente no curso de Graduação em Pedagogia em na Pós-graduação em Psicopedagogia, Gestão Educacional e Gestão de Pessoas.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Quando Morin (2003) nos fala sobre a patologia do saber, cuja fragmentação dos conhecimentos leva à impossibilidade do conhecimento, compreendemos que a sociedade é um sistema aberto em constante processo de adaptação. Assim sendo, as pessoas têm necessidades complexas que precisam ser satisfeitas, a fim de que possam levar vidas plenas e sadias, bem como desempenhar eficazmente suas funções. O imediatismo, portanto, dificulta a compreensão dos fenômenos complexos.

O paradigma mecanicista outrora adotado é insuficiente para resolver questões atávicas nascidas desde os primórdios da humanidade. Mc Lean, em sua teoria dos três cérebros, sendo o neocórtex a racionalidade e herdando do mamífero a afetividade, do réptil o cio, a agressão e a fuga, afirma a condição paradoxal e consequentemente instável com relação a esse mesmo cérebro.

A dicotomia entre corpo e mente através do pensamento de Descartes e o desenvolvimento da medicina são as mudanças mais significativas, afirma Sayd (1998), para a mudança na forma de entendimento corpo e mente. Antes disso, o paciente era tratado levando em conta seu ambiente social e espiritual, considerando-o como um ser integral, num contexto esotérico, mágico, místico e religioso. A mudança desse paradigma fragmentou a forma de ver, gerando nos médicos a percepção do corpo como máquina, desvalorizando aspectos sociais, psicológicos, ambientais e espirituais.

Ao longo dos tempos, vem o homem buscando, através de práticas espirituais, a integração entre o corpo e o espírito. Dentre as técnicas ancestrais, podemos citar o xamanismo, identificada desde os homens das cavernas. Esta visa o reencontro do homem com os ensinamentos e fluxos da natureza. Através da história, a cura foi praticada por curandeiros populares, guiados pela sabedoria tradicional. Nas cerimônias de cura, havia sempre a interação entre o curandeiro e o paciente, assim como o entendimento da ação de forças sobrenaturais canalizadas do Divino (ACHTERBERG, 1996).

Durante o processo de afirmação da racionalidade científica, com base na cultura ocidental moderna, houve uma separação entre dois termos que constituem o núcleo da medicina, isto é, a arte de cura – *tekné*, e o conhecimento das doenças – *episteme*. Por essa separação a prática da medicina ocidental foi sendo gradativamente reduzida à técnica, dando importância ao conhecimento das doenças e deixando de lado a arte de curar (GUIMARÃES, 2000). O fenômeno da ruptura entre corpo e mente não ocorreu por obra do acaso, mas como resultado de um processo de racionalização que se instaurou paulatinamente, conforme Madel T. Luz (1988, p.26):

> do ponto de vista do sujeito, entretanto, esta tentativa terá como efeito histórico a ruptura mais significativa da racionalidade moderna: ruptura do próprio sujeito de conhecimento, seu estilhaçamento em compartimentos: razão, paixões, sentidos e vontade.

A palavra cura, que existia em latim, deriva do verbo curo, com o sentido primitivo de: cuidado, atenção, diligência, zelo, de largo emprego, não pode ser compreendida em termos reducionistas, pois envolve uma complexa interação entre os aspectos físicos, psicológicos, sociais e ambientais, desta maneira:

> embora todo médico praticamente saiba que a cura é um aspecto essencial de toda a medicina, o fenômeno é considerado fora do âmbito científico; o termo 'curar' é encarado com desconfiança, e os conceitos de saúde e cura não são geralmente discutidos nas escolas de medicina (CAPRA, 1992, p.116).

Paralelamente às dificuldades impostas pelo sucateamento do setor público da saúde e às limitações do modelo biomédico, os tratamentos de saúde demandam tempo e investimento de

 ISBN 978-85-60036-18-9

que as pessoas, na maioria das vezes, não dispõem. Por isso elas buscam meios de tratamentos de medicina alternativa, originalmente enunciados pela Organização Mundial de Saúde (OMS) em 1962, definindo-os como:

> uma prática tecnologicamente despojada de medicina, aliada a um conjunto de saberes médicos tradicionais. para tratamentos de seus males, dentre estes a assistência em templos religiosos, que possibilitam o acolhimento e atenção as suas necessidades.

Luz (1997) alerta para a abrangência desse termo, que inclui não só a medicina tradicional, mas também a oriental e homeopática, no intuito de resolver problemas de adoecimento de grandes grupos populacionais desprovidos de atenção médica.

Através dessa perspectiva, de acordo com Parker (1996), vantagem adicional do sistema de serviço de saúde alternativo, principalmente em espaços religiosos, rezadeiras e curandeiros disponíveis na comunidade, é sua maior acessibilidade, pois está aberta a todo tipo de ajuda.

A busca da religiosidade pelos indivíduos se dá para o alívio dos seus sofrimentos e males, bem como para conforto e solidariedade do apoio social e terapêutico. As religiões possuem um significado social, uma eficácia simbólica diante dos problemas e dificuldades que as pessoas enfrentam diariamente (Parker, 1996).

A fé dá um sentido à vida, levando consolação e orientação diante das situações de dificuldades e incertezas, fornecendo a garantia e proteção simbólica, amparando os que sofrem, na esperança de dias melhores, no enfrentamento das adversidades cotidianas, contribuindo para a manutenção da vida e proteção dos que a atacam, dando um novo sentido a esta, não apenas para sua sobrevivência, mas como fonte geradora de energias na recuperação da dignidade humana, identificando as pessoas como “filhos de Deus”.

Portanto nesse espaço se estabelece a identidade religiosa, cultural e social. Nesses espaços de rituais comunitários se estabelecem laços, vínculos que vão além da amizade, solidariedade e companheirismo, assim oferecendo sentido à doença, à cura e à saúde; neste contexto é que se dá legitimidade de relacionar as práticas espirituais com a saúde, como alternativa de ajuda.

Indo ao encontro dos anseios do homem enquanto ser complexo, nasce a psicologia como a ciência dos fenômenos psíquicos, com o intuito de se debruçar e refletir sobre o comportamento enquanto estrutura vivencial interna manifestada através da conduta.

> e para que isso pudesse ter um teor mais amplo, para que pudesse servir como base de acesso a um número maior de pessoas, nesse percurso da psicologia desde a Grécia, a Idade Média, ela, no final do século XIX, se separa da filosofia [...] a teoria psicológica tem caráter interdisciplinar por sua íntima conexão com as ciências biológicas e sociais e por recorrer, cada vez mais, a metodologias estatísticas, matemáticas e informáticas. Não existe, contudo, uma só teoria psicológica, mas sim uma multiplicidade de enfoques, correntes, escolas, paradigmas e metodologias concorrentes, muitas das quais apresentam profundas divergências entre si (SIMÃO, 2010, p.508).

Realizando uma transposição, na interface das correntes ou forças psicológicas tradicionais surge, tendo raízes no existencialismo e na fenomenologia, a Psicologia Transpessoal, que também é chamada de a quarta força. Tem na fundamentação, entre outros elementos a busca do sentido da vida e da existência humana. Essa abordagem teórica foi oficializada em 1968, por diversos pensadores, dentre os quais, Victor Franckl, Stanislav Grof, Antony Sutich e

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

James Fadiman, enfocando o estudo da consciência e o reconhecimento dos significados das dimensões espirituais da *psique,* especialmente os caracterizados pela experiência culminante, pela consciência cósmica, pelo êxtase e pela plena consciência.

A Transpessoal implica a noção de unidade do ser ou da não fragmentação. Assim sendo, a abordagem resgata ser, através da transcendência, perpassada pela elevação dos sentimentos, no cultivo da paz, da serenidade e na harmonia cósmica. Sendo o homem um Ser Integral, ou melhor, o ser bio-psico-social-cósmico-espiritual, e a concepção de saúde também nessa mesma perspectiva, ou seja, de um todo, em harmonia, onde tudo é energia formando uma rede de inter-relações com o universo.

> a visão antropológica do homem máquina que aloja uma alma, cuja essência é o pensamento e que provocou o dualismo entre matéria e mente, o corpo e a alma, continua tendo profundas repercussões no pensamento ocidental, com desdobramentos nas mais diferentes áreas do conhecimento humano, como na biologia, na medicina, na psicologia e na educação, para citar apenas algumas delas. Essa visão nos levou a aceitar o nosso corpo separado de nossa mente, como coisas absolutamente desconectadas. [...] na área educacional, as influências do pensamento cartesiano-newtoniano parecem ainda mais graves considerando o seu significado para a formação de novas gerais, com sérias implicais para o futuro da humanidade. [...] Na escola, continuamos limitando nossas crianças ao espaço reduzido de suas carteiras, imobilizadas em seus movimentos, silenciadas em suas falas, impedidas de pensar. [...] é uma escola submetida a um controle rígido, a um sistema paternalista hierárquico, autoritário, dogmático, no percebendo as mudanças ao seu redor e, na maioria das vezes, resistindo a elas (MORAES APUD SANTOS NETO, 2009, p 2).

Assim, com a percepção diferenciada sobre as concepções de mundo, buscando a unidade fundamental do ser e valorizando os diferentes estados ampliados de consciência, a transpessoal se volta para a pesquisa da espiritualidade para a conquista da saúde e do bem-estar.

Conforme Weil (1995), ilustrando alguns dos princípios epistemológicos fundamentais da psicologia Transpesssoal:

- Existem sistemas energéticos inacessíveis aos nossos cinco sentidos, mas registráveis por outros sentidos.

- Tudo na natureza se transforma, e a energia que a compõe é eterna.

- A vida começa antes no nascimento e continua depois da morte física.

- A vida mental e espiritual forma um sistema suscetível de se desligar do corpo físico.

- A vida individual é inteiramente integrada e forma um todo com a vida cósmica.

- A evolução obtida durante a existência individual continua depois da morte física.

- A consciência é energia, que é vida, no sentido mais amplo: não apenas a vida biológica, física, mas também a da natureza, do Espírito, a vida-energia, infinita nas suas mais diferentes expressões.

Portanto, segundo o autor acima citado, a abordagem transpessoal é também transdisciplinar, se espraia por áreas distintas, com aplicação para além da psicologia, a saber:

 ISBN 978-85-60036-18-9

- Por educação transpessoal compreendemos o conjunto dos métodos que permitem descobrir ou revelar o transpessoal dentro do ser humano;

- Por psicoterapia transpessoal entendemos o conjunto de métodos de tratamento das neuroses pelo despertar do transpessoal e das psicoses pela exteriorização do transpessoal semipotencializado;

- Por terapia transpessoal designamos o conjunto de métodos de restabelecimento da saúde pela progressiva redução da ilusão da existência de um "eu" separado do mundo.

A abordagem transpessoal integra as diversas teorias psicológicas como uma Bricolagem, aberta para incluir as contribuições dos múltiplos enfoques da consciência representados por distintos ramos do conhecimento, como a Neurologia, Antropologia, a Filosofia Oriental, a Mitologia, a Religião. Como no dizer de Morin (2003, p. 36):

> caminhar sem um caminho, fazer o caminho enquanto se caminha. [...] O método só pode se construir durante a pesquisa; ele só pode emanar e se formular depois, no momento em que o termo transforma-se em um novo ponto de partida, desta vez, dotado de método.

Considerando que a psicologia transpessoal acolhe e integra elementos tanto da ciência quanto da espiritualidade, respeitando as práticas espírita, budista, xamânica ou tibetana, etc. integrando e respeitando as crenças particulares de cada indivíduo, vale salientar que:

> a Psicologia Transpesssoal é uma disciplina que integra a ciência e espiritualidade, filosofia oriental e pragmatismo ocidental, antiga sabedoria e ciência moderna. Mas para sermos hábeis para fazer isso, temos que diferenciar claramente espiritualidade de religião e ciência de cientificismo (WILBER APUD SIMÃO, 2001, p. 515).

Por conseguinte, essa abordagem delimita e distingue a experiência transpessoal, pois essa se baseia na espiritualidade da psicologia propriamente dita, conforme Simão (2001, p. 514):

> a espiritualidade está baseada em experiências diretas de dimensões e aspectos incomuns da realidade. Ela não requer um lugar especial ou uma pessoa designada oficialmente para mediar contato com o divino. Os místicos não necessitam igrejas ou templos. O contexto no qual eles experienciam a dimensão sagrada da realidade, incluindo sua própria divindade, são os seus corpos e a natureza. E ao invés de ordenar padres, eles necessitam de um grupo de apoio de colegas buscadores ou a orientação de um professor, que está mais avançado na jornada interna do que estão eles próprios. A espiritualidade envolve um tipo especial de relacionamento entre o indivíduo o cosmos e é, em essência, um caso privativo e pessoal.

Podemos considerar que a Psicologia Transpessoal estuda os fenômenos humanos, tendo em seu arcabouço técnicas projetivas e regressivas, utiliza-se por vezes do viés da espiritualidade.

> a negação dessa dimensão espiritual no indivíduo impede a manifestação dos valores positivos necessários e gera pessoas de mentes restritas em suas possibilidades. Essa dimensão superior não está na consciência de vigília, mas sim

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> no inconsciente. Resgatar a dimensão superior do inconsciente e promover sua expressão é, segundo Maslow, uma das tarefas essenciais da Psicologia nas distintas áreas de atuação (MASLOW APUD SALDANHA, 1999).

Nessa perspectiva, o conceito de corpo é contextualizado em sua subjetividade, ou seja, a corporeidade, assim compreendidos:

> o sentir expressa-se de todas as formas em nosso corpo: no ritmo de nossa respiração, nos nossos passos, na nossa postura, na contração ou descontração dos nossos músculos, no tônus muscular [...]. O corpo expressa não somente nossa história individual, mas a história acumulada de uma sociedade, que nele imprimiu seus códigos. [...] Estando atentos que a comunicação corporal é anterior a qualquer entendimento verbal [...] e a própria palavra é também corporeidade.[...] No movimento corporal há uma analogia com a linguagem. Como na linguagem, no movimento corporal o inteligível e o sensível se unem na produção do sentido.[...] O corpo que sente, ao mesmo tempo que estrutura a percepção e se move.[...] O pensar assentase sobre essa experiência, em que o [ser humano] se abre para o mundo (GONÇALVES, 2005, p. 152).

Acolhendo a crença particular, sendo interlocutora desses processos, porém não enfatizando a religião enquanto institucionalizada por normas e rituais, mas sim, nos fenômenos experienciais, os valores humanistas e transcendentes à abordagem transpessoal compreendem o homem enquanto ser integral e o corpo enquanto corporificação da consciência, multidimensionalidade humana, portanto pleiteado em suas diferenças emocionais, psíquicas, sociais e espirituais, ancoradas em suas dimensões imanentes e transcendentes.

REFERÊNCIAS

ACHTERBERG, J. A. **A Imaginação na Cura.** São Paulo: Summus, 1996.

GONÇALVES, Clézio José dos Santos**. A corporeidade humana e enação: implicações desta hipótese em educação.** Revista Corpo em Movimento Canoas, v. 1, n. 1, p. 137-154, out. 2003.

LUZ, Madel T. **Natural, racional, social; razão médica e racionalidade científica moderna.** Rio de Janeiro: Campus, 1988.

MORIN, Edgar. **O Paradigma Perdido: a natureza humana**. Portugal: Publicações Europa-América,1973.

_____. **O Método 3. O conhecimento do conhecimento**. Tradução de Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Editora Sulina, 1999.

_____. **O Método 4. As idéias - habitat, vida, costumes, organização**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2001.

_____. **O Método 5. A humanidade da humanidade**. Porto Alegre: Ed. Sulina, 2002.

_____. **Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro**. São Paulo: Cortez, 2001.

PARKER, C. **Religião Popular e Modernização Capitalista**: Uma lógica na América Latina. Petrópolis: Editora Vozes,1996.

WEIL, Pierre. **As Fronteiras da Evolução e da Morte**. Vozes: Petrópolis, 1990.

SALDANHA, Vera. **A psicoterapia transpessoal**. Rio de Janeiro: Record: Rosa dos tempos,1999.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

SIMÃO, M. J. Psicologia Transpessoal e a Espiritualidade. O Mundo da Saúde, Revista v 4, São Paulo, 2010.

SANTOS NETO, Elydio dos**. Construção (auto)biográfica e formação de educadores: um olhar desde uma perspectiva transpessoal**. Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 95-114, ago./dez. 2009.

SAYD, J. D. **Mediar, Medicar, Remediar: Aspecto da Terapêutica na Medicina Ocidental.** Rio de janeiro: Editora da Universidade Estadual do Rio de Janeiro. 1998.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

O DRAGÃO CHINÊS: COMPOSIÇÕES DA DANÇA NA EDUCAÇÃO FÍSICA

Emanuelle Justino Dos Santos
Especialista em Educação Infantil - NEI / UFRN

RESUMO: O estudo discute sobre a possibilidade de tecer diálogos entre os temas dança, crianças e educação física na Educação Infantil. Nesse sentido, considera a dimensão lúdica das crianças na escola infantil, articulada à dimensão estética do ensino de dança na Educação Física. Objetiva relatar a experiência corporal de ensino de dança no estágio supervisionado. Adotamos como metodologia a descrição da narrativa fenomenológica sobre a experiência pedagógica, vivenciada no NEI/UFRN, em aulas de dança na Educação Física experimentada com crianças de turma mista, com idades entre seis e oito anos. Em doze aulas, sistematizamos os saberes da dança embasados na referência da coreologia proposta por Laban. Experimentamos, apreciamos, improvisamos e compomos nossa Dança do Dragão de maneira alegre, bela e democrática com as crianças. Concluímos que a experiência possibilitou uma maior identificação de ser professora, bem como propiciou o compartilhar de uma experiência estética que envolveu as crianças, os professores, os funcionários e os familiares que apreciaram o produto coreográfico apresentado ao final dos encontros. A vivência com a dança na escola permitiu também que as crianças desenvolvessem suas capacidades motoras e criativas, articulando e aprofundando saberes da Educação Física, da Educação Infantil e da Dança.

Palavras-chave: Dança; Criança; Educação Física.

1. APRESENTAÇÃO

A dança é uma linguagem do corpo que suscita o movimento na sua forma estética e sensível, colorindo o existir do mundo, bem como transfigurando o real através de gestos simbólicos e comunicativos do corpo no espaço-tempo da cultura de movimento (TIBÚRCIO, 2004; 2006). Logo não se pode mais negar a dança na Educação Física nem desconsiderar a presença do corpo como um rico saber escolar. O trato com a dança não deve continuar num formato destoante, restringindo-se às finalidades extracurriculares, decorativas e/ou recreativas na escola, o que aponta a necessidade de ampliar essas discussões.

Nosso estudo foca uma reflexão sobre o ensino da dança no âmbito da Educação Física na Educação Infantil. A principal motivação foi o estágio supervisionado, que se constituiu numa fase importante da graduação em Educação Física. Com isso buscamos: discutir a relação existente entre os temas: dança, crianças e Educação Física escolar; e narrar a experiência pedagógica no Núcleo de Educação da Infância - NEI/UFRN. Para nortear esses objetivos, elencamos algumas questões: Como podemos refletir sobre a experiência de ensino da dança nas aulas de Educação Física na infância? Como podemos considerar o estágio supervisionado de Educação Física na Educação Infantil?

Adotamos como metodologia a narração da vivência de ensino de dança nas aulas de Educação Física no NEI/UFRN. Segundo Dutra (2002), o ato de narrar é uma estratégia de pesquisa fenomenológica por (re)constituir através da linguagem as experiências afetivas do pesquisador, que ao serem reveladas ao leitor somam-se a suas vivências de retornar e de ser-estar no/com o mundo. Na fundamentação teórica, destacamos: Marques (2001; 2007), Laban (1990), Merleau-Ponty (2006) e Hildebrandt-Stramann (2005).

2. ENCENAÇÕES NO NÚCLEO DE EDUCAÇÃO DA INFÂNCIA

O processo de ensino de dança aconteceu no primeiro semestre de 2008, através da atividade curricular do estágio supervisionado. O estágio é um processo inicial de formação profissional e proporciona um rico espaço de pesquisa, intervenção, diálogo e (re)elaboração

 ISBN 978-85-60036-18-9

dos tratos pedagógicos do corpo e da cultura de movimento na Educação Física. Temos o compromisso de assumir uma postura ética no trato com o corpo na escola, tanto com nós mesmos quanto com os nossos educandos (GONÇALVES, 1994).

O estágio foi realizado no NEI/UFRN. Essa unidade suplementar da Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN articula ensino, pesquisa e extensão, atendendo as crianças entre dois e dez anos de idade da Educação Infantil e das séries iniciais do Ensino Fundamental. A escola educa e cuida de filhos de pessoas que possuem ou não algum vínculo com a UFRN. As crianças estão inseridas numa dinâmica pedagógica que constrói vários saberes e práticas culturais diversas (COLEÇÃO FAÇA E CONTE, 2006).

As mediações do NEI/UFRN partem dos interesses, condições sociais, lógicas e ações das crianças num processo de ensino integrado. A escola efetiva uma aprendizagem construída e interdependente entre seus atores. Ela busca capacitar as crianças a construírem seus próprios saberes na interação com o outro e com o mundo (MERLEAU-PONTY, 2006). As interações ocorrem com as sistematizações dos estudos em cada turma, tendo um planejamento flexível, viabilizando maior independência infantil.

Fui destinada a acompanhar o trabalho da turma cinco, que corresponde ao 1º ano do Ensino Fundamental. Era composta por dezenove crianças com idade entre seis e oito anos, que eram filhas de pessoas com vínculo institucional universitário, e duas professoras, uma com contrato provisório e outra efetiva.

No Projeto Político Pedagógico – PPP da escola, a Educação Física é uma das disciplinas que contemplam os seguintes conteúdos: jogos, esportes, ginásticas e atividades rítmicas. A dança é vista como uma atividade rítmica, podendo ter diferentes músicas, que podem explorar a combinação de ações coreográficas simples, reconhecendo os adereços, instrumentos e passos. “A dança é uma das manifestações da cultura corporal dos diferentes grupos sociais que está intimamente associada ao desenvolvimento das capacidades expressivas das crianças” (BRASIL, 1998, p.30).

No planejamento, foi revelado que a turma estava concluindo os estudos sobre o tema “livro”. Vimos que as crianças estavam interessadas em estudar a China, porque descobriram que a fabricação do papel surgiu nesse país. Outra prova desse interesse já havia acontecido quando vimos uma das crianças brincando de chinês. Esses foram alguns dos sinais de curiosidade infantil.

Realizamos leituras que abordaram os conteúdos e objetivos dos diversos saberes relativos à China. Com a revista Nova Escola, nós lemos alguns de seus trechos desse tema e identificamos que poderíamos contemplar a cultura, a escrita, o cálculo, a religião e, inclusive, o fato de, naquele ano, Pequim ser a cidade que iria sediar os jogos olímpicos mundiais.

No estágio supervisionado, acompanhamos a rotina de estudos das crianças do NEI/UFRN. Em dois meses, vivenciamos o ensino de dança na Educação Infantil. Foram doze aulas nos dias de sexta-feira. As aulas se constituíram nas seguintes etapas: roda de conversa, vivência e conversa final. Para Santos (2005), o estágio deve estar aberto a novas experimentações, interpretações e (re)significações da Educação Física. Ligando-se às regras do PPP, as práticas pedagógicas devem estar ligadas aos sujeitos envolvidos, produzindo novos saberes de Educação Física escolar. Nesse caso, organizei um projeto articulado às festividades e danças da China.

3. A CULTURA DE MOVIMENTO CHINESA

A China tem mais de quatro mil anos. Ela está situada na Ásia e tem por capital a cidade de Pequim. O país tem dimensões colossais nos aspectos geográfico, econômico e populacional. Ele é marcado por várias contradições, pois é um lugar que tem o maior número de internautas do mundo e, ao mesmo tempo, vive a prática de censuras. Por ser muito populoso, as famílias podem ter apenas um filho. Há muitas indústrias de brinquedos e celulares. Para se deslocar, as pessoas usam mais carros do que bicicletas. Antes, os chineses valorizavam o coletivismo,

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

entretanto hoje, valorizam o consumismo ocidental. Esse povo tem uma das culturas mais surpreendentes do mundo atual (GALVÊAS, 2007).

O autor supracitado afirma que os chineses inventaram o sorvete, os fogos de artifício, as pipas, a seda, a porcelana, o ioiô, a cerveja, o espelho, o guarda-chuva, o fósforo, o relógio, o jogo de xadrez, o ferro, o bronze, o aço, a álgebra, as pontes suspensas, os canais navegáveis, a energia hidráulica, a plantação de arroz, trigo e milho, os sinos, tambores e timbres. Também foram eles que fabricaram o papel no século II a.C. “Em decorrência, lá surgiram os primeiros livros e o papel-moeda, em fins do século VIII, somente adotado no Ocidente 500 anos depois” (GALVÊAS, 2007, p. 42).

A China apresenta um rico histórico de práticas corporais, que revela a existência de artes marciais, práticas esportivas e exercícios de condicionamento. Há muito tempo, já existiam os esportes do arco e flecha e da caça de raposas, veados e marmotas. Esses esportes eram praticados em quase todo o ano, exceto no verão, e complementavam a educação do povo, junto com a escrita, a carruagem, a música e as etiquetas cerimoniais (SCHAFER, 1973).

O país das lutas *kung fu* e *thai chi chuan* apresenta esportes de desempenho e entretenimento, como a esgrima, desde os anos de 770 a 221 a.C. O futebol tem raízes no *cuju*, que, ao lado da ginástica denominada *baixi*, teve origem nos anos de 206 a 220 a.C. Também apresenta a automassagem e um dos maiores legados das artes marciais: o *wushu*. E a dança entre os anos de 960 a 1279 a.C. Há séculos, a China já apresentava momentos coletivos de orgias alimentares e alcoólicas, além de excessivas, exóticas e caras festas, com muitos malabarismos e danças ao som de tambores (SCHAFER, 1973).

4. A DANÇA DO DRAGÃO

A Dança do Dragão integra a cultura de movimento chinesa e apresenta algumas peculiaridades. Essa dança pertence aos festejos da Primavera, na qual se comemora o Ano Novo, uma das festas mais antigas e importantes do país. Durante os meses de janeiro e fevereiro, ela é realizada para afastar maus espíritos e chamar riqueza e prosperidade (POLLONI, 2008). O referido autor afirma que o termo *dragão* é um substantivo masculino, originário da palavra grega *drakon*, significando *serpente*. Na China, o que prevalece é o sentido simbólico do dragão, que representava o princípio do *yang*.

O dragão é formado por muitos animais: corpo de serpente, barriga de sapo, e a cabeça, em forma de camelo, tem diferentes partes: chifres de veado, orelhas de touro, olhos de coelho, boca e dentes de tigre. A pérola junto a sua boca é o elemento que lhe dá força. O dragão é envolto por muitas escamas de peixe, tendo patas de tigre e garras de águia, um par de dentes caninos longos. A *bola do dragão*, que fica sempre à frente dele, representa o fogo que sai de sua boca (APOLLONI, 2008).

Essa criatura soberana significa a autoridade imperial da China. O dragão é um símbolo mítico que tem a habilidade de se mover na terra, para voar, além de nadar no mar, mandar nas nuvens, no tempo; e, segundo Schafer (1973), ele simboliza o espírito da chuva, que é um elemento sagrado denominado “guardador das nuvens”.

Assim como festejamos o Boi, aqui no Brasil, tempos de boa colheita no período junino, com nossas danças, comidas típicas e muitos divertimentos, na China, a Dança do Dragão apareceu em festejos que celebravam boa colheita, com pedidos de paz e riqueza. Hoje, ela está no mundo inteiro e virou um espetáculo muito alegre e grandioso.

Desse modo, essa prática corporal se caracterizou num estudo aberto a experiências (HILDEBRANDT-STRAMANN, 2005), havendo seu conhecimento e reconstrução através de aprendizagens lúdicas e afetivas. Esse método dialoga com a coreologia para proporcionar melhor participação, contextualização e compreensão da Dança do Dragão em aulas de Educação Física no NEI/UFRN.

 ISBN 978-85-60036-18-9

O conteúdo da coreologia foi a base para as aulas de dança, facilitando a apreciação da sua estrutura, bem como subsidiou a improvisação e a composição coreográfica. Esse conteúdo é um rico modo de compreender e organizar a dança em si, pois esse saber estuda a lógica do dançar. Enfim, ela é uma análise mais densa da linguagem do movimento (LABAN, 1990; MARQUES, 2001; 2007).

A coreologia é um estudo minucioso do movimento, que envolve a análise do corpo, o estudo do espaço, do som e das suas diferentes dinâmicas. Laban (1990) deixou um válido legado para o ensino de dança, cabendo ao professor abordar o saber da coordenação, esforços e harmonias do movimento. Isso para estimular o acesso aos temas de dança e feitura de combinações e variações básicas de movimento com criatividade, expressividade e harmonia rítmica.

O olhar coreológico pode melhor sistematizar a criação em dança, considerando seus vários repertórios, contextos e diferentes significações e especificidades (PORPINO; TIBÚRCIO, 2005a). Para Marques (2001; 2007), a coreologia é o subtexto que estrutura uma criação fruída e uma compreensão mais acessível e consciente da escrita da dança na escola.

5. A DANÇA NAS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA NO NEI/UFRN

No primeiro encontro, realizamos uma improvisação no pátio da escola. Após uma breve conversa, dançamos ao ritmo de músicas orientais, imitando vários animais já conhecidos pelas crianças. Os corpos infantis tiveram a oportunidade de vivenciar sua individualidade, realizando diversos movimentos com fluência livre.

Atendendo aos pedidos da professora estagiária, as crianças dançaram como macaco, tigre, pássaro, cavalo, galinha e sapo, no ritmo da música. Para Tibúrcio (2004), a pulsação rítmica permitiu a sincronia das crianças com ações e sons de animais pelo pátio, numa disposição corporal engraçada e envolvente.

Segundo Maraun (2006), houve diálogo entre as crianças, o conteúdo proposto e o meio ambiente social, estando aberta às experiências que se fundiram na disposição corporal em solucionar os problemas motrizes. As crianças viajaram no mundo simbólico do dançar, ao vivenciar tais ações. Então é válido que as improvisações partam de situações concretas do cotidiano.

Para Pronsato (2003), a improvisação permite um espaço de desfiguração e *quebra* de movimentos prontos, proporcionando descobertas e percepções das atitudes cênicas no corpo, disponível para essa vivência. Segundo Barreto (2004), os corpos entram num mundo de sentimentos, pensamentos e ações, colocando-se diante de sua existência no dançar.

Na outra sexta, iniciamos o estudo coreológico com a apreciação do vídeo das danças do dragão e do leão. Identificamos os movimentos dos dançarinos, o figurino, o espaço e a música. O diálogo aconteceu com vários comentários e perguntas da professora estagiária com as respostas das crianças. Em especial, nos deleitamos com as imagens percebidas, as cores, os movimentos e o ritmo musical (BRASIL, 2000).

O vídeo possibilita a observação e uma fruição na construção de sentido, de reconhecimento e de identificação (BRASIL, 1998) das danças chinesas. Segundo Porpino (2006), o sentido de apreciar uma dança está no corpo de quem faz e no do quem a aprecia. As crianças viram muitos movimentos e escolheram a Dança do Dragão, pois perceberam que a outra seria mais difícil para elas.

A outra aula foi baseada na apreciação da Dança do Dragão. Atentamo-nos aos seguintes elementos: música (tempo), passos (movimento), roupa (figurino) e espaço (LABAN, 1990). Na lousa, criamos um *quadro coreológico*: Música – rápida. Passos – tremer, correr, caracol, em cima/embaixo, onda, para um lado e outro, salto, passar por baixo, um de cada vez. Roupa – camisa branca, faixa na cintura e calça preta (dançarinos), escamas, brilho e cores laranja, amarelo, vermelho e preto (dragão). Espaço – palco grande e fechado.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Esse exercício ajudou o ato de mediar uma melhor apreensão e interpretação infantil sobre as imagens, contextualização e vivência criativa de dança, aguçando as descobertas e ampliando os repertórios de movimento. Enfim, colaborando com a formação de apreciadores que bem entendam os sentidos culturais através de vivências mais sistematizadas de dança na escola (BRASIL, 1998; PORPINO; TIBÚRCIO, 2005a; 2005b). Para atender nossas curiosidades sobre a dança, lemos um livro de contos chineses e também um texto sobre o dragão. Com isso, fizemos a relação com os festejos do carnaval e do período junino, por ser uma dança alegre e bonita.

Em cinco aulas, focamos a criação da dança juntamente com a confecção do dragão. As vivências aconteceram ora na sala de aula, ora no pátio da escola. De início, foi preciso relembrar o que foi visto no vídeo, além de desafiar as crianças para que demonstrassem os passos de dança. Com o auxílio das professoras, todas as crianças participaram das experimentações de movimentos da Dança do Dragão.

O processo de composição em dança partiu de uma nova organização dos elementos já existentes numa outra combinação de movimentos (MAYER, 1998). Devemos dar oportunidade à criança de explorar suas ações, deixando fluir seu próprio ritmo por meio de ações desafiantes. Enfim, é preciso ritmar para dar forma ao gesto, reconhecendo a existência de altos e baixos, tensões e relaxamentos em vários tempos (PICOLLO, 1995).

Para fazer o dragão, as crianças sugeriram os seguintes materiais: papel; papelão; isopor; tintas de cores vermelho, laranja, amarelo e verde; paus; cola; fita adesiva; bexigas; e massinha. A sugestão mais interessante foi esta: “Vamos usar pano com sombrinhas embaixo e segurar no cabo para fazer o corpo”. Isso referente à chance de usar outros materiais, pensados pelas crianças, estimulando suas vontades de fazer a dança (BRASIL, 1998).

Baseado em fotos de dragões, ficou acordado que a cabeça seria comprida, a boca seria aberta, os dentes pontudos, os olhos redondos e que ele teria chifres, barba e escamas. Conseguimos montar, esculpir e modelar a cabeça. Antes, foi preciso mostrar uma cabeça de boi, feita com bexiga e papel *machê*. Comentamos que “[...] da mesma forma o boi é dançado com alguém dentro dele, como miolo, na do dragão também as pessoas ficam por baixo dele, dando-lhe vida!”.

Usamos a maior parte dos materiais sugeridos pelas crianças. Foram usados muitos papéis, caixas de papelão, jornais e bastante cola para fazer a cabeça com uma boca móvel. Foi necessário visitar a escola em outros horários para terminar a feitura dos olhos, nariz e chifres do dragão, além de elaborar a bola desse personagem. As crianças trouxeram cabos de vassoura para dar sustentação ao dragão. Pintamos a cabeça de cor verde e fizemos as escamas com as cores preta, amarela e vermelha. Colamos os olhos, o nariz, os chifres e cobrimos a cabeça com muito *glitter*. O corpo foi costurado por duas outras professoras, e fixados a anéis de metal – para dar maior sustentação ao corpo. Foram feitos pequenos furos entre os anéis para anexar os cabos ao dragão.

Ensinamos como se fazia cada escama, pedindo a elas que desenhassem um “U”. Cada criança desenhou de seu jeito, tendo certa liberdade do gesto solto de pintar, da exploração do movimento amplo no espaço, havendo uma articulação entre sensações corporais e marcas gráficas (BRASIL, 1998). Já a bola foi feita com um balão gigante e papel laminado de cor vermelha. Isso facilitou a condução do guia.

Também fizemos alguns redimensionamentos para a compreensão de que todas as partes do dragão (cabeça, bola e corpo) são importantes para que haja a dança em si. Aprendemos que o corpo se liga à cabeça e é onde se faz o movimento de onda. A cabeça podia ser grande e chegar a pesar 3 kg e não 14 kg; e o comprimento teria 12 m e não 75 m, como o que foi observado no vídeo. Medimos o tamanho com fita métrica, barbante e a distância dos braços entre as crianças. Elas escolheram entre si quem seria o guia do dragão.

Segundo Fiamoncini e Saraiva (2006), essa composição coreográfica e cênica se configurou em outras aprendizagens, descobertas e ações de/para toda/os. Além disso, fizemos cada passo na contagem frasal de quatro tempos. Vivenciamos os seguintes passos: em cima/

 ISBN 978-85-60036-18-9

embaixo, parar e tremer, correr, onda, saltar, caracol, tremendo e onda. Nessa composição é importante se atentar aos aspectos expressivos, inventivos e técnicos dos gestos, para favorecer um modo único de o corpo dançar (TIBÚRCIO, 2006).

Ensaiamos a coreografia em quinze minutos, relembrando os passos da dança. Percebeu-se que as crianças dançaram com maior entusiasmo, num envolvimento não menos ou mais significativo que as outras vezes, mas sim diferente por dançar com o dragão! Incorporamos a Dança do Dragão com muita alegria e prazer do movimento. Depois, fizemos um cartaz para convidar as pessoas da escola para assistir a nossa dança. Foi especialmente nesse momento que vivenciamos o prazer de condensar os sentidos corporais e simbólicos da arte de dançar, entrando em sintonia uns com os outros, acompanhando o ritmo rápido da música, dando vida ao dragão.

No último dia, já maquiados de chinesas/es, ensaiamos a dança antes da apresentação da Dança do Dragão. As professoras relembraram os passos com as crianças. Apresentamos de modo alegre, belo e com muita desenvoltura corporal. Vivenciamos a beleza de dançar o dragão. Os corpos das crianças pulsavam de alegria, expressando sentidos estéticos, dinâmicos, multifacetados (PORPINO, 2006) existindo para além da cultura chinesa, especialmente nesse dia, porque mostramos a riqueza dessa dança a outras pessoas.

No final, falamos o resumo do que aprendemos sobre a Dança do Dragão. O público aprovou com muita vibração. A apresentação foi uma experiência importante para vivenciar o prazer de dançar, bem como compartilhar esse saber estético-expressivo com os outros professores, funcionários, familiares e as outras crianças da escola, dando outros sentidos ao vivido a partir da experiência estética propiciada pelo fazer e/ou apreciar essa dança (PORPINO; TIBÚRCIO, 2005a). Enfim, isso permitiu ao corpo desenvolver suas capacidades motoras e criativas, além da expressão de emoções e a partilha de nossa coreografia.

6. CENAS FINAIS

O ensino de Dança do Dragão se constitui num rico documento de intervenção docente e aprendizagem acadêmica, que foi fundamental não apenas para a elaboração do trabalho de conclusão de curso ou mesmo para registros obrigatórios de estágio, mas também serviu como uma valiosa reflexão sobre nossa responsabilidade com a educação das crianças, o ensino de dança e da própria graduação em Educação Física.

Muitos aprendizados foram adicionados à formação inicial em Educação Física. Foi possível encarnar uma maior identificação de atuação profissional com a dança na Educação Infantil. Com o acesso ao estudo da China, especialmente, à Dança do Dragão, tivemos a chance de vivenciar conteúdos da improvisação, da apreciação e da composição coreográfica, tendo a coreologia como elemento articulador do dançar. Dessa maneira, concretizamos e criamos uma coreografia contextualizada, bela, democrática, lúdica e dialogada.

Na produção do dragão, acessamos tanto os aspectos didáticos da Educação Física quanto os da Arte, dialogando com as linguagens visual, cênica, sonora e plástica. Em suma, o estudo constituiu-se numa parceria entre as especificidades da prática pedagógica com crianças, socializadas com as professoras da escola, com as singularidades do ensino de dança.

Por ser uma dança típica de outro povo, é possível realizar um trabalho pedagógico voltado ao diálogo verbal e corporal cooperativo, que possibilita uma cidadania ligada a uma cultura estrangeira. De acordo com a situação pedagógica relatada, o ensino de dança foi coerente com o estudo sobre a China, porque favoreceu uma ótima percepção corporal das crianças, sendo possível o fenômeno de singularização e arrebatamento fenomenológico.

Entendemos que é necessário realizar novos estudos que teçam outros diálogos com os saberes de Educação Física, de Pedagogia e de Arte, de modo que haja diversos intercâmbios de conhecimentos entre o fazer pedagógico e de pesquisa na escola. Isso numa perspectiva de formação e de atuação profissional ética, reflexiva e atualizada da Educação Infantil.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Perspectivamos criar outras cenas da dança, com novas iluminações, dando novos passos em estudos que ajudem na valorização da Educação Física na Educação Infantil. Assim, a infância tem como uma das características principais a ludicidade e a expressividade simbólica dos corpos infantis. As crianças, geralmente, encontravam-se dispostas a participar das vivências de dança de maneira alegre e envolvente. Isso deve ser considerado nas aulas de Educação Física para além do contexto do NEI/UFRN e do processo de formação inicial.

REFERÊNCIAS

APOLLONI, Rodrigo W. **Fatos sobre o dragão**. Disponível em: <www.shaolincuritiba.com.br/drago.pdf>. Acesso em: 4 mai. 2008.

BRASIL. **Parâmetros curriculares nacionais**: arte. 2. ed. Rio de Janeiro: MEC/SEB, 2000. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/livro

01.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2008.

____. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**, v. 3, Brasília, MEC/SEB, 1998. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volu

me3.pdf>. Acesso em: 15 jun. 2008.

COLEÇÃO FAÇA E CONTE. **Entrelaçando vivências e saberes na educação infantil**. Natal/RN: UFRN/NEI, 2006.

DUTRA, Elza A. **Narrativa como uma técnica de pesquisa fenomenológica**. Est. Psicol. (Natal) v.7, n.2. Natal, jul, 2002. Disponível em: <www.sielo.br/scielo.pdf.?script=sci_arttex&pid=S1413-294x20020002000118&

tlng=ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 27 fev. 2009.

FIAMONCINI, Luciana; SARAIVA, Maria do C. **Dança na escola**: a criação e a co-educação em pauta. In: KUNZ, E. Didática da Educação Física 1. 4. ed. Ijuí: Unijuí, 2006. p. 17-28.

GALVÊAS, Elias C. **China século XXI**: o despertar do dragão. Rio de Janeiro: SENAC, 2007.

GONÇALVES, Maria A. S. **Sentir, pensar e agir**: corporeidade e educação. Campinas/SP: Papirus, 1994.

HILDEBRANDT-STRAMANN, Reiner. **Textos pedagógicos sobre o ensino da educação física**. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005.

LABAN, Rudolf. **Dança educativa moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

MARAUN, Heide-Karen. **Ensino-aprendizagem aberto às experiências: sobre a gênese e estrutura da aprendizagem autodeterminada na educação física**. In: KUNZ, Elenor; TREBELS, Andreas H. (Orgs). Educação física crítico-emancipatória: com uma perspectivada pedagogia alemã do esporte. Ijuí: unijuí, 2006. p. 177-202.

MARQUES, Isabel A. **Ensino de dança hoje**: textos e contextos. São Paulo: Cortez, 2001.

____. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Psicologia e pedagogia da criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

MAYER, Alice M. M. **Um olhar fenomenológico sobre o processo criativo em composição coreográfica na área de dança-educação**. Dissertação de mestrado em artes cênicas. Campinas/SP: UNICAMP, 1998. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=vtls000136513>. Acesso em: 29 jul. 2008.

PICOLLO, Vilma L. N. **Ritmo do movimento na criança**: ver e perceber. In: MOREIRA, Wagner W. (Org.) Corpo pressente. Campinas/SP: Papirus, 1995. p. 23-38.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

PORPINO, Karenine de O. **Dança é educação**: interfaces entre corporeidade e estética. Natal/RN: EDUFRN, 2006.

PORPINO, Karenine de O.; TIBÚRCIO, Larissa K. de O. M. **A dança e seus elementos constitutivos**. In: PONTES, Gilvânia M. D de (Org.). Livro didático 4: o ensino de artes de 5ª a 8ª séries. Natal/RN: PAIDÉIA, 2005a. p.120-133.

____. **Atividades rítmicas e expressivas na educação física**. In: NÓBREGA, Terezinha P. (org). Livro didático 3: o ensino de educação física de 5ª a 8ª séries. Natal/RN: PAIDÉIA, 2005b. p. 62-69.

PRONSATO, Laura. **Composição coreográfica**: uma interseção dos estudos de Rudolf Laban e da improvisação. Dissertação de mestrado em artes cênicas. Campinas/SP: UNICAMP. 2003. Disponível em: http://www.bibliotecad

igital.unicamp.br/document/?code=vtls000317673. Acesso em: 22 ago. 2008.

SANTOS, Alex S. B. dos. **Esclarecimento e emancipação**: desafios da disciplina prática de ensino na Educação Física. In: KUNZ, Elenor. Didática da Educação Física 2. 3. ed. Ijuí: Unijuí, 2005. p. 133-149.

SCHAFER, Edward. H. **China antiga**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1973.

TIBÚRCIO, Larissa K. de O. M. **Refletindo sobre o ensino de dança na escola**. In: Encontro nacional de arte e educação física, 3. 2006, Natal/RN. Anais eletrônicos... Natal, UFRN, 2006. p. 3-11.

_____. **Ritmo e processos de criação**: sonoridades da dança na escola. In: Encontro nacional de arte e educação física, 4. 2004, Natal/RN. Anais... Natal, UFRN, 2004. p. 26-32.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

IMPROVISAÇÃO: A DANÇA COMO EXPERIÊNCIA DO MOVIMENTO

Cibele Ribeiro da Silva
Programa de Pós Graduação em Artes Cênicas - PPGArC / UFRN

RESUMO: A dança, pensada não como coreografia fixa de movimentos codificados, mas como desenho dos movimentos no espaço, pode iniciar uma discussão profícua sobre como a dança contemporânea apreende o mundo e configura suas criações. O objetivo deste estudo é trazer elementos históricos, filosóficos e estéticos para essa discussão, a partir das propostas da dança moderna trazidas por seus pioneiros Isadora Duncan e Rudolf Laban, retomadas e reelaboradas pelo grupo *Judson Dance Theater* na dança pós-moderna. Está baseado em pesquisa bibliográfica e é parte da dissertação em andamento da autora. Pretende trazer contribuições para se pensar e desenvolver uma noção de corpo em transformação ou corpo-devir, discutido na dissertação. Observa o quanto a dança contemporânea abre-se para força vital do movimento provinda do risco e da experimentação de novos campos de investigação, nos quais os novos paradigmas se misturam aos tradicionais, em busca das possibilidades dessa arte do movimento.

Palavras-chave: Dança contemporânea; Improvisação; Arte do movimento.

INTRODUÇÃO

> Quando estás dançando, sê a dança, não seja o bailarino. E vem o instante em que é apenas movimento, quando não há divisão. [...] A fluidez do fenômeno deve estar ali. Só então o acontecimento pode acontecer. (RAJANEESH, 1997, p.57-9)

No intuito de tatear uma definição de dança, trago o pensamento de Bhagwan Shree Rajneesh (Osho), um pensador do zen-budismo e da meditação. Seu pensamento metafórico na frase acima talvez nos ajude a iniciar aqui um pensamento sobre dança. O que significa ao dançar sermos a dança e não tão somente um bailarino? Essa frase traz uma importante ideia de que a dança é maior do que qualquer conceitualização trazida por um indivíduo ou movimento histórico-estético-filosófico da dança. A dança, arte do movimento, relaciona-se com os movimentos e fluxos do universo. A relação da dança se faz abertamente com a cultura humana, mas também com a natureza como um todo, e com a natureza humana, em específico.

A dança pode surgir, assim, de um conhecimento cultural, de técnicas e estéticas incorporadas ao longo da vida num contexto social. Mas pode surgir de uma necessidade interior de movimento, como impulso de vida e como possibilidade de articulação de uma linguagem plenamente corporal e ser diálogo do universo interno, corporal, fisiológico, psicológico com o universo externo, social, cultural, natural.

Desde os tempos mais remotos, a dança identifica-se com o movimento dos animais, das forças da natureza, relaciona-se com a astronomia e com a cosmogonia humana, evoca aspectos sagrados dessas relações. “A dança é então um modo total de viver o mundo: é, a um só tempo, conhecimento, arte e religião.” (Garaudy, 1980, p. 16) Dançar é estar aberto aos estados de concentração corporal evocados pelas relações entre o espaço interno e externo daquele que dança, é ser afetado por eles, na criação de desenhos de movimentos no espaço. Dançar é entregar-se ao movimento, compor com o espaço, é ser a dança em pleno movimento, no momento presente.

Segundo Garaudy (1980, p. 14), a “própria palavra dança, em todas as línguas europeias – danza, dance, tanz – deriva da raiz tan, que em sânscrito significa ‘tensão’”. Dançar é, antes de tudo, estar numa relação de tensão consigo e com o mundo, mas uma tensão sinônima de

 ISBN 978-85-60036-18-9

tônus, de concentração corporal, "movimento em potencial" (Laban, 1980, p. 146). Seguindo esse pensamento etimológico, pensar em improvisação na dança é quase uma redundância, uma metalinguagem. A dança, antes de ser culturalmente considerada sinônimo de coreografia, no seu sentido mais tradicional, ou seja, como uma composição ou sequências de movimentos fixos, pré-estabelecidos ou codificados, feita num planejamento anterior à execução, pode ser conceituada como, do grego *khoreia*, dança, e *graphes*, escrita, desenho, e assim ser percebida como a escrita ou o desenho dos movimentos no espaço.

Encontramos, na contemporaneidade, diferentes formas de se pensar ou perceber a improvisação na dança. Mas, de forma geral, ela é vista sempre como exploração e criação de movimentos. Ela pode estar voltada ao processo pedagógico da dança, seu ensino e experimentação, ao processo de composição e fixação de uma forma coreográfica, ou, ainda, como composição instantânea levada à exibição.

Em muitas danças populares, encontramos matrizes de movimentos codificados, mas que se repetem em ordens aleatórias e cuja ordenação se faz conforme a dança se dá. Ou seja, o sujeito compõe a movimentação geral no momento mesmo em que a dança acontece, mas, nessas danças, encontramos a criação de movimentos dentro de determinada tonicidade anunciada por essa pré-codificação. A espontaneidade do dançarino e sua criatividade lhe permitem improvisar trechos entre as matrizes e compor instantaneamente a coreografia, sem se importar com um desenho fixo da dança, criando esse desenho ao executá-la.

Percebe-se, portanto, que, mesmo nas danças codificadas, a improvisação pode ser utilizada, sendo que ela se dará como uma forma de embaralhar e rearranjar, segundo o artista, as formas pré-determinadas dessa dança. Outro exemplo disso é a criação de uma coreografia, no sentido tradicional, de um balé clássico, na qual se dá a escolha dos movimentos codificados de acordo com o criador, no instante em que improvisa sua dança. Assim, um bailarino a quem for proposto o uso de apenas três movimentos codificados pode organizar a sequência: *chassé*, *relevé*, pirueta, e um segundo poderá propor em sua improvisação a sequência: pirueta, *chassé*, *relevé,* ou mesmo uma sequência composta por outros movimentos codificados. Mas, importante frisar que, nesse caso, apesar de haver improvisação da dança, não há improvisação dos movimentos em si. Essa é a grande diferença quando se fala de improvisação em dança contemporânea – nela, os movimentos não são codificados.

A descodificação dos movimentos

A dança contemporânea recoloca e consolida pressupostos artístico-filosóficos inaugurados pela dança moderna. Um deles é que a dança, considerada a arte do movimento humano, não possui e não pode possuir uma quantidade determinada de movimentos que são conhecidos por seus nomes, porque trata justamente de uma dança que retoma a noção de infinidade de movimentos humanos. Ela é composta daquilo que não tem necessariamente nome, em termos de movimentos. Com isso, essa dança mostra-se parcial ou totalmente desinteressada dos códigos preestabelecidos das danças já existentes.

Essa ideia retoma a pioneira da dança moderna Isadora Duncan (1879-1927), nascida nos Estados Unidos, para quem a "dança não é só a arte que exprime a alma humana através do movimento, mas o fundamento de uma concepção completa de vida, mais livre, mais harmoniosa, mais natural." (DUNCAN, 1996, p. 27). Duncan conta, em sua autobiografia, que quando criança, tinha por costume ir para lugares desertos como a floresta ou a praia e ficar lá a dançar sozinha, descalça e nua. Sentia-se, assim, integrada à natureza e inspirada por seus movimentos. Duncan traz para a dança noções de arte que até então não estavam em discussão, tais como o contato do artista com a natureza e a "naturalidade" dos gestos:

> [...] minha vontade é libertar a arte da dança das distorções inaturais que são produto do balé moderno, e devolver-lhe os movimentos naturais. Vemos em animais, plantas, ondas e ventos a beleza desses movimentos. Todas as coisas da natureza têm formas de movimento correspondentes ao seu ser

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> mais íntimo. O homem primitivo ainda tem esses movimentos, e começando desse ponto temos de tentar criar belos movimentos significativos da cultura humana – movimentos que, sem rejeitar as leis da gravidade, se ponham em harmonia com o movimento do universo. (DUNCAN, 1996, p. 29)

Para Duncan, sua ideia de "inatural" é uma dançarina não conseguir executar movimentos rítmicos e espiralados, inspirados na natureza, por estar com a respiração presa em espartilhos, e os pés confinados às sapatilhas de ponta, cuja finalidade seria restringir a execução dos movimentos humanos às formas geométricas baseadas em linhas e que terminam nas extremidades do corpo. Defensora da liberdade e dos direitos da mulher, Duncan foca suas críticas na imposição dos costumes ao corpo feminino na dança. Um corpo que se desdobra em desprender-se de si, tal como se dá a exigência da verticalidade do balé, nos seus saltos virtuosísticos, na "bailarina aérea que mal toca o solo, que é arrebatada dele como um acrobata e que, afinal, voa, era, evidentemente, a imagem do espiritual" (GARAUDY, 1980, p. 36). Em contraponto:

> Duncan dança descalça, enverga uma túnica larga de inspiração grega e institui um vocabulário baseado em movimentos elementares do corpo humanos como andar, correr, saltar, que se configuram num traçado espacial que tem por centro as linhas em onda e numa qualidade de movimento fluida, contrariando as linhas direitas, os ângulos e as poses da dança clássica. (FAZENDA, 1996, p. 142)

Filosoficamente, tudo o que queriam os frequentadores das cortes do século XV e XVI e, consequentemente, os idealizadores do balé clássico, era estar longe da natureza, vista como inferior ao ser humano e passível de ser subjugada. No século XVII, Francis Bacon, considerado o fundador da ciência moderna, vai reafirmar a cisão entre o ser humano e a natureza, ao dizer que a ciência deve conhecer, dominar e controlar a natureza, a qual deve ser reduzida à obediência e obrigada a servir o ser humano. O homem moderno deve extrair da natureza, mesmo que sob tortura, todos os seus segredos. (DUARTE JR, J. F., 2001, p. 45)

Nessa separação da natureza, o ser humano termina por inventar um corpo repelido, que deve ser diafanizado pela cultura através das artes, da religião, da educação e das práticas das "boas maneiras". "O corpo aparece no pensamento do século XVII como parte menos humana do homem", afirma David Le Breton (1990, p. 110). O autor observa ainda que:

> O divórcio do corpo no seio do mundo ocidental remete historicamente a cisão entre a cultura erudita e a poeira das culturas populares, de tipo comunitário. O apagamento ritualizado do corpo, tão típico da Modernidade, encontra aí suas fontes. Desvalorizado no âmbito das camadas sociais privilegiadas dos séculos XVI e XVII, o corpo permanece em seu lugar central, pivô do enraizamento do homem no tecido do mundo, para as camadas populares. Duas visões do corpo se polarizam então, uma que o deprecia, distancia e acarreta sua caracterização enquanto, de certa forma, diferente do homem que ele encarna; trata-se então de ter um corpo; e a outra, que mantém a identidade de substância entre o homem e seu corpo: trata-se de ser seu corpo." (LE BRETON, 1990, p. 94)

Le Breton examina, dessa forma, a cisão entre o saber tradicional, que passa a estar associado às camadas populares, e o conhecimento científico e erudito, que passa a ser relacionado com as camadas dominantes. Aponto que essa divisão é semelhante à encontrada por Duarte Jr., sobre o saber sensível, cujas habilidades em relação ao viver cotidiano estão

 ISBN 978-85-60036-18-9

em relação entre si e incorporadas a ele, do conhecimento como posse de algumas habilidades específicas, limitadas à esfera mental de abstração. (DUARTE JR, 2001)

Provinda das camadas populares, Duncan dança, desde sua infância, sem haver registros de ter passado por qualquer escola formal. Orienta-se por um saber sensível sobre o corpo e para uma noção de movimento natural humano:

> Pense em tudo o que você aprendeu na vida [...], e diga-me quais as coisas que aprendeu melhor – as que leu em livros, ou as que experimentou e viveu? (DUNCAN, 1996, p. 38)

Para Duncan, a natureza é a grande fonte da arte. A pioneira experimenta suas ideias sobre movimento e dança através das suas mais de duzentas composições e de suas alunas nas diversas escolas que fundou pela Europa. Sua intenção é aproximar sua proposta de dança da natureza e da vida:

> Para mim, dança não é só a arte que exprime a alma humana através do movimento, mas o fundamento de uma concepção completa de vida, mais livre, mais harmoniosa, mais natural. Dançar é viver. O que desejo é uma escola de vida. (DUNCAN, 1996, p. 27)

Rebelando-se contra o que denomina “artificialismo”, sapatilhas, espartilhos, virtuosismo técnicos, Duncan promove uma noção de corpo cujos atributos seriam a espontaneidade e a expressão das emoções:

> (Na minha dança) os artifícios da dança são deixados de lado, os grandes ritmos da vida conseguem aparecer [...], as profundezas da consciência recebem um canal para a luz do nosso dia. Essas profundezas da consciência estão em todos nós.[...] (DUNCAN, 1996, p. 49)

Através dessa vertente de pensamento, essa dançarina vai incitar uma dança que parte de três princípios fundamentais, como afirma FAZENDA: a origem do movimento é o centro do corpo, especificamente o plexo solar; o corpo e seus movimentos estão sujeitos às leis da gravidade; o movimento deve corresponder à naturalidade do próprio corpo e da natureza:

> Todo o movimento sobre a Terra é dado pela lei da gravidade, composta de atracção e repulsão, resistência e não-resistência: é isso que compõe o ritmo da dança [...] O grande e único princípio em que creio poder basear-me é o da unidade constante, absoluta, universal, da forma e do movimento; unidade rítmica que se encontra em todas as manifestações da natureza; as águas, os ventos, os vegetais, os seres vivos, as partes íntimas das próprias matérias, obedecem a este ritmo soberano, cuja linha característica é a ondulação. (DUNCAN, citada por FAZENDA, 1996, p. 142)

Fazenda observa, porém, que a noção de “Naturalizar o corpo não o devolve à natureza, atribui-lhe uma (outra) identidade” (1996, p. 149). Uma vez que a naturalidade exigida por Duncan é suscetível de ser ensinada e transmitida como técnica corporal, constituindo um modelo culturalmente estabelecido a partir de práticas, valores e ações incorporadas, ele se distingue do corpo natural como biológico para se tornar uma convenção do que é ser natural. Mas essa convenção de naturalidade e esse modelo de dança, a partir de Duncan, passaram a ser sinônimo de movimentos livres e não codificados, um corpo como meio e expressão da vida e da alma, o que vai marcar todo um período denominado dança moderna.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Para o artista, pensador e educador húngaro Rudolf Laban (1879-1958), também um dos pioneiros da dança moderna, “Isadora Duncan contribui consideravelmente para a tendência do homem moderno de superar sua timidez, manifestada ao ocultar o corpo”, desperta o sentido de poesia no movimento desse homem, e o sentido lírico na dança, em oposição à dramaticidade do balé. Duncan estava “convencida que a liberação do movimento das mordaças próprias dos hábitos tradicionais” só poderia se dar através da retomada das formas primordiais e sagradas de dança; com isso libertou os corpos dos bailarinos modernos e demonstrou que o “fluxo do movimento tem um princípio ordenador que não se pode explicar mediante os costumeiros fundamentos racionalistas.” (LABAN, 1990, p. 12-13)

A abordagem labaniana da dança “procura integrar o conhecimento intelectual com a habilidade criativa, um objetivo importante em qualquer forma de educação” (LABAN, 1990, p. 19) e tem como principal interesse ensinar “a viver, mover-se, expressar-se no ambiente que rege sua vida” (Ibidem, p. 28). Ou seja, novamente a naturalidade da dança é invocada, agora por Laban, associando sua harmonia à da própria vida:

> É impossível, realmente, abranger em seu conjunto o fluxo do movimento humano, estudar as variações quase infinitas dos passos e postura do corpo, da mesma maneira que se pode fazer com o número restrito de movimentos utilizados nas formas estilizadas de dança. Em vez de estudar cada movimento particular, pode-se compreender e praticar o princípio do movimento. Este enfoque da matéria dança implica uma nova concepção desta: o movimento e seus elementos. (LABAN, 1990, p. 16)

Para esse artista e pensador do movimento, a aprendizagem da dança deve basear-se em movimentos “instintivos”, como os do bebê ao mover-se. “No princípio, ele não imita, apenas reage aos estímulos” (Ibidem, p. 26). Só mais tarde, o impulso de imitar será natural. Congregando habilidade artística e conhecimento intelectual, o estudante labaniano de dança passa pela experimentação, exame e exercício de diversos elementos do movimento, criando sua forma de dançar. A esse importante procedimento artístico-pedagógico chamamos hoje de improvisação em dança. A improvisação é a liberdade de experimentar e pesquisar os movimentos, sem intenção de fixá-los numa repetição. Nela, temos como ponto de partida e finalidade a exploração que visa à ampliação do repertório corporal e ao conhecimento do corpo e de si.

Laban será um dos primeiros artistas e estudiosos a sistematizar essa nova forma de pensar, fazer e ensinar a dança, inicialmente denominada “dança livre” – e que só depois passou a ser designada dança moderna. Laban, assim como Duncan, interessou-se pela maneira como os movimentos executados repetidamente têm o poder de influenciar as atitudes do ser humano em sua vida e criar estados mentais. Por isso debruçou-se nas questões da educação do movimento, numa tentativa de compensar e equilibrar o homem moderno e, principalmente, trabalhador industrial. Laban reivindicou para a dança um papel de arte básica, a arte do movimento:

> A arte do movimento se utiliza no palco, no balé, na pantomima, no teatro e em qualquer outro tipo de atuação, incluindo o cinematográfico. Todas as formas de dança social, bailes campestres ou de salão e outros constituem parte da arte do movimento, assim como um grande número de jogos, mascarados e muitas outras diversões.
>
> A arte do movimento está presente em todas as cerimônias e rituais e é parte das qualidades do orador em qualquer tipo de oratória e ato público. Nossa conduta diária é regida por certos aspectos da arte do movimento e o mesmo ocorre com a grande parte do comportamento e da atividade das crianças na escola. (Ibidem, p. 15).

ISBN 978-85-60036-18-9

Nessa perspectiva, esse artista e educador reitera a importância já instaurada por Duncan, de uma educação de dança e do movimento para a vida, seja de um artista da cena, seja para um sujeito que não é profissional das artes. Laban será um dos grandes defensores da integração da dança no currículo escolar, como o faz em sua obra "Dança Educativa Moderna" (1990), assim como reforça a importância dessa arte no aprendizado técnico de todos os artistas em "Domínio do Movimento" (1978). A capacidade, a possibilidade e a vantagem do treinamento do movimento, nas palavras de Laban:

> é manifestação das mais importantes e talvez mesmo a própria fonte da possibilidade da educação do movimento, o que é da mais capital importância não somente para o ator-bailarino, como também para o desenvolvimento pessoal de todo indivíduo. (LABAN, 1978, p.39)

Laban admite como prioritário o interesse do artista da cena no estudo e desenvolvimento da sua movimentação pessoal e incentiva empenho dele, uma vez que seu trabalho depende de como utiliza sua movimentação: "O artista de palco tem que exibir movimentos que caracterizem a conduta, o crescimento de uma personalidade humana, numa variedade de situações em mudança." (LABAN, 1978, p.143)

No entanto, a dança moderna vai, pouco a pouco, reabsorvendo ideais estéticos e filosóficos do balé clássico e passa a ficar muito parecida com este, nos seus aspectos técnicos e estéticos, a ponto de se desvencilhar da noção de liberdade criativa de movimentos. Como afirma Lehmann (2007, p. 38), "dizendo, com exagero, segue o lema de que o teatro de maior sucesso do século XX é o teatro do século XIX". Ainda que a dança moderna surja com impacto e efervescência em vários pontos da América e da Europa, transformando a concepção de dança, o balé clássico continua a ser, para muitos, sinônimo de dança e tem raízes largas e profundas no imaginário cultural. Muitos dos artistas da segunda e terceira geração da dança moderna vão se apropriar das inovações dos pioneiros, mas retomar a antiga técnica do balé clássico, já consagrada, trazendo com ela diversos aspectos estéticos dela indissociáveis. Diferentemente dos pioneiros, em meados do século XX, os artistas da dança moderna são considerados bem tradicionais:

> Paradoxalmente, estes novos coreógrafos são menos hostis que seus predecessores à dança clássica: evidentemente não voltam às pontas nem às fórmulas mitológicas, mas sua orientação não lhes inspira a mesma cólera contra o movimento executado por ele mesmo, independentemente de qualquer ligação com a vida. [...] A dança moderna, no começo do século é a primeira negação do balé clássico. Em meados do século aparece como negação da negação. (GARAUDY, 1973, p. 137)

Será exatamente na vivência desse contexto de inovação e tradição que serão retomados, ainda que metamorfoseados, os pressupostos dos pioneiros da dança moderna pelo grupo Judson Dance Theater (Estados Unidos, 1962-1964). Apontado pela historiadora da dança Sally Banes (1999) como marco inicial de um novo paradigma na dança, o da dança pós-moderna, cujas características serão em grande parte absorvidas pela dança contemporânea, esse grupo de artistas vai recolocar noções da dança moderna e avançar as discussões filosóficas, técnicas e estéticas no universo da dança. Segundo o relato de Banes, o primeiro concerto de dança do Judson incluía:

> danças feitas com técnicas aleatórias, indeterminação, jogos de poder, tarefas, improvisação, determinação espontânea e outros métodos (como de tentos e turbulências): todos eles minam deliberadamente a narrativa ou os significados emocionais da dança moderna padrão. [...] algumas [danças] das quais

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> apresentadas em silêncio [...]. O estilo de movimento ia desde a escala dos gestos cotidianos até o movimento cunnighanesco para citações de balé. (BANES, 1999, p. 95).

Banes aponta que uma crítica de dança do jornal local, Village Voice, "intitulou de 'Democracia' sua resenha do primeiro concerto e profetizou – corretamente – que este grupo galvanizaria um renascimento da dança moderna, o primeiro em vinte anos." (BANES, 1999, p. 96) Nesse momento de volta às tradições e convenções na dança, interessa aos artistas do Judson negar completamente o padrão anterior. E isso é feito, de acordo com SILVA (2005), a partir da exploração e demonstração do movimento por si próprio, sem intenção de expressão nem mensagem psicológica. O movimento cotidiano quer ser identificável, sem virtuosismo e qualidades de movimento que passam a serem motivos suficientes para dançar e compor. Os processos criativos deixam novamente de ser expressão pessoal de um único coreógrafo-compositor, como nas fases posteriores da dança moderna, para ser espaços de experimentação e improvisação dos artistas.

Se em Laban a dança, arte do movimento, é considerada uma necessidade de todo ser humano e, em especial, como foco dos estudos corporais de todo artista, nessa "Instituição coletiva de coreógrafos livremente organizada – que incluiu não só pessoas educadas para a dança como, de maneira incomum, artistas plásticos, músicos, poetas e cineastas" (BANES, 1999, p. 94) a dança é completamente dessacralizada como especialidade técnica e estética. Os artistas que compunham o Judson atuavam "não apenas como colaboradores nas produções de dança, mas também como coreógrafos por seus próprios méritos" (BANES, 1999, p. 102).

Para se pensar a interessante noção de democracia judsoniana a que se refere o título do artigo do jornal, precisa-se pensar em democracia como distribuição equitativa de poder[9]. Precisa-se ainda considerar diversas de suas características, só mais tarde reveladas, daí o tom profético do referido artigo. Composto por artistas de diversas formações e atuações que não só a dança, mas também música, artes plásticas, literatura, cinema e teatro, o Judson Dance Theater constitui, além de um marco, uma "zona de indiscernibilidade" na história da dança. Os saberes artísticos deixaram de estar um a serviço do outro para compor um espaço em construção, em plena ebulição, sem precisar recorrer a rótulos ou definições cristalizados ou a priori. Constata-se, no grupo, não um apagamento das fronteiras entre as artes, mas uma composição entre os diferentes, mas não desiguais - a possibilidade de uma riqueza desmesurada pela qual a potência de um acontecimento pode se manifestar justamente por se tratar de uma fronteira, tal como definida por Felix Guattari e Gilles Deleuze, ou "zona de indiscernibilidade", na qual se dá a "inseparabilidade dos componentes":

> É uma zona de indeterminação, de indiscernibilidade [...] ponto (todavia no infinito) que precede imediatamente sua diferenciação natural. É o que se chama um afecto. [...] Só a vida cria tais zonas, em que turbilhonam os vivos, e só a arte pode atingi-la e penetra-la, em sua empresa de cocriação. (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 225)

Esse coletivo independente de dança é unido por interesses espontâneos e não hierárquicos. Constituiu talvez o primeiro grupo de dança a compor considerando bailarino e criador a mesma pessoa, imprimindo aí uma profícua marca e impondo a importância de um tema que até hoje é atualíssimo na dança: o bailarino-coreógrafo ou o criador-intérprete.

As diferentes formações desses artistas não os impediram de estudar e trabalhar a coreografia a partir de um viés investigatório. Ao contrário, Banes (1999) afirma que é justamente essa a característica que confere ao grupo uma de suas importantes marcas: o pluralismo. A partir das classes de Robert Dunn, totalmente embebidas na filosofia do experimentalismo apregoado por John Cage, mais do que a uniformidade ou uma simples combinação entre as artes, tal convivência entre as diferentes formações proporcionou diversidade na dança. A unidade do

9 Verbete democracia, no Dicionário Aurélio B. H. FERREIRA, 1999, p. 432.

 ISBN 978-85-60036-18-9

grupo provinha menos de uma proposta homogênea de sentidos e sensações de seus métodos e obras coreográficas do que, segundo Banes, da atenção e energia dedicadas às dinâmicas do grupo (BANES, 1999). A multiplicidade de pontos de vista e métodos de trabalho provocava no grupo um efeito de variedade conscientemente desejada.

O coletivo pesquisou corpo, movimento e dança e alargou as fronteiras da dança. Mais que isso, desterritorializou o conceito de dança – para usar novamente um conceito guattaro-deleuziano, para reterritorializá-la como ponte, juntura: "uma espécie de desenquadramento que a abre e a fende sobre um cosmos infinito" (DELEUZE; GUATTARI, 1992, p. 253), lançando-se nele. Abrem-se, novamente, os caminhos para a dança que vai passar a se interessar por um corpo orgânico, sensorial, cotidiano, em interação com as forças cósmicas, passível das leis físicas. Um corpo tomado como potência de movimento. Será a partir do Judson Dance, que a improvisação em dança passará a ser exibida em concertos de dança:

> A improvisação como uma técnica artística, não somente no jazz mas em outras artes, era apreciada pela vanguarda da década de 1960 por duas razões. Ela simbolizava (e talvez mesmo encarnasse) a liberdade. Também contava, no entanto, com a sabedoria do corpo – com o calor da intuição cinética do momento – em contraste com a formulação de decisões predeterminadas e racionais. Esse conhecimento corporal acentuava a espontaneidade, valorizando, em vez de rejeitar as imperfeições humanas da criação de improviso [...]. (BANES, 1999, p. 278-9)

Steve Paxton, um dos integrantes do Judson, anos após a experiência com o grupo, mergulhará no estudo e na vivência do universo da improvisação como composição instantânea e, a partir disso, criará uma técnica denominada contato-improvisação:

> O *contact improvisation* é uma dança geralmente com a estrutura de um dueto que pode ser indiferentemente composto por dois homens, duas mulheres ou um homem e uma mulher, contrariando o dimorfismo do *pas-de-deux* no ballet e dos duetos de dança moderna. Os praticantes de *contact improvisation* usam o fluxo da energia de forma a movimentarem-se em conjunto, rolando um sobre o outro, deslocando o peso de uma parte do corpo para o outro, produzindo um movimento fluido. O traçado do movimento no espaço é o de uma esfera tridimensional, pois os praticantes usam os vários níveis (baixo, médio, alto) e planos espaciais. Outra característica do *contact improvisation* é que o movimento resulta da improvisação: o corpo provoca e reage às situações que resultam das sensações de toque e da transferência de peso, inventando soluções no exato momento em que ocorre a performance. (FAZENDA, 1996, p.146)

Tanto o *contato-improvisação* quanto a improvisação em dança contemporânea podem ser considerados numa perspectiva de alargamento do léxico de movimentos da dança num panorama radical das transformações acontecidas no século XX e que continuam neste novo século. Reforçam inovações na forma de fazer e de pensar a dança, que possibilitam maior espaço criativo aos artistas da dança. Reestabelecem o laço entre o dançarino e a dança ao terem como foco não a as formas, mas as sensações internas do sujeito que dança.

Na improvisação em dança contemporânea, o roteiro, o caminho, a forma são dados a se desvendar apenas no seu limite de pré-existência e existência, a partir de matrizes de gestos, movimentos, encontros e composições em contínuo processo de transformação. A improvisação não nos coloca frente a uma trama cuja ordem e sentido estão previamente resguardados e

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

estabelecidos, mas que estão em constante mutação. Ela busca, no âmago da existência, o movimento, e na transformação das formas provoca, metamorfoses no sujeito que dança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na dança contemporânea, cada artista inventa e reinventa sua técnica e sua estética sem cessar, a partir de correlações provisórias, reconfigurando a dança como um todo, pois cada criador tem a possibilidade de pensar e fazer a própria dança com autonomia. Nela, encontramos, muitas vezes, que a criação coreográfica não se dá simplesmente por uma sucessão de "passos de dança", mas acontece a partir de diferentes processos criativos nos quais o sujeito ou o grupo se entrega, pesquisa e se empenha, até emergir com um resultado técnico-estético específico que pode se repetir ou não num próximo trabalho criativo. Essa dança abre-se para uma força vital provinda do risco e da experimentação de novos campos de investigação, nos quais os novos paradigmas se misturam aos tradicionais.

A improvisação em dança contemporânea surge como um caminho para experimentar a dança e experimentar a si mesmo como artista, uma vez que articula possibilidades de autoconhecimento, de domínio do movimento, de consciência e inteligência corporal, de sensibilização das percepções, da cinestesia e sinestesias. A improvisação em dança contemporânea pode ser vista, ainda, como um processo de experimentação de subjetividades e de possibilidades de ser sujeito da própria formação artística.

Assim, pode trazer contribuições para se pensar e desenvolver uma noção de corpo em transformação ou corpo-devir aqui sinalizada. Um corpo-sujeito no qual, através da experiência do dançar, possa se dar a atualização e apropriação de potências latentes para o movimento e para a criação e o alargamento das subjetividades do sujeito.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANNES, S. **Greenwich Village 1963: avant garde, performance e o corpo efervescente**. Rio de Janeiro: Rocco, 1999.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é filosofia?** Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DUARTE JR, J. F. **O sentido dos sentidos: a educação (do) sensível**. Curitiba: Criar edições, 2000.

DUNCAN, I. **Isadora – Fragmentos autobiográficos**. Tradução Lya Luft. Porto Alegre: Ed. L&PM Pocket, 1996.

FAZENDA, M.J. Corpo naturalizado: experiência e discurso sobre duas formas de dança teatral americanas. In: **Corpo presente: treze reflexões antropológicas sobre o corpo**. Oeiras: Celta Editora, 1996.

FERREIRA, A. B. H. **Aurélio século XXI: o dicionário da Língua Portuguesa**. 3. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

GARAUDY, R. **Dançar a vida**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

LABAN, R. **Dança Educativa Moderna**. São Paulo: Ícone, 1990.

_____. **Domínio do Movimento**. São Paulo: Summus Editorial, 1978.

LE BRETON, David. **Antropologia do corpo e modernidade**. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 1990.

_____. **As paixões ordinárias: antropologia das emoções.** Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2009.

RAJANEESH, B. S. (Osho). **Meditação – A arte do êxtase**. São Paulo, Cultrix/Pensamento, 1997.

SILVA, E. R. **Dança e pós-modernidade**. Salvador: EDUFBA, 2005.

ISBN 978-85-60036-18-9

DO CORPO AO OIKOS: SOBRE O CUIDADO COM A NATUREZA NO AIKIDÔ

Raoni Gomes de Sousa

RESUMO: Estudo sobre as proximidades entre o paradigma ecológico e o Aikidô. Uma vez que o Aikidô é um caminho marcial com fortes inspirações nos movimentos da natureza, tendo a não-resistência como ideia-chave tanto em sua filosofia, como em sua técnica, partimos das seguintes questões: Que tipo de relação com o mundo natural o Aikidô promove? Que semelhanças a cosmovisão e a técnica do Aikidô têm com a consciência ecológica e novos movimentos e formas de vida e trabalho que se pautam na sustentabilidade? Assim, desenvolvemos esta pesquisa com o objetivo de explorar a relação entre percepções e práticas ecológicas e a filosofia e a técnica do Aikidô. Baseamo-nos no conceito de paradigma ecológico, inspirados em Edgar Morin e Fritjof Capra, que comporta uma visão sistêmica/complexa da natureza, trazendo, portanto, uma maneira diferente de se relacionar com ela. Assim, descrevemos os princípios do Aikidô, comparando-os com pensamentos e práticas características do paradigma ecológico. Descobrimos consonâncias fundamentais entre a cosmovisão do Aikidô e o paradigma ecológico, em especial uma grande atenção à educação do ser humano em sua complexidade. Igualmente, na técnica do Aikidô e em sua estratégia marcial, encontramos princípios muito parecidos com os de práticas sustentáveis. Concluímos que a visão de natureza do Aikidô é bastante próxima à da consciência do paradigma ecológico, e que sua estratégia marcial pode ser aplicada a nossas relações com a natureza. Pesquisa descritiva, baseada num *corpus* bibliográfico sobre paradigmas, movimentos ecológicos e Aikidô, complementada por um período de três anos de treino prático de Aikidô, além de familiaridade com a Permacultura em diversos cursos e atividades.

Palavras-chave: Aikidô. Ecologia. Complexidade.

INTRODUÇÃO

As várias disciplinas corporais do Oriente, em geral, inspiram-se na observação da natureza, tanto para os movimentos do corpo, como para os da mente. Cada disciplina tem sua história e sua forma de materializar essa inspiração espiritual, que traz consigo uma cosmovisão, um modo próprio de relação do praticante consigo mesmo, com o outro e com o mundo. Isso é marcante nas artes marciais:

> o surgimento de uma arte marcial não depende somente da prática de certos movimentos [...] As artes marciais também têm um conteúdo intelectual e um sistema de valores; baseiam-se numa visão específica do universo e do lugar que o homem ocupa dentro dele. (REID; CROUCHER, 2004, p. 29)

Segundo Peter Payne (1997, p. 5),

> todas as artes marciais fazem parte originalmente de um sistema completo de aprendizagem, cujo derradeiro objetivo consiste em transformar radicalmente a própria existência do praticante. [...] Para entender corretamente o que são as artes marciais, é necessário considerar não apenas o aspecto técnico, mas também o psicológico e o metafísico. É fundamental, sobretudo, entender como uma atividade física [...] pode estar vinculada a temas como a transformação psico-espiritual e a natureza da realidade.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Através das artes marciais, portanto, os sujeitos se trabalham como um todo, aprendendo e conhecendo seu corpo, sua mente, seu espírito e, ainda, construindo uma visão particular da realidade. Essa abordagem conjuntiva das dimensões do ser humano se estende sobre a realidade, levando o artista marcial a, gradualmente, integrar conhecimento racional e intuitivo e a pensar e sentir as dimensões complementares da sua existência e do mundo, interagindo com elas segundo certos princípios morais e estratégicos. Especificamente no Japão, a prática das artes marciais, antes aberta apenas aos guerreiros, popularizou-se com a modernização do país, e muitas das artes marciais — *bujutsu* — tornaram-se *budô*, caminhos marciais, ressaltando-se, assim, seus aspectos existenciais. (PAYNE, 1997; REID; CROUCHER, 2004)

Tal profundidade das artes marciais não está desvinculada de escolas espirituais; pelo contrário, a história das artes marciais tem ligação íntima com as escolas filosóficas e espirituais do Oriente, especialmente o Budismo, o Taoísmo, o Zen. Fritjof Capra (1999), num estudo comparativo, demonstrou como a visão de mundo dessas escolas tem elementos que a ciência só veio reconhecer com o advento da Física Moderna e desenvolvimentos posteriores em várias áreas, inclusive a Ecologia. Esses movimentos da ciência, em conjunção com outros movimentos da sociedade, têm contribuído para construir uma visão de mundo radicalmente diferente, que Capra identifica como base de um grande paradigma social — o paradigma ecológico — e aponta como extremamente afim à mística oriental.

Neste estudo, pesquisamos o Aikidô, um caminho marcial de fortes raízes espirituais que tem como preceito a não-resistência, e procurar nele elementos afins ao paradigma ecológico, particularmente no que diz respeito à relação dos humanos com a natureza, na acepção de nossa casa — *oikos*. Para isso, discorreremos sobre a emergência do paradigma ecológico, baseados em Edgar Morin e Fritjof Capra; em seguida, trataremos da filosofia e da estratégia marcial do Aikidô, e posteriormente traçaremos paralelos entre o Aikidô e no paradigma ecológico.

O paradigma ecológico

Para entender como fundamentamos nossa visão da natureza e nossas relações com ela, buscamos o conceito de paradigma. Foi Thomas Kuhn quem trouxe o conceito de paradigma ao centro dos debates sobre ciência no século XX: “Considero ‘paradigmas’ as realizações científicas universalmente reconhecidas que, durante algum tempo, fornecem problemas e soluções modelares para uma comunidade de praticantes de uma ciência.” (KUHN, 2003, p. 13). Assim, a atividade científica, com suas observações, hipóteses, verificações, explicações, geratriz de um acervo de informações associadas, não produz um reflexo da realidade, mas sim um conhecimento historicamente localizado e fundamentado por paradigmas, na forma de postulados e ideias que se tomam por axiomas.

Fritjof Capra observou que não só a ciência, mas a cultura em si se inseria num paradigma, e generalizou a definição de paradigma científico até alcançar um conceito de paradigma social: “uma constelação de concepções, de valores, de percepções e de práticas compartilhados por uma comunidade, que dá forma a uma visão particular da realidade, a qual constitui a base da maneira como a comunidade se organiza.” (CAPRA, 2003, p. 25)

Edgar Morin propõe uma definição que abarca os fundamentos do saber e se estende por toda a cultura, descrevendo-o categoricamente:

> um paradigma contém, para todos os discursos que se realizam sob o seu domínio, os conceitos fundamentais ou as categorias-mestras de inteligibilidade, ao mesmo tempo que o tipo de relações lógicas de atração/repulsão (conjunção, disjunção, implicação ou outras) entre esses conceitos e categorias. Assim, os indivíduos conhecem, pensam e agem conforme os paradigmas neles inscritos culturalmente. (MORIN, 2008, p. 261)

ISBN 978-85-60036-18-9

Paradigmas são, portanto, complexos histórico-culturais profundos que fundamentam nossa maneira de ver a nós mesmos e ao mundo, nossa maneira de conhecer.

Segundo Morin, existem dois paradigmas dominantes a respeito da relação humano/natureza: um considera o humano um ser natural em todos os seus discursos, tecendo uma noção soberana de "natureza humana". O outro desvincula o humano do natural, reduzindo a humanidade àquilo que ela tem de específico em relação ao resto da natureza. Esses dois paradigmas, apesar de opostos, estão inseridos num paradigma mais profundo, o da simplificação, que se caracteriza por prescrever uma simplificação do complexo. Opera, seja pela redução (do humano ao natural), seja pela disjunção (entre o humano e o natural), "o que impede de conceber a *unidualité* (natural e cultural, cerebral e psíquica) da realidade humana e também a relação ao mesmo tempo de implicação e de separação entre o homem e a natureza." (MORIN, 2008, p. 261-262) Morin e Capra apontam que esse grande paradigma, também chamado de paradigma clássico ou cartesiano, hoje concorre com outro: o paradigma complexo ou ecológico.

Em comparação com o paradigma clássico, o paradigma ecológico se caracteriza pelo uso de outra operação lógica: a conjunção — conjunção do sujeito com o objeto, do humano com a natureza, da ciência com a filosofia, de juízo de fato com juízo de valor. Esse paradigma opera de tal modo que, diante de uma realidade complexa, em que duas concepções são contraditórias, não exclui uma quando a outra está presente, mas confere a ambas a mesma relevância, compreendendo a interdependência, as interações e retroações entre elas. Nas palavras de Capra, o paradigma ecológico

> concebe o mundo como um todo integrado, e não como uma coleção de partes dissociadas. [...] reconhece a interdependência fundamental de todos os fenômenos, e o fato de que, enquanto indivíduos e sociedades, estamos todos encaixados nos processos cíclicos da natureza (e, em última análise, somos dependentes desses processos). (2003, p. 25)

A conjunção dá margem à observação de fenômenos que escapam à lógica matemática do paradigma cartesiano, que reduz o todo à soma das partes. Com ela os fenômenos passam a ser vistos de maneira integrada, constituindo-se, assim, um pensamento sistêmico/complexo, e o foco é levado para a maneira como as partes se organizam.

O avanço desse paradigma nas ciências teve destaque com o avanço da Física Moderna e, mais tarde, com o estabelecimento da Ecologia como ciência complexa. Segundo Morin, a ecologia geral, além de trabalhar em conjunção seus objetos, associa-se plenamente a outras ciências e

> é a primeira ciência que [...] apela quase diretamente para uma tomada de consciência. [...] pela primeira vez [...] uma ciência, e não uma filosofia, põe-nos o problema da relação entre a humanidade e a natureza viva. (MORIN, 2005, p.110)

A Ecologia, por seu caráter conjuntivo, enriquece muito a abordagem das nossas relações com a natureza. A insustentabilidade socioambiental do modelo capitalista fica clara, pois as diversas dimensões do sistema são evidenciadas e aparecem conectadas umas às outras, num sistema integrado, baseado em valores de competição e dominação. Por isso mesmo, o olhar ecológico traz à tona a necessidade de valores de cooperação e proteção da natureza. Em torno desses valores, teceu-se o conceito de sustentabilidade, que implica a satisfação das necessidades presentes sem diminuir as perspectivas das gerações futuras. Daí têm surgido novas maneiras práticas de lidar com a natureza: no cultivo de alimentos, na construção, na forma de organizar espacial e economicamente as atividades, na organização comunitária, etc.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Mas há outro aspecto do paradigma ecológico que é importante ressaltar: o espiritual. A consciência ecológica propicia percepções e condutas que remetem a concepções e experiências espirituais:

> Em última análise, a percepção da ecologia profunda é percepção espiritual ou religiosa. Quando a concepção de espírito humano é entendida como o modo de consciência no qual o indivíduo tem uma sensação de pertinência, de conexidade, com o cosmos como um todo, torna-se claro que a percepção ecológica é espiritual na sua essência mais profunda. (CAPRA, 2003, p. 26)

Cuidar de si e cuidar do outro, na forma da natureza, tornam-se um compromisso único, consagrando-se assim uma ética de religação que valoriza o eu e o seu meio como um eu maior:

> O cuidado flui naturalmente se o "eu" é ampliado e aprofundado de modo que a proteção da Natureza livre seja sentida e concebida como proteção de nós mesmos.... Assim como não precisamos de nenhuma moralidade para nos fazer respirar... [da mesma forma] se o seu "eu", no sentido amplo dessa palavra, abraça um outro ser, você não precisa de advertências morais para demonstrar cuidado e afeição... você o faz por si mesmo, sem sentir nenhuma pressão moral para fazê-lo.... Se a realidade é como é experimentada pelo eu ecológico, nosso comportamento, de maneira *natural* e bela, segue normas de estrita ética ambientalista. (Arne Naess apud CAPRA, 2003, p. 29. grifo do autor)

Tendo estudado as mais difundidas tradições orientais, Capra afirmou que, delas, "o taoísmo é a que possui a mais explícita perspectiva ecológica, mas *a interdependência de todos os aspectos da realidade e a natureza não-linear de suas interconexões são enfatizadas em todo o misticismo oriental*." (CAPRA, 1993, p. 297, grifo nosso; 1999) Assim, vamos nos debruçar sobre o Aikidô, um caminho marcial que se fundamenta nessas tradições.

Aikidô

Embora remonte às tradições das artes marciais desde o século XV, quando o Japão ainda vivia num período feudal, o Aikidô foi desenvolvido no século XX, sendo classificado uma arte marcial moderna. Dentre as artes marciais, provavelmente o seu traço mais distintivo é seu caráter eminentemente defensivo. Assim, no Aikidô inexistem torneios e competições, e sua prática leva as pessoas antes a buscar perfeição física e espiritual, e não dar vazão a anseios de dominar e derrotar outrem (SAOTOME, 2005)

Esse objetivo evidencia-se numa estratégia marcial que evita a colisão de forças opostas, propondo uma interação com (e não contra) os fluxos de energia aos quais se está exposto. "O Aikido difere das outras artes marciais porque neutraliza o ataque, não o atacante." (MOON, 2009, p. 13) Por esse motivo, pode-se dizer que o Aikidô não trata de defesa, mas de conciliação.

Como as escolas filosóficas das quais se alimentou, e como todo budô, o Aikidô é um caminho que promove uma experimentação prática e direta, não mediada por abstrações e racionalizações. "A natureza do *budo* não é algo que se possa entender intelectualmente. [...] O importante é descobrir por si mesmo pelo treinamento intensivo." (SHIODA, 2010, p. 177-178)

Assim, o Aikidô é um caminho que deve ser conhecido experimentalmente, de maneira que a dedicação aos treinamentos resulte numa gradual assimilação dos movimentos básicos.

 ISBN 978-85-60036-18-9

Aqui, trata-se menos de construir um repertório de técnicas específicas, e mais de substituir tendências reativas corporais agressivas, previamente adquiridas por outras, consoantes com os valores e a estratégia da arte. (WESTBROOK; RATTI, 2006; SHIODA, 2010)

Uma grande ênfase é dada à atenção constante por parte do praticante: os movimentos devem estar profundamente interiorizados na psique, que, por sua vez, deve estar livre para lidar com as circunstâncias do presente. Richard Moon, em seu livro *Aikido em três lições simples*, aponta a percepção atenta como o passo primeiro para a prática do Aikidô. Ela deve englobar toda a vida do indivíduo, interna e externa: "Sentir onde você está começa com a habilidade de aguçar a sua percepção em um estado de atenção. Comece trazendo a sua atenção para o seu corpo físico e a partir daí expanda essa consciência para toda a sua vida." (MOON, 2009, p. 25)

Moon aponta a atenção ao corpo (equilíbrio, centro de gravidade, tensão/relaxamento) e à mente, às emoções, às relações com as outras pessoas; à nossa localização no espaço físico ou no metafísico (na jornada de vida pessoal e na Criação). Segundo ele, atentando a todas essas dimensões, podemos conhecer-nos e conhecê-las melhor, e assim agir nelas de maneira mais consciente, coordenada e criativa, explorando as possibilidades que o momento apresenta, atingindo um potente estado de "competência dinâmica". (MOON, 2009)

Como afirmamos antes, o Aikidô é essencialmente conciliatório, e, na sua cosmovisão, a vida de todos os seres é religiosamente associada e una. Compaixão e solidariedade são valores centrais da filosofia do Aikidô. Assim, a própria concepção de um agressor é relativizada. Nas palavras de Ueshiba, o seu fundador, "O amor não tem inimigos. Uma mente impregnada de discórdia, que pensa que os inimigos existem, não está em absoluto de acordo com a vontade de Deus." (apud PAYNE, p. 1997)

Em função dessa perspectiva, a técnica do Aikidô pressupõe a criação de uma relação de harmonia. Criar uma relação de harmonia é a segunda das "três lições simples" de Moon. Implica envolver-se ativamente com a situação, ao mesmo tempo aceitando-a, e não entrando em choque com ela, e deve ser aplicada com a mesma abrangência da consciência do primeiro princípio. Diz respeito a acolher mudanças, novos movimentos ou situações, mesmo que queiramos transformá-las, evitando o choque e o atrito (físico ou metafísico) que desgasta as energias e dificulta a materialização dos valores de integração em soluções cooperativas.

No nível físico, manifesta-se através de movimentos de esquiva e aproximação:

> quando alguém nos ataca, representando a força da mudança, nós não resistimos a essa força. Não nos mantemos na linha do ataque nem iniciamos uma luta feroz. Nós entramos na situação nos colocando ao lado do atacante, girando o corpo e nos voltando para a mesma direção que ele. Tentamos entender o ponto de vista do oponente. Essa atitude simboliza o esforço para aprender, compreender e entrar na relação de harmonia, em vez de desperdiçar o poder divino da criação aumentando a resistência defensiva. (MOON, 2009, p. 49)

Num contexto emocional, trata-se de "não levar para o lado pessoal":

> Não deixe que a interação com outra pessoa se torne uma questão pessoal. Opte por aceitá-la e compreender o seu significado como uma expressão do modo como ela se sente. Aceitação não significa necessariamente concordância. Se não tomar a reação do outro como uma afronta, você ficará livre para iniciar um diálogo genuíno. Vocês podem buscar soluções criativas juntos, em vez de se perderem em argumentos

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

> negativos ou defensivos, que mais drenam que vitalizam e diminuem a qualidade do relacionamento. (MOON, 2009, p. 50)

Destarte, o Aikidô cultiva uma atitude de não-violência baseada em um aguçado estado de presença consciente. A ação conclusiva é a produção de uma nova situação a partir da não-resistência: o aikidoísta conduz o movimento do agressor de maneira que nenhuma das partes se fira, até que a situação de conflito se torne situação de conciliação. O aikidoísta se abre para aprender o ponto de vista do outro, e deve, ao mesmo tempo, compartilhar o seu próprio, estabelecendo um diálogo de forças ou ideias. É a última "lição simples": compartilhar quem você é. Trata-se de, no plano intrapessoal, sentir quem você é, aceitar-se e deixar-se ser. No plano interpessoal, compartilhar quem você é equivale a dar sua contribuição à sociedade e ao mundo enquanto se conhece e se acolhem pacificamente as contribuições alheias. No treino de Aikidô ou em situações de combate físico, compartilhar quem você é se dá na recondução do movimento de ataque para neutralizar a agressão. (MOON, 2009)

Esse princípio visa a uma inserção saudável no mundo: aliado aos outros dois princípios, ele garante que o sujeito não enclausure seus pensamentos e sentimentos, adoecendo física e mentalmente, nem imponha cegamente sua maneira de ver o mundo sobre os outros; promove um diálogo constante entre o indivíduo e sua sociedade/natureza, em que ele aprende com os demais seres e dá sua contribuição à vida — o aikidoísta, segundo o ideal de Ueshiba, protege e cultiva a vida.

Paralelos

Como vimos, toda arte marcial trabalha a existência do praticante como um todo, promovendo um autoconhecimento que possibilita uma coordenação consciente de suas dimensões corporal, mental e espiritual. O Aikidô intensifica essa abordagem conjuntiva e trabalha a fundo o cuidado na relação do praticante consigo mesmo e com o próximo. É uma existência de tipo holístico, que passa a ser cada vez mais valorizada com a ascensão do paradigma ecológico, radicalmente diferente do pensamento simplificador.

Embora não haja uma relação explícita entre o treino de Aikidô e a lida direta com o mundo natural, há o exemplo biográfico de Ueshiba, que nutria uma ideia de unidade entre a agricultura e o Budô, e há motivos para supor que ele aplicava princípios do Aikidô no trabalho com a terra:

> o Mestre Ueshiba adorava cultivar todos os tipos de alimentos e flores. A terra em Iwama era muito fraca, mas a fertilidade era sempre muito grande porque o Mestre Ueshiba sabia como tornar a terra mais fértil e fazer crescer a colheita, sem se utilizar de substâncias químicas artificiais e perigosas. (STEVENS, 2004, p. 83)

O Aikidô estimula a reaproximação com a natureza pela própria integração com o universo que promove, cuja maior evidência é o exemplo de Ueshiba, mas também pode colaborar na dimensão logística das relações com a natureza. Podemos extrair algumas orientações funcionais de sua filosofia e adaptar os princípios marciais propriamente ditos à lida com a natureza. Fazendo isso, frequentemente chegamos a resultados que coincidem com orientações dos movimentos ecológicos globais.

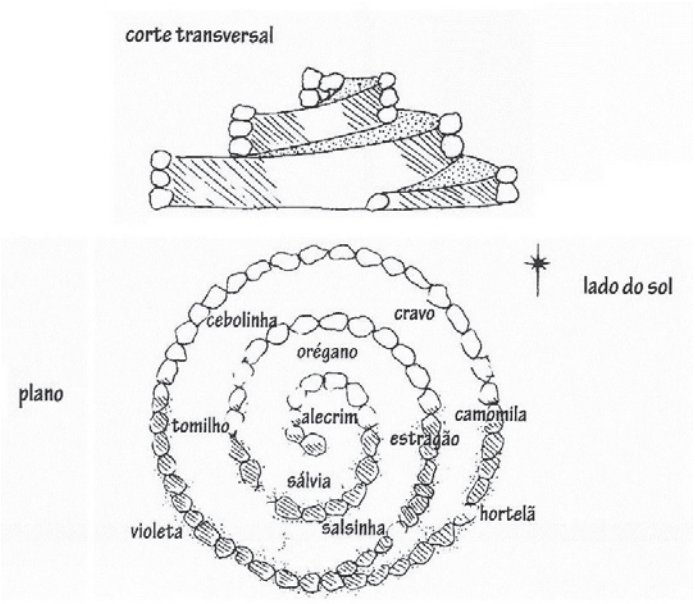
A orientação primordial é observar os padrões da natureza. Muitos movimentos circulares, esféricos e espiralados observados na natureza são empregados no Aikidô como modelos de eficiência para evitar choques e atritos e para poupar esforços na condução do parceiro. Não raro, nos treinos, os professores evocam imagens de animais, plantas e fenômenos naturais para ilustrar certas técnicas.

ISBN 978-85-60036-18-9

Figura 1 — Padrão espiralado no Aikidô: nikkyo

A técnica *nikkyo*, entre outras do Aikidô, vale-se do padrão espiralado observado na natureza para potencializar o movimento. (Fonte: SAOTOME, 2005, p.69)

Figura *2* — Padrão espiralado na Permacultura: espiral de ervas



Numa pequena área, o uso do espaço vertical em espiral amplia a área e o perímetro de bordas cultiváveis e cria microclimas variados com insolação e umidade propícios a diversas espécies. (Adaptado de MARS, 2008, p. 12)

Há, no Aikidô, uma perspectiva dialógica típica do paradigma ecológico, fundamentada na compreensão de que o todo não é a soma das partes, de que entidades associadas podem apresentar propriedades emergentes como fruto de sua relação, trazendo à realidade novos elementos imprevisíveis por uma lógica matemática. Isso é evidente no momento em que se aceita uma agressão sem se chocar com ela, e se põe a própria força em diálogo com a força

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

agressora, desfazendo o conflito e gerando uma situação de conciliação. É um processo não linear que rompe com o pensamento simplificador "violência gera violência" e subentende que as pessoas envolvidas são sujeitos, com bagagens culturais e psicológicas, em momentos diferentes, com disposições emocionais e condições físicas diversas, que só se manifestam em relação. São dois sujeitos que se encontram, e não um sujeito que ataca um objeto que, como um muro, há de exercer uma reação física de mesma intensidade no sentido oposto. Domingos Junior, abordando o Aikidô a partir da fenomenologia, frisa essa dialogicidade, o exercício da subjetividade do eu e do outro. O outro não é um objeto, mas um sujeito como eu, com suas ações, intenções, pensamentos, sentimentos: "O eu e o outro coexistem no mesmo mundo. [...] ser-no-mundo é ser corpo que habita o espaço, move-se e cria relações com o outro que dá sentido à sua existência como ser vivo, histórico, ético e estético." (DOMINGOS JUNIOR, 2010, p. 27-28) Assim, o treino de Aikidô educa o praticante a sentir sua subjetividade em todas as dimensões e exercê-la, sentindo também a daquele que lhe dirige um ataque; descoisifica-nos, promovendo interações geradoras, criativas. De igual modo, a consciência ecológica reconhece e dá o devido valor às interações: células, tecidos, órgãos, sistemas, organismos, indivíduos, famílias, instituições, agrupamentos, populações, espécies, comunidades, sociedades e ecossistemas diversos interagem, produzindo-se, dando condições de existência uns aos outros, e evoluindo em conjunto, e as práticas ecológicas são concebidas de modo a tirar proveito dessas interações com o mínimo de dano às partes envolvidas.

A estratégia do Aikidô é, seja qual for a circunstância de aplicação, de não violência e recondução das energias agressivas. Já a filosofia da Permacultura é, em essência, "uma filosofia de trabalho *com* (e não *contra*) a natureza" (MOLLISON; SLAY, 1994, p. 13, grifo dos autores). Há uma instrução básica da Permacultura que muito lembra a não resistência e a adaptação prescritas no Aikidô: "encontre problemas, não soluções". Essa instrução é quase uma alegoria do Aikidô, instigando as pessoas a não entrar em choque direto e a encontrar soluções que demandam pouco esforço.

Vista num processo global, a estratégia do Aikidô pode ser aplicada às relações com a natureza de maneira que muito lembra a Permacultura. Veja-se, por exemplo, as *Três lições* simples de Moon:

1 - "sinta onde você está" dá ao espírito a capacidade de se localizar na natureza para poder "trabalhar com, e não contra ela". Conhecer o ambiente é o primeiro passo para projetar uma comunidade sustentável: "somente quando as pessoas observam e de fato tocam, cheiram, gravam e até experimentam o sabor daquilo que está a sua volta, é que se tornam conscientes do seu ambiente." (MORROW, [200?], p. 19) Esse estado de presença contribui para gerar um vínculo maior das pessoas com a terra, à medida que elas passam a conhecê-la melhor e interagir mais com ela, o que tem como consequência, ainda, uma menor dependência de recursos/tecnologias exteriores.

> Enraizar-se nos conecta à fonte original do ser. Libera a percepção e permite o uso inteligente da energia. Na conexão com a terra está o reconhecimento de que fazemos parte de um sistema maior. Nós não existimos em isolamento. [...] Nós estamos interagindo com a energia de toda a criação. Estamos interagindo com a força da criação que está nos criando. Nós somos Criação. Estar enraizado nos desperta para a nossa condição de participantes ativos do desdobrar da Criação. No processo de ancoragem, o poder do universo flui pela nossa vida e para ela. Com a prática, o enraizamento aumenta a nossa capacidade de usar esse poder. (MOON, 2009, p. 37)

2 - "Criar uma relação de harmonia" é uma lição radical e profunda da consciência ecológica que é comumente desprezada em favor de soluções puramente técnicas de redução de impactos ambientais. Como vimos, entretanto, trabalhar com a natureza é essencial e possibilita identificar possibilidades de soluções criativas, de novas interações com o meio ambiente, que nos aproxime dele de várias formas, em vez de mediar nosso contato com a natureza por mais

 ISBN 978-85-60036-18-9

e mais máquinas. Bill Mollison, um dos fundadores da Permacultura, percebeu essa similitude entre a consciência ecológica e o Aikidô:

> Eu tenho sugerido, em ocasiões menos formais, a utilização de aikidô no terreno, rolando com os golpes, transformando adversidade em força, utilizando tudo positivamente. O outro enfoque seria o karatê no terreno, tentando fazê-lo produzir usando a força bruta, atingindo-o com muitos golpes duros. Mas, se atacarmos a natureza, atacamos (e, em última instância, destruímos) a nós mesmos. (MOLLISON; SLAY, 1994, p. 13)

3 - O princípio "compartilhe quem você" é, por sua vez, demonstra a importância de cada unidade/indivíduo para o todo de uma eco-organização. A complementaridade *autos-oikos* é fundamental: se um ser (*autos*) não sobrevive sem manifestar sua existência individual, tampouco o ecossistema (*oikos*) pode se manter se o *autos* não se fizer presente. Um não vive sem o outro; ambos coevoluem organizando-se, regenerando-se e transcendendo-se. O humano deve compartilhar quem ele é na natureza, e pode fazê-lo, como fazem muitas comunidades tradicionais, de maneira ao mesmo tempo criativa e protetora, transformando biodiversidade em etno-bio-diversidade (DIEGUES, 2000). Igualmente, tampouco pode uma situação de conflito ser desfeita se uma das partes se dispuser a não resistir *e* não compartilhar quem ela é: o conflito não cessaria, pois a energia agressora não conheceria novos caminhos, nem nasceria um sentimento que substituísse aquele que motiva a agressão. Assim, o princípio de sentir onde se está garante um estado de alerta ambiental multidimensional, enquanto o da harmonia provê a possibilidade de uma resolução e um filtro para que se aplique o princípio de compartilhamento sem violência, gerando uma situação nova, de harmonia com a natureza.

CONCLUSÕES

Como conclusões maiores da pesquisa, temos que a visão de natureza do Aikidô é bastante próxima à da consciência do paradigma ecológico, e que suas filosofias e estratégia marcial podem ser aplicadas a nossas relações com a natureza, lembrando muito prescrições ecológicas contemporâneas e tendo a proteção da vida como um imperativo.

Uma conclusão não prevista é a importância do cuidado psicológico de si para o estabelecimento de relações ecológicas. O Aikidô aplica-se a nossa "ecologia interior" e pode muito contribuir numa discussão sobre o ser humano como um todo no paradigma ecológico.

Assim, concluímos que por trás de um trabalho que poderia parecer, à vista de uns, apenas um disciplinamento técnico do corpo, há uma educação completa do ser conjugando todas as dimensões da existência humana e fomentando um padrão relacional de cuidado que se estende do corpo ao *oikos*.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, James Carlos da Silva. *A relação entre o Aikidô, a Psicomotricidade e a aprendizagem motora.* 2009. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Psicopedagogia). – Faculdade Maurício de Nassau, 2009.

BOFF, Leonardo. *Ecologia, mundialização, espiritualidade*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

CAPRA, Fritjof. *O ponto de mutação*: A Ciência, a Sociedade e a Cultura emergente. 15. ed. São Paulo: Cultrix, 1993.

CAPRA, Fritjof. *O Tao da Física*: Um paralelo entre a Física Moderna e o Misticismo Oriental. 19. ed. São Paulo: Cultrix, 1999.

CAPRA, Fritjof. *A Teia da Vida*: Uma Nova Compreensão Científica dos Sistemas Vivos. 8. ed. São Paulo: Cultrix, 2003.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

DIEGUES, Antonio Carlos Sant'Ana. *Conhecimento e manejo tradicionais; ciência e biodiversidade*. São Paulo: [s.n.], 2000. Disponível em: <http://www.usp.br/nupaub/artigos.html>. Acesso em: 12 nov. 2011.

DOMINGOS JUNIOR, Moaldecir Freire. *Uma compreensão de corpo na Filosofia do Aikidô*. 2010. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2010.

HOLMGREN, David. *Os Fundamentos da Permacultura*. Hepburn: Holmgren Design Services, 2007. Disponível em: <http://permacultureprinciples.com/pt/index.php>. Acesso em: 25 nov. 2011.

MARS, Ross. *O design básico em Permacultura*. Porto Alegre: Via Sapiens, 2008.

MELLO, Reynaldo F. L. de. *Sociologia Ambiental*: a breve história da concepção da sociedade sustentável. São Paulo: LCTE, 2007.

MOLLISON, Bill; SLAY, Reny Mia. *Introdução à Permacultura*. 2. ed. Tyalgum: Tagari Publications, 1994.

MOON, Richard. *Aikido em três lições simples*. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2009.

MORIN, Edgar. *O Método 2*: A vida da vida. Porto Alegre: Sulina, 2005.

MORIN, Edgar. *O Método 4*: As idéias. 4 ed. Porto Alegre: Sulina, 2008.

MORROW, Rosemary. *Permacultura Passo a Passo*. [S.l.]: Ecocentro IPEC, [200?].

PAYNE, Peter. *Artes marciais*: A dimensão espiritual. Madrid: del Prado, 1997.

REID, Howard; CROUCHER, Michael. *O Caminho do Guerreiro*: O Paradoxo das Artes Marciais. 2. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

SAOTOME, Mitsugi. *Aikidô e a Harmonia da Natureza.* 4 ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

SHIODA, Gozo. *Aikido Shugyo*: Harmonia no Confronto. São Paulo: Pensamento, 2010.

STEVENS, John. *Os Segredos do Aikidō*. 3. ed. São Paulo: Pensamento, 2003.

STEVENS, John. *A filosofia do aikido*. São Paulo: Cultrix, 2004.

UESHIBA, Kisshōmaru. *O Espírito do Aikidō*. 6. ed. São Paulo: Cultrix, 2005.

UESHIBA, Morihei. *Budô*: Ensinamentos do Fundador do Aikidô. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

WESTBROOK, Adele; RATTI, Oscar. *Aikidô e a esfera dinâmica*: uma introdução ilustrada. São Paulo: Madras, 2006.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

A DANÇA COMO CELEBRAÇÃO: UMA EXPERIÊNCIA DA AVIVA CIA DE DANÇA NO CRISTIANISMO CONTEMPORÂNEO

Luiz Felipe Ferreira da Rocha
Profissional de Educação Física

RESUMO: Este trabalho nasceu a partir da experiência vivida na prática da dança enquanto cultura de movimento na esfera cristã protestante da contemporaneidade através da Aviva Cia de Dança. Esta Cia cristã de dança contemporânea, a qual tenho dirigido desde a sua criação, tem como objetivo a formatação de trabalhos artístico-coreográficos conceituais de qualidade na linguagem da dança contemporânea, levantando questionamentos que promovam reflexões e objetivando consequentes transformações positivas na sociedade sob um viés cristão. A pretensão com este estudo foi proporcionar um olhar sobre a inserção da dança no cristianismo contemporâneo, oportunizando uma reflexão, não apenas sobre a materialização de uma nova cultura de movimento nesse âmbito, mas no que diz respeito à polissemia e múltiplas interpretações do corpo, identificar sua metamorfose, seus novos sentidos e significados, afirmando, através da compreensão obtida neste trabalho monográfico, a dança como eficaz linguagem sensível e método para transcrever o invisível à realidade visível, partindo por investigar o significado de dança e de corpo para os bailarinos dessa Cia de dança. A atitude fenomenológica foi identificada como método de encontro aos objetivos do trabalho em questão, tendo em vista que esta afirma o conhecimento enquanto compreensão de nossas experiências no mundo. Este trabalho discorre-se em três notas. A primeira nota percorre alguns aspectos históricos da dança como celebração, apresentando uma abordagem histórica sobre a íntima relação entre o corpo, a dança e o sagrado. A segunda nota trata de uma análise da Aviva Cia de Dança e contextualiza essa relação no cenário contemporâneo através da análise dos depoimentos obtidos em entrevista com as bailarinas da referida Cia. Já a terceira nota se profunda na discussão sobre a dança como celebração e cultura de movimento, abarcando reflexões sobre a dança enquanto linguagem do sensível e celebração do ser, em uma contextualização na Educação Física enquanto área de conhecimento. A pesquisa abre possíveis diálogos da dança com a religião, filosofia, arte e Educação Física em uma reflexão capaz de oportunizar um novo olhar sobre um corpo dançante, sujeito do movimento, contextualizado na esfera cristã da contemporaneidade.

Palavras-chave: Corpo, Cristianismo, Dança.

INTRODUÇÃO

Segundo Garaudy (1980), a dança, assim como a filosofia, a fé e todas as artes, é a busca pela parte do divino que está em nós. Entendemos que a dança existe a partir da intencionalidade expressiva do ser, que, sendo corpo, pronuncia-se, comunica-se, e se manifesta no mundo. Dessa forma, a dança, assim como a existência, tem no corpo seu fator condicional.

A profundidade do tema tem nos conduzido a um olhar voltado às diversas esferas socioculturais, que podem ser contempladas como pequenos universos, cada qual com seus habitantes, leis, cultura e significados. Sendo assim, a compreensão de cada esfera e o discernimento da sua posição no mundo podem nos conduzir a um entendimento mais abrangente e tornar mais nítida a imagem do corpo, proporcionando-nos um olhar para os múltiplos significados que ele tem assumido em nossa sociedade.

No paginar do tempo, podemos observar a constante corrida do homem por sua identidade através de conceituações de si mesmo enquanto ser e corpo, que vem sendo revestidas de outros e novos significados, que são moldados pelo relacionamento desse homem com uma realidade histórica. Essa contextualização pode ser mais bem compreendida através de um olhar às diferentes manifestações dessa sociedade, pois se relaciona intimamente com o ser

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

histórico, concedendo-o uma forma temporal e possibilitando-nos, assim, refletir sobre um ser projetado pela arte, política, economia e pela religião, esfera na qual se inscreve esse trabalho e a discussão do corpo, bem como da dança como celebração.

Em uma análise específica da relação existente entre a religião e o sujeito, devemos compreendê-los como dois sistemas complexos e passíveis de transformações onde os discursos lançados sobre os fiéis se solidificam em suas atitudes cotidianas sob uma reflexão do certo e errado; do permitido e proibido; da bênção e da maldição, influenciando no perceber e sentir, tornando-se um elemento guia da expressividade do ser na linguagem silenciosa e muitas vezes não percebida do existir, refletida sobre os gestos diários.

Santin (1994) afirma que o homem pode se expressar através de seus gestos, manifestações de seus sentimentos, tais como medo e amor, descobrindo que o corpo é sensível e possui uma linguagem própria que possibilita sua comunicação com o mundo. Sendo assim, os termos *expressão*, *gesto* e *sentimentos* podem se fundir ao conceito de corporeidade a partir dos apontamentos de Nóbrega (2010), em que a mesma é caracterizada como um elo entre corpo e alma.

Merleau-Ponty (1994) apresenta o homem como corpo, não podendo este ser fragmentado ou dicotomizado. E embora esse filósofo não tenha se dedicado ao estudo da religião, nem sua filosofia seja alicerce para a doutrina cristã, a partir da nossa visão, compreendemos que essa perspectiva contemporânea tem influenciado diferentes práticas sociais, dentre elas o cristianismo, oportunizando um olhar sobre hábitos e conceitos ocidentais em transformação.

Meu primeiro contato com a dança se deu surpreendentemente em uma igreja evangélica que visitei em 2001. Recordo-me do estranhamento que me acometeu quando me deparei com um grupo de dança. Uma imagem totalmente destoante da que eu havia edificado em minhas expectativas, jovens dançando e se expressando corporalmente, em um pleno exercício poético do movimento. No altar da igreja, durante o culto de celebração, apreciei e desejei. Logo me tornei membro da igreja e passei a integrar o grupo de dança, pois a possibilidade de conseguir rasgar o recôndito do meu ser me fascinava, e me fascina, o que me levou a estudar balé e me profissionalizar como bailarino, bem como a fundar no ano de 2008 a Aviva Cia de Dança, o que me impulsionou a optar pela Educação Física enquanto curso de graduação e proposta carreira.

Sendo assim, este trabalho procura proporcionar um olhar sobre a inserção da dança no cristianismo contemporâneo, oportunizando uma reflexão, não apenas sobre a materialização de uma nova cultura de movimento, mas também no que diz respeito à polissemia e múltiplas interpretações do corpo; perceber como ocorre essa prática no cristianismo contemporâneo através da Aviva Cia de Dança, proporcionando uma releitura da relação entre corpo e cristianismo por meio da dança, bem como ampliando as reflexões sobre corpo e cultura de movimento na Educação Física, na perspectiva de compreender a dança como celebração.

A dança como celebração amplia a compreensão da cultura de movimento, no sentido de uma reflexão sobre diferentes cenários sociais nos quais o corpo e o movimento humano se fazem presentes e dançam, celebram a vida de forma singular.

Nota 1 – ***Hbij*****, Dançar e estar contente: Aspectos históricos da dança como celebração.**

O homem carrega consigo, desde tempos imemoriais, a intensa necessidade de relação, podendo esta ocorrer com o meio, com o outro ou com o divino. Podemos afirmar que essa relação está precisamente ligada ao seu corpo, pois é através de seus sentidos corpóreos que ele pode perceber o mundo e, em um contexto religioso, buscar a transcendência para tocar o divino. Portanto assim como a dança, que é uma das mais primitivas formas de comunicação do homem, os relacionamentos humanos estão em total dependência do corpo, e estes: corpo, dança e relacionamentos, assiduamente presentes na escrita de uma história eternamente inacabada, a história do homem.

Uma reflexão a partir dos apontamentos dos grandes historiadores da dança, sobre o fato de que as primeiras danças consistiram na verdade em atos sagrados e ritualísticos, permitem-

 ISBN 978-85-60036-18-9

nos contemplar a necessidade de um ser em buscar o desconhecido, e que encontra em seu corpo um caminho a percorrer em direção ao relacionamento com algo maior, com o divino.

Esclarecemos que a filosofia de Merleau-Ponty é laica; este estudo trata-se de uma apropriação pessoal dessa filosofia, considerando-se as aproximações entre o corpo e a dança. Considerando-se também a dimensão da experiência vivida como suporte fenomenológico da pesquisa, nos parágrafos em que descrevo essa experiência, utilizo a primeira pessoa do singular como forma real; nos demais, utiliza-se a terceira pessoa do singular.

Segundo Faro (1986), a arqueologia vem esclarecendo o nosso passado ao conseguir traduzir a escrita de povos, hoje desaparecidos, e indicando a existência da dança como parte integrante de cerimônias religiosas, parecendo correto afirmar-se que a dança nasceu da religião, ou mesmo com a religião. Bourcier (2001) cita, dentre os documentos arqueológicos de significativa importância, a figura na gruta de Trois□Frères, datada de 10.000 a.C., que documenta um ser vestido de forma inabitual e propositalmente elaborada, portanto cerimonial ou ritual, com a cabeça voltada para a frente, corpo em um falso perfil e membros em posições sugestivas a uma dança com giros sob o próprio eixo.

A dança como ato sagrado ou forma de relação cosmológica persiste presente no avançar cronológico da humanidade, marcando a cultura religiosa de diversas civilizações e assumindo um lugar fundamental no acesso do homem à dimensão do divino.

O Egito, por exemplo, não apenas praticou a dança em sua forma sagrada, como litúrgica. Portinari (1989) afirma que ao deus Bés era atribuída a invenção da dança, mas que esta tinha realmente como patrona Hathor, deusa-mãe representada por uma vaca que carregava o disco solar entre os chifres. Essas duas figuras podem ser vistas tanto em papiros, como em pinturas no interior das pirâmides, e associadas com a palavra *hbij*, que significa ao mesmo tempo dançar e estar contente.

No que diz respeito à dança como ato sagrado e à sua inserção na liturgia egípcia, podemos prestigiar a sua prática, nos cultos a Osíris, que com Ísis, sua irmã e esposa, e Hórus, seu filho, formam a trindade básica da religião egípcia.

No que se refere à ancestralidade do cristianismo, os hebreus não nos deixaram muitos documentos que pudessem contribuir com um estudo aprofundado com relação à utilização da dança em seu viés sacro, pois sua história é marcada por constantes processos migratórios. Portanto devemos recorrer à documentação escrita deixada por esse povo, principalmente à Bíblia, visando obter informações com relação a sua fé, pois em torno desta está edificada toda a estrutura que sustentou e movimentou esse povo ao longo de sua existência.

Bourcier (2001) afirma que a dança hebraica surpreende pelo seu caráter paralitúrgico. A dança dos hebreus não foi inscrita nos rituais das celebrações, parecendo ser lançada à espontaneidade da multidão, porém é praticada num contexto religioso. Um forte exemplo de tal afirmação encontra-se em Êxodo, segundo livro da Bíblia, no capítulo 15, versículos 20 e 21, onde a profetisa Miriã, após milagrosamente cruzar o mar vermelho junto com seu povo em uma difícil fuga do Egito, depois de séculos de escravidão, tomou um tamborim e, juntamente com todas as mulheres, dançou alegremente a fidelidade de Jeová.

Outro exemplo está presente no livro 2 de Samuel, capítulo 6, do versículo 14 ao 23, quando o rei Davi trazia de volta para Jerusalém a Arca da Aliança das mãos dos filisteus. Quando a Arca adentrava a cidade, Davi dançou com todas as suas forças diante do Senhor, acompanhado por toda a casa de Israel.

A dança hebraica está biblicamente fundida, não às cerimônias ou rituais religiosos, mas à celebração pelo agir de Deus e ao seu louvor de forma espontânea, caracterizando uma expressão do sensível. O Salmo 150 nos instiga a louvarmos ao Senhor com adufes e danças, porém com o evoluir da história e a chegada do cristianismo, a dança como permitida e livre forma de expressão passa a sofrer a repressão da igreja, devido às novas concepções de corpo sobre o cristianismo refletidas.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Segundo Bentes (1995), a natureza metafísica do ser humano não estava integrada originalmente à herança judaico-cristã, tendo o cristianismo absorvido a ideia da dualidade do ser da filosofia grega, principalmente de Platão, que concebia o corpo como prisão da alma.

A disseminação do cristianismo possibilitou que o corpo assumisse um novo papel na história sob a perspectiva de um Deus encarnado, do Deus Verbo que se fez carne, entregando-a em sacrifício para expiação do pecado da humanidade, a fim de que todo aquele que nele cresse não perecesse, mas obtivesse a vida eterna (Jo. 3;16). Esse corpo simbólico dividiu a história e marcou o início de uma nova era, colocando-se no centro das discussões filosóficas e teológicas e vestindo-se da alta dignidade conferida à bela peça da criação. Porém outra imagem do corpo, igualmente recheada de significados, emerge no cristianismo sob uma ótica platônica, envolvendo-o nos trapos da depreciação a partir da imagem do homem pecador, atribuindo-lhe o papel de abominável veste da alma.

Gélis descreve “Uma ambigüidade atravessa, pois, o discurso cristão sobre o corpo e as imagens que ele suscita: um duplo movimento de enobrecimento e de menosprezo do corpo”. (GÉLIS, 2008, p.20)

Garaudy (1989) comenta que os padres da igreja, como Santo Agostinho, condenaram “esta loucura lasciva chamada dança, negócio do diabo”. Além da maldição circunstancial da contaminação do pensamento bíblico pelo dualismo grego, que levou o apóstolo Paulo a opor o espírito aos sentidos e a desprezar o corpo, entendendo que o bem só está na alma e o mal vem da carne, a qual deve ser ignorada e mortificada.

Nesse contexto e com a disseminação da fé cristã, a dança, enquanto atividade religiosa na Igreja, respira ofegantemente diante da perseguição das autoridades eclesiásticas, que inicialmente eram mais tolerantes com os costumes locais mais enraizados. Porém, diante da insistência da dança sacra em sobreviver, essas autoridades tentaram atingi-la fulminantemente em seus interditos, sendo o mais antigo, o concílio de Vannes, datado de 465.

A revolução protestante, movimento reformista iniciado no século XVI, trouxe um repensar sobre o corpo, nascente da postura dos contemporâneos, possibilitando a instalação de novas concepções concernentes a uma corrente cristã emergente. Segundo Gélis (2008), o que importa para o protestante é oferecer os meios para que os angustiados vençam suas dificuldades e tormentos e, nessa perspectiva, o corpo não é mais um alvo da depreciação e do constrangimento abusivo. O protestantismo toma uma posição oposta à palavra do magistério católico, que insistia persistentemente no caráter miserável da criatura, deixando no corpo sua posição de desprezível. Para os protestantes, o corpo merece ser guardado e, mediante a necessidade, protegido dos perigos.

A observação e análise da trajetória histórica do corpo no cristianismo, a compreensão de como homens e mulheres cristãos viveram seus corpos na relação com o sagrado, bem como entender essa simbologia, abrem-nos caminhos para compreender o corpo cristão na contemporaneidade e nos possibilitam uma análise crítica de sua metamorfose, direcionando-nos ao entendimento do cristão contemporâneo em suas diversas capas e práticas. Assim, com base nessa fundamentação teórica, iremos, na próxima nota, compreender a dança como celebração por meio da investigação realizada junto à Aviva Cia de Dança.

Nota 2 – A Aviva Cia de Dança

A Aviva Cia de Dança nasceu em 20 de junho de 2008, sendo a primeira Cia de Dança contemporânea cristã no estado do Rio Grande do Norte. Desde então, sob minha direção, tem atuado com a dança em diversos focos. Os bailarinos dessa Cia de dança congregam em diferentes igrejas evangélicas da cidade de Natal/RN, exercendo a dança na liturgia dos cultos e demais atividades promovidas pelas mesmas, portanto a atuação desses artistas na Cia é um reflexo da realidade vivida em cada instituição religiosa representada.

 ISBN 978-85-60036-18-9

As bailarinas

Todos os integrantes da Aviva Cia de Dança que foram entrevistados são do sexo feminino, com idade na faixa de 20 a 26 anos. Com exceção de apenas uma das bailarinas, todas buscaram o crescimento e o aprimoramento técnico da dança a partir de um primeiro contato através da igreja, onde a exerciam como forma de linguagem de louvor e adoração a Deus. A doação pelo desenvolvimento na área ocorreu também em outros níveis; cinco das oito bailarinas entrevistadas se formaram ou estão em processo de formação em cursos de graduação que contemplam a dança enquanto espaço de atuação profissional e pesquisa, sendo uma mestranda, uma formada e uma estudante de Educação Física, e duas estudantes do curso de Licenciatura em Dança.

A dança, não apenas como uma prática corporal, mas em sua flexível representação de liberdade como estilo de vida, marcou e marca a vida dessas bailarinas de forma profunda, alicerçando conceitos filosóficos complexos. Para elas a dança é uma forma de expressar a vida, de comunicar e dar sentido àquilo que as palavras não alcançam semanticamente. Podemos constatar essa significação a partir de algumas das falas das bailarinas pesquisadas, quando indagadas a esse respeito:

> A dança é a forma de expressar meus sentimentos, minhas emoções, é uma forma de falar às pessoas, não usando a linguagem verbal e sim corporal. Mostra realmente quem eu sou, o que eu quero mostrar, o que eu quero ser, o que eu fui, o que vou ser, eu mostro totalmente o meu eu (RALINE C. MENDES, Entrevista, 2011).

De acordo com Maurice Bejart, citado por Garaudy (1980), a dança surge de uma necessidade do ser em dizer o indizível. Podemos assim refletir sobre uma dança que traduz o inexprimível e, como linguagem, disponibiliza ao ser sensível um vocabulário capaz de fazê-lo se dar totalmente à compreensão do outro, dispensando as alusões e as aproximações do imaginário que habitam no “como se fosse”.

Através dos depoimentos das bailarinas entrevistadas, podemos observar a dança não apenas como forma de expressar o indizível, mas ainda, como forma de existir, sendo ela um possível caminho para se alcançar a plenitude.

> A dança foi a forma que eu encontrei de expressar a vida, eu consigo, com a dança, me sentir plena, consigo expressar o máximo que eu tenho do interior para o exterior. Quando eu estou dançando eu me sinto mais perto da plenitude, mais perto do outro, mais perto da música (THAYS ANYELLE M. DA SILVA, Entrevista, 2011)

Wosien (2000) afirma que em nenhum lugar o homem é tão exigido em sua totalidade, pois na dança ele se encontra não só consigo mesmo, mas também com o Tu, com o mundo ao redor, com o grupo, com a alteridade, sendo a dança um meio de autorrealização. Portanto a dança pode ser avaliada como espaço disponível ao ser que busca a plenitude, possibilitando-lhe encontrar em seu corpo movimentos capazes de transportá-lo a ele mesmo, ao outro, ao mundo e a Deus.

A dança, enquanto linguagem do indizível e caminho para a plenitude, caracteriza as bailarinas da Aviva Cia de Dança com uma inquietude em dizer, expressar e viver uma relação que se dá com o sagrado, que habita o sensível e através do corpo existe, revelando-nos novos entrelaçamentos entre corpo e religião, em que o cristianismo se abre a novas possibilidades para relacionar-se com Deus.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

Dançando o sagrado

Através dos depoimentos das bailarinas da Aviva Cia de Dança, podemos aprofundar nossa compreensão sobre um ser que encontra na dança uma possível e adequada linguagem para se comunicar com Deus, transformando sua oração e adoração em movimento:

> Quando danço para Deus eu me sinto plena, me sinto mais perto dele. Encontrei na dança a melhor forma de me relacionar com Deus, quando danço tenho a sensação de chamar sua atenção, além de tudo isso, ainda transmito o amor do Pai para as pessoas (LORENA T. S. C. ROCHA, Entrevista, 2011).

Wosien (2000) afirma que usualmente a oração é injustamente designada como via de comunicação da alma humana com Deus, pois em uma oração, tanto a alma quanto o corpo são participantes.

Garaudy (1980) concorda quando afirma a dança como comunicação do êxtase, sentimento da presença de Deus e participação no ser de Deus. Podemos melhor compreender e aprofundar nossa reflexão sobre essa relação com o divino através da dança, a partir do depoimento de uma das bailarinas entrevistadas:

> Quando eu danço é como se eu tivesse perto de Deus, é como se eu pudesse confessar para ele todos os meus segredos é como se eu pudesse ser eu quando eu danço, é como se Deus tivesse me ouvindo, e ali, é como se eu não tivesse como mentir para ele, como se nada pudesse ficar encoberto, eu sinto que sou dele quando eu estou dançando que ele me criou para isso (GLACIANE M. V. B. DE AZEVEDO, Entrevista, 2011).

A partir do relato de sensação da bailarina supracitada, no tocante à sua relação com Deus através da dança, podemos tecer algumas aproximações com o livro bíblico de Gênesis, que relata com riqueza simbólica única não apenas a criação, mas o primitivo e ideal relacionamento entre o ser e o divino na concepção cristã.

Encontramos na nudez de Adão uma possível leitura simbólica da sensação que é exalada ao ser pelo íntimo relacionamento deste com o divino, que o desnuda e o revela na totalidade em sua natureza corpo. Trata-se de uma leitura fenomenológica, em que a partir de uma interpretação do terceiro capítulo do livro de Gênesis, que nos relata a experiência de Adão com o pecado, nascida de sua desobediência à ordem de Deus em não comer do fruto da árvore proibida, vislumbramos um corpo de experiências. Este, ao experienciar o pecado, foi marcado e, em uma tentativa do ser em ocultar a experiência vivida, foi coberto. Essa possível leitura fenomenológica do corpo de Adão nos conduz à compreensão de um corpo que se denuncia, expondo à leitura o seu mundo vivido através das marcas desenhadas em sua pele pelas experiências. A sensação de desnudamento descrita pela bailarina pode ser associada à simbólica nudez de Adão, portanto à concepção bíblica do relacionamento perfeito existente entre o ser e Deus antes do nascimento do pecado.

Prosseguindo com a análise dos entrelaçamentos entre a dança e o sagrado, identificamos em sua prática motivações que perpassam a importância atribuída ao individual. Ou seja, a dança em sua significação não se restringe a uma forma para se relacionar com o divino, criando uma atmosfera fechada sobre o ser dançante e o seu Deus, mas esta se dilata e contempla o outro, que como espectador comunga e, em uma experiência estética, é sensibilizado e tocado sob uma inspiração divina.

> A relação que existe entre a dança e o sagrado é isso, captar aquilo que o dançarino está dizendo porque toca o seu coração, ele consegui expressar com o corpo dele, com o coração dele,

ISBN 978-85-60036-18-9

> o que Deus está querendo dizer pra você, e você consegui captar isso em cada passo. A relação que eu tenho da dança com o sagrado é quando a pessoa consegue tocar o coração e você consegui sentir algo de Deus, no seu coração, não apenas uma beleza estética, algo que realmente vem de Deus pra você através da dança (ANA PRISCILA C. CABRAL, Entrevista, 2011).

Garaudy (1980) coloca que dar vida aos movimentos do invisível era uma responsabilidade atribuída aos profetas entre os hebreus, que animados pelo sopro de suas visões, tornavam-se "auto-falantes" do invisível, pois estes encontravam os gestos necessários para exprimir as ocorrências do invisível sem diminuí-las. Sendo assim, encontramos nessas bailarinas as atribuições necessárias para caracterizá-las como profetas na contemporaneidade.

Um corpo dançante, um templo

Entre os passos do tempo no espaço, inscreve-se e re-escreve-se o corpo, que através de suas marcas conta-nos sua história e nos revela suas metamorfoses. Através dos depoimentos das bailarinas da Aviva Cia de Dança, podemos identificar uma resgatada forma de pensar o corpo, deixando neste a conotação de pecado e assumindo a forma de espaço onde o divino habita, conforme descrito em I Cor. 6; 19-20.

> A bíblia fala que nosso corpo é templo do Espírito Santo, então meu corpo guarda o que tem de mais precioso (GLACIANE M. V. B. DE AZEVEDO, Entrevista, 2011).

A concepção simbólica do corpo enquanto espaço onde se encontra o divino é contrastantemente significativa diante do histórico de perseguição e dos discursos depreciativos do corpo que foram proferidos pelo cristianismo, que o caracterizaram, segundo Tucherman (1999), como um dos monstros na história do corpo. Essa visibilidade do corpo como santuário de Deus na cultura contemporânea cristã tem aberto portas para que o corpo não apenas esteja presente e inerte, mas que seja ativamente participante na relação do homem com o divino.

Compreender esse corpo e a sua ressignificação permite-nos refletir sobre um corpo sujeito do movimento que dança em celebração, considerando sempre que o movimento deve despertar no sujeito a percepção de si mesmo como ser corporal, em relação com os outros e com o mundo, e da sensibilidade como atribuidora de significado às ações humanas (Nóbrega, 2010).

Nessa compreensão, seguimos para a próxima nota, onde nos aprofundaremos na discussão sobre a dança como celebração e cultura de movimento, abarcando reflexões sobre a dança enquanto linguagem do sensível e celebração do ser, bem como seu entrelaçamento à corporeidade em uma contextualização na Educação Física como área do conhecimento.

NOTA 3 - A Dança Como Celebração e Cultura de Movimento

A Aviva Cia de Dança tem desenvolvido trabalhos que objetivam a popularização da arte na cidade de Natal através de intervenções culturais realizadas em espaços com grande circulação de pessoas, como praças e centros comerciais. Tais intervenções são dotadas de um caráter evangelístico, objetivando a transmissão de mensagens que se relacionam à fé cristã. A Cia de dança em questão vem contribuindo, de forma significativa e voluntária, com a disseminação da dança como livre forma de expressão humana no meio cristão protestante, participando e se colocando a gratuita disposição de eventos de importância relevante na cidade para o público evangélico. Também tem formatado trabalhos artístico-coreográficos conceituais de qualidade na linguagem da dança contemporânea, espetáculos, que têm por objetivo o levantamento de questões que promovam reflexões proveitosas à sociedade sob um viés cristão.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

A descrição das atividades realizadas pela Aviva Cia de Dança pode nos esboçar um contorno da significação da prática do dançar, aproximando-nos da compreensão das finalidades que determinam sua importância no contexto cristão protestante contemporâneo.

Para Nóbrega (1999), a dança flui da corporeidade dos dançarinos, e sua lógica consiste na interpretação e criação dos movimentos que a delineiam, sendo a dança um conhecimento vivencial, em que, para compreendê-la, é preciso dançar. Nela entrelaçam-se corpo, movimentos e percepção, criando um vocabulário próprio de gestos significativos em uma experiência estética vivencial.

Entendemos que a corporeidade, de acordo com o pensamento de Merleau-Ponty, deve estar inserida na compreensão da consciência e do eu, e considerando o entrelaçamento existente entre a dança como celebração e a corporeidade. Podemos contextualizá-la na Educação Física como campo de conhecimento, uma vez que:

> A Educação Física passa a ensinar e a ajudar a viver e sentir-se corporeidade. Esse objetivo passaria a ser fundamental na Educação Física, na medida em que ele é o suporte básico do próprio modo de ser do homem. Para ser mais claro, pode-se dizer que todo indivíduo se percebe e se sente como corporeidade. É na corporeidade que o homem se faz presente. A dimensão da corporeidade vivida, significante e expressiva caracteriza o homem e a distância dos animais. Todas as atividades humanas são realizadas e visíveis na corporeidade (Santin, 2003, p. 66).

Tal contextualização nos permite vislumbrar novos espaços em que a Educação Física deve fazer-se presente. As práticas corporais em manifestações religiosas nos detalham as intimidades entre o ser corpo e o divino, onde o ser, sendo corporeidade, relaciona-se com o "não corpo". Cabe à Educação Física, enquanto área do saber, compreender essa relação existente na dança como celebração, em que o ser se lança ao desconhecido em uma relação que tem sua intensidade medida no corpo em movimento.

Entendemos que a dança como celebração, em sua manifestação sacra, conscientiza o homem de sua condição corporeidade em seus gestos significantes e intencionais, fazendo com que este se vivencie corpo e torne-se significativo a si mesmo em sua sensibilidade. Entendemos que em cada dança dançada pela Aviva Cia de Dança há vivência e experiência estética, o que remete à sensibilidade, em que a atitude fenomenológica não a descarta. *O sensível é presença revelada em saberes enraizados no corpo, como o das artes e o do mito* (Nóbrega, 1999, p.120).

O trabalho realizado pela Aviva Cia de Dança viabiliza outra forma para o conhecimento, expressando-o na dimensão estética e em uma dinâmica de corpos dançantes, revelando o sentido da corporeidade. Trata-se de um novo arranjo para o conhecimento, em que este se transcreve em outra realidade. *Esse mundo sensível é o logos do mundo estético* (Merleau-Ponty, 1974, p.57).

Refletimos, então, sobre a dimensão expressiva do corpo, considerada por Merleau-Ponty como comunicação da realidade sensível, tendo em vista que:

> Por meio do logos sensível, estético, coloca-se a experiência perceptiva como campo de possibilidades para o conhecimento, investido de plasticidade e beleza de formas, cores e sons. O corpo e o conhecimento sensível são compreendidos como obra de arte, aberta e inacabada, horizontes abertos pela percepção (Nóbrega, 1999, p.125).

Esse corpo é obra de arte, aberto a sentir e viver, que se abandona à metamorfose constante. Corpo fenomenológico que se dá a leitura revendo o vivido, em cada dança que

ISBN 978-85-60036-18-9

celebra se revela, se mostra. Como ocultar diante da verdade do corpo? Ou como esconder diante da sua nudez?

A verdade é que os conhecimentos tatuados no corpo pela vida são narrados a cada simples movimento, recitados em cada dança na poesia de sua corporeidade.

Se a atitude fenomenológica nos proporciona afirmar o conhecimento enquanto compreensão de nossas experiências no mundo, que conhecimento poderia revelar enquanto autor e sujeito do que vivi? Dançando, me revelei e fui revelado, me dei a conhecer, fui conhecido e conheci, toquei e também fui tocado, descobri-me corpo, me percebi sensível. Posso fazer minhas as palavras do filósofo francês Merleau-Ponty (1994), "sou meu corpo", corpo que se desnuda a cada dança dançada, e em uma reversibilidade de minha relação com o mundo, com o outro, com Deus, estes se desnudam a mim. Dançando, não apenas vivi, mas também celebrei a vida.

CONCLUSÃO

O olhar lançado sobre a inserção da dança no cristianismo contemporâneo propiciou uma rica reflexão a respeito da pluralidade do corpo em seus significados e interpretações, sensibilizando-nos a perceber sua metamorfose, suas novas roupas, seus novos perfumes.

Vislumbramos um corpo manifesto, que é templo do divino, em que este se manifesta e se desnuda em uma expressão sensível, na poesia de sua corporeidade, plenitude, liberdade, celebração.

Considerando o entrelaçamento existente entre essa dança como celebração, enquanto cultura de movimento e a corporeidade, podemos contextualizá-las na Educação Física como campo de conhecimento, permitindo-nos vislumbrar novos espaços em que esta área do saber pode e deve fazer-se presente. Entendemos que a dança, como celebração em sua manifestação religiosa, conscientiza o homem de sua condição corporeidade em seus gestos significantes e intencionais, fazendo com que este se vivencie corpo e torne-se significativo a si mesmo em sua sensibilidade. Devemos levar em consideração que essa sensibilidade nos descortina conhecimentos inesgotáveis e nos revela saberes exalados de um ser capaz de criar infinitos. Vislumbramos assim este trabalho apenas como um início, para que possamos escavar saberes mais profundos, cientes de que ainda habitamos apenas as margens da superficialidade de nós mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENTES, JM & CHAMPLIN, R,N. *Enciclopédia bíblica de teologia e filosofia.* 4 ed. São Paulo: Candeia, 1995.

BÍBLIA DE REFERÊNCIA THOMPSON. Edição contemporânea. São Paulo: Editora Vida, 2002.

BOURCIER, Paul. *História da dança no ocidente.*2 ed. São Paulo: Appenzeller. 2001.

CYRULNIK, Boris. *O sexto sentido: O homem e o encantamento do mundo.* Lisboa: Instituto Piaget, 1999.

DINIZ, Isabel C. V. *Dança e estilo de vida: O corpo lúdico no contexto.* Santa Cruz do Sul: 2002.

FARO, Antônio José. *Pequena história da dança.* Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

GARAUDY, Roger. *Dançar a vida.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

GÉLIS, Jacques. *História do corpo*. São Paulo: 2008.

JUNG, C. G. *Psicologia da religião.* Petrópolis: 1978.

KRAUS, R. & CHAPMAN, S. *History of the dance in art and education.* New Jersey: Prentice-Hall, 1981.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

LABAN, R. *Dança educativa moderna***.** Tradução de Maria da Conceição P. de Campos. São Paulo: Ícone, 1990.

LANGER, Susanne K. *Sentimento e forma.* São Paulo: Editora Perspectiva, 1980.

MENDES, M. *A dança*. 2ª edição. São Paulo: Ática, 1987.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Fenomenologia da percepção.* 3 ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

NÓBREGA, Terezinha Petrucia da. *Para uma teoria da corporeidade: Um diálogo com Merleau-Ponty e o pensamento complexo*. Tese de doutorado, Piracicaba, SP, 1999.

----------*, Uma fenomenologia do corpo*. São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010.

PORTINARI, Maribel. *História da dança.* Rio de Janeiro: Nova Fronteira. 1989.

PORPINO, Karenine de Oliveira. *Dança é educação: interfaces entre corporeidade e estética.* Natal: EDUFRN- Editora da UFRN, 2006

SANTIN, Silvino. *Visão lúdica do corpo*. In: DANTAS, Estélio (Org.). *Pensando o corpo e o movimento.* Rio de Janeiro: Shape, 1994.

----------, *Educação Física: Uma abordagem filosófica da corporeidade. 2ª edição.* Ijuí: Editora Unijuí, 2003.

TUCHERMAN, Ieda. *Breve história do corpo e de seus monstros.* 1999.

ISBN 978-85-60036-18-9

GINÁSTICA RÍTMICA: UM DIÁLOGO ENTRE CORPO, ARTE E CULTURA

Hosana Cláudia Matias
Programa de Pós Graduação em Educação Física - PPGEF/UFRN
Rosie Marie de Medeiros
Programa de Pós Graduação em Educação Física - PPGEF/UFRN

RESUMO: A Ginástica Rítmica (GR) compõe o grupo das modalidades esportivas que estabelecem uma relação muito estreita com a arte. O sentido estético que busca o belo ginástico, o vínculo inabalável com a música, a procura por formas corporais inusitadas e especialmente tramadas configuram esse esporte de muitas nuances e aberto a diferentes interpretações. Em um rápido especular sobre a produção acadêmica, percebemos que as questões teóricas envolvendo a GR começam a se descortinar para além do campo técnico-competitivo. A partir desse quadro é que apresentamos a seguinte questão de estudo: Como uma modalidade com vínculos incontestes com a arte e com a cultura, preenchida do sensível, pode manter-se viva frente à objetivação característica do mundo esportivo? No momento de construção das composições de competição é que iniciam os questionamentos a respeito do enquadramento a que a GR é submetida. Paradoxalmente, as normas que a regem têm contribuído para a elaboração de composições ousadas e instigantes, na medida em que dominar um código, aqui entendido como regras, é também ser capaz de interpretá-lo a favor das ginastas. No caso da GR, em favor do belo, do original e do valioso. A partir das constatações apresentadas, este estudo tem como objetivo discutir sobre as concepções de corpo e o entrelaçamento com a arte e a cultura que ressignificam as composições coreográficas da GR frente ao mundo esportivo. Para tanto utilizaremos a pesquisa qualitativa com suporte na fenomenologia, considerando o mundo vivido como fonte de conhecimento que possibilita descrever o fenômeno e buscar a sua essência. Partiremos da seleção intencional e apreciação de vídeos de conjunto simples, onde as cinco ginastas portam, cada uma, um único aparelho. Dialogaremos com a hermenêutica como modalidade da fenomenologia que, ao interrogar o fenômeno, busca a relação das pessoas com as situações vividas e comunicadas através de obras humanas descritas, esculpidas, dançadas. Apresenta-se então o desafio de, através da apreciação dos conjuntos, discutir os enlaces do corpo com a arte e a cultura na GR. Para tanto utilizaremos como interlocutores principais: Merleau- Ponty, Nóbrega, Porpino, Medeiros e Lacerda, além dos autores específicos da GR, respondendo a questão inicial de estudo, além de fomentar reflexões a respeito da GR e a experiência estética por ela proporcionada.

Palavras-chave: Corpo. Ginástica Rítmica. Esporte

A Ginástica Rítmica (GR) compõe o grupo das modalidades esportivas que estabelecem uma relação muito estreita com a arte. O sentido estético que busca o belo ginástico, o vínculo inabalável com a música, a procura por formas corporais inusitadas e especialmente tramadas configuram esse esporte de muitas nuances e aberto a diferentes interpretações.

O perfil da GR varia da competição à demonstração, no entanto se mantém, em qualquer nível, na busca da força criativa que resulta em novas perspectivas de movimentos. Caracteriza-se por ser uma modalidade feminina, o que não a impediu de recriar-se para os homens, ainda que oficialmente essa diversificação não seja reconhecida pela Federação Internacional de Ginástica (FIG). O que a difere de outras modalidades de ginásticas é a possibilidade de manusear implementos portáteis, em especial a corda, a bola, o arco, as maças e a fita, aparelhos inseridos e regulamentados gradativamente, a partir do contexto social e motor em que foi idealizado.

> As exigências técnicas dessa modalidade têm sido alvo de uma constante evolução com o objetivo não só de promover o aumento do rendimento das ginastas, mas também de melhorar o nível das provas, tornando – as cada vez mais competitivas e aliciantes para o público (LEBRE, 1993, p. 2)

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

As características adquiridas desde sua criação resultaram no fomento de infinitas possibilidades de expressão do corpo. O que aos olhos do apreciador comum pode ser traduzido como simples ou suave é resultado de esforços corporais excruciantes. Mesmo entre ginastas jovens, as posturas solicitadas excedem os limites considerados naturais e, em muitos movimentos, a dor é companheira. Apesar da exigência técnica que lhe é característica, a expressividade age como conector entre as participantes e os admiradores, corpo e mundo, estabelecendo uma experiência estética que solapa todo o preconceito em relação à subjetividade presente no esporte. Transpondo esse entendimento para o olhar fenomenológico, mesmo considerando que o esporte nem sempre se propõe a sair do que está posto, recorremos a Nóbrega (2011 p 133) quando afirma que a imbricação entre o corpo e o mundo, mediada pela fenomenologia, tem impulsionado:

> Novas maneiras de se movimentar para além do deslocamento mecânico das partes do corpo no espaço, dos conteúdos e métodos de ensino tradicional, dos preconceitos em relação à aptidão física, padrões corporais, relações de gênero, ensino da leitura e da escrita entre outros aspectos que configuram certas prática educativas. (NÓBREGA, 2011, p.133)

Para refletir sobre o que está institucionalizado e vivido, abrimos a possibilidade para questionamentos e retomadas. Novas janelas se abrem, novos olhares são permitidos e, ao mergulharmos no universo da GR, percebemos que ela tem sido muito discutida no Brasil nos últimos anos através de olhares diferenciados, coerentes com seu perfil multifacetado.

Podemos destacar, no treinamento desportivo e na perspectiva do rendimento competitivo, os estudos da professora Barbara Laffranchi (2001) e da UNOPAR, centro de referência da modalidade, que observam as possibilidades de desenvolvimento para o alto nível, destacando o treinamento físico e técnico com prioridade para o trabalho de conjunto (5 ginastas).

Na perspectiva pedagógica Roberta Gaio (2007 – 2008), a partir da Ginástica Rítmica Popular que fomentou muitos trabalhos sob o olhar pedagógico, estimulou-se a prática da ginástica em todos os níveis e para todas as pessoas, o que também é afirmado por Alonso (2011) e a Pedagogia da Ginástica Rítmica.

Percebemos também que os referenciais filosóficos começam a permear o mundo da GR. Porpino (2005), Cavalcanti (2008) e Angheben (2009) discutem o corpo, a estética e o sensível perceptível no mundo ginástico. Toledo (2010) faz uma incursão suave a respeito do belo na GR e Lourenço (2010) começa a discutir a influência da cultura nesse modelo ginástico.

Lacerda (2002) e a Estética do Desporto procuram discutir a aproximação do desporto com a arte, o que favorece uma apreciação para além do rendimento técnico, reconhecendo as qualidades estéticas presentes em cada um. Nessa perspectiva, segundo a autora, a GR está "num espaço de interface entre o desporto e arte". Na mesma perspectiva, Martins (1999) refere-se à GR, à Ginástica e à Patinação Artísticas como desportos de "caráter artístico" carregados de forte conotação interpretativa que parecem resultar da relação entre desporto e arte.

Assim, num rápido especular sobre a produção acadêmica na área, percebemos que as questões teóricas envolvendo a GR começam a se descortinar para além do campo técnico-competitivo. Entretanto, apesar do salto qualitativo das pesquisas sobre a modalidade, muito há para se discutir sobre a subjetividade decorrente da relação com a arte, que a envolve e está imbricada em sua essência com tanta força, que após anos de tentativa, ainda é considerada no meio esportivo como um esporte de avaliação subjetiva, tão artística que se confunde com a dança.

A partir desse quadro, é que apresentamos a seguinte questão de estudo: Como uma modalidade com vínculos incontestes com a arte e com a cultura, preenchida do sensível, pode manter-se viva frente à objetivação característica do mundo esportivo?

ISBN 978-85-60036-18-9

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O esporte enquanto representação da cultura sofre constantes transformações na busca de torná-lo o mais espetacular possível e assim provocar múltiplas experiências que envolvem diferentes reações em seus espectadores. Para Lovisolo (1997, p. 83) “O espetáculo esportivo possui uma natureza quente, procura impactar nossas emoções, sentimentos e sensibilidade, fazendo – nos rir, chorar ou exaltar”. Compreendendo o esporte como elemento da cultura e por ela enredado, entendemos que:

Olhar para o desporto do ponto de vista estético não dissolve nem anula qualquer tipo de aproximação, apenas exalta o valor do desporto alimentando – o e revigorando – o como fenômeno cultural. (LACERDA 2002 p 22).

Dentre os vários modelos esportivos, existem alguns em que percebemos enfaticamente a presença de componentes artísticos, que aproximam os espectadores de experiências estéticas significativas, sendo considerados por Martins (1999) como Desportos de Composição Artística (DCA) por promoverem verdadeiros espetáculos, não se limitando ao aspecto competitivo. Dentre eles, destacamos a Ginástica Rítmica (GR), tema investigativo dessa proposta de estudo, modalidade ginástica resultante de reflexões e críticas a conhecimentos já institucionalizados na Europa Central no final do séc. XIX e início do séc. XX.

Nesse contexto de reação ao modelo positivista de ginástica, surge o Movimento do Centro, ocorrido na Áustria, Alemanha e Suíça simultaneamente, que possuía um caráter artístico, rítmico e pedagógico. Artístico, porque foi influenciado por diversos expoentes da dança e do teatro, como Noverre, Duncan e Laban. Rítmico, por valorizar a Educação Rítmica de Dalcrose e suas possibilidades educativas. Pedagógico, porque fundamentado em Pestalozzi, acreditava que o movimento era o verdadeiro ponto de partida para o processo ensino aprendizagem da Educação Física. (Langlade 1970, Llobet 1998, Porpino 2005).

> Esta articulação entre dança, música e ginástica, que deu origem a Ginástica Moderna, precursora da Ginástica Rítmica, pode ser considerada como um dos primeiros passos da arte no contexto do que iria denominar-se posteriormente de Educação Física. (PORPINO, 2005, p. 1)

Chamada inicialmente de Ginástica Expressiva, a ginástica moderna de Rudolf Bode buscava reagir contra os conceitos físicos de caráter anatômico e fisiológico dos sistemas ginásticos da época, contra os movimentos construídos e analíticos que consideravam o corpo um conjunto de partes sem unidade orgânica, provocando o adestramento, em vez do conhecimento global do homem. Bode afirmou que a finalidade essencial de sua ginástica era o desenvolvimento do movimento em toda a ação humana, tanto numa sequência orgânica correta quanto num movimento inspirado na fantasia, a contínua inter-relação entre ambas era seu objetivo (Langlade y Langlade, 1970).

Assim, entendemos que a GR evoluiu a partir de fontes diversas, ligadas à arte e à educação, dotadas de características inovadoras e contestadoras dos modelos vigentes. Foi absorvida pelas mulheres por se crer que a expressividade imbricada no modelo ginástico em destaque era um atributo próprio às mulheres. Tal afirmação reflete a perspectiva histórica em que ela foi idealizada. A partir dessa constatação, percebemos que a caracterização atual da Ginástica Rítmica se coaduna a uma trajetória já delineada em sua origem. A distorção do caráter formativo para o competitivo compactua com o momento histórico de sua consolidação enquanto modalidade esportiva. A configuração adquirida desde sua criação resultou no fomento de infinitas possibilidades corporais. Assim, a GR “Caracteriza-se, em termos competitivos por exigir um grande rigor técnico aliado à valorização da expressividade e da sensibilidade, além de uma exímia manipulação dos implementos específicos.” (Lacerda 1993 p 34).

Em qualquer nível de trabalho e em particular na busca da alta performance, a GR tem como suporte a Ciência do Treinamento Desportivo associado às técnicas de dança,

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

especialmente o Balé Clássico, que permite à ginasta a apropriação dos elementos corporais específicos e proporciona à treinadora possibilidades ilimitadas no momento da composição coreográfica, busca do movimento original e da execução perfeita. Evidentemente que essa descrição está atrelada às orientações contidas no Código de Pontuação (CP) emitido pela Federação Internacional de Ginástica, órgão gerenciador que resguarda o caráter esportivo da modalidade, sem, no entanto, permitir que se percam as características artísticas essenciais para a manutenção desse modelo ginástico.

No momento de construção das composições de competição, é que iniciam os questionamentos a respeito do enquadramento a que a GR é submetida. Paradoxalmente, as resoluções determinadas pelo regulamento têm contribuído para a elaboração de composições ousadas e instigantes, na medida em que dominar um código, aqui entendido como regras, é também ser capaz de interpretá-lo a favor das ginastas e do trabalho a ser desenvolvido. No caso da GR, em favor do belo, do original e do valioso.

A experiência de assistir a uma composição de conjunto na GR permite-nos a compreensão de como a relação entre a técnica, o conhecimento e as ginastas pode proporcionar imagens corporais que se assemelham a um quadro, cuja moldura, área de competição, tenta conter a ousadia das coreografias, mas as imagens não se conformam em seus enquadramentos. Estes não são suficientes para deter o poder criativo que emerge da essência da modalidade. Os contornos impostos são fragilizados pelo poder da criação. O entrelaçamento entre os corpos e os objetos sugerem novos movimentos e novas sensações, promovendo a partir daí experiências estéticas significativas.

Diante desse quadro, Lisitskaya (s/d, p. 16) acredita que “O atual desenvolvimento da Ginástica Rítmica aumenta o papel do componente estético.” A autora considera esse princípio não só como um complemento, mas também como um elemento básico na estrutura da modalidade que contribui decisivamente para o sucesso esportivo, sendo, portanto, um item de grande preocupação para treinadores e ginastas.

A partir dos diversos entendimentos sobre a GR, vislumbramos o uso corrente de dois conceitos: Arte e Estética, utilizados quase como siameses em sentido e significado. Na tentativa de interagir com esses conceitos, recorremos a Porpino (2006, p. 70) para quem ao: “Referir-se a estética é inevitavelmente se remeter a arte”, embora a estética não seja privilégio da arte, é falar do encantamento e do arrebatamento que tolhe as palavras quando acontece uma experiência estética, a interação simbiótica entre o objeto observado e o observador. É a expressão do sensível, mas não um padrão estabelecido, porque a percepção estética tem origem na experiência vivida de cada um e das relações com o seu entorno.

> A estética é um termo que nos remete a múltiplas compreensões e significados na época em que vivemos. A arte, o belo, a sensibilidade, o prazer são palavras que permeiam o universo da estética e que frequentemente são utilizadas como sinônimo desta. (PORPINO, 2006, p. 70)

Entendemos que a experiência estética não se restringe apenas à apreciação do objeto artístico ou do artista. A arte tem se diluído em nosso cotidiano, na arquitetura, no designer, no esporte, como nos diz Lacerda ao afirmar que “o olhar estético é um olhar de profundidade que penetra as formas, os relevos, os volumes, as texturas, as melodias, as tensões do *corpus* desportivo.” (Lacerda in Lagoa 2009 p 10)

Assim, podemos buscar na GR elementos que provoquem sensações e a “capacidade de se fazer presente em imagens, sons, movimentos, ritmos, figuras; a capacidade de expressar algo que não seja abarcado por uma conceituação e que a nossa linguagem não seja capaz de formular.” (Langer in Saraiva 2005 p 220).

Para Porpino (2004, p. 125), os componentes estéticos na GR estão presentes em diversas etapas do treinamento ginástico “desde a escolha das atletas para a composição das equipes,

 ISBN 978-85-60036-18-9

até o momento em que a ginasta se apresenta". Em um estudo que buscava os componentes estéticos presentes nos esportes, Lacerda in Lagoa (2009) identificou configurações que se coadunam com a afirmação de Porpino (2004) e aponta:

> [...] a presença da música, o espaço físico onde se realiza a atividade, a plástica do corpo em movimento, a presença de elementos do repertório da dança, o vestuário e acessórios utilizados, a manifestação de relações de cooperação e oposição entre participantes, a dimensão de espetáculo presente no desporto, os materiais característicos das diferentes modalidades, o morfótipo dos desportistas, e o domínio técnico necessário aos diferentes movimentos esportivos. (LACERDA in LAGOA, 2009, p. 16).

Percebemos que os componentes apontados, de fato, fazem-se presentes na GR e são visualizados de forma imbricada, entrelaçada e estetizada, para proporcionar aos apreciadores, aos árbitros e também às ginastas momentos de êxtase, além de transgredir esteticamente e artisticamente a objetivação imposta pelo Código de Pontuação (FIG 2008 – 2012) e pelo mundo esportivo.

OBJETIVO

Refletir sobre as concepções de corpo e o entrelaçamento com a arte e a cultura que ressignificam as composições coreográficas da GR frente ao mundo esportivo.

METODOLOGIA

Ao tratar do corpo como uma obra de arte, Nóbrega cita Merleau Ponty, para quem o corpo se configura numa linguagem sensível que se expressa no movimento. "O corpo não é coisa, nem ideia. O corpo é movimento, sensibilidade e expressão criadora" (Nóbrega 2010 p 100). Considerando que a GR é traduzida como um esporte em que a expressividade entrelaçada com o sensível transpõe o estabelecido pela técnica, faz-se mister entender e elucidar as questões que subjetivam a GR, tornando-a uma modalidade diferenciada no mundo esportivo, principalmente se a vemos como uma atividade cujos corpos se comunicam com a arte, tendo a música como esteio.

Para tanto utilizaremos a pesquisa qualitativa com suporte na fenomenologia, considerando o mundo vivido como fonte de conhecimento que possibilita descrever o fenômeno, buscar a sua essência;

> Abarcando-a para o seu circulo de inclusão ou horizonte de compreensão [...] E assim apropriar-se [...] do desvendado, ou seja, do que a incursão realizada apontou como característico do fenômeno interrogado. (BICUDO IN BICUDO E ESPOSITO 1994).

Nesse sentido, compreendemos que a experiência vivida possibilitará esse olhar que enxerga a GR a partir dela mesma, do seu visível; e ao percebê-la com distanciamento, poderemos ser agraciados com novas significações.

Para Moreira (1992) o retorno às coisas mesmas só é viável a partir da redução fenomenológica, que para Merleau–Ponty (idem ibidem) deve propiciar uma reflexão radical que sirva como meio de fazer aparecer o mundo sem nos retirar do mundo, buscar o irrefletido e manifestá-lo.

Para o alcance da meta proposta, partiremos da seleção intencional de vídeos de conjunto simples, ou seja, composições em que as cinco ginastas portam, cada uma, um único aparelho.

ISBN 978-85-60036-18-9
<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

As equipes eleitas serão representantes das seleções nacionais que possuem o nível técnico e artístico coerente com a proposta de estudo e onde o trabalho de interação entre os atores ginásticos possibilitem uma visualização mais apurada dos elementos artísticos e culturais que a envolvem. Dialogaremos com a hermenêutica como modalidade da fenomenologia que, segundo Bicudo e Esposito (op.cit.31), ao interrogar o fenômeno, busca a relação das pessoas com as situações vividas e comunicadas através de obras humanas descritas, esculpidas, dançadas, etc.

Buscaremos compreender e interpretar cada conjunto buscando os significados artísticos, enquanto produção humana, influenciados pela cultura e capaz de ressignificar o nosso próprio entendimento sobre a modalidade. Assim torna-se clara a busca por imagens artísticas que eficientemente respondem as exigências técnicas que corajosamente arrebatam os espectadores. Como afirma Barthes (in Bianco e Leite 1998):

> [...] a imagem é capaz de provocar uma cadeia flutuante de significados entre a linguagem literal denotada e a linguagem conotada, o conteúdo relativo desses dois elementos varia conforme o tipo de iconografia que estamos analisando. (BARTHES in BIANCO E LEITE 1998 p 78)

Apresenta–se, então, o desafio de que através da apreciação dos conjuntos possamos discutir os enlaces do corpo com a arte e a cultura na GR. Para tanto enfatizaremos os momentos essencialmente coreográficos, sem preocupação com os elementos de dificuldade; optamos pela prova de conjunto por concordarmos com Cavalcanti (2008), para quem um conjunto de GR se configura como:

> Corpos e aparelhos que se projetam nos espaços do tablado competitivo e criam uma matriz do belo que concebe um deslumbre coletivo [...] A beleza de uma série de conjunto é dada, sobretudo pela maneira com que as ginastas elaboram o trabalho coletivo, além do virtuosismo que cada ginasta deve apresentar tal qual nos exercícios individuais. (CAVALCANTI, 2008 p 45 - 46)

Assim, a partir dessa primeira conceituação sobre os conjuntos, buscaremos responder as questões iniciais de estudo contidas neste projeto de pesquisa e atender, ao final do processo, as expectativas dos nossos objetivos, além de fomentar as discussões e reflexões a respeito da GR e a experiência estética por ela proporcionada.

Como referencial teórico, buscaremos dialogar inicialmente com a Fenomenologia através do olhar de Merleau-Ponty, por considerá-lo fundamental no que se refere ao entendimento da relação entre corpo, arte e cultura, conhecimentos básicos para os estudos pretendidos. Destacamos também autores específicos da GR, como Róbeva e Rankélova (1991), Del Valle (1996) Lisistskaya (s/d), Gaio (2007, 2008, 2010), Lourenço (2010), Laffranchi (2001), Alonso (2010), Toledo (2010), que apresentam discussões importantes na práxis ginástica, tanto na perspectiva da formação quanto da competição e seu reflexo sobre o entendimento da modalidade. As questões referentes mais especificamente à estética do esporte a partir de Lovisolo (1997) e Lacerda (1993 - 2002) que por terem olhares diferenciados instigam e desafiam a compreensão do esporte como fenômeno socialmente estabelecido e esteticamente arrebatador. Para alicerçar os conceitos de arte e cultura, recorremos a Langer (2011) Medeiros (2010) e Ortega y Gasset (2002 – 2008), que enveredam e esclarecem temas entrelaçados na própria ginástica através das composições coreográficas. Obviamente que durante o processo de desvendamento das questões elencadas, outros conhecimentos serão necessários e fundamentais para a concretização das metas apresentadas.

ISBN 978-85-60036-18-9

REFERÊNCIAS

BAUER,M. W. e GASKELL, G. – **Pesquisa qualitativa com texto imagem e som: Um manual prático** – Editora Vozes – Petrópolis RJ, 2002

BIANCO, BELA FELDMAN e LEITE, MIRIAN L. MOREIRA - (orgs.) – **Desafios da Imagem, fotografia, iconografia e vídeo nas ciências sociais** – Papirus – Campinas SP 1998

CAVALCANTI, Loreta Melo Bezerra – **Beleza e Poder na Ginástica Rítmica: Reflexões para a Educação Física/** Loreta Melo Bezerra Cavalcanti, Natal 2008 – Dissertação (Mestrado em Educação) UFRN 132f.

CÓDIGO DE PONTUAÇÃO GINÁSTICA RÍTMICA DESPORTIVA - FIG – 2008 – 2012

ESPOSITO, V.H. e BICUDO, M.A.V. (Orgs.) **A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico**. Piracicaba: Editora UNIMEP, 1994 - 147p.

LOVISOLO, Hugo – **Estética, Esporte e Educação Física** – Sprint Editora – Rio de Janeiro – RJ – 1997 – 171p

GAIO,R. **Ginástica Rítmica Desportiva ”Popular” uma proposta educacional**, São Paulo, Editora Fontoura, 2007 2ª edição

LAFFRANCHI, Bárbara **Treinamento Desportivo aplicado à Ginástica Rítmica**– Londrina - UNOPAR –2001

LAGOA, M.J. – **Em busca do valor estético da ginástica artística feminina, patinagem artística, rânguebi e do boxe. Estudo exploratório a partir da opinião de treinadores.** Porto 2009: M. Lagoa Dissertação de Mestrado apresentada na Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

LANGER, Susanne – **Estética: Sentimento e Forma: Uma teoria da Arte desenvolvida a partir de filosofia em nova chave/** tradução Ana Maria Goldberger Coelho, J. Guinsburg. Editora Perspectiva – 3ª reimpressão da 1ª edição São Paulo, 2011.

LANGLADE, A & LANGLADE, N. R. – **Teoria General de la Gimnasia,** Editora Stadium – Buenos Aires 1970

LEBRE, E. M.X.G, **Estudo comparativo das exigências técnicas e morfofuncionais em Ginástica Rítmica Desportiva** – Dissertação de Mestrado – Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física - Universidade do Porto – 1993 129p

LISITSKAYA, Tatiana - **Gimnasia Rítmica** - Barcelona - Editorial Paidotribo - s/d

LOURENÇO, M.R.A. GAIO R. – **Ginástica Rítmica: Reflexões sobre arte e cultura** in A Ginástica em Questão Corpo e Movimento - Gaio, Roberta – Gois, Ana Angélica Freitas – Batista, José Carlos (organizadores) 2ª ED. São Paulo: Phorte, 2010 480p

MARCASSA, L. **Metodologia do Ensino da Ginástica:Novos Olhares, Novas Perspectivas** – Pensar a Prática 171-186 julho/dezembro 2004 Disponível em www.revistas.ufg.br/index.php/fef/article/view/94/2379 Acesso em 28/10/2010

MEDEIROS, Rosie Marie Nascimento de – **Uma Educação Tecida no Corpo** – Rosie Marie Nascimento de Medeiros. Prefácio de Terezinha Petrúcia da Nóbrega – São Paulo; Annablume, 2010 – 130p.

MERLEAU – PONTY, M. **Fenomenologia da Percepção** (tradução Carlos Alberto Ribeiro Moura) 2ª edição – São Paulo – Martins Fontes – 1999.

_____, **Conversas.** São Paulo – Martins Fontes - 2004

NÓBREGA, T.P. – **Merleau – Ponty: movimento do corpo e do pensamento** in Vivência – nº 36 2011.

_____,T.P. – **Merleau – Ponty: O Corpo como obra de arte** - Princípios: Revista de Filosofia (UFRN), 2010 - periodicos.ufrn.BR

_____, T.P. – **Uma Fenomenologia do Corpo**/ Terezinha Petrúcia da Nóbrega – São Paulo: Editora Livraria da Física, 2010 (Coleção Contextos da Ciência) 126p.

ISBN 978-85-60036-18-9

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

PORPINO, Karenine de Oliveira – **Dança é Educação: Interfaces entre corporeidade e estética**/ Karenine de Oliveira Porpino – Natal RN: EDUFRN – Editora da UFRN – 2006 147p.

_____ – **Treinamento da Ginástica Rítmica: Reflexões Estéticas** in Revista Brasileira de Ciência do Esporte, Campinas, v 26I, p 121 – 133 setembros 2004.

_____ – **Interfaces entre dança e educação física**, texto adaptado do II Encontro Nacional de Artes e Educação Física. Dezembro de 2005

_____ – **Dançar é Educar: refazendo conexões entre corpo e estética** in NÓBREGA, Terezinha Petrúcia da – Escritos sobre o corpo: diálogos entre arte, ciência, filosofia e educação/ Terezinha Petrúcia da Nóbrega (Org.) – Natal RN: EDUFRN – Editora da UFRN – 2009 181p.

ORTEGA Y GASSET, José – **A desumanização da arte/** José Ortega y Gasset: tradução de Ricardo Araújo – São Paulo; Cortês, 2002

ORTEGA Y GASSET, José – **Adão no paraíso e outros ensaios de estética/** José Ortega y Gasset: tradução de Ricardo Araújo; revisão técnica de tradução Vicente Cechelero – 6 ed. – São Paulo; Cortês, 2008

ROBÉVA, Neska – **Escola de Campeãs: Ginástica Rítmica Desportiva** – Néska Robéva, Margarita Rankélova; Tradução: Geraldo Moura – São Paulo – Ícone, 1991.

SARAIVA, Maria do Carmo – **O sentido da dança: arte, símbolo, experiência vivida e representação** – Revista Movimento, Porto Alegre, v 11, n 3, 219 – 242, setembro/ dezembro 2005

SOARES,C.L. – **E.F. Raízes Europeias e Brasil**/ Carmem Lucia: 2ª edição revisada – Campinas São Paulo – Autores Associados, 2001 - (Coleção Educação Contemporânea) 143p

TOLEDO, E. – **Estética e beleza na Ginástica Rímica** in Possibilidades da Ginástica Rítmica – Elizabeth Paoliello, Eliana Toledo (Organizadoras) - São Paulo – PHORTE 2010 440p.

<<< VOLTAR PARA SUMÁRIO

ISBN 978-85-60036-18-9

COLABORAÇÃO

INSTITUTO DE PSICOLOGIA SOMÁTICA

Società Italiana Biosistemica

ABRAP
ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE PSICOTERAPIA

REALIZAÇÃO

UFRN
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO FÍSICA
PPGEF/UFRN

10 ANOS
GEPEC
GRUPO DE PESQUISA CORPO E CULTURA DE MOVIMENTO

VER
LABORATÓRIO VISIBILIDADES DO CORPO E DA CULTURA DE MOVIMENTO

APOIO

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO

CENTRO DE CIENCIAS DA SAÚDE

DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO FÍSICA

CAPES

Ministério da **Educação**

GOVERNO FEDERAL
BRASIL
PAÍS RICO É PAÍS SEM POBREZA